

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - MARÇO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

INTRODUÇÃO.

Mais um jornal sãe a affrontar os escollhos da publicidade! . . . não o hostiliseis, que a sua missão é nobre! . . . prestae-lhe mesmo o vosso auxilio, que assim concorrereis para uma obra meritoria! . . .

Não foi a ambição de renome, nem o orgulho da publicidade, que suscitou aos colaboradores d'este jornal a idéa da sua criação. Não foi tambem um méro passatempo, ou uma vangloria, que os resolveu a entregarem á estampa as primicias da sua vida litteraria! . . . O seu fim é mais sublime; pois que, se alguns mancebos pertencentes á corporação academica, emprehenderam esta publicação, foi para, com os proventos d'ella, coadjuvarem um collega e irmão, que, quasi nos fins da sua lide scientifica, se via pouco favorecido dos meios da fortuna! . . .

A idéa é nobre! e vós haveis não só de a applaudir, mas até de corresponder a ella, prestando os vossos bons auxilios a esta nova subscrição litteraria, na qual cada um dos contribuintes vem lançar o seu obolo intellectual, que depois se ha de converter em rico thesouro material, a proveito d'um filho da sciencia.

Fallar-vos em promessas seria louca pretensão! Os colaboradores d'este jornal abundam em bons desejos; mas, dando-vos na ESTRÊA LITTERARIA OS SEUS primeiros ensaios como escriptores, não vos podem assegurar profundos estudos scientificos, nem mimo-

sas producções litterarias; e a sua propria indigencia os faz implorar a todos, os que cultivam as letras patrias, se dignem concorrer para um jornal, que tem a cumprir tão louvavel missão; e assim, se a sua *Estrêa* lhes não poder servir de padrão de gloria litteraria, ser-lhes-ha brazão glorioso do amor fraternal, que deu origem a tão nova como sublime idéa.

Breves reflexões ácêrca da doutrina das crises, e dos dias criticos.

A palavra *crise* diz á letra — juizo. E a lucta ou violenta perturbação, imminente a alguma evacuação, traduz-se vulgarmente pelo vocabulo — *crise*.

É pois o julgamento final da contenda acalorada entre as forças medicatrizes, e a causa morbifica, que mais propriamente se designa por esta palavra.

As differentes accepções mais são differenças de fórma que de idéa, e comparadas significam o mesmo. Data de Hippocrates a doutrina das crises; e os humoristas foram os que com mais esmero se deram á sua cultura, na persuasão de que a *materia peccante*, depois de passar pelo processo de cocção — *pepasm*, — deveria ser eliminada pelos emuntorios proprios; os quaes portanto foram classificados na ordem da sua importancia, indicada pela frequencia com que eram séde do trabalho critico, v. g., mucosas, pelle, glandulas, tecido cellular, serosas. E segundo os resultados finaes e modo com que se effectuavam, assim as crises eram denominadas — salutaes ou mortaes, regulares ou irregulares,

completas ou incompletas. Se rapidas e com symptomatos intensos, propriamente *crises*; se lentas, *lysis*.

Varias são as questões até hoje suscitadas ácerca da doutrina das crises, e muito differente o interesse, ou proveito do seu debate.

Duvidou-se do facto, e negaram-lhe os fundamentos; d'aqui as duas principaes disputas ainda hoje pendentes.

Não nos parece porém leal a contenda, nem possível o accôrdo nos termos em que corre. Examinemos pois a questão por partes.

I.

Ha crises? . . . Se dos actos normaes da vida podemos argumentar para os pathologicos, é indubitavel, que em certos e determinados prazos, e durante periodos distinctos, e precisos, a economia manifesta phenomenos caracteristicos, que lhe imprimem uma feição peculiar, v. g., gestação, edades, dentições, vigilia, somno, etc.; epochas e circumstancias, que tornam o individuo atreito a certa ordem de padecimentos privativos da occasião e estado.

E muitos d'estes actos, aliás normaes, são verdadeiras phases morbidas, por que se passa na vida, do nascimento á morte.

Se depois d'este exame lançamos os olhos desprevenidos sobre a multiplice variedade de molestias, que o nosso ministerio nos chama a observar, a evidencia dos factos decide a duvida, v. g., a febre do leite, que termina a puerperal; os arrojos, que decidem da gravidade e da existencia d'uma affecção intensa; as excreções, hemorragias, etc., que alliviam, de prompto, estados gravissimos, ludibrio dos esforços da medicina, e vencidos pela efficacia das forças organicas; são phenomenos conhecidos de todos e incontestaveis.

II.

Quaes os symptomatos caracteristicos?

Eis a grande pedra de escandalo para a *medicina*, e para o *medico*. . . Se ha crises, como conhecel-as?

Parece á primeira vista, que um facto evidente deve denunciar-se por caracteres permanentes, e signaes distinctivos, pelos quaes se conheça.

Mas, se advertirmos, em que não será imperceptivel seu apparecimento, ou virá imperceptivel e mal definido ou indefinivel; e

sobretudo se dêrmos attenção, a que reveste, forçosamente, a infinidade de feições, que lhe imprime a natureza da molestia, aliás variavel com a constituição, temperamentos, idiosyncrasias, e com as causas e modificações naturaes ou accidentaes do individuo; condições, talvez integrantes, de sua manifestação; se reflectirmos, em que as condições do problema da vida, complicadissimas, variadissimas, não se colhem todas para o formularmos claro e preciso nos termos, como convém para sua resolução possível (o qual, effectivamente no estado de doença, mais se complica com as novas e incompreensíveis feições, muitas vezes fugitivas, que lhe accrescenta a indole especial da molestia), logo nos persuadiremos da impossibilidade de marcar categoricamente os signaes proprios em geral, e ainda os privativos na especialidade de cada doença em cada uma das suas variantes.

Á difficuldade, pois, da materia se deve attribuir o desaccôrdo das opiniões. Todavia póde tomar-se em conta de doutrina corrente, que as crises, se muitas vezes faltam, e se não definem, outras, incertas, mal se devisam, muitas outras denunciam-se por symptomatos precursores; geraes, communs a todas as ordens d'ellas, v. g., dôr, calor, gravame, prurido, etc., no orgão, que vaê ser séde do phenomeno; especiaes, os proprios da vitalidade, e propriedades dos tecidos da parte, bem como da natureza da affecção, ou arrojio critico: não podendo entrar por modo algum em linha de conta as circumstancias da sua duração, regularidade da marcha e ordem de acontecimentos, etc. Tão sujeitas estão á incerteza peculiar dos actos vitais! . . .

III.

Ha dias criticos?

Do que precede facilmente se infere a difficuldade da decisão em materia tão pouco susceptivel de ser submettida a calculo, para darmos ao certo com epocha fixa de casos d'esta ordem.

As observações porém, aturadas, e repetidas vezes comprovadas pelas pessoas mais competentes em taes assumptos (e os factos são tudo em questão de facto), dizem-nos que não é raro encontrar molestia especial, que de ordinario segue seus periodos certos e fataes, embora sujeitos ás variações que são proprias da indole de taes actos, sem perderem nunca o character particular que os distingue. São comtudo numerosas as excepções, que se nos

offerecem, ainda na mesma ordem de padecimentos.

Como quer que seja, parece conforme aos factos, que os dias 7, 14, 20, etc., são aquelles em que mais communmente apparecem crises, sobretudo salutaes.

Acêrca dos dias indicadores 4, 11, 17, etc.; intercalares, 3, 5, 6, 9, etc.; não decretorios, 2, 8, 10, etc.; faltam dados precisos, e a sciencia, quando muito, conserva-se perplexa. E se porventura da dissidencia d'opinões pretendermos tirar illação geral, a unica razoavel será lançar á conta de frequencia relativa as mudanças em dados dias, e abstrair de idéas exclusivas, pouco conformes ao processo normal da vida.

D'este modo não desconhecemos, preoccupados de idéas anticipadas, os esforços da natureza, e o julgamento da lucta travada entre a força medicatriz, e a causa morbifica; e sempre attentos a levar soccorro a pró d'aquella aonde mais accessa fór a porfia, aproveitaremos vigilantes todas as demonstrações salutaes sobre qualquer emunctorio natural, por onde tente expulsar-se o *humor peccante*, facilitando activos e prudentes a saída da materia de *cocção*, *pepasm*.

F. O.

Interesse dos conhecimentos economicos.

A sciencia, que observa as leis do mundo industrial e explica o jogo dos órgãos naturaes da industria, occupa inquestionavelmente o primeiro logar no numero d'aquellas, cujo desenvolvimento mais importa ao progresso da civilização, ao bem-estar e aperfeiçoamento moral das sociedades. Os phenomenos economicos exercem a mais consideravel e salutar influencia no destino das nações, porque o seu estudo offerece ás sociedades as luzes mais proprias para seguirem o caminho da verdadeira civilização, e evitarem a ruina e a decadencia. O estudo da economia politica entretém actualmente os espiritos eminentes da Europa, e chama a attenção das capacidades litterarias do mundo.

Todas as questões de importancia social prendem naturalmente nesta sciencia. Os debates, que se observam nas casas dos parlamentos, nos conselhos de ministros, e em todas as administrações publicas, versam sobre interesses economicos.

Quereis saber o modo como os impostos devem ser lançados, repartidos, cobrados e ar-

recadados com mais interesse para o estado e menor gravame para o contribuinte? Perguntae-o á economia politica.

Quereis saber a explicação do phenomeno, que faz elevar á cathegoria de primeiras nações aquellas, em que o commercio se desenvolve em mais larga eschala, e a industria se exerce com ampla liberdade? Quereis saber a razão por que o ouro e a prata não constituem senão uma pequena parte da riqueza nacional (talvez a quinquagesima da massa dos valores accumulados)? Perguntae-o á economia politica.

Quereis saber o motivo por que não é possível empregar nas trocas duas unidades monetarias distinctas? por que o valor legal das moedas, deve approximar-se ao valor commercial, para não embarçar a circulação? por que na circulação, o credito supprime a moeda e a maior parte das transacções se realisam sem o auxilio d'esta? Perguntae-o á economia politica.

Quereis ainda saber a razão por que o juro do dinheiro é tão legitimo como o de outro qualquer capital, e deve ser respeitada pela lei a vontade das partes na sua fixação? bem como a razão da alta e baixa dos salarios, e da influencia da lei que os quizer determinar? Perguntae-o á economia politica.

E finalmente perguntae á economia politica a razão por que o credito é a alma do commercio, e os bancos a condição indispensavel do seu desenvolvimento; por que os monopolios sao injustos e attentatorios da liberdade e propriedade dos cidadãos; por que a divisão do trabalho e a assosiação são os dois principaes motores e mais poderosos elementos da vida das sociedades. Numa palavra: se quereis saber o melhor meio de combinar os esforços humanos, de modo que se adquira o mais possível com menos trabalho, perguntae-o á economia politica.

Por estas razões a philosophia da industria tem merecido a maior consideração ás grandes nações do mundo. Na Inglaterra ha 4:000 escholas d'ensino primario, onde se estudam os principios elementares d'esta sciencia: as verdades economicas, neste paiz, têm penetrado até no espirito das massas, e destruido com uma facilidade inesperada abusos enraizados em habitos seculares, e que sustentavam interesses poderosos.

Nos Estados-Unidos, o profundo bom senso de Franklin e dos outros fundadores da união, tinham, por assim dizer, precedido as theo-

rias economicas. As instituições d'este paiz, á excepção dos estados em que ainda é reconhecida a escravatura, parece terem sido inspiradas pelas mais sãs doutrinas da sciencia; porque nenhuma outra nação soube restringir d'um modo tão cabal a acção da auctoridade pública aos seus limites racionaes, nem fundar instituições, que deixem tanta liberdade ao trabalho e ás transacções, e favoreçam d'um modo tão decidido o desenvolvimento da actividade individual.

A opinião pública começa a pronunciar-se no mesmo sentido na Belgica, Piemonte, e em alguns Estados de Allemanha e de Italia. Na Hespanha e na Russia a economia politica é considerada como um dos principaes ramos da instrucção pública. E até Portugal, que marcha *cançado* na rectaguarda do progresso, participa já d'este movimento civilizador. ***

BOTANICA.

Generalidades.

Não ha ninguem que ignore, ainda o menos versado no estudo das sciencias, que a botanica é a parte da historia natural, que tracta dos vegetaes, e que nos ensina a dar-lhes nomes, a conhecê-los e a classificá-los.

Pondo de parte a sua grande utilidade, é indubitavel que um encanto particular atráe para o estudo da botanica todos os espiritos bem formados e curiosos, que sabem quantas são as maravilhas, que possui o reino vegetal. Desgraçadamente porém, não é este estudo tão simples, como parece devia ser, e a razão se acha na multidão infinita das plantas, que cobrem o globo.

Para distinguil-as entre si necessitamos de examinar primeiro os seus mais apparentes caracteres, descendo depois aos signaes de menor evidencia, e em fim ás minuciosidades, que só um espirito attento poderá descobrir. Devemos classificá-las, isto é, grupá-las pela ordem das suas analogias, afim de que d'est'arte seja possivel tirar inducções geraes das que mais se approximam pelo todo de suas fórmas, sendo em seguida necessario, que dividamos e subdividamos cada um dos grupos, ao passo que melhor se estudam estes seres. A sciencia tem caminhado ora dividindo, ora reunindo, servindo-se assim de duas operações oppostas, que muitas vezes têm complicado a sua marcha. Finalmente, ao passo que vae ap-

parecendo maior numero de vegetaes, crescem as minuciosidades, e, estando o espirito indagador bem entretido ao principio, torna-se pouco a pouco depois cançado pelo longo estudo, sendo vasta a sciencia, e de grandes difficuldades.

Mas o estudo das plantas não consiste em separar umas das outras, em conhecê-las pelo seu nome, sendo este um prejuizo que fez acreditar a alguns espiritos preguiçosos, que a botanica não era senão uma sciencia de palavras, um puro exercicio da memoria.

Conhecer uma planta não consiste só em dar-lhe o seu nome, mas tambem em descrever a sua figura e organização; em dizer as relações, que têm umas com as outras e o logar, que occupam no reino vegetal; numa palavra em conhecer suas propriedades geraes e particulares. Deveremos talvez dizer já, que a historia natural, e particularmente a botanica, não se occupa unicamente da simples denominação dos corpos naturaes, como tambem o estudo d'uma lingua não consiste só no conhecimento dos termos do seu dictionario.

Não ha sciencia, que tenha maior alcance, mais fecundas inducções, e applicações tão variadas e numerosas. Quem ignora que as plantas servem para a nutrição do homem e dos animaes? . . . que ellas fornecem ás artes, á industria, ao commercio, á navegação, á medicina e á economia domestica os mais multiplicados e uteis materiaes?

Vê-se, pois, que um conhecimento tão vasto e tão importante não se póde limitar á simples nomenclatura dos objectos de que tracta.

A botanica, na verdade, comprehende não só o conhecimento do nome e usos das plantas, senão tambem o da sua organização interna e externa, e de todos os phenomenos physiologicos, que lhes dizem respeito. Abraça, demais a mais, a consideração do plano, segundo o qual foi creada esta multidão de fórmas vegetaes, as combinações admiraveis que deram logar aos órgãos das plantas, as leis que regulam a distribuição das especies segundo os climas, e a influencia que estes têm para o seu desenvolvimento.

Todavia, queremos admittir por um pouco, que só tractassemos de conhecer os vegetaes pelo seu nome, porque, sendo este conhecido, nada mais nos restava do que procurar nos livros os seus outros caracteres. Como conhecer, pois, este nome? seria mais commodo o sabel-o por tradição, pela bocca d'um professor; mas, além d'este meio, ser muito longo,

e estudando-se muitas vezes a botanica sem mestre, é certo que o modo mais seguro e racional consiste em cada individuo se exercitar na descoberta do nome das plantas pela analyse dos seus characteres.

O estudo dos characteres d'uma planta comprehende o exame de todas as suas partes. Não ha ninguem que não conheça a physionomia, e até o nome vulgar, dos vegetaes mais espalhados pelos nossos campos e jardins. Ora é a estes vegetaes que primeiro deveremos dirigir-nos, e bastará olhar para elles mais atenta e miudamente, para notar quaes os lagos, que prendem estas plantas bem conhecidas com as outras especies.

Estas relações cada vez augmentarão mais com o numero de minuciosidades observadas, e assim daremos passos gigantescos 'numa sciencia realmente menos facil do que á primeira vista nos parece. M.

(Continúa.)

Philosophia da moda.

Estamos na epocha das philosophias, e todos hoje são philosophos. Tudo se explica, tudo se faz, e tudo se desculpa por philosophia.

Tem philosophia o sapateiro, o caixeiro, o servo, o politico e o mentecapto.

É philosophia frequentar ás claras os prostibulos e passar a vida em orgias. É ainda philosophia desprezar todas as considerações da decencia, da moral e da religião.

Por philosophia offendem-se os bons costumes, desprezam-se os amigos, desattendem-se os superiores. Só não deu a estes *espíritos fortes* para erigir novo culto, novos templos e queimar novos incensos em honra da virtude. Não!... que seria falta de *espírito*, e é bem de vêr que não pôde deixar de se associar muito *espírito* com philosophia de tal jaez...

Quando assim vae o mundo tão cheio de philosophias e de *espíritos*, ser-nos-ha permitido perguntar, se porventura sabem elles o que seja a *philosophia*?... Talvez!... que esses queridos do *espírito*,... mal se sabe se serão pobres de *espírito*.

— Mãe das sciencias — chamam-lhe os sabios... mas... não sei se dizem cousa que se entenda.

— Desprezo das cousas terrestres — ensina a mystica, mas... que loucura!... quem está

no mundo a que veiu, senão para viver do mundo?!...

— Amor das sciencias e pensar com acerto — eis, quanto a nós, em que consiste a philosophia, e tanto mais que isto mesmo significa a palavra.

Não constitue sciencia verdadeira e sã, apenas conhecer, e seguir o curso dos astros; explicar e comprehender o fluxo e refluxo das marés; imitar e repetir o estampido do trovão, as violencias do raio; dispôr dos elementos; calcular as affinidades dos corpos minimos, e as attracções ou gravitação dos planetas e das estrellas; adivinhar as leis reconditas que regem os systemas do firmamento; prognosticar os eclipses, e apparição dos cometas, descobrir-lhes as orbitas, explicar-lhes a velocidade variavel, medir-lhes o volume, a distancia, e a densidade, etc. etc. Tudo isto por si só não basta para fazer o sabio. Sabio será o que a estes conhecimentos junctar pureza de coração, e practica de virtudes; porque só então se elevará á eminente cathogoria de perfeito philosopho.

Em verdade a ignorancia do vicio, e das maldades do mundo, é sciencia, e mais util ao corpo e ao espirito, de que tão variada instrucção ácêrca dos actos e phenomenos da natureza.

A Cresso, disse um dia o philosopho Anacharsis — «quereis saber em que consiste a sabedoria na academia de Athenas? — em aprender, não a mandar e a governar, mas a ser mandado e obedecer; não a fallar, mas a saber calar; não a disputar, mas a cumprir obrigações; não a vingança, mas o perdão; não a apropriar o alheio, mas a dar o seu; não a ambição, mas a virtude; não a conseguir riquezas, mas a saber regular o pouco!»

Isto porém não quadra aos *espíritos fortes* d'esta epocha positiva de interesses materiaes; e como menos custa o alarde da falsa instrucção balofa, e mais brilham os ouropeis da fingida sciencia afogada em palavrinhas enfeitadas, com arte adrede escolhidas para o *effeito*, eis a razão de tanta philosophia maçcabada com tantos vicios, e tamanha ignorancia. F. O.

Extr.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Quasi-romance da actualidade.

Caxaco previo.

Uma das scenas mais frequentes na actua-

alidade é a de qualquer, em publicando a menor cousa, vir logo dar ao respeitavel público explicações do que fez, como o fez, porque o fez, e para que o fez. E tal é o costume, que torna indispensavel da parte do auctor a representação d'esta scena, á qual já de antemão o público se tem preparado para assistir! . E a isto chama-se uma introdução, e o author, com grave detrimento dos leitores sisudos, tem de empalmar suas vinte paginas á materia do livro, para as consagrar á introdução, especie de symphonia de abertura sem a qual se não pôde levantar o panno! . . . São leis do habito! . . . não ha fugir-lhes!! . e eu, que publico hoje *scenas contemporaneas da vida academica*, começarei pela representação d'esta scena, actualmente commum a todos os escriptores públicos; explicandô-vos com a devida minucia o que fiz e como o fiz, por que o fiz, e para que o fiz. E, para que mais rigoroso seja no methodo, dividirei esta scena em duas scenas.

SCENA I.

**O author diz ao público em geral
o que fez e como o fez.**

Tentando descrever as scenas da vida intima na academia contemporanea, para isso creei dois typos, que, se por um lado são filhos da imaginação, por outro são os representantes de acções muito verdadeiras, acontecidas entre os estudantes. Nem elles personificam ninguem, por isso que, sendo por mim adornados com as acções mais notaveis praticadas por toda a academia, representam a todos em geral.

E portanto d'aqui já declaro, que se alguém encontrar no meu Ricardo ou no meu Carlos algum factô, que pertença á sua vida, deve denegar-lhe a paternidade e não ver 'nelle uma allusão pessoal.

Com as senhoras porém era ainda o caso mais serio, porquanto o seu melindre não consentiria mesmo, que o pobre author fôsse colher uma leve particularidade da sua vida para adornar o ramilhete, que de imaginação tinha creado, encarnando-a em D. Constança ou em Adelaide! . . . E portanto vi-me na necessidade de phantasiar os meus typos femininos, para nem por sombras levar o mais leve dissabor ás melindrosas filhas de Eva.

Creados assim os personagens, era mistér dar-lhes acção; e para isso crear um enredo! . . . Um enredo!? santo Deus!! eu, que sempre embirrei com gente enredadeira, fazer um enredo!! . . Mas que remedio havia senão agra-

dar ao público, que é do que mais gosta é de enredos?! Pensei e decidi-me! . . .

Romance, ou quer que seja, sem amores é panella sem toucinho! por conseguinte era preciso este tempêro ao meu livro! . . . Barafustei por todas as vidas conhecidas, não exceptuando a minha propria, e por fim saí-me como um enredo de amores, em que pretendia fazer ver este affecto nas tres fôrmas ou variedades por que pôde dominar no coração do homem.

A idéa não era nova, nem eu já creio na possibilidade de crear uma idéa nova, por mais que barafustei toda a vida! A idéa encontrei-a até consignada nas *Viagens á minha terra* do illustre Garrett, quando diz:

« Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, a mulher que se ama.

« Não sei o que é; mas sei que se pôde admirar uma mulher sem a desejar, que se pôde desejar sem a amar.

« O amor não está definido, nem o pôde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras cousas não são isso. »

Nem podia deixar de assim ser! esta expressão veridica dos affectos do homem não poderia ter escapado aos romancistas, investigadores até ao intimo do sentimento, que têm feito as mais delicadas disseccões microscopicas no coração vivo! . . .

Pouco tempo depois lia eu no romance *Onde está a felicidade?* do sr. Camillo Castello-Branco o seguinte:

« O amor puro e sancto da mocidade já lá vae; o amor appetite esfriou; o amor vaidade, o unico possivel em ti, já não recebe estimulos. »

Estas palavras, dirigidas pelo poeta ao seu amigo, provam que o author admite tambem tres especies de amores.

Do mesmo modo Madame de Girardin dizendo « ama-se com todos os amores, amor de natureza, amor de coração, amor de orgulho, » parece-me, que não deixou de expressar o mesmo pensamento; porquanto o amor de natureza ou o amor appetite é o que se consagra á mulher, que se deseja; á mulher, que se admira dá-se-lhe o amor vaidade ou o amor de orgulho, e finalmente é só para a mulher, que se ama, que se reserva o amor puro e sancto de mocidade, o amor do coração.

Assim, parecendo-me a idéa boa, e á min-goia d'outra original; e tambem porque o enredo entrava no meu trabalho como incidente,

que ligando as scenas descriptas, generalisasse mais o interesse de uma obra, que ás damas não agradaria não havendo amores, decidi-me e abracei-a!

Estas expressões consigno eu aqui por causa de uma certa classe de gente, que ha cá por este mundo, chamada malsins do plagiato, que não deixam pôr pé em ramo verde a um pobre de Christo, que, para arranjar a sua vida litteraria, tem de fazer d'estas trampolinas. Assim pois, já denunciei o contrabando á alfandega d'estes meus senhores, paguei os direitos e... posso passar.

«Póde passar!... isso nem por graça!... venha cá vm.^{co} e diga-me que ousadia o accommetteu para chamar romance a isso, que publica?... (Interrogação d'um litterato de primeira força, que já escreveu uma comedia para a rua dos Condes!)

(Resposta.) Pensava eu que se tinham acabado as satisfações, quando vem este senhor apoquentar-me!... paciencia!... aconteceu-me como a Ulisses, quando, suppondo estar livre de trabalhos, viu que se enganára e exclamou para sua cara metade a sr.^a D. Penelope:

«..... οὐ γὰρ πῶ πάντων ἐπὶ πείρατ' ἀθλῶν
ἤλυθομεν, ἀλλ' ἐτ' ὄπιθεν ἀμέτρως πόνος ἔσται
Πολλὸς καὶ χαλεπός.....»

Lá váe pois a explicação.

Eu para a minha obra, á falta de nome, de baixo de cuja designação podesse ser classificada, tive o trabalho de o crear, e de hoje em diante fica instituida a classe do *quasi-romance* para as obras, que, como esta, não forem cousa nenhuma; logo não tive a ousadia de chrismar em romance a minha obra... e posso passar!...

«Ainda não, meu caro senhor!... primeiro terá de me dizer porque é que não desenhou os seus personagens? hem vê que 'numa cousa, que se quer parecer com romance, é isto uma lacuna imperdoavel.»

Eu, que me vejo assaltado com tanta pergunta, exclamo como o bom Diniz da Cruz:

«Se eu d'esta me escapar a salvamento
A céra mandarei logo pesar-me.»

Mas a citação não me vale! e os meus inflexíveis seringadores não me largam sem eu lhes satisfazer as suas interminaveis perguntas.

Então fiquem sabendo, que não desenhei os

meus personagens, porque uma vez lendo e tornando a ler o retrato de Cecilia na *Mocidade de D. João v*, a dois pintores meus amigos, pedi-lhe, que m'a reproduzissem tal, qual pela descripção a tinham concebido. Cada qual se me safu com coisa muito differente do que eu tinha imaginado, e ellas mesmo muito differentes entre si!... descri então dos retratos feitos á pehna!... e portanto, e porque é melhor, que cada um phantasie os personagens conforme d'elles mais gostar; deixei-lhe essa liberdade, e assim os que sympathisarem com as senhoras loiras, facil é imaginal-as de dourados cabellos; os que amarem as morenas, phantasiar-as-hão com uns olhos còr da noite, fazendo d'este modo a vontade a todos e a mim, que as crio na mente confórme mais me agradam, livrando-me, ainda por este meio, de ir involuntariamente descrever algum typo com existencia real, o que, podendo parecer allusão, seria muito melindroso para o sexo feminino.

Poderei agora passar?...

«Ainda não, que tens de nos explicar a razão por que não adornaste a tua obra com a descripção dos monumentos de Coimbra, que tanto abunda 'nesse genero.» (Esta apoquentação agora é d'um leitor cuja bossa de constructividade se manifestou desde os verdes annos fazendo tanques e casinhas de cal e arêa no pateo de sua casa.)

Amavel senhor (lhe respondo eu), vêde que os motivos acima ponderados até certo ponto são communs aos monumentos da arte.

«Não ha tal, não ha tal (replica o profundissimo architector). A distancia dos olhos d'uma senhora ou a que medeia entre o nariz e a bocca não se póde medir ás pollegadas como se mede aos palmos a que separa duas ogivas ou duas columnatas.»

(Lá váe a treplica). Ainda que assim fósse, que eu soubesse descrever portaes gothicos ou mosarabes, janellas de renascença ou da actualidade, isso só a vós e a outros como vós, que amaes essas antiquilhas architectonicas, encantaria: quanto mais que, ou havia de fazer uma descripção dos monumentos de Coimbra, e isso na minha obra vinha tão deslocado como Pilatos no crédo, ou devia desenhar-vos as casas, em que se dão as scenas, que eu descrevo, e essas, além de serem de impossivel descripção, pela falta absoluta de tudo quanto é ordem ou symetria, não poderiam encantar sequer um mestre d'obras de aldeia, novato no officio!

Máo! que ainda cá temos, pela prôa, outro guarda-barreira da propriedade litteraria a

bradar que nas minhas *scenas* anda plagiado da *Vie à vingt ans* de Dumas filho.

É necessario responder a este amigo e mostrar-lhe, que aquelle auctor considera o amor em relação á mulher debaixo de tres fórmas differentes *ou dans sa triple unité, l'amour de passion, l'amour de caprice, et l'amour de commerce*; os quaes parecem *resumer tous les exigences du coeur, de l'esprit et des sens*; e nós consideramos este affecto no coração do homem e votado por elle á mulher; o que faz differença.

Mas o peor não está ahí!... O peor é que na *Vie à vingt ans* ha um *Emmanuel de ...*, rapaz de vinte annos, que tem não sei quantas mil libras de renda e gasta noventa mil francos com uma dansarina napolitana, e que entretém relações amorosas com tres mulheres diversas, a saber: Henriqueta de Harnebey, Augustina e Antonia.

A isso responderei: 1.º que a vida aos vinte annos é a mesma em toda a parte; que alli era o possuidor d'uma boa fortuna dispendendo milhares de francos com uma *fille de l'opera*; aqui é um estudante, que apenas gasta com a filha da sua servente alguns pobres restos da sua mezada de doze mil réis. 2.º lá tem esse rapaz differentes namoros, como em toda a parte todos os rapazes têm; aqui acontece o mesmo, sem que haja de commum entre a *Vie à vingt ans* e as *scenas contemporaneas* mais do que aquillo que é commum aos rapazes de vinte annos em toda a parte. E copiando nós ambos do natural, as nossas descrições deviam necessariamente de se encontrar sem que houvesse plagiado de parte a parte.

«Basta! póde passar!»

Isto de introdução é uma especie de confissão geral, por meio da qual um pobre auctor exclamando *peccavi*, como aquelle celebre rei David, tão amigo das musas, que tocava harpa, cantava psalmos e até dansou de frente da arca sancta, busca plena absolvição das suas culpas perante o tribunal solemne da censura publica.

E agora que já posso dizer com Tolentino

« Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cera. »

passo immediatamente á scena 2.ª, antes que algum outro seringador me apanhe.

(Continúa o cavaco.)

Um Estudante.

A AMIZADE DA MULHER.

A

Amitié, doux repos de l'âme,
Crépuscule charmant des coeurs,
Pourquoi, dans les yeux d'une femme,
As-tu des plus tendres langueurs? . . .

LAMARTINE.

Neste deserto d'infinita ardencia,
Que envolve a essencia d'um cruel soffrer,
Só ha um doce, divinal abrigo
No peito amigo de louça mulher! . . .

A creença pura, que o meu peito alenta
Entre a tormenta do fatal descer,
Só acha fogo, que lhe accenda a vida
Na fé sentida por gentil mulher;

Só tem um fecho de suave brilho,
Que aponte o trilho, que lhe diz prazer;
Só tem um lume, que e soffrer lhe creste,
No olhar celeste de louça mulher!

E o riso puro, que do labio pende,
Que enleia e prende do meu peito o ser;
É meigo encanto, que se ostenta bello
No rir singello de gentil mulher! . . .

E a mente busca, em desvairado sonho,
O amor risonho, que viu n'alma arder;
E só o encontra no suave aneio
Do arfar do seio de louça mulher:

E busca ainda passageiro goso,
Que achou formoso numa voz pender;
É apenas póde ir encontrar encantos
Nos doces cantos de gentil mulher.

E no delirio, que lhe abraza a vida,
Visão tão q'rida busca então rever;
E só lhe brilha no suave affecto,
Meigo e selecto de louça mulher!

Tudo o que a mente do mancebo sonha,
Creença risonha, divinal prazer,
Sonhei na infancia, — mas depois achei-o
No doce enleio de gentil mulher.

E hoje entre os crepes de lethal tristeza,
Que assim vem presa ao meu cruel soffrer,
Só acho um eden de eternal ventura
Na creença pura de louça mulher.

A.

Tivemos hoje o gosto de receber uma mimosa poesia do Ex.º Sr. Dr. A. P. Zagallo, que, agradecendo infinitamente, publicaremos no proximo numero.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO

N.º 2

Vol. I

1858 - MARÇO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

A ESTRÊA LITTERARIA.

Este jornal, cujo fim é bem conhecido, não teve nem podia ter a pretensão de instruir. As *estrêas litterarias* d'alguns mancebos, que começavam desvellados a cultura das letras patrias, não podia arrogar a si o pomposo titulo de jornal instructivo! Tambem se não podia comprometter a, sobre os variados ramos das sciencias, diffundir as luzes, com que o progresso da observação, da experiencia e do profundo cogitar dos homem doutos as costumam enriquecer. Não! esta singella publicação, se era o primeiro ensaio nos campos da litteratura, era tambem o primeiro e vacillante passo no trilhão das sciencias! . . . passo arriscado e tímido, que mais poderia mostrar a applicação e aproveitamento de quem encetava apenas este difficil caminho, do que os resultados brilhantes de profundos estudos e aturadas locubrções! Tambem por isso lhe não competia o titulo de jornal scientifico! . . .

O seu scopo era agradar a todos; e como a uns recreia mais a leitura d'essas paginas, que á sciencia consagra, a outros só apraz o divagar nos jardins da litteratura, não deixa de ser recreativa a *Estrêa*, ainda quando dos conhecimentos scientificos se occupa, com aquelle comedimento, que ás suas forças compete.

A *Estrêa* não fez, nem podia fazer lisongeiros promettimentos para o futuro, porquanto se via até na necessidade de implorar o valimento de todos os cultores das letras patrias; hoje porém, que, contando apenas o 2.º numero de existencia, já vê as suas columnas adornadas com duas mimosas poesias dos Ex.^{mos} Srs. Drs. Antonio Pereira Zagallo e Francisco de Castro Freire, concebe a mais lisongeira esperança de que todos os cultores da littera-

tura nacional venham alistar-se debaixo da bandeira, que aquelles dous tão denodados campeões acabam de arvorar.

Agradecimento pois e louvor a quem assim tomou a iniciativa 'neste chamamento litterario, que deve animar a todos a seguir tão bello exemplo! . . .

A. M. da Cunha Bellem.

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

Além das relações vagas e remotas, que ligam todas as sciencias, esclarecendo-se reciprocamente, entre as varias secções d'ellas ha dependencias intimas e restrictas, em virtude das quaes certas são como accessorias forçadas d'outras, a que subministram idéas preliminares; prestadio auxilio de preceitos e de meios indispensaveis para o proficuo estudo, e interpretação racional dos phenomenos privados das subsidiadas.

Esta verdade ácêrca de muitas incontestavel, e nas sciencias naturaes trivial, é obvia entre a chimica e a physiologia.

A chimica para com a physiologia faz d'accessoria, e esta relativamente áquella, póde suppôr-se, de certo modo, a expressão mais sublime d'ella, quando envolve em mysterios os mais subtís e reconditos de seus actos.

Como se depreheende aliás das respectivas definições: v. g.

A sciencia, que estuda as leis a que está sujeita a materia em suas transformações chama-se — chimica; i. é, a sciencia, que em geral estuda a constituição dos corpos, especialmente as modificações experimentadas na sua composição.

Physiologia é a sciencia da vida; e vida os phenomenos activos da organisação? ou — diz Robin — sciencia, cujo sujeito são os seres organisados em actividade = *estado dinamico*, e cujo objecto o conhecimento de seus actos.

A actividade organica, de qualquer fórma manifesta, é legitimamente representada pela *nutrição*, propriedade de todas a mais geral, que consiste no duplo movimento de composição e de decomposição sem aniquilamento do proprio corpo, e á qual por derradeiro se reduzem, comprehendendo-se 'nella, as elementares dos tecidos.

Effectivamente em quanto subsiste nutrição existe vida, embora se suspendam todas as manifestações vitais d'outra ordem: e com o desaparecimento da nutrição cessa a vida. Se pois a physiologia é a sciencia da vida, cujo caracter typico, o duplo movimento de composição e de decomposição succedido de continuo no organismo sem se destruir, i. é, a nutrição, designa; talvez lhe compita a denominação de chimica dos seres vivos, epitheto com que se indicaria ser a physiologia a feição obscura e secreta da chimica; ou mais propriamente a secção mysteriosa d'ella, na qual os actos moleculares se passam envolvidos em sombras impenetraveis.

Esta conclusão tomada com menos reserva concede á chimica acceção, que porventura actualmente os sabios lhe não dão, porque, ignorando-se ainda as relações de causalidade entre os phenomenos da vida animal e organica, fóra absurdo affirmar, que é unicamente a chimica dos seres vivos.

Todavia não tem tal caracter; mas circumscripção nos limites estreitos dos actos vitais, restringe-se ás justas proporções, que lhe marca o estado dos conhecimentos actuaes.

A vida evidentemente não consiste em transformações apenas de composição material; e, na verdade, a physiologia abrange no seu dominio phenomenos estranhos á chimica, e não só estranhos, senão irreconciliaveis com ella. Porque, se a nutrição symbolisa a vida, como sua representação formal, nem por isso significa, que a vida consista unicamente em actos chímicos de reacções atomicas, podendo aliás revestir fórmulas proprias de ordem differente, irreductiveis ás de ordem chimica.

E do mesmo modo, se as idéas de vida e de nutrição, correspondentes inseparaveis, indicam estreitas relações entre os actos organicos e sua causa desconhecida, não se segue, que a idéa de nutrição encerre todos os predica-

dos da idéa de vida, e servindo-lhe d'emblema exprima todos os attributos d'ella; i. é, se onde cessa a vida acaba a nutrição, e onde esta se suspende termina a vida; não implica esta conexão das duas idéas, identidade de condições, de attributos e d'essencia das duas qualidades de phenomenos; designa porém, ligações mutuas, talvez circumstancias genéticas, verdadeira dependencia d'effeitos para com sua causa efficiente.

Pois que sendo correlatas as noções da causa e d'effeito, a causa não é causa senão pela condição de produzir effeito, e este não existe sem causa em que resida a razão da sua existencia.

Por conseguinte, em quanto não fôrem definidas todas as circumstancias da vida, e reduzidas ás fórmulas precisas e palpaveis dos actos chímicos, ha de a palavra *vida* designar phenomenos complexos, já chímicos, já d'ordem muito distincta, e incompativeis com as leis da materia bruta. Logo a physiologia comprehenderá não só o estudo das transformações moleculares organicas, que os tecidos, na serie indefinida dos actos vitais de desenvolvimento, reparação, crescimento, diminuição, e de regeneração, experimentam; e 'nesta especialidade pôde considerar-se synonyma de chimica vital; senão que alcança aos actos dynamicos, puramente vivos, regidos por leis complicadas, excepçoes, e por isso incomparavelmente distinctos dos actos da natureza mineral. (Continúa.) F. O.

BOTANICA.

Generalidades.

Continuado do numero 1.º

Structura das plantas. Órgãos elementares.

Fôrma o estudo dos caracteres das plantas a secção mais importante da botanica, que se compõe do conhecimento das differentes partes, órgãos ou apparatus, que constituem a structura dos vegetaes, ou a sua *organographia*; do conhecimento das funções, a que presidem estes órgãos, ou a sua *physiologia*; e finalmente da divisão das plantas em um certo numero de categorias segundo as suas analogias e affinidades, ou a sua *classificação*.

É assim que procederemos na confecção d'este nosso trabalho. E sem duvida, á vista dos innumerados vegetaes, que cobrem o solo, e que parecem ter entre si differenças de

tamanho, configuração e organização, pôde á primeira vista recuar-se diante de tanta complicação; mas reflectindo bem, comprehende-se logo que o meio de simplificar o estudo consiste na criação de divisões entre todos estes objectos, formando tambem grupos de todos os seres, que se assemelham mais pelos seus characteres apparentes, escolhendo em cada grupo a planta que tem estes characteres mais completos para fazer d'ella o typo da divisão. Em fim a reunião de tudo o que tem muitas ligações communs, e a separação de tudo o que differe por principaes characteristicos, é a marcha seguida na sciencia, sendo assim que ella sempre vae progredindo.

Comecemos, pois, pelo estudo dos órgãos e das suas funções, isto é, pela organographia e physiologia vegetaes.

Os vegetaes são individuos naturaes, que vivem nutrido-se e reproduzindo-se, mas que não sentem nem se movem espontaneamente.

Quando examinamos attentamente a structura geral das plantas, observa-se serem formadas por diversos tecidos que lhes constituem o esqueleto, e compostos de partes elementares com forma e natureza diversas, combinados de differentes maneiras são atravessados por fluidos, ora absorvidos pelo vegetal, servindo d'est'arte para o seu desenvolvimento, ora excretados depois de preencherem algum acto vital.

O tecido das diversas partes d'um vegetal, observado ao microscopio, mostra ser formado, umas vezes, de pequenas esferas ou cellulas (utriculos) com paredes delgadas e transparentes, mais ou menos regulares, fechadas por todos os lados, contiguas umas ás outras, tendo semelhança com a espuma do sabão ou com os alveolos d'um favo de mel; e outras vezes de pequenos tubos ou vasos alongados, cylindricos ou comprimidos, espalhados ou reunidos, applicados pelas suas extremidades, ou aggregados em fasciculos. O primeiro modo de organização é denominado tecido celular, o qual tem, como propriedade mais notavel, grande excitabilidade organica, que o torna apto para absorver os fluidos, e per si só constitue certos órgãos como a medulla, o parenchyma, e mesmo alguns vegetaes como as algas e os fungos.

O segundo modo de organização, que tem o nome de tecido vascular, é constituído por cellulas, que se alongam e estreitam nas duas extremidades, desaparecendo-lhes os diaphra-

gmás, e que dão logar a tubos destinados para a circulação dos fluidos, soldando-se algumas vezes no sentido do seu comprimento e constituindo a *fibra*, parte solida dos vegetaes mais consistente. M.

(Continda.)

O homem.

A palavra homem, ou tire originariamente sua derivação de — *humus* — terra; porque da terra nasceu, e a ella hade volver. . . *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem revertaris*: ou de *homo*, o proximo; tendo a todos creado Deus na pessoa de nosso primeiro pae, á sua feição e semelhança; significa individuo racional, varão, e especie humana — humanidade.

O homem, composto heterogeneo de *materia*, barro da terra amassado pelas mãos do Creator; e d'espírito, sopro divino, com que o Ser Supremo animou o barro humilde, quando no enchente das suas graças e maravilhas, o lançou como enigma indecifrável e inconsequente ao meio da criação, para testemunho da sua bondade, do seu poder infinito, e da sua omnisciencia; o homem. . . por qual d'aquellas denominações será propriamente definido?! . . . Por nenhuma. . .

O rei da criação, o enté perfectível, o privilegiado dos seres, a imagem da divindade na terra, é. . . quando muito, um symbolo indefinível e contradictorio; ou alegoria mysteriosa, representação emblematica da natureza — microcosmo. Na *materia* resume o universo, e suas leis; pelo espirito representa a Deus.

Na verdade a *materia* e o espirito, combinados em admiravel concerto, dão de si não poucos resultados de desharmonia, que a final deparam em morte. . .

E que é a morte?

A extinção da vida? . . . Talvez! . . . E para que foi creado o homem? Deus o sabe! . . .

Como symbolo é um mytho; indecifráveis seus destinos; as vistas da Providencia insondáveis. . .

O que se vê, a julgar por isso, não é muito, mas instructivo. O corpo em continua destruição e reparação, até que com a morte pertence em podridão aos vermes; o espirito sempre a lidar com sossobrantos angustias, e devoradores cuidados, soffrendo cá no mundo acerbos martyrios, torturado no potro homicida das suas cogitações; se preparam, aquelle a vir dar em pó d'onde saiu; este, para na

eternidade seguir os destinos, a que o guiaram suas obras meritorias, ou culposas.

Eis a condição humana!.. Podridão e condenação, pó e castigos! luctas na materia entre os elementos, luctas na alma pelo sentimento!.. Nasce, e abre passo ao soffrer, e entre gemidos e lagrimas, vem com dóres ao mundo.

E por que chora então?.. É que no coração, os instinctos ao vivo lhe pintam as tribulações que o esperam, a vida amargurada que ha de arrastar na terra; pois que a vida é a imagem natural da morte, e a morte principio de penar eterno sem descanço.

O homem é isso — nasce para soffrer, e soffre para morrer; e porque nasce, soffre e morre, espera-o a saldar contas a eternidade.

Vaidades e chimeras, suspiros e saudades, dóres e ais, esperanças e miseria, ambição e baixesa, crimes e remorsos, aniquilação e penas; tal é o quadro real, e mui veridico do que veio buscar a este degredo de provações e o ha de acompanhar ao *tribunal supremo da justiça divina*.

Que grande mostra não é esta de primasia tão caro comprada e nem sempre reconhecida! d'intelligencia aguda e sublimada, mas de traiçoera, cruel!

Da salvação á perdição medeia um passo, transpól-o é facil. Do acto nasce o habito, do uso vem o abuso, d'este o vicio, do vicio a culpa, da culpa emfim a pena!..

É uma como cadéa, cujos elos se prendem por successivos, e insolvaveis laços da infima acção indifferente ao gravissimo crime imperdoavel, e d'este logo á quéda no castigo sem remissão.

D'aqui se conclue que a morte vale mais que a vida, e o estado do que não nasceu, e não experimentou os males d'ella, quando seja preferivel a ambas?..

Se pela intelligencia, que n'alma lhe arde acêsa em chammas vivas, o homem recebeu a supremacia na criação; em troca a nudez que o não abriga, a fraqueza que o não defende, a ignorancia que os instinctos não guiam, e a contumacia que o perde, são bem máos dotes para compensar aquella só. E se não fóra a eternidade, que o espera com delicias, ou tormentos, conforme cumprir a vontade divina, melhor seria largar contente a vida para gozar do descanço do bruto, feito em materia bruta, pois que em quanto no mundo andar, e d'estes elementos fór composto — dizer homem, será... dizer — miseria.

F. O.

Recordações de Coimbra.

Ha homens que pensam com a alma,
outros que pensam com o coração.
O nosso livro é só para os segundos.

J. FREYRE.

Como rapida e vagarosa ao mesmo tempo se escóda a vida!.. como é curto o espaço, que vae do limiar da existencia — a mocidade — até á idade madura!.. Aquem e além d'esses dous termos não ha vida, porque o infante que brinca e se desenvolve, mas que não crê nem espera; porque o homem que reflecte e calcula sem illusões e sem esperanças — esses decerto não vivem; aquelle vegeta com todo o frescor de uma seiva abundante e viçosa, este apenas existe com todo o estiolamento de uma estufa escura e fria, chamada sociedade!

A vida é pois concentrada 'nessa quadra de mancebo, que espera e crê, que sorri e receia; e que, ainda não deslembado dos brincos de sua infancia, nem sequer antevê o calculo frio e egoista, em que um dia ha de envolver a sua existencia.

E como este espaço da mocidade se desliza rapido e ao mesmo tempo vagaroso!..

Tal como a sensação experimentada pelo nauta, que ao deixar a terra cara da patria, vê com indizível rapidez fugirem-lhe as margens do seu paiz, sem que o ligeiro baixel pareça avisinhar-se com equal presteza do anhelado porto, onde o pharol das ambições o guia; assim o mancebo vê fugir rapida e apressadamente essa delectosa quadra da vida, — a infancia, — sem que o tempo se deslize com a rapidez desejada, para chegar ao marco miliario das suas esperanças e aspirações!

Esta transformação do infante, que folga no prado, em homem, que reflecte e calcula, é vagarosa e pausada, e absorve todo o tempo da mocidade, d'essa ditosa estancia, em que se vive só pelo coração, antes de se entrar 'nessa outra quadra, em que se existe só pelo pensar!.. Alli! os sonhos da imaginação!.. aqui o positivismo do calculo.

E como é lento este sacrificio da metamorphose do homem da criação no homem da sociedade!.. Cada traço que se compõe na mascara da hypocrisia, cada conhecimento positivo que se adquire, é uma illusão saudosa que desaba com doloroso gemido da mocidade!.. E o homem, que se vae assim preparando para a transformação completa, é como a larva que

envolvida pouco a pouco no seu casulo, prepara a futura borboleta, que um dia se ha de queimar no facho das ambições!..

Anhelante entre o recordar com saudade e o esperar com ardor — a vida da mocidade se escôa rapida e ao mesmo tempo vagarosa!.. É as illusões que fenecem e as esperanças que intibiam e a alma que immurchece e descora são preludios do grande holocausto, que se ha de offerecer nas aras da sociedade, quando o homem fenecer na vida do coração e trocar as gallas da mocidade, pelo burel da vida especulativa, pelo claustro das aspirações e affectos, chamado — idade madura!..

E então, nem as recordações, nem as esperanças lhe vêm refrigerar o peito, crestado pela aridez do calculo, bafejado pelo violento simoum das ambições, e deserto de illusão e de crença!

Então a infancia com os seus folguedos, a mocidade com as suas paixões são como duas sombras phantasticas, que se balouçam no horisonte escuro e indeciso do passado como a nuvensinha de fumo, que além se eleva da choupana situada no fundo do valle, e que se perde, vista de longe ao cerrar da noite, nas sombras de verdura, que reveste o arvoredo da encosta!..

E como rapida e vagarosa se escôa a vida do coração, a vida da mocidade!..

(Continúa.) A. M. da Cunha Bellem.

o mundo é uma comedia.

Em todas as boccas, a cada passo, se ouve repetido, com todo o proposito o epiphonema, que serve d'epigraphe.

Depois de grave meditação sobre sentença tão repassada do grande senso commum, com que nossos antepassados, talvez menos instruidos, mas, com certeza, mais maduros, e circumspectos, sazonavam os proverbios, que nos legaram, vim a convencer-me da verdade do facto, e, o que mais é, deparei algures com a idéa desenvolvida. Nasceu-me logo o desejo de transcrever aqui o quadro e fazel-o correr mundo para edificação dos mais confiados e desengano dos illudidos.

É o mundo, no dizer dos poetas, mar de delicias; — dos velhos, selva d'espinhos; — das beatas, valle de lagrimas; — talvez cada um falando da festa, (como é sabido) conforme lhe vae 'nella.

Pois enganam-se todos.

O mundo é, sem tirar nem pôr, uma comedia. E como comedia suppõe theatro, direi melhor, no globo terraquiu, theatro do mundo, quanto se vê e quanto se passa 'nelle é comedia, e provo o que digo: attendei.

Os homens são actores; os acasos compõem a peça; a fortuna distribue os papeis e marca as condições. Os politicos governam o machinismo, e os philosophos fazem de expectadores; se ricos occupam os camarotes, nobres e poderosos a tribuna; a platêa é para a plebe.

A mulher, anjo consolador, mitiga as penas offerecendo, como refrescos, distracções; ou, demonio tentador, accende a discordia, exalta as paixões e perverte o coração, accrescentando pezares amargos ao pêso da vida desgraçada.

São d'estes infelizes quem espevita as luzes.

Das loucuras se fórma a orchestra; o tempó corre o panno; e a peça, muito moral (segundo o costume), intitula-se — *O mundo quer ser enganado, logo enganemol-o*.

O bilhete de entrada é marcado com a charisma da humanidade — *inquietação*.

A comedia principia por lagrimas e suspiros em guiza da symphonia.

O primeiro acto consta de projectos chimericos dos mancebos. Os loucos applaudem com palmas, os sensatos dão pateada por impostura.

A variedade das periepecias diverte por um pouco os expectadores, O desenlace das intrigas faz rir de compaixão os philosophos, punge ao povo, enfastia aos ricos e enjoa os grandes, que de enfadados enchem o tempo a bocejar ou a dormir.

Ora apparecem em scena gigantes, que instantaneamente se fazem pygmeus por transição rapida, como invisivel; — ora anãos, que crescem de repente sem se perceber, e dentro em pouco estão gigantes.

Aqui, este, que toma todas as medidas e precauções imaginaveis para traçar a melhor via de alcançar o que tanto almeja; e nada obtem.

Alli, aquelle, saltando por cima de todas as considerações, desprezando todos os cuidados, e a final, contra toda a rasão, consegue o maximo das felicidades humanas.

Agora, um, a quem enche de gozos isso, que se chama fortuna, mas que ainda se não symbolisou, e que mal se sabe se será ficção, ou realidade; e figura a par do sabio sendo stulto.

Logo, outro, que corre apoz, e jámais alcança, esse imaginairo phantasma, que reparte os bens da terra ás cegas, sem criterio, para

ao fim de inúteis e fadigosos trabalhos acabar em miséria, coberto de martyrios.

Mais além, est'outro doma e subjuga á sua vontade ferrea e inexoravel os caprichos da sorte e a sorte de seus semelhantes. . . Este é o heroe, e quem sabe se não será o maior louco? . . . etc., etc.

Digam lá agora que não é esta a comedia mui veridica d'este nosso mundo de embustes e trapaças, em que todos tomamos parte activa e onde figuram tanto ao vivo as ambições desmedidas e torpes, as invejas ridiculas e vis, as intrigas malevolas e atraícoadas; e esse longo apanagio de todas as torpezas da alma depravada, immunda e baixa. Onde, alternativamente, actores ou expectadores, conforme os baldões da sorte e o embate das paixões humanas que nos obsecam, somos ora senhores, ora escravos, e sempre o ludibrio dos favorecidos do destino! . . .

Eu por mim, visto que é questão de sorte, já me dou por contente se me demorar pouco em scena; porque a final de contas quem quizer gozar d'esta comedia, rir e divertir-se, deve collocar-se no logar da *indifferença*, sitio seguro e sobranceiro para vêr tudo, e não ser visto de ninguem. F. O.

Extr.

Dialogo de Calembourgs, a que deu logar a leitura das scenas contemporaneas.

Author e censor.

C. (entrando.) Muito estimo encontral-o; pois vinha para dar-lhe um *conselho*, que tenho *jugado* conveniente para seu *governo*: *civil* como é, ha de acceital-o; porquanto seu *juizo de direito* me reveste para fazer de *legado* da opinião pública, 'neste *conselho* que lhe *ministro*, e que deve receber não como de qualquer *juiz ordinario*, mas como *conselho superior*. . .

A. Reconheço a sua *auctoridade* e se errei acceito desde já o seu aviso, por conhecer que vem de uma amizade *avara da justiça*.

C. A *vara da justiça!* calembourg! . . . É justamente ácerca de tal assumpto nas scenas de v. s.^a, que vou dar o meu *juizo*.

A. Acceito com todo o gosto, apezar que ninguem dá o que não tem. . .

C. Nego o axioma, porque eu dei-lhe *senhoría*, que não tinha.

A. Então não móra em casas de *renda*? . .

C. Deus me *defenda*, d'ahi a abrir-lhe uma *fenda*, a *fural-as*, e vir tudo a terra, não ia nada.

A. Mas que tinha isso? . . depois de *aforadas!*

C. Vamos porém ao que importa. . . á sua *obra*, que eu já *nellá* vejo *andar* muita coisa, que *por tal fórma* se não *casa* com o meu gosto, que me *arrisco* a dizer-lhe que se deve cortar *alli cerce*. . . 'Numa palavra, *leia as scenas*.

A. *Lei ás scenas?* só se as *quinas* lh'a *impoz*erem!

C. Essa opinião não me *quadra*, e até, se não temesse tornar-me um *massador eterno*, mostrar-lhe-ia, que foi o heroe do *Sena* que 'numa terrivel *scena* quasi que com o *Massena* *impoz* lei ás *quinas*. Entende?

A. *Adivinho!* . . .

C. *Ha de vinho* infelizmente muito pouco por causa do mal! . . ainda este anno não *vi uca*.

A. *Acredito*.

C. *Acre dito* é esse! . . porém, vamos á leitura das scenas do viver academico.

A. *Isso! isso!* . . .

C. *E suizo?* . . é cousa de que lá se não falla! Mas seja como fór, *leia* ao acaso.

A. (lendo) «isso só a vós e a outros como vós, que amais as antiquilhas architectonicas encantaria. . .»

Então que acha este periodo? . .

C. Duas *asneiras!* . . Porque nem só *avós* amam as antiquilhas, nem estas são só em *cantaria*.

A. Não póde tomar nada a serio! . . «*Encantaria*» *li eu*.

C. *Em cantaria Lieu!* tal e qual! . . é muito máo gosto 'num anno em que ha tão pouco vinho, fazer estatuas de pedra a *Baccho*.

A. *Abaco* é em columnas e não em estatuas! . .

C. Está com a mania de architectura; ninguem o atura!

A. E o senhor! . . não póde ninguem dar-lhe nunca *fé* ás suas criticas pela mania dos calembourgs. . . Isto não póde *ser*, veja se falla d'outró modo. Eu cá não *limo nada* o meu discurso, e se algum faço é *só da necessidade*. . .

C. Só a holla que fór *chata*, é que não vê que 'nisso anda *espírito!* O senhor tambem faz o seu calemboursito? . .

A. Eu cá fazia *isto d'antes* com perfeição!

C. Fazia *estudantes?* *Essa é velha!* . .

A. *Sé velha* é um monumento *d'arte!* . . está como a balda da architectura! . .

C. Isso é que o senhor aprendeu com alguma velha, que já de ha muito está na *modrada* dos anjos.

A. *Namorada* dos anjos! Isso é plagiato a Moore.

C. Ora o senhor fallar em plagiato *entre nós!*.. na verdade!..

A. Em *trenós* ou em diligencia?

C. *Diligencia* vejo eu que o senhor faz já para arranjar um *calembourg bom*.

A. *Bourbon!*.. esse é *real!*..

C. Um *real* não dou eu por elle, porque acredite, sou *franco!*— talvez não *ache lingua* mais verdadeira que a minha!.. *Enfadam-me chicanas* de politica, e vejo sempre de braços *cruzados* estes levantamentos *tão* debatidos em que se põe em *almoeda* a posse das *corbas*, porque não sei se *nota*, que estas dissidencias como lh'as *pinto*, são sempre uma grande *peça* em que muita gente se *desequilibra*, e por isso tanto me importa um *Napoleão* como um *Luiz!*.. Mas o motivo por que aqui *vim* tem acabado, e por isso vou-me *safando* que é noite.

A. Vae talvez a casa de seu *cunhado* a ver se *rilha* a cêa, para assim *ser ceado* lautamente.

C. Com effeito, vou ver se *intimo* o sobre-dicto para me servir de *escudo* á fome que me toca a *rebate* no estomago, porque como ainda não recebi o *soldo* estou muito falto de *dinheiro*. Adeus!.. desejo-lhe *patacos* (vae-se.)

C. e A.

A AMIZADE DA MULHER.

(Imitação d'uma poesia de Mr. de Lamartine.)

Amizade, encanto d'alma,

E mimo do coração,

Da mulher nos olhos meigos

Porque tens mais expressão?

E mais és a mesma sempre!

No coração que teu fôr,

Não é a mulher que se ama,

E o seu nome perde o amor.

Mas, qual do espelho pulido

Melhor se reflecte a luz,

Assim n'uns olhos fôrmosos

Mais effeito se produz.

E a voz suave, argentina,

Mais ternos accents tem;

Da noss'alma os castos gozos

Vão aos sentidos tambem.

O braço nervoso d'homem

Seguro apoio será,

Mas a mulher com afagos

Mais forte apoio nos dá.

Meiga ou severa, a amizade

Sempre foi o encanto meu;

Diz a mão, que a minha aperta:

Este coração é teu.

Minha mão acceta sempre

Este emblema da fé pura;

Mas, se a mão é mais mimosa,

Aperto-a com mais ternura.

(F.)

SONETO.

Tu, regente supremo, que presides

À creação com summa providencia;

Que do mundo regulas a existencia

Nessa porção do espaço, onde resides;

Tu, que tempéras as humanas lides

Concentrado na tua omnipotencia;

Tu, que dos vastos céus sobre a eminencia

Qualquer problema a teu sabor decides;

Tu... mas que digo? Ao homem, que aborreço

Tudo, que máu, ou bom, lhe existe ao lado,

Deverás perdoar, se, a lei o esquece?

Deixa-o correr seu miserando fado;

O homem paradoxal emfim perece

Entre remorsos pela dór mirrado.

A. P. Zagallo.

SCENAS CONTEMPORANEAS.

Continuado do n.º 1.

SCENA II.

O author declara por que fez e para que fez as scenas contemporaneas.

É de todos bem sabido, que aquelles, que têm cursado a universidade, gostam de lèr tudo que diga a ella respeito. As descripções que lhe fazem das colicas e do acto, — da cabra e do estudo, — das diversões e passeios, — d'esta e d'aquella rua por onde tanta vez passaram, têm sempre para elles encantos inexplicaveis!.. o encontrarem em letrã redonda estas reproducções das scenas da sua vida aca-

demica, é como uma especie de alpondras por sobre as quaes a memoria vae atravessando o lethes do passado, e cada um, ao rever na imaginação despertada pela leitura, os sitios tão seus conhecidos nos bellos dias de estudante, exclama como Lamartine :

« Que ces sites sont doux, que ces lieux sont touchants. »

Foi este um dos motivos que mais me decidiram a compôr estas *scenas*; além de que, sendo a vida academia tão fértil em aventuras, não me consta que ninguém as historiasse completamente, pelo menos em relação á actualidade.

O prefacio da *Mulher* pelo sr. Sequeira Barreto é lido com avidez por todos que tem transposto a porta ferrea encadernados 'numa capa e batina.

O *Estudante de Coimbra ou relampago da historia portugueza*, é apreciado por todos os que, apesar da sua extrema raridade, têm a dita de o alcançar; — e finalmente não ha ninguém que viesse uma vez a Coimbra e que não tenha lido o *Palito metrico* e a *Cabulogia*.

E comtudo nenhum d'estes livros satisfaz ás exigencias da actualidade: estes dous ultimos porque nos relatam scenas do que foi, e do que já não existe; — o *relampago da historia portugueza*, porque, além de nos não relatar as scenas contemporaneas, se envolve na politica, e descreve principalmente os acontecimentos da revolução de 1830; e finalmente a introducção da *Mulher*, porque apenas é um esboço muito succinto de umas ferias de ponto.

Um folheto appareceu o anno passado, obra muito moral e instructiva, intitulada o *Estudante*, e que custava 60 réis!... mas, oh! dor!... era em verso!... e o seculo das luzes, que não precisa d'esta especie de lamparinas intellectuaes, chamadas poesias, fechou os olhos, e ficou ás escuras sem lér esta descripção poetica do *prego*, das *colicas* e da *cabula*!...

Que prosa!!!...

Havia pois uma lacuna e era preciso encher-a!... era preciso contar ao público, que não conhecia a nossa vida, que

— Era uma vez um ...

— Estudante aventureiro

— Tanto farto de feição

— Quanto falto de dinheiro, mal metido

— Este sem ter um real

— Pisou os frios geraes.

e tudo mais que o jocoso Malhão de si mesmo conta. Era preciso dar este alegrão aos pobres bachareis formados de ha pouco, que lá do seu cantinho domestico, lembram apenas com uma saudade indefinida e vaga os bellos dias das suas rapaziadas, enviando um adeus saudoso ao tempo dos seus tempos como diria um author da *Phenix renascida*.

E finalmente aos bachareis d'outros tempos, era preciso mostrar-lhes que a sua Coimbra já não é a mesma d'outr'ora; que apesar de não ter mudado de posição na carta geographica, está tão differente do que era, que com diffiduldade elles a conheceriam. Que ao seu tanger das tristes, especie de toque de recolher academico, chama-se hoje o tocar da cabra; que os arcos do correio já não existem; que os caloiros, tão victimados 'noutros tempos, alcançaram carta de alforria, e já nem uma cassoadá soffrem! 'Numa palavra, era mistér fazel-os scientes das modificações trazidas pelo progresso, desde os botequins e batinas-casacos, até á metamorphose dos verdeaes e das mantilhas!... E os bons dos velhotes gozariam tambem a sua hora de prazer a comparar as suas antigas rapaziadas de *boa feição* com as nossas *partidas* e *pandigas* de agora! entre-tendo-se a contemplar aquillo que no estudante é e será sempre immudavel, como colicas, extravagancias e faltas de dinheiro!...

Tudo isto era muito bom!... mas terei eu preenchido esta lacuna? Não sei, e até creio que não, mesmo porque no dia em que apprehendi esta publicação aconteceu-me como a *Bocage*:

..... e ave agoureira

De noite me piou sobre o telhado!

Fiquei com um ferro damnado! mas como a obra já estava concebida e como eu lucrava 'nella o ter entretenimento para as noites de eterna semsaboria que aqui passo, resolvi-me a não desistir do intento, que, se não tiver outro proveito, poderá despertar a alguém mais idoneo a idéa de romantizar melhor a nossa vida 'neste seculo, em que tudo se romantisa e em que se tem dado tão pequeno cultivo ao romance popular nacional, sempre tão estimado.

E dadas estas explicações entro em materia.

(Começa). Um estudante.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - ABRIL - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

SEXTA FEIRA SANCTA.

Que pesado e negro véu se desenrola sobre a terra, deixando-a em densas trevas sepultada!!

Que medonho estampido é este, que, repercutindo-se de valle em valle, revôa pela amplidão do espaço?!

Estranho e temeroso espectáculo!...

O rei dos astros escondeu a fronte nas nuvens; e o manto escuro e lúgubre d'uma noite sem estrellas, pesa sobre a terra, como uma lapide de marmore negro, sobre um tumulo!

Apenas, de momentos a momentos, a lua, desannuviando-se por um pouco, despede um olhar frouxo e consternado, que mais aviva o horror d'esta scena de lucto e desolação!

A terra, em intima agonia, estremece com violencia; e os montes, gemendo, se fendem, por terriveis convulsões abalados!

Das negras nuvens, que agglomeradas, se chocam, desprendem-se grossas torrentes d'agua; e o Cedron, saindo de seu leito sinuoso, se arroja pelos campos intumescido e arrebatado!

O tufão rebrame impetuoso: na sua rapida passagem tudo derruba, tudo destrôe: e até mesmo o carvalho annoso e o cedro gigante, que affrontaram impavidos o furor de mil tormentas, dobram as frentes altivas e jazem prostrados no chão!

Lá estala o raio; e o fugaz relampago,

lambendo a superficie da terra, parece querer abraza-la!

Lá rebomba o trovão... lá echôa o som ao longe... mui ao longe... lá se foi perder a ultima vibração na immensidade do espaço!

O terror vergou os animos mais robustos. Os elementos, agitados e confundidos, luctam entre si, bramindo furiosos; e, em vista de tamanho horror, dir-se-hia que a natureza estava prestes a succumbir, curvada sob o peso de um cataclysmo universal!

Mas que vejo!... Rasga-se o véu do templo... as lousas quebram-se... e as carcomidas ossadas dos cadaveres de mil annos alvejam por entre as luctuosas trevas, que envolvem o mundo inteiro!...

Deus de misericordia!... Deus de piedade!... eis-nos prostrados por terra... Não ha duvida! O suppliciado do Golgotha era o verdadeiro Messias; era o Filho de Deus Humanado; era o Martyr, o Redemptor da humanidade!...

.....
Eis verificado o que os prophetas e as sibyllas vaticinaram! Eis o genero humano resgatado da culpa original! Eis a cruz, outr'ora supplicio infame, convertida em emblema d'honra e de nobreza, e trophéu da conquistada immortalidade e da redempção universal! Finalmente, eis o homem em contacto com o céu!

Sim: a divida da humanidade está paga á justiça divina! Mas a que preço?!

A preço do sangue do Filho de Deus... a preço da vida de Jesus-Christo... d'Aquelle, que veiu ao mundo só para remil-o da escravidão, quebrando os duros ferros, que o maneavam, e outorgando-lhe uma lei sublime, toda amor e charidade; d'Aquelle em fim, que, ainda mesmo pregado na cruz, só tinha palavras para implorar o perdão de seus proprios algozes!...

Ingratos!... É como podestes desconhecer tão grandes beneficios, virtudes tão sublimes?!

Treme, ó impia Jerusalem, treme do futuro castigo, castigo tremendo e espantoso!

Insensata, não procures illudir-te! A voz da consciencia sôa mais alto que esses gritos rouquinhos e freneticos, que soltas delirante no meio de infames orgias!

Baldados esforços!... Ás admoestações do propheta tu respondes com imprecações e blasphemias; e entretanto vaes correndo a passos agigantados para o abysmo horrendo que te ha de engulir!

Exulta, suberba prostituta, exulta desgrenhada e doudejante em tuas criminosas e torpes festas!...

Pútrido cadaver, de vicios e paixões roído, alardêa essas gallas que a podridão te encobre!

Da tremenda punição futura, não receosa, cospe na face do Eterno tuas nefandas torpezas, teus abominaveis vicios, teus execrandos delictos!...

Ai! de ti, cidade orgulhosa e maldita, ai! de ti... Os tempos se approximam... O braço do homem, guiado por Deus, te derubará por terra... tudo se fará ruinas... não ficará pedra sobre pedra... e tua raça amaldiçoada vagará errante pelo mundo!...

.....
E tudo se realisou!.. A justiça de Deus estendeu-se sobre a cidade maldita: d'ella só restam tristes ruinas!..

Os filhos dos deicidas perpassam pela terra acoçados, testemunhas irrecusaveis da propria verdade que negam. Infelizes! o excesso de luz lhes destumbra os olhos d'alma!

Mas lá está o Golgotha, lá está o thea-

tro sublime dos augustos mysterios da Redempção! Foi alli que o Filho do Eterno remiu a especie humana: foi alli que elle nos legou a vida eterna, morrendo pregado na cruz, na cruz que se tornou em symbolo da nossa fé!...

Salve! sacrosancto lenho da cruz! Salve! medianeira entre Deus e os homens! O teu culto durará em quanto o mundo existir; e tempos virão, em que tu não serás o emblema de uma religião, mas sim o emblema do mundo inteiro!

Prostremo-nos por terra; e, rojando a fronte no pó, adoremos o sagrado lenho aonde expirou o Messias, o Redemptor do mundo, o Homem-Deus, o Christo do Senhor!...

C. de M. e Brito.

Breves considerações ácêrca do mechanismo da nutrição e secreções.

O sangue no seu movimento continuo soffre mudanças diversas, como diferentes são os órgãos, que percorre.

O sangue venoso d'um musculo não encontra analogo noutro ponto da economia.

O sangue, que volta de fornecer os elementos á secreção d'um órgão, apresenta differenças characteristics, se o compararmos com o que regressa de preencher fins analogos em órgãos diversos.

Órgãos diferentes tiram do sangue diversos principios para a sua nutrição; e o mesmo acontece para os actos secretores.

Mas estes principios assim tirados ao sangue, não vão nutrir o órgão, nem formar o liquido segregado, sem que préviamente tenham experimentado modificações mais ou menos intensas. Se o contrario se desse, a nutrição seria apenas uma apposição de moleculas, a secreção uma simples exsudação

Separação do sangue de liquidos diferentes d'elle, e que, depois d'uma elaboração mais ou menos completa, não vão fazer parte d'órgão algum secretor, é a definição que mais compete á função da secreção; e equal valor tem a de nutrição, concebida nos seguintes termos: função, em virtude da qual os órgãos appropriam do sangue certos principios, que transformam em substancia propria.

Para bem comprehender o mechanismo da

nutrição, cumpre notar que no sangue não se encontram todos os principios immediatos dos tecidos. Uma elaboração particular se deve admittir para a sua formação.

Nem a musculina se encontra senão nos musculos, nem a osteína senão nos ossos, etc.

O plasma sanguineo, verdadeiro succo nutritivo, transuda das paredes dos vasos. Albuminoso, contendo fibrina em dissolução, saes diversos e pequena porção de materias gordas, reúne as condições necessarias para nutrir os diversos órgãos, depois d'uma metamorphose, mais ou menos completa, fóra da corrente circulatoria. Este blastema em contacto com tecidos vivos, tende a elevar-se do mais simples e elementar grau d'organização, em que se achava a um mais superior, e porventura ao mais perfeito.

Assim na epiderme, epithelio, etc. a *substancia organizada*, toma a fórma de cellulas, e a organização não vae além, dando origem ao grupo de tecidos, que Segond denomina *cellulosos*.

Nos tecidos conjunctivo, muscular, etc. esta mesma substancia adquire um grau mais elevado d'organização, e fórma os tecidos denominados *fibrosos*. Finalmente, adquirindo o maximo grau, chega a formar o tecido nervoso, que se encarrega dos phenomenos physiologicos mais importantes e incompreensíveis.

Mas para que se formem estes tecidos, será necessario que a *substancia organizada*, ou blastema, percorra sempre periodos successivos ao seu desenvolvimento, ou tomará directa e immediatamente o grau d'organização, que lhe compete, em harmonia com os órgãos com que está em contacto? A cellula será o elemento primitivo de todos os tecidos, e em todo o tempo da vida, podendo considerar-se a nutrição como uma repetição da geração? A metamorphose directa e immediata d'estas cellulas, formará os diversos tecidos, ou o seu desaparecimento e liquefacção espontanea, será condição essencial da origem dos de ordem um pouco elevada?

F. A. Alves.

(Continúa.)

Poderá ser absolvido um réu por se allegar em seu favor a mania instantanea?

Se ha principio incontroverso aos olhos da sciencia e da razão, é, que só as acções livres e espontaneas são susceptíveis de imputabilidade, e por conseguinte de premio ou castigo!

A imputação suppõe, que o acto foi practicado por quem conhecia o dever, as ligações d'este com aquelle, e que foi livre em o practicar; ou, em duas palavras, por alguém dotado de intelligencia e liberdade!...

O homem, que, ao cair d'uma janella, mata o viandante, não é mais criminoso do que a pedra, que em virtude do seu peso se despenha sobre o incauto, que passa; nem a criança ou o louco, que incendeiam uma casa, têm mais imputabilidade do que a faisca, que, pegando casualmente em um feixe de palha, reduz a cinzas uma propriedade!...

Entre as causas, que privam da liberdade e intelligencia, excluindo por conseguinte a imputabilidade, figuram as affecções mentaes, que consistem no desarranjo das faculdades intellectuaes, moraes ou affectivas. Este desarranjo póde nascer ou da perversão d'aquellas faculdades ou da sua obliteração, consistindo a primeira na alteração da intelligencia depois de desenvolvida e a segunda na paralyzação completa da mesma, já antes, já immediatamente depois do seu desenvolvimento, ficando em todo o caso as faculdades de tal fórma obliteradas e nullas como se nunca tivessem funcionado realmente.

Differentes têm sido os nomes dados pelos medicos aos diversos graus d'estas enfermidades, o que todavia pouco nos importa, a nós, que nos occupamos exclusivamente da especie de alienação mental mais commum, — a mania.

Nesta, que sob differentes aspectos se póde apresentar, e que, até certo ponto, se reconhece pelo incerto, espantado, e fixo do olhar, pela particular expressão do rosto e alterações sensíveis na saúde do individuo affectado, 'nesta dizemos, tanto as faculdades intellectuaes como as affectivas estão comprometidas, havendo um delirio geral, acompanhado de exaltação, mais ou menos violenta, de illusões e de allucinações.

A mania póde appresentar-se repentinamente ou ser precedida d'alguns signaes. No primeiro caso o individuo atacado, e que no primeiro accesso commette um crime, póde ser examinado pelo medico, para se verificar a existencia do mal, que, por muito rapido que seja, deixa sempre vestigios, pelos quaes se possa avaliar; no segundo o individuo sente de ordinario o desarranjo, que se lhe opéra na mente; e, já pelos precedentes, já pelos consequentes, póde a justiça orientar-se ácerca da imputabilidade, que lhe cabe, se acaso 'neste accesso commetteu um crime.

Poderá admittir-se, porém, a mania instantanea e transitoria? isto é, poder-se-ha admittir, que um individuo, achando-se em perfeito estado de sanidade mental, seja repentinamente accomettido d'uma mania, e practique em virtude d'ella qualquer acto, tornando logo depois a recobrar a razão, sem que fique um só indicio de loucura, e sem que até ao momento, em que practicou esse acto, a mania se revelasse pelo mais pequeno signal? . . . E poderá tal mania ser allegada para escusar da imputação o agente? . . . Eis a questão sobre que vamos expôr algumas breves considerações.

Affirmativamente respondem alguns authores á primeira these, citando mesmo numerosos exemplos de manias repentinas, taes como as referidas por Briand, Boys de Lhoury, Boileau de Castelnau, A. Toulmouche, Pinel, Esquirol, Marc e outros muitos: graves authores, porém, ha, que pelo contrario attribuem os mencionados accessos a somnambulismo, a paixões e a outras causas, não admittindo a mania instantanea! . . .

Sem nos intromettermos na questão medica, para que não somos competentes, bastanos reconhecer e tomar nota de que a mania instantanea não é um facto tão claro, tão incontroverso, tão reconhecidamente aceite pela sciencia, que autoridades respeitaveis o não hajam contestado! . . .

Trazendo pois a questão para o ponto de direito criminal, que deverá fazer o juiz e o jury quando se lhe apresente um caso d'esta natureza? . . .

É de certo grande a responsabilidade, que em tal decisão cabe ao julgador! . . . Uma como maxima em direito criminal diz que vale mais fiquem cem criminosos impunes, do que seja punido um innocente. Outros principios inquestionaveis porém se nos appresentam pelo lado contrario: taes são, que os crimes jámais devem ficar impunes, aliás a desordem e a anarchia subverteriam a ordem e tranquillidade pública; que o julgador deve attender ás provas, fazendo obra por ellas e não por meras asserções, que os factos desmentem, e que podem vir a ser a porta aberta aos mais graves abusos! Da desharmonia de taes principios resulta a difficuldade em resolver a questão.

Sem querermos pôr em duvida o principio de que antes cem criminosos fiquem impunes do que seja condemnado um innocente, não podemos deixar comtudo de reconhecer, que elle deve soffrer restricções; porquanto, se tal

principio fôsse admittido em toda a sua extensão, iria mais longe do que os seus proprios defensores quereriam, e a punição dos crimes ficaria apenas reduzida a alguns casos rarissimos, em que o facto fôsse por tal fórma público, que o seu author o não podesse negar: taes seriam os dos regicidas Orsini, Martin Merino, ou Pierri e muito poucos mais: todavia é certo que de ordinario se escolhe occasião oportuna para a execução do delicto, e o jury, que, na maior parte dos casos, absolve ou condemna por indicios mais ou menos falliveis, não podendo obter a evidencia de que o réu practicou o crime, devia absolvel-o pelo principio enunciado!!!

Na nossa hypothese appresenta-se um assassino, um ladrão ou um incendiario perante o tribunal; as testemunhas, os factos, o proprio réu depõem que o acto foi practicado, e a defesa unicamente se reduz a dizer: «fui atacado d'um accesso da mania instantanea, durante o qual practiquei o facto de que sou accusado; mas, visto que não estava *sana mente*, devo ser absolvido;» e o jury consulta os medicos, que attestam o perfeito estado intellectual do réu! e o seu medico usual confirma o mesmo ácêrca do seu estado anterior á practica do delicto e o principio invocado acima ha de pronunciar-lhe a absolvição para que não seja castigado innocentemente? . . .

Não podemos admittil-o! . . . C. O.

(Continúa.)

É com o maior prazer que publicamos este excellente artigo do nosso particular amigo de infancia C. de Oliveira, ainda que com elle não podemos estar completamente de accôrdo.

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 2.)

Ficou á evidencia demonstrado pela simples comparação das definições, quanto a chimica presta á physiologia, e os laços estreitos que as prendem entre si.

Descendo porém á determinação dos subsidios recebidos, e ao exame das circumstancias e modo como foram applicados, outras são as considerações e contradictorios os resultados.

A chimica não deu proveito, antes se tornou em grande prejuizo da physiologia, quando

gratuitamente dos actos da natureza anorganica, se inferiu para os da natureza viva; quando dos phenomenos passados nos laboratorios, de baixo da influencia dos reagentes chimicos, se argumentou para os phenomenos vitales e apenas se reconheceu na vida actos puramente chimicos da natureza bruta. Tão dominados estavam os animos de preconceitos das doutrinas materialistas!

D'aquí as hypotheses innumeraveis, cuja consequencia necessaria foi desperdiçar tempo em cogitações despropositadas, desvairar as intelligencias, e estorvar-se o progressivo andamento da sciencia.

Assim foram assemelhadas — a digestão, a fermentação, a respiração, a hematose e a nutrição, a combustões: assim se crearam os radicaes hypotheticos, v. g. a proteina; a separação arbitraria dos alimentos em combustiveis e plasticos; as fórmulas dos principios immediatos, indefiniveis, e tão incertas como os systemas, que lhes deram origem, e fallazes como as observações dos authores; e essa infinita quantidade de principios immediatos, gratiosos productos de gabinete, etc.

A chimica subministra á physiologia prestantes subsidios, quando lhe proporciona instrumentos, processos, meios e preceitos, que sirvam para, sem alteração extremar os principios immediatos; i. é, principios constituintes do organismo em que anatomicamente, sem subdivisão em outros, a não se alterar sua natureza chimica, é decomposta a substancia organica; e quando pela analyse decompõe estes principios nos respectivos elementos chimicos, e lhes assigna a natureza material caracteristica, indicando-lhes, ora só a qualidade, ora tambem a quantidade dos elementos constitutivos, se definidos.

No primeiro caso, é um méro ramo da anatomia, e serve para a dissecação dos humores, separando-lhes os elementos anatomicos e principios immediatos; ou, complementar de dissecação dos solidos, pelo escalpelo continúa a destruição da estrutura e textura e os decompõe nos elementos organicos; e a estes nos principios immediatos correspondentes.

No segundo caso, caracteriza e differencia por sua natureza chimica os diversos principios immediatos e indica-nos as modificações e fórmulas que revestem nas varias circumstancias e condições d'existencia; do que se filiam as transformações successivas, que um principio experimenta na sua evolução organica.

(Continua.) F. O.

BOTANICA.

Generalidades.

Continuado do numero 2.º

Structura das plantas. Orgãos elementares.

Os vasos têm structura e forma diversas, segundo as funcções para que são destinados; uns com uma superficie desigual, cheia de linhas ou pontos quasi sempre dispostos em spiral, chamam-se *vasos* ou *tubos spiraes*; outros com as paredes lisas, denominam-se *vasos proprios* ou *laticiferos*.

Pelo que toca aos vasos spiraes devemos fallar das trachêas, dos vasos annulares e reticulares, dos riscados e pontuados.

As trachêas são compostas por um tubo cylindrico, membranoso, cuja parte interna é forrada por um fio disposto em spira, d'um branco de madre-perola em tudo semelhante na sua disposição a um elastico das afeas.

Os *vasos annulares* são mais grossos do que as trachêas, e o fio interno, com a disposição spiral, que naquellas se encontra, é aqui substituído por uma serie de anneis que são algumas vezes irregulares.

E conforme existem estas anomalias, sendo os anneis ora quebrados, ora ligados, assim formam uma rede mais ou menos apertada, — *reticulares*.

Finalmente notam-se outros mais volumosos do que os precedentes, parecendo crivados de pequenos orificios dispostos horizontalmente, são os *vasos pontuados*, cujas pontuações resultam das lacunas da camada interna do tubo, sendo continúa a externa.

Os laticiferos contém o latex ou os succos proprios das plantas; são membranosos, transparentes, de paredes homogeneas, com desigualdades ás vezes na sua espessura.

Os tubos têm a configuração cylindrica com dilatações communicantes entre si, em consequencia de ramos transversaes, formando d'este modo uma rede.

Os orgãos elementares, que acabamos de descrever, combinados uns com os outros, dão origem aos *compostos*. E estes se reúnem tambem para formarem *apparehos*, que são encarregados de diversas funcções.

O vegetal no seu principio, quando ainda faz parte do que lhe deu origem, tem a forma

d'um utriculo simples, que contém na sua cavidade uma substancia granulosa, isto é, apresenta-se no estado d'embryão.

Algumas vezes em volta da primeira cellula se grupam outras, e 'neste caso o embryão augmenta de volume, sem que se observe differença nas partes que compõem o individuo, cuja fórma ás vezes se desenha ao passo que elle cresce, apparecendo-lhe pouco depois um eixo central alongado; e aos lados da porção oval do centro, apresentam-se elevações, ou só uma ou duas, do meio das quaes se desenvolverá o embryão que ha de transformar-se na *plantasinha*. Estas elevações são os cotyledones.

Têm, portanto, logar 'neste primeiro periodo tres circumstancias, que dão motivo a tres grandes divisões entre as plantas — sem cotyledones — acotyledoneas; com um só — monocotyledoneas; com dous — dicotyledoneas.

Os primeiros rudimentos do caule e da raiz, bem como o cotyledone simples ou duplo, consideram-se os orgãos *fundamentais* da planta, sendo apenas modificações d'estes os que se desenvolvem ao depois.

Ora estes tres orgãos estão primeiramente reunidos na *semente*, que podemos considerar como o ovo vegetal, e não precisam para desenvolver-se senão de certas circumstancias, em que figuram indubitavelmente em primeiro logar a humidade e o calor, mas que antes resultam da reunião simultanea e complexa das acções physicas, chemicas e principalmente das physiologicas.

Na verdade, é evidente, que o calor e a humidade não servem senão para 'neste caso favorecerem a reacção dos elementos contados na semente, elementos que não podem reagir entre si sem o intermedio dos differentes agentes que, ao mesmo tempo, lhes são fornecidos pelo solo, atmospheria e temperatura.

(Continúa.)

M.

o homem.

Oh! nous sommes heureux parmi les créatures!

LAMARTINE.

(Resposta ao artigo inserto no n.º 2.)

O homem, esse mytho indecifrável e indefinível, lançado ao meio da criação para carpir e soffrer, não encontrará em toda a senda da

vida senão abrolhos, que o torturem 'num equileo de soffrimentos e que, arrancando-lhe lagrimas e suspiros, lhe dêem por companheiro inseparavel o martyrio?...

Não!... O homem... o ser perfectivel e privilegiado, que das mãos do Creador safu formado á sua imagem, vivificado pelo halito do espirito divino, 'nesse raio de luz celeste, chamado intelligencia... o homem não podia vir á terra das provações e das lagrimas, só para entregar pacifico, depois de um perigrinar ephemero, o corpo á podridão e aos vermes, — quando, livre, o espirito subisse perante o julgamento solemne da celestial justiça. Porque então essa parcella da essencia divina, que Deus insufflou no barro humilde, vegetaria nas sendas da vida material, algemada apenas ao fatal dilemma, de ou anhelar anciosa o momento de libertar-se, ou esquecendo que a sua missão é transitoria no mundo, engolfar-se, escrava da materia, no lodaçal dos vicios!...

A alma não podia elevar-se continuamente á contemplação ascetica da immortal ventura, deslembrando quasi que tem de animar o corpo, cujo reino é este, e que além da campa encontra apenas, em vez de gloria immarcessivel e perenne, a podridão que ha de servir de pabulo aos vermes do sepulchro!...

O espirito, ligado ao corpo nas angustias do viver terrestre, acompanha-o igualmente nos gozos dos sentidos, sem que por isso macule a sua angelical pureza; porque o cysne tambem se banha em turvo lago, sem que desmereça a sua alvura; porque a donzella tambem entra nos bulicios da festa, sem que lhe murche uma só das flores, que adornam sua capella virginal!...

Estes gozos puros do corpo em que a alma o acompanha!... este gozar do espirito em que a materia não é como atrophada, é o que constitue a felicidade!... E não será a felicidade um sonho?... uma chimera vã que antevemos ao despontar da existencia para nos fugir, apenas assomados aos umbraes da vida?... Não!... A providencia que imbuu no homem a idêa de felicidade, que lhe inoculou n'alma o insaciavel desejo de a conseguir, seria injusta ou contraditoria, se, facil e singella, como é sempre nos meios que emprega, lhe não desse, 'nelle mesmo, tudo quanto lhe era mistér para ser feliz!...

O corpo, que não vae, no reino dos espiritos, cercar-se d'uma aureola luminosa, mas que envolvido nas pregas do sudario, não terá

força que lhe electrise as fibras, que a podridão corrompe... o corpo, no seu mundo, também goza do aroma das flores, como do matizado panorama das campinas; do sabor e da fragancia dos mais primorosos e assetinados pomos, como da viração, que se balouça mollemente, erguendo um hymno de magia no ciciar da ramagem!...

E não será esta a verdadeira e singella felicidade, que o espirito soubéra apreciar, se não tivesse descido a conspurcar-se na torpe abjecção da materialidade, ou, se asphyxiado pelo pestifero veneno das ambições irrealisaveis, não pairasse apenas na região das chimeras? Sem duvida!...

Julgae-vos felizes e sel-o-heis!.. Appreciae os pequenos gozos, não pelo que elles são em si, mas pelo que differem das grandes attribulações; consolae-vos nos mais acerbos soffrimentos pela convicção que alguém ha mais infelizo do que vós; transitae pela senda da virtude, e, se vos pareceu talhada entre penhascos, no pender de abysmos insondaveis, eivada de sarças e de espinhos, encontra-a-heis juncada de rosas e jasmims e talhada entre campinas vecejantes, onde a imaginação se passeia despreendida d'esses escolhos, em que a materialidade acha torturas e em que a ambição encontra desenganos e soffrimentos!...

Quem ao imprimir o primeiro osculo de amor na face pudibunda e nacarada de virginal donzella, ousaria descrever da felicidade?!.. Quem se não julga feliz ao sentir essa expansão d'alma, que acompanha a practica d'uma acção boa, ou esse calor vivificante que ao peito lhe trazem as consolações de um amigo no proprio soffrimento?!.. Quem ao escutar o vagido infantil, ou ao rever-se no primeiro riso das innocentes primicias do seu amor, ousaria descrever da felicidade?!..

O homem não podia vir á terra para viver ignorado no seio da criação, confundido com os outros seres, que nascem, vegetam e morrem no circulo limitado e estreito, que lhe marcam as leis eternas e immudaveis da natureza!... para, vivendo entre martyrios, receber a sentença do penar eterno, depois que sobre o corpo se houver cerrado a lousa tumular!..

Não!... aos olhos da natureza — no mundo, dizer homem, será dizer — o rei da criação, no reino dos espiritos, será dizer o primeiro dos entes creados, o privilegiado dos seres!..

A. M. da Cunha Bellem.

PHANTASIA.

Quando vago nestas selvas,
Longe dos homens, não vejo
Nem verdes prados, nem relvas
N'este paiz sertanejo;
Porém descubro esse monte
Difficil, alcantilado;
No fundo tudo é mirrado,
Não ha ribeiro, nem fonte.

Este deserto seria
De feras habitação,
Onde quasi a luz do dia
É da noite a escuridão:
Eu sinto 'neste deserto,
Que o mundo dirá horrivel,
Impressão grata, apazivel,
A imagem do céu aberto!..

No meio d'este arvoredor,
Cuja sombra a alma entristece,
Ora de mim, tenho medo,
Ora a mente se engradece:
N'este meu isolamento,
Que só pezarés me inspira,
Minha existencia é mentira,
É mentira o pensamento.

A imagem do céu aberto!!
Hyperbólica expressão!
Aqui só ha, e de certo
Negruras da solidão:
N'este estranho labyrintho
É negro, o que me rodêa,
É negra em mim toda a idéa,
É negro tudo, o que sinto.

A minha misanthropia
De qualquer outra differe;
Como ha de têt-a macia,
Quem dos homens nada espere?
Vossas sombras tutelares,
Ó plantas d'este retiro,
São aquellas, que eu prefiro
Do mundo aos tristes azares.

N'estes bosques isolados
De tudo, quanto ha na terra,
Quero viver consolado
Sem buscar nem paz, nem guerra:
Eis a unica ambição,
Que em minh'alma se alimenta,
Eis a esp'rança, que inda alenta
Um infeliz coração.

A. P. Zagallo.

SONETO.

A saudade.

(1830.)

Trajando roupas d'enlutadas côres,
De mirrado cypreste ornada a fronte,
Solta sentidos ais; c'o pranto ardente,
Do rosto innunda as desbotadas flôres.

Da esp'rança os mimos, illusões d'amores,
Em seu peito ralado já não sente;
Sem tino, sem razão, louca, demente,
Exaspera-se, grita, arde em furores!!

Do mundo ás scenas foge e ao seu ruido;
Vae perseguir com feia atrocidade,
Quem na ausencia d'um bem geme insoffrido.

Eis a deusa cruel, que, sem piedade,
Crava em meu coração punhal buido;
Eis minha socia eterna; eis a saudade!!

(F.)

As quatro edades.

Le monde marche!!!

E. Pelletan.

Como vem na leda infancia
Pungir saudades crueis
De prados de mais fragancia,
De mais risonhos vergeis! . . .
O homem chora o passado
E em tristeza, abysmado
Descrê já do seu porvir! . . .
E a mulher descrente, sceptica
Já nos affirma estar hectica
E até nem sabe tussir! . . .

Vem depois a adolescencia,
Não mais ditosa estação,
Em que o gelo vence a ardencia
Das crenças do coração;
Em que a mente jaz deserta
Ao ver perto a campa aberta
Que se ha de cerrar sem dó,
E, da dôr tomando o sceptro,
O homem torna-se espectro
A mulher um noitebó! . . .

Depois surge p'rá donzella
Risonha a idade viril,
Em que se faz amarella,
Mas seductora e gentil! . . .
Em que tem sonhos singellos,
Dôres de callos, anhellos,
Crenças, fé e vermelhão!
E então o mancebo pasma

Em ver misturar com asthma
As crenças do coração! . . .

Cessam da vida os abrolhos
Que a velhice vem por fim!
E lançam chammas os olhos
Com debruns de marroquim! . . .
E, co'as dôres de enxaqueca,
A virgem ama a boneca,
Sentindo em seu peito o amor!
E o mancebo ama em segredo,
Da palmatoria com medo,
Uma mulher . . . um tambor! . . .

Tal vae o mundo hoje em dia
Na sua marcha louçã,
Que assim prova a poesia
O dito de Pelletan! . . .
Ha na infancia atroz saudade,
Vem depois, na mocidade,
O soffrimento, o descrêr,
O amor na idade madura
E na velhice a doçura
Dos bollos e do viver! . . .

A. M. da Cunha Bellem.

Prazeres verdadeiros.

Se são numerosos os divertimentos e os vícios, os prazeres são tão raros como as virtudes. Para ir em busca do prazer, que intitula verdadeiro, despreza o sabio todas as distrações, e lá se engolfa no estudo das escholas da antiguidade, segue todas as scenas da poesia d'então, consulta os philosophos de remotas eras, senta-se com Platão á sombra da virtude, revolve todos os arcanos da sciencia, prescruta os mais subtis mysterios da philosophia, perde-se no labyrintho dos seus systemas abstractos e incompreensíveis, e quando já cansado de tanto divagar, volve os olhos para o fructo de seus trabalhos, pasma do pouco que colheu de suas lucubrações e, descorçoado da sciencia antiga, desenganado das esperanças vãs que depozêra no genio creador dos sabios dos primitivos tempos, volta-se, confiado para a sciencia de hoje, redobra d'affan, desce ás minucias mais rasteiras da arte, amolda-se ás idéas da epocha, despe-se das phantasmagoricas subtilidades scholasticas, encarna em si o positivismo material dos apregoados interesses economicos; emfim apostolo do progresso, alista-se na seita dos propugnadores da perfectibilidade indefinida, e mendigando por

cada um dos ramos mais ricos da industria e das sciencias contemporaneas, apesar do muito, immenso, que reconhece, soffre no desejo o ultimo desengano; e em breve se convence, que, de tanto material desconnexo accumulado, pouco ha de decisivo proveito, muito pouco util, muitissimo prejudicial, infinito inteiramente inutil, e portanto que o homem vive hoje, como sempre, d'utopias, engodos traçoeiros com que illude a sua miseria e mesquinha condição.

D'aqui por conseguinte, póde concluir, que entre tanta abundancia, deve considerar-se pobre, e que a pobreza do já adquirido, não compensa o trabalho insano para o manter; e por modo nenhum comporta comparação com a riqueza immensa das minas inexgotaveis, offerecida pela natureza ao seu genio empreendedor e esforços das mais agudas intelligencias, por isso, que depois de profundas e laboriosas investigações, conhece ter esperado mais da sciencia do que ella tinha para dar, e que é tão difficil encontrar ventura na abundancia de conhecimentos estereis, como a sabedoria um diluvio de palavras ócas.

Alfim de tudo, é forçoso confessar, que de tantas vigílias, apenas colheu ficar noviço no estudo, e nem sequer tem chegado a pizar os umbraes do incommensuravel edificio das sciencias; e que portanto é já feliz, se de longe enxerga os vastissimos campos da sabedoria.

Todavia, não é tempo perdido o que tiver gasto em divagar pelo estudo da natureza, e póde affouto afirmar, que o homem cujo coração abunda em pura e ingenua piedade, e que considera, como deve, o author da criação, não póde, mas só elle, deixar de saborear o mais sublime dos prazeres, quando contempla os estupendos e innumeraveis effeitos da bondade divina.

Então a propria convicção do seu demerito longe de o desanimar ou diminuir-lhe o gozo, augmenta-lhe os prazeres, porque acha na indulgencia e tolerancia do Creator ainda mais provas da sua grandeza. Nesta contemplação o espirito fixa-se no presente, recorda o passado, e investiga o futuro com uma satisfação que se eleva até onde sóbe o seu pensamento. A veneração do Ser Supremo e amor do proximo são fontes inexauriveis de prazer.

A contemplação das bellezas da natureza, o gozo da amizade cordeal, o deleite do amor casto, os suaves prazeres da moral, são os unicos manancias d'onde brotam os germes da

verdadeira felicidade. São estas no parecer do sabio as origens de todo o bem.

Outro tanto não acontece com os entretenimentos estrepitosos e desregrados da maioria d'essa gente, para quem é tudo o baile, o vinho, e os acepipes com mil outros passatempos, em que brilha o luxo com esplendor, a intimidade além do comedimento, o deleite até á devassidão.

Então, quando não mais, apparece apoz as orgias fastio invencivel para com os transitórios e inspidos prazeres de momento, e velhice precoce e amargurada, por viver demasiado em pouco, e gastar tudo de repente.

Então, como a natureza nunca perde os seus direitos, apaga-se o sentimento na razão da vivacidade das sensações provocadas, e eil-os apossados d'essa amargura indefinida, desgosto da vida, aggravado pela cegueira da razão tresvariada e escurecida, que os impelle irresistivelmente ao sacrificio deshumano e immoral da propria existencia; barbara e bruta obstinação de covarde loucura.

Deus, — origem de todo o bem, não aprecia a grandeza do effeito, senão no crime para o castigar, mas a pureza da intenção no acto para o premiar.

F. O.

Extr.

Recordações de Colmbra.

Continuado do numero 2.º

II.

Que importa!... é sempre um sonho esta existencia.
CASTILHO.

Muitas e variadas são as sensações, que n'esta quadra ditosa commovem o coração!...

E assim devia ser!... Mais impressionado aos agentes, que desenvolvem n'elle a sua electrica influencia esta se patenteia mais repetidas vezes, quer triste, quer alegre; quer de expansão e jubilo, quer de martyrio e penar!...

O mancebo, que no verdor dos annos perde o arrimo d'um pae carinhoso; que, ao entrar vacilante no trilho da vida, perde os carinhos da mãe, que o conduzia pela mão, atravez de precipicios por senda juncada de rosas e jacynthos, se não tem um anjo bom que venha sentar-se na borda do sepulchro d'esses entes queridos, vacilla e cae no abysmo d'esse lodacal profundo a que a sociedade chama vida, a que a philosophia chama dissolução e a que os preceitos evangelicos chamarão porventura crime!...

Outras vezes, porém, a vida se escoa ligeira entre os gozos de peregrina ventura; e a mocidade não é mais do que entre-acto preenchido de agradável orchestra, que vem preceder as primeiras scenas do drama social, drama de grande apparato em que o protagonista subirá ao capitolio de suas ambições para ser ahi coroado entre os felizes!... Mas esses poucos são?...

Qual é o mancebo, que em toda a sua mocidade não tem uma ao menos chegado aos labios o calix das amarguras?... qual é o mancebo que em horas de attribuição não tem ao menos evocado as sombras meias sumidas do campanario da sua parochia e dos mansoléos d'essa egreja onde elle proprio recebeu o nome de christão?... qual é o que nestes angustiados momentos, não tem reproduzido na mente as vinhas e os prados do visinho outeiro e a fontezinha da encosta e até ainda talvez os mesmos socios do folgar?...

E então a imaginação, cançada de longo perigrinar na senda do presente, passeia-se com indolencia e como para repousar nos jardins amenos d'um passado delicioso!...

(Continúa.) A. M. da C. Belleme.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 2.

I.

Um capello.

São 18 de Julho de 185. O tempo está magnifico apezar d'um excessivo calor, que faz andar tudo em braza. O relógio da Sé acabava de anunciar dez horas e os sinos da Universidade erguiam aos ares os seus hymnos festivos. — Coimbra preparava-se para uma d'essas festas mil vezes repetidas mas sempre cheia de encantos para os habitantes, que, ou vêem nella a realização do seu mais querido sonho ou o fastigio da gloria a que póde subir algum seu parente ou amigo. Era um capello!...

A festa do capello, apezar de ser magestosa, não tem muito que ver!... mas é sempre grande a concorrência, tanto dos estudantes, como da gente da cidade, a ponto de encherem completamente a sala grande dos capellos.

É á entrada d'esta que costumava ter logar o mais estúpido de todos os brinquedos.

Ora imaginem os meus caros leitores, sessenta ou setenta estudantes comprimindo-se successivamente contra a porta ainda fechada, refluindo depois a compressão da porta para o exterior e assim havendo ás vezes taes embates das forças concentricas, que um pobre de Christo, se por infelicidade acontecia achar-se na confluyente d'aquellas innumeraveis maquinas d'alta pressão, ficava reduzido a bagaço. E a isto chamava-se a *onda*!... e todos corriam com prazer feroz, a um divertimento d'onde tinham a certeza de sair, pelo menos, sem metade da capa... para irem depois de chófre, quando a porta se abria repentinamente, parar ao meio da sala.

Alli então, 'nessa casa adornada em volta com os retratos de todos os nossos reis, entresachados de tribunas, d'onde despontavam os mais bellos rostos femininos, via-se o novo encapellado com a sua murça de garrida cor, e nos doutoraes todo o corpo cathedratico, adornado de eguaes romeiras de variegados matizes, com as suas borlas, cousa, que para trazer na cabeça é a mais exquisita que modernos ou antigos tenham inventado. Os archeiros, força armada, que veiu substituir os antigos verdeaes, formam a guarda de honra, vestidos com o seu fardamento de galla!... E ao fundo toca a charamella, que é a musica mais desentoadada que se conhece desde o cortejo dos pretos de S. Jorge até á orchestra do real theatro de S. Carlos.

Consiste em pouco a cerimonia. O proximo futuro doutor recita uma oração, que não sei por que hade ser em latim!... Os dous oppositores mais modernos igualmente recitam os seus discursos na mesma lingua, e por fim tambem o presidente faz o seu *speech* em latim ao novo adepto.

Depois de tanta latinidade vae este jurar ainda em latim, não sei o que, de joelhos aos pés do presidente, que lhe põe então a borla e lhe dá o anel. E o meu amigo está Doutor!...

Depois passa o novissimo graduado á cerimonia dos abraços, especie de agradecimento final, ou de primeira prova de fraternisação, que consiste, nem mais nem menos, do que em cingir todos os seus predecessores nos doutoraes universitarios em cordeal amplexo, ao som das melodias da charamella!... Concluida a cerimonia vae o novo doutor através da *via latina*, toda enramalhada do verde e popular loureiro, que serve para todo o regosijo público, desde uma capellinha de S.º Antonio

até a um arco triumphal e que se põe em toda a parte desde a porta das tavernas até á frente dos herões; partindo em fim de sege com o seu padrinho pela rua larga fóra! . . . e para em tudo haver miscellanea de côres garridas e variadas, todos os moradores das ruas, por onde elle tem de passar, fazem ás janellas a mais vistosa exposição de cobertas de damasco de todas as côres, herdadas de paes a filhos, com o fim tradicional de adornar as janellas em procissões e capellos.

Eis-aqui a descripção succinta d'essa festa para que se preparava Coimbra! . . .

A missa solemne cantada antes do capello, e á qual assiste o novo adepto, já estava a mais de sanctos; a rapaziada já se ia aggrupando ao pé da porta da sala; o pateo estava coalhado de gente, mórmente 'nesse dia, em que, por estarem já poucos *veteranos* em Coimbra, toda a calourada, livre do medo das caçoadas, affluia a ver a festa. As ferias é effectivamente o tempo dos calouros! . . . desaffrontados então de receios, correm a toda a parte para dar pasto á sua excessiva curiosidade!

Não os vêdes, espalhados pelo pateo e pelas escadas? não os conheceis pelas caras?

«O que? conhecer os calouros pelas caras?» observa agora um judicioso leitor.—É verdade, meu caro senhor! . . . É mais facil distinguir se um ente que traja batina é calouro ou não, do que differençar um homem d'um kanguroo, ou chimpanzé; e não creiam que eu sou algum Lavater, ainda assim! . . . Não senhores, ha coizas, que todos os genios vulgares distinguem com perfeição, como por exemplo, meia libra em oiro d'um tostão em prata, um diamante mesmo pequeno d'uma pedra de calçada, ou um veterano, ainda que de batina, nova d'um calouro, embora com ella velha; e aqui se prova a verdade d'aquelle ditado portuguez muito velho e muito certo — *o habito não faz o monge*.

Em todo o caso, attestada a veracidade do facto, porque contra factos não ha argumentos, pergunto eu agora aos illustres physiognomistas, a esses, que pelas feições conhecem não só se um individuo é racional ou irracional (não se riam que não é tão facil como parece á primeira vista); se experto se parvo; se profundo, se superficial; mas penetram ainda, por um mover dos olhos ou das commissuras dos labios, a idéa dominante, que o agita 'nesse momento, as intenções que têm as suas palavras e outras coizas de tão minuciosa como exacta (!!) observação, a estes

senhores, especie de verrumas artesianas dos pensamentos alheios, pergunto pois, como se explica esta facilidade em distinguir o calouro do veterano:

Dae-me d'um lado, o rapaz mais experto, e mesmo o mais desenvolvido, encaixae-o 'numa capa e batina velha, bem velha, mostrae-lhe de noite e ás escondidas todas as ruas de Coimbra, para que elle se não engane, apresentae-o em público, e todos os que tiverem vivido um anno em Coimbra, exclamarão — é calouro: — ao passo que se do outro lado puzeres o estudante mais acanhado e menos desenvolvido, trajando batina nova e parecendo até receiar dos outros, ninguem se intrometterá com elle! . . . Não sei o que é, mas ha um certo ar no traçar da capa, no pôr do gorro, 'numa palavra, em cem minuciosidadesinhas, que só o habito de trajar tal habito (passe o gongorismo) é que ensina! . . .

Estas differenças, já se vê, caducam no calouro chronico, especie hybrida, que pertence ao veterano pelo muito tempo, que tem de Coimbra, e ao calouro pelo pouco aproveitamento que 'nella tem colhido.

Mas o capello? Ah é verdade! já nos ia esquecendo que estavamos á espera que a missa acabasse, para irmos assistir á cerimonia do capello, onde não queremos entrar senão no fim, por causa da onda, em virtude tambem d'outro rifão que diz *quem tem calos não vá a apertos*.

Muito gósto eu de proverbios! Não invejo a Salomão nem toda a sua sciencia, nem a riqueza do seu templo, nem a visita da rainha de Sabá, mas só lhe tenho inveja á gloria de ser author d'um livro de proverbios! . . . Acabada esta digressão de proverbios, que ainda se explica por outro proverbio, *o que o berço dá a tumba o leva*, volto ao capello.

Ora sabido é que 'nesse dia o novo doutor dá um jantar a todos os seus amigos, cujo numero augmenta então consideravelmente, e á noite dá um baile.

É esta a parte mais interessante de todo o festejo do capello! Um baile! . . . É prazer que chega a todos, e que faz sair Coimbra em pezo dos eixos da sua normalidade! É como as festas da aclamação em Lisboa! . . . Nos oito dias antecedentes vendem as lojas mais do que em todo o resto do anno! . . . Bemdita seja pois a festa do capello, que dá tão grande impulso ao commercio; bemdita seja a festa do capello, que dá pasto ao sentimentalismo, fazendo com que as bellas (e não bellas) filhas

do mondego, sonhem oito dias antes com as impressões do baile e oito dias depois ainda pensem n'ellas.

Ainda por mais de oito dias gemem as impressas com os espirituosos folhetins dos conspicios litteratos, que levam até á anatomia microscopica a analyse rigorosa de todos os episodios os mais insignificantes do baile; bemdita seja portanto a festa do capello que assim anima a litteratura patria, e finalmente bemdita seja esta festividade, que, dando-nos assumpto para o primeiro capitulo, fez com que a nossa tão verdadeira como interessante historia não ficasse no tinteiro por falta de principio, falta na realidade insanavel e de que não sabiamos como nos haviamos de saír, porquanto ha grande falta de principios pelo mundo!..

Mas como escapámos de tal perigo passaremos ao capitulo II, onde o leitor vae fazer conhecimento particular com um estudante de quem ha de por força chegar a ser amigo se quer que nós o sejamos seu; espere portanto pelo outro numero e achará o tal capitulo seguinte que é inquestionavelmente o segundo.

(Continúa.) Um estudante.

Prejuizos populares.

Entre os muitos, que abundam por este pobre Portugal, consignamos os dois seguintes, cujas historias são curiosas.

Ha dias entrou na enfermaria da eschola um rapaz, que fugira da casa paterna para demandar os soccorros da medicina. Os parentes apenas tal souberam, tractaram immediatamente de o vir buscar, porque suppunham que o facto de entrada de um individuo da sua familia no hospital, era não só uma cousa infamante para toda ella, mas até uma acção reprovada por Deus.

E era levado a tal ponto o seu fanatismo religioso, que a mãe do rapaz julgava-se por este facto manchada a ponto de não poder ouvir missa nas sete egrejas mais proximas da sua freguezia. E para que esta velha não tivesse de ir buscar a missa á oitava igreja, salu o pobre do filho no estado em que entrára!..

Outro não menos curioso é o de um artista, que, tendo o labio lepurino simples congenito, rejeitou sujeitar-se á operacção, que de graça lhe faziam, só porque sua mãe, tendo na sua infancia rejeitado igual offerta, dizia, e elle acreditava, que Deus, que o tinha creado

assim, se escandalisaria do seu consentimento em os homens tentarem aperfeçoar o que elle fizera imperfecto.

E com o receio do peccado, ficou defeituoso.

Quando deixará o povo de ter estas superstições?....

Pedimos venia ao *Instituto* para transcrever aqui algumas linhas que o ex.^{mo} sr. C. B. consagra ao elogio das publicações latinas do Sr. Francisco de Paula Sancta Clara. Diz o illustre censor: « Por estes escriptos manifesta o engenhoso e estimavel moço, não só o cabedal de latinidade que já possui, senão que lhe são favoraveis as musas latinas. Já desd'o tempo em que elle nos ouvira, com gosto vimos madrugar 'nelle a generosa inclinação para o bello, a viveza d'imaginação, e um coração sensível aos incantos da poesia. E, se antes quizeramos ver agora aquelles opusculos na lingua, com que fomos creados, tão rica! tão suave! tão louçã! todavia, como é, ainda hoje, estimada prenda o bem latinizar, grande louvor cabe ao sr. Sancta Clara, pela publicação dos mesmos escriptos. » Este elogio feito por pessoa tão competente é o maior brazão de gloria para o talentoso mancebo, e os nossos encomios nada lhe podem accrescentar. Nós só fazemos votos para ter muitas occasiões de registar no nosso jornal factos, que honrem, como este, a corporação a que pertencemos.

CHARADA.

Apezar de ser segunda }
Venho antes da segunda } 1

Sendo de tudo a primeira }
Sou tambem sempre a segunda } 1

Do todo sendo a segunda }
Das sete sou a primeira } 1

Tu és sempre para o sabio,
Como o affirma a primeira,
O que dizem junctamente
A segunda co'a terceira. C. B.

ERRATAS 'NESTE NUMERO.

Na pag. 10, col. 1.^a, lin. 2.^a, onde se lê — pereunal — lê-se perennal.

Na mesma pag., col. 1.^a, lin. 11, onde se lê — não tem uma ao menos — lê-se — não tem uma vez ao menos.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 4

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - ABRIL - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 "

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 3.)

A razão da utilidade dos subsidios, de que a chimica fornece a physiologia, quando formulados pelos principios e condições de conveniencia expostos no precedente artigo, de sua natureza manifesta, não carece de commentarios. Comtudo não basta para reconhecer ao certo a dependencia intrinseca, que subordina completamente uma á outra; por cujo motivo se torna indispensavel entrar miudamente com este intuito na analyse departida dos serviços relevantes, com que se enriqueceu a physiologia, e campea ufana do grande cabedal de factos, e doutrinas despidas das vãs especulações de gabinete, mas repassadas d'aquelle character de verdade, que lhe imprime a observação e experienciencia, alheias a systemas e a preocupações.

Cumpra, pois, descer á individuação succinta dos dons recebidos sem entrar em minucias, que se não precisa de tanto; e, antes d'encetar o exame das funcções organicas, de necessidade releva indicar, ao menos ligeiramente, o respectivo aos principios immediatos, expondo quanto importa para 'num lance d'olhos, colher noções geraes do assumpto.

As conveniencias do estudo dos principios immediatos medem-se pela estimacção dos officios, que desempenham na economia. Ora, assim como os conhecimentos anatomicos habilitam para a comprehensão das funcções dos órgãos, assim tambem as noções adquiridas ácerca dos principios immediatos instruem para com proveito se prescrutarem os phenomenos mais intimos da vida, passados nos seios d'ella.

E se as lesões dos órgãos suppõem alteração no exercicio de seus actos, a noticia cabal das mudanças experimentadas em sua constituição anatomica, e das modificações de seus principios constituintes organicos, leva a adivinhar a natureza da affecção, e os meios de a corrigir, com o subido gráu de probabilidade, que de perto rasteje a verdade, até onde chegar a intelligencia humana, se não tocar na certeza.

O estado, portanto, apparente, ou dissimulado, constituição chimica e organica, e transformações naturaes, ou accidentaes, dos órgãos, tecidos, elementos anatomicos, e principios immediatos integrantes d'elles, são materia de grave momento, que muito importa á physiologia estudar.

Quando a chimica nos não esclarecera ácerca do estado e modificações da albumina, como se poderia attribuir-lhe os altos destinos para que a creou a vida? ou suspeitar, sequer, da existencia d'ella no sangue, por sua solubibilidade mantendo dissolvidos saes, e outros principios immediatos? tão disfarçada se vê pela fibrina incomparavelmente menos abundante!

Muito fóra para desejar, que seu progressivo aperfeioamento lhe concedesse foros de sciencia exacta, e podesse então ministrar ás subsidiadas amplas noções da mais alta transcendencia.

Até mais vêr, porém, é forçoso contentar com o que dá, e se não satisfaz ás necessidades, assaz de genuino presta ella, e quanto tem para dar, na esperança do que falta, e com promessa do que em perspectiva se antolha. Por em quanto a destrinçar difficuldades, resolvendo duvidas, das que entram nas attribuições do seu ministerio, não faz pouco: v. g. ácerca da existencia e estado real dos

principios immediatos no organismo, respectivamente ao modo como são obtidos exulados, diz-nos hoje melhor aconselhada, quaes e conforme subsistam na economia; por ex. albumina, fibrina, assucar, gordura, etc.

Vae mais longe; — demonstra os encargos organicos de cada um, e suas feições peculiares nas diversas phases do proprio desenvolvimento; — descobre, que de principios immediatos amorphos se formam os elementos anatomicos e tecidos organicos, e d'estes os orgãos, que diversificam em propriedades segundo a natureza dos principios integrantes, circumstancia que caracteriza os seres vivos; — indica o lugar de seu nascimento; como por ex., o acido pneumico no pulmão com destino á hematose, etc. etc.; — ensina, como se engendram nas secreções, nutrição e digestão, etc. mediante acções chemicas directas, ou indirectas — *catalyses isomericas de combinação* — na assimilação; e — *catalyses isomericas por desdobraimento* — na desassimilação, quer dos principios do sangue, quer dos orgãos; — revela, finalmente, que pela assimilação os tecidos os incorporam, dissolvendo-os, ou por directa união, transformados ou no estado preexistente, destruindo-lhes, porventura, aos definidos as tendencias a crystallisarem; e que pela desassimilação os convertem de indefinidos — amorphos em definidos — crystallinos, e como taes improprios á nutrição, se préviamente não forem de novo preparados na hematose, etc.

(Continúa)

F. O.

Connexão entre todas as artes e doutrinas (a).

Sciencia é uma série de principios, constituidos, por sua ordem genealogico-ideal, de modo, que os subsequentes estejam, em sua intensão e extensão, subordinados aos antecedentes. Doutrina é a sciencia deduzida methodicamente, para a facil comprehensão de seus principios. Arte é um complexo de regras, destinadas á consecução d'um fim, que se encontra, como um typo ideal, na esphera do exercicio physico ou moral da humanidade. A arte, portanto, é posterior á sciencia, porque ella é um modo da sua realisação práctica.

Se a arte e a doutrina não são mais, que

(a) Entre todas as artes e doutrinas ha duas especies de relações; a de principio, porque todas ellas partem de um mesmo tronco; e a de finalidade subjectiva, porque todas ellas conduzem ao mesmo fim — perfeição humana.

diversos aspectos, sob que se póde considerar a sciencia, é claro, que estão intimamente ligadas com ella, e *vice versa*; demais, como todos os conhecimentos humanos fluem d'uma unica fonte, que é a actividade humana, devem ter, necessariamente, o mesmo character primordial, e por isso estreita relação.

Distincto de todos os seres viventes, pela sua personalidade, o homem, é um ser dotado de razão e liberdade, e por isso o unico inclassificavel d'envolta com os outros seres; razão esta, em consequencia da qual alguns genios eminentes o têm collocado 'num reino particular e exclusivo — o hominal. Na personalidade, o ser humano, existe e se resume em sua unidade e totalidade: o *eu* é a sua expressão, e na unidade do *eu* se distinguem as tres faculdades — intelligencia, sentimento, e vontade, as quaes provêm d'uma unica primitiva e superior, que é a actividade humana. Estas faculdades, que se referem ao *eu*, e se estendem, em seguida, a todas as ordens de existencia, não se derivam, como querem alguns psychologos modernos, umas das outras; mas, pelo contrario, cada uma exprime uma relação particular, na qual o *eu* se acha com tudo o que existe. Entretanto que, na luz da consciencia e do pensamento, o *eu* comprehende todas as cousas distinctas entre si e d'elle, une-se a ellas, e as penetra pelo calor do sentimento, e se torna uma causa determinante e impulsiva para a vontade.

Estas tres faculdades, originariamente unidas no *eu*, e actuando simultaneamente, ainda que com differente intensidade, combinam-se para uma acção harmonica, a fim de que a vida espirital do homem, unica em sua fonte, appresente tambem unidade e harmonia na actividade interna e externa de todas as suas faculdades.

Do que levamos dito, se infere, que o homem, como ser dotado de razão e liberdade, se dirige sempre d'um modo unico e exclusivo, e, como elle tende a um fim determinado, é evidente, que os meios consecutivos são identicos, com relação ao mesmo fim. Mas quaes são estes meios? São, em geral, os conhecimentos, que elle possui, e cuja existencia prende, d'um lado, nos principios elementares da sua natureza, e d'outro, no fim a conseguir; por consequencia esses conhecimentos, ou as sciencias, doutrinas e artes, em virtude do papel que representam, têm entre si uma intima connexão. J. Machado Cabral e Castro.

(Continúa)

Recordações de Coimbra.

Continuação do numero 3.

III.

Oh! como é bom ser feliz.

A. HERCULANO.

Alvorçado o espirito com o desejo d'essa chimerica ventura, que não pôde encontrar no presente, real e positivo, a imaginação se perde assim nas seductoras veigas do passado.

Outras vezes é ao futuro que o mancebo vae demandar phantasmagorias, que lhe enlevem a mente! Então é sonhar palacios encantados, é conversar com fadas, em grutas de cristal, em que, por tapete, se pizam jasmims e violetas.

E o baixel das aspirações se deslisa guiado pela bussola de uma imaginação ardente, em procura do anhelado porto da satisfação, porto que, por um singular effeito de miragem inexplicavel, se vê sempre longe... muito longe; para o qual se caminha sempre, sem que seja possível alcançal-a jámais.

Eis o que é a vida de mancebo! Ora reproduzindo as impressões da infancia, ora creando phantasticas visões do porvir!...

No meio, porém, de tão delectosos extremos em que a mente despreendida das impressões physicas, se balouça entre estes dois reinos de fadas e de archanjos — lá se desdobra inflexivel o presente!

Doce e alegre para uns, é triste e acerbo para outros. Aquelles o gozo positivo da actualidade... a estes o irem mais vezes decaixar á sombra de recordações antigas, ou debaixo da folhagem vecejante, com que a arvore da esperanza lhe sorri, qual oasis de ameno frescor, no extremo do deserto!...

Tal é a vida do mancebo!...

Vivendo sempre mais fóra do presente do que na vida actual e positiva, recordando e anhelando, assim se escôa rapida essa doce quadra da existencial!...

(Continúa.)

A. M. da C. Bellem.

A ultima despedida.

Y eran los hijos sin padres
Sin casados las casadas,

ROMANCERO.

— Adeus, minha vida, adeus meu thesouro!

— Já partes? — É força. — Permite, meu bem,

Que a espada te aperte, flagello do mouro.

— Pois queres?... — Se quero! Consente. Que tem?

— No arnez, e nas chapas de ferro burnido

Magóas o seio. — Não sinto. Convem

Que a espada te cinjo, senhor meu marido,

Melhor que o teu pagem, melhor que ninguem.

— Convenho. — Não partes? — Não posso em teus braços:

A patria me chama, essa voz me detem.

— Pois fica. — Vil fico. Desata esses laços

Se a honra me presas, e a tua tambem.

É tanto? — A almenára já deu, ao sol posto

Signal de Agarenos nas serras d'além.

— Vai, parte, e desculpa! Que fogo em teu rosto!

Não podem render-te nem vinte, nem cem!

Partiu. Noite e dia no seu miradouro

A esposa procura se vê vir alguém.

Quebrara-se a espada, flagello do mouro,

Nas mãos de um cadaver. O esposo não vem!

1858.

M. L. (J.)

NO ALBUM DO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Antonio Martins Leorne.

Illustrissimo Senhor

Antonio Martins Leorne,

Quer então «que do seu Album

Uma pagina lhe adorne!...»

Ora gabo-lhe o descóco!

E se eu me fizesse mouco?!...

Forte praga é esta d'Albums!

Safa, que estou já cançado!...

É muito embirrar co'a gente!...

Sempre ha muito desalmado!...

O melhor é responder:

«Não senhor, não pôde ser.»

Sáio da cama ha dous mezes,

Escapo á febre amarella,

Não me tenho inda nas pernas,

Estou mesmo na espinela,

E aqui me vem outra vez

Apoquentar um fréguez.

E se eu recaír?!.. Não quero

Expôr a minha familia

A perder-me para sempre

Por causa de tal quezilia:

Fugite, Album funesto,

Eu te odeio, eu te detesto!...

Ahi ficam quatro estrophes

Que não valem dous reaes:

Por mais que roesse as unhas,

Não se pôde arranjar mais.

Sempre sou muito cortex;

Torne p'ra cá outra vez!...

Alexandre Magno de Castilho.

Das companhias.

Dize-me com quem vives, eu te direi os costames que tens.

São os proverbios axiomas das nações, de remotas eras firmados pelo assenso dos doutos como verdades infalliveis e incontrastaveis. O homem avalia-se pelas companhias, que frequenta... Razão, por que nada mais util, e proveitoso, ha para um mancebo, do que o uso das boas companhias, que sirvam de modelo de comportamento, de bons costumes, e de probidade.

A primeira faculdade do homem, que elle possui em summo gráu, é a da imitação. Sem proposito, nem tenção, impensadamente, é cópia viva das qualidades boas ou más, de quem toma para companheiros e amigos no tracto da vida.

A melhor indole está logo corrompida, e perde-se na convivencia dos devassos, não obstante aos instinctos naturaes repugnar a prevaricação, e desregramento dos costumes depravados. Ainda quando as maximas salutaes e sanctas, desde a infancia bebidas, apesar da educação attenta e cuidadosa de sabios e virtuosos mentôres, seja embora sã a doctrina, honrada a lição, esmerado o conselho, e docil, esperto, ávido o espirito do mancebo, boas as inclinações, angelico o genio, e character, deem-lhe os máus exemplos, despreze-se a escolha das companhias, e perdidos são os votos e trabalhos dos melhores pedagogos; perdido vae o fructo de tantos cuidados, sãe apedrado, combalido, e prestes é pôdre.

Aqui bate o ponto, aqui se topa com a raiz do mal, e se para todos os que affligem a humanidade houvera tão bom, como effizaz remedio, eterna seria a especie humana.

Não é, porém, á mocidade, que se deve deixar a escolha, mas aos directores aconselhar e guiar os subordinados.

As paixões vivas, ardentes; os vehementes desejos, que são attributo dos mancebos; a inconsideração, e a vaidade; a ignorancia, e a emulação: a pertinacia, e a precipitação; os impellem para quem de perdido unicamente cuida em lisongear as más acções dos inexperientes noveis; e lh'os entregam cegos, ingenuos e submissos, ás sugestões traiçoeiras de suas almas depravadas, e damnada malvadez.

Quantos sendo as esperanças e honra d'uma familia honesta, os encantos d'um pae extremo, alma e vida de carinhosa mãe, não vão, arrastados no turbilhão de desenfreadas paixões, mergulhar e atolar-se no lodaçal do vicio, onde perdem até os mais tenues sentimentos de seus deveres, e nem sequer á sua mente tresvariada lhes vislumbram fugitivos raios da luz da moral, e da religião!... E eil-os ficam para sempre perdidos, desgraçados; e nos fins da vida, a encarar com a morte, padecendo de contínuo acerbos remorsos, entregam 'numa ultima maldição seu cadaver aos vermes; porque a alma de ha muito está soffrendo os tormentos dos condemnados!

Extr.

F. O.

O tempo e seu emprego.

É uso muito recebido para o desenvolvimento de qualquer assumpto, principiar por alguma definição. O assumpto é, o que fica acima designado; já se vê, que se torna necessaria uma definição do tempo.

E como definirei eu o tempo? Se o tempo fóra uma cousa palpavel, e visivel, abrangendo partes, que podessem apprehender-se com as mãos, vêr-se, ouvir-se, e cheirar-se, teriamos um corpo, que poderíamos dizer curto, ou comprido, verde, ou amarello, harmonioso, ou inharmonico, odorifero, ou inodóro! Então como deverá definir-se o tempo, uma idéa abstracta, obra provavelmente dos sentidos internos, sem physica realidade, e quasi equivalente ao nada? Já de lado estou ouvindo, em tom magistral, e profundo, que, se esta proposição fóra verdadeira, então muitas outras cousas, que nem vemos, nem palpamos, equivaleriam ao nada. De vagar, meus senhores; longe de mim o scepticismo; tenho minhas crenças; não quero perdê-las, nem fazer estremecer as dos outros; não! não farei estremecer; pois quem sou eu, *nihil in rerum natura*, para obter um tal resultado?

O mais prudente é prescindir de semelhante definição; esta deliberação é util para encubrir-se tal, ou qual ignorancia sobre este objecto. Eternidade, tempo, annos, mezes, dias, horas, minutos, e segundos, (paremos aqui), constituem uma familia, muito unida, e participando, — que sei eu? da mesma natureza: demos isto, como uma série de realidades, que effectivamente são: nos calculos mathematicos abundam os membros de tal familia, cuja existencia, se não fósse verdadeira, de certo nelles se não mencionaria.

É portanto o tempo, independentemente de definição, uma realidade; isto será bastante; e assim fico desembaraçado do labyrinth, em que me precipitaria, se tentasse definir o que não sei, nem quero saber.

No presupposto d'uma realidade, todo o mundo diz, que o tempo está bom, que o tempo está máu, que está chuvoso, que está sêcco, frio, ou quente, e assim por diante; e como eu tambem pertenco ao mundo, farei côr com elle.

É por conseguinte o tempo uma realidade, meus senhores. Agora digámos alguma cousa do seu emprego. Sobre esta segunda parte ha tantas variantes, que é difficil pôl-as em ordem, por isso que cada um emprega o seu

tempo nisto, ou naquillo, conforme lhe apraz; uns estão sempre em movimento contínuo, em quanto dormem outros; uns tractam de enganar os outros, sendo elles muitas vezes os enganados; no jôgo perdem-se muitas horas, que seria necessario aproveitar; nas casas de Baccho, ou de Venus arrastam-se muitas existencias, que fóra justo conservar incolumes; a politica absorve muitas intelligencias; e em quanto d'esta se cuida, no meio de quantas paixões ella accarreta, desprezam-se outros cuidados, mais necessarios ao bem-estar de cada um; para muita gente são sagrados outros deveres, de cujo exercicio depende a commum felicidade: quando esta verdade entra bem no fundo d'alma, cada individuo practica, o que é justo e honesto, e apparece a prosperidade geral. Eis-aqui presentes muitas maneiras de empregar o tempo; e ha outras mais, que não se mencionam aqui, e que podem facilmente imaginar-se. O tempo, que bem se emprega, é origem de felicidade; do cumprimento de deveres resulta sempre um prazer, que mal pôde traduzir-se; a consciencia repousa, sem que venha perturbar-a o pezar de não se haver feito o que devia fazer-se. São isto idéas bem tangiveis; e quizera, que o fôssem para todos, porque assim seria o mundo melhor. Mas as cousas se passam d'esta fórmula? Emquanto se vir, que o vicio, e o crime campêam, que o roubo se perpetra, que a injustiça fere muitas vezes a probidade, e a innocencia, que a ambição desordenada atropella os objectos mais sanctos para conseguir um triumpho, que serve de deshonra, e que as paixões violentas, tumultuosas, e infrenes tractam de arrojarem no abysmo um homem, uma patria, uma nação, fazendo desaparecer do horizonte as auras d'uma regrada liberdade... oh! em quanto se vir tudo isto, e ainda muito mais, affirme-se sem trepidar, que o mundo assim não convem, e que o tempo tem só um emprego fúnebre.

Mas, vou apercebendo-me, que este razoado cheira a sermão de missão, para o que não tenho geito; epilogando o meu transumpto, resta-me confessar, que quiz definir o tempo, e que não soube defini-lo; resta-me tambem declarar, que mencionei varios modos de empregar o tempo; e assim preenchi, o que me propuz no pensamento.

Se na presença d'esta geringonça surgir algum Aristarcho, que soltando a voz do trovão exclame: «longe d'aqui, homem inepto; se não sabes, o que dizes, para que te collocas

no officio de scribléro?» Ó tu, quem quer que fores, que surges d'alguma catacumba, tem indulgencia comigo; eu já morri; e então por caridade, ou generoso esforço, *parce sepultis.* (Z.)

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 3.

II.

Arranjos de baile.

Deixemos o joven doutor atravessar os geraes e a via latina, embandeirados do classico loureiro, e tomar assento na sala dos capellos, que, em quanto se recitam as orações latinas, lardeadas de melodias harmoniosas de charameilla, vamos nós acompanhar o leitor ao Arco de Almedina, aonde se vae passar uma scena capaz de commover um coração de bronze!...

Não imaginem, porém, que ós vou levar a serem testemunhas dos prantos de D. Ignez aos pés de Afonso IV, ou a presenciarem o caso infando do Sob-ripas! a minha scena é talvez mais triste do que as sevicias dos Coelho e dos Pachecos, ou do que o delicto cruel de D. João no assassinio de sua espoza; é talvez mais triste, mas por um notavel effeito das idéas dominantes do seculo, em que não ha romançe, que não tenha a figurarem todas as classes da sociedade desde um Principe Rodolpho ou Monte-Christo até um Rolante ou Edmundo Dantés, a minha scena vae passar-se entre um estudante e um sapateiro!...

O sr. Ricardo Pereira de Aboim, matriculado no quarto anno da faculdade de direito, fôra dos ditosos contemplados na vespera com um cartão de convite para o baile; ou, para fallar com mais lisura, o nosso amigo tinha mettido agulhas por alfinetes, para alcançar o desejado convite. O infeliz porém não tinha trazido fato á futrica para Coimbra, e por consequente achava-se numa perfeita tortura, vendo aberto o paraizo, mas faltando-lhe as azas, com que podésse voar para elle.

Quem me ouvir dizer, que a falta de fato á futrica importava a falta de azas para poder voar, supportará, pelo menos, que o tal fato á futrica é alguma especie de vestido dos anjinhos de precissão, á tragica, com suas azas de pennas de pato, ou de gase branco, fingindo azas de mosca!... pois engana-se completamente. Na luza Athenas denomina-se fato á futrica tudo o que serve para vestir, e que

não seja a abbatina, desde a garotal jaleca á hespanhola de guizos e cordões, até á casaca aristocratica ou á democrata quinzena!...

Era uma d'estas *toilettes* de baile, que faltava ao nosso amigo!... mas resolvido qual novo Icaro, a arranjar as azas inda que pregadas com cera, tractou logo de pedir emprestada a um seu collega a casaca, que embóra lhe fugisse um pouco do corpo, o habilitava comtudo a entrar 'naquella terra de promissão chamada sala de baile.

O solícito filho de Themis arranjava, pelo mesmo meio, as calças, o colete, a camiza de bretanha e a gravata; mas oh! dór!... faltavam-lhe os sapatos!... e além da vergonha de os pedir emprestados, havendo-os sempre feitos á venda, nenhum dos rapazes da sua convivencia tinha sapatos, que lhe servissem e que podessem entrar impunemente 'numa sala do baile. O seu primeiro cuidado, portanto, apenas se levantou, foi sair em busca d'um meio para arranjar a unica peça de adorno, que lhe faltava.

Mas... dir-me-ha agora o leitor «que grande difficuldade póde haver em arranjar uns sapatos para ir ao baile quando muitos sapateiros da cidade os têm sempre feitos?...»

Ora ahí é que o leitor mostra a sua profundissima ignorancia de vida academica!... É preciso que elle saiba, que ha 'nesta terra uma coisa, chamada mezada, que só no primeiro do mez se recebe, e que, em se gastando, está acabada sem remissão!... Ora o nosso heroe já não tinha uma de *xis* de tal mezada de julho e tinha alcançado um adiantamento de parte de d'Agosto, a troco do modesto rebate de pinto por moeda; e assim estava, o que se diz, á divina!...

Acudirá agora o honrado pae de familias, «mas como tentava elle, sem dinheiro, arranjar sapatos? quem o não tem não vae a festas.»

Devagar! meu caro senhor! para vossa senhoria ou excellencia, que recebe as suas rendas, o seu soldo, o seu ordenado ou qualquer outra fonte de receita, e que tem o juizo prudencial necessario, para moderar as despesas, por isso mesmo que não tem appetites, que vão além d'esses rendimentos, não ha já-mais difficuldades em satisfazer esses caprichos, que tão pequeninos são: mas para o pobre estudante, limitado apenas aos tristes doze mil réis ou tres moedas no primeiro do mez, com trinta mil appetites, que a idade lhe dá, com o descuido, a *insouciance* do dia de amanhã, não acontece o mesmo: consome insensivel-

mente a mesada em insignificancias, ficando-lhe apenas o absolutamente indispensavel para os provimentos de bocca, e depois, quando se lhe appresenta um d'estes divertimentos honestos e legitimos, mas para o gozo dos quaes é mistér fazer uma despesa de 2:880, vê-se embaraçado como se viu o nosso Ricardo!...

Eil-o pois, que desce os dois lanços da sua estreita escada, e parte, da Rua dos Grillos, onde é situada a sua casa, até á Rua larga, indo á ventura em demanda do almejado par de sapatos.

Ao embocar na rua de S. João, deparou com Julio, seu condiscipulo e amigo, que, ao vel-o, exclamou — Oh! meu mandrião!... pois hoje, sendo feriado, madrugaste tanto!...

— Deixa-me, homem, que estou damnado.

— Aposto que se fôsse dia de aula havias de te levantar tão tarde, que te arriscasses a dar uma falta.

Isto lhe dizia Julio, agarrando-lhe pela ponta da capa, que elle tentava livrar das mãos do seu amigo.

— Não me apoquentes, larga-me que tenho que fazer!...

— Arranjos para o baile ein?

— Sim! — disse Ricardo exhalando um suspiro!

— Mandaste fazer casaca?

— Não — e exhalou outro suspiro.

— Que diabo!.. tu estás mysterioso!.. Dize-me o que tens.

— Se me perguntasses o que não tenho, dir-te-hia que era dinheiro; mas como queres saber o que tenho, responder-te-hei que é falta d'elle!..

— E é isso o que te faz estar assim tão macambuzio? — disse Julio, que, começando a interessar-se pela tristeza do seu amigo, lhe largara a capa e se collocara perfeitamente de frente d'elle.

— Se te parece, — respondeu Ricardo, — são estas horas e eu sem umas botas para ir ao baile!...

— Mas então não tens sapateiro freguez que te abone?

— Não — disse Ricardo com terceiro suspiro. Era este um dos dias mais apoquentados de sua vida! por falta de dinheiro não tinha nns sapatos e por falta de uns sapatos não ia ao baile!...

— Diabo!.. o meu sapateiro é o Albino, que é um honrado homem, mas bem sabes, que não tem calçado feito; senão a coisa arranjava-se... Mas... o teu correspondente?...

— Já me adeantou parte de mezada de Agosto e não me dá mais nem cinco réis!..

— Mas tenta sempre!..

— É baldado! hontem mandei-lhe pedir meia libra e negou-m'a absolutamente.

— E o Paulo?... porque não vaes tu ter com o Paulo?

Este Paulo é um pobre homem, que empresta dinheiro sem fiador a muita gente e que por conseguinte, apezar da exorbitancia do juro, é um optimo recurso 'nestes apertos, em que elle, para valer, precisa d'este ganho exagerado, que lhe contrabalance alguns desfalques, occasionados por uma coisa chamada *cães* em phrase academica.

— O Paulo já me não empresta nada. Ha dois mezes que lhe não pago juros de tres moedas, que lhe devo e por isso não tenho cara para lhe apparecer.

— Máo é isso! — retroquiu Julio com certo constangimento. — Eu se tivesses, acredita que te servia.

— Obrigado! — respondeu Ricardo, a quem tinha de repente saltado uma idèa luminosa; aquella desculpa de Julio talvez fôsse apenas um meio de se fazer pedir, era preciso tentar!.. mas como?

Ricardo olhou para o chão, mettu os dedos pelo cabello, assobiou por entre dentes um bocadinho da Traviata, em quanto que o seu interlocutor tirava do bolso da batina um cigarro e o embrulhava pausadamente!..

— Ora dize-me — rosnou por fim, com voz tremula, Ricardo, — querer-me-hias tu fazer um favor?

Ricardo parecia um réu que esperava a sentença de morte da bocca do juiz.

— Se poder — respondeu friamente Julio.

— Olha — lhe tornou aquelle — eu não sei a quem me hei de dirigir para arranjar o dinheiro que preciso... se tu m'o pedisses a algum dos teus companheiros...

— Hoje?.. a 18...? Estão todos nas quantidades negativas!..

Houve um pequeno silencio! Era mais uma esperança que se murchava.

— E tu?...

— Eu já te disse, que estou sem cheta... quando não...

Valha-me Deus... mas... outra coisa... não tens nada que me emprestes para metter no prego?...

— Ah! — exclamou Julio com profundo suspiro — não tenho nada absolutamente!

— E o teu relógio?

— Já lá está!...
 — E as pistolas?
 — Foram hontem.
 — E já não tens dinheiro?
 — Nem cinco réis, foi-se hontem mesmo todo na batota. Cheguei a ter de ganho trez libras, mas depois fui á gloria.

Era a ultima esperanza!...

Os sinos da Universidade começavam alegres os seus repiques, as seges de Coimbra, que só nestes dias se reúnem todas, começavam a saír do pateo, seguidas e precedidas por duzias de garotos, serventes, e criados, que, em sacos de damasco e bucelas de papelão, tambem de varias cores, levavam, para casa, capellos e borlas de seus amos.

A festa havia acabado!

Ricardo exclamou: — São onze horas e eu sem nada arranjado!... adeus!...

— Adeus — lhe disse Julio, — estimarei que arranjes o que queres.

E separaram-se. Ricardo tomou pela rua de S. João abaixo e Julio foi para o Jacob, almoçar a credito o modesto chá com torradas.

E nós que não vimos o capello!... Esperavamos que as orações latinas demorassem mais! paciencia... ficará isso para outra vez.

«Mas o encapellado, como dizes, já pronunciou o solemne juramento, já recebeu as insignias de doutor, e concluiu a cerimonia dos abraços, e tu privas-nos do gosto de ver a festa, prometendo levar-nos ao Arco de Almeida, e depois intertens-nos a ouvir o dialogo das miserias escolasticas!! São estas horas e a tragica scena de casa do sapateiro ainda não appareceu!!» (Reprehensão muita justa dos amaveis leitores).

Vamos immediatamente para lá!! E já lá podiamos estar se não fôsse o inesperado encontro com Julio. Elle é que tem a culpa!... Nós pensavamos, que duas orações enormes em latim davam tempo para tudo, mas dois estudantes sem dinheiro ainda gastam mais tempo a conjecturarem os meios de o alcançar!.. É questão vital!... têm desculpa.

(Continúa.) Um estudante

Agradecimento.

O Ex.^{mo} sr. Alexandre Magno de Castilho, um dos membros não menos illustres d'essa familia privilegiada, em que o talento é patrimonio, acabava de nos mimosear com a sua chistosa poesia, quando o distincto poeta o

Ex.^{mo} sr. José de Silva Mendes Leal, veio tambem socorrer a inopia da *Estrea* com uma poesia lindissima!... É nobre realmente a generosidade, com que estes ornamentos da litteratura patria se prestam a auxiliar uma empreza, em que a philantropia transluz a par do amor das letras, e em que se acha empenhada a vontade de mancebos, que, valendo pouco por si, têm implorado valimento, áquelles, que melhor os podem auxiliar.

Os nossos agradecimentos a estes dois illustres senhores, já pelos preciosos donativos com que nos mimosearam, já pelas delicadissimas e sobremodo lisongeiras cartas com que se dignaram honrar-nos, não encontram phrase bastante eloquente para os traduzir; e, consignando aqui o nosso reconhecimento aos eximios cultores das nossas glorias litterarias, cuja bondade nos anima a ousadia, atrevemo-nos a implorar-lhes, que uma e muitas vezes se lembrem da *Estrea*, com as suas dadas de inestimavel valor, que para ella serão as mais ricas perolas dos seus adornos.

As poesias, *Ultima despedida*, e *N'um album*, já hoje abrilhantam as paginas d'este jornal.

A. M. da Cunha Bellem.

CHARADA.

Juncto ao Minho tendo assento
 Sou estrada ou sou viella

De fá co' acompanhamento
 Quem não falla, falla n'ella

Se não queres cançar o miollo
 Tens o premio de premio não ter,
 «Nem ha premio que pague o consolo
 De dez horas na cama jazer.» C. B.

EXPLICAÇÃO DA ANTECEDENTE.

É quasi escusado dizer, que é — estudo.

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE.

Na pag. 2, col. 1.^a, lin. 29.^a, onde se lê — encobre — lea-se — encobriu.

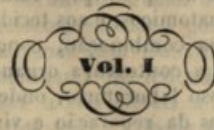
Na pag. 3, col. 1.^a, lin. 44.^a, onde se lê — dos solidos, pelo escalpelo — lea-se — dos solidos pelo escalpelo,

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 5

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - MAIO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 3.

Taes são, em resumo do quadro, as diversas questões, que têm agitado os histologistas, e physiologistas, em campos inteiramente oppositos.

O blasteme não se organisa, tomando directa e immediatamente a fórma, e natureza dos elementos anatomicos, que compõem o tecido, com que está em contacto. Mas será a cellula o elemento anatomico, que constantemente se fórma, o facto — principio de todas as transformações, que têm como resultado a formação de tecido identico ao já existente? Assim o julgamos, apesar da doutrina em contrario, professada por Mandl, e formulada do modo seguinte: « Ordinariamente a pretendida cellula não é mais do que um corpusculo solido. Se alguns tecidos se desenvolvem da metamorphose das cellulas, ou dos corpusculos, o maior numero depende incontestavelmente da condensação do blasteme em placas membraniformes, e da sua divisão longitudinal em fibras. » Esta doutrina é por Mandl applicada tanto ao desenvolvimento dos tecidos physiologicos, como pathologicos.

A formação livre da cellula no blasteme é facto averiguado em histologia; ainda que ultimamente Remack o negue, e Wirchow o julgue muito duvidoso. A formação endogene das cellulas, ou a multiplicação por scissão não são os unicos meios da sua origem. Se o plasma sanguineo é um blasteme, se a cellula é o primeiro gráu d'organisação, nada custa a conceber, que a cellula seja o facto — principio da formação dos diversos tecidos, e que appa-

reça antes que se formem elementos anatomicos d'ordem superior. F. A. Alves.

(Continúa.)

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 4.)

Propriedades d'outra ordem manifesta igualmente a chimica, quaes são os attributos vitaes — *dinamicos*; e então explica, como effectivamente cada principio immediato exulado, per si só, não tem representação vital; mas que o concurso de todos, combinados de modo vario, e reunidos em grupos de contextura enredada — *tecidos*, dão origem a substancias, que se *nutrem, desenvolvem, e reproduzem*, regenerando-se. E aqui contracteis, alli sensiveis; ora resistentes, fortes, compactas, duras, elasticas; ora friaveis, brandas, ócas, molles, inextensiveis, debaixo das mais adequadas fórmas, segundo lhes foi commettido pela natureza; abrem canaes, estendem membranas, fecham cavidades, debruam aberturas, foram paredes, revestem seios, enchem excavações, nivelam superficies, conformam feições, tecem e envolvem emaranhados parenchymas, prendem entre si partes distinctas, separam e limitam regiões diversas, e aggregadas em corpo unido, sustentam toda a machina, dando character typico ao individuo; e por fim distribuidas com admiravel concerto compõem orgãos, apparatus e systemas, e levantam essa complicada fabrica animal, com infinito artificio, e não menos subtil engenho, construida, na qual estão exemplificadas todas as leis da mechanica, e não falta nenhuma das leis da chimica, e da physica.

Eil-a, pois, em quadro resumido a descripção fiel das vitæes attribuições e modos inherentes aos principios immediatos, aos elementos anatomicos, e aos tecidos derivados, quando da sua combinação, congregante entre si, resulta a contextura organica: recondito, e tenebroso laboratorio, onde se preparam os materiaes da reparação e vivificação, com que se mantêm integro o regime dos orgãos, e onde se criam da maneira mais mysteriosa os elementos vitæes, aquella quinta essencia da vida, em que potencialmente se encerra uma geração inteira.

D'esta sorte se vêem os diversos e mui distinctos orgãos, cada um com seu uso privativo, convergindo ao mesmo fim commum, constituirem um amplo e anfractuoso aparelho, ao qual está encarregada função nobre e importante; v. g. o aparelho digestivo para a conversão dos alimentos em materia assimilavel — digestão, etc.; o aparelho respiratorio com todos seus accessorios para a sanguificação — *hematosa*, etc. etc.: funções compostas das elementares — *usos* — respectivas a cada orgão especial, ou a grupos d'elles, se tem acções synergicas e conformidade d'intentos.

Assim se vê um vasto tecido uniformemente canaliculado e disperso (que enredando-se de modo inextricavel, irradia d'um ponto central, e leva seus ramos á mais longinqua região do organismo) exercer unica e universal função, em que reside o grande poder vital — entidade indissolúvel do individuo; — e presente em toda a parte presidir aos mais insignificantes phenomenos da vida, a que subministra elementos de força e de substancia, indispensaveis para a efficacia dos actos vitæes; v. g. os systemas nervoso, e o sanguineo, etc.

Assim finalmente se vêem tecidos encorporados em massas homogeneas, comparativamente da mesma natureza intrinseca, mas distinctas; cada qual com seu exercicio funcional peculiar, porém em todas identico; satisfazendo separadamente ao seu empenho privativo, e combinando esforços reciprocos, como lhes é mister; concorrerem para a harmonia do todo complexo: v. g. o systema muscular, fibroso, osseo, etc.

Tudo estreitamente vinculado por aquelle nexo mystico, que prende as diversas partes d'esta confederação unida para o fim unico, a que conspiram associadas. E, abstrahndo dos phenomenos puramente vitæes, em que mais figura o systema nervoso, não consistirão estas influencias mutuas em meros actos chimicos

sui generis concernentes aos phenomenos de nutrição, e incidentalmente em actos physicos, acções endo e exosmicas, etc. se não fórem radicalmente provenientes de repetidas, poderosas, e insitas correntes electricas, talvez causa efficiente da excitação vital? F. O.

(Continúa.)

Com a maior delicia acabamos de lêr a obra intitulada *L'insecte*, ha pouco saída da imprensa franceza, e por toda a parte acolhida com o mais vivo interesse e acceitação. Logo concebemos a idéa de fazer de nossos leitores participantes no goso exquisito da leitura ao mesmo tempo tão amena e delectosa, quanto instructiva, vertendo em linguagem das breves paginas, assim recheadas de bons conceitos, como de sã doutrina, e encantadora eloquencia, os primores da sciencia offerecidos de modo, e em estylo o mais sympathico e attractivo.

Muito da graça original ha de perder a versão, que o enfeite da fórma desaparece no traslado das bellezas primitivas. Todavia o esforço, e diligencia, não poupados, se não copiam fielmente a elegancia da phrase, talvez conservem a elevação do pensamento, e a genuina expressão da idéa; e o fructo colhido, embora do aspecto se lhe não suspeite o sabor, não deixará de ser saudavel, delicado e grato ao paladar; e para mais apazivel, despedido de todo o amargor, de proposito se fugirá, ao que, por mais ingrato, fór méramente scientifico.

Imperceptíveis constructores do globo.

Por baixo, ao de cima, dentro, em derredor d'este mundo ha outro, de cuja existencia nem suspeitamos.

A momentos se ouve apenas brando murmuro, sussurrar ligeiro, a que d'insignificante se diz — *é quasi nada, não é nada*. Este *nada*, porém, é... o infinito.

Infinito — sim — da vida invisivel, silenciosa; mundo da noite, dos seios da terra e do oceano tenebroso; — invisiveis do ar, que aspiramos; invisiveis, que circulam desapercebidos d'envolta com nossos humores dentro de nós ..

Mundo immensamente poderoso, individual-

mente desprezível, mas, quando manifesto nas grandes revelações imprevistas, assombroso!

Recreia-se o navegante ao vêr de noite o oceano scintillando chispas, e a dançar coroado de fogo. Levado nas azas do vento o baixel percorre ligeiro dez, mais, muitas leguas; e a grinalda phosphorescente estende-se indefinidamente, move-se, estorce-se, enlaça-se embaraçada ao som do movimento das ondas. É uma como serpente monstruosa, que cresce, cresce, trinta leguas, a perder de vista, não acaba nunca... E tudo isto não passa d'uma dança phantastica d'animalculos imperceptíveis, em quantidade infinita de pasmar; e só se reconhece, então, est'outra natureza d'immenso poder, espantosamente rica, porém' estranha á natureza da vida superior regrada, e até certo ponto economica.

No seu organismo da maior simplicidade, representam já esboçados os mulluscos e insectos, e como que os preparam, profetizam-os. Estas miniaturas d'insectos, cujos simulam a organização, e contrafazem os movimentos, unicamente podem ser vistos mediante um forte microscopio.

Mas que vêm a ser estas creaturas entre os infimos minimos? Nem mais nem menos que os *constructores* do globo. De seus corpos e reliquias se formou o solo, que pizamos; suas conchas, apparentes ainda, ou já decompostas em grêda, constituem, na verdade, a base de grande parte da terra. O banco de gesso de Paris a Tours, estendido numa area de 50 leguas, a grêda pura, gesso d'Espanha, que geralmente se encontra por toda a parte, é o pó de sua casca. Os mais pequenos foram quem maiores cousas operou!

Em grande porção dos Apenninos, na Italia central, erigiram elles á sua memoria monumento bem superior ás pyramides do Egypto, e todavia mesquinho em comparação das enormes montanhas do Chili, prodigiosas cordilheiras dos Andes, que vem a seus pés o mundo, e á imaginação absorta offerecem moimento magnífico, em que este ser impalpavel, e quasi invisivel, sepultou os restos mortaes da sua especie extincta: — mundo d'outrora escondido na profundeza da vida; e na obscuridade do tempo debaixo do actual, excelso.

Que nos não diria elle, se lhe Deus concedêra fallar, e lhe permittira recordar, o que fez, e vae fazendo por nós!

Aquelles esboços d'animalculos, que com seu pó construíram a crosta do globo, admi-

ravel theatro da vida, quão justas reclamações nos não poderiam dirigir!

Em quanto ainda dormieis, diriam os imperceptiveis constructores, sosinhos por milhares d'annos, preparámos com trabalho incessante a terra, onde havia de fructificar o trigo, e florir a rosa; a nós deveis a vossa nutrição, e nós proprios temos sido os preparadores incançaveis da vossa cultura, e os architectos das vossas habitações!

Não foram por certo os grandes fosseis, rinocerontes, elephantes, mastodontes, que formaram o solo com suas ossadas. O solo é nosso, ou antes somos nós mesmos.

Tuas cidades, teus Louvres, teus Capitolios, de nossas reliquias se edificaram. O mais sublimem ramilhete da vida, no espumoso licôr, com que se espalha jovial alegria á terra inteira, porventura, não porvirá das collinas aridas, onde da poeira branca, em que nos desfizemos, a videira cresce, de nossas existencias passadas recuperando o calor dissimulado? Ampla seria a reclamação, impossivel a restituição! Estas myriades de mortos, nutrindo do seu calcareo os nossos alimentos, têm-se convertido na substancia nossa. O seixo durissimo, a aspera pederneira, viveu, e mantém vidas.

Que grande não foi o espanto na Europa ao descobrir Eremberg — professor de Berlim, que a pedra silicosa, singularmente dura, aspera, e quebradiça, que a tripole com que se pulem os metaes, era formada dos restos d'animalculos, cumulos de cascas d'*infusorios* d'extrema pequenez, e tal que para preencher o peso d'um grão são precisos 180 milhões de seres.

F. O.

(Continúa)

A Violeta.

a meu irmão.

Vêde-a aqui . . . 'sta tão viçosa!..
Como punge dolorosa
O peito na soledade!..
SOROR DOLORES.

Violeta, mimosa florinha,
Que d'encantos reunes sem par!...
És modesta e por isso mais bella,
Tens perfumes, que vem encantar.

Tens mil graças na côr delicada,
Tens primor, que eu não sei descrever;
Nem mais ouzo; perdôa, florinha,
A quem louca por ti quer morrer.

D. Marcia C. C. Zagallo.

A poesia é sem duvida a linguagem harmoniosa dos anjos, balbuciada e mal proferrida por mil profanos, que se hão esforçado por traduzir em palavras vulgares a expressão divina; mas que só o genio ou o sentimento lograram traduzir nas palavras dos homens.

No primeiro caso temos o poeta inspirado, no segundo temos a mulher.

E, sendo a mulher o verdadeiro anjo na terra, é ella melhor do que ninguem quem sabe moldar á phrase vulgar as harmonias angelicaes.

Escutae os melodiosos accentos da donzella de dezoito annos, ouvi-lhe essa ingenua confissão de sympathia, que offerta á florinha da sua predilecção.

Vêde com que admiravel tino a soube escolher singella, pura e recatada, como a sua alma: pensae na expressão do seu proprio sentimento quando lhe diz:

«És modesta e por isso mais bella»

sendo este de todos os encantos da florinha o primeiro, que impressionou a sua alma tão innocente e tão recatada; na soledade das affecções tumultuosas, como a violeta escondida e ignorada no seio do vergel de luxuriante vegetação.

Juntae a todos estes encantos que a donzella sabe moldar em coplas de melodiosa cadencia as harmonias de seus versos, e casar o som de sua voz argentina aos accentos magicos do piano e então ficareis tão extasiados com as duas estrofes, que acabaes de ler, como eu confeço que fiquei, quando tive este prazer pela primeira vez.

A. M. da Cunha Bellem.

Glosa em fórma de dialogo.

MOTE.

*Pergunta certa senhora,
Sem presumir mal algum,
Se um beijo na sexta feira
Fará perder o jejum.*

Padre Mestre aposentado,
Pergunto, e saber desejo
Se perde o jejum um beijo
Sendo á sexta feira dado?
«Eu no Larraga encontrado
«Não tenho o caso até agora;

«Porisso alguma demora...»
Padre não se cance muito;
Eu cá por mim não pergunto;
Pergunta certa senhora.

«Olhe, se ella o beijo deu
«Simpliciter, não peccou;
«Que a lei a ninguem tirou
«Poder de dar o que é seu.
«Comtudo, se fôra eu,
«Beijo não déra nenhum:
«Porém como deu só um,
«Não tem o jejum quebrado;
«E muito mais sendo dado
«Sem presumir mal algum.»

Porém o Padre Melgaço,
Que eu por cá seguido vejo,
Nos diz que um solido beijo
Sustenta mais que um abraço.
«Eu tal distincção não faço,
«Nem distincção verdadeira
«Acho, inda que dar-lh'a queira;
«Nem eu sei qual mais seria,
«Se um abraço em qualquer dia,
«Se um beijo na sexta feira.»

Logo pôde um beijo dar
Muito bem na sexta feira,
Qualquer senhora, ou freira,
Sem 'nisto o jejum quebrar?
«Póde, sim; mas sem formar
«Nesse instante gosto algum;
«Nem ha de dar mais do que um;
«Pois se deu mais, ou fez gosto,
«Como o beijo é já composto,
«Fará perder o jejum. . . .»

o Nauta.

Tu vaes, nauta aventurar-te,
Quando te arrojás ao mar,
Que em breve pôde tragar-te
Em teu fortuito lidar;
Vaes arrostar c'os barrocos,
C'os alcantis de cachopos,
Com o voraz tubarão;
Vaes sujeito a ser sepulto
Em profundo bosque inulto
De fria população.

Os peixes devoradores,
Que habitam valles sem fim,
Onde ha plantas de mil côres

Formando vasto jardim,
São outros riscos, que affrontas,
Das voragens sempre promptas
P'ra quanto possa sorver....
Não fallo, nem dos mais p'rigos,
Que corres sem ter abrigos,
Que te possam socorrer.

Que importa!!..., se de belleza

Um prodigio vaes gozar...
Da sublime natureza
O mais seductor brilhar?!!
As falésias perforadas
Por vagas desenfreadas,
O aureo surgir do sol,
Que ao murmuro perenne
Do cachão é mais solemne,
Que ao trinar do rouxinol?!!

Esses prados inundados
Sempre, sempre, a fluctuar,
Sargaços accumulados
Do norte no alto mar,
Contemplas nauta amestrado
Com teu olho exercitado

Ao passares por alli....
Mas aos encantos da scena
Não bastará minha perna....
Inda não cessam aqui!!...

Que inspiradora belleza,

Que pomposo fulgor!!...
Tem alli a natureza
N'uma noute de luar!...
O astro da noute amena
Manda por brisa serena
Os seus raios espargir
Là nas ondas argentinas,
Que até das proprias boninas
Supplantam meigo sorrir!...

Nem tem menos magestade

Do trovão o rebombar,
Em noute de tempestade
Do tufão o sibilar....
Da virgem que faz viagem
Ver bella, gentil imagem
Entre electrico clarão,
Vel-a triste, compungida
Proferir com voz tremida
A sua terna oração....

Queres, ó nauta, levar-me
Contemprar tanto fulgor,
Nas agoas a balouçar-me,

Encher-me todo de amor?...
D'esta viagem a meta
Será de Mantua o Poeta
Nos Elisios procurar,
Levando sómente a mira
De pedir-lhe a sua lyra
P'r'o Oceano cantar. T. P.

É com prazer que publicamos a poesia o
—Nauta— porque é ella a *estrea* poetica
d'um nosso collega o sr. T. P.

Se a nossa voz tivesse força e authorisação
sufficientes para encorajar o joven poeta nós o
exhortariamos a proseguir na carreira que com
felicidade estreou, e a que o nosso jornal se
vangloria de dar publicidade, por ser uma es-
treá litteraria e mais ainda por ser d'um mem-
bro da nossa corporação.

Prudencia Juvenil.

A astucia, de que se serviu o joven Papi-
rio, para illudir as indiscretas solicitações de
sua mãe, que pretendia saber o segredo de
que seu filho era sabedor, tem sido por dif-
ferentes vezes o objecto de louvores.

Eis-aqui o caso.

Seu pae, na qualidade de senador de Roma,
levou-o ao senado na occasião em que se dis-
cutia um objecto de transcendencia. O joven
Papirio ao voltar para casa foi por sua mãe
interrogado ácerca do que se tinha deliberado
no senado.

O mancebo respondeu, que a este respeito
nada podia divulgar; resposta esta que, como
facilmente se póde imaginar, augmentou a cu-
riosidade de sua mãe. Tendo-se tornado mais
impertinente, foi então que o filho para evi-
tar esta impertinencia e satisfazer-lhe a cu-
riosidade, disse, que o senado tinha discutido,
se porventura era mais conveniente para a re-
pública, que um homem fôsse casado com
duas mulheres, ou se a mulher devia ter dois
maridos.

A mulher do senador, ao saber esta noticia,
imediatamente foi communicar-a ás outras,
e no dia seguinte uma multidão de matronas
se dirigiu á porta do senado, exclamando com
grande alarido, que era mais conveniente o per-
mittir, que as mulheres tivessem dois maridos;
e que se admiravam de ser discutida uma tal
questão sem o voto das mulheres.

Tendo o senado ficado estupefacto, ao ouvir o pedido das mulheres, o joven Papirio levantou-se, e informou-o ácerca do expediente, de que uzara para illudir a curiosidade de sua mãe. Os senadores applaudiram-lhe a prudencia; mam resolveram que d'ahi em diante mancebo algum, salvo Papirio, fôsse admitido no senado.

Trad.

V. A.

Poderá ser absolvido um réu por se allegar em seu favor a mania instantanea?

Continuado do numero 3.

Dir-nos-hão, de certo, que a punição dos crimes não fica tão impossivel como queremos apparenal-o, porque o facto criminoso é precedido quasi sempre de preparatorios, e d'outros factos, que, uma vez abertos os debates, devem ser produzidos em juizo, taes como escriptos, conversações havidas com os cumplices, armas habituaes do delinquente etc.; assim estas provas, pois, levarão á evidencia a improcedencia da defeza do réu. Respondemos, sería assim se, havendo um tão excellente subterfugio, os criminosos procedessem da mesma maneira na perpetração dos seus intentos. É suppor, na verdade, muito pouco habil o homem, que, tendo uma tal excusa legal, se fôsse comprometter com a escolha de cumplices. De que serviria assalariar homens para alta noite arrombarem a porta d'uma habitação e assassinarem o seu dono, quando qualquer, que odeiasse outro, poderia, alto dia, na praça mais publica, dar-lhe um tiro, e excusar-se depois com a mania instantanea?

Dir-me-hão ainda, que lá está o tribunal para conhecer da vida do réu e do assassinado e verificar pelos interrogatorios das testemunhas se haveria ou não inimizade entre os dois. Ainda repetiremos: o criminoso seguiria em tudo uma estrada nova, far-se-hia amigo da sua victima... dar-lhe-hia, algum tempo, provas da maior amizade, e um dia perpetraria o crime, achando em logar da justiça para o castigar, a voz pública para o lamentar, por haver morto o seu melhor amigo. Dir-me-hão ainda que taes actos serão forçosamente reconhecidos, como filhos de mania, quando a sua victima fôr um ente, contra quem se não possa suspeitar odio, ou mesmo inimizade, v. g. uma creança. E quem nos diz, que o malvado não quiz vingarse no filho do odio, que vota ao pae? quem ignora

que o pae quer antes, muitas vezes, a propria morte do que a d'um filho estremeado?

E se deixar-mos os crimes d'assassinios, e considerarmos, por exemplo, os furtos, os estupros, os incendios, etc. força será renunciar a punir réos d'esses crimes, porque, salvas raras excoepções, a premeditação jámais se poderia provar, e os réos seriam sempre postos em liberdade.

Ha pouco saímos d'um tribunal, depois de ouvirmos pronunciar uma sentença de degredo contra um réo criminoso de furto: o accusado achava-se em casa do roubado, trabalhando em seu serviço; viu ao seu alcance algumas libras de que lançou mão.

Onde havia a premeditação d'este crime? nada a provava, nem de tal se occupou o juiz ou o jury, porque effectivamente a verdade ressaltava dos factos, e os factos eram, que tal premeditação não houvera. Este homem entregou o dinheiro ao roubado, logo que foi preso, e, se a mania instantanea fôsse admitida como prova, tel-a-hia allegado e não iria soffrer agora a pena de degredo.

O mesmo dizemos dos estupros, e o mesmo dizemos de todos os crimes, que, tendo por principio um desejo violento, que pôde nascer d'um momento para o outro, ficariam fóra da esphera da acção da justiça, como acções procedentes d'uma mania instantanea. A paixão e o capricho arvorar-se-hiam em primeiro movel das nossas acções, e não encontrariam no coração do homem, onde a honra foi proscrita, o temor salutar da justiça e do castigo. Seriam apanhados unicamente e soffreriam as penas da lei os ignorantes ou estupidos, que não soubessem simular, ou negar audazmente, e, além dos males apontados accrescia ainda este; porque os maiores criminosos, que são em regra homens de talento e acção, ficariam sempre impunes, emquanto que a lei viria só a castigar pobres ratoneiros, ou criminosos vulgares.

Nem pareçam exaggeradas as consequencias, que attribuímos a ser tal excusa sancionada por lei, todos sabem, que, sendo a embriaguez considerada como circumstancia atenuante, a maior parte dos criminosos para ella appellam nas suas defesas, quando não podem negar as provas, que os constituem réos d'um crime: e note-se, que, se neste caso, elles não duvidam carregar com a nota de immoralidade, que a embriaguez sobre elles traz, para fugirem ao castigo; o que sería se podessem allegar em seu favor uma causa, que

os deixa ficar puros aos olhos da sociedade?

Se pois a mania instantanea não é facto incontestado aos olhos da sciencia, e se a mesma admissão como causa excusatoria do crime só trazia os maiores males á sociedade, entendemos, que ella nunca deve alliviar o réo da criminalidade, com que os factos o fazem réo; se porém um indicio, leve mesmo que seja, poder pôr em duvida a sanidade mental do author do crime, sendo esse indicio comprovado pelo testemunho dos peritos, a hypothese varia e o réo deve ser isento de toda a culpabilidade, porque só entes no uso pleno de suas faculdades podem ser responsaveis por suas acções.

Assim e só assim a justiça criminal poderá satisfazer a pesada e difficil tarefa, que sobre ella pesa, sendo justa sem ser cruel e assegurando a paz e tranquillidade aos cidadãos sem fazer gemer desgraçados sob penas immerecidas e deseguaes.

C. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 4.

III.

Em casa do sapateiro.

A necessidade é a mestra da vida, e Ricardo achava-se inspirado por ella, e porisso dava tractos ao miollo para descobrir algum modo de cortar este nó gordio, em que se achava empenhado o seu amor proprio de janota, o seu desejo de rapaz e a sua merecida fama de espirito inventivo para sair de apuros como este.

Ricardo levava um plano!... Certo cão antigo lhe vedava a entrada na loja de mestre Leonel. O Honorio tambem não estaria muito resolvido a fiar-lhe depois d'um miseravel biquito d'umas meias sollas; era portanto preciso ir além da Taporbana mendigar um porto desconhecido: e como era quasi certo que só sapateiro de luxo lhe fariá assim pela primeira vez, resolveu-se a ir aportar á loja de mestre Ignacio no Arco d'Almedina.

Mestre Ignacio era mina ainda não explorada e que porisso dava algumas esperanças de bom resultado ao nosso heroe. Eil-o que chega tremulo de indecisão á porta da loja e pergunta negligentemente a um official. — O mestre está em casa?

— Está sim senhor.

— Póde-se-lhe fallar? — e Ricardo entrou para dentro da loja, comprimindo o coração, que lhe pulsava com mais violencia, do que se estivesse ao pé d'uma gentil donzella.

— Ó! mestre faz favor!... procuram-o aqui, gritou o official.

O momento terrivel aproximava-se: o sr. Ignacio acabava de entrar na loja com aquelle sorriso d'um commerciante de Coimbra, que esperava vender por dois tostões mais caro do justo valor, um por ser para estudante, e outro por ver que havia urgencia na compra.

Disculpe-me a classe commerciante este arrote de sinceridade, com que se não deve offender, porque é a expressão genuina da verdade.

A segunda parte da minha asserção é generica. No commercio como na politica não ha paes por filhos nem filhos por paes, e até se costuma dizer « *amigos, amigos, negocios á parte.* » O negociante vê a occasião de vender bem, aproveita-a instinctivamente, ainda que seja o comprador o seu maior amigo, aquelle a quem elle proprio, em acabando o contracto, abria a sua bolsa e prestaria os maiores serviços.

Então!... a cada um a sua devisa!

Emquanto á primeira parte é privativa de Coimbra. Os filhos de mercurio vendem sempre mais caro aos filhos de minerva do que a outros quaesquer.

Scismei com a razão d'isto, até que uma vez ouvi dizer a um negociante, que aos rapazes se devia vender mais caro, porque era dar-lhe uma util applicação ao dinheiro superfluo, que se iria empregar em cousas mais prejudiciaes, ou menos proveitosas, como batota, licores e bilhar.

Admirei a metaphysica, e concordei!...

Acabada esta digressão justificativa, voltemos á scena palpitante.

Mestre Ignacio cumprimentou, pois, Ricardo com um leve aceno de cabeça, a que este respondeu com outro mais cordeal.

— Diga-me, tem calçado feito, que possa servir para o baile?

— Alguem ha ahí, sim senhor.

— Póde-se provar?

Mestre Ignacio foi correndo as vidraças, onde estava espalhado o calçado e Ricardo, descalçando o já encabichado sapato e a descalcanhada meia preta, dispôr-se á operação.

— Isto é o diabo!... ter de comprar calçado feito!... mas o Albino faltou-me com as botas.

— Veja estas se lhe servem — disse com phlegma glacial o impassivel sapateiro.

— Estão largas — replicou Ricardo, que buscava o momento opportuno de atacar o mestre. — Estão muito largas! Isto é a fortuna! comprar obra feita, nunca assenta bem, mas aquelle diacho do Albino faltou-me.

A tão decantada falta do Albino era uma piedosa mentira, como o leitor sabe muito bem.

— E estas? — volveu o sapateiro!...

— Não entram!... Maldito Albino!... vou-o deixar, fica-lhe sempre o calçado desairoso!... estas botinhas estão muito mais airosas, vou ser seu freguez!...

— Estas agora entram por força.

E effectivamente entravam, e ficavam uma luva!...

Ricardo sem mostrar dar grande attenção a esta circumstancia, que muito o preocupava continuou: — Tambem tenho aturado o Albino, porque é um homem, que espera por o dinheiro quando o não ha.

Vê-se agora para que servia a mentira. Cabia aqui perfeitamente um offerecimento da parte do sapateiro, mas elle não o fez e Ricardo proseguiu.

— Por exemplo: agora tinha ajustado pagar-lhe as botas só no fim do mez e falta-me com ellas! se eu fôsse freguez d'outro não me faltava e esperava-me tambem pelo dinheiro.

Não havia nada mais claro!... porém mestre Ignacio olhava attentamente para as botas que, o nosso amigo acabava de calçar dizendo com grande intimativa. — Estas estão-lhe muito bem!...

— Estão! estão! e eu fico com ellas!... mas tenho ainda de ir á Calçada ver se arranjo dinheiro para lh'as pagar, porque o não trago aqui — disse Ricardo, que se não podia resolver a descalçar as botas.

— Sim senhor! — retorquiu estupidamente o rei do serol. O bruto a nada se movia!... quando elle não offereceu n'aquella occasião estava claro que não era capaz de offerecer!... mas o nosso Ricardo, que tambem não era homem capaz de succumbir tão depressa resolveu dar ataque decisivo. Todavia não teve coragem de ouvir cara a cara a resposta fatal, porisso descalçou pausadamente as botas novas e enfiou nos pés os vetustos sapatos, que trazia; comprimindo-se-lhe o coração ao dilatarem-se-lhe, n'aquellas duas barcas, os pés acostumados já á doce compressão do calçado novo.

— Adeus, mestre, até já — disse elle ao sair da loja.

— Viva, meu senhor.

Esta scena tinha sido dolorosissima para Ri-

cardo: nem sei mesmo, se durante ella lhe embranqueceram os cabellos, como a Maria Antonietta na vespera do supplicio; mas o que sei é que o pobre estava em torturas, e de bom grado daria o respeitavel par de orelhas, que lhe adornavam as bochechas, em troca do almejadissimo par de botas. Ao perder a ultima esperanza quasi que chorou, e se por vergonha o não fez, comtudo a voz resentiu-se do esforço, que empregara para reter as lagrimas O réo que sentado já no alto do patibulo, com a pouco sympathica figura do carrasco aos hombros, faz as suas despedidas ao respeitavel público, não titubiará mais, que Ricardo, ao implorar indirectamente a commiseração de mestre Ignacio com a piedosa bota da falta das botas de mestre Albino.

Infelizmente porém tinha sido debalde todo aquelle sacrificio de dolorosa provação e se o seu talento não arranjar novas artes, está-nos palpitando que não irá ao baile! Veremos.

O leitor ainda tem tempo de se ir preparar para a noite, antes que o nosso heroe chegue a arranjar umas botas. Se arranjar.

(Continúa.)

Um estudante

EXPEDIENTE.

Agradecemos a todos os jornaes, tanto politicos como litterarios, que se dignaram saudar tão lisongeiramente a apparição da *Estréa*, e bem assim aos que nos honraram, trocando as suas acreditadas folhas pela nossa; e a nosso turno saudamos o Viannense, a Liberdade e o Independente cujos numeros temos tido o gosto de receber. Recebemos egualmente o bem elaborado relatorio da gerencia municipal de Coimbra, que o seu illustrado author, o ex.^{mo} sr. D.^o Costa Simões, nos fez a honra de nos offerecer. E aqui tributamos a sua excellencia os nossos sinceros elogios pela perfeição da obra, e os nossos respeitosos agradecimentos pela consideração que nos deu — enviando-nol-a.

Explicação da charada de numero antecedente —
Cabula.

Rectificação á errata do num. 4, pag. 8, lin. 40.^a, não é encobriu — mas sim — encobrem.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 6

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 — MAIO — 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem. Agradece-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mes.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, *gratis*.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

-aos Nossos Assignantes.

Com este numero acaba o primeiro trimestre da *Estrêa litteraria*, e com elle a maior parte das suas assignaturas.

A nós, com prazer nos incumbe dirigirmos os nossos sinceros agradecimentos, não só aos muitos assignantes das provincias, que, pela maior parte, não temos o gosto de conhecer, mas tambem aos nossos collegas, a todo o corpo docente da Universidade, e a alguns cavalheiros d'esta terra, a que offerecemos o 1.º numero do nosso jornal, pois a todos nos compete agora tributar os votos da mais profunda gratidão!

Mas a missão da *Estrêa* ainda não está concluída, — a grande obra, que ella intentou levar ao cabo, teria de ficar incompleta, se vós lhe retirasseis a vossa protecção!...

Todavia a confiança anima-nos, e, fortalecidos pela esperanza de que nenhum de vós abandonará a gloriosa empreza, para que uma vez concorreu, nós continuaremos a publicar o nosso jornal, que, se, apesar dos esforços empregados, não poder agradar como publicação litteraria, a todos será grato pelo fim grandioso a que se propoz.

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 4.

Não investigaremos qual o modo como tem

logar a formação livre das cellulas no cyto-blasteme, por ser objecto alheio do nosso fim, além da obscuridade de que se acha revestido.

Representará acaso o nucleo o papel de cyto-blaste, e será condição essencial da formação da cellula, segundo querem Schleiden, e Schwann?

Nascerá simultaneamente a cellula e o nucleo? e o apparecimento isolado d'este deixará de representar repetidas vezes o germe d'uma cellula?

Esta ultima hypothese está mais conforme aos factos.

Ha cellulas sem nucleos; o proprio Schwann o confessa em relação á corda dorsal dos peixes; Robin o confirma, e do mesmo modo Lebert e Reichert.

Se o nucleo precede algumas vezes a cellula, e é o cyto-blaste, como obra elle na formação da cellula?

Será por uma attracção exercida sobre as moleculas, que o rodeam, promovendo uma especie de *crystallisação* de *substancias organicas*, como lhe chama Schwann; ou determinará o nucleo acções chemicas, cujo resultado é a formação d'uma membrana devida á excreção d'uma substancia coagulavel preparada dentro do nucleo, ou á acção d'esta substancia sobre compostos proteicos do cyto-blasteme, produzindo a sua coagulação, ou finalmente o nucleo, tirando ás substancias albuminosas o alcali, que as tem em dissolução, as tornará insoluveis?

No estado actual da sciencia é impossivel decidir qual das hypotheses reúne o maior numero de probabilidades.

F. A. Alves.

(Continúa.)

Origem das leis da amortização.

Corpos de mão morta.

La science n'est qu'une monnaie, qu'on se
passe avec confiance de main en main.

RATTIER.

Inſucti diſcant, et ament meminisse periti.

Houve um tempo, em que os rendimentos da Igreja apenas consistiam nas *oblações*, que a piedade dos fieis lhe fazia, para sustentação do culto e seus ministros.

Todos sabem das cruéis perseguições, que nos primeiros tempos do seu estabelecimento soffreu o christianismo, e se continuaram durante o longo espaço de mais de 300 annos.

A religião de Jesus Christo baixára do céu á terra, a libertar o homem do cativeiro da culpa, e acabar com os erros e absurdos do polytheísmo, que, á excepção dos judeus; se arraigára havia seculos no coração dos antigos povos, especialmente dos romanos. Apesar porém de trazer impresso na fronte o sello da divindade: apezar de ser a filha do Dezejado das nações, do Messias prometido; a religião christã todavia não foi logo por todos abraçada, como o devia ser aquella, que vinha regenerar o mundo, e ligar com um nó insolúvel a terra ao céu, os homens a Deus. Tal era o brilho e esplendor da luz da verdade, que parece deslumbrara os espiritos! É que os antigos habitos, costumes, e instituições dos povos, corroboradas pelo decorrer dos seculos, jámais poderão ser d'um só jacto derrocadas do solio, em que as firmou a enrugada mão do tempo: e a religião christã formava a antithese perfeita do polytheísmo, oppondo á falsa *pluralidade dos Deuses* a verdadeira *unidade divina*: aos prazeres e commodidades da vida, por elle offercidas, o combate das paixões, a humildade, o soffrimento, o perdão das injurias, o sacrificio... exigindo em summa o difficil, mas não menos glorioso triumpho do espirito sobre a materia.

Soou pois contra ella o grito de guerra. O amphitheatro parecia vergar com o peso da multidão, que, mostrando uma alegria, por assim dizer, selvagem, via em breve rasgados pelas feras os membros d'aquelles, que, abandonando antigos erros, e cultos ridiculos, se haviam voltado para o estandarte da nova religião: e correu finalmente, rociando-lhes as palmas do triumpho, o glorioso sangue de milhares de martyres, cujas vozes derradeiras

ainda hoje parecem ecoar a nossos ouvidos, attestando a divindade da religião christã.

Uma época porém mais feliz raiou alfim para o christianismo. O anno de 325 viu subir Constantino Magno ao trono de seus antepassados: e foi, como se sabe, este principe christão, que a historia nos mostra dotado de innumeradas virtudes, e verdadeiramente grande na gloria militar, não deixando todavia de imputar-lhe em parte a queda do imperio, pela mudança da corte de Roma para Byzancio, foi, digo, este principe quem deu a paz aos christãos: paz, que depois foi algumas vezes perturbada, como aconteceu em 361, sob o imperio de Juliano apostata, que excluiu os christãos da cultura das *bellas artes*, e do accesso ás honras; e no anno de 364, em que appareceu a seita Arriana, favorecida pelo imperador Valente, a quem seu irmão Valentiniano commettera o imperio do oriente, reservando para si o do occidente.

(Continúa.)

A. M. V. da Costa Ribeiro.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

(Continuado do n.º 4.)

Opiniões dos philosophos gregos a este respeito.

Não remontamos, em nossos estudos, a mais velhas edades, porque estamos convencidos, de que os conhecimentos havidos nos paizes, que, em seu desenvolvimento, antecederam a Grecia, são mui pouco importantes para o nosso fim; visto que lhes falta o character verdadeiramente philosophico.

Principiamos pois pela doutrina dos philosophos gregos, que marcam fielmente a epocha, de que data a philosophia, verdadeiramente tal.

O primeiro philosopho grego, que se offerce á nossa contemplação, e que foi, talvez, o primeiro, que observou, que todas as sciencias se prendiam entre si, como por um certo parentesco, foi Platão, natural de Egina, que floresceu pelos annos 430 antes de Christo. Como a primeira aurora litteraria da Grecia, o discipulo de Socrates, teve d'arrostar com as idéas e preconceitos de seus antecessores, ainda bem pouco investigadores.

Com effeito, o genio ardente d'este philosopho levou-o a ponto de poder, facilmente, conhecer a extensão do circulo, em que actúa

toda a força metaphysica do homem, como se deduz dos seus escriptos, politicos e psychologicos.

A cremos a auctoridade de Thomaz, não devemos admirar o epitheto de — divino, que a antiguidade e o modernismo illustrado lhe tem conferido.

Platão, reconhecendo e classificando as faculdades do homem, segundo as suas mais estreitas relações, e considerando as sciencias, como productos d'essas faculdades, não duvidou reconhecer entre elles a mesma relação, que descobria nas faculdades: este principio, formulado e apreciado por este insigne philosopho, foi seguido, ampliado e desenvolvido pelos academicos, ou sectarios da sua eschola.

(Continúa.) J. Machado Cabral e Castro.

A pitada inspiradora,

Miscellanea.

L'homme, après avoir embrassé tout le passé, et souffert dans le présent, s'arrête aux limites de l'avenir, et regarde. Derrière lui il a des ruines, autour de lui la confusion, devant lui des ténèbres.

CESAR CANTU. — Histoire Universelle.

Assumptos ha de sobejo para sobre elles se escrever, mas poucos gratos ao paladar de quem escreve, e dos leitores; uns scientificos, para cujos espinhos nem toda a gente está habilitada, quando queira lêl-os; outros, embrulhados nos mysterios da politica, com que grande parte do mundo se enfastia: ha além d'estes alguns triviaes, com os quaes ninguem se compromette, e que, quando não excitam dôr, ou prazer, podem ao menos produzir tal enojo, de que não resulte, nem bem, nem mal.

Na presença d'estas difficuldades o homem destinado a escrever, seja qual fôr o motivo, que a isso o determine, suspende-se, hesita, e não sabe como airosamente se escapará pela tangente; tóma então uma pitada, revolve o arsenal da intelligencia, e um pouco inspirado se arremessa aos mares, ora bravios, ora bonançosos, d'uma variada miscellanea. A discripção d'essas inconstantes, e turbulentas vagas roça o misero, ora os astros, ora os abysmos, se a providencia não decreta, que inteiramente naufrague.

D'este preliminar se deduz o embarço,

com que luto; sair d'elle com decencia excede as minhas forças: agarrar-me-hei ao primeiro cachopo, que occorrer, e será elle a minha táboa de salvação; vamos á obra; diga-se pouco, para não se grangear fastio; *brevis esto et placebis*. Tenho em perspectiva ruinas do tempo passado, a confusão do presente, e as trévas do futuro.

Antes da existencia de muito opulentas cidades, taes foram Heliópolis, Balbek, Palmira, Persépolis, Thebas de cem portas, Memphis, e outras, muitos seculos antes do christianismo as precederam, em que as gerações adamicas representaram o seu papel no mundo.

Os homens da natureza, vagando nómades sobre a terra, nutrindo-se do parco alimento, que esta lhes fornecia, expostos ás intempereanças atmosphericas, viveram vida anómala, antes que se constituissem em sociedade. A caça, a pesca, a pastoreação foram-lhes meios de existencia. Surgiu a pequena sociedade, que dirigia o chefe de familia; seguiram-se depois as tribus, as nações, e os imperios, cujos destinos foram confiados a superiores chefes, a Reis, a Imperadores. Apareceu a opulencia, e com ella o cortejo de sinistras paixões, e de poucas virtudes. A ambição provocou a guerra; da guerra brotou o exterminio a destruição, a morte. A severa historia commémora ainda as atrocidades d'um Gengiskan, d'um Tamerlão, d'um Alexandre, e d'outros muitos, que os imitaram.

No melancholico horizonte, depois de immensas desolações, raiou uma luz divina, que veio diminuir tanto obscurantismo. Os homens, a quem attingiu tão bemfeitor clarão, tornaram-se melhores. As crenças antigas de principios religiosos, então adoptadas, cederam ás verdades do christianismo: se ainda não teve logar um completo triumpho, uma inteira conquista, os tempos, que devem surgir, apresentarão finalmente esse feliz resultado.

Mas que são hoje esses imperios do mundo, que floresceram outr'ora? Que são hoje essas republicas de Spartha, de Roma, e de Carthago, cuja fama ainda resoa terrivelmente? Aonde existem esses conspicuos heróes, que a ferro, e a fogo fizeram a conquista do nosso globo? Por ahi estão os tumulos abertos, aonde poderão ver-se as ossadas de tantos assassinos da raça humana. Eisaqui as ruinas do tempo passado; sentado sobre ellas póde o amator de antiguidades descobrir com horror os crimes d'outras eras; são taes ruinas, as que ainda nos contristam; lancemos sobre ellas o

manto do esquecimento; e finde aqui o ligeiro quadro, que apenas ouzei palpar.

Que deverei dizer da confusão do tempo presente? Os olhos se afastam do espectáculo, que se nos antolha. Porventura se apresentam acontecimentos novos? Não será tudo, quanto hoje se observa, uma renovação das cousas, que já passaram? Não se avista a ambição com todas as suas furias, caminhando sempre para o complemento de seus projectos? Não se descobre além a vingança, insaciavel de odios homicidas? A guerra de todos os tempos transactos é a guerra, que devora a geração presente; as mesmas paixões, as mesmas iniquidades, que foram em algum dia.

Por que me canço em descrever, o que ninguém ignora? Eu vou separar-me d'um assumpto, cuja só lembrança me contrista, e me faz estremecer; ninguém estranhe, que sobre elle corra o véu do esquecimento. Esquecimento, divindade tutellar, que adoças as immensas amarguras, satélites da existencia humana, sobre tuas sagradas aras meus sinceros votos deposito!

Que resta emfim do meu transumpto? Oh! cercam-me as trevas do futuro. Ennevoado se apresenta com a physionomia do passado. Quem, sem ser animado de espirito prophético, poderá rasgar as dobras de seus negros crépes? Mas no vestibulo de seu templo tem morada a esperança; esta comigo identificada me rarea um pouco essas trevas, cuja negrura espanta o homem, ainda o mais atrevido. A esperança, a unica consolação, que resta ao mortal desgraçado, sabe aplanar os escabrosos trilhos da existencia; a esperança, filha d'uma justa providencia, é o benefico santélmo, que apparece no meio das tormentas ao desesperado navegante. Nas borrascas, ou nas difficeis vicissitudes d'uma vida infeliz é ella o anjo protector, que nos salva do abysmo, a que o infortunio ouza arrojar-nos.

Páro aqui, porque a força das cousas assim o exige, e porque a pitada inspiradora cessou de produzir os seus effeitos. Progredir ácerca de taes objectos fóra temeridade; e a temeridade não assenta bem nos meus habitos, no meu temperamento, o qual conheço mais pela práctica, do que por idéas theoricas, que d'elle tenha. Se alguma vez tornar a occupar-me de miscellanea, tornarei a sorver mais copiosa pitada, e talvez então serei inspirado de maneira, que promova melhor a satisfação, de quem a ler.

Isto de miscellanea tem sido passatempo de

graves, e judiciosos escriptores; que o diga Chateaubriand, que o diga Adisson, e companhia, que no seu *Espectador* disse cousas tão agradaveis, que ainda hoje talvez façam as delicias da nação ingleza. Eu amo este genero de escriptura; e se algum houver, que lhe faça carêtas, tempére-o primeiro com algum outro acipipe, que lhe dissipe a nausea, que elle possa produzir. Disse. (Z.)

Le 9 Mal.

Porque murió para el placer mi alma?
ESPRONCEDA.

Comme aux saules de la rive
Chuchote le doux zephyr,
Ainsi dans mon coeur arrive
La brise d'un souvenir!...

Souvenir de mon enfance
À la fois doux et cruel
Des regrets de ma jouissance,
De mon chagrin éternel.

Oh! je rappelle cet âge,
Où libre de tout souci,
Je m'amusais au bocage,
De mon bonheur ébloui!...

Et ma mère en sa tendresse
Me caressait en souriant;
Enivrant, dans sa caresse,
Mon coeur de joie bondissant.

Mais la mort, sourde a ma prière,
A félé mon pauvre coeur;
Et de sa faux meurtrière
Moissonna tout mon bonheur!

Son haleine éteint la flamme
De mon étoile d'amour!...
Et, en la perdant, mon âme
Fut orpheline à toujours!...

Ma mère!... si de tes charmes
Je n'aurai plus la douceur,
La joie de verser des larmes
Fera seule mon bonheur!... A.

Amor-proprio e amor.

Foi durante os mais brilhantes dias da re-

publica de Venesa, quando o seu poder se achava no maior auge, bem como as artes, que a tornaram semelhante aos mais estados da Italia, em todo o mundo celebre pelas maravilhas, que tem produsido não só em poesia e pintura como tambem em musica; que Paulo Zustema foi encarregado pelo marquez de Bembo da pintura de alguns quadros, para ornar a sua galeria.

Paulo viera de Roma a pedido do marquez, que tinha do joven artista as mais favoraveis informações. Contandó apenas trinta annos, Paulo era bello, de estatura mediana, trigueiro e pallido, olhos negros, bocca pequena, um bigode bem talhado, barba curta e bem encaracolada, e sobre tudo uma testa, que indicava rara intelligencia. Notava-se todavia alguma cousa de selvagem nas suas maneiras, um modo de fallar breve, um olhar inquieto, que lhe não augmentava o numero dos amigos: quando porém qualquer o conhecia melhor, quando era admittido á sua intimidade — cousa admiravel!... amava-o!...

É que então era generoso e nobre; o seu tempo, a sua bolsa, os seus conselhos, tudo lhes punha á sua disposição, sem que contudo as suas faculdades deixassem de estar concentradas na arte a que se dedicara.

Noite e dia, dia e noite, parecia não pensar senão nas suas pinturas.

Em Roma quasi tinha sido considerado como louco, porque de dia não se mostrava contente ao trabalhar no seu gabinete, e de noute fechado em uma casa meia arruinada nos suburbios da cidade, vivia isolado 'naquelle recinto, onde ninguem lograva entrar á excepção de uma velha creada, com quem vivêra desde criança.

Julgava-se por isso, e com bastante probabilidade, que o artista trabalhava n'alguma pintura, em cujo estudo empregava a noute. Raras vezes deixava este retiro antes do meio-dia, e ordinariamente para lá voltava logo depois de uma pequena visita ao seu gabinete, quando se podia esquivar de assistir ás grandes partidas, dadas pelos seus protectores.

Chegando a Venesa, continuou no seu antigo modo de vida, tendo um gabinete no palacio de Bembo, onde apenas apparecia de dia, para, logo que se aproximava a noute, e que não havia grande reunião, se embuçar no seu capote, pôr a mascara, e, apertando na mão os copos da sua espada, partir, tomando uma gondola até chegar a uma rua es-

treita, onde, favorecido pela sombra das altas casas, desaparecia na escuridão.

Ninguem notava este modo de vida. Paulo cumpria o seu dever; era politico, affavel e respeitoso para com o marquez, galanteador para com as damas e nada mais!.. nem o mais pequeno esforço fazia para ganhar a affeição d'aquelles, que o cercavam: todavia o mundo não se apercebia d'isto!...

Havia, porém, uma pessoa a quem este character singular e excentrico (tudo o que tem a apparencia de originalidade chama-se excentrico!) fez sentir um profundo interesse.

O marquez tinha uma filha, que havia casado aos deseseis annos por interesse, com o velho tio do Doge presentemente morto. Clorinda era uma linda viuva de vinte e um annos, que, dotada de um character firme e resolute, determinára casar segunda vez, não á vontade de seus parentes, mas á sua. Desde o primeiro momento que viu Paulo, sentiu por elle uma predilecção favoravel; que todavia foi acceteite, respeitosamente pelo artista, mas com friesa, deixando até poucas vezes de trabalhar para entreter conversação.

Clorinda pediu que lhe dêsse algumas lições, para augmentar os poucos conhecimentos, que tinha de pintura; ao que elle annuiu, sem se mostrar constrangido, mas sem accrescentar nem uma palavra ás observações necessarias á lição.

Paulo parecia estar todo absorvido na sua arte!... Num dia em que a filha do marquez viera com a sua creada particular passar na galeria, ora lendo, ora pintando, ella contemplara com grande attenção e por espaço de uma hora o artista, que até alli não dera uma palavra. De repente Clorinda levantou-se e exclamou!

— Como é bello!...

— Não é, signora?

— Muiissimo bello — replicou ella, ao mesmo tempo admirada do modo do artista e do enthusiasmo, com que alludira á sua criação.

— A vossa approvação me honra muito — disse Paulo, descançando a sua palheta e encruzando os braços para contemplar a pintura (um Cupido e Psyché) com o mesmo extasis!...

Éra o rosto de uma mulher, de uma rapariga timidamente apaixonada e terna, de uma belleza deslumbrante, que tinha movido Clorinda. Com dourados cabellos, que ondulavam brilhantes ao sol, com uma testa branca, pequena, mas em extremo bem feita, com uma

bocca e uma barba moldadas pela mais perfeita estatua grega, com lindos olhos azues, fixos com admiravel ardor no deus tyranno, era de uma belleza divina!...

— Ah? — disse Clorinda, suspirando — vós os pintores sois temiveis inimigos da mulher!.. Quem olhará para a realidade depois de admirar um tão bello ideal?...

— É realidade! — replicou o pintor — reproduzo o que se me offerece á memoria.

— É impossivel!... Éra necessario combinar a belleza de cem mulheres 'nesta bella producção.

— Não!.. — disse o artista, com gravidade — aquelle rosto existe; vi-o nas montanhas da Sicilia. Já muitas vezes o tenho pintado; porém nunca tão bem.

— Eu daria o mundo para admirar o original — replicou Clorinda. — Adoro uma mulher bella; é o primor d'arte da creação!... é a primeira das obras de Deus!...

— É, signora! — volveu Paulo. E continuou com o seu trabalho. E. O.

(Continúa)

Recordações de Coimbra.

... j'etons un regard
Sur l'avenir et le passé.

LAMARTINE.

Poucos, — bem poucos são aquelles, a quem é dado transitar nas alamedas do presente, sem que venha a serpe venenosa do soffrimento erguer-se de altivo collo debaixo da folhagem vecejante, que tapeta o caminho do mancebo!...

'Nesta quadra da vida, a imaginação como que capricha em crear mil phantasmas torturantes, cujo braço de ferro tenta esmagar o coração, que palpita nas abobadas do peito, com toda a seiva da vida!...

Então vem o amor, essa chimera, que, embalando ainda o mancebo no seu leito de infancia, o vae acompanhar ás vezes até á sepultura do coração, desbotando-lhe, uma por uma, as rosas da existencia, para depois o entregar fanado e emmurhecido a outro despota mais tyranno — o calculo.

E o presente, embora risonho e prasenteiro, deslisa-se na juventude, indifferente e deslembado como os primeiros fulgores da estrella do norte ao que espera, para se engolphar 'numa noite de extasiado meditar, que a lua venha, com todos os seus brilhos, surgir bella

e donairoza no cume do seu throno de montanhas!...

A recordação vaga do passado, as aspirações hyperbolicas do porvir, taes são as impressões que se refletem no coração do mancebo, a quem o presente é sempre odioso no seu marmoreo positivismo!...

(Continúa)

A. M. da C. Bellem.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 3.

IV.

As respeitaveis bochechas do avô de Ricardo.

O nosso heroe tinha saído desalentado do theatro, onde se passára a scena mais dolorosa da sua vida!...

Dirigindo-se a sua casa, arremessou a batinha para cima da cama, e começou a passear com passos agitados!...

O sapateiro tinha sido insensivel, e pelas apparencias continuaria a sel-o; era porém necessario tentar até ao ultimo recurso! — e já que não se atrevera a dar batalha campal, face a face, devia ensaiar um bloquio áquella fortaleza, chamada vontade do sapateiro, atacando-a com um bilhete, em guiza de bombardar; porisso dirigiu-se para a meza, buscando um papel para escrever.

Mas oh! dôr!.. nem uma pobre mortalha de cigarro encontrava o triste, para poder ser emissaria das suas lastimosas supplicas! Percorreu todos os livros (que não passariam de seis) folha por folha, em busca do tão desejado bocadinho de papel, e nada!...

Foi então que a ultima folha das Ordenações pagou, por aquella embaraçosa falta. Rasgou-a e escreveu precipitadamente.

« SR. MESTRE.

« O meu correspondente, quando lá fui, não « estava em casa, tinha saído para a quinta e « só vem á noite; porisso rogo-lhe o favor de « me mandar as botinhas, porque não achei « nenhuma, que me ficassem tão bem, e eu « ámanhã, sem falta, pela portadora lhe manda- « rei o importe. »

« Ricardo P. de Aboim. »

Dobrou o encantado papelinho, e gritou, chamando — Sr.ª Maria... ó sr.ª Maria.

Esta senhora Maria era a servente de Ri-

cardo, da qual não faço agora particular menção, porque espero ter a honra de mimosear o leitor com um capitulo especial, que destinarei a esta entidade zoologica tão interessante no intrincado fio da vida academica.

A senhora Maria appareceu com a sua capoteira pela cabeça, limpando as mãos ao sujissimo avental, que trazia á cinta, e batendo o compasso das passadas com o chinelo no rachadissimo calcanhar.

— Leve isto ao Ignacio do Arco d'Almedina e tome sentido na resposta.

A velha (porque a senhora Maria era velha) resmungou por entre dentes:

— Agora não posso, que estou a fazer o jantar.

— Ande! vá!... deixe tudo e vá depressa.

— Não pôde esperar um *tudo-nadila*?

— Não! Ha de ser já.

— Mas se *entrementes* se pegar a carne bote as culpas a quem *quizer nanja* a mim!

— Ande, mulher! vá depressa.

— Só para isso tem o senhor pressa, *qu'antés* para me pagar o que me deve..... — rosnou finalmente a velha, ao virar as costas, com uma intonação semelhante á do rafeiro, que, não querendo ter o encommodo de agredir o seu adversario, mostra-lhe, rosnando, que está vigilante.

E foi-se!... Ricardo ficou, ou antes não ficou no seu quarto!... O seu espirito acompanhava passo a passo a vetusta servente pela rua das Covas abaixo! A sua impaciencia revelava-se na volubilidade dos seus movimentos; chegava á janella, assobiava, acendia um cigarro para o tornar logo a apagar, puchava pelo mesquinho bigode, mettia os dedos pelo cabello e acabava por se vingar das pobres unhas, que ficaram roídas até ao sabugo.

Meia hora se passou 'nesta tormentosa agitação, até que em fim escutou na loja os passos de sr.^a Maria. Impaciente e anhellante, saltou d'um pulo os deseseis degrãos, que o separavam da velha desejada e que devia trazer-lhe a tremenda resposta.

O coração pulava-lhe com violencia nas angustiosas contorsões da duvida, e o sangue gelou-se-lhe nas veias, ao ver, ou melhor, ao não ver as suspiradas botas na mão da velha.

A palavra tolheu-se-lhe nos labios, e apenas pôde balbuciar. — Que disse o homem?...

— Que o não conhecia ao senhor e que porisso não podia estar a fiar.

Ricardo estava branco como a cal da parede!

— Mas que, em fim, — proseguiu a velha,

— se o senhor lhe mandasse já metade, que lhe esperava pela outra até ao fim da semana.

Duas correntes electricas, contrarias e oppostas atravessaram n'aquelle momento o coração de Ricardo. Estava como um entrevado, a quem, tendo imposto a obrigação de andar dez legoas por seu pé, viessem depois dizer, que era bastante andar cinco!... Aquelle palavra *metade* fazia-o sorrir de alegria porque a difficuldade era tambem metade da primitiva; mas, oh! dór! — se, pelo que temos exposto, era tão absoluta a impossibilidade d'elle arranjar seis pintos, como metade só, que são tres!!... O nosso desalentado amigo voltou para cima, rosnando. — Ora o diabo!... E esta!...

Machinalmente abriu a gaveta, revolvendo as cartas do namoro e da familia! — O pobre lastimava, lá no sear interior, que seu pae não fôsse um Descartes ou um Napoleão, que sua amante não fôsse uma Staël ou uma Lafayette, para vender por uma boa duzia de libras cada um d'aquelles autographos.

As cartas da sua *Ella*, tão eloquentes, tão cheias de inspiração, bebida a longos tragos nas paginas de Eugenio Sue, não valeram nem cinco réis!.. não terem outro prestimo na terra das letras, senão o de se trocarem a palitos, e 'nesse mesmo ainda lhe serem preferidas umas Pandectas, ou um Digesto velho!.. que profanação á litteratura, ao sentimento e ao bom gosto!...

Mas o peor é que aquillo era uma lei immudavel contra a qual não havia o rebellarse!..

Ricardo continuava na sua pesquisa. Um retrato acabava de lhe cair debaixo das mãos.

— Ah!... — Exclamou elle com um accento de alegria.

É sabido, até pelos garotos da eschola, que D. João de Castro, portuguez da gemma, empenhára, 'num momento de apuros, os cabellos da sua propria barba; que muito era que Ricardo em momento de equal, se não maior apêrto, mandasse tambem para o prego as respeitaveis bochechas de seu avô?

E ainda o nosso heroe levava a vantagem ao nobre D. João, pois que, sabendo, que o antigo vice-rei da India tinha contraído um grande emprestimo sobre os taes cabellinhos; elle, que andava a fazer de *pega*, rastolhando na gaveta tudo quanto valesse alguns cinco réis no prego, não aspirava a mais do que tres pintos sobre todo o meio corpo de seu avô, que fôra, nem mais nem menos, coronel

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - JUNHO - I

Correspondencia. tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, *gratis*.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 6.

O movimento inicial, que 'num liquido amorpho accusa a presença das forças da vida, é a produção de vesiculas, e de cellulas.

Os elementos do ovulo são cellulosos, e granulosos: — a analyse microscopica do vitello, e vesicula germinativa, assim o confirma; e se nós deixarmos arrastar pela opinião de Schwann o ovo é uma cellula primaria, representando a mancha germinativa, o nucleolo; a vesicula do germe, o nucleo; a membrana vitellina, a parede de cellula; e o vitello, o seu conteúdo.

Cellulas delicadas e justapostas, constituem os primeiros esboços do embryão; os diversos systemas organicos formam-se dos folhetos cellulosos do blastoderme. Ha um tempo em que a cellula é o unico elemento anatomico de todos os tecidos do embryão. O desenvolvimento progressivo lhe faz perder este aspecto celluloso, e se ha tecidos, que permanecem 'neste estado, outros reconhecem elementos anatomicos d'ordem diversa. Mas nem por isso a cellula deixou de ser o solido organico, que primeiramente appareceu no blasteme. E de necessidade assim devia ser.

Certos principios immediatos dos órgãos não se encontram no sangue, posto que ahi se achem os principios constituintes. É necessario uma elaboração prévia antes de formar os elementos anatomicos, que lhe compete.

As cellulas, em consequencia dos phenomenos metabolicos passados no seu interior, resultado talvez d'uma acção catalytica do nucleo sobre a substancia que o cerca, são as partes mais competentes para operar a elabo-

ração indispensavel aos principios immediatos, que tirados do sangue devem ir formar os elementos anatomicos dos diversos tecidos.

A sua formação é pois o facto principio do desenvolvimento de tecidos d'ordem superior.

A nutrição d'um órgão exige como condição essencial a formação do elemento cellular no blasteme derramado entre os seus intersticios. Mas, como nem todos os tecidos são formados de cellulas, é necessario, que este elemento se modifique, ou seja substituido por outro mais permanente, e analogo ao dos órgãos.

Como se opera esta transformação? Novas difficuldades apparecem; novos obstaculos sobrevêm á resolução do problema.

Continúa.

F. A. Alves.

Origem das leis da amortização.

Corpos de mão morta.

Continuado do n.º 6. ¹

Não é nosso intento escrever a historia das perseguições, com que tanto foram opprimidos e cruelmente atormentados, especialmente na era de Diocleciano, ou dos martyres, aquelles, que, vendo compridas as profecias, e realisadas as figuras do testamento antigo, creram em Jesus-Christo, e reconheceram 'nelle o Unigenito do Eterno, enviado por seu Divino Pae ao mundo, a estabelecer entre o Creador e a crea-

¹ Em o numero antecedente, pag. 2, col. 2, L. 18, deve ler-se: em que a seita ariana, que apparecera no reinado de Constantino, negando a divindade de Jesus-Christo, e por causa da qual havia sido convocado o concilio de Nicea, foi mui favorecida, e adoptada pelo imperador Valente, etc.

tura uma sempre duradoura alliança, contra a qual jámais prevalecerá o *espírito das trevas*.

Assumpto é esse, digno por certo de melhor aparada penna, e que mal se compadeceria com a estreiteza e limites da *Estréa Litteraria*, se porventura, esquecendo-nos de quanto elle é superior ás nossas debeis forças, nos propozessemos tratal-o aqui.

Occupando-nos pois de tão barbaras perseguições, tivemos sómente em vista fazer, em certo modo, sentir qual a influencia, que sobre os rendimentos da Igreja tiveram até ao tempo, em que Constantino, vencido Licinio, seu ultimo competidor, nas batalhas de *Andrinople* e *Chrysopolis*, ficou, por morte d'elle, senhor unico de todo o imperio.

Como soberano christão, fôra um dos principaes cuidados d'este celebre imperador extirpar a antiga superstição, e adoçar, quanto possível, os costumes do povo romano, infiltrando-lhe no coração sentimentos de humanidade, e piedade christã.

Já se achava abolido o antigo e ignominioso supplicio da cruz, ora convertida em symbolo d'um amor infinito, qual o de Deus para com os homens: e já o christianismo, de seita desprezada, e tão obstinadamente perseguida, passará a ser a religião do imperio romano, theatro, por tanto tempo, de lastimosas scenas!

As Igrejas deixaram então de ser consideradas como *associações illicitas, e prejudiciaes* ao Estado, ás quaes não era permittido, sem infracção da L. 8, Cod. *de heredib. instituendis*, deixar alguma herança, legado, ou fazer doações; sem embargo do que, muitas d'ellas haviam começado a possuir bens de raiz desde o meado do seculo 3.º por quanto: acceso o facho da guerra, tanto externa, com os barbaros do Norte, que no reinado de Decio caíram pela primeira vez sobre o imperio romano, como interna, entre novos competidores no poder, os quaes, para assim dizer, a cada momento surgiam; era tal a confusão, e desordem das coisas, continuando ainda depois do cativoiro de Valeriano em poder dos Persas, que facil foi ás Igrejas escaparem á entorpecida vigilancia da citada lei.

Agora porém, que se achavam favorecidas pela L. 1, Cod. *de SS. Eccl.* a qual lhes concedia o direito de adquirir por testamento quaesquer heranças, ou legados, que lhes deixasse alguém; porisso mesmo que permittia a cada um a facultade de, por sua morte, dispôr de seus bens, como lhe aprouvesse, a favor das Igrejas, nas palavras: *Habeat unusquisque*

licentiam sanctissimo catholico, venerabilique concilio decedens bonorum, quod optaverit, relinquere, começaram a adquirir livre e desasombadamente mui grande abundancia de bens immoveis, ou *de raiz*.

Muitos foram, além d'este, os differentes meios pelos quaes as Igrejas foram augmentando cada vez mais as suas riquezas, a ponto de dar cuidado aos imperantes civis o extraordinario poder da *ordem ecclesiastica* nos seculos da meia idade: e entre elles alguns apparecem, que bem mostram até onde chegaram as *ideas do tempo*, para não dizermos talvez o abuso commettido pelo clero d'aquellas remotas eras, servindo-se da religião para promover os seus interesses.

(Continúa)

A. M. V. da Costa Ribeiro.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

Opiniões dos philosophos gregos a este respeito.

(Continuado do n.º 6.)

Os academicos, a exemplo de seu fundador, opinavam, que o estudo das humanas letras e da philosophia comprehendia as artes e disciplinas.

Em verdade a metaphysica, a logica, a dialectica, que, entre nós, se consideram, como doutrinas particulares e diversas, entre elles eram tidas, como constituindo uma só sciencia, uma só doutrina, que nas escholas era designada pelo nome de philosophia.

A musica, a eloquencia e a poesia, segundo o pensar d'elles, não tinham um valor real, sem que os musicos, os oradores e os poetas se tivessem, primeiramente, dedicado ao estudo da philosophia, que, em seu cogitar profundo, olhavam como mãe, ou principio gerador de todas as artes e doutrinas.

É assim, que os gregos davam á mocidade as primeiras tinturas da sciencia, que, com o caracter d'universalidade, se encontram no foco da perfeição, na razão convertida em principios, na philosophia.

Do exposto concluímos legitimamente, que os philosophos gregos, de melhor renome, reconheceram, theorica e practicamente, a connexão doutrinal e scientifica, em todas as suas relações e aspectos differentes.

Em apoio da importancia practica d'esta doutrina, vem a historia politica e litteraria

grega, que nos mostra, que sob esta atmospheria moral, excellentemente elaborada pelos philosophos progrediu e floresceu a Grecia; porém, por uma fatalidade terrivel, que é o condão dos individuos e das nações, não tardou muito, que esta atmospheria se desembellezasse pelas nuvens tempestuosas e fulminantes, que o genio desregrado d'Aristoteles, disseminou a mãos largas, com grande desproveito das sciencias.

Certamente Aristoteles, de Stagyra, ainda que, por algum tempo, fôsse discipulo de Plão, não seguiu a opinião de seu mestre. O Stagyrita, que floresceu no tempo de Alexandre, rei da Macedonia, esforçou-se por separar completamente todas as sciencias, umas das outras; e por isso, não se contentando com a simples distincção doutrinal, ensinou, que as sciencias deviam ser estudadas particular e exclusivamente, e não como partes da philosophia: d'onde proveiu, que os seus sectarios estudavam, rejeitando as outras partes da philosophia, ou só dialectica, ou só physica, ou só metaphysica, ou só ethica, etc. Foi d'este modo, que, na philosophia, e, em geral, nas humanas disciplinas, se extinguiu a antiga côr, suavidade e belleza.

Em verdade os monumentos litterarios d'esse tempo, que podemos haver, mostram, que, depois de Alexandre, o estudo e respeito do vinculo, que ligava todas as artes e sciencias entre si, era absolutamente nenhum, porque os escriptores apenas, se occupavam em colligir ditos, factos, e narrações memoraveis, desprezando suas relações d'affinidade scientifica.

(Continúa.)

J. Machado Cabral e Castro.

ODE

AO EXCELLENTISSIMO SR. VISCONDE DE CONDEIXA.

Illustre Magalhães, Visconde excelso,
De teus caros parentes e d'amigos
Sinceros eu te vejo rodeado,
E feliz te contemplo!

Do grande Oceano tens sulcado as aguas,
Sempre feliz das ondas acatado;
E logo que os pés firmas sobre o solo
A terra quer ser tua!

No vasto Imperio do Brazil tens sido
Dos dous Povos irmãos o doce laço;
Do grande Gama a nau por teu esforço
Veio ancorar no Tejo.

E a Patria agradecida a frente amavel
C'um diadema te cingiu de gloria!
Gloria que ha de passar do pae aos filhos,
Pois são imagens tuas.

Tua virtude grangeou-te a Esposa,
Que tanto te ama, e tanto os filhos preza;
O seu merecimento a faz brilhante
Qual 'strella matutina!

Tua virtude pois o ceu premea,
Porque, nobre Visconde, emquanto brindas
Amigos e parentes não te esquecem
Os pobres desvalidos.

Ah! se os ricos da terra assim soubessem
Da riqueza gozar, a humanidade,
A tempo soccorrida, menos victimas
Déra a crueis contagios!

S. de A. e S.

Este senhor por occasião da cholera no anno de 18.. estabeleceu á sua custa em Sernache um Hospital de cholericos; e foi nobremente imitado por alguns outros cavalheiros.

SONETO.

Verdes hontem, já hoje amarellecem
As lindas folhas do fronteiro arbusto;
D'aquelle tronco, na apparencia adusto,
Os brios vegetaes desaparecem.

Os circulos da seiva se esvaécem
'Nesse arbóreo colosso audaz, robusto;
Este ar ambiente levará sem custo
Eterno gèlo aos seres, que adormecem.

Eu já despido, eu já depauperado
Do sangue vivo, caloroso, e forte,
Idoneo aos fins, que preencher me é dado;

Eu decadente, eu victima da sorte,
Planta sem seiva, em terra derribado,
Vejo sem trepidar sorrir-me a morte.

A. P. Zagallo.

Da franqueza.

A franqueza — fonte da verdade, e insignia do homem honrado, é a melhor garantia da

nossa palavra, e penhor de nossos pensamentos.

Não carece de testemunho para ser crida, e seus protestos são incontestaveis.

Em si encerra todas as virtudes — não é mentirosa, nem lisongeira, nem embusteira, nem falsaria, nem vil, e abjecta, nem traçoieira, e corrupta.

Promette, e não falta; inculca-se e tenta, sem ser fementida.

Tem por devisa a sinceridade, que a todos capta benevolencias, e por padrão a honra, que a ninguém engana, e para os probos bem merece.

É lhana e simples, sem atavios, nem composição; e na singelesa está o seu merito.

Patentea-se sem rebuço; e não foge para a occultas florir, porque no público mais brilha e fructifica.

Não teme os vituperios e cizania, e sanha do vicio, mas embala-se na virtude e probidade.

Nasce do coração puro, não viciado, entra-nha-se na alma sã, e illibada, e vem pousar nos labios sem affectação, e com criterio

Já teve culto na terra, e todos á porfia a veneravam.

Hoje parece ter d'ella fugido!...

E justo é que assim seja; pois desde quando a *malignidade* descobriu o segredo de lhe chamar *impostura*, não poderia ella cá em baixo achar quem a comprehendesse, e uzasse.

Eu penso que houve boa obra em d'aqui ir refugiar-se no céu, onde se conserva illesa, e sanctificada para não ser presente ao triumpho da *falsidade* e polluida pela *perversidade*.

Ext. _____ **

A minha filha.

Goza nina tranquila, descuidada.
ZORRILLA.

É triste a vida, quando o peito é ermo
De affectos puros, que ventura dão;
Quando se busca ao soffrimento um termo
A paz dos anjos anhelando em vão!

É triste a vida, quando em cada seio
Somente achamos desleal traição;
Quando nos diz o coração «não creio...»
Descri de affectos, que mentidos são...»

E então ao peito de affeições vasio
Só resta um lume de immortal condão
Pois venha embora da descrença o frio;
Não morre a ardencia do gentil volcão...

É sancto o affecto, que te offerto agora
Em doce brinde, com prazer loução!..
Mate-me as crenças, o cynismo embora,
Que esta não póde derribal-a... não!...

A. M. da Cunha Bellem.

Recordações de Coimbra.

Continuado do n.º 6.

... Se reduce
A parer's noi felicitá
Ogni lor felicitá
METASTASIO.

v.

Enganosas são sempre para o mancebo as apparencias de felicidade! O presente, se não é para elle apenas um jardim de monotona indifferença, frequentes vezes se torna um escolho de variado soffrimento!...

E então a mente, exhausta de se balouçar 'num mundo ideal e phantasmagorico, debalde procura nas realidades do presente encontrar um abrigo onde repouse, até erguer de novo outro arriscado vôo, através das nevoas do porvir, 'nessas regiões desconhecidas, habitadas só por sonhos e por aspirações, arrojadas sempre e sempre irrealisaveis.

Tal como o viajante, que, descuidoso, subiu ao cume de escarpado rochedo, e que, alli, ao contemplar o vasto panorama, que aos seus olhos desdobra a natureza, esquecendo que o sol ia a mergulhar a frente no oceano, vê desdobrar-se-lhe o tenebroso véu da noite antes, que tenha descido os precipicios, assim o mancebo, que, ao cair do zenith dos seus sonhos de acordado, se encontra abandonado e só, nos tenebrosos precipicios do presente, maldiz a sua ambição de ter subido tão alto; porque então cada passo que dá, vacillante e tremulo, na senda estreita, entre despenhadeiros incomensuraveis, são mil dores a rasgarem-lhe o coração, que ha pouco se expandia de jubilo, é o desalento a dominar-lhe essa alma, onde ainda ha pouco vecejava o orgulho de se vêr tão elevado!... é sempre e sempre o positivismo da realidade a recompensar por horas de soffrimento os poucos instantes de chimerica ventura, que a imaginação lhe concedeu!...

Tal é a vida do mancebo, tal ha sido a minha vida!...

A. M. da C. Bellem.

(Continúa)

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 6.

As mulheres nascidas no clima da Italia, de baixo d'um ceu azul, e n'aquelle ar, que res-

pira poesia, pintura, musica e amor não são guiadas pelos mesmos impulsos e sentimentos que as do norte mais frio e mais effectivo.

Clorinda não esperou receber as adorações de Paulo! Ella o amou, e a sua paixão augmentava de dia para dia. O talento indubitavel do artista, seu semblante intelligente, suas feições nobres e maneiras distinctas despertaram na alma da joven viuva as afeições de ha muito adormecidas!...

Era Clorinda uma mulher de entendimento superior e que muitas vezes se rira dos devaneios de Petrarca, Dante, Ariosto e Boccaccio. Agora comprehendia-os!...

Quam profundo era esse sentimento só então o sabia!...

Mas Zustana ficava sempre impassivel a todos os seus encantos, á sua amisade, ao seu tom condescendente, bem como ao seu talento e belleza. Admirando-a e respeitando-a muito, elle via tudo menos o seu amor.

Não fôra ha muito tempo, que a bella viuva começara a notar a saída do palacio tão cedo, o seu modo mysterioso de ir, e a circumstancia de nunca voltar senão no dia seguinte ao nascer do sol, que sempre o via a trabalhar. De repente apoderou-se d'ella a idéa, de que o pintor, em Veneza tinha alguém, que estava de posse de seu coração e a cujos pés elle fá todas as noites confessar o seu amor. O ciume apoderou-se d'ella!...

Passou uma noite a reflectir; suspeitou de tudo, que se lhe apresentou ao entendimento, e, levantando-se com febre e doente, n'aquelle dia ficou no quarto a sós com os seus livros e com a sua ardente imaginação.

Uma hora depois do anoitecer, Paulo com o chapéu carregado sobre os olhos, embuçado na sua capa e de mascara, se encaminhou para uma gondola, que o esperava e partiu. Outra gondola que se achava do lado opposto do canal, com as cortinas corridas, apenas a do artista se pôz em movimento a foi seguindo. Zustana, que nunca depois de sua chegada a Veneza fôra espreitado ou seguido, não deu attenção a isto.

A sua gondola, parou, como costumava, deixando-o desembarcar e continuando depois o seu caminho. Da outra, que a acompanha sem desconfiança de Paulo, saltou um homem tambem embuçado, de mascara e de chapéu de plumas, que, caminhando juncto da parede, o seguiu.

Surprehendido e admirado parecia o incognito ao ver as paredes sujas e lojas baixas

(pela maior parte de fatos velhos, de trapos e de outros objectos de pouca importancia); mas, com o receio, de perder de vista o pintor, seguia-o de tão perto, que, quando este desappareceu de repente, avançou rapidamente a tempo de observar, que elle tinha entrado 'num corredor escuro e subia com passos vagarosos uma escada de caracol frouxamente allumiada. O estranho seguiu-o cautellosamente, palpando com as mãos o caminho, e parando sempre que sentia parar o artista. Zustana, quando chegou ao cimo da escada, metteu uma chave na porta; — viu-se uma luz e elle desapareceu!

(Continúa)

E. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 6.

V.

De que serve uma batina.

« Quem tem capa sempre escapa. » É este um ditado, que se julga mais velho que a proverbial Sé de Braga; mas que eu, em profundo estudo sobre um livro antigo de author anonymo (porque os antigos tambem já amavam o anonymo), descobri ter-se originado das immensas garantias, que offerece esta parte do habito escholar.

Na realidade, a capa é para o seu dono abrigo tão seguro como a casca para o caracol, que sem ella ficaria reduzido á humilhantissima posição de lesma; assim como o estudante, do mesmo modo, sem capa, não passaria de uma lesma social, inhibido de viver a sua vida privativa e excepcional talvez, porque não poderia então affrontar impunemente os temporaes da opinião pública.

De facto, um estudante rebuçado na sua capa, com o seu gorro enterrado até aos olhos, parece-se e confunde-se com todos os seus collegas, que trajam de igual maneira; e assim pôde atrever-se a executar essas *partidas valentes*, segundo a phrase academica — e que traduzido em vulgar quer dizer — *disparates monstruosos*; porque, depois, na absoluta impossibilidade de se attribuirem taes actos ao seu proprio author, attribuem-se ao corpo colectivo chamado academia

O academico renuncia pois ao direito de paternidade da sua gentileza, e escapando á merecida censura, recebe apenas o quinhão, que lhe cabe do stygma lançado sobre toda a clas-

se, e do qual, dividido por mil pessoas, toca um bocadinho tão pequeno a cada um que não encommoda coisa alguma!... É assim que a academia mata gatos a deshoras, apaga e quebra os candieiros da illumination pública e faz arruaças á porta de meia duzia de lamechas, que se digna alcunhar com o epitheto de c...; dizendo-se ao outro dia, que a academia fez isto ou aquillo, quando novecentos noventa e seis dormiam socegados nas suas camas e apenas tres ou quatro percorriam as ruas com seus innocentes brinquedos!...

Ora, se a capa tem tantas vantagens, a batina não deixa de ter menos, apesar de ser mais sisuda, de modo que o estudante, quando se dispõe a ir para essas pandigas nocturnas, se desembaraça d'ella trocando-a por garrida jaleca á hespanhola ou rafada quinzena, que serviu de palio rico na sua aldêa durante as tres ultimas ferias grandes, e que hoje não presta senão para envergar, ás noites, por debaixo da capa, que nas troças livra de ser reconhecido.

A batina é uma coisa, que se poderia assemelhar á batina ou loba, que usam em toda a parte os ecclesiasticos, mas que se lhe não assemelha pelas immensas metamorphoses por que tem passado.

Todas as phases do progresso têm influenciado no modo de ser d'este habito, e até a moda caprichosa, que o grande Marquez de Pombal suppoz jámais poderia invadir a batina, modesta filha dos conventos, até a moda perverteu a pobre louça, que, de honesta e singella, se tornou coquette e garrida a ponto que talvez nem o seu instituidor a conhecesse!...

Em tempos antigos, era a batina uma especie de sotaina de pano preto, comprida até abaixo do joelho, adornada por diante com a sua abotoadura fingida e botões de crina e aberta por de traz — por um singular capricho — até á cintura, para dar entrada ao corpo. Depois a batina começou a soffrer transformações; e a abertura mudou-se para diante (e esta foi rasoavel), os botões de crina foram substituidos por grandes e janotas botões de duraque, as mangas alargaram-se á moda e forraram-se de sedas e setins de varias côres, finalmente até feições lhe fizeram na cintura com os seus dois botões á moda de casaco; e maneira que hoje, se acaso julgaes vêr saír uma batina debaixo da capa escholastica; é engano! sãe um perfeito casaco, com que o estudante se pôde apresentar em público, sem receio dos

incidentes, que lhe podiam sobrevir outr'ora, quando as batinas eram abertas por de traz, mórmente 'numas certas chamadas de avental, que não eram mais do que um avental de cozinheiro de pano preto e com mangas, ou uma especie d'aquella farda bordada de Porthos, que só tinha frente.

Ora imagine o leitor como ficaria um estudante, se um outro imprudente d'Artagnan lhe arrebatava a capa, especialmente se elle tinha as calças ou as ceróulas rotas 'num sitio, onde é muito frequente o romperem-se e onde se lhe pregam por isso os fundilhos!...

Mas... benevolo leitor, aqui humildemente te vou implorar que perdões esta longa digressão, em que entrei pelo interesse de te fazer conhecer as variantes por que tem passado o habito academico desde os primitivos tempos da batina-batina, até ao modernissimo da batina-casaco; e eu, feita a promessa de emendar-me, proseguirei muito direitinho no importantissimo assumpto, que prometti tractar 'neste capitulo e do qual não arredarei nem um passo!... Attenção pois, que eu principio!...

Atando o fio á minha historia, começarei por lembrar aos meus piíssimos leitores a posição critica, em que deixámos o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim, ás duas horas da tarde do dia do baile e sem ter nem cinco réis para comprar um par de sapatos.

Orã imaginai-vos 'naquelles assados, e vêde em que torturas não estaria aquella pobre alma, sem achar meio de saír de tão apertado trance.

A sr.^a Maria já tinha posto o jantar na meza, mas Ricardo ainda lhe não tocára; a sua mente achava-se muito preocupada para que a attenção se podesse applicar aos feijões com repollo!...

Outra personagem tinha entrado no quarto e sentára-se á mesa sem tujir nem mugir. Era esta uma mulher de 25 annos pouco mais ou menos, soffrivelmente bonita, chamada Carlota, e que era filha da sr.^a Maria.

Não é preciso explicar ao intelligente leitor que papel desempenhava Carlota em casa de Ricardo; é bastante que elle saiba, que Carlota estava mal com o nosso estudante por este querer ir ao baile, porque é da natureza d'estas vestaes o quererem bestifical um pobre, que as atura, a titulo de bem entendido ciúme!... E quem sabe se ella teria um presentimento?... talvez!...

A boa da rapariga estava amuada desde o

dia antecedente e não tinha fallado ao seu Ricardo; mas agora a voz do estomago foi mais imperiosa que a do brio, e por isso, como visse que elle se não resolvia a vir jantar, bradou-lhe com certo humor:

— Então, Ricardo, vens para a mesa?...

Ricardo acordou da abstracção em que estava mergulhado, levantou a cabeça e disse:

— O sr.^a Maria!...

— Meu senhor!... respondeu esta.

— Leve-me esta batina ao Simon e peça-lhe tres pintos sobre ella até ao dia 27 — disse Ricardo desenfando a batina.

— Sim senhor, — respondeu Maria — mas é preciso fazer ahi um bilhetinho.

Ricardo chegou-se á mesa, rasgou a ultima folha de outro livro e escreveu:

« Pedem-se tres pintos sobre essa batina até ao dia 27 ás 5 horas, podendo dispôr d'ella no caso de se não tirar 'nesse dia.» Deitou-lhe arêa, dobrou e entregou á velha, que já tinha posto a sua capoteira pela cabeça e mettido a trouxa debaixo da ponta da mesma.

Carlota não tinha dito nem palavra! mas ao vêr sair a batina não se pôde ter e exclamou!...

— Tambem tu tens vontade!.. com que has de sair amanhã?...

— Saio só com a capa.

— É bonito!... E tudo isto para que? para ir ao baile!... olha tu que lá vaes, não vaes lá por bom! não se me dava de apostar em como já tens algum namoro! E eu que o sonhasse!.. Mas tu já não és o mesmo que eras antigamente, já saés de casa sem dares cavaco, sem dizes para onde vaes e sem me contares o que fazes!... A mim bem me tinham dito!... mas, olha que se eu adivinhasse que tu que tinhas algum namoro não te deixava ir, inda que eu cuidasse de ser feita ás postas!... Havia ter que vêr! eu aqui a levar vida negra para v. m. ir namorar para o baile!..

A ladainha promettia ser eterna. Ricardo tinha escutado com resignação evangelica, mas a paciencia estava a esgotar-se:—Oh! mulher, deixa-me — disse elle com tom aspero!

— Bem sei! bem sei! não lhe faz conta ouvir as verdades!.. O senhor tem dinheiro para ir ao baile e não tem dinheiro para me comprar um vestido!... olhe! já a Joaquina me disse, que eu que era uma tolla de estar comsigo, porque me não dá nada! só lhe falta não me dar de comer, e esse mesmo! sabe Deus o que Deus sabe!... Se não fôsse minha mãe trazer-lhe o pão e outras coisas fiadas, e eu

ter o cuidado de pagar adiantado ao Jacob, não sei como isto havia de ser.

— Ricardo replicou:

— O mulher, não me apoquentes! então que queres? não és tu senhora do dinheiro todo que recebo?...

— E olhe que é uma fartura! não ha duvida! Já até o sr. Carvalho reparou em eu não ter senão dois vestidos de seda e disse-me, que eu fazia muito mal em estar comsigo, que era uma tolla, que o senhor não me adiantava nada!... Olhe como a Gertrudes já tirou o pé do lodo com o rapaz com quem está!... esse sim, que já lhe deu tres vestidos e um cordão!... E elle que me andou a desinquietar para ir para elle!...

— E então por que não foste?...

— Ainda o pergunta!... olhe que havia de ficar arranjado sem mim!... se o não estimasse tanto!... sempre sou bem asna em me estar a apoquentar!... mas então que hei de fazer! sou tão sua amiga!...

Carlota comprimira tanto as glandulas lacrimaes com as costas de mão, que duas lagrimas lhe deslisavam pelas faces! Ricardo sensibilisara-se. O parvo não via, que estava a ser disfructado 'naquella scena de pathetico romanticismo!...

— Pois sim! mas eu tambem faço-te tudo o que tu queres, é bem que me não constranjas agora 'nisto — lhe volveu este com ternura.

— Mas não me faz a vontade 'nisto, 'numa coisa tão pequena! — tornou Carlota com rispidez.

— Não posso!...

— Diga antes que não quer.

— Não é isso, filha, valha-te Deus. Não posso faltar ao baile.

— Então por que?... é lá preciso para alguma coisa?... pois, olhe, passava-se lá bem sem o senhor!.. se lá vae é porque muito bem quer, porque tem vontade de ir, porque me não quer fazer o que lhe eu peço!..

— Escuta mulher! Bem vêes que tive um cartão a convidar-me, e então hei de ir por força, quando não parece mal; tu bem sabes.

— Então que tem que falte?.. vem-lhe cá tomar satisfações?...

— Não; mas o doutor é meu amigo; a familia d'elle é muito conhecida da minha em Lisboa, e elle, não contenté em me mandar aqui convidar, encontrou-me hontem na rua e matou-me o bichinho do ouvido a dizer-me que não faltasse, que lá esperava por mim, que ficava triste, que se púnha mal comigo se eu

faltasse! Em fim apoquentou-me tanto, que me obrigou a dar a minha palavra de honra!.. Pois então porque é que eu me tenho apoquentado, para arranjar dinheiro para ir, senão por isso? pois por meu desejo decerto que não é.

Carlota sorria-se de prazer! tinha engolido a pilula!...

Ricardo, apezar de completamente dominado por essa mulher, mentia-lhe o mais amorosamente possível; e ainda assim lhe ficava em divida das muitas que ella lhe pregava!...

A sr.^a Maria acabava de entrar, trazendo na ponta da sua capoteira os tres pintos em cobre, que mr. Simon lhe emprestara até ao dia 27.

Ricardo bradou victoria!...

Eis de que serve uma batina.

(Continúa.)

Um estudante.

CHARADA.

Ver-me-heis em toda a cabeça }
Quer do heroe, quer do vulgar: } 1

Mas só do heroe a cabeça }
Tu me verás ir adornar. } 2

Intento a minha cabeça
Com uma borla adornar;
E querendo um gráu p'r'a cabeça,
Estou sempre a receiar
Que alguém lhe dê na cabeça
De um gráu por ora me dar. C. B.

AGRADECIMENTO.

Encetamos hoje o segundo trimestre da Estrea, favorecidos pelos nossos assignantes, que já nos deram a certeza de renovar as suas assignaturas, e confiados, de que os que ainda nos não manifestaram a sua decisão, não hesitem em seguir tal exemplo. Aquelles senhores a nossa sincera gratidão; e a estes não duvidamos já de antemão dirigir os nossos agradecimentos, tal é a confiança, que nos anima.

Faltariamos tambem a um dever, se não aproveitassémos esta occasião para dedicarmos os votos do mais profundo reconhecimento ao nosso particular e obsequioso amigo o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, digno administrador da Imprensa da Universidade, pelo assiduo empenho com que se tem esmerado na regula-

ridade e nitidez d'esta publicação, augmentando assim não só o credito do estabelecimento, que tão intelligentemente dirige, como tambem os muitos motivos por que se torna crédor de nossa dedicada estima.

EXPLICAÇÃO DO ENYGMA E DA CHARADA DO NUMERO ANTECEDENTE.

A do enigma veiu já publicada no n.º 450 do Conimbricense por um delicado curioso a quem hoje dizemos que foi perfeitamente advinhado, assim como já o foi tambem por muitos dos nossos leitores; para satisfazer porém ao uso e á exigencia de alguém, que nem se desse ao trabalho de o adivinhar, nem lêsse o citado jornal — aqui o damos:

A Camões.

Foi Gama entre os heróes maior que um nume
Albuquerque era um Deus na hora extrema,
E pela nação Castro a vida arrisca,
Sem que desabe a crença, sem que trema.

E outros inda mais ha assim como estes
A quem cerca a victoria como seus lustres
A ponto que o Universo se embebece
D'esta ganhada fama e acções illustres.

Mas Camões sobre todos patriota
Se o capacete põe vence os alfanges
Se empunha a lyra vae o nosso nome
Da fama na trombeta além do Ganges.

Lapa dos Esteios 6 de Setembro.

A da charada é — **Sabbatina.**

EXPEDIENTE.

Aos nossos assignantes de fóra de Coimbra, pedimos desculpa da demora que houve na remessa do n.º 5 e 6, a qual proveiu de causas, que não podémos remover: porém de hoje em diante promettemos ser exactos na remessa dos numeros nos dias 1 e 15 de cada mez.

A estes senhores lembramos tambem, que, se por maior commodidade sua quizerem mandar satisfazer os importes do 2.º trimestre das suas assignaturas — o poderão fazer em estampilhas de 5 réis, dirigindo-se a A. M. da Cunha Bellem — Coimbra.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 8

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - JUNHO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradece-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 »

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 7.

A mudança que certos elementos anatomicos apresentam na sua conformação, volume, etc., sem alteração na natureza denomina-se *metamorphose*.

Todos os elementos anatomicos dos vegetaes são dotados d'esta propriedade: primitivamente spheroidaes, chegados a um certo gráu de desenvolvimento se tornam polyedricos, alongados, ou achatados, e pela sua reunião formam os diversos tecidos, e órgãos das plantas.

Mas não é só nos vegetaes que acontece isto. Ha certas partes dos animaes, que se denominam *productos*, cuja origem se deve buscar em transformações d'ordem identica. O epithelio das mucosas, a epiderme são resultado d'uma simples *metamorphose* de cellulas.

Este modo d'origem de tecidos, que os modernos concedem só aos *productos*, era por Schwann generalisado a todos os elementos anatomicos.

A fibra muscular, os tubos nervosos dependiam d'uma *metamorphose* de cellulas, do mesmo modo que os *productos*.

« Ha partes nos animaes que os anatomicos chamam *constituíntes*. Os caracteres d'animalidade lhe são proprios. A cellula não fórma *directamente* estes tecidos. Para o seu apparecimento ha substituição, e não *metamorphose*. Formadas as cellulas no *cytoblasteme*, elaborados dentro d'ellas os principios immediatos necessarios dos órgãos, e que só ahi se encontram, dissolvem-se 'neste mesmo *blasteme*, e os elementos definitivos apparecem como consequencia d'uma geração nova, effectuada no *blasteme*, resultante da liquefação. Só os ani-

maes têm este modo de geração, e desenvolvimento, e unicamente nos elementos anatomicos dos tecidos constituíntes. »

Tal é em resumo a modificação, que Robin apresenta á theoria cellular de Schwann, compondo-a de duas — a da *metamorphose*, e a da substituição.

Será racional e fundada em factos esta alteração? Que necessidade haverá de se dissolver novamente a cellula, que se havia formado? Não constitue ella um gráu d'organisação mais elevado do que o do *blasteme*? A natureza havia de retrogradar na marcha da organisação, que deve tender a aperfeiçoar cada vez mais?

Continúa.

F. A. Alves.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

Continuado do n.º 7.

Opiniões dos philosophos romanos sobre a mesma materia.

Transplantadas da Grecia, as artes e as letras foram cultivadas pelo genio ardente dos Romanos, os quaes, recebendo-as, as conservaram, e, d'algum modo, desenvolveram, segundo o caracter scientifico, de que Aristoteles as revestira; porém, como este caracter não era o proprio, para o progresso da intelligencia, os talentos principaes, que Roma viu surgir de seu seio, deviam seguir diverso rumo, fazendo renascer, principalmente com relação ás sciencias propriamente moraes, as idéas tão fecundas, como logicas, de Platão. Foi assim, que Cicero, abandonando, como insufficientes e

poucos solidas, ás idéas dos philosophos Gregos do seu tempo, se encostou a fontes mais puras como Xenophonte e Platão, onde formulou a sua doutrina mais pura, principalmente a philosophica. Cicero, pois, coherente com as idéas de Platão, reconheceu, que existia uma certa relação entre todas as artes e disciplinas, como elle mesmo confessa no exordio do discurso em favor d'Archias, em que diz — *que todas as artes, que se referem á humanidade, têm um certo vinculo commum, e se ligam entre si, como por um certo parentesco.* Ainda que diga sómente — artes — isto não nos deve causar confusão, porque, primeiramente, não se pôde conceber, que a relação, de que tractamos, se limite, simplesmente, ás artes, attenta a sua genealogia scientifica, e, em segundo lugar, o mesmo philosopho affirma a estreita e intima relação de todas as artes com a philosophia recommendando este principio de Platão — *que todas as doutrinas e artes se auxiliam reciprocamente:* por consequencia temos a nosso favor o testemunho de Cicero, que, como rhetorico, dialectico, philosopho, e jurisconsulto, é muito respeitavel.

E na verdade, segundo Plutarcho, Cicero pôde ser considerado, como um genio, verdadeiramente, encyclopedico, porque, levado pelo desejo d'aprender, estudou, com especialidade, a jurisprudencia, a eloquencia, a philosophia, e em geral todas as outras sciencias, que, em maior ou menor gráo, concorriam para a intelligencia d'aquellas; circumstancias estas, que nos auctorizam, ainda mais, a sua confiança e a veracidade e importancia do seu testemunho

A mesma senda pisou Quintiliano, declamador e rhetorico, que floresceu nos fins do primeiro seculo da era christã. Quintiliano, um dos admiradores de Cicero, concebeu e ensinou a sua doutrina na relação, que nos occupa.

Dos escriptores romanos aquelles que desprezaram a doutrina acima expendida, foram M. Terencio Varrão, Aulio Gelio, Valerio Maximo, e, com especialidade, Plinio. Na verdade, as produções d'estes escriptores, longe de participarem da natureza das de Platão, Cicero e Quintiliano, são systematisadas sem ordem, e, pela maior parte, sem critica; porém, se elles não nos favorecem em suas doutrinas, não deixam de ser, comtudo, inferiores aos outros, e por isso a sua auctoridade tem menor importancia.

Continúa. Joaquim Machado Cabral e Castro.

Ação dos acidos, como refrigerantes, na economia.

I.

Inculcas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores.

BOCAGE

É pela vez primeira, que ousamos aventurar-nos a offertar sobre as aras da publicidade algumas idéas scientificas! Aqui não valem os ornatos do estilo, nem os atavios da phrase, quando na essencia não ha um valor intrinseco na exactidão e clareza das idéas! É portanto arriscado e temerario o nosso passo, quando sabemos que o erro ou a inexactidão uma vez esculpidos indelevelmente pelo magico poder da typographia são, no futuro, um phantasma sinistro, que nos persegue sem cessar; uma sombra como a do remorso, que, de continuo, nos cospe nas faces a injuria pungente de sua gargalhada infernal!.. Conhecemos tudo isto e ousámos affrontar as procellas da imprensa scientifica, porque sabemos que ha dois pontos, áquem e além dos quaes não vae a satyra penetrante das gerações futuras!... é condão que pertence ao que nasceu muito bom ou ao que nasceu muito mau. A nossa estrêa scientifica não está decerto no primeiro caso....

Os acidos são inquestionavelmente uns d'aquelles compostos chimicos, que mais, no campo pharmacologico, figuram, como quem tão variadas acções apresenta, segundo os seus diferentes gráus de concentração. Ninguém por certo desconhece os effeitos d'uma gota de acido sulfurico, por exemplo, sobre a pelle para que duvide da sua acção desorganizadora na superficie das mucosas intestinaes; e todavia ninguem igualmente ignora que algumas gotas d'este mesmo agente n'um copo de agua, convenientemente edolcurado, produzem uma bebida agradável, que acalma sensivelmente a excitação produzida pelo calor, pela carreira, etc.

Entre estes dois extremos, variados cambiantes offerece a acção dos acidos, segundo são mais ou menos diluidos, mais ou menos proximos da grande concentração absoluta, em que os seus effeitos como desorganizadores, como escharoticos são a todos bem sensiveis.

Será d'esse effeito tão simples e por todos apreciado, do acido diluido convenientemente, que nos occuparemos; pois que, talvez, não havendo ninguem que tenha deixado de experimentar o prazer recebido n'essa sensação refrigerante d'uma limonada, quando o calor os

incommoda, talvez, dizemos, muitas pessoas nem sequer pensassem na causa que lhe originava tão agradável sensação e a tenham confundido com essa outra, que se experimenta ao tomar, em tal estado, uma bebida fria, um sorvete por exemplo.

Bem notavel e frisante é comtudo a differença no modo de obrar d'estes dois agentes. As bebidas frigorificas refrescam o individuo, roubando-lhe ao organismo o calorico pelo proprio contacto; as acidulas actuam immediatamente sobre as fontes do calor animal; e, não lhe roubam o calorico desenvolvido, mas obstam ao desenvolvimento d'elle.

Qual é porém esse modo de obrar, conhecido apenas pelos seus effeitos?... como modificam os acidos as fontes do calor animal? como lhe paralysam quasi a sua actividade? em qual d'ellas obram de preferencia?...

Eis o que varias theorias têm tentado explicar!...

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

AO EX.^{mo} E REV.^{mo} SR.

D. Manoel Joaquim Barradas

MERITISSIMO BISPO ELEITO D'ANGOLA E CONGO
ETC., ETC., ETC.

ODE.

Do Deus eterno a Providencia augusta,
Creando o homem, lhe destina a sorte;
Do mundo os cargos, prelazias, thronos,
Ella reparte.

Talento, genio, e virtude, e graças,
Sublimes dons, a poderosa dextra,
Na tenra infancia, te infundiu, ó Principe
Da sancta Egreja.

Cristaes d'essa alma, virtuosa, grande,
A luz guardavam: e essa luz patente
Hoje fulgura radiante e bella!
É luz do mundo.

E Deus, que as luzes segregou das trevas,
Te destinára, como o sol ao orbe,
Para em Loanda allumiar as almas
Obscurecidas.

Missão divina valoroso abraça.
Derrama luzes, que se illustrem todos
Esses teus filhos, que adoptaste agora:
Filhos ditosos!

Do Céu os tramites, a senda augusta,
Lhes prega, eximio Orador sagrado,
E, mui zeloso, lhes aplana os obices
Com esse baculo.

Sim, corre, vóá, Jehováh te chama,
E os filhos clamam, que não tem sustento;
Embora sintam os Elvenses todos
Saudade immensa!

Da patria tua, inexpugnabil Elvas,
Oh! não te olvides, que te foi tão grata;
Da plaga adusta, preciosas benções
Diffunde, esparge.

Elvas, 29 de maio de 1858. M. J. Pires.

SONETO.

Ceguei do dia á tarde; assim da vida
Á tarde chego; e que fazer me resta?
Olhos vólvo ao passado; elle me attesta,
Que frivolo assaz foi em longa lida.

Essa arvore não vês envelhecida,
Sem folhas, que nem sol, nem frio cresta?
Outr'ora seiva, brio da floresta,
Hoje cadaver, a morrer convida.

'Neste valle abundou fertilidade;
Hoje em magra aridez, sólo escabroso,
Nem para abrólhos tem fecundidade;

Mas cypreste além sóbe inda frondoso,
Que só nas ruinas, só na soledade,
Marca o fim do caminho ao desditoso.

A. P. Zagallo.

A un bel oiseau

BORDÉ SUR L'ALBUM D'UN JEUNE POËTE.

Nal a'entendra ce maet rossignol

LAMARTINE.

Que dis-tu dans ton ramage,
Que dis-tu, gentil oiseau,
Qui ne chantes sous l'ombrage
Du tilleul ou de l'ormeau?...

Seras tu de jeune femme
Messager plein de douceur,
Qui viens enivrer une âme
Des accents de son ardeur?...

Seras tu de la tendresse
Le don le plus précieux,
Exprimant, dans ta caresse,
D'une amie les tendres feux?...

Oui! je crois! Dans ton silence,
Bel oiseau, tu dis plaisir,
Tes charmes disent jouissance,
Ton essor cache un desir!...

Et ta voix, qui semble muette,
Personne ne la comprend,
Hormis le jeune poète,
Qui s'inspire de ton chant ...

Celui seul sait ton langage,
Ton secret peut diviner!...
Que tu as son coeur pour cage
Et l'amour pour géolier.

Le 29 avril 1858. A. M. da Cunha Bellem.

Nova religião sentimental.

Le monde marche.

E. PELLETAN.

O mundo marcha, a humanidade aperfeiçoa-se, o progresso é uma verdade incontestável! Tudo com o maior affan se pôz a caminho e força o passo no empenho d'em breve tocar a meta das aspirações humanas. E como, se não temerem de cançar a meia jornada, largam velas á ancía do desejo, redobram de esforço; e eil-os vão a toda a pressa em demanda da almejada felicidade confiados na mui certa *perfectibilidade indefinida*, e á porfia de quem mais correrá empregam o ultimo de suas forças 'nessa carreira veloz, precipitada, e irresistivel e galgam com azafama furiosa montes, valles, precipicios, e abysmos; que, a não ser tão longe o termo de seu proposito, haveria grande medo de que o pobre do infinito, como tomado d'assalto, fôsse galgado de dois pulos. Este nobre intento tão digno do elevado desvanecimento d'uma geração esperançosa, perante a qual os velhos tempos d'outrora, pécios e mesquinhos, fazem vergonha de trazer a cór do pejo ao rosto, não pôde restringir-se aos estreitos limites das elevadas questões da politica social. A propria religião, os mais intimos sentimentos moraes devassados, hão de soffrer a metamorphose da nova epocha, que vae raiar.

Desça a divindade do seu throno excelso no ceu empyreo! dissipem-se esses acanhados e

myopes preconceitos da sã moral, que outros *deuses* mais altos se alevantam! outra religião, outra crença, nova fé, melhores preceitos, lhe tomam o passo! Velhos tempos d'outrora! vossos desvarios não se herdaram, pertencem ás eras ominosas do obscurantismo e da cegueira! Hoje temos todas as alampadas do universo acesas, e não os sós do firmamento, de que falla o antiquado Genesis. Hoje tudo é luz, foram-se as trevas, e um mancebo imberbe tem mais sciencia infusa, do que os mais abalizados genios da tropega antiguidade. Porque este seculo é o *seculo das luzes*, e todos são *luzeiros* da nova era do progresso! Senão vêde...

Desde o começo do mundo tem apparecido varios legisladores, que entre muitos desvarios se creram tambem prophetas, e começaram de ensinar doutrinas, e a estatuir religiões, cada qual mais abstruza, cuja infinidade cança a paciencia, e farta a imaginação, resumindo-se todas debaixo da denominação geral de pagãs. Além d'estas um povo solitario, e sequestrado do resto do mundo nos desertos da Arabia pelas suas tribulações, entra em commercio directo com a Divindade, e cria a religião do Deus unico; da qual derivaram a *christã*, e a *mahometica*. Todas as religiões pois se podem reduzir ás quatro principaes, pagã, judaica, christã, e mahometica. Não bastou porém aos peraltas e tafues, graves pensadores e esperanza viva d'esta epocha emphaticamente intitulada de civilisação, o que nos herdaram nossos avós; e de seu moto proprio arvorados em prophetas do progresso sensual, (*novos Epicuros* não escarmentados das aberrações d'um Saint-Simon, ou Fourier, que pretenderam instituir a philosophica religião humanitaria, e socialista!) abi os temos a estatuir a *sua religião*, a que chamarei — *sentimental*...

Ora como tudo quanto de taes cabeças pôde sair não tem cruces, nem cunhos, e muito menos é possivel ser verdadeira creação de suas intelligencias estereis, ella é um arlequim composto de retalhos tirados ás outras.

Participa da pagã em dirigir as suas adorações a uma infinita multidão de *deuses*, quaes são os bons acepipes, bons vinhos, e bons manjares; as damas, a muzica, a opera, a comedia, o passeio, o jogo emfim tudo o que pôde divertir, e fazer passar vida alegre: — da judaica, pois bem como os judeus escarnecem da devoção, e aborrecem os crentes da fé viva, assim tambem esses autochratas da moda sustentam cru guerra e zombam, muito cheios de si, do pae

impertinente, da escrupulosa mãe, do tutor severo, do irmão melindroso, e de pedagogo recto: — da mahometica, porque apenas cuidam, e sempre sonham com o paraizo das *bellas, voluptuosas nymphas, encantadoras deidades*; pondo toda a sua bemaventurança nos prazeres terrestres: — emfim da christã conservam unicamente o *baptismo* da agua por fóra; mas porisso em bodas, saráus, bailes, jantares, e festas, com profusas abluções em honra de Bacho pertendem compensar o effeito d'aquelle com o *baptismo* de vinho por dentro. Tem o seu *papa*, é *belzebut*, *cardeas* são os devassos, *capella* o *botequim*, *cathedral* a *hospedaria*. As *perigrações* fazem-nas aos *amores*; de *indulgencias* lhes bastam os *olhares ternos*. A sua *biblia* é um *baralho*, de *evangelistas* lhes representam os *quatro reis*, d'*apostolos* as *damas*, e os *valetes* de *doutores* da lei. São preceitos seus os *peccados mortaes*, e de *confissão* lhes servem as *declarações d'amor*. Nas *canções amorosas* entoam *psalms*, em prendas ás amantes commutam as *esmolas* dos pobres. D'*oração* lhes vale a *comedia*, as *gazetas* suppreem *evangelhos*. Sua *bocca* é armazem de *bagatelas*, e os ouvidos de *vituperios*. Os encomios, que tecem aos seus crimes, e o alarde da sua prostituição, a que chamam *romantismo*, passam para os *novéis* por *actos dos apostolos*, e o *noviciado* d'estes serve de *deleite* aos depravados. Chamam *bemaventurados* aos socios mais perdidos e aos creados *anjos da guarda*.

Emfim como é ao serviço do *mundo*, *carne*, e *diabo*, que passam a vida, e porque a devassidão os impossibilitou com velhice precoce de serem uteis para alguma coisa, lá lhes prepara *Lucifer* reconhecido, em signal de gratidão, o *inferno* para *hospital de invalidos*. E. *le monde marche mais... c'est vers l'aby-me!*... — Eugène Huzar.

Extr.

Recordações de Coimbra.

Continuado do n.º 7.

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmorosas campas, urnas luctuosas.

BOCAGE.

VI.

Mil vezes hei levado aos labios a taça das amarguras, mil vezes mesmo a tenho esgotado até ás fezes!...

Ir inda na infancia desfolhar funereas rosas sobre a campa, em que meu pae dormia o som-

no do justo; confundir o pranto magoado, que dos olhos me brotava, com as sentidas lagrimas, que se deslizavam nas faces de minha mãe; comprimir o coração, que me pulsava no peito infantil ao som dos dobres do funereo sino tal ha sido o primeiro trago de fel, que hei libado ao despontar da vida!... Mas o amargor do absintio não estava inda exgotado!

Haviam apenas os maternas carinhos lo-grado enxugar as lagrimas, que dera á memoria de meu pae, quando um novo golpe veiu dilacerar esta alma predestinada talvez para o soffrimento! Esses mesmos carinhos, esse amor sem igual, porventura o unico, que ao manco era consagrado, devia-o tambem perder... e de novo ir plantar goivos em volta da campa, que me roubava minha mãe!...

São estas duas perdas, que nada póde consolar!... são dois soffrimentos que jámais se mitigam embora venham novos affectos arceiga-se n'alma, embora novas crenças dêem vida ao coração paralyzado nos paroxismos febrís d'uma angustia sem limites!...

Ainda porém não deviam terminar aqui as frequentes libações no caliz dos soffrimentos!... novos tragos de fel me estavam reservados!... era mistér chegar a taça aos labios e exgotar-a... não d'uma só libação... mas lenta... mas pausadamente!...

E o destino compriu-se!...

A. M. da Cunha Bellem.

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 7.

O estranho parou irresoluto apenas um momento. A casa estava edificada em róda d'um pateo quadrado semelhante a um poço; ahi havia um terraço. Retirando-se sem fazer bulha, o desconhecido achou-se ao ar livre, e caminhando como o ladrão nocturno, chegou a um logar donde se descobriam perfeitamente as janellas das casas em que Zustana acabava de entrar.

Um gemido, um suspiro deu a conhecer no estranho a condessa que desfallecera encostada a um pilar: este gemido, fóra occasionado pela descoberta, que acabava de fazer.

A casa para onde estava olhando achava-se illuminada brilhantemente e ornada com elegancia, ao lado d'ella (pois que Clorinda podia ver

tudo, como se houvera entrado) havia um pequeno quarto onde, juncto á cama, estava sentada uma velha arranjando uma criança para trazer a Zustana. Nos braços do pintor estava uma linda rapariga, simples e elegantemente vestida... o original da Psyché, que a filha do Marquez tanto havia admirado! Clorinda agora entendia tudo!... aquella imagem que ella julgára ser objecto da bella imaginação do artista era a cópia do original amado!...

A criança, um lindo menino com quasi um anno d'idade, foi trazida a Zustana para a beijar. Então, todos os seus modos selvagens desapareceram; então não era mais do que o artista, o creador, o genio d'arte; mas o homem. Sorriu-se, passou a mão pela face da criança, deixou-o apertar-lhe os dedos com as suas mãosinhas e riu-se com verdadeira alegria, depois voltando-se para a mãe arrebatada de prazer abraçou-a ainda uma vez e trouxe-a para uma mesa proxima da janella aberta.

—Que progressos tendes feito hoje? — perguntou o pintor alegremente.

—Vêde, — respondeu a joven mãe, apresentando-lhe um livro escripto e fallando aquelle dialecto de camponesa Siciliana, algum tanto aspero. — Penso, que finalmente posso escrever uma pagina muito bem.

—Excelente! — continuou o pintor sorrindo-se. — Oh! a minha Eleonora é uma perfeita fada! letra melhor nunca eu a vi! Já não é necessario dar-vos mais lições.

—Mas na leitura, — disse a joven menina, fallando, como um timido estudante, — nunca vos poderei agradar.

—Sempre me agradaes — exclamou Zustana — mas deveis evitar o mais possivel esse vosso accento de estrangeira.

—Farei toda a diligencia, — disse Eleonora com ardor; e tomando um livro começou a ler com a imperfeição d'uma principiante, porém com tanta pressa, com tanta graça, com um desejo d'agradar tão evidente, que, quando concluiu a lição, Zustana apertou-a ardentemente contra seu coração, e exclamou com os olhos abraçados d'amor e n'um tom apaixonado. — Minha Eleonora, quanto vos adóro!

Continúa.

E. O.

Um dia em que M. de Nesmond arcebispo de Toulouse orava a Luiz XIV, faltando-lhe a memoria teve de se calar. Então o rei lhe disse com bondade. «Muito estimo senhor que me desseis tempo de saborear as bellas coisas que me dizíeis.»

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 7.

VI.

Retrospecto.

Em quanto Ricardo manda a toda a pressa buscar os taes decantados sapatos, enquanto trata dos atavios e adornos, que o devem tornar um *dandy* na *soirée*; vamos nós levar o leitor aos lares paternaes do nosso amigo, e, atrazando o ponteiro do tempo, vamos devassar-lhe os segredos do berço, quasi surprehendel-o em fraldas e coeiros; quer dizer, vamos estudar o seu passado... a sua biographia.

Ricardo tinha tido um pae e uma mãe, como todos nós, ou antes, como a maior parte de nós; pois que, além d'aquelle celebre ratão da fabula, que teve duas maes, muitos conhecemos nós cá n'este mundo de agora, que têm a honra de ter dois paes...

Fique pois sabido que Ricardo não era d'esses: tinha um só pae e uma só mãe, santo homem e santa mulher, que tiveram aquelle filho e uma filha, em Lisboa, na rua da *Rosa das partilhas* n.º 35; o que lhes dava direito a chamarem-se *alfacinhas* da *gemma*, coisa em que Ricardo tinha muita honra, especialmente quando os provincianos o cassoavam por isso.

Seu pae, o sr. Manuel Pereira de Aboim podia ter muito dinheiro, se o tivesse ganho ou alguém lh'o deixasse; mas como não aconteceu nada d'isto, e elle era bastante honrado para o furtar, seguia-se que o sr. Aboim não era rico; nem antes do casamento, nem depois; porquanto a noiva trouxe-lhe muito amor, muita virtude, mas a respeito de dote... *nentes*. Uma filha d'um coronel de milicias que poderia trazer de dote?... Alguma barretina velha, ou alguma farda de morcego, que apenas servisse para as mascaradas do entrudo!...

Ora o sr. Manuel de Aboim, á falta d'outro emprego, era procurador de causas, o que lhe rendia para viver n'uma honesta mediocridade, tendo a sua sopa, vacca e arroz ao jantar e ao domingo — e só ao domingo — batatas fritas ou salada para prato do meio.

O nascimento do nosso Ricardo foi um verdadeiro dom do céu; — e seu pae, que via n'elle um arrimo para a velhice, deliberou, desde logo, fazel-o doutor, para o que tractou immediatamente de collectar todos os seus clientes presentes e futuros com uns tantos por

cento em cada folha de autos, que lhe passasse pelas mãos!...

Se fôsse atendida a opinião de sua mãe o rapaz seria padre: seu pae, que queria ver o fructo do dinheiro gasto na formatura, e que não formava o filho só por luxo, queria que elle fôsse para medicina, mas o rapaz, chegando a Coimbra para não desconsolar nem um nem outro, matriculou-se em direito.

Ricardo brincou muito em pequeno; pulou muito, fez travessuras do arco da velha, de companhia com sua irmã e com um rapaz, que morava no andar superior das suas casas — no primeiro vindo de cima. — Este rapaz era filho d'um honesto empregado público a quem os atrozos de pagamento e os revezes da fortuna tinham reduzido a uma parcimonia forçada, que se parecia muito com a inopia, de modo que só lhe era permittido habitar no mencionado primeiro andar, começando a contagem do telhado! ..

Ambos quasi da mesma idade, Ricardo e Carlos (que assim se chamava o visinho), entraram junctos n'um collegio da rua do Loreto para aprenderem o *b-a-ba*, e, entre os receios da milagrosa sancta dos cinco olhos e os folguedos do sueto, afóra alguma gazetita que faziam para irem juntos grotar para os *Arcos das aguas livres*, assim passaram os primeiros annos da sua vida; ainda juntos entraram nas aulas das *Merceeiras* para estudarem varios preparatorios, até que em fim, contando Ricardo quinze annos, seu pae resolveu mandal-o para Coimbra. O rapaz choramingou ao despedir-se da mãe e da irmã, deu um beijo no pae, um abraço no amigo e partiu, confiado á direcção d'um bom veterano. Carlos viu-o partir com as lagrimas nos olhos: além de ir separar-se do socio de sua infancia, via com inveja que este ia ser doutor, emquanto que elle, por não saber em que se occupar, ia tornar-se *litterato*!...

Assim pois, emquanto Ricardo escanhoava, nas margens do Mondego, as já aprendidas regras de Genuense e Quinctiliano, o seu amigo, sobre as ribas do Tejo, traduzia *livremente* comedias de Scribe e extasiava-se deante das paginas traduzidas d'uma traducção de Schiller ou de Shakespeare!...

Ricardo fez os preparatorios, matriculou-se e foi seguindo o seu curso; e o seu amigo, esse lá estava em Lisboa, a repartir o tempo entre o cavaco dos botequins, as locubrações poético-romantico-litterarias; e á noite ia beber inspirações sentimentaes nos ultimos actos d'algun drama, graças á modesta senha, que

comprava com as economias réstantes da despesa da casa, que a mãe sollicita carinhosamente lhe dava para os seus *menus-plaisirs*.

Ricardo apenas chegou a Coimbra levou o seu gráu, soffreu muita cassoadá, muito enclão e mais *tuti quanti* soffria um caloiro que vinha entregue a um *bom* veterano, n'esses melhores tempos, que lá vão. Mas o que nem gráus nem cassoadas lhe podéram tirar, foi o maldito sestro de querer fazer figura, — e de pimpar de lord, janota e, o que ainda foi peor, de endinheirado. Ricardo tinha uma modestissima mezada de doze mil reis; mas nem por isso desanimou! Com a boa eschola de Lisboa, logo que pôde affrontar impunemente as cassoadas, correu botequins e bilhares, arvorou triumphantemente o charuto na bocca, travou relações, vomitou chalaças e bons ditos, e eil-o um *bon vivant*, um espirito forte a *la moda* de que se não podia já prescindir em qualquer pandega ou cavaco de botequim!...

O nosso heroe fez-se conhecido de todos os seus patricios notaveis por fidalguia, talento ou riqueza, dizendo depois, por toda a parte, que eram já seus intimos amigos, de Lisboa, que eram relações estreitas de familia e outras pafacoadas que taes; — o caloiro portanto teve bem o cuidado de occultar a verdadeira profissão do senhor seu papá e, por um bem entendido orgulho, intitoulou-se filho d'um honrado negociante retirado do commercio, que disfructava pacificamente as suas rendas... pacificamente!... o pobre Manuel de Aboim que « andava sempre em corropio do letrado para a audiencia, da audiencia para o escrivão » emquanto que seu filho « não lhe escapava funcção » gastando á larga como se effectivamente fôsse filho d'algun barão de fresca data.

Como Ricardo arranjava dinheiro para aquella sancta vida, isso é mysterio, que pertence á moderna geração academica, muito mais illustrada e desenvolvida moralmente, que a dos tempos do *Palito metrico* que lá vão; — é e será sempre mysterio, mas que nem por isso deixa de ser a verdade real e conhecida. — O estudante, quanto menor mezada tem melhor figura faz em Coimbra! — eis o axioma!... Vêem-se ás vezes filhos de millionarios, que têm letra franca, que tiram por mez suas dez, doze moedas, andarem sempre sem uma de *xis*, não gastando em desperdícios notaveis, não passando até do miseravel cigarro *bregeiro* e por fim deixando ainda em cada anno um *deficit* dos seus cem mil réis a pagar!... e por outro lado pandegos, que têm ás vezes só doze e até dez mil réis de me-

sada, que as familias não têm onde caíam mortas, para lhe poderem mandar *extraordinarios*; e elles vivem, e elles luxam, e elles despendem em tudo o que lhes appetee e se se perguntar donde veio o dinheiro ninguem o sabe, nem elles mesmos talvez!... E não se pense que é para estes frequente o transe, que relatámos de terem de empenhar a batina, ou mendigar o crédito d'uns sapatos!... a qualquer d'esses, todos estão promptos a fiar, todos emprestam, porque elle soube engodal-os a primeira vez com a esperança d'um lucro certo, garantido pelos seus mentidos haveres, e depois com o receio sempre de desgostar um crédor de quem estão dependentes, as verbas do emprestimo vão-se succedendo umas ás outras sem segurança alguma, que valha em juizo, mas correndo sempre apóz a esperança ou receio de não perderem a primeira somma emprestada, se escandalizarem o devedor com uma recusa!..

Ricardo porém era ainda uma excepção ao estudante typo, que acabamos de descrever, heroe de *bico amarello*, que, se não é muito vulgar de encontrar na academia, não é comtudo tambem um ente da nossa imaginação: — é um ser que tem existencia verdadeira ainda que um tanto raro!...

Ricardo soffreu uma pequena metamorphose no seu modo de vida e era agora uma variedade d'este genero caracterizado pelo estudante amancebado, que não vive com luxo, que não entra em certas e muito dispendiosas pandegas, que tem, como vimos, de empenhar a batina algumas vezes, mas que, em geral, vive bem, sustenta a sua bella mais os seus caprichos e que a final se se perguntar donde lhe vem o dinheiro para tudo aquillo ninguem o saberá dizer!... mysterio, que talvez nem elle mesmo decifre!...

Effectivamente o filho do sr. Aboim, n'uma das suas orgias nocturnas do segundo anno, tinha levado Carlota para sua casa: ficou com ella ao dia seguinte por gosto, no outro por descuido, no terceiro por indifferença, no quarto por capricho, pois um dos seus companheiros lhe ponderara com calor de mais que fazia mal em guardar aquella rapariga comsigo; — e finalmente ao quinto dia ficou com ella por habito, chegou a tornar-se-lhe uma necessidade, e acabou por lhe ter esse sentimento bastardo e hybrido, tantas vezes experimentado pelos mancebos, e que eu, na minha crassissima ignorancia de physiologia dos affectos do coração humano, ouzo chamar, á falta d'outro nome, — capricho material; — sentimen-

to que não é o amor, mesmo o que se sente pela amante com quem já saciámos o fogo dos desejos, que não é a amizade que se dedica á espoza, mesmo a mais indifferente, depois que longo tempo de posse tem esgotado todos os recursos do gozo; mas que, a final de contas, é uma propensão para essa mulher, de quem a razão tenta persuadir-nos, que nos devemos affastar... mas emque a voz da razão não é escutada, ou, embora convencidos por ella, nos fallece a coragem para quebrar essa ligação, que persiste as vezes mesmo mau grado os sentidos corporeos, porque essa mulher é feia, porque não tem os encantos que nos poderiam attrair e captivar!... E todavia nós não amamos essa mulher e receamos que ella um dia nos abandone, e todavia trememos deante de sua ira e se ella um dia se mostra agastada, nós curvamo-nos á sua vontade, porque um sentimento, que não é o amor, que não é o encanto, que não é a amizade, mas que é um sentimento tão forte com todos estes prendeu essa mulher ao nosso destino!...

Fatal abjecção do espirito humano!... Quantas vezes conhecemos que essa mulher é digna de nosso desprezo, quantas vezes mesmo a detestamos, e comtudo aviltamo-nos a ponto de commetter infamias e baixesas por ella!... Entendam lá o espirito e o coração do homem!...

Tente desembulhar este dedalo quem quizer; que eu antes prefiro ir com os meus leitores ver como Ricardo se arranjou para o baile, que são quasi horas de entrar.

Continúa.

Um estudante.

CHARADA.

Agua sou sempre corrente — 1

Agua sou sempre inquieta — 2

E d'agua branda torrente

Viço e frescor me acarreta.

M. S.

A explicação da antecedente é — **Caloiro.**

EXPEDIENTE.

Tendo-nos até hoje declarado muito poucos senhores que recusam renovar a sua assignatura, consideramos como assignantes todos os que assim expressamente o não fizeram e como tal lhe continuamos a enviar o nosso jornal.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - JULHO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Tomamos a liberdade de lembrar aos srs. assignantes, que tenham a bondade de mandar satisfazer as suas assignaturas, para não soffrerem interrupções na remessa, como têm soffrido, por difficuldades em se fazer o expediente.

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 8.

Não julgamos por extremo philosophico o modo de pensar antecedentemente exposto, nem os factos o confirmam. O tecido muscular é da ordem dos *constituíntes*, segundo Robin. Os fasciculos primitivos dos musculos no embrião de dois mezes são representados por fibras da largura de 0^m,002 a 0^m,005 com dilatações no seu trajecto correspondendo a nucleos oblongos. No quarto mez a sua largura é de 0^m,0063 a 0^m,011, e uniformes em toda a sua extensão. Pela sua secção transversal vê-se que as fibrillas não enchem o espaço occupado pelos tubos primitivos; acham-se agrupadas na periphèria d'estes tubos, constituindo um cylindro contendo no seu interior uma substancia homogenea: os tubos primitivos se acham envolvidos por um sarcolemme formado talvez pela reunião da membrana das cellulas, ao mesmo tempo que o interior da cellula fórma as fibrillas musculares.

O tecido nervoso está em caso identico, posto que seja da ordem dos *constituíntes*.

Os tubos nervosos devem a sua origem a modificação directa das cellulas embryonares: a

cór cinzenta e a fórma nodosa, que elles apresentam nos primeiros periodos da sua existencia confirma a doutrina de Schwann a este respeito. E se isto se dá na formação dos tecidos o mesmo deve acontecer no seu desenvolvimento e nutrição.

A composição, primeiro acto da nutrição, suppõe a saída do blasteme para fóra das paredes dos vasos, o apparecimento de cellulas, a metamorphose d'este blasteme, operada talvez dentro das cellulas, e a formação dos elementos anatomicos identicos aos dos tecidos, tanto normaes como pathologicos com que o blasteme estava em contacto, bastando 'nuns casos a modificação na fórma, volume, e disposição das cellulas, 'noutros sendo necessario modificações taes, que a cellula se transforme 'noutra especie d'elemento anatomico.

O acto de composição suppõe um outro inteiramente opposto — o da decomposição. Se assim não fósse os órgãos cresciam indefinidamente. As difficuldades na explicação d'este segundo tempo são eguaes, se não superiores ás que revestem o primeiro.

Tal é a doutrina que os physiologistas mais acreditados adoptam ácerca de nutrição, cujo processo se póde considerar uma repetição da geração.

F. A. Alves.

Continúa.

Acção dos acidos, como refrigerantes, na economia.

Continuado do n.º 8

Quando no campo physiologico dominava exclusivamente a doutrina de Lavoisier ácerca da respiração, isto é; quando se considerava

esta funcção como uma combustão, em que o oxigenio do ar, se combinava com o carbono excedente do sangue para formar o acido carbonico, resultando tambem a formação da agoa do excesso de oxigenio em combinação com o hydrogenio, era a este phenomeno vital, que se concedia a principal influencia no desenvolvimento do calor animal, e, consequentemente, se explicava a acção refrigerante dos acidos pela propriedade, que tinham os alcalis livres do sangue, de favorecer singularmente a destruição das materias organicas debaixo da influencia do oxigenio — *combustão lenta*; — e pela propriedade, de que os acidos gozavam de, combinando-se com aquelles alcalis, diminuir os efeitos da principal origem do calor animal — a mesma combustão lenta.

A observação, porém, de que preexistia acido carbonico formado; de que se desenvolvia agoa nas respirações feitas em atmospheras sem oxigenio; junctas ás faceis considerações de que no pulmão não havia um gráu de calor sensivelmente superior ao dos outros órgãos, de que o sangue das veias pulmonares tambem não tinha mais elevada temperatura que o das arterias do mesmo nome; de que nas pequenas edades (em que o numero de movimentos respiratorios, n'um dado tempo, é incomparavelmente maior) se nota uma pequena calorificação; de que a temperatura diminué depois do jejum e augmenta depois d'uma impressão moral; tudo isto, dizemos, chamou a attenção dos physiologistas, e fez caducar a theoria de Lavoisier, arrastando com ella o exclusivo dado á respiração no desenvolvimento do calor animal!...

A doutrina de Bouchardat ácêrca do modo de obrar dos acidos, que se baseava na theoria acima expendida, ficava pois assim prejudicada; accrescendo ainda que as experiencias de Wokler, Berselius, Golding e Orfila, nos vieram demonstrar, que os acidos apenas obram livres no canal intestinal, onde se combinam com os princípios alcalinos da bile, succo pancreatico, etc., formando compostos soluveis e insoluveis, proprios para serem absorvidos ou eliminados pelo mesmo canal, de modo que, passando ao sangue, como á urina, n'este estado de combinação, elles não lhe poderiam ir destruir a alcalinidade, neutralizando-lhe suas bases; e por conseguinte a interpretação, dada por Bouchardat ao facto da acção refrigerante dos acidos, não só é inadmissivel por estar em opposição com as doutrinas physiologicas hoje professadas, mas ainda o deveria ser mesmo

quando no emporio das sciencias campeava a erronea theoria de Lavoisier, se se tivesse conhecido das tão singelas observações chemicas acima enunciadas!...

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

Dos falsos prazeres.

Quid valet hic mundus?

« Veiu o homem do pó, e ao pó ha de volver não sem, no longo perpassar d'infidos annos, ter mil vezes maldito a hora que o viu nascer e a vida amargurada que arrastou na terra.

« Quer trilhe indocil a estrada dos prazeres, quer siga austero a ardua senda da virtude e sabedoria; lá está no fim em vez de marco miliario, onde repouse d'improbos, e acerbos trabalhos que levou na vida, sorvedouro insaciavel, precipicio insondavel, em que é misto despenhar-se impellido por força irresistivel, sorte immutavel.»

Desgraçada condição humana!... Nada ha mais aprazivel para o insensato, que d'aqui não vê a eternidade, e que goza á larga na terra dos prazeres seductores, e traiçoeiros que lhe ella offerece para encanto dos sentidos, satisfação do pensamento, e perdição da alma, do que seguir ávante, por esse mundo além, a estrada da felicidade; alcatifada de flôres, ornada d'innumeras maravilhas, saídas das mãos do Creador para ostentação do seu poder infinito.

Que formoso panorama alli se não devisa!

Que louçania e graça por ahi se não desprende!

Que delectosa perspectiva a nossos olhos elevados se não afigura tentadora!

Mas está lá a perdição! Dois passos, não mais, corridos 'nella, e a maldição de cima te perseguir o desventurado, que, em seu cego e ledo engano, não, previu o desastroso fim, que o espera.

Oh! tu! cuja ambição se resume na fruição dos deleites terrestres! se teus sonhos dourados em anhelos vehementes te pintam á se frega imaginação divinaes prazeres d'infinita delicia; mentirosos desejos da mente tresvariada não te illudam, e a enganosa esperança te não embale com fagueiras promessas, do que, se te promete d'embusteira, de mesquinha não no póde cumprir. É a estrada dos prazeres encantadora! Segue-a, e caminha: ávante, attenta bem.

— Verde e copado arvoredado d'opulento pomar, assoberba a uma e outra borda a magnifica estrada, que vaes trilhar. Por entre as folhas se lobrigam sazonados fructos appetitosos, que, offerecendo ao viandante traidores regalos, alardeam em suas galas as cambiantes côres da garrida iris; despertam desejos, e apuram tentações, de se lhe não poder fugir... colle um; parte-o; e que topas? cinza por dentro, como nos pomos de Sodoma!

— Além corre fresca fonte, crystallino arroyo, cuja lympha mais pura, que limpido olhar de virgem candida, com somnolento cicio derivando fugitiva, se desliza por entre os lubricos seixos d'um leito semeado de preciosos aljófres, e guarnecido de ternas e meigas boninas.

Submersa em doce gosó, com os espiritos d'aspirar salutaes perfumes embebecidos, juncto d'ella, em suaves enleios dos sentidos, cede a natureza ao prazer curtas horas de repouso.

Não bebas d'ella.... É sangue, se lhe tocam labios polluidos de torpes profanações.

— D'alli se desdobram á vista deslumbrada, formosas campinas de vegetação esplendida.

Brando tapete d'aveludada relva, recamado de variegadas flôres, moldando, combinadas com fino gosto, ás accidentadas ondulações do solo o mais engraçado matiz, por toda a parte de luxuosas louçainhas as cobre.

E ao corpo alquebrado de fadiga, ardendo em o abafadiço calor d'estuosa calma, magestosos alamos frondosos promettem contra os ardores d'um sol adusto benefica sombra de grato frescor em leito voluptuoso d'amena delicia.

Ao menos alli vê a imaginação os regalos do descanso.

Não te deites... Ha por lá, escondidas naservas, venenosas viboras, escorpões mortiferos, que roubam a vida com horrosos tormentos!

— Acolá assomam, nos confins do horisonte, lindas e poeticas collinas, por onde brincam as musas; e as nymphas em seus folguedos lhes transpõem contentes os vecejantes cumes, deslembadas do ramalhar da folhagem do bosque, e do aprazivel murmurio das fontes, para vir aos valles desafiar amores, despertar ciumes, nas delicadas e mimosas florinhas — quaes donzellas em dia festivo de noivado enfeitadas das pudibundas côres, que lhes realçam a peregrina formosura encantadora. D'ellas, ao bafejar da brisa, suavissimos aromas, que enlevam a mente extasiada, e intorpecem os sentidos ebrios de prazer exquisito, se exalam rescen-

dentos com o balouço airoso das petalas perfumadas.

Não vades lá... É logar defeso, a quem prazeres corruptos almeja e nutre impuros pensamentos!

— Além na encosta não vês magnificos palacios encantados? e ao derredor d'elles bosques espessos de copadas laranjeiras? D'aqui se devisam, bruxuleando por entre as folhas verdes, os pomos aureos. Quem não dirá serem os jardins hesperios!...

Habitam dentro os Faunos nos bosques, Venus, e os amores nos paços!...

E com alegres dansas, innocentes, e cantos maviosos, se passa por lá a vida no extremo gozo da felicidade terreal.

A libar dos deoses o nectar delicioso se afoagam opiperos manjares, saboreando em tragos amiudados a verdadeira ambrosia.

Melodiosos hymnos, harmonias divinaes d'inimitavel poesia, que ás espheras superiores d'angelical deleite arrebatam os sentidos com inefavel prazer, compassadas se ouvem a espaços de silenciosa pausa, interrompida apenas por brincos e folgares de galante e intima jovialidade.

É o paraizo, aonde o tempo corre breve, jubiloso, e descuidado, em extasi supremo de suprema ventura.

Mas... não te é dado penetrar no sanctuario privilegiado dos queridos do destino.

Fiques embora absorto d'assombrado a contemplar maravilhas, que nem de vista podes por momentos gozar!

Passa adiante, e não pares, que te não pára a vida, rapida escoada na ampulheta inexoravel do tempo.

A idade avança, a mocidade perdeste-a, e os membros lassos cançam, vergando sob o peso dos annos, e de vagabundos extravios; e em anhele ancioso d'appetitosos regalos enfraquece a razão, que desvaira no infindo penar de não cumpridos desejos.

Agora, que vaes chegando ao logar das provações na terra; onde as almas fortes prepararam com sobrehumano valor em remissão das culpas a felicidade celestial d'eterna duração; repara, e vê: — quam perto na incerta e tortuosa senda da vida aos prados viçosos succedem desertos aridos, ás collinas frondentes escarpados pincaros de serranias bravas; como a amenas fontes, em que brincavam amores, se substituíram abysmos profundos, habitados só pela torva morte em solidão medonha.

Não tentes escapar á sorte fatal, nem atraz

volvas o pensamento, se desejas fugir ao maximo martyrio das accusações severas da inexoravel consciencia. A condemnação, traze-la estampada na fronte maldita com o indelevel ferrete de reprobo.

Avante, avante, segue e caminha. Não vês ao longe humilde cabana de miseravel aspecto, que se enxerga d'aqui? Está só no meio d'inhospito ermo.

Não a abriga copado freixo, que o solo é safaro, o sol queima, as fontes seccaram, e ao redor tudo está arido, como coração de precito... Alli te diriges. 'Nella habita velho decrepito, descarnado, macilento, d'olhos encovados, tez livida e tostada, d'alma tisonada, e de coração mirrado; com os cabellos erriçados, raros, brancos ... é horrivel de vêr... é asqueroso... é immundo!... e chama-se... a *miseria!*... o paiz em que mora... o do *remorso* e das *lagrimas!*

Fica ahí, não vás mais longe; senão topas logo com a *desesperação!!!*... Que por ordem do Céu te esperam ambos para hospedar-te, e a ti só, em remuneração da tua insensata troca das virtudes pélos prazeres.

Extr.

A SAUDADE.

(26 de Maio de 1838.)

... absens absentem audique, videtque.
VIRG. AEN. L. IV.

Dos louros a pousada
A branca pomba deixou,
E o sorriso dos prados
Pelas montanhas trocou.

A bonina côr de rosa
De saudade impalidece,
Dobra seu colo mimoso,
E de pesares fenece.

Dóces hymnos não entôa
Da floresta o cantor,
Só a floresta repete
Nenias, cantos de dôr.

Cansou o penar
A ave mimosa,
E as montanhas
Busca gostosa.

Se eu tivera
O dom de voar,
Eu 'nellas tambem
Iria habitar.

Anonymo.

Tendo ha pouco recebido esta bella produção lyrica do sr. M. J. Pires — gostosos nos demos pressa em a publicar, já pela deferencia e consideração que nos deve o author, já pela estima e admiração que votamos ao talentos collega a quem tal mimo poetico é offerecido.

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Francisco de Paula Santa-Clara.

Et Poreille, attentive au charme de vos vers
Croit de Virgile même entendre les concerts.
FRANÇOIS DE NEUFCHATEAU.

Para ti natura prôvida
Sorriu-se na tenra idade,
E de ingenho, estro e bondade
Desde logo te dotou!
E tua estrella, mui lucida,
Brilhando no firmamento,
Te infundi esse talento
E, benigna, te inspirou.

A juventude, tão férvida!
(Estação tão perigosa!)
É para ti qual a rosa
Purpurea em lindo botão;
Os espinhos tem por ambito;
Mas encanta a louçania!
Se tudo n'ella é poesia...
A poesia é teu condão.

Esse trabalho, tão plácido,
Sacrificado ás Camênas,
Não faltando em Lusa Athenas
A teus deveres cumprir,
Revêla um genio mirifico,
Amante da soledade:
E se assim és 'nesta idade,
Que virás ser no porvir?!

De virtude o teu espirito
Adornado e de sciencia,
Já do Pindo á eminencia
Vejo brilhante subir,
E d'alli, com passo alipede,
Deixando as Musas saudosas,
Vens de Themis as famosas
Ordenações a ouvir.

És no dever tão sollicito,
Que por elle deixas tudo;
Choram Musas... ao estudo,
Tu jámais has de faltar!

Na vacação escholastica,
Fugindo da ociosidade,
A mui fervente saudade
Vaes então a mitigar.

Tu nos alegras, agillimo
Teu alaude pulsando,
A tua voz, echoando,
É do mais fino metal:
Toda a gente fica extatica,
Ouvindo tal melodia,
Não é humana poesia,
É um canto angelical! (-)

Elvas, maio de 1858. M. J. P.

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 8.

Foi 'numa tarde de verão que um mancebo, de mala ás costas, um par de pistolas á cinta, um bordão que o ajudava a trepar os outeiros e montanhas e a atravessar as torrentes, estava no cume d'um monte, contemplando uma pequena mas deliciosa planicie, em parte um ameno prado, e em parte uma terra de pastagem; aqui arvores, allí uma corrente tortuosa; pequenos outeirinhos, verde e gramíneos campos; além uma suave montanha, da qual pendia uma arvore de sombra, e tudo isto, allumiado pelo risonho sol da Sicilia, que aviventava toda a natureza e esparzia sobre ella seus dourados raios.

Depois de admirar por muito tempo aquella deliciosa paisagem o mancebo desceu vagarosamente um caminho tortuoso que conduzia ás margens do rio. De repente ouviu o tinir do chocalho das ovelhas, o ladrar dos cães e olhando ao redor de si para descobrir d'onde vinha o som, 'numa extremidade da terra de pastagem, a pequena distancia da corrente, viu o rebanho e a pastora sentada debaixo da sombra d'uma copada arvore.

Então caminhou immediatamente para ella sem lhe conhecer ainda a idade e a belleza. Era uma rapariga de deseseis annos, a mesma delicada e excellente *creação* que depois tanto commoveu Clorinda no quadro da Psyché e nas aguas-furtadas de Veneza. A vista do artista estava deleitada, o coração do homem estava cheio d'emoção. O pintor fallou-lhe, e ella

respondeu com timidez, mas com doçura: esquecido da pergunta que havia feito, fallou-lhe na belleza do paiz, no prazer de habitar em tal estancia, nos deleites de sua vida tranquilla e placida, e acabou por lhe perguntar se poderia obter um quarto para sua residencia emquanto completava uma serie d'esboços. A rapariga que o escutára com attenção e interesse quasi por meia hora, durante a qual elle estava trabalhando com o seu lapis, lhe replicou então que seu pae lhe offerceria um asylo em sua pequena casa, se elle se contentasse com uma habitação muito má e uma comida muito ordinaria. O mancebo accitou com muitos agradecimentos e depois mostrou-lhe o seu album.

— Virgem Sancta! — exclamou ella quando se reconheceu.

— Agrada-vos? — disse o artista, sorrindo.

— Oh! está bello! Como podeis vós fazer isto com um lapis? vinde depressa, que eu vou mostrar a meu pae!...

O mancebo seguiu-a conduzindo vagorosamente o seu rebanho, e bem depressa se achou em frente d'uma pequena casa com jardim, que ella lhe designou como pertencente a seu pae. Contemplando alegremente o desenho que tinha na mão a joven pastora, incapaz d'ocultar os seus sentimentos, entrou na sua casa correndo, em quanto Zustana, sorrindo, tomava o cajado da ligeira pastora, e, ajudado pelo fiel cão, conduzia para casa os pacientes animaes. Em dez minutos Eleonora tornou a apparecer, acompanhada de seu pae, seu irmão e irmã, vulgares camponezes sicilianos que não tinham semelhança alguma com esta perola extraordinaria occulta aos olhos dos homens no bello valle d'Arnola, mas que todavia estavam espantados pelo retrato, e receberam o artista com rude hospitalidade.

Zustana passou a residir com elles; procurou agradar-lhes e alcançou-o. Depois de muito poucos dias tornou-se o companheiro inseparavel d'Eleonora: Saíam junctos, elle para pintar, ella para olhar pelas suas ovelhas e ambos para conversarem. Paulo achou-a sem educação alguma, ignorante de tudo, sem saber ler nem escrever, e d'uma imaginação mesquinha, como devem ser taes naturezas.

Porém, havia 'nella um fundo de doçura e uma facilidade em comprehender que dava a conhecer que sómente circumstancias a tinham feito o que ella era. Paulo amou-a!...

E. O.

(*) Alludindo ás suas poesias latinas.

Continúa.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 8.

VII.

Novo meio de transporte para um baile.
entrada triunphante.

São oito horas da noite! Por um capricho d'estes que a natureza tem muitas vezes, dignou-se enviar uma trovoadas a toldar o bello céu de Coimbra, e as nuvens que se agglomeravam desde as tres horas, romperam as catadupas do céu ás seis da tarde, e desde então não cessara de chover. As ruas estavam um charco; e mal poderia atrever-se a affrontar os lamaças o asselvajado sapato dos da Beira, quanto mais o delicado e afluente par de botinhas, que eu tenho decantado em altisonantes capitulos.

Decididamente ha dias aziagos!

Não vos tem succedido muitas vezes, ao sair de casa, escorregares na escada e descido os degráos com os lombos? não vos tem acontecido, n'esse mesmo dia, logo ao virar da esquina, topares, cara a cara, o vosso mais implacavel crêdor? ir a comprimentar uma senhora e machucar contra um pedregulho o vosso callo morgado, o que desafia os risos da cruel e quasi as vossas lagrimas? não teres dado dois passos sem que vos entre um mosquito para um olho ou uma pulga para debaixo da solla do pé? ir-vos a encostar ao mostrador d'uma loja, quebrares-lhe o vidro?... voltares a casa, não encontrares a carta, que esperaveis, ou, o que ás vezes é peor, enconral-a sem estampilha?... não vos tem succedido tudo isto? pois então accreditai no influxo malevolo d'algum astro tyranno, que, n'esse dia, vos olhou com maus olhos!!

Eu creio nos dias aziagos.... porque Ricardo é um exemplo! Ter de lutar ao mesmo tempo com a opposição de Carlota, e com a falta de tres pintos, já é o resultado do peor influxo, que o mais maligno de todos os cometas poderá ter sobre elle; mas, apenas limpando o suor de vencer tal lucha, ver-se assaltado por uma serie infinita de pequenas miserias, é a prova mais frizante de que esse dia era dos taes!! Foi ao cabelleireiro para fazer a barba e penteiar-se, e o cabelleireiro promettia não acabar de frizar os freguezes, que já lhe obstruíam a loja! Ora pelos motivos, que o leitor sabe, Ricardo não podia ir a outro cabellei-

reiro que não fôsse aquelle, porque só elle o escanhoava a crédito! Foi ao Lemos comprar umas luvas de pellica branca, e por muito milagre achou um par, filho unico, e que lhe era larguissimo; assim mesmo teve de contentar-se com elle e dar graças a Deus de o achar no Lemos, quando não, teria outra dança com as mãos como a que teve com os pés; e finalmente quando elle suppunha ter aplanadas todas as difficuldades, desaba-lhe uma corda de agoa, que quasi lhe gelava a esperança de poder ir ao baile!

«Umas galochas! uns tamancos... inclusivamente uma sege!...» reflectirá agora o meu intelligentissimo leitor!... «Alto lá, meu amigo!... Saiba primeiro se em Coimbra haveria para alugar uma sege, mesmo no caso de Ricardo ter dinheiro para tal! Ora, bem averiguado que em Coimbra não ha semelhantes meios de locomoção a alugar, e que mesmo umas capoeiras, com fóros de eternidade, que servem de vehiculo ás bellas, são emprestadas sempre e só se aluga a veloz junta de bois, que deve esforçar-se por arrastar aquelle *coupé* mais leve do que um dos primeiros omnibus da companhia.... averiguado isto, digo, fica a Ricardo, como unico recurso, o levar tamancos ou galochas; mas o que o leitor tambem não sabe é que, para ir de casa do nosso amigo para a *rua larga*, tinha de passar pela *rua dos Grillos*, *mac-adamisada* ou antes descalçada de novo, e portanto o lameiro era tão profundo, que um janota todo inteiro se poderia sumir n'elle, quanto mais uns tamancos!..»

Grave era pois o apuro! mas a força inventiva, que nunca desampara o homem nos momentos criticos, descobriu-lhe que o unico meio alugavel de não ir com os pés pelo chão era ir escarranchado n'um burro!!...

Effectivamente é novo, ir n'um burro para um baile!... mas Coimbra é a terra das grandes invenções. Um proprietario, que morava perto da sala do baile e que trazia obras nas casas, mandou com as taboas, que tinha armanadas, fazer da sua porta á do salão, uma ponte, por cima da qual passou elle e sua mulher.

São lembranças, que nem todos têm!... Ricardo, á falta de taboas, mandou chamar o Resteiro, seu freguez, pediu-lhe um burro fiado, e, á noitinha, aproveitou uma aberta para demandar o desejado porto, atravez do revoltor mar do lodaçal dos *Grillos*, navegando a bordo d'um jerico!

Coimbra é uma terra completamente exco-

pejonal! Aqui os divertimentos honestos e legitimos hão de sempre ser suffocados pela troca dissoluta e nojenta; pois que, embora meia duzia de rapazes queiram caminhar na senda do progresso, meio cento ou mais hão de tractar sempre de ferir com o ridiculo esses agradaveis passa-tempos e fazel-os baquear aos tiros das suas *espirituosas* partidas!... É de pasmar que á porta do theatro, do baile ou do concerto se encontrem duzias de estudantes, todos embuçados e incognitos, fazendo troca em alta voz a ponto de se ouvir no salão, entendendo com quem entra, etc. Este abuso, que, no meu modo de entender, provém só e unicamente do pessimo regulamento da policia, chama-se a *pan-dega*, e se hoje tem diminuido um tanto, annos houve em que tocou os limites do indecente.

Ha ao fim da *rua larga* e formando angulo recto com esta, uma viela solitaria e mal calçada, chamada *Entre-collegios*; sobre ella deita a sala do baile, cuja porta é a ultima da *rua larga*, ou a primeira para quem desemboca de *Entre-collegios*.

É este sitio, escuro ainda hoje, e escurissimo antes da illuminação a gaz, que os pandegos escolhiam para theatro das suas proesas. Era d'ahi que escarneciam as damas, que entravam, os directores, que vinham recebê-las ao amplo patamar, a musica, que tocava á sua entrada, e muitas vezes até a mais chegavam os seus improperios.

Ora o nosso amigo, disposto a fazer o seu transporte para a sala, lembrou-se que o albardão lhe sujaria as calças, e por isso, e mesmo para evitar os salpicos, que do patinhar do orelhudo animal lhe podessem saltar para as pernas, mandou cobrir o apparelho do jerico com uma coberta de paninho vermelho, que elle tinha deixando ficar d'um lado e d'outro as pontas de comprimento tal, que podesse embrulhar as pernas para as resguardar da lama. Montou pois o valente animal e partiu!...

Com o receio de soffrer desastre no mal calçado *Entre-collegios*, veio antes pela *rua de S. Pedro* desembocar ao meio da *rua larga*. A noite estava escura como um prego, mas serena; n'aquella occasião não chovia; mais de trinta pandegos, de caras tapadas, e com os classicos candieiros de metal amarello de tres bicos, estavam escondidos em *Entre-collegios*, e quando alguém ia a entrar, vinham formar-lhe duas álas de luzes! Por infelicidade o nosso azinonauta foi bispado ao longe e logo a rapaziada correu para elle com a sua illuminação. Ricardo fez-se vermelho como a sua coberta, mas sem dar ca-

vaco foi caminhando entre as duas álas de luzes, debaixo do tiroteio da mais incisiva chalaça. Chegou á porta! O infeliz tinha enrolado de tal modo a coberta ás suas pernas e saltou com tal precipitação, que se achou no limiar da porta envolvido n'aquella saia vermelha! Os musicos, que mal esperavam um homem de saia encarnada, demais a mais em cabelo, (porque Ricardo não levava chapeo por o não ter e por não amarrotar a cabelleira) supposeram que era uma senhora e romperam logo em torrentes de estrepitosa melodia; a tal reclamo accudiram logo os directores, que vieram ver Ricardo, acabando de se desembaraçar da sua involuntaria metamorphose! Uma d'estas gargalhadas, expansivas e insultuosas rebentou da multidão! os musicos calaram as suas harmonias e os directores indecisos não sabiam que fazer!

As chufas mais grosseiras partiram do meio d'aquella turba multa, a quem, como aos reprobos, era vedada a entrada d'aquelle eden, mas que se vingavam em amargar alguns instantes aos ditosos, que iam gozar uma noite de delicias.

— Pois não! toquem a essa lesma! — gritava um.

— Não vêem que vae de saia! — vociferava outro.

— Devia entrar de braço dado com o burro! — exclamava, com vóz de pipia, um terceiro.

Aos chascos succederam as indecencias, a estas a algazarra confusa. Entrou um lente! Como por seducção magica cada um, com o medo de ser reconhecido, calou-se, e aquella molle de vultos dispersou toda para *entre-collegios*, para ir esperar outra victima.

E no dia seguinte talvez dissessem que se tinham divertido muito n'aquella noite... Mentiam descaradamente ao bom senso e porventura tambem á sua consciencia.

Continúa.

Um estudante.

Com prazer accedemos ao pedido que se nos faz de transcrevemos da *Instrucção publica* o seguinte artigo, tanto mais, que a obra em questão é um esboço historico de summo apreço para a classe a que temos a honra de ser aspirantes.

Nobliarchia Medica.

Por mais vasto, e rico que seja o campo da Historia, tão habeis, e avidos têm sido os cei-

feiros, que n'elle tem entrado, que apenas aqui, ou alli deixarão ficar alguma espiga, que ou por descuido, ou como inutil, escapou a seus olhos lynces; como o que fica depois da colheita é propriedade de quem o apanha, aproveitamos o que os outros deixarão, e não pequena gloria nos resultou d'esta nossa, ainda que á primeira vista de pouco momento, comtudo de insano trabalho. E não é esta a primeira vez, que nós offercemos algum fructo da nossa colheita, já o fizemos em outra obra, que intitulámos *Nobreza litteraria*, que tantos elogios tem merecido, não só em Portugal, como no estrangeiro: uma noticia dos ayos, educadores, e mestres dos Senhores Reis, Rainhas e mais pessoas reaes portuguezas, de que tivemos noticia, desde os Senhores Reis de Leão até hoje, ninguém pôde duvidar ser um grande esclarecimento para a nossa historia civil, que por certo é muito pobre d'estas noticias.

Hoje, com a maior satisfação, appresento o fructo de quatro bem trabalhados annos, na presente memoria, a que dei o titulo de *Nobiliarchia Medica*; comprehende ella uma noticia succinta dos medicos, e cirurgiões da Real Camara dos nossos Reis, desde o Senhor Conde D. Henrique, até Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde; dos physicos môres, e cirurgiões môres do reino, armada, exercito, e provincias ultramarinas, de que se acham documentos de indubia fé, na Torre do Tombo, e outros monumentos respeitaveis, pelo crédito, que merecem; não omittindo uma noticia da origem dos estudos da Medicina em Portugal, assim como da intruducção da Pharmacia, n'este reino, uma idéa do seu progresso, e privilégios, que lhe foram concedidos. Confesso que uma obra d'esta natureza, devia ser tratada por pessoa, competente na materia; mas como as obras de erudição, nem sempre requerem conhecimentos especiaes, nem eu procuro mais, do que dar o catalogo dos facultativos da ordem acima referida, não duvidei emprehender este trabalho, que na verdade supre muito á excellente Memoria do *Dr. José Pinheiro de Freitas Soares*, inserta no tomo XI das memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e isto em quanto ao numero, no mais em nada me posso comparar com o illustre Escriptor.

D'este modo poderá qualquer, depois de mim, livre dos maiores embaraços archeologicos, tecer uma historia completa da Medicina, considerada em todos os seus ramos, em Portugal, ficando-me a gloria de contribuir, quanto

cabe em minhas debeis forças, para um fim tão util.

Esta obra sairá com a maior brevidade possível; não se fará por subscrição, mas as pessoas, que quizerem, poderão mandar os seus nomes, em carta franca de porte, ao Collegio de Nossa Senhora da Conceição, rua da Esperança n.º 101 A, dirigida ao Author.

Francisco Antonio Martins Bastos.

Publicou-se o n.º 7.º da *Revista de instrucção publica*, contendo — aviso — BRAZIL — Ministerio do imperio; relatório da instrucção publica — (continuação.) — PORTUGAL — logares de instrucção publica a concurso no mez de dezembro de 1857 e janeiro de 1858. — Associação promotora da educação popular — Relatório. — A instrucção primaria em Portugal pelo sr. D. Antonio da Costa, IV. — Methodo-Portuguez: — artigo extraído do Jornal da Associação industrial Portuense — extracto d'uma carta de Macahé (Brazil) — O rapto de Europa, vertido de Mocho por A. F. de Castilho.

Publicou-se tambem o 1.º numero do *Recreio Juvenil*. Desejamos longa vida ao novo collega.

ENIGMA.

Haver sem mim o mundo não podera,
Nem fim podera ter, nem brilho ou gloria;
Thronos, c'róas, amor, feitos, victoria,
Honras, louvores, justos, nada houvera;

Monarcha, a não ser eu, o rei não era,
Nem dos povos vivera na memoria;
E o Papa, sem um nome ter na historia,
Nem pontífice, nem Pio se disséra;

Sem mim do sol o brilho se não vira,
Não existira a morte e seu juizo,
Nem de nada, sem mim o orbe saíra;

O fim darei ao céo, ao paraizo,
Sem mim o proprio Deos não existira,
E o zero todavia eu symboliso!...

Aos senhores assignantes que no primeiro trimestre não satisfizeram o importe das estampilhas, não continuaremos a mandar o jornal franco de porte por que suppomos que assim o querem.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 10

Vol. I

1858 - AGOSTO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, *gratis*.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Temos estranhado que os senhores assignantes, nomeadamente, do Porto, Lamego, Braga e Viana, não tenham mandado satisfazer o importe do 2.º trimestre d'este jornal, depois de nossos reiterados pedidos e de lhes facilitar-mos o meio da remessa, accetando o valor em estampilhas de 5 réis.

E é tanto mais para estranhar este descuido quanto, além de ser uma bagatella insignificante o importe da assignatura, é elle applicado a um fim muito especial, que torna quasi culpoza qualquer negligencia.

Assim esperamos que todos os sr.s. queiram mandar satisfazer de prompto as suas assignaturas—para não termos o trabalho de o mandarmos pedir mais especialmente a cada um pelos jornaes da localidade.

Recordações de Coimbra.

Oh! laissez-moi toute ma vie
T'offrir mon culte,
LAMARTINE.

(Continuado do n.º 8.)

VII.

Coimbra, terra gentil e seductora, vou deixar-te!

Vou deixar-te, formoza princeza do Mondego, que, mollemente reclinada nas tuas collinas, te miras donairoza no espelho de suas aguas transparentes!...

Não me vae n'alma essa pungente saudade, que experimenta o mancebo namorado quando constrangido abandona as praias do seu nascer.

Não! Eu parto, levando no peito o sentimento, que o soldado, cubiçoso da gloria, offerece á sua patria quando d'ella se ausenta para acudir ao chamamento do clarim!...

O teu vulto me apparecerá em sonhos, não vaporoso e feiticheiro a fazer-me meiguices, mas augusto e magestoso a trazer-me recordações.

Aqui me desabrochou a vida de mancebo, a vida do coração; e aqui a tenho visto transformar de dia para dia 'nessa existencia em-murchecida e crestada pelo soffrer, que me paralyzou a vida no embryão da juventude!...

Coimbra!.. no teu seio repouzam os restos mortaes d'esse anjo de amor, que os meus primeiros prantos enxugou; d'essa mulher divina, que me acompanhou no perigrinar da vida, como cherubim caído do throno de Deus para me guiar entre os abysmos que bordam a senda de existencia.... Coimbra no teu seio, dormindo o somno do justo, repousa minha mãe!...

Templo sancto de Deus! eu vos saudo, pun-gido de respeito e de saudade por esse archanjo querido, que em vossas naves tem o seu leito mortal!! — Salve! templo sagrado, templo ligado á minha existencia por tão sacrosanctas impressões!!..

O vosso augusto bronze, funereo e triste, me ha dito que minha mãe baixára á terra fria!... e depois o vosso ministro, esse mesmo que recebêra o ultimo alento de minha mãe, ha lançado a bençam no voto que me ligou a minha esposa!... e ainda o mesmo sacerdote banhou com as sanctas aguas do baptismo esse filho tão querido, que faz hoje as delicias do meu atribulado existir!...

Templo de S. João de Almedina! eu vos saudo!.. Venerando ministro do Senhor, possedeis vós, recebendo o espirito puro e sancto

de minha mãe, infiltra-o em minha alma na bençãa matrimonial que sobre a minha cabeça haveis lançado; podesseis vós inutil-o no animo do infante, que de vossas mãos recebeu o nome de christão!...

Ministro do Senhor eu vos saúdo!...

Coimbra, terra gentil e donairoza! a vós se acha ligado o meu existir pelas mais augustas recordações de minha alma, pelos transe mais sollemnes do meu soffrer, pelos effluvios mais doces da amizade.

E desta brota com toda a seiva do agradecimento o sagrado affecto da gratidão!...

Coimbra aprasivel e risonha! adeus para sempre!...

Conclue.

A. M. da Cunha Bellem.

Ad Joseph Maria Baldy,

ODE.

... illum laudibus cuncti canent
Magnamque terrae nomen ignotae audient.
SENEGA = Troas — v. 391 — 392.

Quem Musa claris tollere laudibus
Efferreque audes, jam populos super,
Latasque gentes, gloriae alis
Evehitur: merito beatas
Edoctus artes, Palladis is ferae
Lustravit arcem, militiã simul
Ac Marte puber, dein senexque
Consilio valuisse fertur.
Vidi ducem, ejusque ingenii vim, eos
Novique mores, ut (fore enim reor
Et nesciant virtus mori et laus)
Per titulos memoresque fastos
Famam tenerent ob merita Helvii,
Quam rexit urbem; munus in astra gens
Tollat tuum, Baldy, Helviorum
Gloria, Lusiadumque nomen.
Primis ab annis hic Sapientiae
Arcana, rebus principium unde sit,
Sub mente volvit: tum Mathesis
Ductus amore adeo praeire,
Qui secum adirent; aereos poli
Tentasseque ignes: quid spatii sit his
Metiri; eorum qui ordo, Lusus
Noscere traditus est Athenis,
Ut (cuncta paucis affero) neminem,
Plus qui docendo profuerit, diu
Scholae viderent. Gentibus nunc
Jura dat, Oceano refuso;

Rerumque fraenos sub duce, quem fides
Certatim et ingens roborat undique

Virtus, regi gaudet Madeira,

Insula dives opum, potensque.

Salve, salutem qui populis diu

Aegris jubendo restituis: Ceres

Quem frugibus, dulcisque donant

Laetitiã atque mero Lyaeus.

Laetus sub umbra plectrum apud Helvius

Pulsavi; amicam carminibus Tibi

Mittam vale, vatesque multis

Te celebrem memoratum in oris.

Helvii, Idibus Juliis, anno 1838.

Franciscus Paula Sancta Clara

Sancta sinceridade.

Sancto Thomaz leccionava:

Quando 'numa occasião,

De apostillar enfadado,

Disse um manhoso ratão:

xxx

— Venha vêr, meu Padre Mestre,

(Ah!) um boi que vae voando!!!—

E o sancto para a janella

Foi-se mui crente chegando.

xxx

Os Frades, que assim o viram,

— Como crê? é impossivel!

Padre Mestre, lhe disseram,

Voar um boi não é crível. —

xxx

— Mais possivel me parece,

O nosso sancto lhes disse,

Que voar um boi podesse,

Que um religioso mentisse.

Julho de 1838.

M. J. Pires.

A Byron.

Filho dos ceus e do inferno

Byron no mundo surgiu,

Astro de luz e de trevas

Mysterioso fulgiu.

xxx

Anjo, pairou nas alturas,

Demonio, o mal conheceu;

Poeta, cantou delicias,

Homem, chorou e soffreu. T.

IMPROVISO.

NA LAPA DOS ESTEIÇOS.

Como é bello tudo aqui!
CASTILHO.

'Nestes enleios d'eternal verdura
O peito encontra bem gentil prizão,
Aqui a vida tem maior doçura,
Tem almo gôso, divinal condão;

'Neste recinto de escondidas fadas
Brandos affectos dar calor nos vem,
E entre as boninas de verdor cercadas
Fogem as magoas que nossa alma tem:

Nas meigas trovas do cantor plumoso
Bem doce enlevo de prazer sorri,
Tudo respira este encantado gôso,
Que nossos peitos embriaga aqui!...

Salve! recinto de encantado enleio,
Que n'alma deixas impressão dos ceus!
Se de saudade me trasborda o seio,
Minha alma deixo 'num saudoso adeus!

A. M. da Cunha Bellem.

Amor-proprio e amor.

Traducção.

(Continuado do n.º 9.)

Paulo estava ha quinze dias em Arnola, e tinha levado a effeito o seu pensamento. Em uma bella manhã, pouco tempo depois de tomarem a posição costumada, disse elle á pastora. — Eleonora, amo-vos, com um amor que é a minha vida, adoro-vos; vós sois para o artista a imagem ideal do amor; a vossa alma sómente precisa ser cultivada para ser tão amavel como o vosso corpo. Quereis ser minha espoza? Quereis tornar a minha casa a vossa casa, o meu paiz o vosso paiz, a minha vida a vossa vida? Eu sou artista, trabalho para a minha subsistencia mas já começo a ser rico. Fallai? quereis ser minha?

—Quero, — respondeu a joven, que não sabia occultar seus sentimentos de orgulho e alegria.

— Mas vós não me conheceis. Eu sou cioso

e desconfiado, sou soberbo e sensitivo. Vós sois bella, sois amavel, outros vos disputariam a mim: eu assassitaria o Papa, se elle vos procurasse; mataria o imperador se elle vos offerecesse uma prenda. Vós sois uma simples camponeza; aquelles que me rodeiam poderiam rir-se da vossa falta de conhecimentos do grande mundo, poderiam escarnecer-vos por não terdes os dotes e os vicios das senhoras das cidades, e eu desafiaria o primeiro que se risse ou escarnecesse de vós. Portanto, se podeis ser minha e fazer-me feliz, é mister viver longe dos homens, para mim sómente: é mister não conhecer outra existencia senão a minha, abandonar toda a sociedade, toda a communicacão com os vossos semelhantes; é necessario que eu sómente seja o vosso mundo, a vossa vida, todo o vosso ser.

— Serei o que mais vos agradar — disse docemente a joven camponesa.

— Esta pintura não vos atemorisa?

— Amar-me-heis vós sempre? — perguntou ella com timidez.

— Em quanto existir, minha arte, meu idolo, minha deusa! Eleonora, em quanto em mim houver um sópro d'existencia.

— Fazei de mim o que quizerdes — replicou a joven menina.

Um mez depois estavam casados, e seus paes ensoberbecidos, com razão, pela elevada posição a que sua filha havia chegado. Elles foram no outono a Roma onde Paulo tinha tudo preparado para a sua mysteriosa existencia por intervençã da sua ama fiel e afeiçoada. Paulo consagrava a Eleonora todos os momentos não dedicados á sua arte, e ao mesmo tempo começou a educal-a systematicamente. Achou nella uma attenta e diligente discipula, e, na occasiã em que fallo, Eleonora possuia todas as vantagens intellectuaes que se alcançam pela prática contínua com um homem de talento.

Mas Paulo Zustana fóra de sua casa era um homem diferente e infeliz; vivia em continuo receio de que o seu thesouro fôsse descoberto; via com uma impaciencia secreta, os muitos defeitos que ainda haviam no seu idolo amado; conhecia a impossibilidade de a conservar sempre na mesma habitacão; e elle que desejava ardentemente fazel-a gozar do ar e liberdade, receava que ella fôsse vista por homens poderosos e de poucos escrupulos e temia o ridiculo por ella ser filha de camponezes, e pela sua educaçã imperfeita! D'aquí provinham as excentricidades no character de Paulo.

Conclue.

E. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

(Continuado do n.º 9.)

VIII.

No baile.

— Minha Senhora!.. uma noite de baile é para mim o oasis vecejante que me sorri no meio d'esta aridez da vida academica, deserto de laborioso transito, no qual só ha o descansar 'nestes magicos oasis, os quaes, para em tudo serem verdadeiros, até são habitados por seductoras huris.

— Então não gosta da vida de Coimbra?

— Sim e não, minha senhora! Quando me vejo em luta aberta com os revezes que soffre o estudante, quando penso que estou longe da minha familia, e que a minha imaginação se vê suffocada pelo positivismo das aulas, das sabbatinas, das dissertações e finalmente do estudo e só do estudo, abomino, detesto Coimbra, mas quando, mais feliz, posso esquecer as horas do enfado em doce companhia então não trocára um momento de minha existencia por longos annos do viver das mais faustuosas cidades.

— Ora esta! o Sr. não gostar de Coimbra!...

— Perdão! minha Senhora, eu não disse que não gostava de Coimbra... disse apenas que quando não tinha companhias tão seductoras como agora, soffria muito... chegava a ter saudades da minha terra.

— O Senhor é do Porto?

— Não! minha Senhora, eu sou de Lisboa.

— Ah!...

— Parece que lhe causou uma impressão desagradavel ouvir que eu que era de Lisboa!... V. Ex.ª não gosta dos rapazes de Lisboa?

— Nem de todos!... Diga-me quem é aquelle rapaz que além está a conversar com a D. Leonor Seabra.

— É um rapaz brasileiro!.. mas!.. o dever nos chama, é V. Ex.ª!... o seu *vis-à-vis* espera-a.

A senhora D. Constança devia romper o *en-avant-deux* da ultima marca da primeira contradansa. O cavaco que acabamos de relatar occupava o intervallo em que os pares das cabeceiras tinham desempenhado as suas evoluções choreographicas. O outro interlocutor é pessoa nossa conhecida—é o Sr. Ricardo.

A senhora D. Constança depois de ter avançado à *petit pas*, e recuado do mesmo modo, executado as suas pirnetas e mesuras, feito e desfeito o seu *traversée*, voltou ao seu posto

em quanto Ricardo a imitava dançando com a dama sua *vis-à-vis*: Este voltou de novo ao seu logar, deu o braço a D. Constança e levou-a á sua cadeira, situada entre outras muitas que da direita e da esquerda eram occupadas por varias senhoras de todos os tamanhos, edades, côres e feitios, sem que no meio d'aquella serie não interrompida de senhoras houvesse uma cadeira de vasio onde podesse um homem ir como intruso sentar-se para cavaqueiar já mais de perto com qualquer dama.

Aquella monotonia das senhoras dispostas em linha de atiradores era inexpugnável!... por isso Ricardo cruzou as mãos atraz das costas, caminhou para uma extremidade da sala, encostou-se á umbreira de uma porta e dispoz-se a fazer uma minuciosa analyse de todo o salão e de tudo e de todos.—analyse a que eu convido o leitor a assistir, pois descobri o daguerreotypo do pensamento alheio, com que não é difficil devassar a consciencia do meu amigo Ricardo, conhecer o que lá se passa e expôr aqui chã e claramente o resultado da sua judiciosa analyse, com tanta exactidão como o espelho reproduz os defeitos da dama *moyen-âge* que o consulta.

Mãos á obra, pois, que Ricardo já franziu o sobrolho, assestou a lunetinha de um só vidro e começou a dar desenvolvimento ao orgam da analysibilidade cuja bossa deve estar talvez... aonde?... Gall que o diga!... Eis o resultado dos trabalhos da tal bossa:

Continúa.

Um estudante

CHARADA.

Sou anteposto a monarcha, — 1

Sou um verbo e appellido. — 1

Entre os nomes de cidades

É o meu bem conhecido. M. J. P.

EXPLICACÃO DO ENIGMA DO N.º ANTERCEDENTE.

Letra — O. —

Somos authorizados a declarar que os artigos publicados até ao numero 6, com assignatura F. O. e os dos numeros seguintes com . . pertencem ao nosso collega Agostinho Antonio do Souto.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - AGOSTO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que à redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

Recordações de Coimbra

(Continuado do n.º 10)

VIII.

De quem me devo queixar?
De vós que podêis ser,
Não vos sabe alma culpar,
Fica sómente o soffrer,
Se mais fica é suspirar.

SÁ DE MIRANDA

Ao deixar Coimbra para sempre não ha ninguem que lhe não entõe o seu *adeus de despedida*, não ha ninguem que não recapitule todas as impressões que aqui recebeu, já tristes, já alegres; já de amizade e gratidão, já de profundo desprezo ás offensas recebidas. — O *adeus a Coimbra* é necessariamente o epilogo de todas as *recordações*, que, n'alma do mancebo, pôde deixar gravada esta terra!... é a vóz do agradecimento ou o grito da maldição, que o passado nos desperta!... é o indispensavel tributo a amigos e inimigos, — de reconhecimento áquelles, e a estes do mais orgulhoso desdem!...

Coimbra, — onde mil circumstancias fazem ao estudante, ás vezes, tragar paciente a offensa — onde, para se não ser alcunhado de servil (por esses que só propalam o favor recebido, para se elle tornar assim o nucleo de novos favores), é mister receber silencioso o obsequio; — Coimbra offerece, n'esta aridez da vida, a sorrir-nos um oasis de independencia, no dia seguinte ao da formatura. — Então se pôde cuspir a affronta como se pôde tambem pronunciar o agradecimento, sem que os labios tremam ante o stygma maldito de servilismo!..

Este *adeus a Coimbra* é um amalgama monstruoso de todos os sentimentos!.. Saudades e

desprezo a esta terra, eis aqui o mote!... Os mil obsequios recebidos aqui... os muitos amigos que aqui contei, tudo me impõe o dever de uma eterna gratidão; mas a offensa que tambem envolveu ás vezes o obsequio, — como em sudario de vistosas galas se envolve o putrido cadaver, — essa não pôde esquecer nunca!

É tão doce dizer « eu tive amigos!.. » é tão doce expressar solemnemente a gratidão no momento em que os laços da dependencia se quebraram... que eu, n'este momento solemne, vejo obscurecer a reminiscencia das offensas, para só lembrar innumeraveis provas de affeição.

Pôso-o dizer com orgulho! — No meu perigrinar academico achei n' alguns cavalheiros amizade sincera e desinteressada. D'esses foram especialmente Olympio Nicolau Ruy Fernandes e Augusto Cezar Barjona de Freitas.

Pôso-o dizer com prazer!... Entre os condiscipulos tive amigos! — Se de alguns recebi offensas, esqueci os seus nomes; e hoje, que a custo lhes saberia dar preferencia, porque os confundo na minha gratidão, consagro um logar de escolha a esse mancebo a quem offertei o melhor ramilhete dos affectos d'alma, a quem dei gratidão, amizade e sympathia, — a Manuel Francisco de Medeiros Junior... e, se me fóra ainda possivel a escolha de mais dois, esses dal-os-hia talvez a Agostinho Antonio do Souto e Sebastião José Rodrigues de Freitas!..

Além dos condiscipulos, com muitos collegas convivi. — Carlos José de Oliveira, Antonio Silvestre do Rego e Pedro Augusto do Couto Zagallo são tres nomes em que eu ciffro a elite das minhas affeições.

Egual fortuna não tive com todos os meus mestres. D'entre tantos, a quem sempre dei esse respeito que se casa com a nobreza, sem que a

servilismo se pareça; fazendo-me apenas justiça como mestres, muitos, como homens (com magoa o digo), envenenaram os obsequios com o orgulhoso alarde de que os revestiram...

Mas mesmo assim eu não serei ingrato a esses obsequios e, para o provar, aqui deixo estampados os nomes, que eu no coração guardarei indelevelmente.... mas não!.... que pareçam sepultados comigo como comigo morrerão as desfeitas recebidas!...

À classe dos artistas, a quem também devo provas de decidida sympathia, de amizade mesmo, envio agora igualmente um adeus saudoso, um agradecimento sincero!...

E é tão doce gravar aqui estas expressões, para um dia as reler, quando a mente, cansada de novos soffrimentos, venha repousar à sombra d'esta recordação!... E a memoria, que jámais esquece os factos quando a luz da gratidão os allumia, parecerá com prazer-se então em encontrar estes marcos sensíveis, que lhe recordem..... que lhe despertem bem ao vivo todos os amigos, que o coração jámais poderia esquecer, embóra mesmo podesse a memoria fatigada confundir no olvido os seus nomes, a recordação as suas feições, a reminiscencia os factos particulares que a elles nos ligam e pelos quaes lhe devemos eterna gratidão!...

Para o venturoso, a quem as galas da vida sorriem sorriso de felicidade, não ha o doce prazer de considerar cada amigo como uma divindade tutelar, que no ermo da vida lhe vem affagar a dôr: para elle não ha essa elevação d'alma do que soffre para o que o allivia, do que padece para o que o conforta. Esse prazer é só concedido ao sem ventura, e eu, que assim o experimentei mil vezes, mil vezes me hei elevado ao Creador a agradecer-lhe quasi de me haver feito infeliz.

A. M. da Cunha Bellem.

Paciencia degenerada.

Cuidam os homens, dizia
O grande sancto Agostinho,
Ser um acto de paciencia,
E é um costume damninho,

O dizer, quando aggravados,
—Eu não me quero vingar:
Deus, que pune e que premeia,
Elle os ha de castigar. —

Cuidas tu que tens paciencia?
A mente em error te pôz!
Ficas juiz do teu proximo
E fazes de Deus algôz!!

Elvas, Julho de 1858.

M. J. Pires.

Hymno da faculdade de Medicina.

OFFERECIDO AO CURSO DO 5.º ANNO.

Χάρμα μίγ' ἀνθρώποισι, κακὸν θεᾶκτηρ' ὀδυράων.
HOMERO (Hymno de Esculapio).

Da sciencia na lide affanosa
Verdes c'rôas buscamos ceifar,
Que nos vem uma esperança formosa
No horizonte da vida brilhar;

'Nestas mentes, que inflamma a sciencia,
Brandos sonhos nos vem a sorrir,
Que se abrasam os peitos na ardencia
Dos desejos de um aureo porvir.

côro.

E nas lides do estudo uma palma
Todos nós aspiramos colher
Que nos brotam nos intimos d'alma
O desejo, o ardor do saber.

Somos jovens! sonhamos da gloria
Alcançar o tropheu sem equal,
Que nos vem off'recer a victoria
Verdes louros de c'rôa immortal:

E dos grandes, dos sabios o trilho
É pharol, que nos dá meiga luz,
Deslumbrando nossa alma c'o brilho
Da sciencia, que á gloria conduz!...

côro.

E nas lides do estudo uma palma etc.

Se do paço dos reis té á choça
No soffrer todo somos eguaes,
Que missão ha mais nobre que a nossa,
Que na dor traz allivio aos mortaes?

Eia! pois! trabalhar n'esta empresa
Com affan, com prazer, com ardor;
Pois no mundo não vale a riqueza
Quando falta a saude, o vigor.

CÓRO.

E nas lides do estudo uma palma etc.

Eia! jovens!... que os tristes humanos

Mil soccorros esperam de nós!...

Penetremos com fogo os arcanos

Da sciencia do velho de Cós!...

Profitemos no empenho sagrado

Com sincera e leal devoção,

Para ser nosso nome c'roadó

D'aurea fama c'o nobre condão.

CÓRO.

E nas lides do estudo uma palma, etc.

Julho de 1838. A. M. da Cunha Bellem.

N. B. Por um incidente impervisto não se pôde ensaiar a musica d'este hymno para a festa da formatura como estava destinado.

A. * * *

Felix qui potuit presentia fere puellae.

PROPERCIO

Eu invejo da brisa o bafejo,
Que sem péjo te roça na tez;
E na praia da vaga o balanço,
Que vem manso morrer a teus pés:

Tenho inveja ao bramir da tormenta,
Que acalenta teu brando dormir;
E ao jasmim, que em perfumes se exhala,
E te embala de amor a sorrir.

Tenho inveja ao tapete do prado,
Que é calçado a teus pés com desdem;
E do espelho das agoas, que miras,
As saphiras invejo tambem:

Tenho inveja do céu ás estrellas,
Que tão bellas derramam fulgor;
Mas que á luz de teus olhos se humilham,
Se elles brilham com fogos de amor!:

Que as caricias humildes das vagas
Tu lh'as pagas com meigo sorrir,
Retribues o bafejo da aragem
Co'a hom'nagem de brando sentir;

Do vergel ao jasmim predilecto
Dás affecto de terno anbellar,
E dos astros do céu das aos lumes
Os perfumes do teu brando arfar;

E ao espelho das agoas tão liso
C'um sorriso seduzes tambem,
Té, vaidosa, do prado a verdura
Com ternura te acolhe o desdem!...

Sempre bella!... sorrindo aos affectos
Mais selectos do teu coração,
Retribues com affaveis delicias
As caricias que todos te dão.

Dás a todos n'um rir de candura
A ventura de encantos sem fim;
Só teu gesto para todos amavel
Riso affavel não tem para mim!!!....

A. M. da Cunha Bellem.

Amor-proprio e amor.

Traducção.

(Continuado do n.º 10.)

Foi na tarde do seguinte dia que Zustana, tendo dado os ultimos toques na Psyché, se achava absorto a contemplal-a. Elle tinha o pincel na mão e recuando um pouco examinava-a attentamente.

—Está bello! A condessa Clorinda teve razão—exclamou elle.

—Não tão bello como o original—replicou aquella senhora em voz baixa.

—Ceus!—exclamou Paulo, voltando-se pallido e furioso, e estremecendo com um silencioso assombro.

Estava ahi Eleonora, corando e tremendo, encostando-se com timidez ainda ao braço da condessa que sorria com um amargo riso de triumpho.

—Não vos zangueis, signor Zustana,—disse ella,—toda a culpa é minha. Vós excitastes a minha curiosidade relativamente ao original d'esta pintura. Vós dissestes que elle existia. Eu immediatamente combinei as vossas mysteriosas ausencias com alguma cousa que podia explicar tudo. A noite passada segui-vos a vossa casa, vi esta bella menina, e entendi os motivos da sua prisão. Hoje cedo fui-a ver, penetrei em casa por meio de força: então, umas vezes com ameaças, outras com carinhos, consegui

d'ella saber toda a verdade. Signor Paulo, a vossa conducta é egoista; para vos salvardes de perigos imaginarios condemnaes este anjo a viver prezo, privail-a do ar e liberdade, verdadeira vida d'uma rapariga Siciliana; obstais a que ella gose as numerosas benções que Deus concedeu a todos; e privais-nos da satisfação de admirar umas feições tão divinas e uma tão excellente imaginação. Mas então, direis vós, ella é assaz bella para excitar amor, e bastante simples para excitar um sorriso. Signor Paulo, ella é assaz virtuosa para desprezar a primeira palavra d'uma paixão illegal, e tem sufficiente educação para aprender tudo o que convem a uma senhora e é proprio da esposa d'um homem de talento: se não consentirdes que ella trave conhecimento com o mundo, vós mesmo sois infeliz, a vossa vida é um tormento. Eu, a amiga, a confidente, a irmã d'esta innocente menina, vos declaro que é necessario que mudeis de vida.

— Condessa, vós vencestes, — exclamou Zuztana, que advinhou a verdade, e que intuitivamente conheceu que o generoso coração desta acharia, na amizade para com Eleonora, meio de afastar a attenção de sua paixão insensata. — Fazei d'ella o que vos agrada. Quando a condessa Clorinda, unica filha do meu generoso patrão, chama a minha esposa sua irmã, a vida de minha espóza pertence-lhe.

O resultado foi natural. Paulo, deixou de ser desconfiado e cioso. Eleonora era universalmente admirada: e quando, dez annos depois, o artista, tendo concluido as pinturas para a galeria do palacio de Bembo, passou a residir em Veneza, sua esposa tinha-se tornado uma senhora completa e sem affectação, capaz de sustentar a sua posição nos elevados circulos aos quaes o talento de seu marido e a amizade de Clorinda lhe tinham dado direito de pertencer. Clorinda conservou-se fiel á sua amiga em quanto viveu, e alegre e feliz por haver assegurado a felicidade permanente a dois corações amantes, que, com o systema de suspeita, receio e separação adoptado por um d'elles, deviam por fim chegar a ser muito infelizes. Eduardo d'Oliveira.

EXPEDIENTE.

A conclusão dos nossos trabalhos academicos, que nos impediu de publicarmos o n.º 10 em tempo competente, vae-nos hoje obrigar a suspendermos por algum tempo a publicação da *Estréa Litteraria*.

Arrastados pelo destino para longe d'esta terra, onde vimos escoar entre prazeres e tormentos a bella quadra da mocidade, separados desta classe, de que recebemos, de envolta com poucas desfeitas, milhares de obsequios; nós não poderemos mais redigir este jornal. — Mas nem porisso perdemos cousa alguma os nossos assignantes! — Hombrós mais poderosos que os nossos vão continuar brilhantemente esta empresa, que nós debilmente sustentámos; — collegas bem mais distinctos na carreira das letras, bem mais recommendaveis pelo seu talento e erudição vão dar novo brilhantismo a esta mesquinha publicação, de que, pelo bem recebida que foi, temos orgulho de ser creadores.

A *Estréa Litteraria* reaparecerá em outubro, mais rica e radiante de galas e louçanias, debaixo da direcção intelligente d'outro redactor: para nós, que, d'hoje em diante, n'algum cantinho da mais remota terra de provincia, recordaremos com indisivel saudade esta Coimbra, que nos deu alternadamente a libar o fel da desventura e a celeste ambrosia dos prazeres, para nós reclamamos apenas uma columna da *Estréa*, para nas horas de mais indefessos trabalhos, virmos offerter á saudade um tributo sincero e verdadeiro.

Nesta occasião, agradecemos a todos os assignantes, que se dignaram proteger a empresa d'este jornal; agradecemos a todos os cavalheiros, que nos coadjuvaram na sua collaboração, e a uns e a outros ousamos rogar que se dignem dispensar para o futuro os favores com que até aqui honraram a *Estréa Litteraria*, que ella mais digna se torna de bom acolhimento pela estima que merece o seu futuro redactor.

Aqui tambem agradecemos ás illustres redacções de muitos jornaes scientificos, litterarios e politicos, que nos fizeram a remessa da sua folha sempre regular, sem attenderem á grande interrupção que tem havido de nossa parte. Aos nossos collaboradores, que tem em nosso poder alguns originaes ainda não publicados, certificamos que elles serão religiosamente entregues á nova redacção.

A. M. da Cunha Bellem.

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE.

Elvas.

ERRATA NO APPENSO.

Pag. 2. col. 1. lin. 5. *de medicina, dignos* — *de medicina dignos*. Pag. 3. col. 1. lin. 2. *levarão* — *levaram*.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ESTRÊA LITTERARIA.

A festa das formaturas de medicina.

Era no dia 30 de julho. Meio dia tinha já soado quando saíu da salla das congregações a confirmação de um resultado, de que nós, conscios do nosso merito, já tinhamos prévia certeza. — Os foguetes, roçando o manto azul da abobada celeste, fenderam os ares em cardumes, — a banda de musica, que só aguardava a decisão official, rompeu o silencio com as melodias entusiasticas do hymno academico; e todos nós, companheiros nas lides do estudo por oito annos, folgavamos então, solidarios e unidos no goso de um só, — de um commum prazer.

Depois á noite, segundo os velhos usos, fomos com a musica por casa de todos os doutores; e assim concluiu esse primeiro dia de folgança, o ultimo dos nossos labores academicos, o dia em que haviamos colhido a palma de oito annos de fadigasas locubrações, em procura dos mysterios sublimes da sciencia de Hypocrates!

Era no dia 4 de Agosto que nos deviamos reunir pela ultima vez, 'num *lunch*, expressamente preparado para darmos o abraço de despedida áquelles, a quem porventura não tornariamos a vêr.

Á uma hora, na hospedaria do Lopes, debruçada sobre as risonhas areias do mondego, enamorando ao longe essas margens tão gentis e vecejantes e como querendo mirar-se na mesquinha mas singela corrente, que suave se deslisava sobre os seixinhos, nos achavamos reunidos em deredor de uma meza, artisticamente adornada de fructas deliciosas e delicados manjares, que inebriavam os sentidos e desafiavam o appetite.

Eramos sós os condiscipulos alli: dois homens apenas, empregados da Universidade, adherentes á faculdade de Medicina, mas não doutores, dois homens apenas — Ignacio José Rodrigues Duarte e Antonio de Almeida e Silva nos acompanhavam 'naquella festa nossa — e toda nossa.

E que haviamos quebrado com a antiga uzan-

ça de convidar os mestres para 'naquelle dia serem nossos convivas!.. é que nós tinhamos comprehendido bem, que, 'numa festa de entusiasmo toda, toda de sinceridade, o aspecto glacial de um doutor nos constrangeria, e mais nos constrangeria ainda darmos-lhe risos que o coração não pedia, afivelando a mascara de hypocrita affeição, como a cortesia mandava, mas como a verdade repelliria talvez!..

Não!... alli não podia haver senão embriaguez de entusiasmo, delirio de affectos, loucura de expansões: alli havia um altar em que se sacrificava á amizade, havia um lethes para as offensas, havia um abraço para todos: — era mistér que fóssemos sós, nós os mancebos, nós que sabiamos esquecer antigas dissensões, nós que com a mão no coração alli jurámos ser eternamente amigos.

Qualquer vulto estranho era um intruso; qualquer vulto que não comprehendesse, ou que sorrisse incredulo aos doces effluvios, com que a *sympathia* nos arrobava os peitos, seria alli de mais!.. Por isso fomos sós!..

Depois de varios serviços das mais delicadas iguarias, serviu-se o *champagne* e começou-se o *dessert*.

O eloquente e *sympathico* Lampreia tomou a palavra para endereçar o primeiro brinde ao curso do 5.º anno medico de 1858.

Repetir-vos os varios brindes que depois se fizeram, pintar-vol-os revestidos d'esse entusiasmo que o coração lhes dava, *daguerreotypar*-vos os sentimentos nobres que pullulavam espontaneos de nossos corações, fóra esforço baldado e impossivel!..

Aqui se brindava um amigo; alli o affecto que a elle nos ligava; além nossas familias; depois as mulheres, que, quaes anjos de consolação, viessem adoçar c'um beijo os labios crestados pelo calix das amarguras; mais além a nossa eterna e indissolvel união; finalmente não houve um affecto, não houve um collega, não houve uma pessoa que lhe fósse chara, que não tivesse o seu brinde de entusiastica ovação!..

E os nossos mestres?... Esses tiveram um só, um só a que todos acompanharam com ardor, como filhos d'esta nobre instituição!.. o brinde era — aos doutores da faculdade de medicina, dignos do logar que occupam, dignos pela sua rectidão, dignos pela sua intelligencia, dignos pela sua boa vontade, dignos emfim pela coragem de tomar nos hombros o pesado empenho d'uma reforma! —

Fôra prohibido personalisar ninguem.... E era de necessidade este alvitre...

Havia composto uma singela poesia, animada pelo sentimento da despedida: distribuira-a pelos meus condiscipulos, que tiveram a bondade de me pedir para a recitar eu mesmo. Então accedi a tão grato como doloroso convite, e, com voz alterada pelas emoções, que me assaltavam o espirito, recitei a seguinte

Despedida aos collegas e amigos.

Soa a hora da partida,
Hora solemne e fatal,
A. LIMA.

Quem pôde as crenças, que guardou no peito,
Ver hoje prestes a murchar talvez,
Quando um abraço fraternal, estreito
Precede as dores da cruel viuvez?

Quando vê n'alma a estreitar-se o laço
D'amor fraterno que aos collegas deu,
P'ra vir em breve no extremo abraço
Chorar amigos, que talvez perdeu?..

Entrámos junctos de Minerva as lidas,
Junctos nutrimos do saber o ardor,
Junctas floriram nossas crenças q'ridas,
Junctos nos demos fraternal amor;

Ainda junctos da sciencia a palma
Alfim lográmos com fervor colher,
Um só prazer nos trasbordava n'alma
Eramos junctos em um só prazer!..

! Crenças grayadas ao raiar da vida,
Eis-vos murchadas quando inda em botão!
Mas da amizade, na cruel partida,
Não pôde o laço espedaçar-se.... não!..

N'este momento, em desvairado anceio,
N'alma sentimos affeição leal,
Mas de amargura nos trasborda o seio,
Quando lembramos o adeus fatal!

Adeus! amigos, — se o destino ordena,
Que aqui se quebre esta união, — parti!
Mas gozos puros, mocidade amena,
Crenças, affectos, tudo acaba aqui!..

A. M. da Cunha Bellem.

Pouco depois o nosso commum amigo A. A. do Souto, havendo tomado a palavra para fazer a apologia do nobre sentimento da amizade, para exaltar a confraternização, que entre nós se dêra, leu, com expressão repassada de sincero

entusiasmo, a seguinte allocução, que nós todos lhe escutámos em religioso silencio

Condiscipulos e amigos meus!

Na ultima das nossas expansões, ao despedir da vida affanosa, arrastada por esta terra de provação; no derradeiro adeus á folgada e livre existencia de mancebos descuidados, tão cheia de enganosas illusões, quaes fumos ligeiros dispersos ao menor sopro dos desenganos; neste solemne instante de graves e profundas meditações e intimas emoções indiseveis, saudemos — amigos! a confraternidade sincera, e immorredoura, que de futuro proteja e guie os esforços nossos; quando ligados por estreitos laços, indissoluveis, de amizade conspirarmos unidos para um fim commum — a gloria da patria, a honra aos nossos! Lucta suprema, a julgar do porvir, pela mesquinha escacez dos favores concedidos, hemos de travar com a sorte adversa, se obedecendo ás inspirações da intima consciencia, levarmos por diante a realisação legitima das esperanças estrêas com que incetámos a nossa vida litteraria, e apostolos do progresso, não esquecermos desleixados, a missão honrosa, que nos impõem os dons da natureza, os deveres sociaes, e as conveniencias da patria submersa em nefanda ignominia.

À mocidade por certo está comettida a verificação da sublime idéa que, pela scintillante estrella da perfectibilidade guiados, estendendo a vista pelos vastos horizontes das sciencias e das artes, lobrigamos broxuleando nos extremos limites das aspirações humanas, annunciada pela logica fatal dos actos naturaes, e intuição dos genios. E 'nesta cruzada do progresso cabe-nos, embora minima, parte real, activa; e fôra vergonha que, filhos da epocha, menospresando remissos os sanctos e grandiosos deveres, impostos á nossa condição social, vegetemos desprezíveis na mais ignara indolencia. — Não... não pode ser!

Não hão de mancebos pondonorosos, a quem sobram brios, e aspirações, conscios da propria força, e provados nos misteres das letras, coitados de louros, não devidos ao favor, mas conquistados á força de trabalho desvelado, de vigílias, e sacrificios penosos em longas horas de martyrio, soffrendo todos os trances a que os expunha de continuo a injustiça dos homens; não hão de mancebos d'estes esquecer levianos quanto devem a si, aos seus, á patria, e a Deus para se deixarem cair descuidados nos braços de preguiçosa apathia, indigna dos seus animos elevados!... Não por certo!...

Conheço-vos bem, amigos condiscipulos; e companheiro constante nas fadigas que nos levarão pezado tributo de dissabores e pezares, pude avaliar ao justo o esforço d'animo, e vontade invencível, com que superastes as difficeis luctas, travadas nas lides academicas: testem-nho authentico, e boa prova do muito que comvosco foi prodiga de seus dons a natureza: e assim tenho para mim profundamente convicto (e não receio ser propheta, quando a prophacia de si evidente se lê impressa nas altas fronte de subida intelligencia) que os nomes d'um Medeiros, d'um Lampreia, d'um Bivar, d'um Simão, hão de transmittir-se honrosos, e honrados á posteridade, como as primeiras intelligencias do curso do 5.º anno medico de 1858, verdadeiras summidades esperançosas, que têm de preencher brilhantes destinos, na republica das letras; e a fama d'um tal curso, que contava no seu gremio, já secundarios, mas ainda magestosos vultos, um Francisco Maria, Bellem, Firmo, Magro, etc., etc., mancebos das maiores esperanças, por seus talentos não vulgares, aos quaes por infortunio, para não serem contados entre os primeiros, faltou tempo a seu desenvolvimento, desembaraço ao seu acanhamento, audacia á sua modestia, faltou serem mais que homens; a fama do nosso curso — repito — fará um dia justiça a todos e a cada um de nós.

Portanto, amigos, não deixemos em meio o trabalho começado, perseveremos na empreza tão bem encetada, e por Deus! que será nosso o futuro, e grande a gloria de termos pertencido ao curso do 5.º anno medico de 1858. Todos aqui solemnemente protestemos não desdizer nunca da opinião conquistada, e unidas as almas, esperanças e desejos, demos-nos mutuamente a mão na carreira que vamos seguir; e embora dispersos por longes terras, não nos deslembramos da ajuda devida áquelles de nossos irmãos, com que a sorte fôr mais rigorosa nos seus caprichos. Eu por mim prometto (e praza aos céus caiba nas minhas posses fazer tudo, ou muito) sincera e cordealmente todos os sacrificios em prol do que tiver mais ao revez, os favores da fortuna.

Accetae pois os meus emboras e crêde que o coração, e alma vão comvosco, e eu fico saudoso carpindo amargamente a separação forçada, e entre alguns de nós talvez eterna!...

Adeus — amigos e queridos condiscipulos — lembrai-vos de mim, desculpai-me semrasões filhas do genio, e esquecei emulações que findaram aqui. Adeus! — levea gratas lembranças

só, e fique entre nós para sempre a pura e sancta amizade com as recordações e saudades dos tempos que não mais voltam... A quadra da vida de mancebos morreu infelizmente para nós hoje.

A. A. do Souto.

Cousas ha que em linguagem de homem se não exprimem, que o engenho mais fecundo, a penna mais eloquente debalde tentaria descrever... esboçar sequer!... taes foram as sensações, que nos impressionaram depois da leitura d'aquelle bello artigo!...

Se ainda uma ligeira nuvem de antigos resentimentos pairava entre nós, o sol brilhante d'aquelle energica expressão veiu dissipal-a de tal modo que as nossas almas não formaram senão uma só alma, os nossos corações, um coração apenas!..

Um abraço nos cingiu a todos!... Então é que era para ver como o delirio da amizade nos tolhia a falla, como nos estreitavamos mutuamente em apertado amplexo, sentindo as pulsações entusiasticas de nosso coração a responder ás pulsações violentas dos de nossos amigos, no reciproco cingir de nossos peitos! Que eloquente silencio!... poder-se-hiam escutar os movimentos de tantos corações pulsando accordes!... E depois.. não havia uns olhos só que se conservassem enxutos, não havia umas só faces onde o pranto não corresse copioso!..

Que lagrimas! meu Deus!.. era o rocio perfumado da madrugada da vida a aljofrar as petalas do coração dos mancebos!..

Nós, que talvez longos annos houvesse que não sentiramos uma lagrima sequer a humedecer-nos as palpebras; nós, que talvez longos annos passaremos, sem que uma nova lagrima nos venha annuiar a vista, nós, como crianças choravamos n'aquelle abraço extremo sem que o pejo nos corasse as faces!.. Que momento aquelle!.. Vida d'um seculo se viveu alli!..

Foi ainda com a voz entrecortada de soluções, que eu então li a seguinte despedida, que não era mais do que um resumo do muito que sentia, e que o sentimento mesmo me embargaria expressar, a não ser assim

Collegas! — Sóa a hora solemne da partida!.. Vae hoje talvez quebrar-se este laço de fraternal amor, nascido ao alvorecer da vida, quando juntos encetámos as lides da sciencia!.. Era o affecto sincero e verdadeiro como tudo o que nasce ao primeiro desabrochar do coração; era puro como a alma do mancebo e duradouro como o soffrimento do homem!.. Po-

derá elle florescer ainda, regado pelos prantos da saudade?... logrará a ardencia, que nos abraçava os peitos, transpor victoriosa os gelos d'uma eterna separação?.. Quem sabe?..

Este affecto, innoculado em nossas almas com o leite que a beber nos deu Minerva, este affecto, acrisolado pela doce convivencia de oito annos, entre os labores do estudo, entre o folgar do descanso, entre os prazeres e soffrimentos, que ora toldam, ora illuminam o horizonte de vida do mancebo, este affecto não virá elle fenecer no abraço extremo, em que mutuamente nos cingimos hoje?... Não!...

Estas creanças, desabrochadas ao vivificante sol da juventude, robustecidas pela seiva d'uma vida toda risonha e vecejante, não podem jámais pender na hastea, emmurchecidas, embóra violento simoun de soffrimentos nos venha crescer de todo os frescores de existencia!.. Atravez das nevoas densas d'um porvir tenebroso, ou do brilho deslumbrante d'um futuro todo encantos, este dia surgirá mago e feiticeiro com uma recordação de suave melancholia!.. este dia será o marco miliario do passado, a recordar á mente alquebrada talvez de soffrimentos, ou inebriada de ventura, que entre as lides do estudo havemos tido amigos; que depois de longos annos de tracto fraternal havemos visto alfim raiar esse dia apeteccido em que, despedaçados os laços da dependencia, esquecidas as proprias offensas para folgarmos todos 'num commum prazer, viemos dizer adeus a esta Coimbra, de que todos levamos recordações amargas e suaves recordações....

Collegas!... Eia!... o extremo abraço!... A hora da partida soa breve e nós, que tanto a havemos desejado, quando a phantasia nos pintava as scenas risonhas do porvir, nós hoje trepidamos ante o momento solemne do adeus extremo, que 'neste dia, em que juntos libamos a taça da amizade, nos apparece severo e magestoso a dizer que a mocidade acaba aqui!...

Adeus! collegas!... Possa a fortuna sorrir-vos graciosamente no porvir!... queira o destino que vós nunca olvideis o vosso collega, que eu por mim não vos esquecerei jámais!...

Novo silencio, novos abraços e novas lagrimas recompensaram bem todos os affectos que em tal leitura eu acabava apenas de exprimir!..

O Amigo Lampreia, entusiasta sempre de tudo o que são emoções grandes e sublimes, havia-nos convidado a assistir a um jantar, por

elle offerecido aos seus amigos no dia seguinte.

Foi outro dia bem passado! Além de nós, os condiscipulos de Lampreia, muitos e nobres convivas adornavam a meza!..

O curso do 5.º anno medico foi brindado u'uma saude especial; cada uma das suas primeiras intelligencias o foi igualmente e eu 'num brinde dirigido a Lampreia, agradecendo-lhe o haver-nos proporcionado o ensejo de nos reunirmos alli ainda uma vez, pedi licença para ler a seguinte poesia, que todos os convivas se dignaram victoriar, honrando-me com um brinde especial:

AINDA UM ADEUS.

NO JANTAR DE DESPEDIDA DADO AOS CONDÍSCIPULOS

Por F. J. S. Camello Lampreia.

Encore une heure de souffrance
Encore un douloureux adieu!

LAMARTINE.

Amigo Lampreia! tu queres ainda
Gozar os prazeres d'um ultimo adeus?..
A esta amizade, que n'alma não finda,
Vens hoje dar palmas de novos tropheus?..

Amigo Lampreia!.. não vês que as decuras
D'extremos instantes hão tanto amargor!..
Que o goso, a expansão d'estas creanças tão puras
Termina-se em pranto!.. converte-se em dôr?..

Amigo!.. já viste que fez um abraço
As lagrimas puras nas faces correr!..
Repete-o de novo! oh! estreita este laço!..
E o pranto quem pôde nos olhos conter?..

Mas venha!.. mas corra nas faces o pranto!..
Collegas!.. amigos! o amigo abraçe
Que o affecto d'amigo, este affecto tão santo
Baptiza-o o pranto que d'alma nos sae!..

Collegas!.. amigos, ainda um abraço!..
Adeus para sempre!.. p'ra sempre talvez!..
Parti!.. mas por Deus!.. não quebreis este laço
Que tão apertado a amizade nos fez!..

Adeus... corra o pranto, leal, verdadeiro!..
Ninguem se aqui peje entre nós de chorar!..
Que as lagrimas santas do adeus derradeiro
Garantem que o affecto não pôde murchar.

5 de Agosto

A. M. da Cunha Bellem.

E assim se terminou essa festa de tão ardente entusiasmo; e assim cada um de nós se despediu da vida de mancebo, n'aquelle abraço extremo dado aos collegas que talvez não torne a ver e de quem apenas lhe restará uma saudade immarcessivel.

7 de Agosto de 1858. A. M. da Cunha Bellem.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



N.º 12.

Vol. I

1858 - NOVEMBRO - 15

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 "

Redactor F. P. Santa-Clara.

Relações da Igreja com o Estado.

ORIGEM DO CHRISTIANISMO.

A Igreja, por excellencia, existe ha 1858 annos, pouco mais ou menos. Antes d'esta epocha de rehabilitação e principio fecundo de civilisação humanitaria, havia varias igrejas, devidas a differentes instituidores, que allegavam no acto da fundação tal ou qual auctoridade; porém a philosophia tem mostrado claramente, que a unica Igreja, que tem sido fundada com elementos de duração absoluta, é a de J. Christo, que expirará involta no fumo do dia tremendo, em que Deus tomará contas rigorosas, não só aos que seguiram o seu mandato, senão aos que lhe ficaram legalmente sujeitos. Outras igrejas foram fundadas depois; porém os seus fundadores foram movidos por inveja e não pozeram em practica os talentos do Homem-Deus, que se revelam no Novo Testamento.

FUNDAMENTO DA SOCIEDADE RELIGIOSA.

Podemos distinguir no seu fundador tres naturezas: duas comprehensíveis, uma mysteriosa. As duas comprehensíveis são a humana e divina, que constituem dous elementos complexos, ambos penetráveis á luz da razão. A mysteriosa é formada d'um modo incomprehensível, mas não contrario á razão, da junção do elemento divino ao elemento humano, pela intervenção da omnipotencia, tendente a produzir as modificações indispensáveis, humanamente fallando.

A natureza divina não pôde ser o fundamento da sociedade ecclesiastica, porque esta é humana. Se a natureza divina do Homem-Deus fosse o fundamento da sociedade religio-

sa, era mistér admittir que o homem pôde e deve dirigir-se por principios essencialmente divinos; mas os principios essencialmente divinos requerem para a sua execução força infinita; mas a força infinita falta ao homem, logo a sociedade ecclesiastica não é fundamentada no elemento divino.

Os defensores da doutrina contraria, que fazem cair Deus 'numa contradicção, dirão: mas onde está a omnipotencia divina? Não terá ella ahí a competente intervenção? — Responedemos que a omnipotencia divina está em Deus, que não pôde usal-a para destruir-se; e a esta resposta acrescentaremos a seguinte pergunta: poderá Deus fazer com que deixe de ser o que é? Não, responder-nos-hão. Então como é, que a sociedade ecclesiastica se pôde fundar sobre um elemento essencialmente divino, elemento tal, cuja devolução practica ha de ter o caracter de infinidade?...

A omnipotencia divina só se dá em quanto se exerce dentro dos limites da verdade, typo do existente, que o proprio Deus não ha de inverter. Ha dois processos para estudar a omnipotencia divina: um, considerando-a na esphera do verdadeiro, e, 'neste sentido, é absoluta, porque Deus pôde fazer tudo, quanto é verdadeiramente factível; e é verdadeiramente factível tudo, quanto não se oppõe á razão, embora lhe seja superior. No segundo processo ou sentido a omnipotencia divina, encarada pelos homens, toma um character restrictivo, determinado pelo principio incontestavel — que Deus não pôde fazer o que é moral e metaphysicamente impossivel. Mas o que é physicamente impossivel, poderá tornar-se possivel em presença da omnipotencia divina? Alguem responderá — pôde. Nós, porém, como não sabemos combinar a essencia do eterno

com actos de arrependimento, que elle necessariamente ha de manifestar, quando transtornar a acção necessaria d'uma lei natural; como não podemos combinar o modo da sua perfectibilidade estranha, a que necessariamente attenderia, quando invertesse a ordem preestabelecida; como enfim, na essencia divina não colhemos idéa alguma de mobilidade, guardamos silencio.

Deus manifestaria actos de arrependimento, quando invertesse uma lei natural? Sim, porque Deus não pôde inverter sem motivo; e este motivo ou ha de indicar arrependimento, ou aperfeiçoamento na obra divina.

Se indicar arrependimento, que resulta? Que Deus está sujeito a paixões; mas não se admittindo tal proposição, succede que a sua omnipotencia no segundo sentido não se entende absolutamente. — Como é que a inversão d'uma lei da natureza por Deus indica aperfeiçoamento? Porque d'outro modo, ou Deus invertia sem motivo, ou para lesar os homens: no primeiro caso Deus não era um ente infinitamente sabio; no segundo seria injusto. — Mas que importa que a inversão d'uma lei natural indique aperfeiçoamento? Importa nada menos que a mutabilidade do ser infinito, ou a impossibilidade de ter exercido racionalmente a sua verdadeira omnipotencia. — Mas como se conhece pela razão um attributo infinito, que a creou? Muito bem, porque a razão é um verdadeiro reflexo d'esse attributo. — Ora, se a razão é um verdadeiro reflexo d'esse attributo, deve ella tudo reconhecer: e então não lhe escapariam, como escapam os mysterios? Não é assim, pois os raios reflectidos podem afastar-se tanto do objecto reflectidor, que este se torne invisivel; e por isso o objecto invisivel não é contrario á razão, mas sómente superior, porque o facto d'um homem não vê um objecto nas trévas não induz a impossibilidade da existencia d'esse objecto. Deduz-se d'aqui, que Deus é omnipotente na esphera do verdadeiro. — Logo encerra-se o infinito no finito, pois a idéa de esphera anda ligada á de finito? Não é assim; emprego a palavra esphera, por que sou forçado a fallar *more humano*; entretanto ligo-lhe a conveniente idéa, a noção do razoavel, que me representa o typo do possível, que a razão me faculta afferir. — E qual é o typo d'esse typo? Deus. Não indago senão até ao ponto humano, o acto da criação. — Mas como teve lugar a criação? Porque maneira Deus se determinou? É impossivel dizel-o; e então a omnipotencia divina deve entender-se

do modo predicto, d'onde se segue, que a sociedade ecclesiastica não se funda no elemento divino.

J. Machado Cabral e Castro.

Continúa.

Meu caro amigo Santa-Clara.

Não posso, nem quero por modo algum subtraír-me ao teu convite, deixando de escrever algumas linhas nas columnas da ESTREA, 'nessas poucas horas vagas que nos deixam os nossos trabalhos academicos. — Seria uma ingratição para com um amigo, que tanto preço, e eu nunca desejarei ser réo de tal crime.

Ahi te envio pois esse artigo; publica-o. É possível que elle desperte do silencio alguém, que profundamente tracte o objecto, porque o merece. Se isso conseguir, dar-me-hei os parabens, porque já muito terei feito.

Teu condiscipulo e amigo muito dedicado

M. J. Vieira, Junior.

A Indigencia merece séria attenção da sociedade.

— O charity! — thou principle of great souls! how glorious are thy works!... Thou preventest a deluge of indigence! Thou preventest a deluge of vice! Thou throwest an immortal guard round virgin purity! Thou recallest not the dead, but thou givest life and health to the diseased and the expiring! —

KIRWAN.

Hoje que nos achamos no meado do seculo dezenove, d'esse seculo chamado das luzes, não admire que sejamos tentados a dizer duas palavras sobre a questão de indigencia, questão que, sem duvida, deve ser considerada como muy importante, indo, como vae, com ella envolvido o bem-estar de toda uma nação, e com especialidade d'esses infelizes, cuja existencia tanto opprime as sociedades modernas. — Ainda ao coração mais duro, não pôde deixar de repugnar o espectáculo horrivel d'esses miseraveis, a quem fallecem os meios necessarios de subsistencia; para quem o proprio trabalho não é um recurso sufficiente; e cuja existencia tem necessidade do apoio d'outrem; sendo isto assim, quem ousará negar ter feito relevante serviço á humanidade aquelle, que, achando a solução d'um tal problema, a livrar d'esse cancro que tanto a atormenta? — Ninguem por certo.

Mas como alcançar esse *desideratum*? Eis o ponto que nós julgamos merecer séria discussão. — Não temos, não podemos ter aspirações a ser o novo Alexandre, que remova esta dificuldade; mas seja nosso garante a vontade e desejo profundo, que temos, de ver um dia realizado o que hoje só poderá ser tido, como meras utopias; de ver sobre solidas bases construído esse edificio, á sombra do qual repousará alegre a humanidade inteira.

É innegavel o progresso e as aspirações á perfectibilidade, a esse mais bello apanagio do homem sobre a terra, e que melhor revela a superioridade do seu destino; — as sciencias aperfeiçoando-se e desenvolvendo-se têm ido descobrindo novos mysterios, d'onde nos têm resultado innumerás vantagens e contribuído não pouco para chegarmos ao estado de adiantamento em que nos achamos. — A physica, entre outras muitas cousas, nos tem ensinado o aproveitamento do vapor e da electricidade; — a economia politica com as suas maximas demonstradas pela razão e confirmadas pela experiencia nos tem proclamado como dogmas a concurrencia, a liberdade do trabalho, o *laissez-faire*, e em geral todos esses principios, de cuja applicação temos tirado tantos lucros; — mas se é verdade que compramos o triumpho da civilização, da riqueza e da liberdade por um mal tamanho, como é a indigencia; se é verdade que, com a mira no interesse, vamos sacrificar uma boa parte de nossos irmãos; que, apenas debellada uma dificuldade, surge para nós outra maior, então anathematisemos esses inventos, desprezemos essa perfectibilidade tão desejada, consideremol-a como uma aspiração vã e inutil, como brincos d'imaginação, e nada mais.

Vejamos porém: deverão ser tidas como causas da indigencia, a civilização, a riqueza e a liberdade?

Se olharmos superficialmente para o que passa sob nossos olhos; se, examinando os diversos trabalhos estatísticos, compararmos o numero d'indigentes nos paizes civilizados com o que nos apresentam os incultos, veremos que a indigencia se nos apresenta com muito mais desenvolvimento nos primeiros. Na Inglaterra e na Hollanda a classe proletaria chega a um numero espantoso, ao passo que a Suissa e a Prussia, paizes incomparavelmente menos ricos que os primeiros, nos apresentam uma cifra muito inferior. — A conclusão pois a que naturalmente temos de chegar, é que uma cresce na razão inversa da outra, que quanto maior

é o auge a que sobe a civilização e riqueza, tanto maior é o numero d'indigentes e pobres: ao bem d'um segue-se o mal de muitos; a opulencia e bem estar d'este é compensada pela pobreza e miseria d'outro.

Pensando porém um pouco attentos, não julgamos que assim seja: não podemos comprehender, que a civilização possa ser considerada como causa da miseria, ella que prescrua todos os meios possiveis para a destruir. Não cremos tal; 'nisso não vemos mais que uma simples coincidência.

Queremos considerar a riqueza como uma das causas da indigencia, e portanto proscrever aquella, seria queremos incorrer na mesma pena, que soffreu esse celebre povo da antiguidade, os Spartiats, que se cobriram de ridiculo aos olhos da posteridade, banindo os metaes preciosos, repartindo fraternalmente as terras e limitando-se ao *caldo negro*.

A moralidade, a virtude, os bons costumes e a caridade dependem muito e muito da instrucção, da educação recebida no seio da familia, das instituições do governo e da religião, e todas estas causas longe de excluirem a riqueza, são-lhe subordinadas. Nem se infira que tenhamos como impossivel a alliança da pobreza com a virtude, não queremos dizer tal; a bondade, o amor do proximo, os sentimentos nobres reinam tanto sob o vestido d'estamemha, no coração do filho do pobre e do povo, como no do rico e aristocrata; — o que porém não nos será negado, é que a riqueza é um meio, pelo qual se torna mais facil a consecução de taes fins, por isso que; quanto mais rico fór um povo, quanto maiores forem os recursos d'um governo, mais espalhadas se acharão as boas instituições e por consequencia de mais facil accesso serão ellas.

« A liberdade, diz alguém, vae a par com a riqueza: a primeira traz consigo a segunda, e a segunda provoca a primeira. — A riqueza emancipa, e o homem livre enriquece-se mais facilmente.

A riqueza, a liberdade e a civilização são trez irmãs gêmeas que nascem, crescem, envelhecem e morrem ao mesmo tempo, entrelaçadas e inseparáveis. »

Embora pois os factos nos pareçam dizer o contrario, não o acreditamos; não queremos ja verificar a cifra d'essas estatísticas, mas dada a hypothese de ser verdadeira, ainda assim nada concluiríamos, porque então, por igual força logica, seríamos levados a crer que a civilização estava na razão directa da crimi-

nalidade, sendo que essas mesmas estatísticas nos indicam que o numero de crimes sobe de ponto nos paizes mais bem policiados.

A civilisação, a liberdade e a riqueza podem portanto, sem favôr, ser consideradas innocentes do crime, que se lhes quer attribuir; deixemos a sciencia economica, com razão actualmente tão cultivada pelo mundo civilisado, seguir seu caminho, que ella, auxiliada convenientemente, procurará sem duvida cortar pela raiz as verdadeiras causas da miseria, e d'outros tantos males que affligem a humanidade.— É esse o seu maior e mais bello fim!

Continúa.

M. J. Vieira, Junior.

Auxilio e influencia das idéas religiosas sobre o homem na sociedade.

No homem selvagem as faculdades intellectuaes dormem: sem o lume da religião, rude e solivago a seus appetites busca sómente satisfazer; desconhece prazer, que possa desejar, e pena, que deva temer; deita-se e repousa:

Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi tronco, encosta e dorme.

Esta felicidade negativa desagrada ao homem civilisado. Exercendo suas faculdades, aspira sempre ao desenvolvimento progressivo, d'onde experimenta novas necessidades, cuja satisfação procura nas forças da natureza e no proprio e alheio trabalho; nos intervallos, porém, que nem o exercicio nem o descanso entretêm, mede as lacunas e vicissitudes da vida, resolve sobre os prazeres e penas do seu coração, e no escuro espaço do futuro vê bruxolear a esperança, que o consola e fortifica, — a vida sem fim, a immortalidade, firmada nas verdades religiosas e na luz da razão.

Certo da existencia d'uma intelligencia superior, cujo poder, fecundando o nada, creára os céos e a terra, sobre que sabiamente vigia, o homem obedece docemente ás leis divinas, como 'numa noite tenebrosa seguiria com arrôjo um guia, de cuja prudencia não duvidasse. Por estas leis reprimido, exulta o coração do homem na practica das boas acções; a virtude é amada.

Quando os prazeres ruidosos tumultuam no centro do coração, a voz da sabedoria apenas é ouvida; mas se a terrivel mão da desgraça o opprime, ostenta-se-lhe a sublimidade dos pensamentos religiosos e todo o seu encanto:

é nos dias da adversidade que a religião vem offerecer consolação, como o amigo fiel, que, despresado no nosso fausto, corre logo a socorrer-nos no infortunio.

A interesseira amizade, perfidias, traições, negros espectros frequentam o theatro do mundo, onde os interesses oppostos e prazeres enganadores perturbam os mortaes, e os excitam á desordem e devastação: á mingua d'estes males o homem religioso, cultivando as virtudes, lá vive em socegado retiro entre costumes sãos, e solidos prazeres. A divindade tutelar da paz conserva sua felicidade, defende-o, torna-o conhecido, qual a flôr, que, abrindo no fundo do valle, pelo seu perfume indica existir allí. De tantos bens é elle devorador á religião!

F. P. Santa-Clara.

Continúa.

PUISQU'ICI BAS TOUTE AME... (V. HUGO.)

Pois se o homem, se anjo e nume,
Planta e flôr
Dá seu canto, luz, perfume,
Crença e amôr;

Pois se tudo sobre a terra,
Que ame alguem,
Rosa ou espinho, quanto encerra,
Dá se o tem;

Se os carvalhos, nós, medonhos
Veste Abril,
Se inda a noite presta aos sonhos
Gozos mil;

Se onde ha ramo, voz uma ave
Desprendeu;
Se onde ha folha, gôta suave
Cáe do céu;

Se na praia, quando a onda
Vem de lá,
Beijos, antes que se esconda,
Mil lhe dá;

Tambem, anjo meu saudoso,
Dar-te emfim
Ah! vou quanto de precioso
Sinto em mim!

Dou-te o nectar que me acalma,
Toma-o tu!
Sim... meu pranto! mais uma alma,
Que eu possuo!

Do que ha lindo, tudo, quanto
Me seduz!

D'esta vida... riso e pranto
Noite e luz!

Dou-te os sonhos meus ferventes
Mais leaes!

Dou-te as notas mais cadentes
Dos meus ais!

Dou-te o sopro meu, que á sorte
Vês fluctuar

Sem mais vela, sem mais norte
Que esse olhar!

Dou-te a musa que me inspiras,
Sonho meu!

Que suspira se suspiras,
Flór do céu!

Dou-te, acceita! tudo é santo
Tudo, oh flór!

Dou-te uma alma, toda encanto,
Toda amor! João de Deus.

A uma joven artista.

Jouez, chantez, j'enne inspiree!
V. HUGO.

Inda tão joven já nos sons divinos
Moldas as trovas, que dos anjos são,
Já nos accentos dos celestes hymnos
Forjas encantos de immortal condão!...

Tu nos enleias co'a gentil cadencia,
Que nos teus hymnos divinaes seduz,
Que, inda na infancia, já te inflamma a ardencia
Do amor da gloria, que em teu céu reluz;

D'um genio ardente já trajando as galas,
És astro lindo de loução fulgor,
Tu, que em torrentes de harmonia exhalas
Os sons divinos de immortal primor!...

Avante, artista, a quem a gloria inflamma
Nesses anhelos de um sonbar febril,
A quem o estro nas canções derrama
Das harmonias o condão gentil.

Avante, artista, que vens dar aos seios,
Nesses teus hymnos, divinal prazer,
A quem os peitos de entusiasmo cheios
Simples grinalda vêm aqui tecer.

Avante!... e a gloria te dará a palma
Do genio ardente que reluz em ti!...
Dando-te a c'róa por que anhela essa alma
Em que d'artista a inspiração sorri.

A. M. da Cunha-Bellem.

Uma recordação.

A bemaventurança já passada
Diante de mim tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
CAMÕES, ELEG.

Apontava a manhã do dia 29 de Janeiro de 1855: clausurados 'num estreito cubiculo do Seminario Episcopal, não nos incommodava ainda a estrepitosa confusão e arruido, que seguem o dia; mas antes pesado somno, a que a roxa aurora, rompendo, déra novos poderes, vendava nossos olhos á observação d'um phenomeno, sobre maravilhoso, nos amenos campos de Coimbra raro, que a natureza, durante a vagarosa noite, operára manso e manso, em segredo.

Uso era 'nesta religiosa casa dar signal d'alvorada, quotidianamente, a horas certas, que, todavia, variavam nas quatro estações annuaes. 'Numa parede lateral do claustro, sobre braços de ferro estava suspensa uma sineta, cujo som, reboando pelos echos das abobadas, então silenciosas, feria, sem clemencia, os ouvidos dos estudiosos mancebos, cujas faculdades se refaziam pelo ligeiro somno; este, espantado de subito, fugia. — Ai d'aquelle, que o somno, voltando, investisse; pois adormecido a despeito dos preceitos da religião, alli rigorosamente observados, lá-o esperava o jejum, penitencia imposta aos infractores pelas auctoridades, denominadas *Prefeitos*.

Era a manhã do dia 29: grande claridade, escoando progressivamente através dos vidros da janella, e não impedida pela porta, que, a taes horas, ordinariamente lhe estava sobreposta, desfizera as trévas do nosso cubiculo, e o novo dia, arremecendo, afugentou o preguiçoso deos da noite para os silenciosos paços do Lethes.

Ou que o merencorio som da sineta não nos houvesse despertado, ou que o relógio, collocado na torre, retardasse a hora por descuido do dr. Silvestre, cuja inflexibilidade lhe dispensara a graça de servir a machina, indicadora do tempo, notavamos alteração no correr das cousas. Nem illusão era nossa, embora o motivo fosse diverso.

Em dia feriado pouco precisavamos de investigar causas e cuidar dos successos; mas infelizmente o dia era lectivo: a necessidade, vigilia e curiosidade expelliram-nos da cama, e, dirigindo casualmente nossa vista através da vidraça, vimos... scena encantadora!... os largos campos e cabeços das serras cobria a

neve, que em flocos mui alvos descia ainda, e cuja brancura adiantára a manhã e movêra nossos cuidados.

Admirando lindos e insolitos panoramas, que se extendiam, de fôrma diversa, sob a vista do espectador, segundo a collocação d'este em differente face do edificio, desejavamos um companheiro, que pelas suas reflexões e maduro gôsto, dando largos vóos á imaginação fertil, abrisse os encantos, occultos á nossa avaliação

'Neste intuito enfiámos a porta da cella do nosso antigo amigo Antonio João de França Bettencourt, que, 'nesta manhã de inverno, dormia ainda, ignorava tudo. O ruído lhe desgrudou as palpebras; olho já aberto, já fechado, parece sua senhoria ouvira o desalinhado aranzel, que lhe dirigimos, de palavras latinas, cujo todo, sujeito a medida, se dividia em disticos, onde o hexametro e pentametro alternavam assim:

Palladis arcem (*), Lusiadumque albescere montes
Cernimus: ex alto plurima nixque cadit.
Campus, olivaeque, omnia subque jacentia divo
Vix glaciem capiunt; frigore cuncta rigent.
Aureae arenae, quas vicinis extrahit arvis
Mondegus, tectae sub nive, Amice, latent:
Illas vero fulvum inter medium fluere amnem
Inflatumque undis cernere mirificum est.
Vidimus in glacie pisces haerere ligatos,
Cymbas subque nivis pondere scindere aquas.
Hic volucres spatiantur, maestaque inter eundum
Hic sua mirantur signa, pedumque notas;
Quin etiam saliunt aliae, casu stupefactae,
Non nullae alarum remigio alta petunt.
Quam sumant, aqua; ubi sedeant, tellus; miserisque
Esse deest: frustra quaeritur ore cibum.
Una cum bubone diu latuisse Minerva
Fertur, tecta gela turribus alta sedet:
Quos docuit, juvenes glaciem autem tangere gaudent,
Illam proculcant, atque alios lapidant.
Caucasei juga montis, Sarmaticasque videres
Rupes; surge oro: jam veni, Amice, veni.

Accedeu ao nosso pedido, saíu da cama, vestiu-se, e a sós eu e elle nos dirigimos á varanda cuberta, que estava proxima. Sem dizer palavra, olhos fitos no largo campo, soffrêra o nosso estimavel amigo as primeiras impressões: logo assentou-se no poial de pedra, que ladeava duas paredes, cortadas em angulo recto, e, *sorvida de esturro uma pitada*, o espirito philosophico, bem differente do fingido furor da velha Delphe, ou da Sibylla Cumense sobre a tripode d'ouro, lhe allumiou a mente: ouvimos então o oraculo descobrir-nos segredos da natureza sobre o phenomeno admiravel, que o sol,

(*) D'este castello, que a historia nos aponta theatro da lealdade portugueza, só existe o chão.

pouco depois, desfez pelo poder dos seus ardentes raios. Do prazer, que gozámos então, só nos resta uma viva e grata lembrança.

F. P. Santa-Clara.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 10.

IX.

Começa a maledicencia.

— Quem será aquella madama de excentrico *toilette*, que além está com um vestido côr-de-rosa, tão curto, tão curto, que bem lhe deixa vêr o pronunciado tornozelo da tibia infiel, cingido com a impreterivel fitinha traçada? — Assim dizia Ricardo com os seus botões ao contemplar uma dama de soffrivel fealdade, com a cintura por de baixo dos braços, sem *bouquet*, sem enfeite de cabeça, sem carteira de baile, 'numa palavra, uma senhora, que pelo seu trajar e hediondez bem podia passar por uma criada grave d'algunha casa abastada!..

Não sei porque; mas, em se vendo uma mulher feia, dá logo vontade de a collocar na classe das criadas de servir; mórmente se ella traja de um modo duvidoso entre o de criada ao domingo e o de ama ao levantar!..

Effectivamente esta senhora só fazia notar que se achava 'num baile por calçar sapato de setim branco e por andar walsando com um furor indizivel. E o caso é que walsava menos mal!..

Ricardo prendeu-se-lhe insensivelmente a attenção áquella senhora, que elle nunca tinha visto em Coimbra, e por isso formou desde logo decidida tenção de lhe indagar as minucias da vida; para o que já tinha bispado, na outra extremidade do salão, um seu amigo, mancebo affamado na maledicencia, mas que se prezava de ser verdadeiro nas chronicas escandalosas, que com prazer assoalhava. Era homem que sabia a vida de todos, que seringava tudo, e finalmente que era impossivel que não dêsse noticia circumstanciada de quem era a senhora de côr-de-rosa; e por isso o nosso curioso Ricardo acenou-lhe para que viesse; mas elle, que, apezar do seu natural acanhamento e *gaucherie*, tinha encetado conversação com uma senhora, que ficava na extremidade da inexpugnavel linha, fez-lhe signal para que esperasse um pouco.

Ricardo então, para matar o tempo, passeiou a vista pela sala toda, e contemplou com desprazer aquella falta de gosto, que reinava por toda a parte. Uma escada estreita dá para o salão a entrada principal; esta escada, apenas alcatifada com alguns velhos tapetes de igreja, é absolutamente impossivel ser adornada com jarras ou figuras, visto o seu acanhamento, que é tal, que não deixa o cavalheiro dar o braço a uma senhora, tendo de subir a um de fundo como nas escadas da torre da Universidade!.. E as saias balões?.. Oh!.. essas vêem-se em torturas 'naquelles apertos. Esta escada, que tem tres pequenos lanços, cada um com a sua volta, dá sobre um patim de cinco ou seis palmos de largo sobre dezoito ou vinte de comprimento: a entrada para a sala fica em frente, á direita a entrada da orchestra, acanhada e miseravel porta de uma acanhada gaiola, como que imbutida na parede. Á esquerda, para onde o patim se estende em fórma de garganta, fica a sala de *toilette* e a casa do serviço; aquella é um apertado cochichôlo, onde duas ou tres aias dançam impreterivelmente o lundum depois de meia-noite: e a casa dos serviços?.. Oh! essa é uma adegas reles de um lavrador da Bairrada arruinado pelo *oidium*; é uma coisa de inexplicavel porcaria, indecencia e repugnancia! Taes são (afóra as casas de jogo, collocadas na outra extremidade do salão) os appendices da sala de baile em Coimbra, unica sala, que para tudo que ha 'nesta vida tem serventia, excepção feita de algumas de casas particulares. A sala em si é bastante comprida mas excessivamente baixa, pelo que sempre 'nella reina um calor insupportavel. Hoje está decentemente forrada a papel, ainda que muito escuro, e bem illuminada a gaz; mas, tanto agora, como 'noutros tempos, em que era caiada de branco, com illuminação de cotos de stearina em placas de folha de Flandres, pregadas pelas paredes, e o classico lustre de vidro no meio do tecto; nunca tive a dita de lhe vêr um adorno, uma bambinella, um festão de flores, uma qualquer outra cousa, que indicasse salão!.. Nada!.. sempre a mesma nudez, que apresenta 'num bazar de prendas para o asylo ou 'numa reunião de conselho do theatro!..

Assim reflectia Ricardo, descrevendo na sua cachimonia aquella chamada sala de baile, quando viu que o seu amigo, o maledicente, se havia affastado da senhora com quem fallára. Para o não perder de vista, Ricardo transpoz logo apressado a extensão da sala e

filou-se-lhe ao braço, dirigindo-lhe sem mais preambulos a seguinte pergunta:

— Quem é aquella pèga?

— Qual?..

— A mona còr-de-rosa, que acabou de walsar com o Lima...

— Oh!.. isso são contos largos!!!

— Pois então vamos ahi para um canto retirado...

— Para que?

— Porque pretendo iniciar-me nos contos largos.

— Deixa-te d'isso agora...

— Não quero! Quero saber!..

— O que?..

— Os contos largos da còr-de-rosa.

— Homem! estás curioso! Tambem te habilitas aos *contos*?

— Aos largos!.. como assim?..

— Não! aos oitenta. Passe o calemburgo!..

— Pois ella tem oitenta contos?.. Desdobra-me aquella vida, tim tim por tim tim, sem lhe faltar ponto nem virgula, mas não mintas!... resigna hoje o teu dom de invenção, e conta isso com verdade!..

— Tem oitenta contos!.. que mais queres?..

— Então consiste 'nisso os contos largos?.. não importa!!! vou-lhe fazer a còrte!.. Uma mulher com oitenta contos é sempre adoravel!..

— Não te precipites, homem, aquillo já tem dono!..

— E é por causa do tal dono dos *contos* redondos que ha os contos largos?.. Dá publicidade a isso, que estou impaciente!..

— Publicidade já o facto teve: agora pertence á historia; e eu apenas me prézo de ser o narrador! Contar a verdade não é ter má lingua!..

— Desembucha!.. maldito!.. houve algum acontecimento publico? Ein?

— Tal e qual!.. Mas aqui não estamos bem! Se não choveses fãmos alli para cima para o mirante.

Ricardo e o seu interlocutor caminharam para a porta do terrado. A trovoadá tinha-se dissipado e estava uma noite bella; porém a tempestade fustigára todos os arcos de buxo e loiro, e extinguiu todas as mortças lanternas, que abrilhantavam o tal mirante, especie de lingueta um pouco mais elevada do que a sala. A escuridão era completa.

Os dois amigos dirigiram-se para lá.

— Ao caso!.. vamos ao caso!.. — bradou Ricardo, começando a passeiar ao lado do seu amigo — vamos!.. quero saber donde veiu aquillo, quem é!..

— Ouvi dizer que é um brigadeiro.
 — Quem? ella?..
 — Não!.. o pae!.. Um brigadeiro, que, depois de fazer fortuna lá 'numa possessão ultramarina, viera para aqui disfructar os seus rendimentos, trazendo duas filhas com oitenta contos cada uma, e uma soffrivel fealdade ambas!..
 — Mas d'onde vieram?..
 — Não sei ao certo!.. Ouvi dizer que lá d'uma cidade onde esteve desterrado um poeta nosso.
 — Então havia de ser de Gôa! Foi Gôa onde esteve o grande Bocage? Não é isso?
 — Não sei!!! Mas, em fim, Bocage ou Camões, ou outro qualquer, pouco importa! Vamos ao caso!..
 — Onde figura o tal, que já é dono dos oitenta?..
 — Tal e qual!.. um alfenim de chapéu ás costas e oculos azues, que veiu de Lisboa aqui só para vêr a sua Amalia!..
 — Oh! venturoso, que possues o affecto de uma mulher com oitenta contos!.. Oh! meu rival!..
 — Não te afflijas, homem, que a historia reza que o negocio está tremido.
 — E é isso que deu causa á publicidade?
 — Pouco mais ou menos...
 Nesta occasião um outro individuo entrava no mirante. Um charuto recém-acêso indicava que aquelle senhor escolhêra este sitio para fumar, e que por isso promettia ter demora alli. Ricardo ficou contrariado em não ouvir aquella historia, que tanto o interessava, e que talvez não fôsse mais de que uma mentirosa invenção do seu amigo (e era até o mais provavel). A musica acabava de entoar os preludios de segunda contradança, e ambos os nossos estudantes partiram apressadamente para o salão; mas Ricardo, como verdadeiro filho de Eva, disse no meio do caminho para o seu amigo:
 — Rosa! não me escapes logo, que eu quero saber a tua historia.
 — Pois sim! lhe replicou este. — E entraram-se ambos por entre a multidão.
 Continúa. A. M. da Cunha-Bellem.

RÉBUS.

Sa belle voix donne au cerf des alarmes 1
 Tremble á sa voix le jeune homme étourdi 2

Et en cachant d'une femme les charmes
 La rend plus belle au regard ébloui.

C. B.

EXPEDIENTE.

A *Estréa Litteraria*, cuja publicação fôra interrompida, reaparece sob a responsabilidade de novo redactor, cumprindo-se assim a promessa, que no n.º 11 d'este jornal fizera aos srs. assignantes o sr. dr. A. M. da Cunha Bellem, que pela gloriosa conclusão de seus trabalhos academicos deixava Coimbra.

A intelligente direcção e profundos conhecimentos d'este senhor, a quem a *Estréa Litteraria* deve sua corôa mais brilhante, encontrarão, sem dúvida, fraco representante em nós, que um dever — o pedido d'um amigo e o desejo de muitos — obrigára a saír da situação retirada, em que nossa inutilidade nos conservava. Certos do pouco que valemos, mal poderíamos alimentar o nosso jornal com cabedal proprio e acipipes variados; a necessidade nos admoestára justa recusa, se o primitivo redactor tivesse esquecido a obra sua; mas não: elle, embora distante e sobrecarregado pelos seus trabalhos clinicos, que desempenha com subida reputação, nutre generosas esperanças pela sustentação d'este jornal, cujas columnas continuará a revestir o magestoso adorno de seus eminentes escriptos, que, embuídos no gosto da bella litteratura, offerecerão aos nossos leitores subido interesse, e a nós, sobre este, protecção e soccorro pela nossa inopia.

Se a alguns dos srs. assignantes a redacção dever o n.º 10 e 11, pedimos nos mandem aviso; e para o diante empregaremos os meios de evitar egual falta.

Do 1.º de dezembro em diante sairá a *Estréa Litteraria* regularmente duas vezes cada mez: e um distincto academico, nosso condiscipulo, tomará connosco parte na redacção.

Aos srs. assignantes pedimos, queiram renovar suas assignaturas para o 3.º trimestre, para não soffrêrem interrupção na remessa do jornal, o que succederá, se não recebermos aviso até ao dia 15 do proximo Dezembro: e se por falta de correspondente tiverem difficuldades sobre a remessa do importe da assignatura, como este é diminuto, lembramos (segundo o pensamento da primeira redacção) — o poderão fazer em estampilhas de 5 réis, remetendo a corespondencia ao administrador d'este jornal.

Errata neste numero — Na pag. 6, col. 1.ª, lin. 53, onde se lê — Delphe, lêa-se Delphos.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 13

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro.
F. P. Santa-Clara.

Assigna-se na Imprensa da
Universidade e no escriptorio da
redacção. — Publica-se duas vezes
por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

1858 — DEZEMBRO — I

Correspondencia de adm-
nistracão a José da Silva Porto,
rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os
artigos scientificos e litterarios,
que á redacção forem enviados.

O fundamento da sociedade ecclesiastica.

(Resposta ao artigo inserto no n.º 12 —
Relações entre o Estado e a Igreja.)

Accedendo ao convite, para nós assás
lisongeiro, que nos foi feito por um con-
discipulo, por quem professámos a mais
subida consideração, eis-nos em publico,
confiados, por certo, na insignificancia pro-
pria, que, como tal, não receia a procella
da tempestade critica, que, de ordinario,
mais accintosa que cordata, procura ferir
posições invejadas.

Hoje, que os escriptos sobre todos os ra-
mos do humano saber são tantos, que se
póde dizer com certo escriptor — a riqueza
me faz pobre, — ao novel neste mistér é
difficil escrever cousa, que mereça lêr-se.
Bem enleados pois nos achavamos na esco-
lha de assumpto para desempenhar nossa
palavra, quando a fortuna nos deparou azo
para sair do apêrto.

Logo que nos foi entregue o n.º 12 da
Estrêa, ao lêr o primeiro artigo d'este jor-
nal, occorreu-nos que, para cumprir a pro-
messa, em que nos empenháramos, bastava
mostrar que estavamos em desaccôrdo com
o pensamento que ahí se exprime.

Com effeito, a proposição ahí enunciada
— a natureza divina não póde ser o fun-
damento da sociedade ecclesiastica — cau-
sou-nos uma d'essas impressões, que expe-
rimentamos, quando uma idéa predilecta,
por largo tempo elaborada, tópa com um

desmentido, mórmente se este ostenta apoiar-
se em legitimos principios.

Para nós já d'ha muito é axioma, que
ao homem, na enfermidade de seu debil po-
der, fóra impossivel erguer-se do abysmo,
a que com a queda do primeiro paé fóra
arrojado, se uma omnipotente mão não en-
chesse o abysmo immenso, entreposto en-
tre o homem, afeiado pela culpa, e o Ser,
infinitamente perfeito.

É isto o que á evidencia leva Gioberti
na sua excellente obra, intitulada — *Intro-
duction à l'étude de la Philosophie* — de-
monstrando esta proposição: « Cette restau-
ration (a do estado primitivo do homem),
ayant pour but de guérir la nature et de
la ramener vers ses principes, devait s'effe-
ctuer par un acte semblable à celui qui
donna l'existence à cette même nature,
c'est-à-dire, par un acte de création. »

Nem nos digam que tal convicção é o
fructo d'uma educação religiosa; sendo
que na mais tenra idade nossas mães, es-
meradas pela educação, nos infiltram mui-
tas vezes idéas, que, partindo d'uma pie-
dade exagerada, se conformam pouco com
a sã doutrina.

Raciocinando sobre a natureza da Egreja,
mesmo o leigo na sciencia propria sem
grande esforço divisa desde logo duas fa-
ces — divina e humana, correspondentes,
aquella ás verdades dogmaticas e móraes,
que *semper, ubique et ab omnibus* foram
professadas no gremio do Christianismo;
esta á disciplina que, accómodada ás cir-

cunstanças variaveis do homem em seu progresso indefinido, admite uma variedade que em nada vulnera o attributo da *eternidade*, inherente ás verdades catholicas.

E na verdade, se o fim do homem fóra terrestre, circumscrevendo-se na esphera acanhada, que percorre nesta morada de exilio, não repugnaria ás nossas convicções, que o ser sociavel por excellencia chegasse pelos principios do justo a uma organização, que facultasse a coexistencia social; se bem que no nosso entender a moral é garantia segurissima do direito, assim como a religião o é da moral.— *Quid leges sine moribus vanae proficiunt?*

Porém, suppôr que a tão pouco se limita o fim do homem, é irrogar revoltante injuria á natureza de nossas aspirações, que mesmo instinctivamente nos arrastam para o infinito; é,—quem sabe?—execravel heresia; sendo que o bom Deus não manifestaria os thesouros infinitos de sua bondade, condemnando-nos a uma existencia, qual a da vida terrestre, em que o bem é só a furto gozado; em que um instante de prazer é compensado com horas de pungeões magoas; em que, finalmente, como diz o Mantuano, virtude e vicio se acham 'numa informe mistura:— *Quippe ubi fas versum atque nefas!*

Não podendo portanto admittir, um momento sequer, que as nossas aspirações ao infinito sejam um flagello, que inutilmente nos torture, é convicção nossa—que ha de corresponder-lhe uma felicidade infinita.

E, como a Igreja é uma sociedade, constituida por seu fundador, pelo modo mais adequado para attingir-se esse bem supremo, o unico, que a consciencia reputa capaz de saciar o coração; segue-se, que na organização da sociedade religiosa, seu instituidor não podia deixar de regular por principios seus o que á razão humana fóra vedado descortinar.

Confessamos que as expressões « *a sociedade religiosa não pôde ter fundamento na natureza divina* » não nos apresentam uma idéa clara; mas, se, como é provavel, se entende que não foi como Deus, que o

instituidor da Igreja a organizou, figurase-nos que tal opinião, por absurda, não pôde sustentar-se.

Se Christo é o fundador da Igreja, claro está que a natureza não só humana, mas também divina, são o fundamento da sociedade religiosa, visto que em Christo ha a junção dos elementos divino e humano.

A opinião opposta encontra, a nossa vér, os principios mais triviaes de direito ecclesiastico.

Com effeito, dizendo Christo—« *Data est mihi omnis potestas et in coelo et in terra* »—e 'n'outra parte—« *Sicut misit me pater, et ego mitto vos* »—quem duvida que a Igreja docente dispõe de poderes divinos?

E quem dirá que Christo forneceu á Igreja taes poderes só como homem?

Por conseguinte ou negar que Christo é o Homem-Deus, ou admittir que a sociedade ecclesiastica tem por fundamento também a natureza divina.

Finalmente, se é não só pela unidade da fé e obediencia ás legitimas auctoridades, mas também pela participação dos mesmos Sacramentos, que se estabelece a unidade, característica da Igreja christã, ou ha de cair-se na heterodoxa doutrina de dar aos Sacramentos um instituidor humano, ou confessar que só os Sacramentos bastam para plenamente provar, que não é só na natureza humana de Christo que se funda a Igreja.

M. Moreira da Fonseca.

Continúa.

Estadística e sua importancia.

Na expressão — sciencias sociaes — formadas da combinação dos differentes principios, que o genio da philosophia tem desentranhado d'esse thesouro de relações incommensuraveis, que prendem e harmonisam maravilhosamente a natureza moral e sentimental do homem com o elemento — sociabilidade, — comprehende-se, occupando incontestavel lugar, a Estadística, a qual, auxiliada pelas sciencias mais affins, como são — a historia, economia politica, e politica, propriamente dicta, promette relevantes serviços á humanidade, dispondo-a a acceitar, espontaneamente e de bom grado, a acção sempre proveitosa e incessantemente creadora da lei do progresso.

A Estatística é a sciencia, que se occupa de nos pintar, por intervenção d'uma linguagem particular, o quadro da humanidade, de uma nação, ou mesmo uma porção importante d'este quadro, em uma epocha dada. Passando do mundo real para o abstracto, ella, em consequencia de uma feliz combinação, de confrontações bem entendidas e sabiamente applicadas, chega a revelar-nos os principios primordiales e organicos, que presidem á formação da situação social, que desenha debaixo d'um aspecto geral mas analysavel; e então transcende-se, tomando com justa razão o nome de philosophia da estadística. Encarando os factos e phenomenos pelo lado material, a estadística só os pretende distinguir e classificar, para poder constituir grupos homogeneos, embora sendo ella complexa, a materia seja heterogenea, donde dispensa descer á causalidade d'estes factos e phenomenos, domínio proprio da philosophia de estadística. Como os factos e phenomenos, que compila, são privativos do mundo moral, e do physico só tanto, quanto importa para o desenvolvimento d'aquelle, segue-se que nós, com excellentes estadistas, podemos reduzir as fontes do seu objecto a trez: povo, governo (factos), e territorio (phenomenos).

A complexidade d'estes elementos, que só o são em referencia á estadística, facilmente se conhece: variadissimas são as faces, que nos offerece a acção governamental, e milhares são os factos e phenomenos, que as leis moraes e physicas estão constantemente vivificando e reproduzindo sobre o povo e territorio. Assim, ainda que á primeira vista pareça circumscripto, o objecto da estadística é extensissimo; e pôde dizer-se que comprehende tudo, que com o homem tem mais ou menos pronunciadas relações.

O governo d'uma nação é o governo de uma grande familia: em ambas estas sociedades, egualmente dictadas pela natureza, no desenvolvimento e necessaria applicação de suas leis harmonicas, ha os mesmos principios, os mesmos factos, e identicos phenomenos; todavia no governo são mais extensos e complicados, offerecendo por isso mais largo campo ao estudo, e exigindo mais séria attenção, pois que a ruina da sociedade politica importa a destruição de muitas familias. É aqui, ao governo, que a estadística presta innumeradas vantagens; as quaes, aproveitando á solidez e boa direcção do organismo politico, são simultaneamente causas de principios fecundos, que,

espalhados na sociedade e insinuados em cada homem debaixo da possante auctoridade de uma convicção intima, favorecem o desenvolvimento do patriotismo e virtude, e collocam o homem á sombra da frondosa arvore do progresso. A estadística do governo faz conhecer ao cidadão, ainda que pouco instruido, a despezas e receita do Estado, com a justeza precisa para o convencer radicalmente do bom emprego das contribuições do povo, cousa que muito concorre para lhe transfundir a confiança respectiva e evitar as revoluções, que, posto terem por fim a destruição de um preponderantismo lesivo, não deixam de se traduzir e transformar alfim em um estado anarchico.

A estadística criminal, mostrando em relance os crimes commettidos em uma epocha dada, a idade dos criminosos, a natureza e gradação dos mesmos, etc., e confrontando a criminalidade activa em diferentes epochas, etc., etc., indica o estado moral de uma nação, que importará remover ou animar, segundo os homens tenderem para o progresso, ou apenas dèrem passos lentos, e tanto, que não transponham illesos os precipicios de uma vida caduca. Quantos beneficios resultam d'este ramo de estadística, digam-o os legisladores, que com a lista dos crimes na mão fabricam as leis, tendo em attenção remover as causas provaveis, senão verdadeiras, das precedentes situações, que a estadística apresenta.

A estadística do povo, bem como a do territorio, são egualmente importantes.

Quantos individuos ha em Portugal, maiores e menores, d'uns e outros homens e mulheres, quantos infantes, quantos casados e solteiros, quantos, que possuem certa renda, e quantos que não, quantos exercem certas profissões, etc., etc., são outros tantos objectos de estadística do povo, e dos quaes, bem tractados, segundo as regras respectivas, podemos tirar incalculaveis vantagens. É aqui aonde recorre o homem d'Estado, para dar congruente solução aos problemas da administração publica, e politica; para medir as forças e influencia moral da nação; e o economista para conhecer até que grau é possível o desenvolvimento industrial, auxiliando-se ainda este pela estadística do territorio.

A estadística do territorio é de todas a mais importante no estado actual, em que o desenvolvimento da industria, assás acanhada, importa o progresso e independencia social. Até aqui, que as nações se enriqueciam pela conquista, o mundo industrial, philosophicamente

fallando, apenas era conhecido; o trabalho era a occupação dos homens pouco prestadios: hoje, porém, tudo mudou de face; o trabalho é uma occupação honrosa, o trabalho é o homem honrado e patriota, é o esteio da sociedade e da virtude. As sciencias, que criam, defendem e favorecem a industria, são estimadas e tidas em primeiro lugar. Neste caso está a estadística do territorio, a qual, ou ainda está mal limitada, duvidando até do seu dominio, ou então é tão extensa, que vem a absorver outras sciencias (ou a ser por ellas absorvida).

No estado de desenvolvimento, porém, que possui, já muito nos utiliza. e é digna do estudo do jurisconsulto e estadista.

Mais que a estadística, mas para fins remotos, que se perdem, pela imperfeição dos nossos conhecimentos, no porvir dos tempos, deve ser respeitada a philosophia da estadística, verdadeira sciencia e parte da philosophia social. É esta sciencia, que verdadeiramente confronta os dados estadísticos, que observa a sua apparição, estuda a sua deducção, e por estes processos fere as leis, que os regem. Mas, tal é a importancia d'estas leis, que não bastam limitadas observações logicas, nem deducções pouco rigorosas, feitas em curtos periodos, para obter um resultado seguro sobre a sua acção: são mistér ao contrario muitos factos e phenomenos, oriundos de determinados principios, bem coordenados e escrupulosamente confrontados, para se descobrir a verdadeira lei ou leis, de que procedem.

Como todo o effeito tem necessariamente uma causa, de que emanou, se nós observarmos esse effeito nas suas variadas reproduções sempre com os mesmos caracteres predominantes, embora hajam singularidades, filhas, sem duvida, da influencia das circumstancias da actualidade, que mais ou menos o modifiquem, podemos formular, por via do raciocinio, uma lei infallivel, que actua incessante em conformidade com o caracter geral encontrado. Assim a philosophia da estadística, olha para o futuro, exforçando-se por nos fazer antever o que lá se passará; é uma sciencia d'alto alcance, que ao conhecimento do passado e do presente accrescenta o dominio intellectual do futuro: é, emfim, esse precioso prisma, gerado no seio do genio do progresso, pelo qual vemos com satisfação e indissolvel contentamento a nossa posteridade, triumphando dos obstaculos, com que ainda luctamos.

J. Machado Cabral e Castro.

Publicamos a seguinte ode saphica a rogo do auctor:

Ad Franciscum a Paula Santa-Clara

ODE.

Te cano ignotus (a), tua miror omne
Extitura aevum citharae latinae
Dona, quae Phoebi decus, atque gentis
Lusidium sunt.

Seu in modos contracta, vel et soluta,
Dulce musa scribis acute quaevis,
Barbiti semper latii et rotundi
Dignus amator,

Tu recordaris vetus et suave
(Hoc enim diris abolevit armis
Postera aetas) colloquium et melos, quae
Jam bene noscitis.

Euge! camenae serere haud recusent,
Frontem ut exornes, hederæ coronam:
Nectite, exoro, juveni poetae,
Nectite, musae!

Te quidem ventura videbit aetas
Tumque gaudebunt merito posteri
Vatibus te aequare latini agri, te
Dulce canentem.

Perge, linguamque excole, quam scis usque;
Patriam extolles, tibi comparabis
Nomen, aevi quod minime obteret vis
Omnia edentis.

Parce, Lusorum decoramen ingens,
Te meis auso memorare parvis
Versibus, sed carmen item latinum
Est mihi cordi.

Conimbricæ, pridie Calendas Decembris, anno 1858.

A. Lopes dos Sanctos Valente.

Com previo consentimento do nosso estimado condiscipulo Alfredo de Carvalho, estampamos nas columnas do nosso jornal a poesia intitulada—A tempestade. É ocioso encarecê-la, visto que da sua leitura nasce o elogio e re-

(a) O auctor não conhecia pessoalmente o individuo; cantado na ode.

putação do engenhoso e joven poeta, cuja mimosa producção, fazendo echo no estrangeiro, merecera ter cabimento entre alguns dos melhores cantos portuguezes, collegidos e publicados, ha pouco, no Brasil.

A TEMPESTADE.

Ruge nas trevas! — O exterminio e a morte
Voam contigo no teu gyro insano!
De Eterno sopra, como o Eterno é forte:
E treme á tua voz o proprio oceano!

Deus te creou assim — tu és sublime
Quando passas de raios coroadas,
É a voz que aos pés de Deus só Deus comprime
Brame solta no sopra da rajada.

Deus te creou assim — Silenciosa
A terra inhabitada ia no espaço,
Quando nasceste negra e magestosa
É fuzilaste um raio em cada passo.

Então ergueste na amplidão infinda
O teu primeiro canto d'exterminio:
Então o oceano, que dormia ainda,
Sentiu ao despertar o teu dominio.

E tu passaste rapida e sombria,
Em teu orgulho despresando o solo,
E ao som do bravo oceano que bramia
Revoaste d'um polo a outro polo! —

Oh! tu és bella e grande, ó tempestade,
Quando teus raios pelo céu derramas;
Quando, estendida pela immensidade,
Em cada nuvem um vulcão inflammas.

Tu és sublime! — Out'ora temerario
O globo erguera a Deus fatal injuria:
Tu deste-lhe o oceano por sudario,
E sorriste feroz á sua furia.

Quantas vezes depois, quantas solveste
Dos raios teus a fulminante cometa!
Quantas, á voz de cima, a comveste,
Até soar a hora de Sodoma!

Mas a hora souu! — Transpondo os mares,
De trevas e d'hórror passaste envolta:
E revoando na amplidão dos ares,
No valle de Siddim registe solta!

E Gomorra e Sodoma, as reprovadas,
Que dormiam nos leitos da impiedade,
Estremeceram de pavor geladas,
Á fatidica voz da tempestade! —

Depois — quando se erguia no oriente
O primeiro arrebol do novo dia,
Em muda solidão o sol fulgente
Pelas vagas do Aspháltite batia...

Então por largo espaço adormeceste,
Como o leão da preza saciado,
E só alguma vez, em sonho, ergueste
Pelos eccos do céu teu longo brado.

Por seculos assim adormecida
Tu não viste dos homens o delirio:
Nem os viste cuspir na cruz erguida,
Nem soubeste do Golgotha o martyrio.

Mas tu has-de acordar! — Deus, que te envia,
Dirá — «O mundo é teu — acorda ó forte!» —
E tu, rugindo o canto da agonia,
O mundo envolverás d'horror e morte!

E revoando pelo espaço ingente,
De tuas nuvens derramando a lava,
C'um sopra apagarás a chamma ardente
Do sol que a pobre terra alumia...

E da noite sem fim nas densas trevas
Passarás sobre a terra, ó tempestade,
E á luz sinistra que no seio levás
Verás por toda a parte a soledade!

Então, erguendo a voz que o mundo aterra,
Seccarás os abysmos do oceano!
E com teus raios calcinando a terra
Proseguirás no gyro soberano...

E o mundo que será? — chaos gelado,
Que nem mesmo alumia um clarão baço,
Ao sopra de teus ventos dispersado
Em pó inutil nas soidões do espaço!

E tu, farta de sangue e de ruínas,
Acabarás essa missão do inferno!
E ao bravo som do canto que terminas
Irás adormecer aos pés do Eterno!

Coimbra. Outubro de 1854. Alfredo de Carvalho.

Amigo Saneta-Clara.

Cedendo ao teu pedido ahi te envio algumas linhas para a *Estréa Litteraria*.

Ninguem, melhor do que tu, conhece a repugnancia que eu tinha em escrever para o publico, quando apenas se começa a levantar para mim o denso véo, que encobre aos olhos do ignorante a solução das importantes questões d'ordem social.

Accresce, a esta mais que justa razão, a necessidade de cumprir as minhas obrigações academicas, a que dedico o tempo, que de bom grado poderia dispensar, coadjuvando-te na redacção do teu jornal, quando mesmo tivesse uma reputação litteraria, que me tornasse recommendavel.

Não resolves a publicação d'essas linhas sem as leres com attenção, que assim o exige o credito de teu jornal, e a reputação d'um estudante desconhecido,

que só se resolve a escrever para satisfazer um dever d'amizade. Teu amigo e condiscipulo

Pereira de Bettencourt e Athaide.

O Divorcio.

Toute association ne peut durer, qu'autant que dure le consentement, de rester associée. Tandis qu'elle dure, quandiu consensus. Le divorce est nécessaire aux civilisations avancées.

MONTESQUIEU.

O amor, approximando o homem e a mulher pelos caracteres oppostos da sua organização physica e intellectual, é a origem da familia, germen e principio de todas as associações humanas.

Se ao homem, ser dotado, pela munificencia da providencia, d'uma intelligencia superior e de sentimentos elevados, cumpre moralisar todos os actos da sua vida para conservar a sua posição superior; obedecendo á lei geral que governa todos os seres vivos, e os leva a completarem-se unindo-se, não deve ser dominado por um amor puramente phisico, commum a todos os animaes. Partilhando-o, porém, deve manter a sua dignidade de ser intelligente e livre, elevando o matrimonio humano, pelas relações que deve crear, muito acima do matrimonio natural.

O matrimonio deve pois estabelecer, na fusão das duas personalidades — o homem e a mulher — uma vida commum de corpo e espirito, que só a morte se supponha poder dissolver.

Já os Romanos, esse povo que tanta admiração nos causa, quando ao estudar a sua legislação encontramos já principios que a philosophia moderna tem sancionado, desfilam o matrimonio:

Conjunctio maris et faeminae, consortium omnis vitae, divini et humani juris communicatio.

Se o fundamento do matrimonio deve ser o amor reciproco, não pôde suppôr-se nas pessoas, que pretendem unir-se por tão doce laço, outra intenção que não seja a de contrahir uma união por toda a vida — *consortium omnis vitae*; e por isso o matrimonio se deve considerar como indissolúvel na sua intenção, não se podendo prevêr a principio as causas de dissolução (a).

Podem porém dar-se causas tão fortes, que justifiquem a dissolução do matrimonio, indissolúvel na intenção com que se contrahio?

Parece-me poder responder-se que as sociedades actuaes, ainda as mais civilizadas, nos apresentam infelizmente innumerados factos escandalosos, que a propagação d'uma moral retemperada nos principios do Christianismo não tem podido extinguir ainda, e por si mais que sufficientes para justificarem o divorcio á luz dos saos principios da Moral e do Direito.

(a) Expressões de Napoleão, defendendo a admissão do divorcio por mutuo consentimento.

Para tractarmos esta materia julgámos dever distinguir entre o sacramento e o contracto.

Se a religião julgou com razão necessario sanctificar o matrimonio para o tornar mais respeitavel, não devemos esquecer que, considerado como instituição social, não deixou de ser um contracto, cuja liberdade a lei deve garantir, deixando emboira á consciencia de cada um junctar-lhe as cerimoniaes religiosas que julgar conveniente.

Só assim se respeitará a liberdade de crenças, um dos primeiros elementos do progresso social!

Abstrahindo pois de toda a questão religiosa, não discutiremos se a indissolubilidade do matrimonio é um dogma, ou foi imposta por leis disciplinaes da Igreja, cuja modificação o interesse da sociedade possa causar; é nosso intento só provar que existem na sociedade causas, que, tornando necessario o divorcio, o justificam, segundo a Moral e o Direito.

Continúa. Pereira de Bettencourt e Athaide.

Auxilio e influencia das Idéas religiosas sobre o homem na sociedade.

Continuado do n.º 12.

As affecções generosas e ternas, que a munificencia do Eterno depositára no coração do homem, a aliança das idéas religiosas une novo encanto e duplo vigor: assim a arvore florida e o verde prado, já bellos por si, ostentam delicado matiz, quando o astro do dia, assomando no horizonte, despede seus raios dourados. — Experimenta a piedade filial dolorosos sentimentos no mancebo, que, confiado na virtude d'uma devota e ingenua oração, recorre aos attributos do supremo poder: justiça e clemencia; exora-lhes saúde e vida para seus paes enfermos, entes queridos, cuja supervivencia lhe poupara futuras e acerbas saudades. — Desconsolada e pálida donzella, que opprime a dôr e saudade, vencedoras do tempo, cahê junto da sepultura, onde repousam os restos maternos, seu mais doce penhor; negreando em roda esguios cyprestes, a solidão exalta seu pensamento; alli, sozinha, em sentido pranto entôa os suspiros de Job e as queixas de Jeremias, como a viuva solitaria rola em sons carpidos apiedando as selvas. Pela sentença

Da morte a ferrea lei não se derroga!
Nas paginas fataes é tudo eterno!

seu coração afflicto está condemnado a misera e funesta sorte; 'nesta conjunção... ah! a religião lhe aponta eterna vida: além da sepultura, d'onde surge esperanza consoladora, qual a do naufrago, que, entre as ondas, devisa a terra. Então o pensamento elevado acompanha ás eternas moradas esse ente querido, e de lá julga ouvir o adeus d'amizade, pronunciado sobre a campã do tumulo. — Por piedosa coragem fortalecida, a mulher caritativa visita as moradas da miseria e soffrimentos; pelo zelo, junto da enxada

do pobre, e pelo dever, a par do leito do rico, supporta fadigas e desgostos para minorar os males e penas do moribundo; anjo consolador apresenta a imagem d'uma aurora boreal nas vagarosas noites dos pólos, e sua voz, revocando as esperanças religiosas, cala no coração do enfermo, que esquece o mal para abençoar a caridade d'uma alma pura, que cumpre missão celeste na terra. — Do sentimento religioso recebe a virtude seu melhor caracter.

Socrates, Platão, Marco-Aurelio, Fenelon, Franklin e outros, contemplando o modelo infinito da perfeição na Divindade, cujas leis d'ordem e harmonia respeitavam, constantemente inclinaram para o bem suas acções e pensamentos, d'onde mereceram a sabedoria e reputação, que a humanidade, honrando-se, eterniza.

Idéas religiosas, que ás nossas faculdades dão uma direcção tão conveniente, fecundam o genio e a virtude. A moralidade fugiria da terra, onde sómente fosse reconhecida a materia, combinações fortuitas, e a dissolução dos seres. Apostolos do atheismo! vossos calculos ferrenhos contristam a vida; ás vossas palavras desaparece o bello ideal!

O destino dos diferentes seres, que nos cercam, termina-se, sem duvida, sobre a terra: o arbusto, não reflectindo sobre a sua existencia, nasce, cresce e perece; e o animal, exemplo de vicio e incapaz de virtude, desconhece pesar e esperanças na sua destruição. Ao homem sómente durante sua vida agitada, deprime o vicio, honra a practica das acções boas; na hora extrema aparta-se com pesar dos seres, que lhe promettem uma eterna lembrança; perseguido por sua virtude, proscripto por sua coragem, olha ao céo para achar confiança e esperança. Restar-lhe-ha só morrer? Terá a natureza esquecido sua justiça para com a obra mais perfeita da criação?... Nossa immortalidade é uma consequencia necessaria da existencia de Deos.

Em vão as enfermidades, erros e faltas demonstram ao homem sua fraqueza, pois uma voz interna lhe revela seu destino: contemplando as maravilhosas obras do Eterno, o homem conhece ser superior a todas; occupando um ponto do globo, seu vasto pensamento abraça o Universo, vê o tempo devorar os objectos de suas affeições, desfazer os monumentos, e destruir as obras da natureza: sentado no resto de tantas ruínas, o homem aspira á immortalidade, a vida sem fim, onde suas acções boas serão recompensadas.

A existencia de Deus e a immortalidade da alma são verdades, firmadas na religião (o Christianismo), d'onde surgem as esperanças religiosas e doutrinas necessarias ao progresso da humanidade, e sua conservação. A religião christã, possuindo o maior gráo de verdade e representando a unica revelação completa de Deus ao homem, é o unico principio poderoso e verdadeiro do progresso humanitario; a revolução moral (longo seria descrevel-a) produzida na terra, assás o comprova. O homem, obedecendo aos principios d'uma religião tão sublime, torna a morada terrestre menos differente da celeste, para onde eleva seus pensamentos: procura minorar os males dos

outros seres racionais, remover-lhes as privações, acalmar-lhes os odios; entretem sómente relações de paz e amor.

F. P. Santa-Clara.

O poeta.

O poeta é toda obra da natureza, é a sua obra prima, porque é ella quem lhe dá uma alma forte, sensivel e energica, que contém em si as fontes vivas do sublime e do bello; é o poeta quem verdadeiramente sente a natureza, por isso que vae pintal-a com todos os seus encantos, adornada com todas as suas galas. Elle, e só elle, cheio d'um vivo enthusiasmo, arrebatado pelo seu genio, vae seguindo os vãos da imaginação e assim, descobrindo e revelando-nos talvez os mysterios mais insondaveis da criação, notando ordem, belleza e harmonia, onde só veriamos um chaos.

Como não admirar pois esse ente privilegiado, como não tributar a mais pura de nossas affeições a esse que vive só da poesia e para a poesia, a primeira entre todas as artes? — Poesia!... nome magico e magestoso; nome que comprehende tudo o que ha de mais bello na natureza, por qualquer lado que esta seja encarada, e que, não contente em prescrutar tudo aquillo de que o mundo é theatro, desprendendo-se d'elle, vae até as regiões do infinito! — Oh! como és grande, poesia!

Usando do poder immenso de que dispões, fazes por toda a parte resoar teus sons harmoniosos; a tua voz vae tirar do esquecimento a acção generosa para dar ao seu auctor um nome brilhante,

E por mais que combata o tempo avaro
Contra as virtudes dos sublimes peitos,
Tu lhes dás fama egregia e nome claro;

fazes com que a sociedade submissa e respeitosa vá ajoelhar perante um nome, que talvez detestava; cravas o punhal no coração do tyranno, que faz a desgraça do seu povo e ri das miserias d'elle; ensinás-nos a olhar a morte como um bem, quando trocada a vida pela patria; espalhas por entre todos o germen fecundante da virtude, que exaltas com teus cantos, germen, que, poisando ocioso e tranquillo sobre o coração, lá fica até que uma occasião propicia, venha fazel-o brotar cheio de viço; — então sentimo-nos inclinados ao bem, porque temos á vista mil exemplos generosos que nos apontas; e amamos a humanidade, porque nos commoveste o coração e nos esclareceste o espirito.

Quando o que te cultivava comprehende a sua missão; quando elle tem no seio uma alma em que predomina não menos a reflexão, que a paixão; quando possui uma imaginação fecunda, que facil apanha as formas da natureza para as desenhar em toda a perfeição, e a tudo isto reúne o sentimento religioso, o culto ao ser absoluto, immutavel e eterno; — então é elle um teu verdadeiro apostolo, um filho carinhoso, que deves receber em teu regaço, e docemente aca-ricial-o.

E quem não será tocado de sympathia para com esse mimoso da fortuna? Como, ao vê-lo descrever as vastas solidões do deserto, e o ruído das cidades turbulentas, o pequeno mas limpido regato correndo mansamente por meio do valle, e a torrente impetuosa que se despenha do alto d'um rochedo; e quando, já misturando a sua voz ao sibilo dos ventos,

ao bramir das tempestades, ao fuzilar do raio, elle nos faz recordar a Divindade, enchendo-nos d'um profundo respeito e temor por ella: quem não ambicionará o ir depôr mais uma flor na corda brilhante que lhe adorna a frente, como em paga das emoções suas que lhe fez experimentar?!

Ninguem por certo. V.



Vae-se a tarde despedindo,
 Vae fugindo,
 Vae levando a luz do Céu...
 Vem-se a noite approximando,
 Desdobrando,
 Desdobrando o negro véu...

Horas são... Desce, ó mysterio...
 Sonho aereo...
 Mysterio do meu amor!
 Surge, surge, aerea sombra!
 Não me assombra
 Teu phantasma — encantador.

Do sepulchro te desprende,
 Surge, accende
 Em minh'alma vida e luz!
 Essa luz, que em tempo ainda
 Viva e linda,
 Me juraste aos pés da Cruz.

Vem dizer-me: «falsas juras,
 Vãs perjuras
 Nunca em vida te jurci;
 Que os meus prantos, meus sorrisos,
 Cantos, risos,
 Noites, dias, te votei!»

Vem dizer-me: «só contigo,
 Terno amigo,
 Meus sonhos sonhei — em vão! —
 Só por ti senti que a morte
 Desta sorte...
 Me gelasse o coração!»

Morta mesmo, nada importa,
 Se é que morta
 Tua alma não jaz aqui...
 Morta mesmo, ai! vem sorrir-me,
 Repetir-me
 «Não me esqueço, não, de ti!»

Mas, não digas, não, mysterio...
 Sonho aereo...
 Mysterio do meu amor!
 Não, não surjas, negra sombra,
 Que me assombra
 Teu phantasma — assustador!

Faro, Novembro de 1854.

PHANTASIA.

Não te cances, que me canças,
 Não gemas, que me entristeces,
 Não chores, porque enterneces
 Um pobre sem esperanças.
 Prêso estou: não basta isto
 Para soffrer de sobejo?
 Entre grilhões eu me vêjo,
 Entre ferros me contristo.

Estas paredes são tinctas
 Da côr da minha tristeza:
 Aqui, oh! não me desminto!
 Traja lucto a natureza.
 D'esse tecto assás sombrio
 De Damócles pende a espada;
 Apenas um ténue fio
 Demóra a extrema estocada.

Tu olhas! Vê, que é verdade
 O destino, que me espera;
 O que um culpado assevera,
 É funesta realidade.
 'Naquelle canto não vês
 A tumba dos enforcados?
 Esses móveis malfadados
 Inspiram terror; não crês?

Tu choras! Convem, que chores;
 Porém, ah! não chores tanto,
 Que augmentes com esse pranto
 De meu coração as dores.
 Cada instante de tormento
 Dilacéra uma alma forte:
 É mais cruel, que essa morte,
 Que dá calma ao pensamento.

O juiz, que só desêja
 Multiplicar a tortura,
 De fazer mal não se pêja,
 Retardando a sepultura.
 Mas o prêso desgraçado,
 Que evitar isto não pôde,
 Sofrerá o raio irado,
 Que a injustiça lhe sacode.

E tu, que me vês morrer
 'Nesta crise tão terrível,
 Fôge d'aqui, se é possível,
 O meu fim não queiras vêr.
 Escuta essa ave agoureira
 'Naquelle torre sombria;
 Ella em gritos me annuncia
 Minha hora derradeira.

(Z)

Acção dos acidos, como refrigerantes,
na economia.

Continuado do n.º 9.

Havíamos nós tentado responder á opinião de Bouchardat e de todos os outros, que, baseados na theoria erronea de Lavoisier, consideram a respiração como a principal fonte do calor animal, e o effeito refrigerante dos acidos como resultado da acção chimica, que estes medicamentos exerciam 'naquelle funcção.

Erronea a considerámos á face das luzes hodiernas que illuminam a sciencia!.. erronea a considerámos, pela mesma razão, como filha da theoria que julga ser a acção dos medicamentos — uma acção meramente chimica já apreciada, já desconhecida em virtude do atrazo dos nossos meios de analyse — (Bouchardat).

Confundir a acção chimica, ou os actos physicos e mechanicos do medicamento com o seu modo de obrar dynamico, com esse que caracteriza a substancia medicamentosa e que é o effeito da sua acção primitiva, é não vêr a differença, que vae, por exemplo, da força desorganizadora d'um alcali ou d'um acido em contacto com os tecidos, para a modificação que caracteriza o effeito pharmacologico.

Este não se dá onde ha desorganisação; e medicamento é a substancia, que, convenientemente preparada, e só pela absorpção levada ao interior da economia no estado physiologico, ahí produz uma modificação, por uma virtude ou força, que lhe é propria!..

Em nosso auxilio invocaremos dois exemplos bem frizantes.

O arsenico ministrado em pequena doze produz a morte sem alteração alguma chimica, e tomado em grande quantidade produz esta alteração e não a morte.

Qualquer veneno, tomado em não elevada porção, debaixo da fórma solida, não occasiona a morte e só uma ligeira alteração na mucosa intestinal, e esta mesma porção diluida trará necessariamente a morte.

Se d'aqui se não infere que a acção do medicamento não é chimica, attendamos ao que se passa na ingestão do sublimado corrosivo!..

Este energico agente mata sem produzir a menor alteração chimica no estomago, e só depois da morte é que começa de atacar as suas membranas: donde se conclue que com a força vital existia uma força que impedia a acção chimica do veneno, e que, paralyzada esta pela morte, o veneno obra então livremente como

agente chimico!.. E nem se diga, como Bouchardat, que é em virtude d'um verniz de muco do epithelio que os acidos não atacam o estomago durante a vida, porque esse verniz lá deveria ter ficado segregado para depois da morte, e a acção chimica manifesta-se immediatamente, depois que a força medicatriz ou resistencia que o principio vital oppõe á destruição do organismo se extinguiu!..

Não queremos negar, que existam na economia acções chemicas, como tambem as ha mechanicas: quizemos apenas discriminá-las do modo de obrar dynamico, que constitue a essencia de acção medicamentosa.

Continúa.

A. M. da Cunha-Bellem.

Noticia das antiguidades d'Elvas.

Não se sabe com certeza, quando, nem por quem, fôra Elvas edificada: o que pôde asseverar-se, é que já existia seculos antes da fundação de Roma. Pelos annos 212 antes de J. C., accommettendo os Romanos a provincia Terraconense para a conquistar, penetrou o capitão Cayo Elvio na Lusitania pela parte da Bética, e, passando o rio Anas, hoje Guadiana, se accommodou nas suas frescas e delectosas margens, e depois, ou por força, ou por affagos, de que muito usavam os Romanos, tomou Elvas aos Celtas. Dizem que do seu nome se deriva o do rio Caya, e o do seu sobrenome o nome d'esta cidade. Supplantados os Romanos pela invasão dos povos do norte, no anno de J. C. 409, caiu Elvas em poder d'estes, e depois, em 714, em poder dos Sarracenos, que a dominavam, quando D. Affonso Henriques lh'a conquistou, pouco mais ou menos, pelos annos 1166, em que os expulsou d'esta provincia.

Quer os Mouros recuperassem Elvas, quer, tendo aqui ficado, recusassem pagar o tributo imposto, ou D. Sancho 1.º a conquistasse tambem, é certo que no principio do estio de 1226, veiu D. Sancho 2.º novamente conquistá-la.

D. Pedro, mestre dos Templarios, D. Rodrigo, prior do Hospital, D. Sueiro, bispo d'Evora, muitos fidalgos, cavalleiros e mais gente de guerra, coadjuvaram a el-rei 'nesta empresa.

Aquartelou-se el-rei na parte do sul, no sitio, em que se edificou depois (1642) o forte de Santa Luzia: D. Rodrigo acampou-se no

lado do E., D. Pedro no do N., e D. Sueiro no do O.: eis o sitio que formaram.

Bem seguros se julgavam os Mouros, por terem Elvas (então villa) mui bem fortificada e abastada, quando, no dia 8 de dezembro, investindo o bispo D. Sueiro com a sua gente ganhou a porta, por isso chamada do *bispo*, e, avançando cento e vinte passos, fez alto, e levantou altar, em que celebrou missa da *Immaculada Conceição*. Foi aqui, que depois se erigiu a primeira parochia, hoje cathedral erecta por el-rei D. Sebastião em 1570, mudando-se o *orago* de Conceição em Assumpção.

Famosas eram as escaramuças, que havia no valle, que ficava entre a villa e o quartel da córte, quando no dia 6 d'agosto de 1227, carregando os nossos sobre o inimigo, o fizeram precipitadamente recolher á villa, aonde, ganhando os nossos sessenta passos, pararam, fortificaram-se, e celebraram missa da gloriosa Transfiguração do *Senhor*: foi a segunda parochia, denominada do *Salvador*, e não de S. Salvador, como vulgarmente lhe chamam, hoje inteiramente demolida, fazendo-se todas as funcções ecclesiasticas na igreja de S. Tiago, templo dos jesuitas, de que fallaremos.

Accommettendo os nossos, em 29 de Junho de 1229, a porta *de ferro*, ou ferrada, a ganharam, não sem grande perda; e juncto ao muro, por não poderem avançar mais, levantado altar, celebraram missa do Principe dos Apostolos, e depois edificaram igreja, que é hoje a terceira parochia, com a denominação de S. Pedro.

Os cavalleiros do Templo, accommettendo a villa pela parte em que estavam aquartelados, ganharam uma rua, e, parando em frente da porta dos *Sanctos*, 'neste logar edificaram depois uma igreja á Magdalena, que chamaram = o *Templo* = arrogancia da sua primeira fundação: tanto esta porta como o Templo, não existem actualmente, e a ermida, que vemos, da Magdalena, é distincta d'aquelle mencionado edificio, que se julga fôra levantado, pouco mais ou menos, no logar, que occupa hoje o mosteiro das freiras de S. Domingos. A mesma fortuna tiveram os cavalleiros do Hospital, que, penetrando na villa, ganharam o terreno, em que edificaram a ermida de S. João Baptista.

Encerrados os mouros no castello, 'nelle se defendiam, até que algum os nossos se apoderaram d'esta ultima cerca; e para purificar a mesquita, que os Mouros tinham 'nesta alcáçar, a dedicaram á Natividade da Santissima Virgem: é hoje a 4.ª parochia, denominada

de *Sancta Maria d'Alcaçova*. Não falta quem affirme que foram degolados todos os Mouros, que havia em Elvas; outros, porém, negam, dizendo que aos que ficaram se lhes concedeu, para habitação, o sitio do almocovar, hoje intra, e então extra-muros.

Conquistada Elvas, e dando-lhe el-rei foral, houve duvida sobre quaes seriam a devisa e armas, de que deveria usar: resolveram pedir que fosse o mesmo rei a cavallo, na forma em que ganhou a villa, com lança e estandarte nas mãos, e na orla d'este se lessem as palavras do Real Propheta, Ps. 16 — *Custodi nos Domine, ut pupillam oculi*: — armas, que el-rei D. Sancho 2.º concedeu, e os Elvenses se gloriam muito de que, tão honrosas, a sua tão chara patria as possua.

Continúa.

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 12.

X.

A segunda contradança.

Ricardo tinha ainda tirado a sr.ª D. Constança para par da segunda!.. Nisto porém não houve mais do que mero acaso!..

Esta senhora era bella. Os seus olhos pretos, bem pretos, escondiam-se debaixo das mais finas sobranceiras, cercando-se d'uma aureola azulada, que lhe dava novo realce: a sua bocca era breve e rosada; o seu nariz, do typo das mulheres arabes, condizia com a sua tez morena de mulher andaluza. Infelizmente porém esta donzella, em quem pareciam concorrer todos os dotes da formosura, era menos favorecida dos dotes do espirito!.. A sua conversação era tibia e pouco animada; não tinha essa exaltação do sentimento do bello, que o seu typo parecia querer indicar; o seu coração não se commovia com as doces emoções, que costumam fazer vibrar as cordas mais intimas do sentimento ás filhas da península.

Ricardo contemplára extatico aquella formosura!.. desde que entrou no baile notára a elegancia d'aquella mulher. D. Constança absorvêra-lhe todas as outras impressões!.. e no fim da noite para Ricardo havia uma senhora só no salão.... em Coimbra.... talvez no universo..... Era D. Constança!..

O nosso amigo julgava-se feliz ao lado d'ella! Queria fallar, mas não atinava com a expressão. Fazia *in mente* ensaios de adocicar a voz para lhe render uma fineza!.. mas, nada!.. não desembuchava!.. E a contradança seguia o seu caminho... e os pares da cabeceira já começavam a executar a sua terceira marca... e o nosso Ricardo nada de novo a respeito de abrir bico!..

Estava em torturas! Já cem vezes tinha tirado o lenço da casaca, outras cem tinha como que enxotado com elle o calor, que lhe assombrava a frente... mettia-o na algibeira (o lenço, não o calor)... tornava-o a tirar... assoprava profundamente... affagava o cabello, com grave detrimento de sua luva branca... e os órgãos vocaes emperrados, sem deixarem escoar nem uma syllaba!..

Entre estúpido e amoroso ha apenas leves differenças!..

Finalmente o nosso embatucado amigo olhou para o tecto, e, como que havendo alli deviado o fulgor das estrellas ou os prateados reflexos da lua, exclamou sentimentalmente:]

— Está hoje uma linda noite!.. Não acha, minha senhora?..

Esta expansão mais parva da mais parva semsaboria foi logo festejada por uma estridentinha gargalhadinha d'um sujeito que estava em pé atraz de Ricardo!.. O nosso amigo fizeram-se-lhe as orelhas como duas azas d'um pote de Estremoz!..

D. Constança virou-se para elle com um riso de insipidez engatilhado nos labios, e fez um signal de assentimento. Era a segunda parte da semsaboria!..

Ricardo precisava ganhar terreno; e por isso, affectando o tom de voz mais affavel que se pôde imaginar, voltou para D. Constança:

-- Eu amo o baile! E v. ex.ª?..

— Eu! assim, assim!..

— Talvez prefira o theatro?

— Conforme!..

— Um drama sentimental, em que vibram todas as fibras d'alma!..

— Eu já gostei mais do theatro. Antigamente os fatos eram muito mais bonitos!.. Hoje apparece tudo de casaca, que é coisa que não tem graça nenhuma! São fatos que se vêem todos os dias.

— É verdade!.. mas!..

— Ora diga-me!.. aquelle drama de *Luiza de Carvalho* não era muito mais bonito se fôsse com o vestuario da *Cruz de Malta* ou do *D. Affonso III?*..

— Mas isso hoje está em desuso!..

— Hoje é tudo casaca e mais casaca. Para ver isso, então antes quero vir ao baile.

— V. ex.^a tem razão! O baile é d'um interesse mais palpitante! Cada conviva é o protagonista de muitas scenas, em que se põem em acção os mais doces affectos do coração... é....

— Olhe que é o senhor a fazer *en avant*.

Esta senhora era um verdadeiro apagador de conversas sentimentaes!..

Ricardo cumpriu os seus deveres dançantes: esperou que D. Constança fizesse o mesmo; e atou o fio das suas expansões amatorias, sempre interrompidas por mil semporias d'aquella dama.

Em fim fallou-se de amor!.. Ora, por mais insipida que seja uma senhora, em se lhe tocando na tecla amor, é um gosto ouvil-a falar. Advoga logo a causa do seu sexo com uma erudição admiravel!.. São mil factos... mil exemplos para corroborar uma opinião! são mil bocadinhos bonitos apanhados nos romances da *bibliotheca economica*... é toda a metralha!..

Fallaram primeiro do amor em geral. D. Constança sustentou que o homem é sempre mais volúvel do que a mulher, e que por isso era um perfido em que se não devia crer!.. Disse cobras e lagartos contra a fidelidade, ou antes, infidelidade dos homens; comparou-os a tigres, a leões e não sei a que bichos mais!.. Foi uma *Demosthenisa*!.. Ricardo, por uma admiravel theoria creada alli *ad hoc*, e que talvez mesmo lhe explicasse certos factos com elle, ou melhor, nelle succedidos, demonstrou por uma serie de raciocinios com os seus *adqui* e os seus *ergo*, com a sua *maior* e *conclusão*; demonstrou, digo, ou antes discutiu com todo o apparato de dialectica sabbatinal, que o homem não é mais inconstante que a senhora, o que é porém é menos mentiroso... mais sincero. Ora, sendo da ordem da natureza que o coração humano seja volúvel, segue-se, por necessaria illação, que homens e senhoras tudo é volúvel — e aqui, como quem tinha a faca e o queijo na mão, decidia o nosso estudante a questão a seu favor, levando á evidencia que o homem, arrebatado pela admiração, tributava reverencia, culto, amor a essa mulher que elle suppunha o typo ideal do bello, e que se acaso outra mais bella lhe apparecia, adorava-a sobre todas, não por inconstancia para a primeira, mas levado a isso apenas pela dedicação absoluta ao bello!..

Este ponto foi muito debatido com egual força sophistica da parte de ambos os conten-

dedores, que só largaram as armas d'esta peleje para se empenharem noutra mais doce e discutida mais em segredo: a saber — o amor em especial.

D. Constança não tinha 'nessa occasião preenchido o quadro dos seus admiradores. Havia um logar vago, e esse logar foi portanto dado logo alli ao nosso amigo Ricardo.

O derriço proseguia os tramites do costume e a contradança acabava. Acabe-se com ella o capitulo....

Continúa

A. M. da Cunha-Bellem.

CHARADA.

Eu sou o torrão dos lirios,	2
A expressão d'amizade;	1
Fui roubada por Sichem,	} 2
Quando fui ver a cidade.	

Corro, corro, e umas taes voltas	} 2
Eu dou até me perder:	
Vou espargindo frescura, Dou alegria, prazer.	

É doentio, achacoso,
Quem tal attributo tem:
A quem padece, sómente
Este nome lhe convem. M. J. Pires.

EXPLICAÇÃO DO RÉBUS. — **Corsage.**

EXPEDIENTE.

Em nome da redacção transacta, roga-se aos srs. assignantes de Viana, que porventura não tenham satisfeito a importancia da sua assignatura do 2.º trimestre, o queiram agora fazer, remettendo-a ao administrador d'este jornal.

AVISO

Roga-se a todos os senhores, que receberam prospectos das Scenas Contemporaneas, queiram devolve-los com brevidade ao sr. Administrador da Imprensa da Universidade.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 14

Vol. I

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro
 } F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

1858 — DEZEMBRO — 15

Relações da Egreja com o Estado.

Continuado do n.º 12.

FUNDAMENTO DA SOCIEDADE RELIGIOSA.

Sendo incompativel por natureza o elemento divino para fundamentar a sociedade religiosa, resta analysar os outros dous, e, usando de identico processo, fixar um d'elles para o fim, que temos em vista.

O elemento humano-divino, existente sem duvida, mas incomprehensivel e superior mesmo á lenta penetração do sentimento racionalisado, facultada esta que se avanta a todas as outras pelo seu poder real e acção investigativa, é essencialmente incompetente para bazear uma sociedade, que, humana como quantas existem, absorveria, modificando e submettendo a todas as contingencias e alterações do finito, o infinito. Os elementos divino e humano, ainda que não contradictorios, quando separados, são insociaveis e improcedentes, quando se tente unil-os.

Se a sociedade religiosa tivesse por fundamento o elemento humano-divino, havia de dar-se forçosamente uma d'estas hypotheses: a regularisação dos actos do homem pelo elemento puramente divino, ou pelo elemento puramente humano, ou por um mixto, formado na absurda operação de uma transfusão paradoxica d'ambos os elementos, finito e infinito.

Admittida a primeira hypothese, segue-se que o infinito podia transformar o finito

na sua *substancia*, elevando-o á sua categoria, o que é um absurdo, pois em tal caso o infinito deixaria de o ser pelo simples facto de poder consubstancialisar o finito. Demais, o infinito está para o finito como o increado para o creado, *como a realidade para o nada*, o que, em outros termos, equival a consagrar o principio incontestavel, de que uma assimilação indeterminada de elementos finitos, embora se prolongasse pela eternidade, nunca chegaria a dar existencia ao infinito. Tambem da admissão da primeira hypothese poderá gabar-se algum myope intellectual, fundando a sociedade ecclesiastica no elemento puramente divino; mas a esse lembramos a demonstração respectiva, da qual argumentos infundados, dilemas, que só provam contra a intelligencia de infieis racionadores, sentimentos *fundos*, que, surdindo a custo ao mundo das bellezas, despenham-se, pela exinanição propria, no dominio da philosophia, onde um sópro de espirito logico os recolhe com sofreguidão pelos umbraes do nada, e sarcasmos, que, por sua natureza, sujeitos ás leis da reflexão, recaem sobre quem desapiedadamente os projectar, não poderão desviar algum pensador, que prescruta com prudencia, distingue com discrição, fluente e facil nas suas demonstrações leva a convicção aos espiritos mais preocupados. Brincar com o que excede o *caput humanum* é um disparate, bem o entendemos; mas maior disparate ainda é imprimir ao que é divino

feições humanas, e para o evitar convém estudar nos objectos as suas qualidades. Com effeito, suppôr o elemento humano suffocado no divino, consubstancialisando-o, é um absurdo, e portanto admitir a primeira hypothese é uma inconsequencia.

A segunda hypothese ou tornaria desnecessario o elemento divino para fundamentar a sociedade ecclesiastica, excluindo-o, e então recairiamos no conhecimento da verdadeira base d'esta sociedade, ou fundiria o elemento divino no humano, o que é improcedente por duas principaes razões: sendo absolutamente differentes, e occupando graus extremamente remotos na genealogia metaphysica do universo.

A terceira hypothese é intuitivamente inadmissivel, a não querer provar-se que o fundamento da sociedade ecclesiastica é um mysterio.

A primeira vista parece, que nós 'nestas trez hypotheses encaramos a analyse toda da materia em questão; não é assim, pois que consideramos o elemento divino absorvendo o humano até o extinguir, ficando em si e sua influencia, sobre o mundo moral, puramente divino (1.ª hypothese); o humano, absorvendo o divino, ficando em si e sua influencia puramente humano (2.ª hypothese); o mixto, formado pela degradação do divino e elevação do humano (é troca) até se nivellarem (3.ª e ultima hypothese, terceira e a maior das anomalias.)

Entendido assim, que a sociedade religiosa se não funda nem no elemento humano, nem no humano-divino, e supposta exacta a enumeração dos elementos, segue-se por exclusão de partes, que se funda no elemento humano. Nem outra coisa podia ser, visto ser humana toda a sociedade, e ser mais que contra-senso o dar ás cousas humanas um fundamento divino. Para nós é mais que axioma, é uma verdade eterna, cujo typo somos nós mesmos e a natureza, que se patentêa constantemente aos olhos do espirito, que o homem não mais poderá erguer-se do abysmo, em que o precipitou a desobediencia primeira; verdade eterna, que a philosophia, habil-

mente dirigida por Gioberti, consigna nas seguintes palavras: « Cete restauration, ayant pour but de guérir la nature et de la ramener vers ses principes, devait s'effectuer par un acte semblable à celui qui donna l'existence à cette même nature, c'est-à-dire, par un acte de création. » Este insigne philosopho formûla em poucas palavras o grande principio da nossa doutrina. J. CHRISTO veio remir a humanidade, a sua missão foi restaural-a, os seus esforços tenderam todos a conciliar-a com o principio supremo do bem, com Deus. Foi assim que elle por si e por seus apóstolos desvaneceu em toda a parte as trevas do paganismo, despedaçou os laços da corrupção moral, que os excessos do homem haviam tecido na prática das mais eccentricas anomalias, e submetteu a esta regeneração moral por um acto semelhante (mas não identico, note-se) ao que creou a mesma natureza, e é por um acto de criação, o qual consistia (rigorosamente) no exercicio da força repulsiva do vicio e consolidativa da virtude, força que o homem já antes tinha, pois se assim não fosse, nem J. CHRISTO o poderia regenerar, porque não tinha que, nem elle era imputavel, nem, em fim, teria sido creado uma só vez.

J. M. Cabral e Castro.

Continúa.

A indigencia merece séria attenção da sociedade.

(Continuado do n.º 12.)

O que porém é um facto digno de lastima, mas irrecusavel, é o augmento progressivo da mendicidade a tal ponto, que tem dado origem a graves receios, que por toda a Europa se têm espalhado. Alguns escriptores, aliás mui respeitaveis, querendo animar os que elles chamam amigos da humanidade, pretendem não vêr em tudo isto mais que um terror exagerado, um espanto não justificado pela experiencia.

Effectivamente é querer levar mui adiante o principio da segurança, sempre que se pretender fazer da pobreza um delicto, e da mendicidade um crime; mas se attendermos a que essa mesma mendicidade chega a constituir um verdadeiro ramo d'industria, se notarmos o

abuso que essa pobre gente é levada a praticar, chegando a estabelecer escholas e clubs, como nos affirma M. de Morogues, não deixaremos de reconhecer fundamento na opinião dos que vêem na miseria um ameaço á prosperidade pública. — O mendigo em Paris ganha 9 a 12 fr. por dia, isto é tres vezes mais que o industrial. Em 1838, em Lendem, o mendigante Thomaz Humm deixou uma fortuna de 42,500,000 fr.

D'estes e outros exemplos temol-os mui frequentes mesmo entre nós, e mostram-nos elles bem claramente a necessidade de apontar os remedios possiveis para a extincção de tamanho mal. É esta uma tarefa a que se não devem eximir os homens dignos da epocha actual, e a que com effeito se não têm subtrahido, existindo já hoje uma variedade immensa de systemas, taes como: — a abolição da propriedade, dos impostos, do salario e do capital, a divisão agraria, a emancipação do operario etc., que, como diz Chérbuliez, são ainda uma enumeração mui incompleta dos absurdos, filhas da ultima crise revolucionaria.

O exame de cada um d'elles seria um trabalho improbo sobre inutil, e por isso só fallaremos d'alguns mais importantes e sem duvida mais dignos de serem considerados, terminando por indicar aquelle que, para nós, temos como preferivel.

Um objecto que muito tem attrahido a attenção, e a que em grande parte se têm attribuido as proporções gigantescas que toma o pauperismo, é o excesso de povoação, é o numero demasiado d'homens para os quaes o torrão natal, ainda que explorado o mais cuidadosamente possivel, não lhes fornece o necessario para o sustento da vida. O remédio prompto a este inconveniente julgam encontrar-o mui commodamente no emprego d'esses braços, explorando o solo e recorrendo em ultima analyse á emigração, sendo que assim se vae dar completa sanção ao preceito divino — *crecite, et multiplicamini, et replete terram, et subjicite eam* — povoando esses vastos paizes desertos, ainda não pizados pelo rei da criação.

É este na verdade um meio bastante facil, mas que nunca deverá servir senão como meio excepcional; querer fazer d'esses pobres homens conquistadores d'um novo mundo, a quem faltam os recursos materiaes e moraes, instrumentos estes absolutamente indispensaveis para conseguir tal fim, seria uma obra arrojada, que poderia ter por desenlace uma decepção fatal.

A igualdade das riquezas é um principio que altamente tem sido proclamado e adquirido

grande numero d'adeptos, mas a que nós não subscrevemos, porque o olhamos como uma simples chimera. A impossibilidade da permanencia d'essa igualdade conseguida pela applicação de tal principio, a variante das capacidades phisicas e intellectuaes, que seriam assim tidas na mesma conta, e ainda a mesma natureza das cousas, são de certo a maior condemnação de taes idéas, que, levadas á prática, teriam a singular propriedade de conseguir um fim diametralmente opposto ao que se pretende, generalizando o mal em vez de o supprimir.

Continúa.

M. J. Vieira, Júnior.

Ad Emmanuel Justinum Pires

ODE.

SINCERA AMICI LAUS.

Te quibus curis studiisve credam
Posse lassari cerebrumque tantum,
Clare florentis domitor juventae,
Caudide Pires?

Non satis vestro puros docere
Litteras, Lusasque palam loquendi
Regulas, et Grammaticae severas
Tradere leges:

Non satis vestro fuit edidisse
Quidquid addiscentibus esset usui,
Scripta doctrinis elegantibusque
Non spoliata?

Et satis ne Grammaticam quidem, olim
Inclyta forma insolitaque scriptam,
Tum nota lustrasse recentiori
Versibus auctam?

Pallida de morte epicum poema,
Et modi dulces, numero carentes,
Non valent explere animum: sed ecce
Carmina rursum

Nectis, et, munus Cereris canendo,
Floribus vulgas variis repleta.
Quisque virtutemque decusque honorat,
Scripta legendo.

His juventus permanet instituta,
Te duce: insignisque alitur per urbem
Ex libris, Clarissime, sana morum
Mella premendo.

Nuncque fidus quid canit Helviorum
Incola, omnes et juvenes, eorum
Et parentes? Nunc tibi quidque debent,
Candide Pires?

Civitas ore eximio fatetur
Quod sit aeternis meritisque multis
Vincta, nec dignis valeat labores
Pendere donis.

Si meis dignos lepidae Camenae
Auribus versus canerent, Amice,
Tunc foret cunctis manifesta virtus
Et decus ingens.

Helviis adis memores precamur,
Nulla te terris rapiet vetustas,
Et tibi rex, qui arva regit, qui Olympum,
Quique fretum, adsit.

1857 Francisco Paula Sancta-Clara.

● Rochedo.

AO MEU AMIGO FRANCISCO RODRIGUES PEREIRA D'ALMEIDA.

Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae.
Hor: Od. 3.^o lib. 3.^o

Vêdes além um rochedo
Sobre as agoas debruçado,
Sorrindo, cheio d'orgulho,
Ao furor do mar irado?

Vêde-o altivo, soberbo,
Olhando o mar com desdém;
Despreza a vaga espumosa,
Que a seus pés quebrar-se vem.

Quando a tormenta estala
E no céu fusila o raio,
O rochedo inda constante
Ergue-se impavido — olhae-o!

Embora soprem os ventos
Com estampido medonho,
Embora brama o trovão,
Vêl-o-eis sempre risonho.

Quando da lua ao pallór
O mar 'stá calmo, sereno,
E apoz a tempestade
Vem tempo bello e ameno;

Quando as vagas socegadas,
Indolentes, preguiçosas,
Com murmúrio vêm bater
Junto ás fragas alterosas;

Ou quando o mar se levanta
Em medonhos escarcéus;
Ou quando em noite serena
Reflecte o anil dos céus:

O rochedo, inalteravel,
Ergue seu collo alteroso,
E ao furor do mar, dos ventos,
Sorrí-se sempre orgulhoso.

Homens do mundo, aprendei!
Imitai-o se podeis;
Ao mundo mesquinho e vil
A frente nunca curveis!

Deixai passar a desgraça,
Olhai-a com indiferença!
Respondei ao infortunio
C'o sorriso da descrença!

Coimbra, 10 de dezembro de 1858.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

Impressões da noite.

Versez sur moi, versez vos ombres,
Rendez les ténèbres plus sombres
Et le silence plus épais!

LAMARTINE.

É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite!.. Essa luz incerta, tão mysteriosa e seductora, essa luz, que inspira em tantas almas a suave melancholia d'uma saudade pungente e delectosa, não me desperta um só dos sentimentos adormecidos em meu peito!..

Saudades não as tenho!.. e de que as poderia eu ter, se o meu passado me foi tão indifferente como o é o presente... como o será talvez o futuro?.. Que me póde dizer o brando susurrar das florestas, se me não desperta uma só lembrança... uma recordação risonha da aurora de minha vida?.. Que diz o suspirar das fontes, se eu não comprehendo as suas melodias?..

É muda para mim a natureza, porque não encontra no meu peito um ecco a responder aos seus hymnos de harmonia, porque não tem uma voz que me faça vibrar as fibras do coração, tão frouxas como as cordas de que-

brada lyra!.. É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite, porque a tua luz duvidosa derrama nas campinas a seducção e o encanto, porque emprestas á lympha os teus prateados brilhos, porque dás a todos os objectos mentirosas côres, que se esvaem apenas vaes reclinar a fronte detraz de visinhas cordilheiras!.. E então desaparece todo o encanto, e a natureza, como que envergonhada de ter-se adornado com os falsos ouropéis de uma seducção ephemera, apparece mesquinha e desornada, qual a face do traidor depois de rasgada a mascara dé hypocrisia!..

O teu brilho é-me importuno, porque eu diviso 'nelle da falsidade o emblema, que dá ao coração humano reflexos mentirosos, que se apagam logo que o prisma do fingimento deixa de nol-o mostrar decorado assim de emprestados adornos!..

A magnetica influencia, que a tua luz feitiçeira derrama em dois amantes felizes, não me seduz tambem; a mim, coração alquebrado nos transeos do soffrer, e a quem a descrença tem impresso o seu gellado sello!.. Não me seduz a mim, porque não tenho uma donzella, cujas faces pareçam mais formosas ao reflectirem teu argenteo raio, cuja respiração anhelante pareça embalsamar a brisa das campinas, e cujo olhar encantado como que deslumbre o brilho que desprendes sobre a terra!.. O teu raio não me torna mais graciosa a existencia, e as trevas, que enlutam a minha alma, não se dissipam ao despontar de teu pallido clarão na immensa planicie de Saphyra!..

Para esses, que, em horas de infindo gozo, sentem palpitar o coração de uma donzella sob as impressões do amor nascente, e que, comprimindo esse coração contra o seu peito, lhe sentem as pulsações violentas e anhelantes, casadas ao anheio e á violencia das suas proprias pulsações; para esses, a quem o sentimento indefinido do amor, tem feito aspirar os perfumes de uma inebriante ventura, é doce a tua luz; porque, seductora sempre e mentirosa, mergulhando-lhe a existencia 'nesse lethargo de brandas illusões — chamado felicidade, lhe embriaga ainda mais os sonhos da imaginação com as encantadas chimeras d'um devaneio d'amor.

Oh! como será doce o viver então assim! Credo na affeição de mulher e na sua propria affeição, namorando a brisa das campinas e o perfume das florestas, extasiando-se 'numa sensação deliciosa e indefinida, ao ouvir

a mulher pronunciar mentidas fallas de amor, e amando a tua pallidez, ó lua, que lhe embellèzas os encantos de tão deleitoso sentir!.. Como então deve ser bella a saudade, que, em horas de melancholia, vem na mente reproduzir celestes gozos d'uma passada ventura!.. Quanto esse *delicioso pungir de acerbo espinho* deve então mergulhar 'num sentimento vago e indizível, que partilha ao mesmo tempo da seductora illusão que passou, e da cruel incerteza que tem de preceder o despertar gellado e frio nos braços da descrença! Como será bella então a lua!.. Ella, que foi testemunha de nossos fervidos transportes; ella, que parece haver sorrido á elevação extatica das nossas almas; ella agora tambem, pensativa e merencoria, parece compartilhar a nossa saudade!.. E o coração, que sózinho vagara nos ermos de recordações saudosas, encontra 'nella; que presenciou os seus primeiros devaneios, 'nella que illuminou as suas primeiras emoções, 'nella que escudou os solemnes juramentos que traduziam esse sentimento de impressão ardente que a mulher nos fez sentir, o coração encontra 'nella uma companhia como nós a temos na sombra, que ao seu clarão projectamos!..

E a vida corre ligeira!.. e a existencia se escôa descuidosa, como a florinha arrastada na placida corrente!.. São as margens juncadas de açucenas, voluptuosos perfumes lhe beijam a superficie, é de perolas e coraes seu brando leite, e as suas aguas são os diamantes da corôa do omnipotente, fundidos pelo raio d'um sol brilhante e puro!.. E a florinha vae correndo enlevada nos encantos da existencia!.. ama a frescura das agoas, namora as estrellas do firmamento, extasia-se com o verdor das margens, e deixa-se arrebatada com o murmurio suave de tantas harmonias, sem que lhe lembre que a voragem d'um pelago profundo e tempestuoso, segue o doce balouçar de corrente mansa e crystalina!..

Tal a vida tambem se escôa deleitosa entre as illusões do amor! Embriaga-se de mil sensações de voluptuoso gozar, sem que lhe lembre que apóz corrente placida de mentirosa ventura, vem revolto oceano de acerbo soffrimento. Enamora-se dos encantos que adornam a fronte da donzella, sem prevêr que hão de murchar uma por uma todas as flores d'essa corôa vecejante! Extasia-se ao aspirar os perfumes que exala o seu seio palpitante, sem presentir que esse odor inebriante asphyxia e mata como o aroma das plantas venenosas!

Esgota a longos tragos a taça dos prazeres, sem que o amargor do fel, que hade encontrar na ultima gota, lhe venha perturbar o gosto delectoso da sua libação inebriante. Quão bello é viver assim!.. A mulher, que ao depois veremos na sua mesquinha nudez, apparece-nos então adornada como todo o encanto que a imaginação lhe possa dar!.. e nossa alma se acurva idólatra perante a imagem celestial, que em sonhos de acordado nos apparece a sorrir!..

Oh! vae!.. esconde os teus pallidos raios detraz da nuvem que se emballa brandamente nas azas da viração, ó bello astro da noite!.. Não dês a tua luz mysteriosa e seductora senão aos que comprehendem, aos que sentem as magias do amor, d'esse amor puro e verdadeiro, archivado pelos anjos no céo, abençoado por Deus e acceto á natureza e ao coração humano. Então será doce o teu fulgor, ó facho luminoso das noites, os teus raios se reflectirão puros e sem mancha na face afogueada da donzella, que estremece á doce impressão d'este affecto, e a fronte pallida e carinhosa do mancebo receberá tambem esse teu brilho, sem que o teu raio luminoso o venha importunar!..

Mas hoje és-me importuno, ó bello astro da noite! hoje o teu brilho não pôde achar reflexo nas trevas que me annuviám o coração!..

Vae!.. esconde a fronte detraz da collina adornada da mais luxuriante verdura! — vae repousar alli em somno de magia, que eu quero as trevas da noite para se casarem com a procella que me vae no fundo d'alma!..

E se, no porvir, tiver acaso uma doce emoção de amor, talvez então busque o teu brilho, que hoje, ó gentil alampada celeste, não pôde deixar de me ser importuno.

185...

A. M. da Cunha Bellem.

O amor do solo natal.

Deu leis á natureza, e as leis subsistem.

J. A. DE MACEDO, *Meditação.*

Para a belleza e harmonia do universo concorrem todos os entes, que, dentro de determinada esphera, hão de cumprir a vontade do omnipotente, que os creára. Jámais algum pôde encontrar seu destino ou subtrafr-se ás leis conservadoras, que a suprema-intelligencia legistrou.

Pela obediencia passiva ou pelo instincto

guiados, tendem ao fim prescripto o ser insensivel e o animal irracional, cujo movimento e progresso encerram limites, além dos quaes o menor desvio é vedado. Assim os planetas, buscando o astro, seu centro, reflectem á luz emprestada e gyram nas orbitas prescriptas; as nuvens, levadas nas azas do vento, percorrem o espaço e regam a terra; os vegetaes e animaes irracionaes, povoando-a, habitam cada um sua zona e vivem sob differentes climas: é que o dedo do Eterno lhes marcára fim e logar na criação, leis que cegamente cumprem.

Na face da terra sómente o homem possui a razão, dom de apreciar a bondade de suas acções; todavia esta facultade, que, em qualquer acto de interesse individual, lhe concede liberdade, não pôde calar os sentimentos innatos, que Deus depositára no coração humano.

O sentimento ou amor do solo natal é uma lei geral, imposta ao mundo; lei que subsiste vigente na intimidade dos seres, independentemente de qualquer vontade creada. Este amor domina a natureza viva, que se curva reverente sob o seu poder; a propria razão só tende a fortifical-o e dirigil-o.

II.

Na orla d'esse horizonte crepuscular do passado avullia-se-me a capelinha da habitação da infancia ao dia sancto.

A. HERCULANO, *Monge de Cister.*

As plantas e animaes irracionaes, vivendo em regiões determinadas, obedecem por necessidade. O homem, rei da criação, a quem Deus confiára poderes superiores, cuja natureza se accomoda aos differentes climas, goza o arbitrio de escolher, segundo seu capricho ou commodo, um ponto na terra, onde verá correr os dias da sua existencia.

Quando, abandonando o patrio lar, buscou longes terras, lá o accommette um amor invencivel, a saudade do logar da sua infancia.

Varias circumstancias fortificam esta affeição: alli recebeu a vida; alli seus paes, adorando-o, lhe ladearam o berço, e abriram os thesouros de seu carinho e cuidados; qual a flor, que a planta extremosa, recorrendo ás forças da vegetação, provê de succos, protege e adereça de folhagem luxuriante.

No seio da familia experimentára os primeiros pensamentos, e pela presença dos objectos creára as primeiras imagens, que lhe

adornaram a intelligencia e moveram a curiosidade. Foi alli que ouvira pela vez primeira a voz da moral, da religião e da virtude, cujos preceitos profundamente pousaram no seu coração, deixando principios indeleveis e conservadores, a despeito dos perigos da educação pública e vicissitudes, que, no correr da vida, perturbam as paixões.

O logar das impressões da sua infancia guardam eternas memorias. Lembra-se do esmalte e viço do verde prado, onde, apenas rompessem os raios da rociante manhã, folgação buscava a companhia d'outros jovens, e, longe dos ruidosos cuidados, em correrias e simples brinco consumia o tempo. — Vê os pictorescos quadros, que admirava sob o apparecimento da aurora, cuja luz purpureava o horizonte, ou quando os primeiros raios do sol caíam no cume da collina, e vinham descendo pelo declive até ao valle. — Figura-se-lhe ouvir o suave susurro da cascata, que se precipitava de alcantiladas rochas sobre o prado, d'onde tortuosos regatos se derivavam fugitivos por entre seixinhos, fazendo surgir a violeta, cujo perfume seduzia e encantava.

— Ouve o trinar e doces arpejos do rouxinol, que sobre o verde myrto, ao assumir pelo horizonte o mimoso crepusculo da tarde, exprimia canções de extremo amor, que escutava elegante serrana, a quem os pastores do logar prestavam toscas finezas e naturaes requebros. — O balador rebanho, e o ladrido dos cães e o mugido dos bois, não deixam de soar constantemente ao seu ouvido.

Longe... mui longe ouve, vê, como se presente estivesse: tão profundas e preciosas foram as impressões, que lhe infundiram no coração os logares, adjacentes ao berço da sua infancia!... Por certo não envelhecem através dos annos os pensamentos, caros á memoria! Caros, na verdade, pois causam consolação em todo o tempo, e nunca perturbam a consciencia.

Poderemos acaso, sem commoção, lembrarnos d'esse lar patrio, onde á noite, juncto do fogão, escutavamos religiosamente os contos e historias do tempo passado?... Poderemos já-mais esquecer o templo da aldeia, e idosas torres, em cujas grimpas, durante a noite, piavam agoureiras aves; os sinos, cujo repique saudava a manhã; os altares, onde aos domingos e dias sanctos nossa mãe nos conduzia para invocarmos o nome de Deos, testemunhas do dia solemne, em que, trajando candidas vestes, sem temor e escrúpulo recebemos, pela vez primei-

ra, da mão do sacerdote o corpo do Homem-Deos?..

Não; já-mais esqueceremos o tempo da infancia, a casa paterna e os logares, onde passáramos a verde idade. Então seríamos tão felizes, teríamos tanta tranquillidade e confiança no futuro! Hoje cuidadosos guardaremos na memoria as circumstancias d'essa idade encantadora, os sorrisos de todo o mundo, e as illusões, sob que, ao principio da noite, adormeciamos!

Continúa.

F. P. Santa-Clara.

A mulher.

(IMITAÇÃO DO HESPERIDOL.)

SONETO.

É a mulher um mar, sempre agitado,
Bandeira, que se muda a qualquer vento,
De p'rigos quasi sempre um instrumento,
No rosto, sol; no coração, nublado.

É de inimigo fé; mas sem tractado:
Breve descanso e immortal tormento:
Ligeira, mais que o mesmo pensamento;
E de soffrer um fardo bem pezado.

É, mais que um aspide, arrogante e feroz;
P'ra seu gosto, de cera derretida;
P'r'o alheio, peor que uma panthera.

É um doce veneno, e tão fingida
Como astuta raposa, e.... mais dissera;
Mas, sem ella, ai dos homens 'nesta vida!

M. J. Pires.

'Num Album.

Ouve, Emilia: se a ventura
Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal;
D'esta vida o passo leve
Corre breve,
Corre breve e corre igual.

Eis porque, quando em meus sonhos,
Tão risonhos,
Pinto ás vezes gozos mil,
Me não punge, da verdade
Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil:

Rasgue embora e embora a vida
 Võe despida
 De prazer, de crença e amôr;
 Tão curto é da vida o termo,
 Que 'neste ermo
 Não distingo o espinho e a flôr.
 Não distingo, ah! mas se ainda
 Visão linda
 Ha que importe descrever;
 Se uma cousa ha que eu deseje,
 Que eu inyeje,
 Ouve, Emilia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem
 Linda imagem
 Ver em ti da que eu amei,
 Ter contigo a mesma sorte,
 Vida e morte
 Ter, Emilia!... o que eu não sei!

Sumptuosidade Romana.

Para se fazer idéa da magnificencia, com que eram feitas as habitações do povo rei, dominador do mundo, que chegou a ser a mais poderosa nação do universo, conservando tributarias e debaixo do seu dominio muitas outras nações, que não poderam sacudir o pesado jugo, debaixo do qual se viam opprimidas; apresentamos a seguinte noticia, que extrahimos d'uma excellente obra, como são todas as que sahem da penna do religioso e eloquente J. Gaume, ornamento do clero Francez, e auctor de muitas obras de reconhecido merito, como do Cathecismo de Perseverança, da Profanação do Domingo, e ultimamente das Tres Romas — d'onde extrahimos em substancia o que vae ler-se, relativo á sumptuosidade das habitações romanas.

Entre a rua e a fachada do edificio estava um logar chamado *Area* ou *Vestibulum*, onde esperavam aquelles, que vinham pela manhã saudar o dono da casa. No meio do *vestibulum* elevava-se ordinariamente uma estatua representando o proprietario. Uma porta dava para o *Prothyrum*, passagem que conduzia da porta exterior á porta interior; á direita e esquerda estavam situadas as *Cellae*, ou quartos do porteiro (*ostiarius*) e do cão. A extremidade do *Prothyrum* communicava por uma porta interior com o *Atrium*, vasto pateo quadrado, todo cercado de columnatas de marmore. Chamavam-se *Cavaedia* os porticos encostados á habitação; a parte

vasia do pateo, *Implivium*; a bacia de marmore, que occupava o centro, *Complivium*, porque nas casas que não tinham aguas nativas, ella recebia as aguas da chuva, vertidas pelos *Cavaedia*.

Os porticos eram enriquecidos com estatuas de marmore e bronze, e ornadas de muitas e primorosas pinturas a fresco; e o *Implivium* coberto d'um toldo de purpura para abrigal-o dos raios do sol.

Ao *Atrium* seguiam-se tres salas; a do meio, chamada *Tablinum*, continha os archivos da familia: as outras duas, situadas á direita e esquerda, encerravam os retratos dos antepassados. Cada retrato estava collocado 'num nicho separado, a que davam o nome de *Armarium*. Era um signal de respeito e veneração, que estes orgulhosos senhores do mundo prestavam ao poder paternal.

Em torno do *Atrium* estavam situados os *Triclinia* ou salas de festim. Havia *Triclinia* de verão, d'inverno, de primavera e outomno. Nos *Triclinia* d'inverno os leitos eram incrustados d'ouro e marfim; nos de primavera e outomno ornados de chapas de prata, ou conchas de tartaruga; nos de verão eram de madeira de bordo e de *cetiro*, com embutidos de prata, como referem Plauto, Varrão e Plinio. Os colchões eram de pennas de cysne; as almofadas de seda e purpura, e as cobertas de *Babylonia*, algumas das quaes chegavam a custar cem mil sestercios, quasi trez contos de réis; eram bordadas de diversas côres, e representavam caçadas, paizagens, etc. Além d'isso os *Triclinios* eram ornados de columnas de marmore ou alabastro, e decorados d'estatuas de grande preço, que serviam de candelabros para as comidas de noite.

As mezas dos festins não eram menos custosas, nem desdiziam da grandeza, que reinava naquellas habitações douradas, onde tudo respirava luxo, voluptuosidade e riqueza. Eram de prata, marfim, bronze, ou das madeiras mais raras, decoradas com os mais custosos labores d'esculptura. As mais apuradas eram de *cetiro*, arvore que cresce na Mauritania. A primeira d'estas mezas, que appareceu em Roma, comprou-a Cicero por um milhão de sestercios, perto de trinta contos de réis. Imagine-se a magnificencia de tão custoso traste, e a riqueza do orador romano.

Os *Triclinia* communicavam com dois corpos de casas, situadas nos lados exteriores do *Atrium*: eram á esquerda a cosinha, com os *Careces* e os *Equilia*, cocheiras e cavallari-

cas; á direita a *Pistrina*, logar onde se cozia o pão.

O que temos dicto constituia a parte pública da casa, accessivel aos clientes; vinha depois a parte privada onde se penetrava por dois corredores chamados *Fauces*, dispostos de cada lado do *Tablinum*, e que conduziam ao *Perystilum*. Este portico, mais comprido que largo, e sustentado por columnas, recordava a forma do *Atrium*; mas aqui se desenvolvia mais magnificencia e apuro. Erguia-se uma estatua diante de cada columna, e caixões de marmore, onde se cultivavam flores, enchiam os intercolumnios,

Nas extremidades do *Perystilum*, estavam situados os quartos das mulheres.—*Oeci*. O mais exquisito luxo reinava 'nestes camarins da molleza, se é facil de imaginar se seriam proprios para despertar a voluptuosidade os objectos que se encerravam 'nelles. As mulheres romanas, inclinadas aos prazeres e á molleza, achavam nas riquezas de seus maridos com que satisfazer seus licenciosos prazeres, e atolar-se no lodaçal d'um requintado sybaritismo.

Depois, seguia-se a bibliotheca com a *Exedra*, grande galeria para a recepção dos sabios; a *Basilica*, salão do palacio; os *Banhos*; o *Spoeristerium*, ou jogo de pella; os *Alearia* pequenas salas, destinadas aos jogos pacíficos; os *Cubicula*, quartos de dormir e de trabalho, com ricos leitos de madeiras raras, onde as maravilhas da esculptura se reuniam á riqueza dos estofos de seda e purpura. Seguia-se o *Sacerarium*, especie d'oratorio; e por fim o *Solarium*, soberbo terrado, que cobria todo o edificio, e servia de passeio.

Taes eram em Roma as casas dos ricos. Imagine-se por aqui a grandeza d'aquelle povo, a sua riqueza, e, como diz o erudito Gaume, a *fabulosa belleza d'estas mansões encantadas*.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do numero 13.

II.

Da fundação da ermida de Nossa Senhora dos Martyres, e das doações, que el-rei fez ás egrejas militares.

Quieto o bulicio da guerra, tractou el-rei de dar sepultura aos portuguezes, que, com tanta honra, morreram 'nesta conquista, e em

uma eminencia, que ficava entre a villa e o quartel da corte, mandou edificar uma ermida, e 'nella collocou uma imagem da Virgem Santissima, lavrada em pedra com grande perfeição; dizem que era da sua real capella, e presentemente se venera no altar mór do extinto convento de S. Domingos, aonde os religiosos a puzeram, recolhendo-a do logar aonde estava sobre a porta da cidade, que ficava juncto ao dicto convento, e era a porta chamada *dos Martyres*.

'Nesta ermida mandou el-rei sepultar os corpos dos valentes portuguezes, que 'nesta conquista tão gloriosamente perderam as vidas: já antes d'esta ermida havia outra em Lisboa, que pela mesma razão tem igual nome.

Annexou el-rei a esta ermida algumas terras para sustento de quem a servisse, e nomeou para seu reitor a Estevam Gonçalves, que devia ser sujeito benemerito.

Sepultados os mortos, e feitas as exequias, cuidou D. Sancho 2.º em remunerar os serviços dos que, em tão feliz empresa, tão denodadamente trabalharam.

Assignou ao bispo D. Sueiro, e ao cabido d'Evora, a villa d'Elvas e seu territorio, com a terça parte dos dizimos, e uma herdade, que foi, tempos depois, doada pelo cardeal rei ao collegio dos padres da companhia de Jesus, com declaração de que, extinguindo-se o dicto collegio, tornaria ao cabido d'Evora, e entretanto o reconhecessem com este direito, pagando-lhe mil réis por anno.

Á igreja matriz, e a cada uma das parochias, deu parte dos dizimos e algumas terras, que, por incultas, se aforaram.

Aos Templarios fez mercê do sitio, em que se aquartelaram, juncto á ribeira de Chinchês (hoje Céto) e a rua, pela qual entraram na villa, até onde levantaram altar, e depois igreja, e juncto a ella fizeram casas, em que viviam, e o restante da rua deram a colonos: doou-lhes mais as herdades do Torrão, Monte do Outeiro, Aguiar, Commenda, e Alfarofe, que eram grandes e rendosas, e outras terras, que aforaram.

Aos cavalleiros do hospital deu o sitio por onde entraram, e o, em que fundaram a ermida de S. João Baptista, e algumas casas particulares, que reconheciam com fóro áquella religião: tambem lhes deu el-rei a quinta d'Uveda, que depois aforaram aos ascendentes d'Afonso da Gama Palha, que vivia em Elvas no anno de 1709: esta quinta se tornou de-

pois muito conhecida em toda a Hespanha pelos desposorios, que na sua capella celebrou o serenissimo duque de Bragança, D. Theodosio, com a senhora D. Anna de Velasco y Giron. Deu mais el-rei aos mesmos cavalleiros uma herdade no sitio de Sancto Ildefonso, que possuiu depois Lopo de Sequeira, capitão de cavallos, no principio da aclamação d'el-rei D. João IV, natural d'esta cidade, soldado que procedeu e morreu com distincto valor: deu-lhes mais outras propriedades, que os ditos cavalleiros aforaram. M. J. Pires.

Continua.

A fidelidade, heroico tymbre de Portuguezes.

O espirito de fidelidade foi sempre, entre nós, a baze de grandes virtudes. Quando milhares de Heróes da nossa terra se espalhavam pelo Mundo, e principalmente pelo Oriente, alli poderá qualquer d'elles bem facilmente trocar pela obediencia um dominio absoluto: mandavam-nos vencer; podiam vencer, mas para si; um só d'elles porém não houve, que quizesse ser Rei, a troco de deixar de ser bom Portuguez: todos conheciam que a fidelidade é um dever e origem de nobres virtudes.

O homem mais esforçado, que vio a Asia; o domador de Ormus, Goa e Malaca; aquelle Heróe, que fez soar com espanto o seu nome desde o Golfo Persico até ao Estreito de Sunda, desde Sues até Java; este homem, que, apesar de quanto pensem os desdenhosos Politicos dos nossos dias, juntava um coração de Heroe a um genio de Povoador e de Politico; em fim Affonso de Albuquerque, quando sobre as ruinas de Góa barbara acabava de fundar uma cidade Portugueza para capital do nosso Imperio da Asia, recebe a triste nova, de que a inveja se tinha atrevido a arguir a sua fidelidade ante o seu bom Rei. A infamia, que involvia uma tal suspeita; o horror, com que um Portuguez olhava ainda para a sombra do crime de deslealdade, é mais poderoso que as armas de toda a Asia. Albuquerque triumpho de trinta mil homens e tres mil peças de artilharia em Malaca; não o assombram todas as forças e todos os ardís da Persia em Ormuz; vence-os com quatrocentos homens; vê rendida ante si, abatida do seu ferro, a maior cidade da India; atropela todos os perigos; injuria a mesma morte como Heroe; se visse vinte seculos antes, lhe chamariam Semi-Deos, e o reputariam immortal. Este mesmo homem ouve que ao seu Rei era sus-

peita a sua lealdade; e quasi de repente uma violenta paixão lhe tira a vida: envolto nos ultimos suspiros, elle fez soar o doce nome do seu bom Rei. Que exemplo, capaz de assombrar todas as Nações! Nós porém não nos admiramos: assim pensava então o commum dos Portuguezes.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 13.

XII.

Primeiros arrufos domesticos.

Garrett, o poeta de grande e popular memoria, Garrett, o auctor do *Arco de Sant'Anna* e das *Viagens na minha terra*, faz menção d'esse sentimento que se experimenta, quando, depois de havermos longo tempo convivido com uma mulher, olhando-a com indifferença, um bello dia, sem mais nem menos, a achamos amavel, linda, encantadora, chegando a pasmar até de nossa completa cegueira, que até alli nos não tinha feito ver todas as sedueções d'aquelle rosto, que tantas vezes encarámos a sangue frio, toda a magia d'aquelle espirito, que jámais admirámos, d'aquelle olhar e d'aquelle sorriso, cuja influencia magnetica jámais tinhamos experimentado!

Garrett era um perfeito conhecedor de toda a physiologia e pathologia do coração humano!!.

Este facto, mil vezes succedido talvez mesmo como algum dos meus leitores, acabava de se dar com o nosso heroe!..

Ricardo por mil vezes tinha visto D. Constança no passeio ou no theatro, á janella ou no salão; Ricardo já tinha mesmo conversado com ella; mas ou então os seus olhos estavam cegos, ou viam agora as coisas por um prisma enganador, que lhes dava muito differente aspecto... Qualquer das duas hypotheses explica a mudança, que se tinha operado no coração do nosso amigo a respeito de D. Constança.— Qual d'ellas será porém mais verdadeira?.. Deixo a discussão d'este ponto aos espiritos sublimes que se occupam de ninharias, e, preferindo ás parcialidades absolutas um eclectismo racional, vou guiar o muito benevolo leitor á casa de Ricardo Pereira de Aboim, na *rua dos Grillos*, ás onze horas da

manhã seguinte á noite do baile, onde o nosso estudante ouvira em segredo a continuação da talvez mentirosa historia do seu amigo Rosa, a qual, por ser de murmuração das vidas alheias, o bom de Ricardo, que tinha uma lingua d'anjo, nunca até hoje nos revelou! Como é bello o despertar de um somno ainda agitado pelas emoções da *soirée*, quando nos parece escutar ainda as harmonias, ou mesmo as desharmonias da orchestra, quando ainda aos nossos ouvidos soam as ultimas expressões, que uns labios femininos fizeram vibrar suavemente até irem encontrar echo em nosso coração!!..

Ricardo effectivamente acabava de se espriguiçar com todas as pandiculações de um homem, que dormia menos que o costume: o seu espirito porém não acompanhava as demonstrações de indolência, expressas pelo corpo, nos profundos bocejos, que acompanharam o primeiro abrir ou antes piscar d'olhos... o seu espirito voava pelas regiões do ideal, ora compondo as sensações de harmonia da orchestra, que, apezar de detestavel, agora, perdendo as desafinações que tivera no mundo positivo, parecia á imaginação de Ricardo de uma melodia seductora, ora phantasiando um salão rico de bellezas e adornos!!.. Era como uma pintura grosseira, que, vista a distancia, fazia um effecto admiravel!!..

E D. Constança?..

Oh! essa apresentava-se á mente do nosso amigo, bella como a Venus de Medicis, espi-rituosa como Staël, e até talvez pudibunda como Eva no momento de nascer!! Ricardo estava namorado!.. mas namorado de um dia, periodo de incubação do amor, em que uma febre... um delirio inflammatorio se estabelece no coração, e que depois abranda ao passo que o virus amoroso se vae inoculando em todo o organismo, a ponto que não haja um pensamento, uma palavra, um gesto, que não venham impregnados de amor!.. Mas ah!.. o nosso amigo ia cair do zenith das suas idealidades no positivismo material da actualidade!!.. Carlota, a cuja entrada no quarto fôra devido o despertar um pouco anticipado do seu amante, Carlota, que não podéra na vespóra vencer o somno impertinente, para esperar pelo seu Ricardo, estava agora impaciente por saber novidades do baile!.. Levantou-se de manhã cedo, esperou, que Ricardo acordasse, até ás oito... até ás nove... até ás dez... e nada!.. Logo que ouviu dar as onze horas perdeu todá a paciência, e entrou com um

estardalhaço incrível pelò quarto dentro, indo abrir a janella que ficava fronteira á barra em que Ricardo resonava o melhor somno possível. Tanto barulho produziu o desejado effecto, e a mente de Ricardo, assaltada de tantas idéas risonhas, caiu de chofre na realidade severa ao deparar com Carlota!.. Esta mulher, que via sempre um riso nos labios do seu amante, pela primeira vez lhe encontrou ao despertar um desdem glacial!.. Terrível indicio para uma mulher ciosa no dia seguinte a um baile!..

— Então s. ex.^a divertiu-se muito?.. disse ella, querendo affectar uma expressão doce, mas que saía amarga como fel, coada por aquelles labios, em que se derramava o veneno do ciúme.

— Alguma coisa, replicou Ricardo, acompanhando a sua resposta de um profundo abrimto de bocca.

— É de crer!.. recolheu-se tão tarde... Então conte-me cá!.. o que é que por lá fez?.. quantos namoros arranjou?.. Ricardo estremeceu involuntariamente!..

Estas mulheres imaginam, ou fingem imaginar, que num baile se arranjam namoros a fluxo, que se conquistam então corações aos centos, e finalmente estabelecem o quadro symptomatico dos seus *bem calculados* ciúmes na proporção imaginada dos adquiridos namoros. São uns entes incriveis estes!!..

— Então você não responde?.. Parece-me que sim!..

Ricardo não sabia que responder!.. Carlota insistia. Emfim, para a apasiguar, phantasiou-lhe uma descripção do baile, em que, já se vê, elle fazia apenas papel de expectador, mettido a um canto, ou passeando no salão de espera com as mãos nas costas. As senhoras tiveram todas o epitheto de feias e desairosas, e assim com tão piedosas mentiras acalmava Ricardo a tempestade de máu humor, que lhe estava eminente. Carlota sorria!..

— E como ha de ser isto da batina, se precisares sair? — disse ella depois d'uma pausa.

Um homem, que repentinamente fosse mordido por uma vibora, não dava maior pulo que Ricardo deu á inesperada pergunta da sua amante: sentou-se na cama com os cabellos hirtos, os olhos desvairados, e, depois de um momento de reflexão, exclamou:

— É verdade!.. Ha de ir logo o teu vestido de riscas para o prego, para vir a minha batina.

— O que?.. que pressa tens tu da batina?..

— Preciso-a hoje absolutamente, bradou elle angustiado!..

A coisa era clara... Que Ricardo devia de passar por debaixo da janella de D. Constança, 'naquelle tarde, isso era dos livros... que elle tinha boa tenção de o fazer, tambem não padece duvida: agora o que é certo é que o nosso amigo, embriagado pelas doces sensações do amor nascente, nem sequer se lembrava que não tinha batina para saír, e é bem de vêr que não podia ir só de capa.

Ricardo tinha perdido a cabeça, e, em vez de inventar nova tramoia com que armasse á credulidade de Carlota, assaltado por aquelle repentino choque, esqueceu a prudencia, denunciou na sua afflicção mais do que devia, e a sua amante, por uma reacção muito natural, corroborada com a circumstancia de ella andar já com a pedra no sapato, declarou-lhe cathegoricamente, que a batina não se desempenhava antes do dia 27, e prohibiu-lhe expressamente de saír 'naquelle dia, com batina ou sem ella.

Se Ricardo não estivesse allucinado, talvez lograsse apasigual-a, levando-a por bem; mas, no estado do exaltação de espirito, em que se achava, rompeu todos os diques á prudencia, e declarou arrogante que havia de saír!..

A tempestade feminina desabou com toda a sua força, e os ditos mais insolentes se trocaram; Ricardo estava no extremo da paciencia, cegou-se, e pôz tudo em pratos limpos... Então o furor d'aquelle mulher não conheceu limites!! Das imprecações mais violentas passou ás vias de facto, e depois de se lançar ás barbas do nosso pobre amigo, só se deu por quieta do insulto, que o seu affecto acabava de soffrer, depois de lhe ter esmorrado o nariz com um bom sócco!..

Então, acompanhando de um *kiries* de pragueo as apostrophes menos lisongeiras, safu para a rua, para ahi, alto e bom som, continuar a torrente oratoria do seu resentimento.

Foi este o primeiro resultado do baile!..

Continúa. A. M. da Cunha-Bellem.

LOGOGRIPHO.

A primeira é uma coisa
Precisa a todo o mortal,
E, juncta com a terceira,
Faz uma còr festival.

A segunda não se encontra
No que não presta real;
Mas no homem caridoso,
Compassivo, liberal.

A terceira co'a primeira
É obrigação moral.
O todo expressa uma idéa
D'emanção divinal. M. J. Pires.

CHARADA.

Na primeira se encontra a segunda, — 2
A segunda nos leva á primeira: — 2

Póde o todo cozer a segunda,
Se a segunda apar'cer na primeira.

A. Barata.

DECLARAÇÃO.

Causou-nos extremo prazer o artigo do nosso particular amigo e condiscipulo, o sr. M. Moreira da Fonseca, ainda que tendente a demonstrar principios contrarios ao nosso, a que responde. Reconhecemos a força dos seus argumentos, a lucidez das suas idéas e a convicção dos seus principios; entretanto, ou porque encarassemos o seu artigo por um lado secundario, ou porque não estamos ainda ao nivel de suas bem elaboradas theorias, nada aberramos da nossa, que por emquanto julgamos em pé; por isso, e porque suppomos, que s. s.^a de bom grado acceita defeza, prometemos-lhe resposta satisfactoria, sem nos posuirmos da vaidade de colher um athleta para a nossa opinião.

J. Machado Cabral e Castro.

EXPEDIENTE.

Rogamos aos Senhores assignantes, que estão além d'esta cidade, queiram mandar satisfazer o importe das suas assignaturas ao sr. Administrador d'este jornal, o que poderão fazer commodamente remetendo o importe em estampilhas de 25 réis.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 15

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

1859 - JANEIRO - I

DECLARAÇÃO.

Pretendi demonstrar as relações da Igreja Catholica, Apostolica, Romana; Igreja, por excellencia, a que pertenco de corpo e alma, porque estou convencido das verdades do Evangelho, e nunca tive em vista descrever da fé e orthodoxia de meus antepassados; e, analysando o fundamento da Igreja predicta, só tive o intuito de mostrar as relações de superioridade d'ella sobre o Estado, segundo é convicção minha.

Todavia, por haver grande opposição ás minhas idéas, orthodoxas, mas já havidas por heterodoxas, não continuo por emquanto; e, não mudando de pensar, darei publicidade por outra via aos meus principios sobre o objecto em questão.

J. M. Cabral e Castro.

Noticia do commercio na antiguidade.

É ocioso, mais que ocioso, descer aos mysterios da philosophia, para ferir as causas do desenvolvimento da industria commercial, transportadora, etc., etc. Dizemos ocioso, porque ninguem ha, que ignore ser a necessidade a causa immediata da troca, e a natureza humana em todas as suas inevitaveis oscillações a causa fundamental, o principio geral, que determina a philosophia do commercio.

Antigamente o commercio fazia-se pelas vias mais naturaes, por terra. O oceano só gemeu debaixo dos pesados navios mer-

cantes, quando a civilização europea e a descoberta da America offereceram ao mundo um emporio de riquezas. Entre os mares, que o commercio mais ennobrecu na sua primitiva devolução, foi o Mediterraneo, em cujas costas se levantaram os prototypos das praças do commercio, que hoje diffundem, como órgãos centraes de produção utilitaria, abundante e bem depurado sangue por todas as arterias do grande corpo social.

As materias commerciaes e o aspecto lucrativo do commercio fez os negociantes. Em quanto a Europa jazia inculta e inerte, a Asia e a Africa, agigantando-se, abriam um vasto campo ás especulações. Vivia o commercio principalmente nas margens do Indo. Os antigos Persas, como os Arabes e Mongas modernos, ornavam de prata, producto então do commercio, seus palacios, thronos, e até utensilios dos usos mais communs. Recolham com a maior sollicitude o ouro, que na Asia menor o Meandro e Peutilio lançavam ás praias. Começaram a facilitar-se as permutações, e o commercio graduou vigorosamente o seu desenvolvimento. O principio da circulação, operada em todos os sentidos, tomou seu character natural, até alli comprimido por idéas desfavoraveis, productos espontaneos da verde infancia da humanidade. Brilhou a aurora do commercio, e com ella a luz da civilização penetrou em todos os povos, especialmente nos que eram secundados por sua excellente posição geographica.

Foram, porém, grosseiros e informes os primeiros rebentões d'esta industria, porque não cresciam, ainda sob uma atmosphera, cujo principio fecundante fosse a razão. É assim que os Phenicios começaram suas expedições nauticas pela pirataria. Com a exaltação de Rhodes por Homero, com a opulencia de Corintho, e esplendor d'Orchomenes, enriquecida pelo commercio, coincide exactamente a abordagem dos Phenicios ás costas da Grecia, onde vendiam joias e bagatellas, e roubavam rapazes e raparigas, que vendiam nos mercados da Asia!

Pôde, porém, mais que os costumes selvaticos, fortalecidos pela negligencia do homem, a lei incessante do progresso, e a necessidade do desenvolvimento da industria. As aspirações d'Ulysses, aos infundados conselhos de Menelao a seus filhos, e mesmo á sciencia de Solon, Aristoteles e Platão, oppoz-se o heroismo grego, que se pronunciou abertamente contra a piratagem. Então os Phenicios recuaram deante do roubo, e abraçaram uma profissão commercial licita e trabalhosa. A Arabia e India, a Assyria e Babilonia, a Armenia e o Caucaso houveram-se muitas vezes com o lidar affanoso da industria phenicia. Muitos povos os olhavam com inveja, principalmente quando viam a magnificencia de seus navios, que parece quasi fabulosa; mas não é, sirva de testemunha Ezequiel. Usavam, diz a traducção vulgar, de ancoras de prata, os seus navios eram construidos dos pinheiros do Lenir, as antenas dos cedros do Libano, os remos dos carvalhos de Basar, os bancos do marfim da India, as camaras e armazens das madeiras das ilhas da Italia, as velas do fino linho, bordado, do Egypto, o jacintho e purpura das Ilhas de Elisa decoravam os seus pavilhões. Nelles navegavam os habitantes de Sidon, e Arado; os sabios dos Phenicios eram os seus pilotos, e os velhos de Gebal concertavam-os, quando já cançados no serviço mercante da republica.

Continúa

J. M. Cabral e Castro.

© Diorela.

Continuado do numero 13.

Um amor terno e honesto, dirigido pela razão, devia ser sempre a causa dos casamentos; infelizmente porém o casamento é algumas vezes o effeito immediato d'uma paixão desordenada, que, filha dos sentidos, termina com a saciedade; outras vezes, e não poucas, é motivado pelo interesse.

Nos casamentos, contrahidos sob o dominio d'uma paixão que não attende aos dictames da razão, os esposos suppõem entre si uma identidade de genio e modo de pensar, capaz de manter a duração do laço conjugal; esta identidade porém nem sempre existe, e, quando o amor resfria com a saciedade, a razão, dominando então, lhes mostra o erro, desgraçadamente já tarde, porque a indissolubilidade do casamento os prende por toda a vida, fazendo inimigos aquelles que podiam separar-se amigos, e tornando-se assim a causa de males e immoralidades, que só terminam com a morte d'um dos esposos.

Este erro sobre o genio e modo de pensar dos contrahentes ataca o casamento na sua essencia, porque vicia o consentimento, tendo sido uma das causas que o determinaram. N'este caso de incompatibilidade, que obsta a continuação da vida conjugal, os esposos são naturalmente os juizes competentes; por isso não podemos deixar de admittir com Ahrens o divorcio por consentimento mutuo.

Ao legislador porém só compete prevenir os abusos, não permittindo o divorcio senão depois de passado o tempo sufficiente para os esposos pensarem maduramente 'num acto, que, pela sua importancia, não deve ser o resultado d'um capricho momentaneo.

A admissão do divorcio por consentimento mutuo tem tambem uma grande importancia, se a considerarmos como meio (a) d'encobrir ao publico uma causa escandalosa — o adultério.

Muitos esposos, a quem repugnaria a publicidade do adultério, lançariam mão d'este meio para romper uma união, que aliás soffreriam em prejuizo seu e da sociedade, que taes exem-

(a) Na discussão do Codigo Civil Francez foi esta uma das razões que mais concorreram para a admissão do divorcio por consentimento mutuo.

Como se sabe, toda a legislação do Cod. Civ. Franc. a este respeito foi revogada a 8 de Maio de 1816 por motivos que seria longo mencionar aqui.

plos contamina; e ninguém ignora que a violação da fidelidade promettida tem sido sempre considerada como a mais grave offensa á união matrimonial, e reprimida na antiguidade com graves penas, que a influencia dos costumes tem modificado nos paizes civilizados.

Este mal, que mina escandalosamente a civilização moderna, é, pela maior parte das vezes, a consequencia necessaria, inevitavel, dos casamentos d'interesse, que dominam a actualidade, e que, na phrase apropriada d'um dos nossos litteratos, não passam d'um contracto commercial, uma especulação agiotica, ou, quando muito, um tractado diplomatico entre o nascimento e a riqueza, entre a vaidade e a cobiça.

Nestes casamentos a mulher, levada algumas vezes pela vaidade d'um nome, ou pelos prazeres que antevê num futuro de opulencia, se une ao homem que não ama, porque já espera encontrar nos braços d'um amante a compensação das horas enfadonhas, passadas juncto do marido, de quem só desejou o nome ou a riqueza.

A vida em commum de taes esposos é uma prostituição, porque só os corpos vivem unidos; o coração da mulher pertence ao amante, e o adulterio é certo.

É necessario que a lei não obrigue o marido á continuação da vida em commum com uma mulher, que, em troca da posição e da fortuna, que lhe offereceu o desgraçado que a amava, falta assim á obrigação mais importante da esposa — a fidelidade. É necessario ainda que a pena do adulterio não recáia sobre o marido, condemnando-o a uma viuvez, que durará tanto quanto a vida da mulher adultera!

Quantas vezes porém a mulher, favorecida pelo nascimento e fortuna, desejando só unir-se ao homem que o seu coração escolher, julga ter encontrado o ideal dos seus sonhos queridos n'um d'esses homens não raros, que sabem encobrir por magnificas apparencias os seus defeitos, representando facilmente o papel da virtude, ou d'um profundo arrependimento do vicio passado; homens a quem o amor nunca sorriu, porque são incapazes d'um sentimento elevado, e que só fazem do casamento uma transacção commercial, que tem por fim obter uma posição elevada ou uma fortuna importante!

Não tardará muito que a esposa infeliz conheça o homem a quem se uniu; conseguido o casamento findará a comédia que tão habilmente se representou; deposta a mascara, o

marido apparecerá com todos os seus defeitos.

A esposa resigna-se algumas vezes, porque amou, e soffre muito de ver morrer assim todas as suas risonhas esperanças de felicidade conjugal; mas a vida em commum póde ainda ser supportavel; quando porém a saciedade chega ao marido, homem só de gozos materiaes, elle procura na variedade, a custo quasi sempre da fortuna da mulher, os prazeres que já não encontra nos braços d'esta, para quem começa então um segundo periodo de longo martyrio a soffrer, mais insupportavel ainda, se o adulterio é commettido debaixo do tecto commum.

A pobre sabia já que o marido, satisfazendo as necessidades dos sentidos, nunca satisfaria a necessidade ainda mais imperiosa para a mulher de sentimento — o amor; agora accresce o maior insulto, que a esposa possa soffrer, a resignação torna-se quasi impossivel, ou quando exista, tem outro nome...

Deverá o direito positivo obrigar a mulher a continuar uma vida commum, impossivel moralmente, porque o amor não existe, porque a fidelidade promettida não foi cumprida?

Deverá ainda prohibil-a de ligar-se a outro homem, que realise as esperanças de felicidade que uma mulher virtuosa póde ter no casamento? Ficará privada, durante a vida d'esse homem, que póde ser mais longa que a sua, de occupar na sociedade a posição de esposa querida, de mãe respeitada, de que se torna digna pelas suas qualidades moraes?

Dar-se-ha 'num paiz civilisado, á sombra da lei, o exemplo d'uma mulher virtuosa soffrendo uma vida de martyrio, que só deveria soffrer aquelle que, illudindo-se, fez do casamento uma especulação, e, não respeitando o juramento sagrado, fez pelo adulterio da vida commum um inferno?

Continua. Pereira de Bettencourt e Athaide.

o amor do solo natal.

Continuado do n.º 14.

III

A fructa lhe daria
O ramo, agoas a fonte, o campo flores.

F. A. DO ORIENTE, L. transformada.

A este generoso amor e dedicação adorna ás vezes a mocidade, que, accompa-

nhando-se de diferentes paixões, vae influir na primitiva indole do homem.

Ou que as aventuras lhe dirijam o coração, ou que a imaginação seja desencaminhada por projectos de dourada fortuna e gloria, abandona seus amigos, seus paes e patria, para voar após os bens, que se lhe antolha hão de competir-lhe em o futuro, cujos segredos vã esperança soe revelar, sempre seductores.

Correm alguns annos, e deixando as altas regiões, onde vagára, vem cançado pousar entre as duras realidades da vida; é que se approxima a idade madura, cujo aspecto venerando afugenta as illusões e revoca os sentimentos adormecidos.

Embora a caprichosa fortuna substituisse uma condição poderosa pela pobreza e obscuridade, qual coube a Dionysio, Syracusano; embora, estendendo um véo sobre os primeiros annos, nos exaltasse ao mais alto grau de gloria, como experimentou Tullo Hostilio, que, deixando os rebanhos a pascer o pingue prado, subiu ao Capitolio para dirigir o povo romano, sempre as impressões da primeira idade nos recream: sempre se ostenta sympathica a imagem da casa paterna e solo natal.

Durante dezeseis dias, exercera Cincinato o cargo de dictador, depois abdicou para tornar, além do Tibre, á casa rustica e trabalhos agricolas, donde os embaixadores o chamaram para salvar Roma, já vacillante sob o instante poder dos Equos.

Nem a gloria de governar, nem a corôa d'ouro, que o povo lhe decretára pelo triumpho, nem a saudação de patrono universal podem captivar-o em Roma; corre, e sómente pára no pequeno campo de quatro geiras, d'onde cuidadoso fazia abrolhar os preciosos fructos, que lhe sustentavam a vida quieta e pura; só alli, no seio da familia, vivendo pacamente, sentia prazer e achava felicidade!

Acontece que, elevados pela arbitrariedade da fortuna, esqueçamos, por intervallos, a primitiva condição, frugalidade e costumes da vida campestre.

Buscam os homens no luxo as seducções dos sentidos, decretando, muitas vezes, banquetes esplendidos e sumptuosos, onde exquisitas iguarias e delicadas viandas, quaes nos consta cobriam as mezas de Vitellio e Helio-gabalo, desafiam o appetite d'uma sociedade, talvez desconhecida e indifferente. Voluptuosos sybaritas, nos braços da molleza e sob tectos dourados, obedecem á sensualidade: os cristaes, flores e perfumes, lhes embriagam a

alma, e tudo significa alegria... É então que o rouxinol e outras aves encerradas, exprimindo cantos de sentimento, lhes despertam a idéa do solo natal, que surgirá encantadora e saudosa.

Quanta de differença não encontrarão nos accentos da ave solitaria, que, d'antes, escutaram, quando, ao descer a luz duvidosa, que precede as densas trevas da noite, a fresca brisa movia um leve cicio por entre as bulçosas folhas do verde bosque, que lhes cercava a casa paterna?!

Como lhes reverdecerá igualmente a memoria dos frugaes banquetes, dados em determinados dias festivos do anno?!.. A familia, no regaço da paz e da abundancia, reunia-se á sombra dos verdes ramos; a natureza decorava a sala; e os convivas, sentados na relva mimosa e florida, saboreavam as comidas campestres: alli as arvores lhes dariam fructos, o crýstallino arroyo limpidas agoas, e o formoso campo flores. — Entretanto as avesinhas, reunidas em córos entre a folhagem, com seus gorgeios alternados alegravam os instantes do banquete.

Quanto estes convivas seriam felizes no seio da innocencia, e rodeados dos fructos e flores, onde viam a formosura da natureza e liam o nome do Creador!

Continúa.

F. P. Santa-Clara.

A Mulher.

PARODIA.

É a mulher um mar nunca agitado,
De paz bandeira que não fere o vento,
De gozos mil é sempre o instrumento,
No meigo rosto sol jámais nublado.

É fé nunca mentida 'num tractado,
Descanço perennal, jámais tormento;
Seu riso nos enleva o pensamento,
Nunca seu terno jugo foi pesado!

É mais do que anjo... e só nos zelos fêra
E em ternuras de cera derretida,
Sómente p'ras rivaes será panthera!..

É uma doce magia, e não fingida...
É fada, é anjo, amor... e mais dissera;
Mas ai do homem que lhe consagra a vida! (a)

(a) Pedimos perdão ao auctor do soneto da nossa divergencia de opinião. Mas, a final de contas, tudo vem a dar no mesmo: a mulher é boa porque é má, e é má porque é boa!

Deus!

A MEU TIO O ILL.^{mo} SR. BALTHASAR VELLOSO DE SEQUEIRA.

Dixit Deus: Fiat lux. Et facta est lux!
Dixit autem: Fiant luminaria in firmamento coeli, et dividant diem ac noctem, et sint in signa et tempora, et dies, et annos, ut luceant in firmamento coeli, et illuminent terram. Et factum est ita.

GENES. C. I.

Do mar na immensidade eu reconheço
A presença d'um Deus Omnipotente;
Adoro o Creador, e a seus designios
Submisso me curvo, e reverente.

Deus é grande! infinito o seu poder!
Do cahos fez sahir o universo,
E com saber divino harmonisou
O que na confusão jazia immerso.

Reinava a mais completa escuridade;
Mas elevando a voz Deus ordenou,
Que se fizesse a luz: a luz foi feita,
E logo o mundo todo allumiou.

Os astros collocou no firmamento,
E sabio deu-lhes leis que os regressem;
Ordenou-lhes depois que um gyro eterno,
Em roda um dos outros descrevessem.

Eternidade! abysmo incomprehensivel
Á fraca intelligencia dos humanos!
São baldados de todo os seus esforços,
Se o homem sondar tenta os teus arcanos.

Na terra poz o homem, que, esquecido
Das sabias prescripções do Creador,
Ousou comer o fructo prohibido,
Transgredindo os preceitos do Senhor.

Jazia o mundo inteiro sepultado
Na escuridão do erro mais profundo;
Appar'ceu entre os homens o Messias,
Que derramou p'ra logo a luz no mundo.

Salve, salve! Senhor Omnipotente!
Perdoae aos humanos desvairados,
Que, cegos em seu erro, negar tentam
Os vossos attributos mais sagrados.

Perdoae-lhes, Senhor! quiçá um dia
Aos pés da vossa cruz se prostrarão,
Pedindo arrependidos e contritos,
Com lagrimas de dôr, o seu perdão.

Coimbra, 25 de Dezembro de 1838.

A. R. Sousa e Silva.

Epigrammas.

Se rico tu ser pretendes,
(Aconselhava Platão)
Resiste mui fortemente
Da cubiça á tentação.

Qual é a cousa no mundo
Que mais depressa envelhece?
O beneficio, por quanto
Recebido logo esquece. M. J. Pires.

Mosteiro e a Sombra.

Como em erma e funda gruta
Góta e góta filtra e cáe,
Sem que saiba o que isso escuta
Quanto lá por dentro vae;

Como, ao longe, incerta e baça
N'uma igreja alveja a luz,
Que da lampada esvoaça,
Que a vidraça reproduz;

Eu — volátil borboleta
Que uma lagrima aspirou,
Sem saber quem a violeta
D'essa lagrima orvalhou:

Mal te vi! — moira encantada!..
Mas á luz dos olhos teus,
Murcha a lampada sagrada
D'um altar do nosso Deus!

Mal te ouvi! — mas as suaves
Lindas notas que te ouvi
São de moira a sette chaves!
São de fada! são de hurí!

Que eu nem preso, ao menos, viva
Nas prisões que te algum deu!
Preso a ti, linda captiva...
Se inda é livre um escravo teu!

Fada! os cofres do thesoiro,
Com que ha muito sonho em vão,
Li eu n'alma, em letra d'oiro,
Que os tens tu no coração! João de Deus.

Á Lua.

Como és linda, como és bella,
Meiga lua, meu amor!
Como brilhas, tão formosa,
Como encanta o teu pallor!

Quem te póde vêr no céu,
Sem que bemdiga o Senhor!
Quem te póde vêr tão bella,
Sem que n'alma sinta amor!

És a rainha da noite,
És um astro fulgurante,
Não ha no céu uma estrella,
Que mais brilhe, mais encante!

Como passas tão saudosa,
Por esse espaço sem fim!
Pareces dama formosa
Divagando em seu jardim!

Quem me dera, lindo astro,
Como tu, no firmamento
Vaguear sózinho e triste,
Viver só do pensamento!

S. A.

Na Fonte dos Amores, em Dezembro de 1858.

Crê!!!

À EX.^{ma} SR. D. M. G. A. G.

Quem nunca amou eme agora,
Quem amou torne hoje a amar.
CASTILHO.

Mulher!.. que é a vida, se o peito é vazio
Das crencas ardentes que gera o amor?
É lousa funerea de marmore frio,
É lampada triste de triste pallor!..

Mulher! que é a vida? tu sabes acaso
O que é a existencia sem crencas, sem fé?
É astro sem brilho nas trevas do occaso,
É flôr já sem viço marchada no pé!..

Bem sabes!.. Que tu já viveste de ardencia
D'um peito abrazado, que o teu compr'endeu,
Já viste um sorriso de meiga innocencia
Morrer em teus olhos, trocar-se c'o teu!..

Cingido a teu peito na terra já viste
D'um peito os anhellos aos teus responder
Um rosto carpindo, se o teu era triste;
Risonho, se o teu lhe dizia prazer!..

Mulher! que é a vida de crencas vazia?
Tu sabes de certo que a vida é o amor,
Que d'alma a flôrinha que n'alma se cria
Só vive das crencas ao doce calor!..

Mulher! se o teu peito, de affectos passados
Ainda recorda a suave impressão,
Não deixes morrel-os!.. renova abrazados
Os fogos ardentes de extincto volcão!

Não deixes morrel-os... que o peito emmurchece
Se acaso lhe falta das crencas o ardor,
E a vida, sem brilho, sem viço fenece,
Pois — tu bem o sabes — a vida é o amor!

E a crenga de infancia em tua alma arreigada
Não deixes no peito para sempre morrer!..
Revive!.. renova-a com fé mais provada
Que as crencas são vida — que amar é viver!..

A. M. da Cunha Bellem.

o projecto do Código Civil Portuguez
por o sr. Antonio Lutz de Seabra.

Le vrai bien est immuable. Toute loi ordonne ou défend; mais que peut-elle ordonner si ce n'est le bien? Et que peut-elle défendre, si ce n'est le mal? La vraie raison du respect dû à la loi est donc dans le bien qui lui sert de fondement. Otez-lui cette base, ce point d'appui, elle devient un ordre arbitraire dépourvue de tout droit à notre déférence.

LADEVI-ROCHE — Eléments de Philosophie Morale.

Uma das necessidades mais imperiosas da nação portugueza é, sem duvida, a d'um Código Civil, em que com toda a clareza se reduzam a um corpo systematico os principios da philosophia de direito, mais ou menos modificados pelas circumstancias actuaes.

As leis humanas devem ser, em quanto á sua essencia, immutaveis, como é immutavel a humanidade, a quem ellas obrigam. Infelizmente porém não tem succedido assim: comparando as differentes legislações, vê-se claramente que as doutrinas, que estabelecem, são diversas, oppostas e contradictorias em objectos, que pediam a maior uniformidade.

Como não acontecer assim, se a philosophia, cujos preceitos as leis civis devem sancionar, tem soffrido os mesmos contratemplos?!

D'este estado vacillante de legislação provêm tres funestos inconvenientes: 1.º não serem as relações sociaes governadas como cumpria; o que necessariamente deve resultar de não terem as leis positivas o character de permanencia, em quanto ao seu fundamento philosophico, como é permanente a mesma sociedade, cuja natureza deve constar dos mesmos characteres da natureza dos individuos, que a compõem; 2.º não haver ligação nos povos, com grave prejuizo para seu desenvolvimento moral e material; 3.º não serem as leis obedecidas, como cumpria. A força das leis não provém tanto do legislador, como da justiça em que se fundam (a); não vindo a ser o poder legislativo mais do que um órgão por onde as leis justas se manifestam; por isso nos diz o illustre auctor do Projecto no art. 5.º — A lei civil reconhece e regula todos estes direitos e obrigações, etc.: definição que nós entendemos ser fundamental, não só pela razão já dada, mas tambem porque 'nella se dá uma exacta

(a) Sr. Ferrer, Philosophia do Direito, § 39.

definição do direito civil, que se torna necessaria para sua apropriada applicação (a).

Não deve porém a legislação ser sómente fundada nos principios da justiça absoluta, mas tambem nos principios da justiça relativa.

O estado do homem e da sociedade, sendo sempre um e o mesmo em quanto á sua essencia, não deixa comtudo de diversificar, segundo diversifica o elemento objectivo de seus direitos, e principalmente as suas circumstancias particulares e sociaes; e ainda segundo o seu grau de desenvolvimento intellectual e moral.

Um povo instruido e moralizado não deverá ser governado pelas mesmas leis, que um povo ignorante e barbaro. E ao passo que vai caminhando na estrada da civilisação, seguindo a lei da sua natureza, precisa que as leis o acompanhem em seus progressos; assim como lhe concedam mais liberdade d'acção, do que na época anterior, em que seu atrazo de illustração e moralidade lhe não permittia que se dirigisse e regulasse em todos os seus actos (b).

Finalmente as leis positivas, álem d'estas condições internas, devem, para o preenchimento dos fins a que são destinadas, ser simples e claras, aliás resulta a divergencia nas opiniões, a arbitrariedade nos julgamentos, e a incerteza dos direitos (c).

Estabelecidos estes principios universaes e absolutos, cumpre saber se com elles se harmonisa a nossa legislação.

Podemos dizer, que as leis, que na actualidade nos regem, não possuem em grande parte nenhum d'estes characteres mencionados: nelas não se encontra, em grande numero de casos, justiça, simplicidade, nem clareza. O nosso direito civil acha-se disseminado pelas Ordenações Philippinas, Reforma Judiciaria, Leis Extravagantes, Assentos da Casa da Supplicação, Direito Romano, Canonico, Consuetudinario, e principalmente nos escriptos dos nossos Praxistas. A simples perspectiva da nossa legislação, faz desanimar os amantes do estudo do direito civil.

As leis positivas não são leis, em quanto não são conhecidas por aquelles a quem se referem, para o que é necessario, que se resumam tanto, quanto fór compativel com suas disposições e clareza.

Esta qualidade, indispensavel em toda a legislação, não se encontra na nossa, pois que os livros, em que se acha dispersa, são tantos,

(a) Apostilla do illustre auctor do Projecto, n.º 22.

(b) Ledevi — Roch., Philosophie, paginas 368.

(c) Apostilla n.º 1, paginas 8 e 9.

que só á custa de insano trabalho se poderiam ler e entender, e só á custa de avultadas sommas, se poderiam obter; inconvenientes estes, que se remediariam, se o corpo legislativo fizesse uma compilação das leis que actualmente estão em vigor.

Clareza, debalde se procurará nas nossas leis; sendo esta a principal causa de serem mais os casos duvidosos, que os decididos, resultando d'aquí um manifesto prejuizo nacional.

Sendo tal a confusão da nossa legislação, confusas devem ser as relações sociaes, que esta governa; porque, uma de duas, ou se admite a ignorancia do direito (no sentido lato), ou não: no primeiro caso a lei quasi nunca tem applicação, e veremos reduzida a sociedade a um estado, em que cada um dos seus membros, é um legislador; se não se admite, admite-se e sanciona-se a maior das crueldades, qual é castigar a quem não foi causa da illegalidade commettida, pois é certo que só os actos illegaes practicados com liberdade, podem ser castigados; mas para a existencia de liberdade, é necessario o conhecimento da lei; ora este conhecimento, attenta a miscellanea da nossa legislação, é impossivel obter-se as mais das vezes, d'onde resulta necessariamente que os cidadãos, que se encontrarem nestas circumstancias, não devem ser punidos na sua propriedade ou pessoa pelas illegalidades commettidas.

Continúa. Bernardo de Albuquerque e Amaral.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 14.

XIII.

Collisão entre dois amores.

Ricardo, por um acaso feliz e inesperado, recebeu 'nessa tarde uma carta do correio, em que seu pae, sabendo que elle devia fazer acto por aquelles oito dias, lhe mandava o dinheiro necessario para o seu regresso a Lisboa, o qual o bom do velho desejava que fosse logo que os deveres academicos de seu filho o deixassem livre!...

O nosso estudante, que não esperava o dinheiro tão cedo, ficou louco de contente!... Mandar desempenhar a batina, sair, comprar dois charutos de pataco, e ir passear para debaixo das janellas de D. Constança, foi obra

de poucos minutos!.. Viu-a, complimentou-a... ella sorriu-se... e elle julgou-se feliz: andou para baixo e para cima, desandou, parou, conversou com todos que passavam defronte da morada da sua bella, e por fim a tarde escoou-se, chegou a noite, D. Constança retirase da janella, e o nosso heroe dispoz-se a caminhar cabisbaixo para sua casa.

Entrou!... e achou-se sosinho!... Por um singular effeito do habito, fez-lhe falta não ouvir as impertinencias parvas de Carlota!... Baniu aquella idéa como uma offensa ao amor puro, que então o consumia!... Foi para a cêa, e faltou-lhe o appetite ao achar-se só... finalmente, ia para se deitar e perdeu toda a coragem!... Carlota era uma necessidade na sua existencia!... Mil vezes a imagem pura de D. Constança lhe veio querer riscar do pensamento essa Carlota tão fundamente gravada 'nelle... mil vezes, porém, encontrou reacção forte e tenaz. Outras vezes era ella... era a propria imagem de Carlota, que tomava a superioridade; e 'neste luctar intimo em que ora predominavam os sonhos puros do pensamento, ora as reclamações do positivismo material, Ricardo, debatendo-se com estes dois colossos da sua imaginação, passeava agitado no seu quarto!... Assim passou horas, esquecido do presente, esquecido talvez de si proprio, quando o som da porta, rangendo ao abrir-se para a sr.^a Maria saír, o veiu despertar d'esta excitação apathica do sentimento.

O corpo dominára o espirito! Carlota podia cantar victoria!...

O sr.^a Maria!... — bradou Ricardo freneticamente.

Maria voltou acima. O que entre elles se passou ninguem sabe... mas Carlota veiu dormir a casa.

No outro dia pela manhã não se fallava em D. Constança. Depois de grandes tormentos, vem sempre completa bonança. Ricardo e Carlota viviam vida de anjos, — esta sem lembrar as infidelidades do seu amante, este sem cuidar em saír!... Ricardo havia contado tudo a Carlota, promettêra-lhe não mais vêr D. Constança, tinha-lhe tambem fallado na recepção da carta com dinheiro — vara magica para comover aquillo a que Carlota chamava o seu coração!... e finalmente promettêra comprar-lhe umas bot'nhas de elasticos. Quem poderia resistir a tanto?... Carlota de certo não!!.. a sua alma era muito sensivel para não deixar de se impressionar com a promessa de umas botas!... Desde esse momento era toda ter-

nura para o seu Ricardo, e este quasi que dava razão á pobre rapariga, queria detestar D. Constança, e beijava gostoso os grilhões, com que o manietava essa mulher abjecta e vil!

Infelizmente na vida dos rapazes assim ligados a estas harpias do sentimento, ha occasiões taes, em que tudo promettem, tudo esquecem, e 'num instante destroem todas as chimericas resoluções, que algum resto dos sentimentos nobres lhe houvessem feito tomar!... 'Num d'esses momentos em que nada se occulta, Ricardo contára tudo, pedira perdão, jurára não tornar, e postas as coisas 'nestes termos, reinava ao outro dia a mais doce tranquillidade na casa da *rua dos Grillos*.

Mas o démo, que não dorme quando se tracta de perturbar a paz e o socego dos corações, prevaleceu-se logo de novos ardis para lograr seus intentos!... Ricardo devia fazer acto no dia 25 ou 26; mas, como estavam concluidos os actos de todos os outros annos, creou-se uma meza supplementar para concluir mais breve os actos do quarto anno, e, por esta nova disposição, Ricardo devia tirar ponto no dia seguinte.

Estas instrucções, que o seu condiscipulo Julio, por fraternal sollicitude, lhe veiu dar ás duas horas da tarde, perturbaram completamente o socego de Carlota. Ricardo tinha de saír essa tarde para implorar protecção. E por obra da fortuna, um dos lentes, que lhe havia de ir ao acto, morava na rua de D. Constança!...

A tão grande mágoa só tinha Carlota o lenitivo de saír tambem a comprar as suas bot'nhas de elasticos!... E foi!...

Continúa.

A. M. da Cunha-Bellem.

Explicação do logrogrifho do numero antecedente — **Verdade.**

Explicação da charada — **Cassarola.**

ALMANACK DE COIMBRA PARA 1859.

VENDE-SE EM COIMBRA E NAS PRINCIPAES TERRAS DO REINO.

Agradecemos ao illustre auctor os dous exemplares, que teve a bondade de remetter á redacção do nosso jornal. A leitura do Almanack interessou-nos, principalmente pelas noticias historicas, que nos appresenta, de Coimbra e da Universidade.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 16

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondência de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

1859 - JANEIRO - 15

LIBERDADE D'OPINIÃO.

A mais nobre faculdade do nosso espirito, da nossa natureza moral, consiste no poder de exprimir vocalmente, ou por meio de escriptura, os principios, que a actividade intellectual tem formulado no aturado estudo do homem e das suas relações com os seres que o cercam.

Homem e liberdade são dous termos, que a philosophia emprega conjunctos, para poder avaliar o mais favorecido producto da criação. Razão, sentimento e liberdade é a trilogia de origem divina, de existencia real, e de natureza harmonica, sem a qual o universo nem ao menos seria uma entidade, porque não haveria quem o ideasse, a não ser Deus, que elle exprime, como o termo a idéa, o signal a cousa significada. Adstringir, pois, algum d'aquelles elementos é a pretenciosa loucura de dar ao viver humano uma esphera facticia, cuja illusoria utilidade os espiritos desalinhados, que em consequencia da sua pouca perspicacia se perdem no labyrintho das relações sociaes, pensam achar nas chamadas conveniencias sociaes.

Não ha conveniencias contra leis organicas; pensar o contrario é insultar a verdade, e ataviar a mentira em despeito da mais generosa das virtudes sociaes.

O homem é racional e pensa; é sensível e fraternisa com os seus semelhantes, procurando viver na vida d'elles; é livre e põe em practica o pensamento, que reveste então um caracter material, positivo e benefico, fazendo ao mesmo tempo actuar o sentimento, que, como um laço que prende em todos os corações, liga a humanidade e a dirige pacificamente para os fins racionais, temporaes e espirituaes.

É assim que a liberdade vem dar todo o valor á razão e á sensibilidade; sem ella estes importantes elementos do sêr-homem seriam inuteis e desnecessarios.

A liberdade, que só se estende á esphera do justo, e do necessario para a nossa conservação, desinvolução e aperfeiçoamento, é de industria, religião e opinião, ou melhor de industria e opinião.

Os principios philosophicos, que fundamentam a liberdade com todas estas direcções, são os mesmos, que fundam a liberdade theorica, a necessidade de harmonia e ordem nos productos de origem eterna, a natureza elemental do homem individualmente considerado, o seu destino segundo o plano do Creador, e essa immensidade de relações, ainda mal definidas, que o collocam em contacto e o misturam mesmo com o mundo exterior.

O plano primitivo da criação, que é um rasgo de omnipotencia divina, tão inalteravel como ella, e constante em sua energia como o eterno, constitue, na linguagem do philosopho, o que chamamos har-

monia. O resultado d'esta harmonia, uniforme como a causa que o produz, indetectivel como a necessidade d'existencia, é a ordem. Ora o Creador, que fez um ser á sua similhança, não podia (*more humano*) negar-lhe o poder de se determinar livremente, sem se oppôr á harmonia que preestabeleceu, e á ordem; que, na devolução infinda da eternidade, devia reger o mundo. O raciocinio do ser, que é a mola real d'essa harmonia, e o principal agente da ordem, diz-lhe á luz de uma evidencia mathematica — tu és o ponto de transição do infinito para o finito, do espirito para a materia; pertences ao céu pela alma mais nobre que o corpo, que te liga e condemna á terra; és livre, na competente proporção, como o Ente que te creou. És harmonia e ordem.

Mas estudemos o homem em si, como se fôra um ponto isolado no espaço, combinemos todas as suas faculdades e necessidades correspectivas, observemos, mais, como a materia obedece aos seus caprichos, e perguntemos, emfim, á psychologia a sua opinião — é livre, liberrimo.

Qual é o destino do homem na intenção do Ser Supremo? Será um destino positivo ou negativo? será premiado ou punido? ou será o homem alguma cousa que se evapora em essencia, quando desaparece pelo occaso da vida?

Diz a razão, a consciencia e a religião, que o viver mundano é apenas um amargo preliminar do ser humano, ou uma vida de provação, a que Deus sujeita o homem para o merecer na balança da justiça eterna. Sendo assim, negar ao homem a liberdade concebida em todos os sentidos, é uma blasfemia; é insultar o Creador no attributo da sua justiça infinita, e tornarlhe inutil a misericordia.

Além do homem, tudo é escravo, porque tudo o serve, sendo estimulado pela acção constante de uma lei natural.

É assim o homem livre, e um dos mais importantes ramos d'esta faculdade, é a liberdade de proparlar as suas idéas.

J. M. Cabral e Castro.

**O Projecto doCodigo Civil Portuguez
pelo sr. Antonio Luiz de Seabra.**

Continuado do numero 15.

Estes inconvenientes, porém, não têm analogia, nem similhança com os demais, que se encontram nas leis, que por infelicidade nossa nos governam.

Para prova da nossa proposição, basta attender á origem das Ordenações; o que mui eloquentemente nos diz o nosso eximio jurisculto o sr. Liz Teixeira, no seu curso de direito civil.— Só tal origem (Filippina) bastava, se outras as não houvéra, para que o brio e primor portuguez as tivesse eliminado e proscripto, substituindo-lhe outra obra perfeita, e que tivesse origem pura.— Na verdade o fim, que o usurpador Filippe II teve em vista com a publicação das Ordenações, não podia ser outro do que ornar o seu poder com o caracter de legislador, a fim de consolidar mais a sua auctoridade, a que a briosa nação portugueza com difficuldade se submettia.

Quem não tem pejo de violar o direito publico d'uma nação, para occupar o seu supremo poder, não o terá tambem na promulgação das leis em harmonia com o seu caracter e fim.

Quem lêr as nossas Ordenações, não encontrará n'ellas, em grande numero de casos, vislumbres de justiça, clareza e simplicidade.

A razão d'isto é facil de dar, logo que indiquemos a sua origem, que com poucas alterações foi o direito romano.

Estamos convencidos de que o direito romano perdeu todo o seu vigor.

Para o demonstrar não é necessario folhear muitos livros; basta sómente attender á natureza das leis positivas.

Sendo certo, como deixámos dicto, que as leis positivas deviam estar em harmonia com os principios da justiça absoluta, modificados pelas circumstancias da nação; e sendo tambem certo que os principios da philosophia do direito têm progredido a passos largos; e além d'isso, sendo incontestavel, que as nossas circumstancias sociaes, têm differido muito das dos Romanos (a não se querer negar a lei do progresso), segue-se necessariamente, que o direito romano é inutil e prejudicial.

Não negamos, que os romanos publicaram leis, que ainda hoje têm, e devem ter applicação, pois que somos de opinião, que o fundamento do direito se encontra nas verdades

eternas da nossa razão, verdades estas, que os romanos haviam conhecer; porém essas leis nós as encontramos nos codigos das nações civilizadas, sem ser necessario desperdiçar tempo, que tão necessario nos é, em irmos ao direito romano discriminial-as das muitas leis absurdas de que se acha pejado o digesto, o codigo, etc.; — e sem o perigo de não fazeremos uma exacta selecção.

Estes principios não têm demonstração; elles por si são evidentes.

Dizemos mais: segundo a lei de 18 d'agosto de 1769, o direito romano é desnecessario; porque determinandô esta lei, que o direito romano seja adoptado, quando fór conforme á boa razão, e sabendo nós, como devemos saber, em que consiste a boa razão, é desnecessario recorrer ao direito romano; porque ou este é conforme á boa razão, ou não; se o é não nos dá mais conhecimento do que a boa razão, que anteriormente devíamos ter estudado; se o não é, então não se adopta; logo tanto 'num caso como 'noutro, em nada nos interessa o direito romano.

Esta verdade, foi reconhecida pelo sr. Coelho da Rocha nas suas *Instituições de direito civil*, quando diz: — mas deixando a todos a liberdade de julgar da boa razão das leis romanas, os juizes, para decidirem na maior parte dos negocios da vida civil, ficaram desligados da lei positiva, e abandonados aos principios geraes do direito natural, de que o legislador mesmo não tinha podido dar idéa exacta, e por conseguinte precipitados na arbitrariedade. Este inconveniente quizeram remediar os redactores dos estatutos da Universidade; para o que estabeleceram na Est. L. 2.^a, T. 5, c. 2.^a, § 7, que os professores indagarão o uso moderno das mesmas leis romanas sobre as sobredictas nações, que hoje habitam a Europa.

E descobrindo, que ellas se observam, e guardam ainda no tempo presente, terão as mesmas leis por applicaveis, e d'aqui inferirão que ellas não têm opposição com alguma das referidas leis ou direitos (direito natural, divino, e das gentes) com que devem ser confrontadas.

D'aqui se conhece ainda que o direito romano é inutil, porque a legislação, que por fim vem a regular, é a das nações civilizadas.

O grande monarcha, el-rei D. José, em logar de nos deixar indecisos sobre os principios que nos devem regular nos casos omis-

sos (a) devia antes compillar da legislação, a que nos manda recorrer, tudo o que se compadecesse com a boa razão.

E se a tarefa era difficil, quão mais difficulosa para o juiz, e em geral para toda a nação!

Não se reconheceu com forças para uma obra tão grandiosa, e por isso deixou aos juizes particulares supprir a sua falta!!

A estes inconvenientes accresce um outro, e vem a ser o não se applicarem as leis patrias, quando mesmo o seu sentido é manifesto, vindo assim a regular no fóro a opinião dos nossos praxistas, que se metamorphoseavam em legisladores; de maneira, que uma grande parte dos nossos advogados, vêem-se na dura necessidade de seguirem a opinião dos nossos escriptores de direito civil, e a abandonarem o texto da lei; porque a prática do fóro está superior á mesma lei!

A razão d'um tal proceder provém das nossas leis não estarem conformes com as idéas actuaes, de não acompanharem a sociedade nos seus progressos; o que nos pondera o sr. Rocha nas suas *Inst. de direito civil*. — Quando as disposições das leis vão de encontro ás idéas da época; quando querem dar força a cousas que a não merecem; o resultado é não se executarem, e pôr tudo em desordem.

Á vista do chaos em que se acha envolvida a nossa legislação, quão necessario é um Código Civil? Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

Continúa.

o amor do solo natal.

Continuação do n.º 15.

Il ne recherche point, pour honorer sa vie,
De plus illustre mort ni plus digne d'en vie
Que de mourir au lit où ses péchés sont morts

RACAN.

IV

Não só a lembrança dos successos venturosos, mas ainda acontecimentos tristes, entretendo o pensamento, tornam agradável a permanencia no solo natal.

Ha pezares, em que o coração se saborea, como deliciosos: e os logares, marcados pela desgraça, são talvez os mais charos ao pensamento.

Viramos curvar-se ao inevitavel golpe da morte nossa mãe carinhosa, ou qualquer pa-

(a) Sr. Corrêa Telles, commentario á lei da boa razão, pagina 47.

rente querido: escondidas no sepulchro, suas cinzas merecem a nossa guarda, e ante a cruz do tumulto nossas preces e saudades subirão, como agradável perfume, até elles, cujos sentimentos sublimes para conosco, jámais se extinguirão na eternidade.

Estes sentimentos vivem ainda nos povos barbaros, porque a natureza dá as primeiras e proveitosas lições; sem o auxilio da palavra e da educação, mas por força propria e invisível, infunde no coração dos homens uma pia veneração pelo lugar, onde descançam os restos de seus maiores: e, se acaso esta lei da natureza, fôr envolvida em esquecimento por nuvem passageira, o menor sopro a dissipa, qual o fogo, que escondido nas veias da pedra scintilla ao mais leve golpe do rijo ferro.

Os Scythas, nação feróz e barbara, não desconhecera este amor, nem a historia riscou da lembrança seu nobre proceder.

Dario, acompanhando-se d'um poderoso exercito, invadira o paiz: os Scythas, cedendo pouco a pouco o terreno, entranham-se nos desertos da Asia.

Aos embaixadores de Dario, que foram mandados perguntar-lhes, quando tencionariam entrar em combate, souu esta resposta, « não temos cidades, que exijam defesa, nem campos, que precisem nossa cultura; mas, quando chegardes aos tumulos dos nossos antepassados, sabereis como os Scythas costumam pelejar (a).

É assim que nos ligam ao berço natal a felicidade e as lagrimas; no correr da vida as illusões e as esperanças, successivamente caducam e se esvaecem, sómente o desejo de morrer no lugar, onde nasceramos, unindo nossos restos ás cinzas dos nossos maiores, se vai tornando mais intenso, e reverdece com a nossa velhice.

F. P. Santa-Clara.

Continúa.

Lagrima.

Esse olhar teu silencioso
Quem no mundo é que o traduz!
Falla-me, ó astro saudoso,
Luz do céu, pallida luz:
Que aéreas visões me acordas,
Que imagem, lua, recordas...
N'essa argentea, linda côr!
Que ha em ti, que a dôr mitiga,
Que ha em ti, lampada amiga,
De meigo e consoladôr!

(a) Valerio Maz. Lib. 5.º, cap. 4.º, § 5.º, cit. —
* Se nec urbés ullas, nec agros cultos, pro quibus dimicarent, habere; caeterum quum ad parentum suorum monumenta venissent, sciturum quemadmodum Scythae praeliari solerent. *

Escuta, pallida lua:
Da-me um sorriso dos teus,
Da-me uma lagrima tua,
Se és a pupilla de Deus:
Vê que eu sorrisos não tenho,
Vê que em teus labios desenho
Os labios do meu amor!
Uma só lagrima!.. fria
Que ella me orvalhe... diria
Que uma lagrima cahia
Do céu ao menos, na dôr!

J. D.

AO MEU J. S. D'A. PENTEADO.

Fragmento da Francesca de Rimini.

... que o homem de letras lê sem enfado milhares de vezes no original, porque nenhuma cópia teria o poder de reproduzir a simplicidade e ternura ingénua, que os versos de Dante respiram e difundem.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

E tem isso seiscentos annos. E é 'nessa meia pagina da *Divina Comédia*, que a critica fixou o extremo da poesia intima.

O sentimento não descerá nunca abaixo do segundo circulo do inferno, como a *fantasia* se não ha de nunca elevar acima do monte da transfiguração.

Linda e inimitavel coisa!

Quem ha, que ahi possa acordar 'num echo, longinquo ao menos, a harpa de Florença? Nesta volumosa lingua portugueza, grave e inflexivel como os que a já falaram, se o eu fizesse, faria um absurdo.

Não penso em tal. Prova-o o principio e o fim d'este episodio:

Quel giorno piú non vi leggemo avante.

o beijo.

.....
E avistando-os nas ondas do inferno
— Falai-me, disse, ó almas desgraçadas,
Se se vos não impoz silencio eterno!

Duas pombas, que amor sustem ligadas,
Não batem tão eguaes, em vôo tão certo
Para o seu ninho as azas compassadas;

Nem voam mais subtis 'num céu aberto,
Que elles da nuvem da rainha Dido
Nos vem, reconhecidos, vêr de perto.

* Ah! benigno mortal, mortal querido!
Que ao halito d'impura tempestade
Visita os que de sangue se não tingido!

Se fosse nossa amiga a Divindade,
Pediramos-lhe a paz de uma alma santa
Para quem tem de nós tanta piedade!

Nós te diremos quanto ouvir te incanta;
Nós te ouviremos quanto a dôr te inspira,
Em quanto o vento acorda e se alevanta.

A terra onde eu nasci — por quem suspira
Minha alma ainda — junto ao mar se estende,
Nas praias, onde o Pó descança e expira:

Amor, que em peitos vis se não accende,
Prendeu este infeliz, ai! mas que digo?
Pensar no que elle fez... inda me offende!

Não nos ama de balde um gesto amigo:
Eu aquelle abracei... qu'inda me abraça!
Nos braços lhe caí... vergou comigo!...

Eis d'um só ferro — a ambos — nos trespaça
Mão impia d'um Cain! mão fraticida!...
Calou-se. E eu, submerso em tal desgraça,

Tinha os olhos no chão, sem luz, sem vida...
Quando o poeta, enfim: que te amargura?
Dizendo me ergue a face humedecida:

— Que lindos sonhos d'infantil ventura!
Que ineffavel amor! que intimo encanto
Os não levaram pois á desventura!

Mas dize-me, Francesca!... se este pranto
Filho de como eu sinto equal martyrio
Me acceitas, tal qual nasce, intimo e santo:

Como é que 'nesse instante de delirio...
Vos segredou amor... de um peito amante
Prazeres... que inda ignora um casto lyrio?

.....
• *La bocca mi bacio tutto tremante!* •
.....

J. de Deus.

Desalento!!!

Il y a des coeurs brisés par la douleur, refoulés par le monde, qui se refugient dans le monde de leurs pensées, dans la solitude de leur âme, pour pleurer, pour attendre ou pour adorer.

LAMARTINE.

Ha corações, que parece terem sido repudiados pelos outros corações, escarnecidos nos seus affectos, e banidos da communhão dos gozos puros e suaves, que dão vida e alento ás crenças, que o peito encerra!...

Ha corações, cujo só apanagio são as dôres!... cujo gozar são os tormentos de mil atri-bulações!..., cujo repousar é o estorcer-se no leito de mil acerbos espinhos, que, uma por uma, lhes laceram as fibras do sentimento!...

Será que um fatal acaso os tenha lançado errantes nos labyrinthos do soffrimento?... Será que o destino haja esculpido com letras indeleveis a sua sentença de um penar eterno?... Ou é que o Eterno, o Rei da criação, haja assim esquecido a sua obra, abandonando-a, exposta ás desenfreadas vagas de um soffrer sem limites!...

Era de noite!... Noite placida e serena de dezembro, em que a planície do céu, reincta na côr azul de seu escuro firmamento, vaidosa ostentava o brilho de seus dourados astros!... Era de noite!... E a lua, como que receosa de insultar as trevas do meu peito com o inconveniente clarão, que de seu pálido rosto se derrama, a lua não ousava ostentar os seus fulgores!...

Era de noite!... e eu sosinho não tinha por companheiro senão o meu pensamento, melancólico como a lampada mortuaria, e triste como o ultimo dobre dos finados!...

Mil e mil talvez, no largo mundo, sorriam a essa hora o riso dos prazeres! mil e mil se extasiavam, quiçá, 'nesse momento, ante o idolo de ventura, que, feiteira lhes sorria... em quanto eu, solitario e alquebrado, não tinha uns labios sós a dar-me um riso, não tinha uma voz sequer a dizer-me confôrto!...

É triste o viver assim!... Quando a vida, que floresce com toda a seiva de uma robusta mocidade, se pende já na hastea, porque a aridez da desventura a tem crestado; quando o peito, que aspira com violencia o ambiente de suaves deleites, arqueira fatigado de só encontrar pestíferas emanações de envenenado existir; quando a mente, que deslisa pelos jardins do porvir, se vem sentar fatigada no limiar do desalento, como o perdido viandante se repousa sobre a lapide d'um sepulchro... é triste o viver assim!...

Infancia do meu viver!... eu vos saúdo!... Que me importam vossos gozos encantados se apenas d'elles resta leve fumo, disperso na amplidão do espaço, pelo soprar incessante do tufão dos tempos?... que me importam crenças meigas e suaves, que em minha alma se gravaram, se, quaes tenues flocos de espuma, uma após outra, as ha desfeito a aragem do soffrimento?

Infancia da minha vida!.. que me resta de vós?.. Saudade?.. talvez não!.. porque a saudade é mentira no coração, que se revolve offegante nas ambições do futuro!..

Infancia da minha vida! o que has tu sido para mim? A indifferença!.. e eis aqui tudo!..

Porque é que eu hoje vos recorde? como no meio da procella lembra ao nauta o porto amigo, que ha deixado, sem que todavia esqueça a paragem duvidosa, que ambicioso procura?... é porque além, sem receio, reinava a indiferença; é porque alli, sem esperança, apenas existe a duvida!.. e entre esses dois pontos, que quasi sem attenção se olhavam, vai passando esse momento agora, que nos tortura no equileo do soffrer!.. é o presente!..

Infancia da minha vida!.. minha infancia!.. tu foste-me indifferente!!.. jámais um riso de ventura aos labios me assoma, e se hoje, magoado, vos recorde, é porque entre vós, e o tempo que decorre, tem deslizado um vasto panorama de infortunios, que de dia a dia, me faz regar com lagrimas saudosas a urna funeral, em que jazeis de ha muito sepultada!..

Mundo dos meus pensamentos, solidão da minha alma!.. em vós me azylo, eu foragido do mundo dos prazeres, eu desterrado do prazer dos homens... em vós busco refugio!.. E para que?... Para chorar?... de certo!.. Para esperar?... talvez!.. Para adorar?... a quem?... A quem, meu Deus?... a vós, que parece haver-vos esquecido, que um atomo se perde no seio da criação, ignorado, e que a parcella, que o illuminava, da vossa divina essencia, vagueia e se confunde nos torvos abysmos de um cogitar ingrato?... Irão minhas adorações aos pés do vosso throno, como tributo da minha resignação?... Porém como, Senhor, se a minha mente se estorce nos paroxismos febrís de um infernal soffrer?... Não!.. que eu tenho agora a vista da alma assaz anuveada, para erguer ao firmamento, para poder encarar a luz do empyreo, sem que o seu brilho me cegue mais e mais!..

Dae-me essa paz, que o espirito tanto anhe-la, preenchei o vacuo, que de chimericas esperanças me alimenta, e então eu, que ao mundo não dou um só affecto, eu poderei erguer-me para vós e adorar-vos!..

185... A. M. da Cunha Bellem.

A morte de Cesar (a).

A morte de Cesar, não só pelas causas que nella influiram senão pelos seus resultados, é sem duvida um dos factos de maior vulto que a historia antiga nos apresenta. Seis seculos

(a) É um extracto d'uma bella obra theatral de Shakspeare.

de conquistas, de glorias e de triumphos, terminaram por concentrar todo o poder de Roma nas mãos d'um só homem, cujos esforços tendiam constantemente a ornar-se um dia com a purpura real. A sagacidade do virtuoso Cato, porém, não pôde escapar o segredo com que Cesar procedia no complemento de seus projectos, que até á derradeira hora, em que morreu pela causa publica, o seguiu em todos os passos de sua ambição. Tanto sangue derramado deveria ficar impune? Cesar, é verdade, foi um despota clemente, mas tinha usurpado a auctoridade soberana, destruido a república e aberto o caminho á tyrannia. Os monstros, que lhe succederam, provaram de sobejo que os punhaes levantados contra elle tinham sido dirigidos por mãos patrióticas. Se Octavio e Marco-Antonio tivessem sido vencidos, Bruto e Cassio recuperariam a liberdade romana e tornal-a-hiam solida por muitos seculos; e os Tiberios, os Neros, os Calligulas não teriam subido a um throno que, mancharam com toda a especie de crimes.

Considerado por este lado, Cesar é um homem dos mais culpados que têm existido e dos mais funestos á humanidade, por isso que corrompeu um genio grande, nascido para a liberdade e gloria da patria.

Sabemos, que a corrupção t'inha ganho o coração da republica; que esses vícios aproximavam a sua quêda, e que o poder absoluto pertenceria a quem ousasse primeiro apoderar-se d'elle: mas haviam ainda muitos homens virtuosos para reanimar a liberdade; e Cesar, com as suas qualidades heroicas e sua clemencia calculada, impediu os romanos de reconhecer o abysmo para onde caminhavam a passos largos. A louca phantasia de chamar-se *rei*, quando elle realmente possuia todo o poder, revela um sentimento pequenino, nessa alma altiva e profunda, e foi certamente esta fraqueza, quem despertou nos conjurados um reconhecimento do dever, que lhes cumpria, de darem um exemplo severo aos olhos do mundo. O exemplo foi infructuoso, é verdade, mas accusou pelo menos a extrema baixez e cobardia d'esses escravos, que se rojaram depois aos pés dos imperadores.

O mais celebre dos vingadores foi Bruto: firme seguidor da seita platonica, amou sempre do coração tudo quanto era virtude.

Pompeo, ainda que indirectamente, havia sido assassino do pai de Bruto, mas nem isso fez com que elle deixasse de o servir em Pharsalia, porque obrando assim, servia a repu-

blica, e era esse todo o seu fim. Esposou Porcia, filha de Catão; rodeava-se assim de nomes, que lhe impunham novas virtudes; conspirou contra Cesar, e n'isso não fez mais que obedecer á lei de Valerio Publicola, lei sagrada e altamente respeitada por todo o romano:

Muitos têm querido representar esta acção como um parricidio; mas era Cesar um soberano? não se tinha elle elevado acima de seus eguaes? quem, senão elle, preparou os horrores do mais violento despotismo, cujo desenlace seria a escravidão? não tinham já alguns senadores opinado para que fosse dado a Cesar um direito absoluto sobre todas as mulheres da republica? — É aqui que cabe dizer com J. J. Rousseau: *A ces noms de Brutus et de Caton, tout mortel doit s'incliner et baisser le front dans la poussière.*

A leitura do testamento de Cesar produziu uma mudança completa neste povo, indigno de taes vingadores. Cesar deixava uma somma a cada cidadão pobre, e os seus jardins ao dominio do publico, e não foi necessario mais para correrem a incendiar as casas dos conjurados. Bruto porém, sempre inflexivel, sempre amante do rigor da justiça, soube encarar com denodo a difficuldade de taes circumstancias, não poupando sequer o seu amigo Cassio.

Antonio e Octavio, que em breve se tornariam inimigos fígadaes, alcançaram a victoria. Bruto havia posto em debandada a tropa do commando d'Octavio, mas Antonio conseguiu a mesma superioridade a Cassio; este, entregando-se extemporaneamente á desesperação, e suppondo Bruto morto, fez-se degolar por um liberto; tal perda foi inestimavel. Em vão Bruto deu segunda batalha no mesmo campo; foi derrotado, e não vendo d'onde lhe vir recurso algum, lançou-se contra a ponta da sua espada. Foi então decidido pelos destinos que Roma seria governada por monstros extravagantes e barbaros.

Tal é em resumo o quadro, que Shakspeare pinta com toda a majestade, sem esquecer as menores circumstancias, d'onde lhe póde provir interesse. A personagem dominante é Bruto; Cesar figura como victima; os outros são inimigos do tyranno; Bruto só o é da tyrannia; anima-o unicamente o genio da republica e a elle sacrificava tudo; tinha principios certos, por que regulava a menor de suas acções, uma virtude rigida, porque tal era o seu caracter, e um coração terno, porque tal é a

qualidade principal do homem grande; possuido do sentimento da justiça, antepunha a tudo, ainda ao seu interesse individual, o bem da patria; para elle as affeições mais charas, os sentimentos mais fortes tinham de calar-se diante do util e do justo, que sós formam o bello moral e a base da sociedade.

Bruto odeava Pompeo; porém, desde o momento em que este pareceu querer sustentar a causa da liberdade, lá foi por elle desembainhar a espada. Amava Cesar, mas quando se viu obrigado a preferir o tyranno ou a republica, decidiu-se, sem hesitar um momento, pela ultima.

M. J. Vieira, Junior.

Continua.

Ad Doctorem Joannem Chrysostomum Amoriam Personam pro Joseph Bruno Henriques Cabedo Lencastre, de Rhetoricâ publice judicando.

ODE.

Cuncta expavesco, meque non credo mihi:
Jam jam aliquid in nos fata moliri parant.
SENECA, Aedipus, v. 27—29.

Confugimus ad te: pande placatos sinus.
SENECA, Hippol., v. 1135.

Quemque, in adversis pelâgi labores
Qui tulit, syrtes scopulosque vidit,
Aequora exin tuta pavere fas est,

Jura sinuntque:

Sic Brunus, faustos studii labores
Mensus, (heu!) summum incidit in periculum;
Turgidum aequor seu graviora passus
Cuncta pavescit.

Nulla moerenti juveni venit pax,
Exulantem (a) cerno, proculque amicis
Anxium non alta quies soporve
Solvere curis.

«Me super dirum instat, amice, fatum,
Inquit, infestamque diem augurat mens;
Et traham aetatem, lacrymisque cogar
Degere vitam.

«Et dies noctesque studentem ubique
Jure laudari, merita inde vellem
Ei dari; me docta vetat Minerva
Longius ire.

(a) O estudante, que passa as ferias em Coimbra, póde dizer-se está desterrado.

«Vimque dicendi, eloquiique flores
Me quidem non edocuit peritus
Tullius, necdum Pericles, deserto

Maximus ore:

«Interim rudem teneris in annis
Arte dicendi erudiit Magister (b),
Dei sacerdos, qui micat ante primos

Clarus in orbe.

«Dona speravi; grave sed laborum
Praemium trans aequora vix eunti
Sors dat; hinc illic vehitur per annos

Fluctibus actus!

«Naufrago nec navita desit, atris
Nec procellis, fata subire rursus
Audeam, tutus cuperem Notisque

Tendere vela.»

Si quis autem incommoda scire dura
Vellet, aeternum ejus ab ore pendet:
Plura vero, Docte Vir, et loqui horret,
Et refugit mens.

Dic rogo curis studiisque fessis
Unde finis? Nauta ubi duxque certus?
Nam, duce ignoto, vereor per undas
Ne vagus erret:

Ire in altum te sine non valebit;
Spem metumque inter dubio salus est
Te penes; praesto es, juvenem ac periclis
Eripe tantis:

Nempe te, Doctor, miseris levamen,
Tot Bruni spes aspicias, iniquos
Sortis aestus in meliusque veritas,
Obsecro supplex.

Dum astra nox, solemque dies sequentur;
Frondebis, siccis numerusque arenis
Deerit; alti dum fluvii profundum
In mare current:

Corde fixam nulla dies nec aetas
Gratiam evertet, stimulosque puros;
Grato erit nomen, decus, inclytosque
Pandere honores.

Sive te, virtutis honos, adorem;
Sive, Doctor, cui digitus coruscet,

(b) O Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, Professor Jubilado de Oratoria no Lyceu de Coimbra.

Invocem; claris tua sive votis
Numina solvam

Stans ad aram: erga miseros benignus
Mente vives, bisque die vocabo.
Laureis, oro, videam coronis
Tempora vinctum,

Deique doctrinam in solio docentem
Audiant rubigine corda mundi;
Quot duci quondam Pylio, tibi tot
Det Pater annos.

Cum tibi rugae venient sinistrae,
Deinde pingat canities capillos,
Et senecta artus baculo gradumque
Adjuret aegrum:

Jam labanti gloria pandat iter,
Et locum virtus habet inter astra,
Tu comes Phoebo, comes ibis astris
Notus in aevum.

1857.

Franciscus a Paula Sancta-Clara.

À NOITE.

CANÇONETA.

Amo-te, ó noite
Triste e sombria,
Amo-te! és bella
Mais do que o dia.

Esse teu manto
De negras côres
É mais propicio
Aos meus amores.

À sombra d'elle
Quantas caricias,
Quantas ternuras,
Quantas delicias,
Tenho gozado,
E sinto agora,
Noite mais linda,
Que a róxa aurora.

Nas do teu seio
Mimosas flores
Aspiro, ó bella,
Dôces olores.

Meigos perfumes
 Qu'a alma dilatam...
 Que me extasiam,
 Que me arrebatam,
 Que aos céos m'elevam
 Do excelso góso,
 Além do espaço
 Vago e formoso:

Onde não ehegam
 Vistas da terra,
 E o odio e a raiva
 Não fazem guerra:

Onde os amores
 Jámais se acabam;
 Onde os prazeres
 Tudo embriagam.

Cantem do dia
 Manhã e sol,
 Da tarde amena
 Lindo arrebol,
 Brandos gorgeios
 Dos passarinhos,
 Esvoaçando
 Entre os raminhos;
 Que eu só da noite
 Casta e formosa,
 Cantarei astros,
 Lua saudosa;
 Morno silencio,
 Interrompido
 Só pelo triste
 Longo gemido
 D'ave nocturna,
 Que crusa o ar,
 Ou pelas vagas
 Do irado mar.

Amo-te, oh noite,
 Triste e sombria,
 Amo-te! és bella
 Mais do que o dia.

Ati sómente
 Darei meus cantos,
 Meus ais!.. gemidos!
 Suspiros!.. prantos!..

Severino d'Azevedo.

Janeiro de 1859.

SONETO.

Que sólo é este? Vejo além quebrados
 Florões, cimalthas, columnatas, bustos;
 Restos contemplo collossais, vetustos,
 Sem fórma já, dispersos, mutilados.

Neste deserto, pizo, amontoados,
 Jaspes, granitos, marmores adustos;
 Deoses, que sois beneficentes, justos,
 Dizei que povo teve aqui seus fados:

Será Palmira, ou Bâbylonia, ou Tyro,
 Balbek, Esparta, ou Thebas. ou Carthago
 Da morte o campo, aonde mal respiro?

Quanto mais olho, quanto mais indago,
 Sobre estas ruinas mais e mais deliro,
 Quando contemplo tão medonho estrago.
 Dr. Zagallo.

Grande calamidade portugueza no seculo xvi.

Eis vão as boas artes,
 Mimosos gomos de allumiados tempos,
 Fanar-se ao secco sopro
 Da pedante scholastica doutrina.
 Lá vai o incauto moço,
 Dar ao alfange o collo da nobreza
 Nas africanas costas.

FRANCISCO MANUEL, *Odes.*

A funesta imagem, que ligeiramente traçarem com grosseiro pincel, embora horrivel, será igualmente util aos que governam os povos, quaes as armas, que, inspirando terror, aproveitam ao soldado, que as veste.

Ainda não eram chegados os ultimos lustros do seculo xvi, que para nós tinha sido verdadeiramente d'ouro, quando o mundo todo não pôde deixar de ser expectador d'uma scena terrivel, mas ao mesmo tempo admiravel e espantosa.

A semente preciosa, que brotava acções dignas de bons reis, e o espirito de regulado heroismo, character dos nossos monarchas, passavam felizmente, como herança, aos descendentes.

O infeliz neto de D. João III, recebendo da providencia uma alma, onde a heroicidade e o talisman de todas as virtudes tinham common morada, fazia conceber generosas esperanças; mas os vermes e vís insectos, que entre nós se tinham abrigado, conseguem arrancal-o das mãos do veneravel portuguez (a), para o transformarem 'num illudido enthuasiasta.

(a) D. Aleixo de Menezes, a quem fóra contentida a educação politica do príncipe.

É verdade, que por entre o ruído dos instrumentos, que tumultuosamente se aparelhavam para abreviar a nossa ruína, soavam os altos clamores do povo e dos homens illustrados (b), que, ainda, não a tendo visto ante si, conheciam a hypocrisia pelo ar corrupto, que respirava entre os alheios ornatos da simples virtude.

Já os bons pais da patria tinham descido do throno ao tumulo, passagem terrivel! mas os seus bustos inspirariam aos vassallos a virtude bastante, se os ataques da maldade não fossem tantos e tão artificiosamente dirigidos.

Aridos desertos da Africa, não foi lá que pereceu Portugal; a córte mesmo, em roda do throno, foi o lugar, onde se representou a infeliz catastrophe!

O coração do rei elevava-se naturalmente ao heroismo: a hypocrisia e o barbaro fanatismo, que já quasi o dominavam, lhe representam inacessiveis todos os caminhos, excepto o que não devera seguir.

Os adulares ao principio vão nutrindo as idéas grandes do rei, trocando-as com o instrumento do falso zelo, para as dirigirem a deixar florecer seu nefando proposito; persuadem o espirito do principe, assim disposto, que podia ganhar o céu, fazendo-se rei de Marrocos, sem lhe lembrarem que era mais certo ir a Divindade, deixando de ser bom rei de Portugal.

O monarcha abraçou esta infeliz idéa. Falta-lhe, porém, o exercito nacional, porque os heroes, que ao agradável aceno de seus reis tinham em pouco fazer tremer os povos da Asia e da Africa; a quem eram odiosas as delicias da paz, e só agradaveis as duras campanhas; que galanteavam as damas com as cicatrices, heroicamente recebidas em serviço da patria e da religião, então surdos á voz do rei, negam-se a acompanhal-o. É que activo veneno lhes damnou os espiritos!

Rebanhou-se uma abjecta mistura de hespanhoes, allemães, italianos e flamengos: seguido d'esta gente, a quem só incitava a ambição do ouro, e não a da gloria, o rei parte em fim: no campo da batalha olha os que o seguem, e acha onze mil tumultuosos!

Tudo perece! uns victimas da sua innocencia, outros da sua imprudente adulação; estes da ambição desatinada, os mais cruelmente

sacrificados ao astucioso fanatismo; tudo se dissipa, tudo acaba

E ás garras dos leões auri-sedentos
As quinas sometidas!

F. P. Santa-Clara.

Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do n.º 14.

III.

Da fundação do Mosteiro de S. Domingos, da Ordem dos Prégadores.

No anno de 1226, o mesmo em que D. Sancho 2.º veio sitiá Elvas, tinha o Papa Honório III confirmado a regra dos Pregadores, fundada pelo grande Patriarcha S. Domingos; espalhando-se os Religiosos por diferentes partes chegaram a este Reino; um d'elles, diz-se, seguia o exercito d'El-Rei, não achamos noticia do seu nome; mas por conjecturas supponmos que se chamára fr. Estevão Mendes. Conquistada Elvas quiz este religioso retirar-se; mas havendo falta de quem doutrinasse o povo, e lhe ministrasse os sacramentos, lhe pediram que o não desamparasse. Accedeu o apostolico varão com a melhor vontade, vendo que d'este modo fazia a Deus um serviço, e escolheu para sua residencia uma serra aspera e brenhosa, em que fez um abrigo, mais semelhante á cova de fera, que a habitação humana: d'este sitio acudia todos os dias ao cumprimento de seus deveres, e as pregações d'este apostolico varão faziam não pequenos effeitos na refórma dos costumes e proveito das almas.

Por entre a serra, aonde este religioso se abrigou, e o castello da Cidade, corre um ribeiro, que já dissemos se chamára antigamente *Chinches* e hoje *Céto*; e porque, quando chovia muito, engrossava de sorte, que muitos dias impedia a passagem a este religioso, ficando os moradôres da Villa privados das suas proficuas visitas, mandaram construir uma ponte, para elle passar, a que deram o nome de *Ponte do Frade*, cujos vestigios se vêem juncto ao lagar, que foi do *Pão ralo*, actualmente propriedade do Bacharel Francisco Honório Ripado. E porque, augmentando a população era maior o trabalho de fr. Estevão, o veio coadjuvar outro religioso de igual espirito, chamado fr. Alvaro.

Viviam ambos na serra, aonde lhes manda-

(b) Bastará apontar D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, cujas cartas, dirigidas ao principe, abundam de preciosos conselhos.

ram fazer um pequeno claustro com a respectiva igreja, que dedicaram a S. Domingos, e uma cisterna, por não haver alli agoa; este logar é aonde presentemente está o Forte de Nossa Senhora da Graça, ou de Lippe, de que adiante fallaremos.

Continúa.

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 13.

XIV.

Ricardo continuando a namorar, e a ouvir sermões, toma bacharel.

O nosso bacharelado comprou os classicos bilhetinhos de visita, onde estendeu o seu nome, e foi levar um a cada lente, que lhe havia de ir ao acto; foi a casa do seu correspondente, e de mais dois lentes seus conhecidos, para lhe servirem de empenho, e com isto teria concluido essa formalidade inutil, mas do estylo — a que os estudantes chamam — andar de contumelias!.. mas o pèor foi, que Ricardo viu D. Constança, e aquella appareição produsio-lhe tal alvoroço, que lhe fez deslembrar todos os seus protestos, e, esquecido de tudo, poz-se a passear debaixo das suas janellas, sem attender a que tinha ainda de ir implorar protecção, e pedir recommendações a duas casas e bem distantes!..

Quando D. Constança se retirou para dentro, era quasi noite fechada! Eil-o ahi vae o nosso amigo á fula-fula, fazer as suas visitas, para voltar a casa, onde só então, é que se lembrou, que o esperava uma trovoadá igual á da vespera; pois havia combinado com Carlota de estarem ambos em casa ás 5 horas (e eram já bem mais de 7!).

Com effeito! ao entrar no seu quarto *catu o Carmo e a Trindade!* Tudo o que a lingua da mulher tem de incisivo, de insultante... tudo veiu á baila!.. Depois de exhalar mil imprecações contra D. Constança, por lhe querer roubar o seu amante, concluiu prometendo insultal-a em publico a primeira vez que a encontrasse. — Hei-de dar-lhe duas bofetadas 'naquella cara!.. hum!.. mette-se comigo!.. deixe estar que vem arranjada!.. hei-de-lhe arrancar aquella teia de aranha, que traz pegada na barretina para lhe cobrir o fochinho!.. deixem-a comigo!..

(*Teia de aranha* chamava Carlota ao yéu preto, que D. Constança trazia no chapéu — uso com que eu sempre vi emberrar a gente do povo: *barretina* é para a classe baixa de Coimbra o chapéu de senhora, embora o mais acatitado).

Estas imprecações, proferidas por Carlota, davam a entender a lucta que lhe fa n'alma.

O seu orgulho, ou não sei que outro sentimento, parecido com este, achára-se ferido na preferencia, que D. Constança obtinha 'nesse coração, que ella queria só para si — já se vê, porque era o thesoureiro da algibeira, e fazia larguezas em proporção com o affecto. Era um amor o mais desinteressado possível!!!.. Esta mulher, no seu mal entendido amor-proprio, queria nivelar consigo D. Constança; queria talvez mesmo elevar o affecto, que tributava a Ricardo, a ponto de confundir com elle a affeição d'essa donzella!..

Infelizmente este facto não é unico!.. Estas mulheres mil vezes suppõem, ou fingem suppór as damas de mais pura jerarchia, suas eguaes no modo de amar, mil vezes soltam eguaes ameaças, que se não chegam a cumprir, é porque um reflexo de consciencia intima, lhes faz vêr a differença das condições e o abjecto da sua posição!..

Mas de lingua não as ha mais fortes!.. Se o rapaz com quem estão, começa a ter um namoro ou falla em casar, ellas logo se põem em campo contra a sua *rival*, chegando até a lembrar ao seu amante os fortes *direitos* que tem á sua mão!!!!..

Fatal confusão do espirito com a materia!! Repetir-vos, que houveram as mesmas scenas da vespera, fôra ocioso. Sómente Ricardo, um pouco mais paciente agora do que então, ouviu imperturbavel aquelle sermão, que concluia sempre com a formula costumada, que, visto dar preferencia á outra, fosse a ella pedir as concessões, que o seu amor espontaneamente lhe offerencia!.. Ainda uma fatal aberração do espirito d'estas mulheres paristas de todos os sentimentos nobres!.. ainda a confusão do espirito com a materia!.. Como porém não houve reacção, como o seu amor se dirigia á algibeira por intermedio do coração (se do coração era — o que eu não creio) Carlota lembrada do dinheiro recém-chegado, da novissima posse das suas botinhas de elasticos e da promessa de um vestido de caça, proprio para a estação, asserenou a tempestade do seu espirito, ou antes, da sua lingua, e a tranquillidade restabeleceu-se!..

É ainda um ponto, que eu offereço em discussão aos profundos pensadores! Estas mulheres sentem verdadeiramente ou fingem? Illudem-se quando se julgam eguaes ás outras mulheres, quando se atrevem a proferir — amor — sem temerem profanar esta palavra, illudem-se, digo, ou por um descaro torpe, tentam deprimir os sentimentos nobres, já que não podem enobrecer os seus?..

No outro dia, Ricardo levantou-se cedo, foi tirar ponto, estudou, não estudou, dormiu, fumou, e assim viu escoar o enorme espaço de dois dias de verão, com que os legisladores brindaram os da faculdade de direito para estudarem um ponto!..

No dia 22 de julho de 185., fazia o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim o seu acto do quarto anno, e, concluido elle, tomava o seu gráu de bacharel, recebendo com a borla na cabeça a benção do presidente, e subindo depois á cadeira magistral para agradecer a todos com a solemne formula *Restat nunc mihi agere gratias*... E por este facto ficou o nosso heroe livre das massadas do quarto anno com direito a matricular-se no quinto e por conseguinte a usar pasta, coisa de especial furor no principio do anno. A. M. da Cunha-Bellem.

Continúa.

Theatro academico.

Tivemos no dia 19 a primeira recita ordinaria do corrente anno, indo á scena as comedias — *o thio André que vem do Brasil* — e — *eu sem casaca!*

O espectáculo correu com toda a regularidade, e podemos certamente afirmar, que fôra o melhor, que 'nestes ultimos tempos tem havido 'naquella casa tão cheia de antigas e gratas recordações, e que hoje infelizmente ia definhando a olhos vistos.

Congratulamo-nos com todos os actores, que tanto do coração se esmeraram para o bom desempenho, e asseguramos que souberam fazer gozar aos espectadores uma noite summamente agradável.

Julgámos digno de especial menção o sr. Par... , a quem, sem duvida, pertenceram as honras da noite, mostrando comprehender perfeitamente o character, que se proposera desempenhar.

O sr. Paes Villas-Boas distinguuiu-se muito na parte que lhe coube, attraíndo as sympathias dos espectadores: damos-lhe os parabens pelo seu debute.

Continuem assim, e o theatro academico recuperará o seu antigo esplendor. V.

Enigma typographico.

NI AL BI.

atu @ 00 tod H LA
 David adopo 8 V a Ican S.
 Cuj AA (¹)(²) µ ther VEM ofre E
 I 100 tir inda + do C q 0dir

EE C U r r y y M oo KL irá
 Kant A x en L vomeu Gn ~
 O * O mort ai! ai! ai! fada ANA

a a a a a a a a
 a a a a a a a a
 D ◀ am ▶ M & 10'

K µher K RAZÃO Nos 10a'

E sil φ D R q I ZOSNOS u u u u u u u u

An j l v v QNós LX
 PRO ppp O minor ARA no A †

M AA = C - ence ✓ en TO

G cora U ção E A cru X D em
 ± en TÃO : : : : C a M

QA TÃO poder ã's x alguem.
 A. M. da Cunha-Bellem.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 17

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { F. P. Santa-Clara

Correspondência de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 " .

1859 — FEVEREIRO — I

O EGOISMO.

«L'égoïste trop souvent confondu avec l'amour-propre, n'est que l'exageration vicieuse de ce principe moral en soi-même; de ce sentiment le plus naturel au cœur de l'homme, où Dieu l'a placé lui-même comme la sauvegarde de notre conservation...

L'égoïste complet est l'ennemi radical de tous ses semblables; et c'est de lui surtout que l'Écriture a eu raison de dire: *Le méchant sera seul!*...

M. VILLARD.

Contrario á sublime virtude da caridade e ao amor da patria, o egoismo despreza os soffrimentos e interesses da humanidade; calando o cumprimento dos deveres, que a voz do Eterno no alto do Sinai legislara aos povos, de amor e sacrificio, que constituem uma poderosa condição da futura felicidade, degrada o rei da criação da sua grandeza, e o arrasta á classe dos seres irracionais.

A despeito dos preceitos da natureza, o egoista vive só comsigo, e só para si; qual a planta parasitica, que, criando-se no tronco da arvore, lhe rouba a substancia sem retribuição, assim incommoda a sociedade, regida pela lei dos reciprocos deveres.

Vergando ao pêso do interesse individual, sua fria razão desconhece os sentimentos generosos, e mancha as acções nobres sob as vestes da hypocrisia; e, se ostenta, ás vezes, doer-se da alheia desgraça

e promover o bem geral, é que ás suas concessões mesquinhas e calculadas procura desproporcionada retribuição, ou seu unico e amado proposito será occultar os vicios proprios, dando-lhes a côr de ficticias virtudes.

Este vicio, apoiado em preceitos parece elevar-se, na epocha actual, á cathegoria de sciencia, que investiga os principios do proveito proprio, sacrificando o bem da humanidade.

Neste sentido é necessario concedamos ao egoista certa habilidade, capaz de attraír a affeição dos homens, cujo odio a tes merecera; de ganhar por illusões confiança dos sinceros, e a condescendencia dos menos avisados. Tal systema, suppondo um estudo profundo do mundo e motivos secretos, que movem as acções, compete ao homem experimentado, que, sob seductora mascara, veste armas terriveis; assim é a serpente, que, entre as flores aljofradas, guarda adrede o veneno.

Nem sempre se deriva o egoismo d'um calculo combinado, pois as disposições e insufficiencia do espirito o produzem igualmente. Então reveste-se d'um character material, que se appresenta despido de precaução, qual o açor, que, atravez do ar, publicamente persegue a avesinha.

Não encontraremos o egoista na casa do pobre, no asylo da desgraça ou apar do leito do moribundo, pois estes afflictivos quadros o perturbariam! mentira, é que sua fria indiferença lhe cerrou os ouvidos

aos gritos da dôr, e apartou a vista do espectaculo das miserias, que o menor beneficio da sua parte poderá alliviar.

Funesto á sociedade pelos males, que lhe provoca, e que longo fôra enumerar, só poderemos reprimir o egoismo, inspirando o amor de Deus e dos principios eternos da philosophia e da moral.

A humanidade afflicta, recebendo lenitivo nos palacios dos poderosos, tornaria a ouvir sinceras palavras de consolação:

Haud ignara mali miseris succurrere disco.

Infelizmente o mal invade a sociedade com forças taes, que esta parece ceder á sua ruina inevitavel; e, se não tivéssemos fé no auxilio do Todo-Poderoso, se não pensássemos que a cruz, arvorada no cume do Golgotha, e que brilha sobre todas as nações christãs, devêra protegê-las e conservá-las, crêramos a aproximação das grandes catastrophes, que afugentaram a civilisação do antigo mundo, submergindo-o nas espessas trevas da ignorancia.

F. P. Santa-Clara.

Os romances.

Os romances exaltam a cabeça e arrefocem o coração.

Sr. BASTOS, Pensamentos.

Quando a humanidade vivia resumida nas primeiras sociedades, que antecederam as nações, a sciencia e sabedoria eram synonymos. O sabio era o prudente. Com a multiplicação da especie correu parallela a desenvolução do sentimento, que se elevou e deificou-se a despeito da razão, que condemna no tribunal da consciencia a faculdade que se excede, deteriorando o destino humano.

Em seguida os vicios, os defeitos, as attribuições e as paixões, foram desnaturando o homem, e traçaram o plano sobre que elle pôde originar uma vida facticia, indigna e degradante.

Appareceu o romance, que, confiado na altivez do seu destino anti-scientifico, tem penetrado incolume atravez do tempo, acalentando-se nos espiritos debeis e inuteis; espargindo em redor de si a dissolução; causando desalento aos imprevidentes, fé infundada aos

ineptos, vacillancia aos flexiveis, e inoculando na geração da actualidade o veneno, que a arvore genealogica irá substancialisar nos seus derradeiros fructos. É uma tradição, que arruina e destróe, á medida que se desenvolve e estende.

O romance põe em relevo a sociedade no que tem de mais asqueroso, quando elle é uma-verdade-mentira; descreve ou define o producto excentrico de algum sonhador sem dormir, quando é uma simples mentira. No primeiro caso é um insulto ao preterito, que é a sociedade morta, mas d'onde renascemos; no segundo importa ao mundo positivo, no qual só pôde viver-se uma individualidade imaginaria, que inquieta e subtráe o tempo ás occupações uteis do homem-social.

O romance, que expõe a verdade-mentira, parto monstruoso dos Horacios do tempo, colhe-se na superficie da sociedade, tanto nas paixões sublimes, como criminosas, na exaggeração inverosimil das qualidades moraes, no progresso lento e desanimado d'uma sociedade sem energia, no fumo d'uma revolução sanguinaria, nos personagens mais injustos e cruéis que ahí figuram, e 'nesses desenlaces da natureza moral, que só a penna d'um profundo philosopho, pôde explicar razoavelmente. O romance, assim, adultéra a verdade, não pôde ser util. Mas que dizer dos romances, que são puras mentiras? Estes, além de enganar os inexperientes, lesam-os.

Divide-se a idade do homem em trez partes: uma até aos dezoito annos, outra d'ahi até aos trinta, outra d'ahi até ao seu termo.

Na primeira o romance impede o estudo util, e converte o que o lê 'numa especie de indifferença por tudo, que interessa o seu futuro e o dos seus concidadãos; na segunda é elle incompetente para o cidadão digno d'este nome, que não menospresa o seu nobre destino em auxiliar o progresso da sociedade em tudo que estiver ao seu alcance, mas que não pôde extrair do romance; na terceira o romance é irrisorio. Que diria qualquer pessoa sisuda, que visse fixada a debil vista d'um velho caduco sobre as paginas voluptuosas d'um romance? Seria crel-o no pensamento de renascer 'numa vida mimosa, que os romances lhe coadjuvaram a deturpar.

As mulheres ledoras de romances deram o primeiro passo para um materialismo indesculpavel. Falle a experiencia, já que a theoria guarda profundo silencio.

J. M. Cabral e Castro.

Era na infancia!..

II.

Escolha dos leitores.

Recordo-me então de tudo
Que passei na meninice
N'aquelles felizes tempos
De candura e de ledice.

PALMEIRIM.

Qual ha de vós, que não tenha mil vezes experimentado o insaciavel desejo de se transportar aos annos da sua meninice?.. qual é o que em horas de soffrer, não tem lembrado com amargura os tempos em que, no prado, brincava descuidoso, ou no vergel, corria após de esmaltada borboleta?.. quem é que não tem gozado um gozo infindo, ao reproduzir na imaginação as scenas, que mais inefaveis se lhe gravaram na memoria, ou aquellas, que mais despertaram a sua infantil curiosidade? Se alguém ha ahí, que engolphado em material gozar, possa dizer, « eu vivo só do presente » esse que não leia as linhas, que aqui traço, porque de certo me não comprehendirá!..

É tão doce recordar o passado! é tão delectoso, e ao mesmo tempo tão amargo, o dizer no fim de cada grata recordação «Era na infancia» que esta só palavra parece desterrar todas as agruras d'esse positivismo, com que o presente nos algema o coração... com que a actualidade nos agrilhoa o espirito!..

Não sou eu dos que mais creio na saudade do tempo que passou: o viajero, que caminha açodado, não é no meio da jornada, quando mais esperauça ella nos promete, que deseja voltar de novo ao ponto de partida, mórmente se para novamente seguir o mesmo trilho, houvesse de luctar com os mesmos escolhos, que a vez primeira encontrou!.. Não!.. não é a saudade, não é o desejo de volver á infancia, que nos faz gozar o voluptuoso deleite de recordar o tempo dos folguedos, entre os quaes nos desabrocha a flor da mocidade! não é para a creança, que a disfruta, que a infancia tem encantos!.. é para o homem, que a recorda... e, se ás vezes um vislumbre de saudade parece envenenar essa grata recordação, não é de certo o desejo de volver brincarmos nas campinas, mas sim o empenho de sacudir o pesado jugo dos cuidados, que n'alma o pesado desperta... nem poderamos nós, engolphados nas ambições do futuro, recordar com saudade esses primeiros dias da vida, se elles

tão risonhos são pela indiferença, tão ricos pela falta de ambição!..

Este sentimento, que nos arrasta, quer d'entre os espinhos do soffrer, quer d'entre as rozas do gozar, para a doce recordação da aurora da existencia, este sentimento suave e delectoso, quem ha ahí que o não tenha experimentado?

Não és tu, homem dos calculos, que me dirás que então não tinhas vida por não conhecer a cifra; não és tu, sectario de Epicuro, que me respondes, que então não conhecias o prazer; não és tu, proselyto do Estoicismo, que me dizes, que então não gozavas dos gozos da austeridade... não sois vós que eu ora chamo para me comprehender!..

É a ti, homem, que vives com o espirito, e pensas com o coração, é a ti, que, nas horas da amargura, te não vais refugiar entre as cifras, no regaço do prazer ou nos braços da austeridade, mas que buscas lenitivo ao veneno, que, sobre o teu existir, o presente distilla gotta a gotta, nas gratas recordações do teu passado... é a ti, que te vingas do que a vida actual tem de soffrimento acerbo, rematando cada lembrança da preterita ventura com a doce expressão, «era na infancia!..»

Vem tu, amigo meu e companheiro no soffrer e no resignar, vem e escuta a minha narrativa...

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

SONETO.

É negra a noite, e o céo relampejando
Excita medo, a quem o medo ignora;
O pio crente 'neste instante implóra
Deus, que lhe valha, o mal suavizando:

De espessas trévas sempre scintilando
Rodeado o homem trémulo descóra;
Só o trovão, o susto não minóra,
Vai-se a força vital paralizzando.

Nuvem de fogo na celeste esphera
Despede o raio de rigor profundo,
Que tudo arrasa, tudo dilacera:

Na frente d'este quadro tremebundo
Victimas do terror que em nós se gera,
Oh! vamos ver desmoronar-se o mundo.

Dr. Zagallo.

A folha secca.

A la feuille des bois, que dessécha l'automne,
 et qu'emportent les vents,
 Dit-on de revenir?..

M.elle PAULINE FLAUGERGURS.

Triste florinha mirrada,
 Imagem do meu viver,
 Bem retratas minha vida,
 Bem exprimes meu soffrer!..

Dize-me, triste florinha,
 Quem teu viço te murchou,
 Das mil vidas que vivias
 Quem todas mil te roubou!..

Oh! vem dizer-me em segredo,
 Linda folha, meu amor,
 Dos orvalhos matutinos
 Quem te roubou o frescor.

Mas não vens!.. e ao longe em breve
 Te ha de o tufão arrojear...
 — Como eu tambem irei longe
 Nas azas do meu pensar!..

Porém lá mesmo distante,
 Imagem do meu soffrer,
 Comparte comigo as magoas,
 Que eu de magoas sei viver!... D.

NO ALBUM DO ILL.^{mo} SR. JOAQUIM D'ARAÚJO
 JUZARTE.

Como essas nuvens que em formoso dia
 Com manto escuro vem o sol cubrir,
 Assim meus versos vão cercar de lucto
 Da flor, dos cantos o gentil sorrir.

Vão, que em teu livro a poesia envolve
 Magicos gozos, seductor prazer,
 Hoje minh'alma na saudade immersa
 Só pôde em prantos sua dôr verter.

Tu que bebendo de Minerva o leite,
 Distante sempre do teu berço q'rido,
 Mesmo sorrindo-te Coimbra bella,
 Não tens saudades bem crucis sentido?!

Hoje que deixas a mansão das letras,
 Onde c'roado foi o teu saber,
 Deixando amigos com quem tu folgaste,
 Voltando á terra que te viu nascer,

Poeta, não sentes a saudade amarga
 Vir acolher-se no teu coração?
 Sentes, que a rosa, se a colhes linda,
 Logo os espinhos vem ferir-te a mão!

Assim é tudo, que no mundo tem gozo,
 Vem sem piedade desfolhal-o a dor:
 Qual iracundo do tufão o sopro,
 Que em terra prostra a innocente flor.

Já que desejas no teu album 'scrito
 Um pobre nome, um saudoso canto,
 Peço que o leias ao deixar Coimbra,
 Talvez mitigue teu acerbo pranto.

Coimbra, 10 de Julho de 1837. Amelia Janny.

Folha cahida.

NO ALBUM DO MEU EXCELLENTE AMIGO, J. A. F. VEIGA

Arida palma
 Tem seu licor;
 Tem, como a alma
 Tem seu amor:
 Tem, como a hera
 Tem seu abril;
 Tem, como a fera
 Tem seu covil.

Lá tem a planta,
 Que o sol queimou,
 Lagrima santa
 Que a orvalhou;
 E o passarinho,
 Que hontem nasceu,
 Lá tem seu ninho
 Que a mãe lhe deu.

Só eu na magoa
 Do meu penar
 Sou como a agoa
 Que anda no mar;
 Sou como a onda,
 Que em busca vem,
 D'onde se esconda,
 E onde, não tem!

Folha revolta
 Que anda no chão,
 Lagrima solta
 Do coração;
 Folha colhida
 Folha sem flor,

Folha caída
Do meu amor!

E a lua desce,
E ao seu clarão
A magoa cresce
No coração.
Cresce e de magoa
Pedi, meu Deus!
Um pingo d'agoa
Dos olhos teus!

E a lua desce
E ao seu clarão
A magoa cresce
No coração.
Cresce que o pranto
D'esse bom Pae
Cáe em seu manto...
Do céu não cáe!

E a lua desce
E ao seu clarão
A magoa cresce
No coração.
Cresce e de magoa
Pedi, Senhor!
Um pingo da agoa
Que orvalha a flor!

E a lua desce
E ao seu clarão
A magoa cresce
No coração.
Cresce que o lyrio
Branco do val
Não tem martyrio
Nem sede igual...

Lagrima sua
Vendo ao clarão
Froixo da lua
No coração,
Cáe-me dos olhos
Em pranto a dor,
Como de abrolhos
Nasce uma flor!

E a lua desce
E ao seu clarão
A dor desfez-se
No coração:
Desfez-se a magoa,
Desfez-se a dor
'Num pingo d'agoa
Do meu amor!

J. Deus.

O encanto!

À EX.^{ma} SR.^a D. J. N. F. N.

Como encanta a linda flor,
Que desmaia e perde a cor,
Quando a toca mão impura;
Como encanta a madrugada,
Quando vem toda orvalhada,
Espargindo alma frescura.

Como tem mágico encanto,
Vêr da noite o negro manto,
De brilhantes recamado;
E depois vêr no horizonte
Despontando sobre o monte,
Da noite o astro adorado.

Como encanta o pôr do sol,
E o trinar do rouxinol,
E a brisa, que vem do mar,
E a verdura das campinas,
E das agoas crystallinas
O seu terno murmurar:

Assim me encantas, meu anjo,
Mulher... virgem... fada... archanjo,
Ente aereo... vaporoso!
Que me baixaste do céu,
Envolvido em branco véu,
Como um ser mysterioso.

Tu vieste, flor mimosa,
Como visão vaporosa,
Despertar-me a poesia;
Tu vieste ao trovador,
Inspirar hymnos de amor,
Dar-lh'a divina harmonia.

As cordas da minha lyra,
Que só tristes sons suspira,
Tu me vieste afinar;
Tu lhe déste a melodia,
A ternura... a phantasia,
Que amor só pôde inspirar.

Recebe pois este canto
De quem te ama tanto... tanto,
Quanto um peito pôde amar;
De quem põe a sua esperança
'Num sorriso de bonança
Que teus labios podem dar.

Janeyro de 1858. Francisco de Sá Albercaria.

Ligação entre a philosophia e as outras sciencias.

A razão, corroborada pela experiencia e testemunho dos sabios, leva-nos a crer que a ordem, por que começaram a proceder os conhecimentos humanos, e que os elevou ao gráu de incremento e admiravel perfeição, em que os achamos, foi practica, arte e sciencia.

Começaram os homens a applicar sua actividade aos differentes objectos, que os cercavam, e por meio de repetidos esforços conseguiram amoldal-os á satisfação das suas necessidades, servindo-se d'elles, como condição para a sua existencia.

Foi este trabalho meramente material, a intelligencia humana induziu o homem a tirar da observação e experiencia algumas regras, que formuladas devêra tomal-as como norma, quando precisasse dedicar-se a identicos trabalhos: assim despontou a arte, que consiste nos preceitos e regras, pelas quaes alguma cousa se pôde fazer.

Este trabalho, tão pouco elevado, não satisfazia o espirito humano, cujas ambições e desejos se estendiam muito além; raiou portanto nos humanos espiritos a sublime idéa de sciencia, que investigou o *porque* das cousas, fundando-se nas regras, que a arte lhe subministrava.

Chegados a este ponto, os conhecimentos humanos começaram a ser usados na ordem inversa para o ensino dos differentes ramos, que constituem o saber da humanidade, pois este meio tem sido julgado mais conveniente para a profusão das sãs e boas idéas.

Não deve porém ser ensinada a sciencia em abstracto, deve ter a observação e arte por fundamento, pois d'estas procede, aliás seria edificada sobre meras hypotheses sem solidez e realidade, e cairiamos no systema dogmatico, ou no racionalismo de Pythagoras e Platão; não deve tambem explicar as regras sem ordem, methodo e nexo, aliás remontávamos ao empirismo de Thales de Mileto e Aristoteles; e a sciencia, embrenhada em investigações meramente especulativas, não prestaria os bens e utilidades, de que o homem carece, bem como a gotta d'agoa, que precipitada sobre a esteril aréa é por ella immediatamente absorvida sem augmentar a producção agricola. Deve porém, tomando por base a practica, subtrair da investigação dos factos observados a verdadeira conclusão.

Taibner de Moraes.

Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do n.º 16.

Desejosos os moradores d'Elvas de terem os Religiosos mais perto de si, os persuadiram a acceitar uma doação, que Estevam Marlins e sua mulher Maria Pires lhes offereciam d'um chão, que possuíam perto da Villa, para 'nelle edificarem convento.

Estimavam os Religiosos mais a solidão da serra do que o povoado da Villa; todavia annuiram ás instancias que lhes fizeram, e intentaram construir 'neste terreno o seu convento; porque não ficava tão perto da Villa como seus moradores desejavam, pediram a Estevam Gonçalves, Reitor da Hermida de Nossa Senhora dos Martyres, de que já fallamos, que cedesse a egreja e terras aos dous Religiosos, para fundarem o convento, o que o dicto Reitor, nada apegado aos bens do Mundo, para gloria de Deus, e em prol da Religião dos Pregadores, promptamente fez; e, porque era collocado na Reitoria, nas mãos do Bispo d'Evora Durão fez deicção d'ella no anno de 1267, passando-se provisão de doação aos dictos frades.

El-Rei mandou dar o risco para o convento, e os Religiosos entraram na obra com mais animo, que meios; pois não tinham outros, mais que os de esmolal, que não sendo bastantes, procuraram valer-se do bispo de Badajoz, para que os seus diocesanos tambem os ajudassem, o que este bispo lhes concedeu, passando-lhes provisão. Edificado, finalmente, o convento, residiram 'nelle frades de muitas letras e conhecida virtude.

É este templo do extincto convento de S. Domingos o mais espaçoso que tem Elvas; tem treze capellas, muitas de fino marmore, outras de talha; conserva-se com decencia e muito aceio, graças ao zelo e cuidados das Mezas da Confraria de Nossa Senhora do Rosario, e da Ordem terceira do mesmo Patriarcha, cujo é o convento.

A cruz, imagem do Sancto, que é collossal, e de pedra, e uma parte do frontispicio, é que foram derribados por uma faisca electrica na tarde do dia 28 de Junho de 1858.

Os claustros e cerca, occupados pelo segundo regimento d'Artilheria, estão tanto, ou mais bem conservados, como em tempo dos Religiosos.

Continúa.

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 16.

xv.

Duas cartas e mais uma.

Ricardo chegou a sua casa, alegre e satisfeito da sua nova posição social. Nos dois dias de ponto não tinha podido safr, e por isso não vira D. Constança; Carlota portanto estava socegada!.. e assim festejou o gráu de bacharel do seu amante com um prato de arroz doce sem ovos, coisa detestavel, que em Coimbra se chama arroz de leite: este (Ricardo e não o arroz) mandou vir uma garrafa de vinho do Porto, que nem da Bairrada era, mas que emfim tinha a etiqueta de Porto, e pagara-a por bom... e d'este modo contentes e descuidados se puzeram á meza, jantaram, cavaquearam, Ricardo fumou o seu charuto, e Carlota mandou vir café do botequim. Aquelle dia corria ás mil maravilhas!.. Havia porém um biquito, que rofa na imaginação do nosso amigo!.. elle tinha de saír a agradecer aos seus examinadores, e portanto de fr á rua de D. Constança!.. Se se demorava era o diabo!.. estava o caldo todo entornado!.. e, para voltar logo para casa, o nosso amigo não achava em si força sufficiente para fazer tal desfeita a D. Constança, que era provavel estar á janella, e que elle, de mais a mais, não via ha dois dias.

Estava Ricardo 'nestas torturas, quando o carteiro se fez annunciar no meio da escada: como elle, porém, não esperava dinheiro, não se commoveu muito com a chegada do correio; mas, como tambem não esperava que alguem lhe escrevesse 'naquella occasião, incitado pela curiosidade, foi receber as cartas.

Oh! espanto!.. nenhuma d'ellas era de sua familia, e todavia as letras do sobrescripto eram-lhe bem conhecidas!..

A carta, que primeiro abriu, era de Adelaide!.. — Era esta uma menina d'uma familia muito da intimidade da sua, e com a qual elle tinha brincado em pequeno, com quem tinha andado na mestra, e que depois, crescendo, se tornou linda de encantos, e tão linda, que o bom do nosso rapazinho não lhe havia podido resistir, e começára a sentir no coração uns certos formigueiros, prodromo certo do primeiro accesso de amor; o mais

intenso, o mais puro, e mesmo talvez o mais duravel; pois *quem bem ama tarde esquece!*..

Ricardo havia feito as suas declarações antes de vir para Coimbra! As familias, que suspeitaram a coisa, approvaram-a, especialmente o pai de Adelaide, que, estando em más circumstancias, achava ser um bello partido para sua filha um rapaz formado em Direito, bom moço, e de quem a sua Adelaide gostava desde pequena. Ora a tal menina, que havia mais de trez mezes, que não tinha cartas do seu amigo de infancia, escrevia-lhe agora, lamentando a sua ingratitude, e fazendo essa lamuria, que as mulheres costumam fazer em eguaes occasiões. Ricardo estava sensibilizado! achava razão á pobre Adelaide, á sua companheira dos primeiros folguedos! Elle tinha sido ingrato!.. engolphado no gozo d'esse affecto sensual, affecto hybrid, que desgraçadamente absorve mil vezes todos os outros; elle tinha esquecido a affeição pura e singella, nascida no berço, e confessada á donzella timida ainda com o balbuciar da infancia!..

Mas agora, que o seu coração estava desentorpecido d'esse lethargo sensual pela admiração, que D. Constança lhe tinha despertado, aquella carta produziu-lhe um effeito magnetico! Todas as recordações da sua infancia se lhe pintaram com as mais vivas côres! Ricardo esquecêra Carlota, esquecêra D. Constança, esquecêra tudo!..

Abriu depois a outra carta. Era de Carlos, o filho do seu visinho, e seu companheiro na eschola, que lhe noticiava, que, melhorando seu pai sensivelmente de fortuna, se resolvêra a vir para Coimbra e formar-se tambem em Direito; e que por isso o esperasse por toda aquella semana. A alma de Ricardo estava muito impressionada para receber aquella noticia com excessivo jubilo. Dobrou as cartas e dispoz-se a safr.

Carlota, até alli muda expectadora, perguntou-lhe:

— Então! de quem são essas cartas?

— Uma é de um caloiro, que ahi me vem, replicou Ricardo com hesitação.

— E a outra?.. retorquiu Carlota com visível anxiedade!..

— A outra... é... é... de minha mãe, que me diz, que vá quanto antes para Lisboa — disse elle córando.

— Não quero! — retrocou Carlota, são estas as tuas ultimas ferias!.. mas de passal-as comigo!.. quem sabe se me deixarás depois de formado?

Ricardo preferiu mentir a turbar o prazer, que em si mesmo gozava, e por isso respondeu:

— Socega! que tudo se ha de arranjar!..

Apasiguada pois com tal promessa, consentiu, que o seu amante saísse em boa paz a cumprir os deveres de civilidade e do costume academico — de deixar um bilhete a cada um dos lentes, que lhe foram ao acto.

Ricardo saiu.

O que porém o nosso leitor não sabe, nem nós lh'o temos podido revelar, com medo da sr.^a Carlota, é que Ricardo Pereira de Aboim, no dia em que saíra antes do seu acto, havia tido o inqualificavel arrojo de dirigir, 'numa carta toda perfumada e almiscarada, as mais ternas expressões á sr.^a D. Constança, mandando-lhe entregar esta carta por uma velha, que outr'ora fôra sua servente, e que era mãe da criada particular da sua bella. Ora, criada de quarto nova, e ama nova e bonita, não têm segredos possíveis uma para a outra em factos de namoro; e além d'isso a boa da cachopa tinha muito amor e muita obediencia á sua respeitavel mãe, para deixar de cumprir uma ordem sua, de que de mais a mais lhe provinha o modesto lucro de um *ganso*!.. Lucinda por bella, era uma rapariga estimavel...

Agora, que estamos no meio da rua, livres dos ralhos impertinentes de Carlota, vamos aqui pôr tudo em pratos limpos!..

Ricardo — em abono da verdade — era um excellent moço!.. Gostava de D. Constança, porque a sua belleza peregrina e melancolica o fascinára; mas esse sentimento, não fecundado com a seiva de um verdadeiro amor, não acalorado pelo sol vivificante da sincera paixão, tivera uma vegetação estudada e ephemera no peito do nosso amigo, e emmurcheia quando a sombra de dois dias de ausencia, lhe offuscava a luz, que o deslumbrava. 'Naquelle occasião, Ricardo, se se não lembrasse de Adelaide, pensaria exclusivamente em Carlota, e nem um cantinho no coração, nem sequer a auricula esquerda, conservada para a pobre D. Constança, que pelo seu lado tambem, nem em auricula, nem em ventriculo, tinha logar algum, reservado para o nosso heroe!.. Era uma gentil borboleta! — como diria um poeta de eschola romantica, palpitante de creanças desfolhadas, e com o craneo recheado de pensamentos sublimes, mas safados pelo uso!..

Continúa..

A. M. da Cunha Bellem.

Theatro Academico.

Deu-se a representação da comedia-drama, em trez actos, *A Missão*, e comedia 'num acto, *Uma actriz no tempo de Luiz XIV.*

Na *Missão* estreou-se o sr. M. J. Vieira, que bem mereceu dos espectadores, alcançando as honras da noite. Tirando conveniente partido das vantagens, que o seu papel lhe prestava; além d'outros dotes, valendo-se da sua agradável presença e metal de voz doce e sonora, grangeou as sympathias geraes, exuberantemente interpretadas por palmas e applausos repetidos.

Sempre feliz, ao fechar o 3.^o acto elevou-se tão naturalmente ao sublime e pathetico, que em remuneração só Thalia lhe tecera condigna corôa.

O pano desceu entre freneticas demonstrações de applauso, e o sr. Vieira recebeu uma ovação completa. Damos-lhe os nossos sinceros parabens, e fazemos votos nos proporcione muitas noites agradaveis.

Na *Actriz*, cujo desempenho antecederá indevidamente a *Missão*, mereceu geral approvação o sr. Valle, que saíu victorioso das difficuldades do seu papel. Recordou-nos uma bella noite, que, ha annos, gosámos 'neste theatro, representando equal papel um dos mais distinctos actores, que têm pisado o palco academico.

O sr. Barbosa solidificou a sua reputação, desempenhando magistralmente o seu caracter, e o sr. Valladas Mascarenhas manifestou muita capacidade dramatica.

O spectaculo correu regularmente, e todos os actores, traduzindo fielmente os typos que representavam, alcançaram successo correspondente aos seus desejos. Eguamente agradeu a bella orchestra academica, habilmente dirigida pelo sr. José Veiga.

Congratulamo-nos devéras com todos os academicos, que prezam o seu theatro, e pedimos-lhes a continuação dos seus serviços, para que os esforços da direcção proba e diligente, que por felicidade rege esta casa, não sejam baldados. Assim temos fé o theatro recuperará o seu antigo esplendor.

AGRADECIMENTO.

Recebemos um novo jornal a — *Gazeta Medica do Porto* — que agradecemos, e recomendamos-lo aos amantes da sciencia medica.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 18

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 °

1859 — FEVEREIRO — 15

O FUNDAMENTO DO MATRIMONIO À LUZ DA PHILOSOPHIA.

Uma das importantes características da humanidade, é a fôrma especial da sua propagação, fixada pela razão, mas desenvolvida atravez dos tempos, como todas as instituições naturaes, em que se reflecte a luz da civilisação, e que são susceptíveis do aperfeiçoamento da mão do homem.

É factó averiguado, que todos os animaes brutos, preenchem as funcções prolicativas com bom successo, e que o mesmo homem das florestas, selvagem ou antropophago, sem consorcio solemne, sem preliminares ante-nupciaes, concorre da sua parte com o contingente proporcional para a propagação da especie. Por outro lado, o homem civil, educado e instruido nas theorias da sciencia, perde mais e propaga menos, porque consomme uma parte das forças genitae nas voluptuosidades, que se criam no vão da civilisação mal comprehendida. Não sabemos, que ao primeiro homem, patriarcha da especie humana, se desse uma causa, que se denomina, em Esthetica, amor; mas sabemos, que elle requisitaria companhia ao Creador, que, tendo-lhe dado uma natureza social, esperava o exercicio do primeiro direito, como se d'este modo lhe quizera ensinar a humildade da petição. Deus cedeu ao pedido de Adão, e Eva, extrahida e formada, não sabemos como, do seu corpo e, talvez, alma, foi o primeiro ente, em que transluziu a

idéa de sociabilidade. Adão, diz a historia, admirou Eva, e esta admiração devia provir certamente de não comprehender, que um ser tão perfeito descendesse d'elle por um modo, que nunca mais se realisou, não obstante ter-se sentido muitas vezes a necessidade de reformar o sexo-bello. Ora a admiração está tão longe do amor, como a comprehensão do objecto admirado; todavia Adão foi pai, e Eva mãe, e os seus filhos eram legitimos. É verdade, que este consorcio seria excepcional, e então dispensava o fundamento do amor. O fundamento é uma cousa, que cimenta a existencia de outra, em quanto esta existir; aquelle dá-se por força das cousas, ou em virtude da acção de uma lei necessaria. Isto posto, sendo o amor o fundamento do matrimonio, deixará este de existir, logo que os conjuges se odeiem, o que desgraçadamente acontece muitas vezes; mas os moralistas e philosophos-theologos, defendendo tal fundamento, dizem o matrimonio indissolúvel *quoad vinculum*, no que são indubitavelmente inconsequentes; pois a indissolução *quoad vinculum* equival á completa indissolução, por ficarem presos os conjuges, ou collocados 'num estado de horrenda restricção, que lhes impossibilita a paternidade inequivoca e legal. Demais, se o amor é o fundamento do matrimonio, onde está a validade dos casamentos de conveniencia, que, hoje principalmente, orçam a cem sobre cinco? Como é que um velho rachitico, que tudo sentirá menos o

ogo de Juno, pôde contrahir validamente o matrimonio? O matrimonio, impropriamente assim chamado, tem um outro fundamento muito diverso de um sentimento, que apparece e desaparece como o relampago.

Uma sociedade, que a natureza exige durar ao menos cinco annos, tempo indispensavel para a infancia, que os sós cuidados da mãe não são sufficientes para administrar, não acha, nem pôde achar fundamento num principio fluctuante, que se some e aniquila no vago d'uma impressão.

Se, pelo contrario, nós lançarmos um golpe de vista por sobre o plano da criação, e admittirmos, que o matrimonio civil é um meio decente de propagar a especie, ou de se unirem duas pessoas de differente sexo, o de se manter uma communião physica e moral de toda a vida, encontraremos um fundamento mais plausivel para a sociedade conjugal — a necessidade de propagar a especie ou de manter uma communião physica e moral.

Para todos os consorcios, em que entram pessoas capazes de propagação, temos a primeira parte; para as outras, a que faltar tal capacidade, serve a segunda. Assim todo o mundo pôde contrahir o matrimonio, com tanto que não obstem os impedimentos legaes, e contrahil-o com um fundamento, que sempre se dá, exceptuando os casos de desvarios pessoases, que não podem modificar o principio. Em conformidade do que levamos ditò, a doutrina sobre o consorcio ou união de duas pessoas de sexo differente, resume-se na necessidade da propagação, ou communião (fundamento ou principio); no contracto nupcial (meio); e na propagação, ou communião (fim).

Convém notar, que havendo propagação da especie, ha tambem communião, condição indispensavel áquella; mas que pôde haver communião sem propagação, como acontece quando um dos conjuges é estéril e guarda fidelidade conjugal ao outro.

É assim que, supposto indissolúvel o

matrimonio, se pôde fundamentar philosophicamente.

O matrimonio, juridicamente fallando, é um contracto; religiosamentè, um sacramento. Chamamos ao matrimonio, contrahido debaixo d'estes dous aspectos, civil, em contraposição á simples e natural união dos selvagens.

J. M. Cabral e Castro.

o amor do solo natal.

Continuado do numero 16.

V

Arredado de ti na alheia terra
Suspiro e clamo: Elysia!
Em ti cuido, a ti vejo, de ti fallo:
Tu só em meu sentido
Noite e dia incessante me appareces.

FRANCISCO MANUEL, Odes.

Apartado de seus penates, o Sulmonense Ovidio, arrastando a vida em erma soledade, lamentava a perda dos amenos campos da Italia, onde gostára as doces delicias da idade infantil e carinhos domesticos.

A aspezeza do Ponto e os pedragosos montes limitavam o horizonte, para onde volviam após o pensamento os olhos do elegiaco vate, cujas penas se exacerbavam, ao passo que sua esperanza desfallecia: assim é o viandante, que, alongando-se do limpido regato e floresta secular, se entranhára no arido deserto, onde a calma lhe desafia sede ardente, e, certo de não descobrir agua sem volver o caminho andado, desespera social-a; mas ainda este buscára voluntariamente o perigo, ou talvez podesse remedial-o!

Apenas os primeiros raios do sol douravam o cabeço dos montes, buscava as praias, que abrotavam infectas e lugubres aves, prole das que, em tempo, mancharam as viandas do misero Pineu: e alli ora dispunha nas conchinhas soidosos versos de saudade, que as ondas levariam á patria amada; ora dizia suas magoas e espalhava sentidas canções, que, reproduzidas no echo dos montes, iam perder-se na amplidão do espaço e confundir-se no largo banzear das ondas.

Outras vezes subia mui passo aos hombros de erguido outeiro da Tiana, e, qual Young

depois da perda de sua filha unica, só amava o retiro e propheticó silencio:

Da eternidade nos umbraes lançado,
A solidão me apraz, só me é jucundo
Da morte e do sepulchro o pensamento,
D'elle me animo, d'elle me apascento (a).

Entretanto sua triste musa lhe recordava a funesta imagem da ultima noite, que entre lamentos assistira na cidade, e seu coração estalava de sentimento, conhecendo a deslealdade dos amigos, que, ao soar o trovão da dura sorte, o abandonaram!

As diversas recordações da fortuna, ora adversa, ora prospera; da família, costumes e scenas da natureza, no doce logar do seu nascimento, parece haviam reunido seus poderes para o constituirem genio da melancolia!..

A tous les coeurs bien nés que la Patrie est chère!

VI

Conclusão.

Super flumina Babylonis illic sedimus
et flevimus, cum recordaremur Sion.

Ps. 86.

Fiel aos sentimentos da natureza, o exilado, deixando o berço da infancia, exprime a nobre voz de seu coração saudoso:

Nos patriae fines dulciaque linquimus arva.

Assim cruel saudade e vago pezar acompanham sempre o ausente dos logares, onde consumira seus primeiros dias: a ave, que passa rapida, cortando o ar; a véla, que entre as agoas alveja no longinquo horizonte; a brisa, que levemente sopra, lhe fallam do tempo da sua juventude: *sentados á borda do Euphrates, choravam os Judeus de saudades de Jerusalem.*

E, se no desterro Atropos lhe cortar o fio da existencia, descendo ao tumulo, o ultimo pensamento vóa para a patria amada:

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

Dado que sobreviva aos golpes da sorte, quanto será difficil exprimir a deliciosa commoção, que experimentará, quando, voltando ao campo amado, lhe avultar, ao longe, a

(a) J. A. de Macedo. Oriente.

casa paterna?!.. Respirar os ares dos verdes annos, percorrer os sitios, que lhe recordam os dias passados, será prazer indizivel, encerrado no coração.

Os affectos da extremosa familia, que chorava sua ausencia, receberão a'egre character; entretanto uma geração posterior o admirará com surpresa e como estrangeiro!

É que os habitos da infancia e occupações identificam os homens com logares, d'onde provém uma relação intima, qual sympathia secreta, que poder algum jámais poderá quebrar.

Sendo a sociedade condição para a nossa conservação, conveniente fôra que o Eterno impothesse no coração humano as relações de familia e visinhança, pois, só ligados por sympathia, os cidadãos permaneceriam no seu paiz, pondo em commum seus interesses, instrucção e defesa.

O amor do solo natal, que nasce na infancia, cresce e fortifica-se connosco, dura ainda, quando a desgraça, velhice e decepções, tiverem sumido as affeições terrestres. Essa terra, que nos viu nascer; que nos sustentára; onde permanecem os entes da nossa maior affeição; cujo seio encerra as cinzas de nossos maiores, seja objecto d'um piedoso respeito e amor filial.

F. P. Santa-Clara.

Amor de poeta.

A Deus te eleve o fumo
De um só ai,
Vai, luz! vai pois teu rumo,
Sobe e vai!

Vai d'estas densas trevas,
D'esta cruz,
Levar-lhe... quanto levas,
Pobre luz!

Amor, que em mim não cabe,
Vai depôr
Em Deus... ah! Deus bem sabe,
Se é — amor!..

D'uma outra flor se o calix
Mais libei
Por esses quantos valles
Divaguei!

Se lampada tão linda
Vi jámais,

Que me esquecesse ainda

D'olhos taes!

Dos olhos meus se um pranto

Só brotou,

Que o fogo d'esse encanto

Não gerou!

Se um nome em igneo traço

Li no céu,

Nas ondas, e no espaço,

Mais que o seu!

Se n'alma, Deus que fosse,

Poude a sós

Vibrar-me voz mais doce

Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes

Vi tambem

Nos vastos horisontes

Mais alguem.

Se eu vi nos mais risonhos

Sonhos meus

Alguem mais, nos meus sonhos,

Que ella e Deus!

Thuribulo suspenso

Inda fluctuo,

Em quanto a alma em incenso

Restituo;

Mas breve — ao chão meu lodo:

E a ti, Senhor!..

Minha alma: e a ella... ah! todo

O meu amor! —

SONETO.

Aqui é terra firme, em que sustento
Um corpo gasto, debil, vacillante;
Além bravia ronca altisonante
O Oceano, que agita irado o vento.

Eu, repremindo o movel pensamento,
Evitaria um golpe fulminante;
Mas sorte nunca igual, sempre inconstante,
Propõe-se a me perder 'neste momento.

Oh! se tal é o imperio do destino,
Que evadir-me não possa a seu mandado
Terrivel, vingativo, atroz, ferino;

Então aos mares cumpre-me arrojado
Entregar uma vida em desatino,
Funesto dom, que me outorgara o fado!

Dr. Zagallo.

Meus charos redactores

No vosso lindo jornal acabam de apparecer, por descuido meu, casadas, que nem á face da Igreja e na fórma do sagrado Concilio Tridentino, duas distinctissimas coisas minhas.

Se ellas fossem apenas d'um sexo differente, diz o adagio, que o direito do arrocho é ser torto, e bem íamos nós: mas a especie, a especie!..

Carnal ajuntamento com alguma alimaria — queimado e feito em pó!!.. nada mais justo. Ah! livro, livro quinto das Ordenações! serás sempre o meu livro.

Gosto de tudo quanto é sacerdotal, e até do *sacra auri fames* (a) de Virgilio.

Gosto da Biblia, por ser a Ordenação dos padres; gosto da Ordenação, por ser a Biblia dos advogados; do Bucan por ser o Larraga dos medicos, do Larraga por ser o Bucan dos confesores.

Salva a distancia, que vai sempre das misérias da vida ás grandes coisas da eternidade, meus charos redactores, que tres especies para d'ellas se tractar 'num *hoc titulo*:

De Fratibus, Medicis et Advocatis!..

Até ficava harmonioso; não?

Nunca pude escolher; não soube nunca, qual mais quisera ser, se medico, se theologo, se jurisconsulto.

Ao vêr na mão d'um d'estes ultimos a pobre lei, mil vezes clarissima, passando como em quadros dissolventes, de interpretação em interpretação, até pela *Madre Celestina passa, marcha, caminha!* desapparecer de todo... fascina-me a advocacia.

Se vejo pelo contrario cair nas mãos d'um frade, *exempli gratia*, um artigo de fé, o pulpito affigura-se-me um Sinai; e eu mais quisera a varinha de Moysés do que os tres scéptros dos reis Magos. Magos? ou Magnos!..

A escriptura diz, parece-me, que: *ecce Magi ab Oriente...*

Seja o que fôr, podesse-me eu decidir, que Biblia ou Ordenação, tivesse ella santa paciencia, que havia de encaixal-a toda na cabeça. Tinha alma d'isso: admira-vos?

Já em criança eu concebi a empresa de decorar Virgilio: e era realmente uma empresa de saudosa memoria! Infelizmente que é o

(a) O illustre auctor dá-lhe esta traducção — *arresa Pontificia*.

que d'elle me lembra? Apenas o que não esquece nunca. Vá por exemplo:

... facilis jactura sepulchri est.

... trahit sua quemque voluntas.

Te, dulcis conjux, te solo in littore secum,
Te, veniente die, te, decedente, canebat.

Notai, que monotono verso este ultimo! não vos parece indigno de Virgilio?.. Ah! Mas não foi sem conhecimento de causa, que o elle fez assim!

Nada monotono, como uma cousa sempre a mesma; e era essa a idéa: alli seria defeito a harmonia. Que superioridade pois não leva o original sobre a lindissima versão:

Tendre épouse, c'est toi qu'appellait son amour!
Toi qu'il pleurait la nuit! toi qu'il pleurait le jour!

Virgilio fez um feio verso francez, Delille um bom verso latino. E eis a belleza de Virgilio, e eis o defeito de Delille.

Alto poeta! Deixemos a exemplo de Dante, o *altissimo* para Homero. Mas deixemos tambem tudo isso, e deixemos, meus charos redactores, essa outra minha cousa, que, apezar de seus bons oito versos de menos, e uns dezaseis... de mais (não sei se me faço *antander*) não val a pena.

Mas a *folha cahida*, a minha *folha cahida*, isso, onde eu symbolisei com verdade ou sem ella a minha vida; os versos, onde um nome se lê, que não é meu, e um nome, que eu estimo tanto, perdão a vós e ao publico! mas quero-os á parte e assim:

Folha cahida.

NO ALBUM DO MEU EXCELLENTE AMIGO J. A. F. VEIGA

Arida palma

Tem seu licor;

Tem, como a alma,

Tem seu amor:

Tem, como a herá,

Tem seu abril;

Tem, como a fera,

Tem seu covil.

Lá tem a planta
Que o sol queimou,
Lagrima santa
Que a orvalhou;
E o passarinho
Que hontem nasceu,
Lá tem seu ninho
Que a mãe lhe deu!

Só eu na magoa
Do meu penar,
Sou como a agoa
Que anda no mar!
Sou como a onda,
Que em busca vem,
D'onde se esconda,
E onde, não tem!

Folha revolta
Que anda no chão!
Lagrima solta
Do coração!
Folha colhida!
Folha sem flor!
Folha caída
Do meu amor!

J. de Deus.

Era na Infancia!!!

Continuado do n.º 17.

II

Escolhemos o sitio.

... Que sitio! Que hora!
Prazer, tristeza e ternura
Nestas auras dissolvidas
Se respiram com doçura.

A. F. DE CASTILHO.

O sitio é bello e ameno!.. sentemo-nos aqui. Não vêdes que a natureza caprichou em adreçar este recinto para nossa melhor commodidade?.. Vêde que bella sombra nos offerece o verde parreiral, que o proprio Gessner invejára para compór os seus idilios. Escutai o brando murmúrio, que alli tão perto nos convida a refrescar os labios, quando o ardor da palestra nos haja seccado as fauces!.. Sentemo-nos aqui, e conversemos. Aqui não ha importunos! Somos todos amigos, que nos enlaça a mesma crença, que nos fraternisa o mesmo baptismo de soffrimento, e o mesmo

credo de esperanças!.. e os ditosos, se acaso hão de escarnecer da nossa dôr, que nos deixem em paz aqui sosinhos!..

Quem poderá viver no mundo, e não amar o mundo?.. mas o mundo singelo e delectoso como o Deus formou, e não refalseado e mentido como os homens o hão tornado! Qual de vós, ó meus amigos, não gosta de namorar as louras messes e as candidas boninas, que além matisam o verdor dos prados? Quem não ama o gorgear das aves, que, em melodiosos accentos, acompanham o hymno sublime ao Creador, o hymno da natureza?..

Vêdes além... além... lá muito ao longe, uma sombra vaga e azulada, que, a confundir-se com o horizonte, ora vos parece nuvem que balouça, ora montanha a que a distancia dá caprichosa fórma e azulada côr? Quem se não hade extasiar ante aquella bella incertesa?.. Não vos apparece tambem a mulher nos sonhos da vida, assim duvidosa, ora qual saphyra inabalavel de constante affeição, ora nuvem tenue da mais ligeira inconstancia?.. E quem é que não ama a mulher?..

Não vêdes aqui... bem perto... o arroio cristallino, como a alma da donzella?.. pois bem! agitai a placida torrente, e a lympha se precipitará turva, qual o animo da mulher, que uma paixão agita! E quem não ha de amar o arroio?.. Gostais da brisa, que vos affaga os cabellos?.. Vêde como vos beija as faces, que nem o osculo da virgem, que em carinhos se desvela... esperai porém um pouco e, em breve, furacão violento vos açoutará o rosto, arremessando-vos desdenhoso a areia, que levanta. Eis a mulher, que vos acarinhava, se com um desdem vos insulta!!.. E quem pôde não amar a brisa das campinas?..

Oh! vinde e sentemo-nos aqui, que já vai alto o sol e o sitio nos convida, com a sua frescura, a repousar.— Sentai-vos e conversemos!..

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

Valerio Maximo escreveu no tempo do imperador Tiberio; dedicando-se ao estudo da historia, encarou-a no lado moral, por isso reprehende severamente os vicios e louva a virtude. Embora no seu livro, que intitidou *resumo de dictos e acções memoraveis*, se deseje mais critica e gosto, todavia a materia offe-

rece subido interesse; á concisão reúne a novidade de muitos factos, que infructuosamente buscaríamos nas obras dos historiadores romanos.

Não temos as obras d'este escriptor vertidas na lingua portugueza, por isso ensaiamos a traducção do cap. 7.º do livro 4.º, que contém judiciosas considerações sobre a amisade, cujo laço entre romanos e estrangeiros separadamente exemplifica.

Do laço de amisade, que ligou alguns Romanos.

Urbs Romae, exterarumque gentium facta simul ac dicta memoratu digna, quae apud alios latius diffusa sunt, quam ut breviter cognosci possint, ab illustribus electa auctoribus deligere constitui, ut documenta sumere volentibus longae inquisitionis labor absit.

VAL. MAX.

Admiremos agora a amisade, cujos laços seguros e fortes, não cedendo aos impulsos do sangue, inspiram maior confiança e firmeza, por quanto não resultam do capricho do nascimento, obra fortuita; mas uma escolha reflectida os contrahe livremente. Assim desviaremos antes a reprehensão pela quebra d'amisade entre parentes, do que entre amigos, pois a desunião d'uns sujeita-nos á injustiça; menospresando os outros, accresce a leviandade. Sendo a vida humana, sem o auxilio da amisade, uma solidão, só devemos ligarnos a uma companheira tão necessaria, precedendo maduro exame; e, achada uma vez com acerto, é inconveniente despresal-a. Na adversidade, distinguem-se claramente os amigos fieis e sinceros; então todos os seus serviços significam a benevolencia inalteravel, d'onde provém. Na prosperidade a dedicação antes parece tributo d'adulação, do que expressão d'amisade, julgando-se ordinariamente dominar a ambição. Accresce, que na fortuna adversa desejamos principalmente o zelo e serviços dos amigos, porque nos protegem ou consolam: a felicidade, vendo a seu lado a assistencia dos deoses, menos necessita do auxilio humano, por isso as gerações futuras, pospondo os companheiros da carreira feliz da vida, retêm profundamente na memoria os nomes d'aquelles, que jámais esqueceram os amigos, immersos na desgraça. Ninguém lem-

bra os familiares de Sardanapalo, e Orestes é talvez mais conhecido como amigo de Pylade, do que como filho de Agamemnon. A amizade dos primeiros enervou-se pela communhão da voluptuosidade e luxuria; a estima dos dous Gregos, consolação nos asperos rigores da sorte, brilhou pela commum experiencia dos infortunios. Mas porque referirei exemplos estrangeiros, podendo primeiramente recorrer á historia patria?

1.º Tito Graccho foi justamente julgado inimigo da patria, pois ao hem publico preferira a propria grandesa; mas o nosso intento é mostrar, que ainda em tão criminoso empresa achou em Caio Blossio Cumano uma amizade inconcussa. Declarado inimigo publico, executado e privado das honras da sepultura, mereceu a constante affeição de Blossio; pois, ordenando o senado que os consules Rupilio e Lenas perseguissem, segundo as antigas leis, os cumplices do tribuno, dirigira-se a Lelio, cujos conselhos moviam então o animo dos consules, pedir-lhe o seu valimento: e como, expondo perante este, para desculpa do seu pedido, os impulsos d'amisade, Lelio lhe perguntasse «então se Graccho te mandasse lançar fogo ao templo do poderoso Jupiter, obedecerias á sua vontade, levado sómente pelos impulsos da amisade, que sobre ti tanto influe?» respondeu «jámais Graccho me recomendaria esse serviço.» Isto era assás, era já muito, pois ousou defender um cidadão, que o senado unanime condemnara pelos seus crimes. Mas o que vamos acrescentar, significa maior audacia e perigo: por quanto, instado pela interrogação continuada de Lelio, não quebrou seu constante character, e respondeu «que acceitaria o serviço lembrado, se Graccho lh'o ordenasse.» Quem o julgaria criminoso, se tivesse guardado silencio? Quem ainda deixaria de reputal-o sabio, se tivesse fallado segundo as circumstancias do tempo? Entretanto Blossio, a custo d'um honesto silencio e palavras prudentes, não quiz defender a sua vida, para não trahir, ainda levemente, a memoria d'nma amisade infeliz.

F. P. Santa-Clara.

Anacharsis compara engenhosamente as leis ás téas d'aranha, dizendo, que assim como estas prendiam os pequenos insectos e deixavam passar os fortes, do mesmo modo as leis opprimiam os pequenos e pobres, desobrigando os ricos e poderosos.

Demade, recusando os Athenienses decretar honras divinas a Alexandre, disse-lhes «acautelai-vos não seja caso que, defendendo o céu, deis motivo a perder a terra.»

Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do n.º 17.

IV.

Da fundação da ermida de S. Thiago, que foi Collegio dos padres da Companhia de Jesus.

Parece que no tempo em que corria o anno de 1282, fundaram os moradores d'Elvas a ermida de S. Thiago: alguns dizem ser fundação dos cavalleiros da Espada, que vieram com El-Rei D. Sancho II, quando tomou Elvas, e por este serviço lhes fez mercê de algumas herdades chamadas da Espada, depois comenda d'esta Ordem. Não disputamos esta questão.

A mais antiga memoria, que se encontra d'esta ermida é na freguezia de Santa Maria d'Alcaçova. Consta que André Annes, conego que foi em Evora, deixou um legado pelas almas de seus pais, que jaziam sepultados na dicta igreja, d'este testamento se infere, que havia mais de 70 ou 80 annos, que esta ermida era edificada; pois 'nella se enterravam pessoas de qualidade.

Tempos depois D. Affonso VI, em 1659, a doou aos padres da Companhia, dando-lhes estes a nova fórma, que hoje vemos. Tem sete altares, todos de talha; os dous pulpitos de fino marmore são uma obra modelo.

Na capella mór está um sarcophago, que contém os restos mortaes de Diogo Mendes do Rio, descendente de João Mendes do Rio, primeiro fidalgo, que d'este appellido houve 'nesta cidade; veiu da Collegã, era natural do lugar do Rio. A inscripção, que tem a lapide é a seguinte:

Sepultura dos srs. Diogo de Brito do Rio, fidalgo da casa de S. Magestade, e de D. Aldonça da Motta, sua mulher, naturaes de Elvas, fundadores d'este Collegio, anno de 1702.

E sobre a porta principal da igreja, lê-se: *El-rei D. Affonso VI, como Grão Mestre Governador da Ordem d'Aviz, fez mercê, com licença do Summo Pontifice, aos religiosos da Companhia de Jesus, da ermida de S. Thiago, para 'nella se fundar esta igreja, anno de 1659.*

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 17.

XVI.

Consequencias da ultima carta.

— Minha senhora, — dizia Lucinda a sua ama, na noite antecedente ao acto de Ricardo, — tenho uma mensagem, que diz respeito a v. ex.^a

— A mim?..

— Sim, minha senhora! É uma carta, que me deram para lhe eu entregar...

— Uma carta para mim!.. de quem?..

— De um rapaz, que por ahi tem passado ha tres dias.

— Para mim?.. e quem te deu o atrevimento de me trazeres uma carta de um estudante?.. deixa! que has de ser amanhã posta na rua!.. confiada!.. vamos!.. é ir já... immediatamente entregal-a a esse senhor, que lh'a deu!.. e dizer-lhe, que eu ainda o não auctoriseci a dirigir-me as suas insipidas expressões!.. então! não ouve? sua atrevida!.. vá-lhe já entregar essa carta... sem demora... ande!.. quando não!..

— Não foi elle quem m'a entregou, foi minha mãe...

— Sua mãe é uma refinada atrevida, e você uma grandicissima tola!.. Pois não!.. quanto ganhou da mensagem?.. É ir entregar já a carta a sua mãe!.. senão!..

— Olhe, minha senhora, eu não a queria trazer; mas minha mãe ateimou tanto, e eu achei-lhe o sobrescripto tão bonito, que sempre a trouxe para a senhora vêr: — e Lucinda mostrou a sua ama o arrendado e almiscarado *enveloppe*.

— É bonito!.. bem vejo, mas só por isto não valia a pena de a teres accptado... muito mais bonitos do que este os tenho eu alli 'naquella gaveta, das cartas do sr. Affonso de Lima!.. anda!.. é ir entregal-a.

— Mas repare, senhora, este tem um amor-perfeito, bordado a seda-frouxa! olhe como está bonito!.. eu nunca tinha visto um sobrescripto assim!.. E como ha de ser linda a carta por dentro!.. naturalmente tem alguns corações atravessados com uma setta e duas chaves por cima!.. Oh! se nós poderemos vêr!..

— Provavelmente é alguma folha de papel, como qualquer outra! Que te importa a ti?..

— Nada!.. É por que gostava de vêr!..

D. Constança pegára na carta. A moçinha tinha dedo para as taes embaixadas!!

— Ora o que dirá este parvo aqui?.. — dizia D. Constança, revirando a carta por todos os lados.

— Talvez alguns versos muito bonitos!

— Seja o que fór...

— É verdade! como a senhora não quer saber, ficará o segredo só para elle.

— Tambem, que tem que vêr quatro regrinhas com alguma semsaboria?..

— Tem razão! minha senhora. Visto que tem de se lhe entregar, é melhor que se lhe não mexa para elle vêr que se não abriu.

— Isso podia talvez abrir-se sem se conhecer...

— Eu sei?.. é difficil...

— Não é!.. Queres vêr?.. Sempre gósto de saber o que este toleirão me aqui diz...

Lucinda, bradou victoria interiormente!.. D. Constança dispunha-se a abrir cautelosamente o mysterioso bilhete, coisa que ella sempre tivera tenção de fazer, mas que, por um systema, adoptado uniformemente por todas as filhas de Eva, fingiu ao principio não querer. Mas, quer de proposito, quer por acaso, o sobrescripto rompeu-se de modo, que não era já possivel, sem mostrar o ter sido a carta aberta, restituil-a a seu dono, o que, de passagem seja dito, supponmos que D. Constança nunca tencionára.

— Ora ahi está o que tu me fizeste fazer!.. E agora?..

— Agora mette-se 'noutro sobrescripto e manda-se-lhe.

— É bonito!.. nada!.. ora esta!.. mostrar-lhe que lhe abri a carta, que tive curiosidade de saber o que elle me dizia... é dar-lhe muita importancia!.. mas como hei de fazer isto?..

— Leia a senhora sempre a carta já-agora, e depois pensará no que deve fazer.

— Sempre és muito curiosa!.. e por causa das tuas curiosidades, fico eu agora compromettida!.. Que te importa a ti com o que elle diz?.. diz que é um chapadissimo tolo, e tu outra peor do que elle!..

— Não se arrenegue, minha senhora. Eu não tive a culpa...

— Não?! fui eu!.. Ahi está... é uma folha de papel com uma cercadura e quatro garatujas!.. é bonito na realidade!!

— Vamos lá!.. o papel não é feio, e a escripta sabe Deus o que ella dirá!

D. Constança não poude mais conter-se,

percorreu com a vista toda a carta, e depois lhe em voz alta o que se segue:

«Minha senhora.—Depois que tive o gosto de vêr v. ex.^a, cri na existencia dos anjos, mandados por Deus á terra, para guiar o homem entre os abysmos da vida. E, se aos anjos devemos adoração e amor, que affectos, senão estes, posso eu tributar a v. ex.^a, que me veio dar um raio de esperança ao coração alquebrado de soffrer?.. Quererá v. ex.^a concluir a obra d'esta redempção, que começou?.. Se assim o fizer, seré o mais feliz dos homens.—Ricardo Pereira de Aboim.»

—Ahi está! gostaste?.. É o mesmo que todos dizem!.. e agora?

—Agora deve-lhe responder, pois elle não a offende em coisa nenhuma, e por isso parece mal não lhe dar uma resposta cortez, e desenganar o pobre rapaz. Eu tambem não lhe digo á senhora que góste d'elle por força, mas desengane-o! ou sim, ou não!.. assim é que se fazem as coisas.

Lucinda sabia duas grandes verdades. A primeira é que a mulher é o ente mais curioso da criação: a segunda é que a senhora, que responde a uma carta de namoro, por mais que diga e proteste que não quer, lá no amago da sua alma quer e farta-se de querer!.. D'aqui concluem-se duas coisas: primeira, que Lucinda tinha uma esportosa de Lucifer para desempenhar tão honroso papel; segunda, que D. Constança sentou-se á mesa e escreveu (muito constrangida, dizia ella) uma resposta á carta do nosso amigo.

—Tu sempre me tens mettido 'num par d'ellas boas!..—dizia a ama á criada, ao entregar-lhe o mencionado *billet-doux*.

Ora, no dia em que o sr. Ricardo Pereira de Aboim saiu de casa para agradecer aos seus lentes, para fallar a verdade, nem sequer D. Constança lhe passava pelo bestunto. Isso a que Santo Agostinho chamou — substancia intelligente, destinada para reger o corpo — estava toda occupada de Adelaide, de modo que, 'naquella' hora, podia-se dizer que elle era perfeitamente fiel ao seu amor de infancia!..

Descuidado e entretido ia pois o nosso bom moço, quando a sua ex-servente, a mãe de Lucinda, o atracou de improviso e lhe disse:

—Então já não falla á gente, senhor doutor quintanista?.. muitos parabens!.. Venha cá! venha cá, que tenho muito que lhe contar!..

Ricardo deu um salto como se tivesse pisado um aspide peçonhento. Veiu-lhe á lembrança a negregada carta, que escrevera, e, 'naquelle

instante, dava muito por a não ter escripto, ou, pelo menos, por que D. Constança fizesse d'ella holocausto a Vulcano na pyra do seu candieiro francez, espalhando-lhe depois as cinzas aos quatro ventos da terra!..

O coração d'este rapaz era um cahos monstruoso com seus visos de lanterna magica, onde as figuras iam, ora apparecendo, ora desaparecendo, umas apoz outras. Vê D. Constança, e por ella abomina Carlota, como por esta esquecêra Adelaide, como agora por esta detestava ambas as outras!..

Ricardo queria-se evadir, mas a conscienciosa velha, pretendendo dar-lhe parte da sua missão, agarrou-o pela ponta da capa e disse-lhe em voz de mysterio:

—Já alli tenho a resposta.

—Melhor para você!.. Logo volto, que tenho agora muito que fazer.

—Ai!, o tal menino, que tem coração de estalagem!.. E ella então, coitadinha, que chora que se mata, quando se passa um dia, que o não veja!.. Sempre as mulheres são bem tolas em se importarem com estes senhores, para lhe darem tal paga!.. t'arrenego!..

—Então quem é que chora?.. que diabo está você para ahi a dizer?..—Replicou Ricardo, electrizado com a exclamação da sr.^a Francisca.

—Quem é?.. é ella... a sr.^a D. Constança, que, quando lhe eu levei a sua carta, chorou de prazer, como uma creança... riu, cantou... está mesmo louquinha por si!..

A imagem pura e candida de Adelaide ia desaparecendo do campo da visão intima do coração de Ricardo, ao passo que a de D. Constança ia alli tomando vulto pelas piedosissimas mentiras, inventadas pela sr.^a Francisca do Coração de Jesus, com a innocente intenção de receber mais uma plaqueta de seis de emolumentos. Era uma santa mulher aquella!..

—E respondeu?—perguntou timidamente Ricardo, depois de alguns momentos de concentração em si. Era o brado de victoria de D. Constança sobre as suas rivaes; era sempre o presente a dominar o passado!..

—É como diz!.. sim, senhor!.. respondeu. E então oh! que cartinha!.. o senhor verá! o senhor verá!..

—Dê cá! mulher.

A sr.^a Francisca entregava religiosamente a Ricardo a carta, que recebera de sua filha, e que esta havia feito escrever a D. Constança, pelas suas manhas, que, em verdade, não acharam grande resistencia na faculdade volitiva de sua ama.—Ricardo ia a abrir a carta...

— Então o senhor responde?... veja lá! olhe que ella pediu-me muito que lhe levasse a resposta quanto antes, que me havia de dar boas alviças. E vai eu, prometti, apezar de que é muito arriscado, por causa da mãe; mas, como devo muitos favores áquella menina e tambem ao senhor, é por isso, que gôsto sempre de os servir 'naquillo que posso: e essim não se descuide!.. responda depressa, que a menina está morrendo pela resposta.

Era uma chapadissima mentira!.. D. Constança, a essa hora, cavaqueando amigavelmente com Affonso de Lima, nem sequer se lembrava que existia Ricardo no mundo, nem que ella mesma lhe escrevêra uma carta (mais por *coquetterie* do que por levandade; por honra da verdade seja dito!)

E assim se barateava o credito d'uma donzella, para dar de rendimento mais alguns tantos réis de ganho áquella mulher, a cuja raça os francezes chamam com tanto chiste *entremettenses*.

Ricardo beijou a carta, recheada de sem-saborias, mas que elle achou divina, deu o promettido pinto á sr.^a Francisca e saiu!

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

Explicação do enigma typographicco.

N'UM ALBUM.

Ó Deusa, tu, que cifras toda a gala
Da vida do poeta, ouve a canção,
Cujas notas, mulher, vem offrecer-te
Um sentir inda mais doce que o d'irmão.

Escuta os versos meus, que a lyra arrisca
Cantar-te aqui, enlévo meu gentil,
Estrella entre os mortaes, fada sob'rana
Que das de amor encantos mil e mil.

Qu'a mulher, qu'a razão nos desalinha,
É sylphide, que em risos nos seduz,
Anjo talvez, que juncto a nós se senta,
P'r'o peso minorar á nossa cruz:

Mas, se dentro do peito encerra izento
O coração entregue a crú desdeo,
Mais ou menos, então todos se accurvam,
Que a tão grande poder não 'scapa alguém.

C. B.

CHARADA.

Foi em Roma, não na d'hoje, }
D'onde o mundo as leis haviã, }
Que um só termo bem singelo }
Do direito assim dizia: } 2

Todo o homem que o fôr
Será um bom cidadão,
Bom amigo, bom collega,
Bom marido, bom irmão: } 3

Foi-o Cujacio,
Tambem Heinécio,
E assim Strichio,
Bem como Grocio
E mais Confucio. S.

Sou mui forte, mui pod'roso, }
Quem assim o crer não erra, } 1
E mais rico e dilatado,
Do que a mesma propria terra. }

Como insectos me produzem }
Inda está por descobrir: } 1
Os meus restos preparados,
Em luzes vão-se extinguir. }

Sou um tecido, e sou parte }
D'um navio, e tem razão } 1
As pessoas, que me comem,
Darem-me o nome de pão. }

Sou um fructo, não pequeno,
Tenho uma filha estimada;
Mas que ralos eu não soffro
Para a filha ser gerada?!

EXPEDIENTE.

Fecha este numero da *Estrea Litteraria* o 3.^o trimestre da sua publicação, durante os nove mezes lectivos, que começaram no 1.^o de Março de 1858. Está pois completado o 1.^o volume.

Cumpre-nos agradecer devéras não só aos srs. assignantes o auxilio, que nos têm prestado, e sem o qual não poderiamos conservar o jornal, mas aos srs. collaboradores os bellos escriptos, que lhe têm adornado as columnas: a uns e outros repetimos nossos votos de gratidão, rogando-lhes nos continuem a dispensar sua valiosa protecção.

Erratas ao n.^o 17 — Pag. 4, col. 1.^a, linhas 1.^a e 5.^a onde se lê — florinha, lêa-se — folhinha.

Na mesma pag. col. 2.^a, lin. 5.^a, onde se lê — no mundo tem goso, lêa-se — no mundo um goso.

Pag. 8, col. 1.^a, lin. 58, onde se lê — vegetação estudada. lêa-se — vegetação estiolada.

ESTRÊA LITTERARIA

Nomes dos auctores dos differentes escriptos que se comprehendem no 1.º volume da ESTRÊA LITTERARIA.



Ex.^{mas} Sr.^{as}—D. Amelia Janny.

D. Marcia do Couto Zagallo.

D. M. E. M. (D.*)

III.^{mos} S.^{rs}—Agostinho Antonio do Souto (F. O.)

Alexandre Magno de Castilho.

Anonymo (interesse dos conhecimentos economicos.)

Anonymo (gloza em fórma de dialogo.)

Anonymo (a Saudade.)

Antonio Lopes dos Sanctos Valente.

Antonio Manoel da Cunha Bellem.

Antonio Maria Vieira da Costa Ribeiro.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

Antonio Theodoro Taborda Pignatelli (T. P.)

Bernardo de Albuquerque e Amaral.

Carlos José d'Oliveira (C. O.)

C. de M. e Brito.

Eduardo d'Oliveira.

Dr. Francisco Antonio Alves.

Dr. Francisco de Castro Freire (F.)

Francisco de Paula Santa-Clara.

Francisco Pereira de Bettencourt e Athaide.

Francisco de Sá e Albergaria.

João de Deus.

Joaquim Machado Cabral e Castro.

Joaquim Taibner de Moraes.

José da Silva Mendes Leal (M. L. J.)

Lino Augusto de Macedo (M.)

Manuel José Vieira.

Manuel Justino Pires.

Miguel Moreira da Fonseca.

Dr. Sebastião de Almeida e Silva.

Severino d'Azevedo.

Vicente Luiz d'Abranches (V. A.)

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 1

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 "

1859 — MARÇO — I

O DIA 1 DE MARÇO.

Saudamos com prazer no dia 1 de Março o primeiro anniversario da ESTREA-LITTERARIA, que, no decurso dos nove mezes do anno lectivo, deu, como promettera, 18 numeros, em que se tractáram cincoenta e cinco differentes assumptos scientificos e litterarios, não menor numero de poesias, varios logogriphos, charadas e enygmas, — e mais um appenso em que se narrava o festejo das formaturas de medicina em 1858.

É para nós, que vimos nascer este jornal, sobremodo agradável contemplal-o hoje tão viçoso, quando rara é a publicação litteraria, que, em Coimbra, logra contar um anno de existencia! . . é para nós sumamente grato vermos florescer este jornal, cujo nascer foi acalentado por um pensamento grande e sublime, como todos os que desabrocham no animo dos mancebos amantes das letras, e acrisolados no sancto affecto de amizade fraternal, e que hoje, embora desviado de sua idéa primitiva, cuja missão levou nobremente ao cabo, não deixa menos de ostentar á face do paiz inteiro, que, d'entre a mocidade academica de hoje, brotam vocações provadas e dedicação ardente pela cultura das letras e pelo estudo das sciencias!

Effectivamente! . . a ESTREA-LITTERARIA, apenas coadjuvada na sua collaboração com algumas poucas offertas das nossas capacidades litterarias, foi sempre quasi ex-

clusivamente redigida por academicos, e, se no tempo da nossa redacção, encontrou brilhantes adornos nas offrendas dos nossos collegas, hoje a nova redacção melhor brilho e maior gala lhe tem dado, já pelas riquezas proprias, já pelos mimosos donativos de novos collaboradores, que aos antigos se têm junctado para dar novo realce e mais deleitosa variedade a este jornal.

Nós, — a quem um quasi-fanatismo pela ESTREA-LITTERARIA obriga muitas vezes a vir com os nossos escriptos occupar as columnas, que melhor seriam empregadas, se os seus redactores nos não quizessem sempre dispensar uma immerecida preferencia, — nós fazemos votos para que este jornal prosiga na brilhante senda, que, debaixo da direcção dos nossos amigos F. P. Santa-Clara e J. M. Cabral e Castro, vê aberta deante de si; para que os actuaes collaboradores continuem a consagrar as suas horas de ocio ao melhor lusimento das suas paginas; e para que muitos outros mancebos venham de futuro estrear aqui as suas armas litterarias, na arena da imprensa, que 'nisto irá, de envolta com os proprios creditos, a boa fama e renome das gerações academicas, que nós sempre do fundo do coração estimaremos.

A. M. da Cunha Bellem

Alegrou-nos a recepção do artigo do nosso estimavel amigo, o sr. A. M. da Cunha Bellem, porque não podia deixar de nos agradar

uma saudação ao anniversario da *Estrea Litteraria*: entretanto permitta-nos o nosso amigo que descarreguemos a nossa consciencia, certificando-lhe que a primitiva redacção, vencendo todas as difficuldades, entregou á posterior o campo, que tinha conquistado, e esta, se ainda o conserva, deve-o á firmeza de seus robustos collaboradores.

O ESTUDO.

Sendo o homem um ser fallivel por natureza, e sendo a sciencia a verdade, é mistér indagar o meio mais proprio para a attingir, meio, que se reflecta o menos possivel da mutabilidade da natureza humana. O estudo a esmo e desregrado em vez de lapidar a intelligencia, tolhe-a, circumscrevendo-a á esphera de uma penetração com longes de materialidade e infructifera. O estudo estudado, ou o methodo no estudo, tende a desprender a alma das cadeias da confusão, dando a cada principio e idéa a sua posição natural no quadro genealogico-moral. Terminação e ordem são dous principios da applicação indispensavel em toda a investigação scientifica, são dous meios, que, em sua vasta deducção, revellam com evidencia a harmonia primitiva das faculdades do homem. Assim na investigação de um principio qualquer, devemos examinar profundamente o lado por onde prende com outros, onde é que podemos fazer a distincção ou mesmo separação, qual a sua natureza separativa ou distinctiva, qual o auxilio das partes distinctas entre si, quaes os elementos, que, ainda distantes pela diversidade do objecto, têm alguns signaes de character commum, qual é a ligação historica, como a tal respeito opinaram os escriptores respectivos, em que sentido se foi desenvolvendo a questão, e finalmente, como devemos colligir as razões *pro* e *contra* da separação e distincção. D'este modo, ficamos com o principio individualizado, em quanto o estudamos, e ao mesmo tempo reconhecemos o auxilio que os outros, de que o distinguimos, nos podem prestar na qualidade d'affins.

A ordem é a devolução successiva da intellectualidade pelo principio, que se pretende indagar. Depois de termos collocado o principio nos termos predictos, convém olhal-o geralmente para nos informarmos da ligação, que estreita os seus elementos constitutivos. Feita esta operação, os elementos predomi-

nantes devem ser especialmente examinados passiva e activamente, isto é, não só na parte em que figuram como simples elementos, mas tambem na qualidade influencial, que vai modificar os outros, dando-lhe uma forma especial e distincta. Devemos ter sempre em vista, que os elementos dominados são um complemento da acção dos dominantes, e por isso para bem conhecer a natureza d'estes, é forçoso estudar a d'aquelles. Quando os elementos de que um principio se constitue, têm acção desigual em relação á constituição, apenas determinam a natureza do principio; quando aquella desigualdade se manifesta na ordem das cousas, determina o seu character effectivo; quando, porém, nos elementos ha egualdade de energia e acção, a natureza e character effectivo são o resultado natural de forças eguaes, devidas na mesma e constante quantidade a cada um dos elementos da constituição do principio.

Os elementos de um principio são symbolizados na intelligencia por idéas, e como os elementos são simples e complexos, as idéas soffrem a mesma variação, mas dada a complexidade do elemento, este deve ser analysado, como se fôra um principio, sendo o mesmo o processo a empregar.

Muitas vezes acontece a necessidade de assimilar um elemento a um principio, já constituido, porque o estudo deu a conhecer a insufficiencia de tal principio para dominar todos os factos, que se lhe attribuem. Neste caso ha difficuldade de saber a quaes dos elementos, se passivos se activos, se ha de fazer a assimilação, e isto, porque a natureza dos elementos só se conhece, quando estão agrupados e actuando; porém, devemos considerar o elemento em si, e depois de informados da sua tendencia individual para a determinação dos factos, assimilal-o áquelle dos elementos do principio, que domina factos mais semelhantes e mais affins. D'este modo empregamos um meio, que só póde falhar, quando tiver havido illusão na classificação e demonstração da natureza dos factos dominados.

A ordem, que deve seguir-se na investigação d'um principio, é a mesma, que devemos seguir no estudo d'uma sciencia qualquer. Com effeito sendo a sciencia um complexo de principios, deduzidos por ordem e systema, cada um d'elles é, com relação ao principio universal, um elemento, ainda que muito complexo. Este principio universal ordinariamente encontra-se no typo d'uma verdade, que a de-

finição da sciencia costuma exprimir sem ou com alguma alteração. Os elementos que o constituem são os principios especiaes, secundarios, que são o resultado da secção do universal, e que devem ser distinctamente consignados em capitulos, os quaes, idealmente falando, designam a successão da intelligencia d'um para outro objecto de meditação.

Nem sempre os principios existem formados, ou principiados; muitas vezes é forçoso constituil-os, e para isto requer-se um processo especial, que exige estudo, experiencia, e reflexão. Este processo occupa-se, antes de tudo, de colher os elementos; depois classifica-os, e finalmente ajuncta-os segundo a energia propria.

J. M. Cabral e Castro.

O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.^{mo} SR. ANTONIO LUIZ DE SEABRA.

Continuado do numero 16.

O nosso Governo reconheceu a necessidade de um Codigo Civil, e que não podia ser satisfeita, senão por quem a um aturado estudo dos nossos usos e costumes junctasse solidos principios de direito.

Foi, por isso, encarregado d'esta obra tão transcendente como melindrosa o ex.^{mo} sr. Antonio Luiz de Seabra.

S. ex.^a avaliando bem o grande serviço, que á nação prestava, em breve concluiu o trabalho de que fôra incumbido, empregando todos os esforços, com risco talvez de sua existencia.

A comissão, que junctamente foi noméada para rever o Projecto do Codigo Civil, que s. ex.^a apresentasse, já está funcionando. É esta por tanto a occasião mais opportuna de todos os nossos juriconsultos, e em geral de todo o cidadão portuguez, apresentarem livremente suas opiniões, de que a mesma comissão não pôde prescindir.

Na verdade os povos, pela tão antiga applicação das nossas leis, têm contrahido certos usos e costumes, cujas raizes é necessario sondar para que se não estabeleça uma legislação, que, sendo-lhes diametralmente opposta se torne, inexequível, nascendo d'aqui uma terrivel luta para ambas as partes, e um funesto precedente para a execução das mais leis. É por isso necessario dar a palavra á nação, que se esta-

beleça uma communicação entre ella e os Juriconsultos, e que estes, ficando com ella em contacto immediato, se inspirem de suas necessidades, a sigam até certos limites em seus movimentos, a ouçam em seus juizos, que sem serem o resultado d'uma longa reflexão, são comtudo dictados por uma intenção e apreciação mais justas da vida social (a).

Como porém expender o povo seu parecer a respeito do Projecto do Codigo, se a maior parte não tem d'elle conhecimento?!

Além d'isto, quantas esperanças hão de ser frustradas, quantos actos praticados com certas vistas se hão de invalidar pelas alterações, que á nossa antiga legislação tem de fazer o Projecto do Codigo, porque suas disposições não são conhecidas?!

A imprensa periodica pôde muito bem obstar a este mal, publicando as doutrinas do Projecto que mais sensiveis modificações fizerem ás nossas leis; e indagando os juizos favoraveis ou desfavoraveis ácerca das mesmas doutrinas.

A indifferença, com que se olha para o Projecto do Codigo, dá azo a suppôr-se que a sua approvação ha de encontrar grandes obstaculos. Quanto mais que não é pequeno obstaculo a falta de esclarecimentos, e pouco empenho que tem havido da parte d'aquelles, que deviam ser os primeiros a pugnar pela prompta reforma da nossa legislação.

Parece-nos comtudo que os nossos advogados e juriconsultos hão de estimar em muito a approvação do Projecto na maior parte de suas disposições, apezar de diminuição de certa ordem de interesses pela concorrência de novos advogados, e pela menor quantidade de questões juridicas, que o Projecto tem claramente de decidir, porque ninguém melhor, que os que se dedicam á practica forense, conhecem os funestos prejuizos sociaes, que resultam d'uma pessima legislação, e mesmo por que não crêmos que as doutrinas de Bentham tanto na sua theoria como na practica tenham ainda hoje alguns proselytos.

Devemos notar, que o Projecto contém uma tal coherencia de principios, que, alterada uma ou outra disposição, devem as demais soffrer a mesma sorte na maior parte dos casos. O que nós demonstraremos analysando o seu systema.

Sem harmonia as leis não existem, porque

(a) Ahrens, *Philosophia do Direito*. Parte, G. de le loi.

se não descobre o pensamento dominante do legislador.

É conveniente, portanto, que as commissões, a quem compete rever o Projecto, se clevem á altura do seu Auctor, quando pretenderem refutar alguns principios que no mesmo Projecto se estabelecem, e não atacar um ou outro artigo, que não é mais que uma consequencia de certos principios. D'outra sorte em vez de harmonia, base de toda a legislação, teremos a desharmonia.

Continúa Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

LUGUBRE CARMEN.

AD EMMANUEL JOACHIMUM BARRADAS, PRO PISSIMI EJUS
PATRIS OBITU.

Vir pius, virtute animum usque cinctus,
Crimen odit; fas comes est amicus:
Aureas aedes fugit; eique egestas
Grata videtur:

Sancta vero justitiae sacella
Æquitemque assiduus frequentat:
Inde munitum decore atque honore
Laus comitatur.

Jam laborum aevi serie peracta,
Spiritus mittit tennes in auras;
Numini adceptus micat inter astra,
Gloria-onustus.

En viri justi ingenium, en imago!
Victor autem tempus in omne vivit;
Posteris nomenque patet legendum
Temporis arce.

Lustra bis novem, atque aliquot per annos
Et pium natura dedit parentem,
Et tibi longe, Emmanuel, colendum,
Et venerandum:

Ipsa nunc, atrox, genitorem amandum
Atropo cur tradere (proh dolor) vis?
Ille Parcam despicit et severam
Falceque cinctam!

Ac gradum ejus percipiens senilem
Panc divinã et recreatur aurã;
Fortiterque horam ingreditur voracem,
Diraque fata:

Denique ipse inter moriendum amicos
Voce suprema adloquitur fideles;
Filiisque amplexus et osculatus
Lumina claudit.

Et sodales tunc, memoresque natos,
Deserit, caelestia limina intrat:
Tu pium luge, Emmanuel, parentem
Ad Domini aram.

1856. Franciscus a Paula Sancta-Clara.

À MORTE DE MINHA QUERIDA TIA

A EX.^{ma} SR.^a D. FELICIDADE DA GLORIA VELLOSO DE SEQUEIRA

Versa est in luctum cithara mea,
et organum meum in vocem plentium.

Job, cap. 30.

Na lyra gemente descanto hoje um hymno,
Uma trova saudosa, uma triste canção;
Meu canto é singelo, mas é verdadeiro,
De dôr não mentida sincera expressão.

Cuberto de lucto consagro na lyra
Saudosas endeixas, um hymno de dôr,
Aquella a quem choro, que foi receber
O premio dos justos, da mão do Senhor.

A vida na terra é cercada d'espinhos,
Que os dias nos enchem de triste amargura;
São poucas as rosas, que sulcam a vida,
São poucas as horas de dôce ventura

De longo martyrio, de magoas sem fim,
É sempre juncado o caminho da vida,
As horas ligeiras de nossa ventura,
As vezes nos fazem a magoa esquecida.

Serena inda ha pouco, risonha, feliz,
Contente não cria tão proximo o fim;
Qual lampada triste, accendida no templo,
É que bruxolea, apagando-se alfim.

Na terra, onde a vida se passa ligeira,
No meio da dôr, e d'infundo martyrio,
Depressa se murcham as rosas da vida,
Qual pende murchada a tenra haste do lyrio.

Não podem os anjos na terra habitar,
No mundo, entre os homens, não podem viver:
Da vida se soltam, voando ligeiros,
A corôa dos justos ao ceu receber.

Ouvi, Tia qu'rida, meu pranto sentido,
Da dôr que me punge, sincera expressão;
Pedi ao Senhor por aquelles que choram,
Lembrae-vos de mim na siderea mansão.

Ó lyra callae-vos; as magoas passadas,
A dôr que lá vae, e que eu tento esquecer,
Não venhas lembral-a com lugubres sons,
Não facas meu pranto de novo verter!

A. R. Sousa e Silva.

Coimbra, 22 de Janeiro de 1859.

SONETO.

Passêas pelos Ceos, modesta lua,
Tão serena e gentil, que tudo encantas;
Quando appareces, o nêgrume espantas,
Fogem as trêvas por virtude tua.

A tua pallidez folgas, que influa
Nas sensações, que nos produzes tantas;
Meigas delicias constitues, de quantas
Bellezas soffrem a saudade crua.

Em quanto pairas pelos Ceos tão bella,
No peito surge tal melancolia,
Que as forças da razão nos atropella;

A quem bem sente, inspiras sympathia;
N'alma contigo a vida se aquartela,
Contigo a noite vale mais que o dia.

Dr. Zagallo.

ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 18.

III.

O amor de mãe.

Que thesouro haverá no mundo
Que valha uma alma de mãe?

A. LIMA.

Era na infancia!.. Quem de vós se não commove ao recordar 'nesta só palavra todos os affagos e meiguices, com que essa mulher angelica, que a Providencia vos deu por mãe, vos cercou os vossos primeiros annos?..

Eu por mim não posso lembrar jámais o passado, sem que o doce nome de mãe sempre me assome o primeiro aos labios, como, outr'ora, quando infante, 'nelles um sorriso despertava o seu sorrir!..

Meus amigos, perdoae-me!.. mas qual ha que não tenha experimentado os effluvios da maternal affeição?.. Se algum de vós não gozou os seus carinhos, oh! então que se retire e não me escute, que fundo lhe rasgaria no peito uma ferida a descripção singela e pura dos prazeres, que lhe Deus não concedeu!...

Como é bello o vir ao prado então, e de singelas boninas tecer uma grinalda, que d'essa mulher angelica enlançáramos á frente, se a nossa debil mão, que a custo vergára a

tenra hastea da mimosa florinha, não tremesse de pôr em desalinho essa trança, com que folgavamos de brincar, quando, fatigados da correria, achavamos descanso ao collo maternal!...

Como era bello o perguntar mil coisas, que a nossa curiosidade despertavam, e ouvir attentos a explicação, que, a sorrir, nos dava nossa mãe, adaptando-a, comezinha, á nossa curta intelligencia!.. Como era bello o perguntar de tudo os nomes e de tudo indagar as serventias!.. Como agradava a condescendencia, com que nossa mãe então nos levava a mostrar-nos tudo quanto ambicionávamos vêr, tudo quanto de longe se nos affigurara mui diferente!..

Quem ha que 'nessa idade não tenha desejado tocar a lua?.. Quem é que não tem ambicionado achar-se no cume da montanha, ou do corucheu do edificio, detraz do qual surge encantada a lampada das noites, para d'ahi, como á nossa infantil imaginação parece, a podermos abraçar?..

Quem é que, na infancia, não tem cubiçado contar as estrellas do firmamento, ou não tem imaginado mil hypotheses, todas singelas e poeticas, para explicar aquella multidão de lumes cuja origem desconhece?.. Lembraes-vos que vossa mãe vos disse então que eram as luzes das casinhas dos anjos?.. Lembraes-vos da idéa risonha e phantasiosa, que então formastes dos espiritos celestes?.. Lembraes-vos como então quasi que appetecestes tambem de serdes cherubins do Senhor, para de perto gozar d'essa prespectiva que tanto vos fascinára?.. Oh!.. se d'isto vos lembraes, haveis de amar a infancia!.. se ainda gozaes do maternal carinho, mais doce vos será o recordar os dias da lèda meninice, sem que as amarguras d'uma saudade eterna venham com goivos sepulchraes entrelaçar o festão das candidas boninas de vossas mais risonhas lembranças!.. Se gozaes ainda o maternal carinho sorvei a longos tragos, soffregos e avaros, todo o enlevo d'alma... todo o deleite do espirito, que a sua companhia vos concede; pois que um dia virá talvez, em que tenhaes de regar com prantos do coração as rozas funereas, que se menciam em derredor da campa d'essa mulher querida!.. Gozae vós o seu carinho e perdoae-me a lagrima sincera, que me aqui anuvia a vista, o suspiro intimo que me a voz entrecorta; que a lagrima e o suspiro são um feudo d'amor e de saudade!...

IV

A afeição paterna.

Oh meu pae! oh meu pae, como a memoria
Me reflecte alta noite a tua imagem
Por entre um veu de involuntario pranto!

A. HERCULANO.

Uma lagrima ainda, meus amigos, ainda um pranto, que nos olhos me exprime agra saudade!.. Todos vós tendes gozado do paternal carinho, todos vós haveis experimentado essa doce emoção de prazer, que vem causar no animo do infante a noticia de que *amanhã* seu pae o levará a passear ao campo!!! Que mil deleites não phantasiavam nossas mentes pequeninas! como nos chega a occorrer a idéa de que o proprio Deus se accurrará aos nossos desejos, mandando-nos um dia mais honito e mais risonho que os outros dias todos!.. Como nos parece então, a nós, concentrados apenas no recinto das nossas ruas, que o mundo se dilata por espaços illimitados, quando mal temos dado alguns passos fóra dos limites da nossa povoação!.. Que idéa que então formamos da grandeza da terra!.. Como nos admira, a nós, que jamais vimos senão o tanque do jardim, como nos admira a vasta extensão de agoas, que o mar desdobra diante dos nossos olhos!.. Que caprichosas chimeras nos phantasia a mente ácerca do horisonte que parece mergulhado nas ondas do oceano, lá onde se perde á nossa vista!.. E o campo?.. Que sedueções não têm para nós as campinas!.. Como perguntamos mil vezes quem veio plantar os malmequeres e boninas, a madre-silva e o azevinho que matisam os tapetes do prado, ou revestem os muros da turtuosa azinhaga!.. que espanto que nos causa o ouvirmos dizer que ninguem os alli semeou, que foi a mão de Deus que os fez alli crescer!.. E que idéa então formamos do Creador!.. Tão risonha!.. Tão singela!.. Tão espirituosa e espiritualmente materialisada!..

Oh!.. se tivestes o amor d'um pae! se, em dias de infantil idade, fostes com elle divagar pelas campinas, namorar os prados, rever-vos nas agoas do oceano, e perguntar-lhe mil coisas e de tudo e de todos, então perdoae-me outra lagrima singela, que me aqui rola nas faces!..

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 18.

XVII.

A chegada do caloiro.

Leitor! se tiveste que fazer, podias ter fechado o jornal por tres dias no fim do capitulo antecedente, e volveres só ao quarto, que ainda assim chegavas a tempo de assistir á chegada do sr. Carlos da Cunha e Mello, o amigo de infancia do nosso heroe, que fazia a sua antrada triumphante de caloiro no dia 26 de Julho pelas cinco horas e meia da tarde.

Effectivamente quatro dias se tinham passado depois dos ultimos acontecimentos, descriptos fielmente no anterior capitulo. Ricardo tinha feito um pacto diabolico com a consciencia, pelo qual tinha podido encaixar no coração Carlota e D. Constança, mentindo de dia a uma para de noite mentir á outra.

«E Adelaide?» — me perguntará agora a amavel leitora do principio d'este seculo, defensora nata dos primeiros amores, carraça em materia de constancia, e intollerante em extremo para estes amores bastardos consagrados ás *filles entretenues*, ou estas admirações hybridas, dedicadas ás *coquettes* do grande tom. — «E Adelaide?»

Adelaide essa apparecia-lhe como uma doce visão lá muito ao longe, como uma sombra duvidosa a desvanecer-se no horisonte da vida; era para elle como se tivesse morrido, e que uma saudade vaga e inexplicavel o prendesse ao phantasma erguido do sepulchro, ainda bello e fascinador! Ricardo amaria Adelaide? Talvez! mas entre elles corria um lethés chamado ausencia!..

Feita esta pequena digressão, para descanso das amadoras macissas e inamoviveis, prosigamos na nossa importantissima historia!

Oh! tempos que lá vão!.. quando um caloiro transpunha a ponte de Coimbra, escaranchado em orelhudo animal, coberto todo de loiro, e empunhando a competente cana verde!.. Eram bons tempos! Hoje a malaposta acabou com essas vistosas entradas de caloiros, e todos vêm familiarmente sentados ao lado ou defronte dos seus veteranos, sem mais respeito nem distincções!.. Mal haja este novo meio de viação, que perverteu os costumes! mal hajam as malas-postas, que

proclamaram *liberdade, egualdade e fraternidade* para o caloiro, que outr'ora vinha para aqui com pello de urso, orelhas de burro e miolos de camello, e só passados na fieira das cassoadas, é que soffriam a completa metamorphose, que os devia converter em homens; quer dizer, muitas vezes perdiam o pouco pudor que tinham, deslembavam frequentemente brios e vergonhas, e adquiridas as doutrinas de *boa-feição*, expendidas no *palto-metrico*, podiam-se então chamar gente, esses que até ahí só eram bichos, peludos, et caetera!..

Bom modo de educar a mocidade!.. bella escola de costumes!.. Mas as caçoadas aos caloiros eram muito uteis, a academia era então muito mais respeitada, pela sua força physica, se entende, e da universidade podiam sair por anno vinte jogadores de páu, doze de faca, e trezentos ou quatrocentos que, com um murro, derribassem um touro, ou mesmo uns embargos juridicos!.. E viva a utilidade das caçoadas!..

Ora o nosso caloiro, se não passou por essas de outr'ora terriveis provas de engraxar as botas e servir á meza aos seus companheiros de jornada, (coisa realmente muito estúpida para quem padece nostalgia e dores de rins, resultantes da saudade da patria e do chouto do cavallo) o nosso caloiro, digo, se não soffreu essas tremendas humilhações, que os nossos antepassados arvoravam em navalha de tirar pello, todavia não entrou impune na ponte de Coimbra, e o mais galante é que elle a si proprio se caçoou. O caso foi este.

Carlos, como já se disse, tinha mudado muito de fortuna. Seu pai, que tinha outr'ora fechado o seu escriptorio commercial, agora, rehabilitado por uma herança, tornou a apparecer na praça de commercio, e a sua firma, que jámais fôra desacreditada por uma falencia, reaparecia agora com mais credito, que nunca. Carlos pois não se poupou a despesas para vir com commodidade. Mas querendo aproveitar a occasião de vir por Thomar, para vêr um seu tio materno, que, de ha muito não vira, alugou uma calça e nella veiu pela estrada velha, que de Thomar conduz a Coimbra.

Chegado ao alto das Calçadas, d'onde se avista Coimbra, a rainha do Mondego, reclinada no seu tapete de esmeralda, e coroada com o seu diadema glorioso—o edificio da Universidade—o nosso bom Carlos embasbacou; viu Coimbra vestida com toda a sua lou-

çania e pompa, e suppoz que ia entrar 'num paiz de fadas, 'numa mansão de huris... mas em breve caiu do alto das suas illusões imaginarias ao lembrar-se que, para entrar no tal supposto eden, tinha de transpôr essa ponte lançada sobre o Mondego, onde pela fama lhe cõtaram as mil torturas, que soffriam os caloiros. Carlos não sabia ainda nada do progresso, mesmo porque os estudantes de Coimbra costumam na sua terra exagerar as partidas, que aqui fazem, com a mais atrevida hyperbole, precavendo-se bem de confessar a decadencia, que os melhoramentos materiaes do paiz, tem causado nas caçoadas.

Carlos portanto, na sua completa ignorancia, receou arriscar-se, e resolveu caminhar pelo seguro. Com este intuito, mandou fazer alto ao caleceiro, rasgou do seu *memorandum* uma folha e 'nella escreveu o seguinte:

«Ricardo! — Estou á entrada da cidade — receio passar a ponte, e por isso peço-te que venhas servir de protector ao teu do coração — Carlos.»

Dobrou e deu a um rapazito a quem prometteu pagar bem se elle cumprisse satisfatoriamente a sua missão!.. Carlos por felicidade sabia o *adresse* do seu amigo, e por isso esperava em breve atravessar a terrivel ponte debaixo da protecção de um quintanista.

Em quanto o nosso amigo se apêa do seu vehiculo, accende o seu charuto, e espera o seu veterano, matando o tempo em dirigir mil perguntas ao arriero, vamos nós levar o leitor a Coimbra, e dar-lhe uma breve descripção d'esta cidade tão decantada.

Continúa. A. M. da Cunha Bellem.

Não podemos deixar de publicar no nosso jornal a felicitação, que o nosso condiscipulo e amigo o sr. Miguel Moreira da Fonseca, em nome dos nossos collegas da faculdade de Direito, acaba de dirigir ao ex.^{mo} auctor do Projecto do Codigo Civil Portuguez, e bem assim a resposta com que s. ex.^a se dignou honrarnos.

Ex.^{mo} Sr.

A franquesa e lealdade são o apanagio mais nobre da intelligencia.

Nem com o caracter da juventude se compecede a ignobil adulação, que, ordinariamente tem por fundamentos o vil egoismo,

tão torpe em sua origem, quanto brutal em suas consequências.

Póde, pois, v. ex.^a crer, que a mocidade applicada á Sciencia Juridica exprime a verdade, confessando que vem render sincero preito a v. ex.^a, congratulando-se de manifestar seus sentimentos d'acrisolado respeito, a que tem direito incontestavel um merecimento assás provado.

As producções variadas do primeiro Jcto do reino, que o genio assignalou com o cunho da immortalidade, eis o alicerce em que se apoia o conceito elevado que por justos titulos v. ex.^a merece.

Para quem tem o prazer, tão delicioso, como inaufervel, que a consciencia do merito sabe dar; para quem até estrangeira potencia liberalizou provas de subida consideração; nossas homenagens são por ventura bem mesquinha offerta.

Mas deixe ao menos v. ex.^a, que os manebos dedicados á ardua Sciencia, destinada a reger a humanidade na coexistencia social, dê livre expansão ao sentimento de sincera affeição, que com orgulho nutrem para com quem a Patria querida quiz engrandecer, honrando-a com a primeira e indispensavel condição de nacional prosperidade — uma sabia Legislação.

Em nós por tanto o amor da sciencia e o Patriotismo á profia nos compellem a expressar a v. ex.^a — que, embora seus preciosos trabalhos não sejam coroados com o devido galardão, que ao merecimento roubam muitas vezes vis paixões; nada em nós poderá entibiar a gratidão e acatamento para com aquelle que na honrosa estrada das letras tambem mereceu da Patria.

RESPOSTA.

Meus senhores, estas demonstrações de benevolencia tão espontaneas e tão francas penhoram-me infinitamente, e são o melhor galardão das minhas fadigas e a que eu poderia aspirar.

Meus senhores, a geração que expira e a que eu pertenceo, tem sem duvida bem merecido da patria pelos esforços que tem feito por consolidar a sua liberdade politica affrontando o exilio, o cadafalso, a morte e vertendo seu sangue nos campos da batalha: mas esta geração ainda não tinha feito cousa alguma pela liberdade civil, que é a melhor garantia da prosperidade publica; e digo da liberdade ci-

vil, porque aonde a lei é incerta, confusa ou não existe, não ha senão arbitrariedade e arbitrariedade é a negação de toda a liberdade. Coube-me a mim a sorte de ser encarregado d'este importante legado. O meu trabalho está concluido como sabeis, porém não passa de letra morta por em quanto, e d'um livro de doutrina. A vós compete animal-o e dar-lhe vida, formar uma opinião que seja capaz de quebrar as resistencias que nunca faltam a uma empresa de semelhante natureza: é indispensavel arredar a indolencia e apathia dos que não podem esquecer o que apprenderam e nada querem saber de novo: vencer as opposições, os interesses criados á sombra do abuso, talvez tambem recalcar a má vontade de mesquinhas opposições pessoases.

Quando a nação na sua grande maioria reclamar o Codigo, estai certos de que hade ser lei, e no entanto nunca será perdido para a doutrina.

Espero em vista das boas disposições que acabais de revelar-me, que effectivamente assim hade succeder.

Da minha parte está ajudar os vossos esforços esmerando-me continuamente em melhorar esse trabalho de que tanto depende prosperidade publica. E concluo estas poucas palavras rogando-vos manifesteis aos vossos condiscipulos e amigos, que estas provas de benevolencia da parte da mocidade academica jámais se apagarão no meu coração e na minha memoria.

Antonio Luiz de Seabra.

CHARADA.

Temos vinte e quatro filhas }
Eu e minha negra mana: } 2

Sou medida, e a certeza }
Do verso de mim dimana } 2

Para eu assim me chamar
Hei de um corpo atravessar.

M. J. Pires,

EXPLICAÇÃO DAS ANTECEDENTES.

- 1.^a — Jurisprudente.
- 2.^a — Marmello.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 2

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270

1859 — MARÇO — 15

O HOMEM E O TRABALHO.

In sudore vultus tui vesceris pane, donec revertaris in terram de qua sumptus es.

GEN. CAP. III, V. 19.

Pequeno em relação a Deus, que o creára, e á verdade, que o illuminava, o homem era grande pela sua natureza immortall e pelos altos destinos, que lhe foram revelados.

Superior a toda a criação, ente mais perfeito era tambem o mais feliz, pois a acção directa de Deus lhe infundia a sciencia e a immortalidade, como os raios do sol entretêm nas plantas da terra a vida e o viço.

Num Eden de delicias adorava o creador, cuja mão munificente lhe doára as galas da natureza com o dominio sobre todos os animaes da terra; brilhava a aurora da ventura; mas, qual flor ephemera, que brota e murcha, viu-a raiar e logo esvaecer-se, por quanto a desobediencia primitiva o reduziu á morte, miseria e poder do espirito das trevas.

Em sua alma ficou subsistindo uma lembrança hereditaria da sua antiga grandeza e poderio; e, qual rei desenthronizado, que a força dos povos amigos leva á reconquistar suas terras e dominios, assim fortalecido em sua fraqueza pelo inestimavel beneficio da Redempção, lueta constantemente para merecer a nobre posição, d'onde fôra arrastado.

Ente duplicado, tocando por um lado o nada, por outro o infinito, é o mysterio do mundo actual, o escravo e rei da criação!

Condemnado pelo Eterno a comer o pão quotidiano a custo do suor do seu rosto, transmittiu á posteridade este funesto decreto, legando-lhe o cumprimento da terrivel sentença: assim o trabalho, consequencia e punição da queda original, tornou-se uma necessidade, a que mortal algum já-mais pôde eximir-se.

Para ganhar o pão de cada dia trabalha com afan e canção a turba do laborioso povo, que, ou d'entre as respeitaveis maquinas, berços da industria, ou sobre a dura terra, que fertilisa com o proprio suor, offerece os vigorosos braços, dispostos a saciar as mutuas necessidades, e a solida prosperidade. — O commerciante, cuja fortuna, quer na terra, quer no mar, dominam as vicissitudes, occultas á intelligencia humana:

Luctantem Icaris fluctibus Africum
Mercator metuens, otium et oppidi
Laudat rura sui: mox reficit rates
Quassas, indocilis pauperiem pati.

O artista, já imitando as bellezas da natureza, já creando produções imaginarias. — O magistrado, que defende e conserva as leis em vigor, produzindo a saude civil e a paz interior. — O medico, ensinando os meios de dilatar a vida e restabelecer a saude. — O soldado robusto, que, votado ao

serviço da pátria, expõe o sangue e a vida em honroso sacrificio.—

Martia qui ob patriam pugnando vulnera passi.

Trabalham ainda a troco do misero sustento, dissipando o escuro da ignorancia, o sacerdote, que se dedica ao puro e tremendo ministerio de vigiar sobre os altares, e de offerecer em mãos purificadas á Divindade não sordidos e indifferentes dons, mas votos e corações puros, ou de justos illustrados, ou de rudes innocentes.— O sabio, que descobre e propaga a verdade, desviando os erros e os crimes.— O legislador, que, dando leis justas e rectas, promove o bem da humanidade.— A todos para viver cumpre soffrer a pena imposta ao protoparente, e transmittida a toda a sua descendencia.

Não podemos, pois, recorrer ao producto do alheio trabalho, desconhecendo os esforços proprios. Se o infante não se exercita, trabalhando, e toda a occupação seria repugna ás primeiras edades, é que a natureza lhe destinou este periodo da vida a outras funcções importantes, e inspirou aos paes cuidar e vigiar sobre as necessidades de seus filhos. A velhice, que antes procurara pelo trabalho, satisfazer as miserias da vida, sentindo as faculdades entorpecidas, e vendo ante si o tumulo, descança e obedece a força maior. Entre estes extremos, as outras edades exercitam-se no trabalho, imitando o verdadeiro heroismo do apostolado (1) e cumprindo a lei.

Sobre necessidade, é o trabalho um dever no homem, pois desenvolve suas faculdades physicas e intellectuaes, cumpre a vontade do Todo-Poderoso, e adquire progressivamente a perfeição primitiva, rehabilitando-se para merecer um logar na mansão da paz.

Trabalhando, adquirimos os preciosos bens, que ostentam ainda nosso poder.—

(1) Ep. II, B. Pauli ad Thessaloniceenses, cap. III, v. 8.— neque gratis panem manducavimus ab aliquo, sed in labore, et in fatigatione, nocte et die operantes ne quem vestrum gravavimus.

O trabalho, dirigido pelo engenho humano, cortando florestas seculares e roteando a terra, onde sómente dominavam os espinhos, fez brotar as abundantes meses e douradas espigas, que ondeiam no largo campo; levantou a colossal estatua de Rhodes; pyramides, por cuja cima o tempo apenas roça as ferreas azas:

Sa masse indestructible a fatigué le temps;

edificou as soberbas muralhas de Thebas e suas cem portas; fundou Babylonia, Memphis, Palmyra, monumentos, orgulho dos seculos, que os produziram; servindo-se dos cinzeis, pretendeu em Corintho animar os bronzes e o marmore:

La toile est animée, et le marbre respire;

zombou do raio, prendendo-o e apagando-o; convidou os habitantes dos dois hemispherios a corresponderem-se mutuamente num instante; encurtou as distancias, e dissipou até as trevas da noite!

Hoje seus horisontes alargam-se, aperfeiçoando as artes, que, como rio caudal, espraíam-se pela terra:

Tum variae venere artes. Labor omnia vincit
Improbis, et duris urgens in rebus egestas.

F. P. Santa Clara.

DAS ARTES COMO INSTRUMENTO PODEROSO DE CIVILIZAÇÃO.

Tudo nasce pequeno; mas, assignado pelos decretos da Providencia um destino a todos os entes, ao cumprimento d'esse destino marcham naturalmente.

Isto no mundo physico; porque, pelo que respeita ao mundo moral, como o homem é senhor de suas acções, o progresso depende de si mesmo, embora se considere a lei do progresso como natural e necessaria.

Bem pouca reflexão basta para admittir isto, que á primeira vista parece um contra-senso, um paradoxo. *Le monde marche de PALLETAN* é uma verdade incontestavel, confirmada pela historia, e até pela religião, que, dando

ao homem um principio e fim sublimes, implicitamente proclama a lei da perfectibilidade, visto deixar ao livre arbitrio do homem marchar direito ao seu destino, ou degradar-se de sua elevação.

Desde que imperiosas e legitimas necessidades urgem o homem, de sua intelligencia elle tira idéas, que até ahí bem longe estava de entrever.

Nem é menos certo que essas idéas realizadas tornam a vida humana mais rica e variada.

É esta a marcha natural; nem a isto dão desmentido successos desastrosos, que fazem recuar as sociedades.

Parece que de pensado o fazem, para que, amedrontados pelos horrores das paixões e ignorancia, com maior avidéz procurem reentrar no caminho da civilisação, cujo desvio tantas penas lhes causará.

Póde então dizer-se que recuam procurando um ponto de apoio firme, para, com um esforço maior, se arrojarem, em mais longe.

É assim que a uma administração, demasiado concentrada, succede a benefica forma de governo, que, garantindo as liberdades individuaes, franquea ao cidadão um vasto campo para exercer sua actividade.

Na politica o feudalismo, na vida civil o systema prohibitivo, são provas não equivocas do que avançamos.

É por tanto para nós da maior evidencia, que, não obstante os terriveis abalos em que se debate por incidente a sociedade, ella marcha a seu destino, obedecendo á lei do progresso.

As idéas já existentes com ulterior desenvolvimento, e as novas que a philosophia vai elaborando, marcam as phases por que passa a civilisação, sempre crescente.

Mas a idéa, de per si só, não passa d'uma abstracção, que ficará esteril, fazendo, quando muito, o orgulho do philosopho, se, realisa, não trazer uma commodidade ao homem.

E, para realisar-se, varios processos podem empregar-se até se chegar ao mais perfeito. Estes, nos diversos ramos de actividade humana, constituem as diversas artes, de que por isso tractaremos, como instrumento civilizador.

Consideraremos, á luz da historia, as artes como libertadoras, numa grande parte, de classes, que, victimas d'estupidos prejuizos, á actividade própria deveram sua emancipação.

Continúa.

M. Moreira da Fonseca.

A USURA Á LUZ DA ECONOMIA POLITICA E DO DIREITO

Longe vai a epocha em que o benefico elemento social era pouco conhecido, e muito desprezado. Hoje o individuo é a nação, e esta o individuo; e talvez em breve a palavra nação possamos substituir a palavra humanidade.

O sangue, que na actualidade anima os membros da sociedade, é um e o mesmo. E uma das arterias sociaes, por onde este principio de vida e acção se transmite, é a troca no seu sentido mais generico.

A producção moral e material necessita do concurso de diversos elementos, que por isso raras vezes se encontram reunidos num só homem. Vem contudo o contracto do emprestimo supprir esta falta, convertendo o capitalista em emprehendedor, e este em capitalista, que, desligados, nenhum resultado favoravel podiam obter.

D'aqui podemos logicamente concluir que todos os embaraços a estes contractos são anti-economicos e anti-juridicos: em cujo numero occupa o primeiro logar a legislação, que marca o juro do dinheiro obtido pelo emprestimo, taxando de usurario o contracto, em que se estipular um juro superior a este. Da usura resulta pois a nullidade da convenção naquella parte, em que se determinou um juro excedente ao estabelecido na lei.

Sendo os homens dotados de propriedades e qualidades moraes distinctas, e sendo tambem differentes os riscos, que o capital mutuado soffre, e em geral as circumstancias dos contrahentes, temos tal lei como infundada. Estes principios são incontestaveis, não têm demonstração; contudo as verdades mais triviaes são ás vezes as que mais escapam ás superiores intelligencias, que, elevando-se ás altas regiões da sciencia, cahem em desvario.

As intenções da lei boas são: assim o fossem os seus resultados. A practica de todos os dias, em apoio da theoria, nos mostra que a lei é defraudada sem ella o conhecer, e que, naquelles casos em que ella tem applicação, augmenta a miseria do pobre, em vez de lh'a diminuir.

Dois individuos precisam pelo seu trabalho d'alguns capitaes: um d'elles tem propriedades, com que possa exuberantemente garantir a solução da divida, e tem a sua reputação bem fundada: o outro tem apenas algum credito.

Qual d'elles, havendo um juro taxado pela lei, obterá a preferencia do capitalista?

Sem duvida que seria o primeiro, isto é, aquelle que menos necessita; e o pobre morrerá de miseria, porque não póde alcançar um capital, em que empregue o seu trabalho; o que não succederia, se fosse permittido ao capitalista fazer-lhe o emprestimo com um juro mais elevado, em virtude dos riscos, que tem de supportar o capital mutuado.

Além d'isto convém notar que a usura é antes o resultado da taxa do juro, imposta pela lei. Os capitalistas probos não querendo, ainda ás occultas, infringir as leis, e não lhe convindo dar de emprestimo por um tão modico interesse seus capitaes, dão-lhes uma outra applicação; resultando d'aqui o augmento do juro pela diminuição dos capitalistas mutuantes.

Ha leis na natureza, que os homens não podem alterar, e que pelo contrario merecem ser respeitadas pelos beneficos resultados, que produzem. Nestas circumstancias está a lei invariavel do augmento ou diminuição do juro, segundo a procura dos capitaes fór superior ou inferior á offerta dos mesmos.

Tem sido mui variada a nossa legislação sobre o juro dos capitaes mutuados. As nossas Ordenações L. 4, T. 67, principiam determinando que nenhuma pessoa possa dar de emprestimo ouro, prata ou qualquer especie de dinheiro, sob pena de perda do capital, e pela primeira vez dois annos de degredo para as costas d'África, indo contra esta disposição.

As leis canonicas, como nos refere o sr. Ferrêira Borges no seu dictionario commercial, estão concordes com as Ordenações.

Os Alvarás de 23 de Maio de 1698, e de 17 de Janeiro de 1757, admittem o juro até 5 por cento. Em commercio o juro é arbitrario.

Não negamos, que o juro excessivo é um roubo commettido pelo capitalista, que a philosophia do direito reprova em certos casos.

O capitalista com o empresario formam uma sociedade, na sua maior simplicidade; e, sendo da natureza das sociedades a repartição igual dos lucros, seria injusto que o primeiro recebesse todos os proveitos, quando estes eram tambem resultado do trabalho do emprehendedor. Como porém o capitalista não quer sujeitar-se ás contingências do interesse, estipule um juro certo, mas que nunca deve exceder o termo medio dos prejuizos e dos lucros, que naturalmente acompanham certas e determi-

nadas empresas. Todo o juro, portanto, que exceder a este, é injusto e illegal, sómente obtido á custa da miseria alheia.

Nem se diga que o contracto fazendo a lei entre as partes contractantes, o que pede dinheiro por emprestimo se deve sujeitar ás clausulas do mesmo contracto. É um absurdo inqualificavel o suppor-se que o mutuario se obrigue a pagar um interesse tão extraordinario, que o seu trabalho fique sempre sem alguma recompensa.

Desenvolva-se a moralidade pública. Instituem-se os bancos territoriaes; caixas economicas, e em geral empreguem-se todos os meios que a Economia Politica demonstra serem apropriados para a economia dos capitaes, que o resultado será o exterminio de todos estes embaraços, que tanto impedem o progresso moral e material da nação.

Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

A ...

Elle etait aimable et belle!
Son pur éclat s'est flétri,
Et trois fois l'herbe nouvelle
Sur sa tombe a refleuri.

Vouo-me o sonho da infancia

Num meigo e ledo sorrir,
Sem dar valor á existencia
Sem me lembrar do porvir.

Flor d'um só dia, o meu sonho

Foi como a rosa singella;
Foi como em noite de estio
Cadente rapida estrella!

Que era tão lindo o meu sonho

Todo crença, todo amor!..
D'esse engano me acordaram
Os desenganos da dor!

Mimosa pobre florinha

Frio gelo te murchou!
Sonho da vida, a ventura,
Como tu, breve passou!

E eis-me no tumulto em vida...

Se posso em vida fallar!
Pobre existencia... se posso
Isto existencia chamar!

D. Marianna Poyoa

De tudo ha.

Ha prosa, ha verso, e ha poesia.

E ha prosa em verso, como ha poesia em prosa.

Escrever prosa em verso é tocar *a compasso* num realejo.

Que vezes não tenho eu dado á manivela!

A poesia, essa, não! A poesia ainda em prosa — é oiro; e em verso, *oiro sobre azul*.

Ora digo eu: oiro sobre azul — é o que me parecem a mim os versos que precedem.

Espontaneos e nus como um gemido, lêem-se e *sentem-se*: *recem-nascidos* d'alma, a gente beija-os na sua ingenuidade.

De quem são elles?

Quem é que assim apalpa no coração primeiro, antes que escreva?

Quem é que assim — *copiando-o* — ensina aos *inféis* a unica religião sancta na arte?

Não sei! Não sei, mas dir-lhe-hei:

Mulher! Meia-existencia, como cada um de nós o somos, gemes tu na viuvez de *um outro* coração?

Pombinha de uma só aza, andas tu ahi de rastos solitaria, sem que possas voar á felicidade?

Ouve: a flor não vóá, e exhala o seu perfume. Canta e escreve!

Canta e escreve, que a alma assim dilata-se.

Quando d'uma rocha elevada, quando d'um ninho d'aguia se despedem os olhos á terra, vêem-se as miserias da terra de uma nuvem do céu.

Assim é tambem no Sinai dos espiritos — na imprensa — na luz! mil palpebras se humedecem das nossas lagrimas; mil corações palpitam aos impulsos do nosso!

Cuidas? Poetisa! No mundo ha mais de um infeliz.

Ha pouco ainda se me affigurou a mim volver-me alguem uns olhos compadecidos.

Desaffeito á piedade, enterneceu-me aquillo!

Fitando-a, puz a ponta d'um dedo no coração e *escrevi*... (?)

Fiz mal!

Copias d'uma existencia obscura, que lhe importavam a ella as minhas cartas?!

E isto foi hoje. Amanhã tive ainda saudades d'aquelle olhar assim — fui...

Sabes? Ella tinha prohibido aos seus olhos que me vissem!!

Não era uma rosa. Não, poetisa! Mas como eu amava aquella violeta! Como eu prophetisava, quando uma vez escrevia:

Ah! se eu fosse borboleta,

Violeta!

Por quem ao sol derreteria

As minhas azas de cera,

As azas da borboleta,

D'oiro em pé?

Ah! se eu fosse borboleta,
Violeta!

Eu deixava a rosa e a dhalia
Nuvens, bosques, céu da Italia,
Por ti só!

E aos seus olhos...

Não digo!

João de Deus.

SUSPIRO.

Não ter lagrimas que apaguem
O fogo d'esta paixão!..
Não ter mãosinhas que apaguem
O meu pobre coração!

Não ter uns labios que beijem
Estes meus labios tambem!
Não ter eu azas que adejem...
Voar... e não ver *ninguem!*

INVIDEO QUIA QUIESCUNT.

(1836)

Longe de um mundo agitado
Quero um pouco repousar...
Quero sosinho pensar
Sobre a campa do finado...
Este asylo socegado
Como jaz quieto e mudo!!
Fado bom... destino rudo...
Tudo aqui vem perecer...
Amor... glorias... e prazer...
Com a morte acaba tudo.

Tudo acaba; a morte encerra
Fim de agitadas paixões;
Duro pezo de afflicções
Não se entranha 'nesta terra!
Vai d'aqui bem longe a guerra,
O coração nem palpita...
Sem pulsar, já não se agita
Com tormentos infernaes!
Aqui já não soffre mais;
Nas campas a paz habita.

Alem das campas geladas
Terminou o soffrimento;
D'ausencia o cruel tormento
Não sentem frias ossadas...
Lá descancam socegadas
No seio da eternidade...
Livres já da crueldade
Do nume dos ais, do pranto,
Estende-lhe a morte o seu manto...
Lá não se encontra a saudade.

A saudade lá fenece,
Lá baldam seus rigores;
Entre susto, pranto e dores
O morto não se enfurece.
Na campa tudo adormece,
Todo o mal allí se evita.
Abre-te, ó campa bemdita,
Quero dormir em teu seio,
Pezares lá não receio,
Lá não se encontra a desdita. (F.)

SONETO.

Teu discurso, fidalgo, não convence
Aquem tuas razões não acredita;
Satellite da terra a lua imita
O cão fiel, que a seu senhor pertence.

Oh! Excentrica a lua! Quem bem pense
Solta assim phrase, impunemente dita?
Até onde a arrojara essa infinita
Força immortal, que as resistencias venre?!

O lunar movimento não seria
Tão regular, se um centro não houvera,
Do qual em torno a lua gyraria.

Principios taes o calculo assevera:
Oh! Deixa qua a tenaz philosophia
Siga este assumpto com verdade austera.

Dr. Zagallo.

ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 1.

v.

Illusões e sonhos.

De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam.

CAMÕES.

Como veloz se move a pendula do tempo!
Como rapidos se deslisam, um a um, os grãos
de arêa, que na sua ampulheta se contêm!
como em vertiginoso movimento gira impassivel
o fatal ponteiro!.. E as auroras se repetem,
e as noites se succedem, e os annos
volvem, e emfim o tempo corre... vò... e nós,
deslembados então e não cuidadosos, saudamos
o dia que surge no horisonte com a indifferença
mesma com que o adeus dissemos ao dia que
findou!.. É porque então as trevas do *hoje*
não são dissimilhanes das que passaram
hontem.

É porque então ellas todas nos recebem
para em roseo leito nos embalarem em somno

deleitoso, bafejado pelo sorrir de infancia e
cercado sempre e sempre por mentirosos, mas
seductores sonhos.

É porque então a luz, que segue a noite,
nos vem acolher risonhos ao despertar, como
que atando o nexo dos pensamentos capricho-
sos e insignificantes, mas delicados e virgi-
neos, que ao adormecer nos acalentaram! É
porque então é tudo gala e tudo riso no espirito
que não se estorce ainda nas mesquinhas
lucubrações do calculo ou nas geladas concepções
do descreer!.. É porque então *era na infancia!*

E quão bella é a aurora da existencia com
seus recreios e prazeres, com seus brincos e
folgares!.. e até as lagrimas, que ao depois
tão amargosas nos serão, 'nessa bella quadra
são qual orvalho matutino, que humedece e
faz desabrochar a rosa da mocidade!.. e as
propias lagrimas, essas lagrimas primeiras,
preludio a tantas que na vida se hão de ver-
ter, são, como os leves agoaceiros de prima-
vera, precursores da mais risonha bonança,
que apóz se lhe seguirá!..

Meiga infancia!.. quão risonhos são teus
dias com seus velozes pensamentos!.. quão
feiteiceiras tuas noites com seus mentirosos e
encantados sonhos! Meiga infancia! como és
bella!

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do n.º 18, 1.º vol.

v.

Carta d'El-rei D. Diniz ao Alcaide mór d'Elvas,
e doações que El-rei fez.

Fernão Martins Curutello foi o primeiro
Alcaide mór da villa d'Elvas, e lhe succedeu
Rodrigo Fernandes. No anno de 1282 era Al-
caide mór Ruy Fernandes, que molestava o
povo, do que a Camara se queixou a El-rei D.
Diniz, que lhe escreveu a seguinte carta:

« Dom Diniz pela graça de Deus, rey de
Portugal e do Algarve. A vós Ruy Fernandes,
Alcaide d'Elvas, saude. Sabede que o Conselho
d'essa villa se me enviou a queixar que lhe
mandastes filhar saleteyra e esbulhar os leytos
d'ella, e vós sabedes e devieis saber, que eu
hey defezo que nenhum Alcaide non filhe a
nenhum saleteyra contra vontade de seus do-
nos, porque vos mando que logo vista esta
carta lhe entreguedes saleteyra, e se lhe em

ella algum damno fizestes, mando que lho correjades mui bem, e defendo a vós que d'aqui em diante lha non filhem contra sua vontade, d'onde al non façades, se non a vós me tornaria, e mando que o Conselho de Elvas tenha esta carta, dante em Sylves, o primeiro dia de março de 1282 — Rey.»

Quasi por este mesmo tempo se assentou, que dos bens dos Templarios, que tinham neste reino, se instituisse uma nova milicia, chamada de *Christo*, para impedir as entradas dos mouros no reino do Algarve, e havia de ter seu assento em Castro Marim, e por esta razão ficaram os bens, que os Templarios tinham em Elvas, á Ordem de *Christo*; d'elles foi instituida uma rendosa Comenda, que chamaram do Torrão, por ser esta a maior herdade, das que lhe pertenciam, além de mais quatro, e as terras que ficam entre a ribeira de Chinchas, em que os Templarios aquartelaram quando tomaram Elvas aos mouros, que são bons olivaeas, que chamam a Comenda, e casas e propriedades, que lhe pagam fóro. Muitos annos andaram nos Alcaides môres d'esta cidade; no de 1709 a possuía Martin Affonso de Mello, conde de S. Lourenço. Hoje, todos sabem o fim, que taes Comendas tiveram.

Os priorados da matriz, e parochias d'Elvas, ficaram de nomeação e padroado real: o da matriz deu El-rei aos marquezes de Ferreira, depois duques de Cadaval, e por isso, quando se erigiu cathedral, lhe deram a provisão de um Canoniceato em logar do priorado que nella appresentavam; o ultimo Conego, por elles provido, foi o falecido Manuel Nunes Teixeira de Lima. Por breve de Sua Sanctidade foram applicados dous terços do dicto priorado aos frades Loyos de Evora.

O priorado da freguezia do Salvador deu El-rei á Serenissima Casa de Bragança, de que instituiu uma rendosa Comenda.

Do priorado de S. Pedro, que é menos rendoso, se creou uma preceptoría do habito de *Christo*.

O priorado de Alcaçova deu El-rei no anno de 1309 á Ordem de Aviz, sendo mestre D. Lourenço Affonso. Foi Comenda, que muitos annos andou na nobilissima casa dos Mirandas.

Á Ordem de S. Thiago deu El-rei trez boas herdades e outras terras, que chamaram Comenda da Espada, que em 1709 possuía Miguel Carlos de Tavora, 2.º conde de S. Vicente da Beira. — M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 1.

XVIII.

Metamorphose.

Coimbra é a terceira cidade de Portugal, situada a tantos grãos de latitude, a tantos de longitude, tantos metros acima do nivel do mar, etc., etc. É uma terra linda para ver por fóra, que em quanto por dentro! Deus nos acuda!.. é uma velha casquilha, adornada de alvaiade e vermelhão, para encantar os que passam; mas que observada de perto não tem senão rugas e faltas de dentes!.. Os seus arrabaldes, as margens do seu Mondego são lindas; mas em compensação, as suas ruas são asquerosas; estreitas pela maior parte, no bairro-baixo especialmente onde ha vielas que não têm cinco palmos de largura,—e até as mesmas ruas principaes e os melhores largos são todos irregulares, incompletos, faltos de gosto e de symetria.

Monumentos antigos, tem-os dignos de admiração dos entendedores, mas, pela maior parte, estragados e deturpados pelos aperfeiçoamentos de sua monomania modernizadora, que accommette quasi toda a gente em geral... a ponto de pintarem os devotos a uma soffrivel esculptura de S. João, que ha na porta lateral da Sé Velha, os cabellos de pós de sapatos, as faces e a túnica de zarcão ou roxo rei, e mais uns berliques amarellos, o que dá ao pobre santo uma apparencia exquisitissima!..

Quanto ao mais Coimbra não é ahí uma cidade como outra qualquer, é uma terra que tem sido comparada a varias cousas, pelo contraste que fórma a sua fealdade, embutida em lindissimos contornos... e eu aqui para fazer tambem uma comparação, direi que é um feio seixinho engastado em rico adorno de saphiras e esmeraldas (1).

O que é facto, é que quasi todos os poetas têm cantado esta terra, depois de estarem longe d'ella, e quando a distancia, que por um effeito de optica lhe encobre a fealdade da parte plastica, em virtude das saudades da

(1) Este capítulo foi escripto já ha tempos. Hoje dever é confessar, que Coimbra tem recebido innumeros melhoramentos, e que afora o dedalo immundo do bairro baixo, onde difficil é entrar a civilização material, está uma cidade muito bonita.

juventude, lhe põe em relevo as bellas da parte esthetica, isto é, dos gosos e boa vida, que se aqui passa quando estudante...

— Então trazes alguma resposta? — bradou Carlos ao rapazito apenas o viu despontar ao cimo da ladeira de Santa-Clara.

— Non senhor! Nhor Noitor o tal home que vomecê préguntava tinha saído los-que acabou de jentar.

— Diabo! que maçada! e agora como hade ser isto!!! Toma lá, rapazito, muito obrigado pelo incommodo.

— Nanja por isso nhor noitor: o que eu sinto é qu'o home nun 'stivesse lá... Então com sua licença.—E o rapazito desapareceu pulando de contente por ter recebido seis vintens em prata pelo recado.

Carlos, esse concluiu duas coisas — 1.ª que um homem pôde ser doutor, ao menos em nome, sem entrar em Coimbra, 2.ª que elle tinha de entrar alli sosinho. E quasi que esteve para voltar para traz!

Mas elle ha muito que ambicionava o gráu de bacharel para deixar perder assim tão lisongeiras esperanças, por causa de uma coisa que não valia nada. Não lhe constava que estudante algum tivesse morrido com as caçoadas, e que ficasse doente com gravidade, ha muitos annos que não acontecia; e por consequente, declarou-se fatalista e resolveu-se a partir. Mas, *ad cautellam*, lembrou-se de se disfarçar para assim mais impunemente transpôr a ponte, e por isso disse ao caleceiro:

— Você quer ganhar dois pintos?..

— Por que, senhor doutor?..

— Emprésteme o seu fato.

— E eu?..

— Não sei!.. vista o meu, arranje-se como poder, mas dê-me a sua jaqueta e o seu chapéu.

O que não fará um arreeiro por dois pintos? Despir o condutor da caleça a sua jaleca de briche, e substituir o seu chapéu derrubado pelo *bonet* de viagem do nosso amigo, foi obra de um momento. Pelo seu lado Carlos concluiu a sua mascarada com brevidade, apezar da repugnancia por certos perfumes, que exhallava o fato do caleceiro; mas o amor ás costellas prevaleceu contra o pronunciamento do órgão olfático, que foi submettido á obediencia por meio de um convincente discurso, recitado tacitamente pela bocca do medo.— bocca a que o seculo das descobertas sublimes logrou chrismar em *prudencia*, o que realmente sóa muito melhor que *medo*.

Prudencia ou medo inspirava acções sublimes ao nosso bom e esperto Carlos, que transpunha a ponte da lusa Athenas a trinta ou quarenta passos adeante da caleça, dando aos braços o mais possivel para mais ao natural desempenhar o papel com que elle pretendia illudir os espertalhões dos veteranos de Coimbra, de cuja falta na ponte já se admirava, mas que nem mesmo assim suppunha menos ter caçoado com a sua metamorphose!.. Pobre louco!.. acabava de pagar o tributo á ponte de Coimbra, caçoando-se a si mesmo!..

E os estudantes?.. Esses espalhados pelos bilhares da *Calçada* e pelos botequins do bairro alto, e por muitas outras partes boas ou más, nem sequer se lembravam de que um caloiro transpunha incolume áquellas horas a ponte da cidade das letras!.. *Oh! tempora! oh! mores!*.. A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

CHARADA.

'Stou no vento, 'stou nas arvores,
Tambem 'stou na poesia,
'Stou nos homens, 'noutras cousas,
E tambem na geometria

1

Eu sou filha d'uma torta;
Nasço, porém, direitinha:
E, para estar mais segura,
You-me pegar á visinha.

2

Em centros vivo escondida
E não saío á luz do dia,
Senão quando quem me encerra
Padecer anatomia. M. J. Pires.

SATISFAÇÃO.

Por descuido deixou de apparecer entre os nomes dos collaboradores d'este jornal, o do nosso estimavel amigo e condiscipulo Alfredo de Carvalho, o que reparamos por este meio.

AGRADECIMENTO.

Recebemos o jornal, — A *Imprensa*, — publicado no Porto; desejando-lhe longa vida, agradecemos a remessa aos illustrados redactores.

Errata — Pag. 7, col. 2. linha 43 — onde se lê *intelligencia* deve lêr-se *adolescencia*.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 3

Vol. II

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro
 } F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

1859 — ABRIL — I

Ao Ex.^{mo} Sr. Joaquim Peixoto
Cabral e Castro.

Virtude, economia e trabalho dissesteis vós ser as prerogativas do homem-cidadão. Este conselho só o dá quem no decurso da sua vida aprendeu na experiencia e observação o desenvolver successivo do homem e das familias; quem, passando incolume por sobre todos os escolhos de uma vida, ora certa, ora aventureira, já vaga, já bem dirigida, colheu com proveito todos os resultados da oscillação da humanidade. Este conselho só o recebe quem, soffrido o choque instructivo das desillusões da mocidade ardente e precipitada, prevendo a impossibilidade civil de procrastinar a sua existencia, sob o influxo das impressões instigadoras na infancia da intelligencia, quem, digo eu, tem o desenvolvimento preciso para comprehender uma das mais importantes e complicadas relações da vida social. O joven ardente, em quem não calam os conselhos dos seus maiores, que a experiencia do mundo convertêra em oráculos infalliveis, não é criminoso, não tem nem ainda vislumbres da mais leve imputação: a culpa e o crime persuppõe liberdade do agente, e o moço, apenas formado pela influencia cega e irreflectida da natureza, que entra implacavel e incircumspecta, corre atraz do destino, que o desvenda alíem, dando-lhe uma lição tremenda — a da experiencia, que consolida a razão e extingue paulatinamente o periodo infantil, á

medida que a virilidade se vai constituindo á sombra do seu verdadeiro pedestal, a direcção civica, que reassume o seu character predominante, fulminando qualquer estado, que da natureza emanasse sem concurso da intelligencia.

A virtude é o esforço humano para cumprir as leis naturaes e facticias, empregado quando a nossa fraqueza, conhecendo a facilidade de descrever, e a difficuldade de subir, nos convida e como que arrasta para o abysmo, onde reina a confusão e se define, perecendo depois, a dignidade humana. Duas condições exige necessariamente a practica da virtude — força sufficiente para debellar o imperio do mal, e o conhecimento das leis naturaes e facticias, de cuja applicação resulta a virtude e o bem. Dar-se-hão estas duas circumstancias em todos os homens e em todas as edades? Não: logo, nem em todos os homens e em todas as edades ha virtude.

Mas ha na duração do homem um periodo, em que se torna absolutamente impossivel a sua practica, e mesmo a sua existencia, é o da infancia, abrangendo os tempos proximos. Até aos vinte annos ordinariamente o que chamam virtude, é um procedimento espontaneo da natureza. Não é raro encontrar-se aos dez annos uma pessoa, que actua dentro d'uma esphera, que, aos olhos do corpo, é virtuosa; mas, interrogando-lhe a natureza particular, o temperamento d'essa pessoa diz: — sou eu que lhe determino as acções. — Não ha

aquí virtude. Se o temperamento é diametralmente opposto, 'naquella e ainda mais avançada idade, apparece um menino exótico, *desenvolvidinho*, na phrase da época, é apparentemente vicioso; mas analyse-se-lhe a natureza, e responderá — não dei ainda occasião ao exercicio da liberdade moral; não deixei ainda, que os motivos racionais dominassem os instinctos puros—. Aquí tambem não ha vicios, porque não ha condições existenciaes para a virtude. O procedimento é cego, fatidico; não vê a lei, nem pôde esquivar-se á acção da força physica, e bem physica, que o estimula. É sob este ponto de vista do homem um ser amorpho, cuja organização completa, se não elabora no ventre materno, mas effectua-se atravez das differentes evoluções physicas e hyperphysicas, cada uma das quaes lhe suggere um elemento complementar. O homem, visto pelo prisma da sua dignidade, é um ente de duplice geração, sendo a ultima o penicedo de gestação, no seio da sociedade, que é a sua segunda mãe. Se isto não é assim, o homem não é o que dizem.

A economia é o meio mais proprio para alimentar a indole da virtude: é um facto que a experiencia quotidiana assás confirma. Mas a economia é impracticavel sem a convicção, e esta vem tarde, tão tarde, que frequentemente coincide com a ruina completa do nosso ser, a qual desespera o juizo de uma reabilitação honesta. O espirito economico actua em par da virtude, porque é esta que encaminha, segundo a norma natural, o homem pelas veredas da conveniencia social, mais ou menos determinada pela feição civil do tempo actual. Para a economia, pois, se requerem os elementos occasionaes da virtude.

Ha homens, que parecem ter sido embaldados 'num ambiente sobrio e parcimonico, distinctamente notado de prudencia requintada, mas esses não são filhos de si mesmos, são apenas escravos das forças estimulantes da sua especial natureza. Estes economicos levantam-se na sociedade, guiados pela mão da natureza, e com um rever

d'ella, cahem no abysmo, procurando d'um modo estúpido, e por um processo incompetente e mal cabido a fortuna, que se esvae irresistivelmente pelo lado adverso da sorte inexoravel.

Ao contrario, o economico de convicção que cimenta as suas facultades productivas, sobre a autonomia propria, espreita de longe o fado, que esvoaça sobre o caminho, por onde tem de passar á frente de suas empresas, e se por incuria inherente a todas as acções humanas, succumbe ao seu dominio implacavel, traça os planos de o fazer o menos efficaz possivel, a ponto de obstar em gráu consideravel á sua funesta ingerencia. Assim o espirito economico não é proprio da idade tenra, em que as cousas do mundo são encaradas com superior admiração, e por isso com suprema ignorancia.

Continúa.

J. M. Cabral e Castro.

O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.^{mo} SR. ANTONIO LUIZ DE SEABRA.

Continuado do numero 1.

O methodo, a ordem é nma necessidade do espirito no ensino e estudo de todos os conhecimentos humanos. Esta necessidade recresce comtudo, quando esse estudo e ensino tem por objecto os interesses practicos da vida, as relações juridicas do homem.

APOSTILLA n.º 1, pag. 8.

Um Codigo deve estabelecer as differentes condições necessarias para o conseguimento do fim social, de maneira, que se tornem conhecidas quanto ser possa, por aquelles, a quem ellas interessam.

Este resultado, porém, é difficil obter-se, não só pela natureza complexa do direito, mas tambem pelos variadissimos casos a que este tem de se applicar.

Estes dois escolhos podem-se comtudo evitar: o primeiro por uma analyse detalhada do direito; o segundo por uma classificação rigorosa.

A analyse e classificação devem-se considerar como os dois pharoes, que têm de guiar

o legislador na distribuição systematica das diversas disposições legislativas.

Em todos os ramos dos conhecimentos humanos as classificações são indispensaveis, porque, não havendo essa ligação intima de principios, as verdades, que a sciencia contém, não se conhecem, e portanto a sciencia não existe.

A necessidade, porém, augmenta nas sciencias moraes.

São estas, que, expondo ao homem seus deveres, mais de perto lhe interessam.

Esta verdade, ainda que não desconhecida pelos nossos legisladores e jurisconsultos, não tem sido applicada em toda a sua extensão.

O systema imperfeito do nosso direito civil, é, com poucas modificações, o já usado pelos Romanos. Só a sua origem, por em quanto, nos basta, para nos convenceremos da sua insufficiencia.

A classificação das materias de direito civil, mais do que em todos os outros ramos do direito, é uma das condições indispensaveis. Na verdade o pensamento do legislador era impossivel conhecer-se, se ás palavras d'um artigo, dessemos outra ordem differente da que lhe havia sido dada por seu auctor. Da mesma maneira em certos casos o espirito do legislador seria ignorado se artigos analogos ou semelhantes no seu objecto, fossem deslocados. A prática confirma o que acabamos de dizer.

O nosso codigo commercial, a par de defeitos na doutrina, contém um outro, que lhe não cede o lugar, e que vem a ser o de não seguir uma exacta distribuição de suas materias; resultando d'aqui immenso trabalho, não poucas vezes improductivo, para separar dos diversos artigos disposições, que noutro lugar tem o seu verdadeiro cabimento.

Não fallamos nas nossas Ordenações, pois que estamos convencidos que seus redactores nem ao menos sabiam o que era classificação.

Além d'isto, quão vantajosa não é uma classificação exacta pela facilidade de se encontrarem as leis, que precisamos saber.

Estes males serão sanados em breve pelo Projecto do Codigo Civil Portuguez.

A bem ordenada distribuição das materias do Projecto, é um dos seus grandes merecimentos. O seu illustre auctor pretende que o livro da lei seja o livro da doutrina. Certamente um Codigo é para andar nas mãos de todos, e não para ser sómente lido pelos homens de sciencia.

Com a approvação do Projecto, pôde-se applicar o principio — a ignorancia da lei não aproveita a ninguem — porque, estando toda a legislação civil compilada num pequeno volume, quasi todos, attendendo á claresa com que elle se acha redigido, podem dirigir seus actos conforme a lei, o que até aqui tem sido irrealisavel pelo confusão de nossa legislação; confusão esta, com que os mesmos jurisconsultos se viam embaraçados.

Se, além d'isto, attendermos a que o Projecto determina no artigo 13, que as questões se regulem pelos principios de equidade, quando não podérem ser resolvidas nem pelo texto da lei, nem pelo seu espirito, nem pelos casos analogos previstos em outras leis, teremos como evidente o quanto interessa á ordem social a regularidade, com que as materias do Projecto são distribuidas.

Não entraremos agora na questão — qual o subsidio a que se deve recorrer nos casos omissos; — mas diremos que a exacta collocação das disposições do Projecto, é um poderoso subsidio para se descobrir o espirito do legislador, a razão e fim da lei, e para se fazer uso da equidade, que ao meu vêr não é mais do que a applicação que o legislador faria, para ir em harmonia com o que estabeleceu, se prevésse essa questão, sobre que deixou de legislar.

B. d'Albuquerque e Amaral.

Continúa.

AMOR E MORTE.

Il est cruel, poignant, de perdre ceux qu'on aime,
C'est un énorme poids qui tombe sur le coeur,
La mort, monstre inhumain, qui fit pâlir Dieu même,
Enveloppe nos jours d'un réseau de douleur.

M.^{lle} ELISE MOREAU.

No limiar da existencia, sem ter inda
Chegado aos labios do prazer a taca,
Sem ter crestado a candidez da alma
Das terrenas paixões ao fogo impuro,
Co'a ponta da aza negra anjo de morte
Tocando-a a fez cair no frio tumulo...
Terra! pesou-te pouco... faz bem leve
O manto escuro, que lhe encobre os membros!

Longe, longe d'aqui fui encontrarte,
Virgem, que tanto amei!.. ambos deixavamos
As plagas do Brazil, voltando á patria,
Quando eu te vi. No Guanabára ainda,
Miravas Sancta Cruz, pungido o seio
Por saudade bem funda; e manso e manso
Da dupla franja de teus louros cilios

As lagrimas cahiam, a aljofrar-te
 As faces, em que a magoa se pintava.
 E vi-te assim! — e ao ver-te, oh bella, o sonho,
 Que em meu peito dormia, em igneus ondas
 De sangue me subiu á frente pallida.
 E então fallei-te, virgem, procurando
 Tua dor ameigar; a minha pena
 Casei á tua pena; e pouco e pouco
 — Como a sombra se esvae co'a luz da aurora —
 Deu logar a tristeza em nosso seio
 A novo sentimenso — amei-te, e amaste-me!..

Porque não te calquei, fatal affecto?
 Porque ao nascer não te extingui o fogo,
 Como ao filho do amor mãe deshonesto
 Corta a vida innocente, p'ra que um dia
 Não lhe seja lançada essa existencia,
 Como eterno labéu de infamia eterna,
 As faces descoradas? Porque, ao ver-te,
 De hora a hora a crescer, tomar tão rapido
 De meus sentidos posse, e para sempre
 A mente avassalar-me, a vida e tudo,
 Porque sina fatal senti nos labios
 Adejar-me um sorriso de ventura?
 E que ella estava ali... é que seus olhos,
 Mergulhando nos meus em mago enlevo
 Ardentes raios, pelo amor velados,
 Me afagavam no peito, a dilatar-se
 Docemente, a affeição rompendo em viços...
 E que em seus labios humidos bebia
 Calor e vida para o amor nascente.

Por largas horas de suaves noites,
 Quando a brisa seus cantos modulava
 Ciciando na enxarcia; quando as vagas,
 Reflectindo as estrellas, vinham lentas
 O seu dorso quebrar de encontro ao bojo
 Da rapida galéra; quantas vezes
 Não estavamos nós, um do outro perto,
 Co'as mãos trocadas a fallar de amores?
 Quantas vezes de tarde, em nuvens de ouro
 Vendo o sol envolver-se, raios tremulos
 No verde-mar vertendo, não lançamos
 Em vaga aspiração olhos de inveja
 A vastidão dos céus — querendo nelles
 Ir sósinhos buscar bastante espaço
 A conter a paixão, que em nós ardia?
 Quantas vezes sentimos pela mente
 Passar-nos rápido o vivaz desejo
 De nunca ver da patria amadas praias
 Como temendo que esse amor morresse
 Longe do oceano, que nascel-o vira?

Ai! triste, triste amor foi esse! És morta,
 Formosa virgem mal fadada... e ainda
 Sinto no coração tumultuar-me
 Essa immensa paixão, que me inspiraste!
 No murmurio das agoas, nos perfumes,
 Que a terra exhala, quando o sol a banha,
 Nos gemidos da aragem, perpassando
 A horas mortas por sombrios bosques,
 Em tudo o que commove, e encanta, e afaga,
 Em tudo sinto o genio da saudade
 Em lingua ignota segredar teu nome:

E então mais negro o manto do desgosto
 Mais pesado me enlucta o seio oppresso.
 Oh! não morre este amor! — por minhas lagrimas
 De continuo regadas, reverdecem
 Com mais seiva e mais vida essas raizes,
 Que no peito — tão fundas! — me cravára.
 Assim lascados troncos de salgueiros,
 Pela morte tocados, se lhes passa
 Ao pé limpido arroio, inda se infloram
 Das gallas juvenis da primavera.
 Oh! não morre este amor! — se o aroma fica
 Se de effluvios celestes nos embriaga,
 Que importa que do acaso as loucas azas
 O fragil vaso, que o continha, quebrem?
 Não! não morre este amor! — fundo cavados
 Tenho em meu peito os traços indeleveis
 De tua imagem gentil — unica herança,
 Que de ti me ficou — crúa ironia
 A paixão immortal, que me domina,
 Quando é já fria cinza o objecto d'ella!

E tu morreste, virgem! — como a rosa
 Da sesta pelo ardor enlanguescida,
 Inda ha pouco te vi vergando a fronte
 Ao peso da doenca — e eu deixei-te!
 De ti bem longe me chamava a sorte...
 Deixei-te, e és morta já! — E eu nem lá estava
 Para na hora fatal do passamento
 Beber-te o ultimo sopro d'essa vida,
 Que tão cara me foi... com que de envolta
 Toda morreu a espra'ça de ventura,
 Que no mundo sonhara... És morta, virgem!
 Flor mallograda do jardim da terra,
 Murchou-te o aqilão! sem ter aos beijos
 Do vento queimador aberto o seio,
 Sem ter pago em perfumes delectitos
 Tanto amor, que inspiraste, a dura fouce
 Do eterno ceifador te ha decepado
 Do tronco, em que nasceste... e, inda na aurora
 Da existencia já secca e sem aroma
 Eis-te no frio pó entregue aos vermes!..
 Ai! dorme em paz, meu anjo! — e possa em breve
 Da terra, em que fiquei tão desditoso,
 A morte arrebatat-me! e 'nessa estancia
 Em que jazes p'ra sempre, reunindo
 A teus ossos os meus serei contigo.

Coimbra 27 de Março de 38. Eugenio de Barros.

QUE IMPORTA A VIDA?..

Quand on a bu jusqu'à la lie
 La coupe écumante de la vie
 Ah! la briser serait un bien!..

LAMARTINE.

A quem nasceu para o soffrer fadado,
 Que importa a vida, que o soffrer murchou?
 Que importam gozos do feliz passado,
 A quem negruras o porvir mostrou?..

Foi-lhe a ventura qual o fumo leve
 Da vida ao sopro dissipado além;
 E hoje a lembrança do prazer, que teve,
 Augmenta as magoas do soffrer, que tem!..

Que importa a vida!.. Se é fatal cadeia,
Que ao mundo prende do infeliz o ser?...
Se o homem pôde a essa luz, que odeia,
Fugir bem certo de não mais soffrer?!..

Se é livre ao homem que a razão illustra
Quebrar o laço, que o aqui prendeu!..
Se dos maus fados o rigor se frustra,
Buscando azylo sob o mausoleu!..

Que importa a vida!.. se é a morte um termo
Aos soffrimentos, que da vida são...
Que importa a vida!.. se da campa ao ermo
Cruéis pezares a pungir não vão?..

Que importa a vida?... Se é exilio breve
Não vale ao triste o encurtar-lhe o mal?...
Quebrar a taça, que lhe aqui conteve
Das amarguras o licor fatal?..

Quebrar a algema que da existencia
No mundo os viços ao soffrer prendeu;
Buscando a vida 'numa nova essencia...
No pó da campa... ou nas regiões do céu?..

A. M. da Cunha Bellem.

PHANTASIA.

Pára ter-se intelligencia
Mezes, annos se consomem;
Se o homem busca a sciencia,
A sciencia não busca o homem;
Como o campo das ideas
É difficil desbravar!
A quem revolvê-o ouzar,
Cortem-se todas as peas.

Nasce o homem taboa rasa,
E ignora tudo, o que ve;
Se a vida se lhe não vasa,
Que pensará, temos fé.
As regiões do infinito
Erguerá a mente ouzada,
Deixando estreita morada,
Seu tegurio circumscripto.

- A historia das sensações
Lhe adornará a existencia,
Que colherá dimensões
De sublime transcendencia;
Se pensamento profundo
Se internar pelo porvir,
Será facil descobrir
As mil bellezas do mundo.

Trepará aos céus no espaço,
Para a mansão das estrellas,
E sem temer ameação,
Sondará o que são ellas.
Convirá o atrevimento
De subir a immensa altura?
Trepidará fóra loucura,
A audacia será portento.

Mas se 'nesta lida cança
Por falta de intelligencia,
Deve perder a esperanca
De conseguir preeminencia.
Reduzido á nullidade,
Feito ludibrio da sorte,
Incapaz de um vôo forte,
Esse homem fará piedade.

Do povo civilizado
Fugir seria prudente;
Inglorio o tempo passado
Não brilhará no presente;
Sem vislumbre da grandeza,
Que o genio no peito encerra,
Vagará só sobre a terra,
Escarneo da Natureza.

Humilhado em seu destino,
Sem o gaz do pensamento,
Sem esse sópro divino
Da vida em cada momento,
Qual planta em solo infecundo,
A quem a luz não soccorre,
Assim elle esteril morre
Nas solidões do seu mundo.

Poucos graus de intelligencia,
Quasi eguaes a cêgo instincto,
Não podem ser da existencia
B:ilho, e character distincto.
Se alguém por sorte irrisoria
Surgir sobre a terra obscuro,
Jazerá no lódo impuro,
Sem que tenha juz á historia.

Dr. Zagallo.

ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 2.

VI.

Emoção.

Houve um tempo em que eu sonhava
Só, feliz, risonho e puro;
Era o sol de meiga infancia,
Que dourava o meu futuro:

E sonhei amor, ventura,
Sonhei gloria e liberdade,
Era o céu de eterno encanto
Meu sonhar da tenra idade.

A. DE SERPA.

Era na infancia!.. porque esta quadra ri-
sonha não se limita apenas ao primeiro brin-
car nas campinas, ou ao primeiro balbuciar
das graças infantis!.. Era na infancia!.. por-
que era ao balbuciar as primeiras phrases de
amor, de envolta ainda com os brinquedos,
que com a virgem singela e recatada, brinca-
vamos nos vergeis.

Oh! quem podera descrever essa ridente aurora, em que pela vez primeira sentimos o coração segredar-nos ao ouvido os primeiros devaneios de amor!.. em que pela vez primeira vimos na donzella, que, como irmã, só estimavamos, um reverbero do céu, uma aureola luminosa, que, accendendo-nos os fachos do sentimento, nos abrasava o peito, d'esse lume, que no seu crepitar só diz amor!..

E era no seio de vecejantes campinas!.. Tudo... em tudo deredor de nós, era como o reflexo d'essa afeição, que n'alma nos começava a desabrochar!.. Quem descrever podera o alboroto, que no seio pullulava insolito, quando á seductora donzella nos cingia o infantil e costumado abraço!.. quando a sua mão de neve pendia abandonada entre as nossas mãos trementes, por desconhecida emoção!.. quando um riso, tão seu, tão costumado, nos vinha em nossos labios despertar um riso, cuja essencia fôra até li para nós desconhecida!..

Era um sonho gentil, sonho de infancia a povoar a nossa mente de tudo quanto é risinho e puro... era a aurora da vida a dourar com purpureos raios todas as campinas do existir... era o sol de ventura a fazer desabrochar e florir os jardins do sentimento!.. era a priméira emoção de amor!

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

DOS LAÇOS D'AMISADE.

Continuado do número 18, 1.º vol.

II

A mesma familia dos Gracchos apresentanos ainda exemplos d'uma amisade corajosa e constante. Descoberta a conjuração, desesperando de seus projectos, Caio Graccho, perseguido diligentemente com todos os cúmplices e privado do menor apoio, achou a amisade de Pomponio e Letorio, que, ladeando-o, poderam subtraí-lo ás setas, que a flux e de todas as partes eram dirigidas sobre elle: Pomponio, para facilitar-lhe a evasão, demorou por algum tempo na porta *Trigemina*, offerecendo heroica resistencia, a turba, que se precipitava em seu alcance; em quanto vivo não poude ser repellido, e só, desfalecendo-lhe as forças, os perseguidores romperam por sobre o seu cadaver, que parecia disputar-lhes ainda a passagem; Letorio, porém, parara na ponte *Sublicia*, e, defendendo corajosamente a entrada, deu tempo a Graccho para atra-

vessal-a; vergando, por fim, ao impeto da multidão, voltou a espada contra o peito, e com ligeiro salto sepultou-se nas profundas aguas do Tibre; assim ao amor, que Horacio Cocles 'nesta ponte manifestára a favor da patria, não cedeu a amisade privada d'um homem, que demais sacrificára a vida voluntariamente. Que valerosos soldados poderiam ter os Gracchos, se tivessem abraçado as idéas politicas de seu pae e avô materno! Quanto teriam contribuido para suas victorias e triumphos a coragem e infatigavel bravura dos Blossios, Pomponios e Letorios, que ainda em serviço maligno com tanta dedicação lhe assistiram! Contraíram, sem dúbida, os laços d'amisade sob sinistros auspicios; mas quanto as provas foram desgraçadas, tanto certificam sua sincera amisade por esta nobre familia. (An. U. C. 632).

III

Lucio Rhegino, se exigirmos no magistrado a sinceridade e cumprimento do dever, merece a reprehensão dos vindouros; mas, considerando-o sob os fieis vinculos da amisade, devemos conceder-lhe a feliz tranquillidade de uma louvavel consciencia. Creado tribuno da plebe, tendo na memoria a antiga e íntima amisade, livrou do carcere público a Cepião, que fôra preso, por se suppor occasionára a destruição do exercito Romano pelos Cimbros e Teutonos; e, não satisfeito por este serviço, uniu-se-lhe companheiro na fuga. Amisade, divindade poderosa e invencivel! Quando por um lado a republica o lançava em ferros, tua mão amiga lh'os abria; Roma retel-o-hia em prisão para o refugiar em sua inviolabilidade, tu ordenas-lhe o exilio: e (tão suave é o teu imperio!) o tribuno preferiu á dignidade o desterro. (An. U. C. 658).

F. P. Santa-Clara.

NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do n.º 1.

VI.

Da fundação da egreja de Santa Maria dos Casados, e do mais que 'neste tempo aconteeu.

Por morte d'El-Rei D. Diniz, subiu ao throno El-rei D. Affonso IV, o bravo, que mandou fazer um armazem juncto ao muro antigo, e abrir porta para o vão da torre, aonde estava

o relógio, com que em tal tempo se tocava a rebate. Neste armazem se conservaram, até ao anno de 1655, pelouros de pedra, e outros objectos de guerra.

Conserva a tradição, que, tendo os moradores d'Elvas um encontro com os Castelhanos, os puzeram em fuga, e, ficando senhores do campo, recolheram quanto 'nelle acharam, e entre as prendas de maior valor encontraram uma imagem da virgem Senhora Nossa, que trouxeram mui contentes para a villa. Quizeram desde logo edificar-lhe uma hermda para 'nella a collocarem: mas ouviu-se um que disse: « A Mãe de Deus nos ajudou na victoria, que alcançámos, e para que em todo o tempo se saiba, que não obram armas sem sua ajuda, colloquemos esta Soberana Virgem no alto do armazem de nossas armas.» Pareceu bem a todos esta resolução, e fabricaram uma hermda, que é a que hoje vemos, e 'nella collocaram a dicta imagem. Instituíram depois uma confraria, que se julga foi a primeira, que houve em Elvas. Andavam 'naquelle tempo todos os jovens solteiros occupados na guerra, e por isso se commeteu a administração e serviço da confraria aos *cazados*, por isso denominada dos *cazados* ou *bem cazados*.

Continúa.

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 2.

XIX.

Comedia vista por um buraco.

(Scenas domesticas).

Eram sete horas e meia. Atravessar a cidade áquella hora, era para Carlos uma grande temeridade. Esperar que a noite fechasse! — aonde? hesitar!.. era o peor de tudo. Demais, o caleceiro fazia-lhe ver que era inutil continual-o a acompanhar!.. Que fazer?.. As grandes crises geram as grandes idéas! Carlos não vira nem um só estudante na ponte, e por isso concluiu, que o « diabo não é tão feio como o pintam, » e em consequencia d'esta conclusão, obertado pelo vulto da caleça, desfez a troca dos fatos que fizera com o ca-

leceiro, pagou o ajustado aluguer, a devida gorgeta, e dispoz-se a partir.

Carlos calculou que o seu amigo morava no bairro alto, por ser mais perto da Universidade; vendo pois a *Couça de Lisboa*, julgou de boa logica segui-la. Logo que viu uma mulher velha, unico ente em que elle depositava confiança, como incapaz de o desfructar, interrogou-a, e por informações d'ella foi ter á *rua dos Grillos*; pelo que só lhe restava atinar com a morada do seu *veterano*. Carlos viu outra creatura do mesmo sexo e de não menor idade que a primeira, e perguntou-lh'o.

— É alli! — respondeu a velha.

— Obrigado!.. E vocemecê sabe se elle está em caza?

— Entrou agora mesmo!

— E estará só?..

— É provavel!

Carlos subiu a escada e escutou no patamar superior. Lá dentro ia um incrível barulho!.. Uma voz de mulher, esganiçada, apiada, aflautçada e desafinada pelos bérros, fazia o duetto mais dissonante com uma voz de tenor, que respondia curtas e breves phrases, ás longas antiphonas de regateiral descompostura.

— Arre!.. É o que me faltava!.. pois não!.. lá que você não era boa besta, já eu sabia ha muito tempo! mas esta!.. esta só a mim me acontece!.. Com que então a tal menina de Lisboa queria que você lá fosse passar as férias!.. e eu não quero! não quero! não quero!.. já disse que não quero!.. — (este rondó final tinha acompanhamento forçado de calcanhar no meio do chão!)

— Cala-te! mulher! não me faças perder a paciencia!..

— A paciencia me faz você perder!.. Quer-se ir para Lisboa?.. que vá quando quizer, que não deixa cá saudades!.. mas ha de me deixar com que passar!.. deixe-me uma mezada de doze mil réis, se não quer que eu morra á fome!.. Vá-se embora! vá! vá! ninguém cá o chama; mas deixe-me dinheiro, se quer que eu me porte bem!.. O senhor bem sabe, que a Rita ficou com a mezada do sr. Henrique toda!.. aquillo é que é rapaz!.. já lhe mandou um vestido do Porto!.. não é um fona como você... um unhas de fome, que estou ha tres annos comsigo, e ainda me não deu senão um triste vestido!..

— Mas quem te disse que eu ia para Lisboa! diabo?.. quem te mettu isso na cabeça!.. maldita?..

— Demais a mais é sonso! queria escapar-

se á sorrelfa e deixar-me aqui ao desamparo!.. não! lá isso não tenha duvida, que é uma boa rolha!.. E aqui está para que uma rapariga guarda fidelidade ao amigo!.. a arrebentar aqui com má vida, para vir uma delambida de uma senhora Adelaide intrómetter-se com a gente!.. Talvez queira casar com ella!.. (oitava a cima) era o que faltava!.. não, isso em quanto eu tiver o olho aberto!... ella que se contente com os que lá tem, que eu não lh'os vou lá tirar, para ella se vir metter comigo!.. (terrível)— não é melhor do que eu!.. não!..

Este insulto fôra muito forte!.. As crenças puras, que ainda se aninhavam no coração de Ricardo, fizeram uma bernarda, d'onde resultou atirar á cara de Carlota com os tres volumes das *ordenações* em acto successivo!..

— Você bate-me!?!— gritou uma voz suffocada pela cholera. Depois não se ouviu mais som de voz humana!.. era um ruído obscuro e baço, que provinha da reciprocidade dos soccos, com que se estavam mimoseando um ao outro; acompanhado ás vezes d'outro som mais claro e brilhante, proveniente da bella bofetada, que, por incidente, se misturava com toda a cãsta de sopapo.

Carlos, chegando ao patamar da escada, duvidou que allí morasse o seu amigo: suppunha-o ordeiro e bem morigerado, e não podia crer que elle vivesse assim, em tão escandalosa mancebia. A voz ora lhe parecia, ora lhe não parecia: estava 'numa completa incerteza, hesitando se devia bater, e ao mesmo tempo gostando de ouvir a questão, quando o nome de Adelaide lhe veiu tirar toda a duvida!.. Estava bem claro, que Ricardo era o protagonista d'aquelle drama fatal, que o leitor ouviu terminar ao cachação.

Carlos conhecia as ligações do seu amigo com Adelaide e o casamento projectado entre as duas familias, que tambem eram das relações da sua; sabia mais da saudade e tristesa d'aquella menina, e por isso achava-se indignado com o proceder de Ricardo, e só, mentalmente, lhe eregiu um louvorzinho, quando os tres successivos tiros da *ordenação* lhe deram signal, que a *desordem* ia terminar!..

Depois de dar alguns momentos, necessarios para a expansão d'aquella cholera, que se traduzia por soccos e bofetões, bateu á porta. Silencio sepulchral lhe respondeu! as baterias cessaram de fazer fogo, e houve um armistício completo...; mas nem pio se escutava!.. Tornou a bater...; e o mesmo silencio!..

Carlos quasi que se arrependeu de ter intervindo tão tarde, suppondo que os dois contentores se teriam morto com algum par de murros simultaneos sobre as fontes, ou na bocca do estomago!.. Espreitou pelo buraco da fechadura... e nada viu!.. collou o ouvido á porta e escutou uns passos que se aproximavam: tornou a bater; uma voz quasi sumida, mas que não escapou ao ouvido perscurtador de Carlos, disse do angulo mais remoto do quarto:— Dize que eu não estou cá... seja quem fôr.

E logo outra do sexo feminino perguntou— Quem é?

— Mora aqui o sr. Ricardo Pereira de Aboim, estudante do 5.º anno de Direito?..

— Mora, sim senhor! mas elle não está cá.
— É o mesmo!.. Eu sou o seu amigo Carlos de Mello, que elle sabe que devia chegar hoje de Lisboa, e por isso, se me dá licença, esperarei por elle.

Mal estas palavras foram proferidas, escancarou-se a porta, e uma pessoa muito nossa conhecida, com um olho todo pisado, o nariz a verter sangue, e umas poucas de arranhaduras na cara, cafu nos braços do recém-chegado Carlos da Cunha e Mello!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

CHARADA.

Ninguem me vê, e eu existo, }
Sou joia a mais preciosa, }
Sem mim ficára natura }
'Numa noite tenebrosa. }
2

Eu existo sobre as agoas,
Eu atravesso a torrente,
E da India lá nos rios
Sou d'uma peça sómente. M. J. Pires.

EXPLICAÇÃO DAS ANTECEDENTES.

1.º — Diametro. 2.º — Pevide.

EXPEDIENTE.

Rogamos aos srs. assignantes de fóra, que porventura estejam em debito das suas assignaturas, as queiram mandar satisfazer ao administrador d'este jornal.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 5

Vol. XI

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
{ F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se, na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

1859 — ABRIL — 15

O AVARO.

Est modus in rebus, sunt corti denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

HOR. lib. 1.º SAT. 1.º v. 106 — 107.

Na serie dos seres do universo occupam as extremidades Deus e a materia: um nada possui; o outro, privado de facultades, nada pôde adquirir. Entre estes dous abyssos do nada e da immensidade dominam entes, que, procurando seu desenvolvimento, exercitam as facultades, de que são dotados; e, se nos irracionaes força maior lhes determina as acções sob limites fixos, o homem, em quem resurtira o lume da intelligencia e assomara um raio da substancia immortal, vê em seus desejos e tendencias um vasto horisonte, que se estende no infinito. Livre na practica de suas acções, está sujeito á imputabilidade.

Collocára a mão munifica do Creador no coração do homem sentimentos pios e generosos, origem de doces gosos no rico, e de esperanças no desgraçado; o avaro, calculando-os, substitue-lhes a deshumanidade e dureza; assim, porque é livre, verga, com razão, sob o anathema da moral e da religião.

Os metaes preciosos constituem por convenção prudente a mercadoria commum, meio de representar e avaliar os serviços ou resultado do trabalho humano: d'aqui lhes procede a estimação, pois, considerados em si, lhes preferira a terra, que, oc-

cultando-os em seu seio, presta fecundidade aos vegetaes. Se desejamos possuir o ouro, é que sem este inutil fóra procurar certos bens, que nos recream.

Nescis quó valeat nummus? quem probeat usum?
Panis ematur, olus, vini sextarius: adde
Queis humana sibi doleat natura negatis.

Assim amâmos o meio por causa do fim; todavia o avaro desconhece o goso positivo e real, presando sómente o meio. Idolatra do ouro e prata, degrada a intelligencia humana e vae collocar-a sob a dominação do rijo metal!

Separando-se, ás vezes, do ouro, para o emprestar a custo d'um juro enorme, profunda dor o opprime: é que, amando internamente a materia, ao seu aspecto o coração dilata-se, e os sentidos do tacto experimentam sensações agradaveis e indiseveis.

O metal precioso, luzindo ante seus olhos, exerce uma acção magnetica, que o induz a preferir os cofres improductivos aos gosos mais rasoaveis; assim a despeito da sua fortuna soffre supplicio constante, qual Tantaló, morrendo de fome e sede sob formosos pomos e no meio das ondas!

Privado d'alimentos convenientes e carinho da familia, exposto ao rigor do inverno, vae proprio procurar a parca comida de cada dia, e a menor e justa despesa perturba-lhe as idéas, affligindo-o:

Fabio ao cair da noite humida e fria,
Do chupado carão despe a alegria;

Não porque chore o sol, do dia enfeite;
Mas porque accende a luz que gasta azeite (a).

Será para promover a felicidade de seus filhos e parentes, que o avaro se curva ao insaciavel desejo de accumular os metaes? Sem educação vivem na miseria!..

Sem herdeiros sua fortuna passará para mãos desconhecidas: porque viver na indigencia e privação reprehensivel?..

Assim julgamos do avaro; entretanto o juizo proprio é bem diverso. Goza muito, e seu coração exulta de satisfação ao contemplar os castellos metallicos do seu thesouro, cuja vista lhe compensa todos os sacrificios; porisso vesita-o muitas vezes quotidianamente, e, contando o metal precioso, alegra-se por ver que o vacuo do cofre vae pouco e pouco diminuindo. Vegetando no presente, tem ainda pesar de todo o gasto preterito, e invoca por superfluo o necessario.

Longe do mundo, e munido de sua philosophia despresa as vozes do povo, adorando o cofre querido:

..... Populus me sibilat; at mihi plaudo
Ipse domi, simul ac nummos contemplor in arcâ.

Gozando uma felicidade apparente, assiste-lhe todavia ao lado cruel companheiro, o cego temor de perder o dinheiro; é este o verme interno e occulto, que o corroe e mortifica:

..... congestis undique saccis
Indormis inhians

An vigilare metu exanimem, noctesque, diesque
Formidare malos fures, incendia, servos,
Ne te compilent fugientes.

Como corregil-o?.. Vicio, cujas raizes profundas e interlaçadas se entranharam no coração, poderá ainda ser completamente destruido, por um raio da graça do Todo-Poderoso, que, aclarando-lhe a razão, e alimentando pias virtudes, brilhará como a aurora, que, dissipadas as trevas da noite, matiza o orisonte de seu rosiclér.

Oxalá o avaro comprehendesse um momento, que o ouro, inutil em seu poder, poderia reter as lagrimas e adoçar as mi-

(a) Francisco Manuel, Epig.

serias, subtrahindo os desgraçados ao desespero e morte: a humanidade afflicta menos soffrera, e a maldição expressa nas palavras do Apostolo (b) fóra retirada.

F. P. Santa Clara.

DAS ARTES COMO INSTRUMENTO PODEROSO DE CIVILISAÇÃO.

Continuado do n.º 2.

Se na contemplação das humanas necessidades esquecermos o fecundo thesouro, que nas faculdades nos foi liberalisado, o homem se nos figurará a muitos respeito, como um dos menos favorecidos d'entre os viventes.

É todavia certo que, sendo causa primeira do Universo o que tudo tirou de sua omnipotencia, o homem pôde chamar-se a causa segunda, visto que para elle e só para elle foi creado tudo o que existe alem de Deus.

Mas este ser privilegiado perecerá miseravel, se não for seu medianeiro o trabalho, para satisfazer legitimamente necessidades reaes, sendo estas effcaz estimulo para não deixar entorpecer-se:

Nec torpere gravi passus sua regna veterno.

Assim não magoa o trabalho; e até nos li-songea a consciencia de que, senhores do nosso destino, de recursos proprios tiramos a elevação a que chegamos.

E esta idéa que pôde por largo tempo manter-se latente, se com lucidez illumina a mente, do torpor mais indolente se eleva o ser humano á mais intensa actividade, pela qual, dominando a natureza, diz ufano: — depois de Deus só eu.

Na maior rudeza das sociedades o mais obstinado e poderoso obstaculo, que o progresso encontra, é a desastrosa convicção de que cada um nasceu para encerrar-se na esphera, a que seus pais se limitaram.

Nem tem faltado quem, arrogando-se a importancia de philosopho, intenda que transcender as metas que os seus tem respeitado é perturbar impiamente os decretos da Divindade.

Porém, se o individuo, examinadas suas

(b) Ep. B. Pauli ad Eph. — Hoc enim scitote intelligentes, quod omnis... avarus, quod est idolorum servitus, non habet haereditatem in regno Christi et Dei.

faculdades, marchar, despido de estúpidos prejuizos, a seu fim, de estacionaria passa necessariamente a sociedade para progressista; e á sepulchral immobildade succede bem depressa uma actividade, tão diversamente manifestada, que se torna impossivel, ainda ao mais perspicaz, dizer á humanidade: *até aqui*.

Esta actividade, dando em ultimos resultados processos que successivamente se vão aperfeçoando e que tendem a tornar a vida mais commoda, poderosamente favorece a civilisação, que póde apreciar-se pelo maior desenvolvimento individual e social.

É verdade que na apreciação das artes os efeitos immediatos são pela maior parte materiaes, emquanto a civilisação é mentida, se o homem, entregue ao progresso material, tiver em pouco o moral.

Todavia o desenvolvimento moral de uma ordem incontestavelmente superior demanda condições indispensaveis, que só o progresso material póde fornecer.

Tamanha connexão tem nossas tres primeiras faculdades, emquanto accordes se mantem nos seus justos limites, que do desenvolvimento d'uma se não de resentir as outras necessariamente.

É para nós fóra de duvida que o sensualismo, de que Aristoteles é Patriarcha, leva a uma moral materialista.

Entretanto quem póde duvidar da grande cooperação da sensibilidade na maior parte dos productos intellectuaes?

E, privada do elemento intellectual, a acção jámais poderá dizer-se moral.

Logo no sentir, entender e querer parece resumir-se a historia interna das acções humanas.

Reduzindo-se pois as faculdades humanas á sensibilidade, intelligencia e vontade, como as artes procuram sempre um melhoramento para o homem, a classificação das artes será logica, referindo-se a essas faculdades.

O arbitrario das classificações póde muitas vezes difficuldar um estudo qualquer, se as propriedades que se adoptaram para base não são as mais geraes, as mais notaveis.

A boa classificação é altamente difficil por exigir esse conhecimento.

Mas nada coadjuva tanto o estudo, sendo que a classificação pelo menos traça o plano por que deve marchar-se, o que não é pouco.

Tractaremos pois no numero seguinte da classificação das artes como preliminar indispensavel para o nosso trabalho.

Continúa. M. Moreira da Fonseca.

Ad Fernandium Joseph, Bartholum sartagine linguae latinae professorem emeritum.

EPISTOLA. (*)

Misisti quod opus, sapiens Fernande, Buchleri,
Romanos imitari optantibus utile vates,
Pergratum mihi quis fatear numerisque, modisque,
Acceptumque fuisse? Habeam quales tibi grates?
Non ita, crede, tenerer, me si grandibus auri,
Argentive onerares donis. Nam patet, unde
(Quod pluris facio) jam evadam dignus alumnus.
Atque Deo Pindi, atque novem Parnasside lauro
Cinctis tempora musis, fons quibus est Aganippe
Pieria et juga. Sed quid fido meis ego tanto
Partibus, aequo et spes majores pectore pono?
Numquid posse aliquando credam proficere ex hoc?
Heu! desiderium, atque relinquitur una cupido,
Nam neque Musae me, neque doctus amavit Apollo.

Conimbricæ, tertio Idus Februariæ, anno 1859.

A. L. dos Sanctos Valente.

GENIO DAS TEMPESTADES

CDE

TRADUZIDA DE LA-HARPE.

Esse Luzo atrevido, excelso Gama,
De quem o valor firme
Veredas nos abrio d'um novo Oceano,
Já da Africa os rochedos
Via sumir-se, quando uma phantasma,
Elevando-se ás nuvens
Do seio horrivel dos ignotos mares,
Com sinistro prodigio
Fez descorar impavidos pilotos.
Sobre o tetro elemento
Seu braço distendia; expresso manto
Dos ares nebulosos
Lhe carregava a pavorosa fronte;
D'ella em torno bramiam
Os rijos ventos, e os trovões medonhos;
Abalando os profundos
Abysmos com um grito sobre os mares
Fez retinir funestos
Estes accents de sua voz ao longe:
« Paraí, assim dizia,
Paraí; reconhecei o genio, ó impios,
D'estas praias supremo;
O Deus reconhecei do vasto Oceano,

(*) O auctor agradece 'nesta carta a offerta, que lhe fez o ill.^{mo} sr. Fernando José Bartholo, do thesouro das phrases poeticas de João Buchlero.

De quem calcaes as ondas!
 Pensaes, que impunemente as furias vossas,
 Sacrilega progénie,
 Sulcarão este pego, a vossos vasos,
 Até hoje escondido?
 Tremei; ides levar profana audacia
 As praias de Melinde,
 Da Taprobana ás praias, que tão longe
 De vós tem collocado
 Os destinos de balde. Vinte povos
 Seguirão vossos passos;
 Mas este novo, tão remoto imperio,
 Onde ides conduzil-os,
 Um sepulchro é de mais para os humanos
 Misérrimos cavado.
 Ouço da guerra os horrorosos gritos
 No meio dos naufragios,
 E ás procellas junctar-se os sons do bronze;
 Misturar-se do homem
 Eu sinto os raios aos trovões celestes.
 Vencedores, vencidos
 Serão as minhas victimas; com elles
 Seus culpaveis thesouros
 De meus abysmos baixarão ao fundo.»
 Assim disse, e curvando
 Seu corpo sobre as agoas espumosas
 Se entranhou de repente
 Nas rochas, onde vão perder-se as ondas,
 E encerradas bramirem.
 Os ares pareceu que se abrasavam;
 Pareceu que os cachopos,
 Se dissolviam; mas tres vezes sobre
 O penedo inflammado
 Os vestigios do raio reluziram.

Dr. Zagallo.

RECORDAÇÃO?

Infancia!.. haja embora o mancebo sonhado
 Saudades de um tempo feliz, que passou,
 Embora te julgue o mancebo encantado
 O riso do Eterno, que a aurora saudou!..

Aurora da vida!.. que importam teus risos,
 Que importam dos prados a rosa e aleli,
 Que importam os sonhos de mil paraísos,
 Que importam saudades que deixas por ti?..

Infancia! que importa ao mancebo a doçura
 De teu descuidoso e passado sorrir?..
 Que importa ao mancebo? se apenas procura
 Tormentos e gozos de incerto porvir!?..

Que importa o passado — qual fumo ligeiro
 Que a brisa dos tempos ao longe desfez?
 A infancia que importa? — sonhar feiticeiro!
 Que importa a saudade? — mentira talvez!..

A. M. da Cunha Bellem.

Auxilio prestado pelas sciencias naturaes á sciencia juridica, principalmente á administrativa.

A facilidade em discernir os meios, pelos quaes o homem poderá realizar seus fins, constitue a base de sua soberania sobre a terra; as forças animaes, chímicas e mechanicas, de que elle, por esse poder da intelligencia, se appropriá, determinam sua herança.

SR. MARTENS FERRÃO — *Theoria do homem e da humanidade.*

Nada existe sem um fim, que ou se encontra no proprio individuo, ou em outros, a quem aquelle sirva de meio.

Aqui se revela com todo o esplendor o grande e eterno principio da unidade na variedade; principio este que está d'acordo com a natureza espirital, que por sua simplicidade não poderia obter fins, com que fosse em desharmonia. Todas as sciencias por tanto estão unidas pelo seu fim ultimo. Comtudo esta união seria imperfeita, nem mesmo assim poderia existir, se lhe faltasse uma base certa e segura, que é constituida pelos primeiros principios communs a todos os nossos conhecimentos.

Esta ligação entre o fundamento e resultado final de todas as sciencias forma entre estas os laços de fraternidade, que tão intimamente as prendem, e d'onde dimana esse poderoso auxilio, que prestam umas ás outras.

O homem, como centro para onde toda a natureza irradia, está sujeita á acção d'esta, que lhe pôde ser desfavoravel, quando não convenientemente modificada; porem sobremaneira vantajosa, quando a sua natureza e leis se estudam e d'ellas se faz applicação aos usos da vida. D'este modo o homem que no primeiro caso se via opprimido e subjugado, agora se eleva ás superiores regiões do poder, e ufano se intitula rei da criação.

O estudo do homem deve portanto ser acompanhado do estudo da natureza, meio efficaz para o conseguimento do seu fim.

As leis juridicas, por sua natureza condicional, não só devem permittir, quanto ser possa, o recto uso das forças naturaes, mas até por si mesmas as devem apropriar, quando

conducentes ao desenvolvimento social; o que, todavia, se não pôde obter, só pelos principios de direito. Assim a questão da agricultura, que na actualidade se debate com tanto affinco, de cuja decisão depende a de interesses tão elevados, não pôde com verdadeiro conhecimento de causa ser resolvido senão por quem ao estudo do direito juntar solidos conhecimentos das sciencias naturaes.

Alem d'isto como se poderiam remover esses obstaculos ao livre desinvolvimento moral e economico das nações, pela difficuldade do transito e communicação dos nossos pensamentos, se não fora o conhecimento e applicação das leis por que se rege a materia, que apesar da variedade de suas modificações, não deixa d'estar sujeita ao principio geral e constante que a governa?

Os homens d'estado não tem em geral obrigação d'indagar a fundo os segredos das sciencias naturaes, o que propriamente pertence aos que as estudam com especialidade; mas devem conhecer ao menos as suas descobertas, para que d'ellas possam fazer uso nas suas medidas legislativas, e, não se deixando illudir, vigiem com conhecimento os emprehendedores nos seus trabalhos materiaes de que os tenham incumbido.

Ao governo porem, e ás demais auctoridades administrativas é a quem mais particularmente compete o estudo das sciencias naturaes. É a administração, de que o governo principalmente se acha encarregado, que dá vigor e força á lei, sem a qual não passaria d'um puro ente de razão. O governo alem de fazer a principal parte dos poderes politicos pelo proposto e sancção das medidas concernentes ao desinvolvimento material da nação, tem, a mais, d'olhar pela sua execução conforme ao que se tenha estabelecido; do que tambem se acham incumbidas as suas auctoridades subalternas.

Se alem d'isto attendermos a que a administração está mais em contacto com os factos, abraça objectos mais numerosos, do que a lei, que não pôde perder o seu character geral e de permanencia; e se finalmente considerarmos que um dos fins da administração é reunir as forças individuaes para obter um bem social, forças estas, que mais convenientemente, e mais conformes com a dignidade do homem, podem ser substituidas pelas da natureza, convencer-nos-hemos da verdade da nossa asserção.

Em quanto o desinvolvimento do principio da sociabilidade não tiver tocado o seu zenith, não pôde a administração prescindir da ex-

cução directa de certas emprezas, para as quaes os funcionarios administrativos não são os mais competentes. Já se vê por tanto que estas auctoridades não se podem esquivar ao estudo de certos ramos de Philosophia, que expondo-lhes a maneira de obterem mais perfectos resultados com menos tempo e trabalho, e ensinando-lhes o modo de cultura dos predios sobre que tenham administração, servindo assim de exemplo a seus subordinados, concorrem d'esta forma para o melhoramento material e moral do paiz.

B. d'Albuquerque e Amaral.

ERA NA INFANCIA!!

Na primavera.

Continuado do n.º 3.

VII.

Doce estação dos amores,
Como és bella e deliciosa!
Nossa alma, de gosto ancioso,
Acha em ti gostos bastantes,
E em qualquer dos teus instantes
Um prazer, um bem se gosa.

MENDES-LEAL, JUNIOR.

Que enleio mysterioso e encantado não ha entre a infancia do anno e a primavera da vida! como ás florinhas, que n'alma desabrocham, correspondem as flores, que toucam as campinas! Como aos canticos maviosos das aves da floresta fazem echo os primeiros hymnos de amor, que de nossa alma espontaneos brotam! como ás brisas, que, á tarde, brincam soltas entre os rozaes, respondem as doces auras do sentimento, ciciando amor por entre as veigas de infantil imaginação!.. E foi na primavera!.. lá quando a flór namora a flór, quando as aves se namoram, quando tambem o zephyro namora as rosas... foi então que nós tambem amamos!.. Amor dizia o ceu de infindos lumes rutilante!.. amor dizia o bafejar da noite entre a verdura dos salgueirae!.. amor dizia o murmurio do arroyo!.. amor dizia o trinar do rouxinol nocturno!.. O balsamo, que das flores se exhallava, nos vinha coar na mente um doce fogo; mil perfumes, que a viração trazia, nos embriagavam os sentidos; e de mil estrellas a encantada luz se reflectia ardente nos seios da nossa alma!.. Era de amor o somno, que dormia a natureza!.. Em branda e aveludada relva repousava; embalava-a docemente o murmurinho das agoas

com o gorgear das aves; e as brizas, como que enxotando-lhe o calor, pediam ás lagrimas da aurora suave fresquidão: nos aromas da rosa e do jasmim se dissolviam tenues sonhos e a luz incerta dos nocturnos astros, como que enleando em branda lassidão, afugentava o despertar!..

E nós dormiamos tambem!.. dormiamos... porque é dormir... porque é sonhar o viver a vida de um primeiro amor!.. ver ao fulgor das estrellas a face da donzella e perguntarmos á nossa alma se é a irmã de nossa infancia ou se é um anjo do Senhor que junto a nosso lado está... porque é sonhar o passar entre rozaes, despertando os odores adormecidos, acordando as auras silenciosas, desentorpecendo o sussurrar dormente das folhagens, quando junto a nós vae esse ente angelical, que nos despertou o aroma do sentimento em nosso peito adormecido, que nos acordou as auras da affeição em nossa alma silenciosa, que nos desentorpeceu o sussurrar das folhagens d'um amor que em nosso coração dormia!..

E foi na primavera!.. ao alvorecer do sol da vida... ao raiar da aurora da existencia!..

E foi na primavera!.. porque primavera, infancia e amor são uma essencia só... um ser apenas!..

Continúa. A. M. da Cunha Bellem.

A LUA.

Doa in carne una.

Mimosa noite d'amores,
Mimoso leite de flores,
Mimosos languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia!.. Lua tão linda,
Lembra-me ainda!.., jámais!

E a daliasinha mimosa,
E o botãozinho de rosa
Dos labios d'ella... senhor!..
Murchavam... mas como a lua,
Passava a nuvem... «sou tua!»
Reverdesciam d'amor!

E aquella estatua de neve,
Como é que o fogo conteve
Se eu a não vi descoalhar?
Ondas de fogo, uma a uma,
'Nquelle peito d'espuma...
Eram as ondas do mar!

Como os seus olhos me olhavam!
Como nos meus se apagavam,
E se accendiam depois!
Como é que alli, confundidas,
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!

Mimosa noite d'amores,
Mimoso leite de flores,
Mimosos languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia!.. lua tão linda,
Lembra-me ainda!.. jámais!

João de Deus.

A BORBOLETA.

São tantos!.. tantos

Os teus amores,

Como as virentes

Mimosas flores.

Amas do cravo

Lindo carmim,

Mas logo o deixas

Por um jasmim.

Inda que bella,

Seus doces beijos

Não ressaciam

Os teus desejos.

Seduz-te a rosa,

Leda e fragrante,

Mas logo a deixas

No mesmo instante.

Amás do lyrio

Mimoso alvor,

Mas logo o trocas

Por outra flor.

Terno suspiro

Tambem t'agrada,

Mas a ternura

Logo te enfada:

Funéreo goivo

Juncto ao moimento

Seduz teus olhos

Por um momento.

A saudade

De roixa cor

Tambem partilha

Do teu amor.

A violeta,

Humilde e linda,

Com seu aroma

T'encanta ainda.

Amas do valle

A caravelina,

Do monte e prado

Toda a bonina.

São tantos!.. tantos

Os teus amores,

Como as virentes

Mimosas flores.

Março de 1859.

Severino d'Azevedo.

DOS LAÇOS D'AMIZADE.

Continuado do numero 3.

IV.

Admiravel é este teu feito; mas o que vamos narrar, ainda surprende mais: reconhece, pois, quanto engrandeceste a constante dedicação de Tito Volumnio para com um ente querido, sem recaír injuria sobre a republica. Oriundo d'uma familia da ordem equestre, Volumnio, entretendo intima amizade com M. Lucullo, que, tendo seguido a facção de Bruto e Cassio, fôra executado por mandô de M. Antonio, caiu abraçado com o cadaver do seu amigo, quando espontaneamente poderá ter evitado este triste lance: e tão amargo foi seu pranto, que, significando fundo sentimento, lhe occasionou a morte. Assim por causa dos lamentos vivos e continuados, arrastado á presença de Antonio, encarando-o, disse «determina, general, que, reconduzido ao pé do cadaver de Lucullo, a vida, sem demora, me seja tirada; nem devo sobreviver áquelle, que por meu conselho se empenhára 'nessa guerra desgraçada.» Aonde achar uma amizade mais fiel? Minorando o odio do inimigo para com o defuncto, perigoso a vida sob o crime de persuasão; e, para despertar a compaixão sobre Lucullo, exacerbou contra si o odio. Nem Antonio, ouvindo-o, teve difficuldade em deferir sua supplica: conduzido ao logar que pedira, como beijasse avidamente a déstra de Lucullo, levantou-lhe a cabeça, que rolava separada do corpo, e apertou-a sobre o seu coração: logo, inclinando a cerviz, submetteu-a ao cutêlo do vencedor. Diga embora a Grecia que Theseo por servir os criminosos amores de Pirithois descêra, aventurando-se, aos reinos de Plutão; fabula será narrar o facto, estulticia prestar-lhe fé. Vêr dous amigos misturar seu sangue; confundir suas feridas; seguir um a morte do outro, taes são as verdadeiras provas de amizade

entre os Romanos; na Grecia, porém, amadora de quimeras, offerecem-se ficções monstruosas. F. P. Santa Clara.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 3.

XX.

Preambulos para novas questões.

Leitor!.. tu sabes o que é a tapotopathia?.. Pois olha! eu t'o explico. É um systema medico inventado pelo doutor Engelstroem, que consiste em curar todas as molestias á força de pancadaria: ora, que havia algumas, que se curavam por este meio, já eu sabia de ha muito tempo; mas querer estabelecer em principio geral a doutrina do tal doutor sueco, isso é que me parece *un peu trop fort!*.. todavia o caso é que a experiencia tem mostrado as vantagens do tal systema sobre arrufos de mulheres, em que elle é muito superior ao homeopatico!.. Com effeito, a therapeutica instituida tinha produzido o seu effeito, e Carlota, que, na recente escaramuça, levára mais do que déra, estava macia como um veludo!

Escondeu-se pois para que o sr. Carlos entrasse sem a ver, deixou ir os dois amigos para o quarto, sem que os interrompesse com alguma impertinencia, e, coisa rara! nem sequer foi espreitar pelo buraco da chave o que elles diziam, — falta de curiosidade esta, que não lhe accusava a consciencia ter tido, senão uma outra vez, em que tambem tinha levado uma boa tosa, por causa de um dize-tu-direi-eu, ácerca de duas insignificancias e meia!..

Carlos tornou a abraçar o seu amigo com todos os effluvios de um fraternal amor!..

Ricardo — ainda affagando a arranhadura da cara, e limpando com o lenço a lagrima rebelde, que a esmurradela do olho lhe fazia involuntariamente verter, — não se mostrava menos sensível em abraçar o seu amigo de infancia. Fallaram muito das familias de um e outro, dos conhecimentos d'estas, dos visinhos, dos parentes dos visinhos, e dos conhecidos dos parentes d'estes, e visinhos d'estes conhecidos!.. por um tris que não fallaram nos dusesentos mil habitantes da cidade de Lis-

boa, um por um!.. mas, entre tanto perguntar, entre tanto indagar, entre tanto referir, e entre tanto recordar, uma pessoa tinha esquecido!.. era Adelaide.

Carlos tinha ido successivamente fallando de todos os parentes d'esta pobre menina para dar ao seu amigo a iniciativa de lhe perguntar por ella; mas Ricardo tinha justamente perguntado por todos os parentes, que a Carlos esqueciam, menos por ella!.. Estariam os seus pensamentos de tal fórma oppostos, que nunca se podessem chegar a tocar?

Não por certo!.. a mesma idéa os dominava a ambos; mas as suas expressões é que se afastavam do ponto de contacto, bem como o juiz e o réu, que, tendo a mesma idéa na mente, este evita sempre de a enunciar, em quanto que o outro forceja por lhe fazer proferir primeiro.

Ricardo não se podia resolver a tomar a iniciativa em tal pergunta: receava que o seu amigo tivesse ouvido o rondó final do seu duetto com Carlota, receava que elle o interrogasse pelo miseravel estado em que tinha a cara, e ao mesmo tempo saudosas recordações do seu passado se deslisavam, como vasto panorama, defronte dos olhos de sua alma, sendo sempre a imagem pura e singella de Adelaide, que vinha coroar o quadro pittoresco, que a sua reminiscencia lhe desenhava!.. O seu maior prazer 'naquella occasião seria vêr Adelaide, seria que o seu amigo lhe fallasse 'nella, que lh'a pintasse como um anjo de soffrimento, resignada na concentração da sua saudade, soffrendo com a ingratidão do seu amante, mas sorrindo um sorriso de perdão á mais leve desculpa que lhe elle desse!.. Ricardo estava triste! Carlos, por outro lado, estava pensativo. A ingratidão do seu amigo revoltava-o! nem sequer lhe perguntar por ella!.. por ella, que soffria como se soffre quando se ama devéras, e se é recompensado assim!..

Um momento de silencio tinha succedido ao dialogo mais ou menos vivo, que entre os dois amigos houvéra desde que entraram no quarto. Ricardo levou de novo o lenço á sua magoada cara.

—Que é isso, que tu tens? — perguntou Carlos.

O momento fatal tinha chegado!..

— Nada! — retorquiu Ricardo — foi um murro que levei inda-agora a brincar! não é nada!..

— Mas tu tens a cara toda arranhada! a pancada é recente, porque ainda agora se está

a fazer negra! que diabo foi isso?.. parece que andaste á unhada com alguma mulher!..

Terrivel bombarda, que estoirou mesmo dentro do terceiro ventriculo pineal do cerebro, onde alguns dizem que existe a alma do nosso heroe!..

— Homem!.. não foi nada!.. — resmungou, titubeou, ou antes, murmurou este; e corren logo ao espelho, não para vêr o lastimoso estado da sua cara, que d'isso já elle tinha bastante consciencia, mas para disfarçar a emoção que lhe tinham causado as solemnes palavras do seu recém-chegado amigo. Em seguida foi ao jarro, chapinhou a nodoa, e ficou em silencio.

Depois de uma breve pausa, Carlos renovou a pergunta.

— Nada! isso foi por força bulha com mulheres: os homens não costumam arranhar a cara uns aos outros!..

Um calefrio sacudiu a medula dos ossos do nosso heroe, que respondeu por um silencio estúpido e traidor. Carlos vingava-se do seu amigo não ter querido fallar o primeiro em Adelaide, intentando obrigar-o a fallar o primeiro em Carlota.

— Diabo! tu tens alguma coisa!..

— Não tenho nada!.. já te disse!.. Olha lá, tu has de vir moído da jornada, has de querer descançar um bocado... talvez te precisés lavar!..

— Não! obrigado! dormi bem em *Chão de Lamas*, e como vim de calça, não estou nada fatigado. Agora o que eu queria era uma pinguita d'agua para lavar as mãos.

Ricardo, que suscitára aquella idéa ao seu amigo para passar o pé á trovoada de seringaões, que lhe estava imminente, aproveitou logo a boa disposição d'este, para se lavar, chamando immediatamente a sr.^a Maria para que trouxesse agua.

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

Explicação da charada do n.º 3 — *Almadia*.

ERRATAS.

Pag. 18, col. 1, linha 23, onde se lê *penicedo* deve lêr-se *periodo*.

Pag. 24, col. 1, linha 50, onde se lê *expañção* deve lêr-se *expansão*.

Pag. 24, col. 2, linha 9, onde se lê *perscurta-dor* deve lêr-se *perscrutador*.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 5

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 - MAIO - I

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 *

EXPEDIENTE.

Aos srs. assignantes de fóra, que estão em debito das suas assignaturas, rogamos o favor de as mandar satisfazer com brevidade ao administrador d'este jornal, em estampilhas de 25 réis, ou como melhor lhes convier. D'outro modo teremos de suspender a remessa.

A JUSTIÇA E A EQUIDADE.

O homem, ainda que seja a synthese de todas as perfeições que no universo se encontram dispersas, o centro aonde convergem todas as forças da natureza, não está por isso exempto dos variados accidentes, que ferem de frente a sua existencia e desenvolvimento physico e intellectual. Ao contrario, ao passo que se eleva nos degraus da natureza, mais necessario se lhe torna o auxilio d'esta: lei benefica e consoladora, que assim fraterniza os mais infimos seres da criação com os de superior escala, e constitue a verdadeira harmonia social.

Este resultado, porém, seria impossivel obter-se, ou na hypothese, de se alcançar, faltar-lhe-ia aquella dignidade, que deve acompanhar os actos do homem, se este carecesse da liberdade, poder divino, que, tornando-se causa motora e unica das acções humanas, lhes dá um novo realce, concedendo-lhes o legitimo merecimento. Comtudo, o que seria a liberdade, a ordem e harmonia, se não tivesse limites, clara e universalmente circumscriptos, dentro dos quaes se constituisse livremente?! Nestas circumstancias o homem passaria do

primeiro ao ultimo lugar da ordem dos seres; ou melhor, nenhuma posição occuparia, porque a sua existencia se não prolongava por muito tempo.

As relações juridicas e moraes entre os homens, pela sua natureza finita e livre, merecem séria attenção, seja qual for o gráo de desinvoltimento, que o homem attinja.

É desgraçadamente 'neste ponto, que o homem, já por espirito de classe, por aferro á sua escola, já deslebrado por seus interesses e paixões, mais tem divagado, e maiores prejuizos tem causado. A luta tem sido vigorosa de parte a parte; hoje, porém, graças aos amantes da humanidade, a victoria está decidida a favor d'estes. É a Ethica — sciencia do bem, fim de todos os conhecimentos, e base do direito e da moral, a quem compete a gloria de ter organizado os legitimos principios de conducta da humanidade: principios, que todos devem conhecer pelo razoavel uso das suas faculdades. Na verdade todo o cidadão deve ser esclarecido e dirigido de forma, que o principio social e individual não seja uma chimera, o que se obtem determinando as condições que necessariamente devem ser prestadas, e que constitue a justiça e indicando outras, cujo cumprimento em virtude de sua natureza deve ficar livre á consciencia de cada um, o que faz objecto da moral, que, modificando os principios rigorosos da justiça, dá lugar á equidade: palavra funesta pelas significações de que tem sido susceptivel, e pela má applicação na confecção e execução das leis.

Não ha absurdo juridico, que se não tenha sustentado com as improprias e elasticas palavras — interesse e equidade. O que é de direito (sentido em que aqui tomamos a pala-

vra justiça) não pôde ser modificado, e muito menos alterado, pelos principios da moral, (o que só compete áquelles que possuem o direito), porisso que é uma lei conhecida pela razão. Como superior á vontade humana, é um raio de luz divina, que nos esclarece e eleva a cima de nós mesmos. Com que auctoridade pôde o legislador, e muito menos o executor de lei, dizer: não sigamos este principio do direito, e obremos conforme a equidade? A moral não é superior ao direito, a sua base é a mesma, e o seu fim é o mesmo no seu resultado final; os campos em que actuam, é que são diferentes, e porisso nada de confusões de suas espheras d'acção.

Nem se diga que ha principios de direito natural, que, attentas certas circumstancias sociaes, tem de ser modificados por estas; porisso que o direito natural tem de ser applicado em todas as phases sociaes; a sua extensão deve comprehender todas as hypotheses que se apresentem; sob pena de deixar de ser direito natural. A natureza do homem, ponto capital de todas as sciencias que a elle se referem, justifica em tudo o que deixamos dito.

Ha casos, porém, em que o executor de lei tem uma certa liberdade na sua applicação; por exemplo nas leis penaes; 'neste caso ainda não vigora a equidade, mas sim os rigorosos e puros principios de direito.

A impossibilidade do legislador em prever e classificar claramente as variadas circumstancias attenuantes e aggravantes, que acompanham os variados crimes, o obriga a conceder em parte este poder ao Juiz: poder de que este usa conforme os principios de direito penal, e não segundo a equidade. Não será um principio proprio e exclusivo do direito penal, que a pena deve estar em porporção com o delicto? E da mesma maneira que as circumstancias que revestiram o crime, por exemplo, da maior ou menor liberdade do delinquente, devem aggravar ou moderar a pena?

Entendemos por tanto que a expressão equidade deve ser banida da legislação, que pela sua importancia, não deve comprehender senão idéas claras e positivas, e aproximar tanto quanto possível for de Mathematica nas suas demonstrações e precisão de seus termos; porque só 'neste caso é que o direito alcançará aquella posição, que tanto lhe compete.

B. d'Albuquerque e Amaral.

A INDIGENCIA MERECE SÉRIA ATENÇÃO DA SOCIEDADE.

(Continuado dos numeros 12 e 11, vol. 1.º)

Será a beneficencia o meio mais efficaz com que energicamente se possa combater um tão terrivel inimigo?

Podemos afoitamente dizer, que tem sido esta a doutrina de todos os seculos e de todos os povos. Nos periodos obscuros da razão humana, quando o incenso das nações fumegava diante dos crimes ainda os mais atrozes, o aspecto d'um miseravel despertou sempre em todos os corações um grito de horror e compaixão, grito, que permaneceu superior a todas as corrupções do mundo.

A caridade fez-se sempre sentir, qualquer que fosse o campo onde se digladiassem a fome e o desespero, a conservação da vida e a sua aniquilação; morte esta a mais difficil d'encarar pela lentidão com que se avizinha e pelos horrores que a acompanham. A esse instincto ardente e invariavel ninguem pôde deixar de obedecer; como filho da natureza mesma, não pôde nunca ser absolutamente suffocado. Tal é a força da virtude. *O charity! thou principle of great souls!*

Infelizmente porém todos os generosos e louvaveis esforços empregados, procurando aproveitar esse instincto natural ao homem, têm sido fracos; todos têm sido não infructiferos, porque se hão colhido d'elles optimos resultados, mas insufficientes, porque não podem nunca ir atacar pela base as verdadeiras causas do mal. São apenas seus paliativos.

A beneficencia do estado e a caridade individual per si sós têm de recuar em frente d'essa peste assoladora de que tanto nos desejáramos descartar.

Mas diz alguém: aproveitemos o principio e demos-lhe todo o susceptivel desenvolvimento; façamos com que elle seja fortemente apoiado pelo estado. Eis mais uma theoria.

Effectivamente, deverão os philantropos exigir dos governos instituições mais efficazes? Terá o poder legislativo de occupar-se da beneficencia publica, ou deverá esta ser para o estado uma mera obrigação moral?

Não fallaremos d'aquelles, que, fieis servidores da nação, chegaram á indigencia. O empregado publico cuja vida foi consumida no serviço publico, o soldado que tem uma vida vivida nos campos de batalha, que centenas de vezes tem affrontado a morte e mis-

turado o seu sangue com o dos inimigos, chegado que sejam a tal miseria, certamente devem ser recompensados de suas fadigas. Sobre esses não pôde haver duvida.

A questão é querer constituir a beneficencia como um direito dos pobres, questão que passamos a vêr, e que segundo nós deve ser resolvida negativamente.

É verdade que todos os governos christãos e civilizados, todos elles timbram mais ou menos em socorrer esses infelizes. Todos rivalisam entre si, qual arrancar maior numero de victimas ás garras da fome. Nenhum certamente se procuraria escusar ao cumprimento d'um dever tão importante, porque a consequencia seria o acarretar sobre si a indignação não só dos nacionaes senão dos estrangeiros.

O augmento da mendicidade, como se vê pelos factos que apontámos, e como poderiamos comprovar com um maior numero d'elles, deve ser reprovado por todos os governos, pois que é um negocio que affecta demasiado a sua segurança, e seria injusto e até revoltante o querer remover tamanho mal sem anticipadamente ter provido á sustentação d'essa pobre gente. É pois uma obrigação, mas que a nenhum governo pôde ser imposta, assim como não pôde ser prescripta a nenhum particular.

Querer porém levar este principio muito além, pertender converter essa lei de politica, essa obrigação moral, em um direito do pobre, seria um dos maiores erros em que poderiamos cair.

Se attendermos á numerosa phalange de gastadores e mendigentes validos que percorrem as grandes cidades, muitos dos quaes preferem mil vezes o viverem encerrados numa prisão á custa do estado, ao ganhar o pão com o suor do seu rosto; se considerarmos as innumeraveis decepções e artificios de que se valem alguns pretendidos indigentes, verdadeiros parasytas, para enganar a compaixão; se notarmos que muitas vezes aquelles que mais dignos seriam de interesse, mas que ao mesmo tempo, possuidos de certos sentimentos, jámais se podem decidir á dar um passo que julgam humilhante e por isso lámbes não pôde chegar nenhum consólo, nem o menor lenitivo a seus males, facil reconheceremos os immensos inconvenientes resultantes da multiplicidade de estabelecimentos de beneficencia. Cada um d'estes é mais uma animação á pobreza, cria um augmento de

necessidades e um desmazelo porporcional de economia entre as classes inferiores.

E dada a existencia d'esses estabelecimentos, qual o meio de que o estado tinha a lançar mão para fazer face a essas despezas? O meio ordinario é o imposto. E desconhecerá alguém que sobre esses impostos cobrados para um fim todo benefico, recairia sempre o descredito dos impostos, e que uma grande parte seria absorvida em despezas de administração?

O governo que taes idéas seguisse commetteria uma grave falta. A lei que tal determinasse ia causar um grande mal pelo excesso de bem, seria a peor de todas as leis, porque era ao mesmo tempo immoral e injusta; immoral, porque ia alimentar e desenvolver os vicios os mais prejudiciaes; injusta, porque augmentaria o numero dos proletarios, sustentando-os á custa do operario laborioso.

Que fazer pois no meio de tanta variedade de systemas? Apresentar novas theorias, visto que as que existem são insufficientes?— Temos para nós que mui pequeno é o lucro que se pôde auferir de taes trabalhos intellectuaes; taes esforços são, quando muito, meio caminho andado para a consecução do fim principal.

Julgamos que pouco serviço prestam os auctores que sobre este objecto se occupam de theorias puras, da miseria official, não assim aquelles que, essencialmente praticos, nos apresentam indagações exactas sobre o estado d'industria d'um paiz, d'uma provincia, d'uma localidade, nos mostram a natureza e a marcha do pauperismo em epochas diversas e o resultado e caracter das instituições de beneficencia 'nessas mesmas epochas.

Prestará um grande serviço á humanidade aquelle que, estudando a miseria por seus proprios olhos, descer sem hesitação á analyse mais minuciosa de todas as causas que 'nella influem, tanto voluntarias como involuntarias, de todas as circumstancias provenientes do individuo ou a elle estranhas, e mais que tudo profundar bastante, para bem distinguir, a parte da realidade e a parte da dissimulação, objectos estes difficeis de bem discernir principalmente nas povoações numerosas. É necessario attender á influencia dos logares, dos acontecimentos, das industrias, dos costumes, das tendencias dos individuos e das instituições geraes e locaes, que regem essa nação ou essa pequena parte d'ella.

Para fazer porém tal estudo com proficiu-

dade, é mister pôr de parte qualquer partido scientifico, qualquer pensamento dogmatico cuja apotheose se tenha feito porque só assim se poderá marchar desassombadamente, guiando-se não por certa e determinada theoria, mas pela força e exigencia dos factos, fazendo novas applicações e verdadeiramente uteis.

É este o trabalho de maior monta a que poderá dar-se o que tiver a peito o bem estar d'essas classes infelizes, trabalho na verdade mui afanoso, mas por certo o mais salutar.

Energicos meios ha, porém, que não convém nunca perder de vista, pelos quaes o mal pôde ser combatido no seu germen e taes são a economia e a instrucção.

«A economia, diz mr. Mézières, não exige, graças aos céus, nem coragem superior nem virtude sobre-humana, contenta-se com uma energia ordinaria e ao alcance das almas mais fracas. *Incipe* (começa) é a sua divisa. Depois o habito torna-a mais facil e menos sacrificios demanda.»

É este um remedio que mais propriamente toca ao proprio individuo que soffre, mas para o que muito pôde concorrer tambem o philantropo disseminando por entre essas classes o amor pela ordem e pelo trabalho, despertando o espirito de emulação e para isso basta o saber inspirar-lhes o desejo de melhora-mento de todos os commodos da vida.

Quão util não seria lançar mão d'essas verdades economicas envoltas ainda na linguagem scientifica, traduzil-as e amoldal-as á pouco cultivada intelligencia do rude, tornando ameno e de facil comprehensão o que até então para elle só fôra aridez?! Se alguém o emprehen- desse muito faria, e não seriamos talvez testemunhas de muitos factos praticados entre nós, filhos unicamente do juizo errado que muita gente é levada a formar, enganada pelas apparencias.....

A propagação de bons costumes, de tem- perança, ordem e economia, elementos essen- ciales da civilisação, exerce sem duvida uma superior influencia sobre a condição moral e material do individuo.

Que diremos da instrucção? Se algum meio ha que possa ser considerado não como um simples paliativo á miseria, mas como um mui poderoso agente que muito influe sobre ella, é certamente a instrucção publica fundada sobre as verdadeiras bases d'utilidade real e da sã moral.

Todo o governo que tomar a peito o bem estar da nação cujos destinos derige, um dos

seus principaes cuidados será o concorrer quanto possivel para o derramamento das luzes e conhecimentos por todas as classes sem distincção d'individuos.

O sexo feminino deve necessariamente ser o que mais lhe occupe a attenção, porque é ahí que estão as que mais tarde como mulhe- res, como espósas e como mães vão ter tama- nha influencia na familia e portanto na socie- dade. São ellas que criam as novas gerações, e dão de beber a seus filhos, com o leite, as creanças puras e sanctas, infiltrando-lhes n'al- ma o amor pela virtude.

Não basta porém que a instrucção afastan- do-se de certos principios d'antiga usança, tome como base os fundamentos que indicá- mos; convem mais alguma cousa: é essencial até que a instrucção esteja em harmonia com a classe a que for dada. Pouco aproveitará ao pobre, o ter conhecimento do grego e do he- braico, se ao mesmo tempo se não tiver o cui- dado de o embuir dos principios da verda- deira moral, de lhe inspirar o amor pela eco- nomia, e dar-lhe o conhecimento da vida prá- tica em que tem de entrar e dos meios como satisfazer a ella.

E a religião! É ahí onde o indigente acha resignação na sua miseria, força, esperança, e grandeza d'alma para supportar seus males com resolução e firmeza.

Sem ella não ha felicidade possivel; muitas vezes é unicamente lá que a miseria vae ac- coitar-se, onde acha sempre um prompto re- fugio; e pois que a religião tanto vale e tanto foge d'entre nós, chamemol-a, quando mais não seja senão pela vantagem material que nos resulta, hoje que o interesse é a mola real do menor acto. M. J. Vieira, Junior.

LE SOURIRE DE FEMME.

L'on est faite pour aimer
Quand on est faite pour plaire

DEMOUSTIER.

Le soleil d'une caresse,
En reluisant dans mon coeur,
Épanouit de la tendresse
La charmante et jeune fleur:

C'est de l'aube matinale
L'éclat qui annonce le jour
Dans le charme d'un front pâle
L'aurore d'un tendre amour;

Car le regard de la femme
Semble la nue de l'encens,
Qui nous brule de sa flamme,
Qui nous enivre les sens;

Et, dans son tendre sourire,
Qui vient notre âme émouvoir,
Fonda dieu tout son empire,
Montra dieu tout sou pouvoir.

A. M. da Cunha Bellem.

MAIS UM DIA!

Sans toi où trouverais-je le ciel?..

BYRON, trad.

Mais um dia, mulher, um dia ainda,
Que surge para mim de aureo prazer,
Dizendo que a ventura jámais linda
P'ra o que creê no amor e na mulher!..

Mais um dia feliz!.. que, no deserto
Do acerbo soffrimento do existir
Me vem mostrar o céu como entre-aberto
D'um oazis nas delicias a sorrir!..

Eu creio que a ventura appetecida,
Qual rocio perfumado da manhã,
Berrama brandas lagrimas, dá vida
Ao mortal, que tem fé pura e louçã!..

E a vida, que é tormento do que soffre,
E que do homem ditoso o prazer é
Das mais doces delicias abre o cofre
Sómente ao que tem fé, que espera e creê!..

E um dia de ventura é no deserto,
Onde a vida se esvae entre o soffrer,
Um abrigo suave, um céu aberto,
Onde a fada, o archanjo é a mulher!..

É qual marco da vida sobre o trilho
Onde a alma vae cansada repousar...
É pharol, que nos guia ao doce brilho
Da paz que alem do céu se ha de gozar!..

Mulher!.. é mais um dia, um dia ainda,
Que ostenta no horizonte o seu fulgor,
Que me diz, que a ventura jámais linda
P'ra o que creê na mulher... em Deos... no amor...

B.

A MINHA FLOR.

Era tão bella
A minha flôr!
Livida aragem
Crestou-lhe a côr.

Na debil aste
Pendeu a triste,
Palida a fronte
Qual ametiste.

Em vão seus prantos
A linda aurora
'Nessa corolla
Derrama agora;

Lagrimas doces
Já não dão vida
À florzinha,
N'alma ferida.

Ingrata brisa,
Em vez d'um beijo,
Sacode-a triste,
Sem dô nem peijo.

Uma por uma
No vôo ardente
As murchas folhas
Leva imprudente.

Por valles, montes,
Selvas e prados,
Folhas... aromas
São espalhados.

E a pobresinha,
N'aste pendida,
A pouco e pouco
Lhe foge a vida.

Era tão bella
A minha flôr,
Livida aragem
Crestou-lhe a côr.

Abril de 1859.

Severino d'Azevedo.

ERA NA INFANCIA!!

Continuado do n.º 4.

VIII.

Retrato.

Nascemos para amar: a humanidade
Vai tarde ou cedo aos laços da ternura;
Tu és doce attractivo, ó formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade

BOGAGE.

Qual a mariposa gentil, que, enamorada
da chamma fascinadora, a busca por inexora-

vel destino, o nosso coração enamora o facho rutilante dos olhos da mulher, e 'nelle vai crestar por mil vezes as azas tenues das suas mais fagueiras creanças!..

É que o Eterno concedeu por condão á formosura enlear-nos o querer do coração, como a chamma attráe a mariposa, como o iman fascina o aço rijo!.. E se o duro metal, se o tenue insecto, arrastados por inflexível impulso, obedecem á lei, que, dominando-lhes a vontade os enleva e prende ao objecto das suas affeições, como poderá o homem, mais seduzido que a borboleta pela luz, mais dominado que o ferro pela calamite — como poderá fugir aos doces laços com que o prende o olhar da donzella, cujo brilho fascinador é o facho que o enleva, cujo mysterioso poderio é o magnete que o attráe?..

E era formosa a donzella!!.. A sua fronte ornada de taes encantos reluzia, que o sol... o proprio sol, se ás faces lhe podesse subir o rubor do pejo, ao vel-a se esconderia; que a lua... a mesma lua, se a inveja a costumasse impallidecer, não ouzara encaral-a face a face!!.. E era formosa a donzella!.. seu corpo airoso como a palmeira; suas faces como a rosa entrelaçada com jasmíns, seus olhos negros como seus cabellos, luzentes como os diamantes da corôa do Eterno e serenos como a planície do céu em branda noute de outono, formavam meigo composto. E a donzella fascinara-nos o coração, porque é fado nosso o sentir o meigo jugo de um formoso riso, que, por magnetica influencia nos agrilhoa as affeições da alma!! Era o amor!.. amor puro e santo como o sente apenas o coração no seu primeiro vóo, suave e meigo como só na vez primeira se nos aninha no seio d'alma!.. Era o amor de infancia!.. A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

DOS LAÇOS D'AMISADE.

Continuado do numero 4.

5.º A iguaes e merecidos louvores merece ser associado D. Petronio, pois a igual coragem de nobre amisade, deve caber correspondente tributo de gloria. De condição assás humilde, Petronio, protegendo-o P. Celio, alcançara o fôro de cavalleiro romano, e o soldo d'uma elevada posição no exercito; e se, durante a prosperidade do bemfeitor, lhe fugira a vez de significar sua gratidão, pagou-lhe fielmente a

divida n'uma conjunção desgraçada, em que a sorte o prendeu. Ao exercito de Cinna rendera-se Placensia, cujo governo fôra dado pelo consul Octavio a Celio; este, já depremido pelos annos e sob uma doença grave, receando cahir nas mãos do inimigo, pediu, como auxilio, a morte á dextra de Petronio, que, pretendendo de balde dissuadil-o da resolução, vencido pelos rogos o matou, e na sorte uniu-se-lhe por companheiro, para não sobreviver ao bemfeitor, a quem sómente devia o ter merecido elevados gráus de dignidade. Assim a um a honra, a outro o piedoso reconhecimento conduziram á sepultura. (Ann. U. C. 666.)

6.º Como Petronio, merece ser elogiado Servio Terencio, embora a sorte não lhe permittisse sacrificar a vida, como desejava, pela conservação do seu amigo; assim o facto deve ser avaliado pela generosa intenção, e não pelo acontecimento, que a tornou irrita, pois segundo sua resolução não só morreu, mas ainda D. Bruto se subtrahiu ao golpe da morte; este, tendo escapado de Modena, e sabendo que instavam cavalleiros, mandados por Antonio para lhe arrancarem a vida, favorecido pelas trevas, ententava, em certo logar, subtrahir sua cabeça culpavel a um justo castigo; já tinham invadido o asylo, quando Terencio, valendo-se da escuridão, por uma piedosa mentira se similou Bruto, e se offereceu aos cutellos dos perseguidores: mas reconhecido por Furio, a quem Antonio especialmente encarregara tomar em Bruto a vingança, não pôde remover o supplicio do amigo a trôco da morte própria; assim a fortuna condemnou-o a viver involuntariamente. (Ann. U. C. 710).

7.º Deixando os sombrios e tristes espectros da amisade obstinada passámos a contemplal-a sob aspecto risonho e amavel; e, tendo-a evocado dos logares, onde sómente dominam lagrimas, gemidos e mortes, vamos collocal-a no domicilio da felicidade que antes merece, ornada abundantemente de favores, honras e riquezas: surgi, pois, da mansão, que se crê consagrada ás almas pias, Decimo Lelio e M. Agrippa, que o juizo seguro, e destino feliz ligou pelos laços d'amisade, um ao maior dos homens (1), outro ao maior dos deoses (2); acompanhae-vos de toda a turba bemaventurada, que, coroada de louros e louvores, se alistou, sendo vós os directores, sob o estan-

(1) Scipião Africano

(2) Augusto.

darte da fidelidade sincera: vossa constancia experimentada, vosso zêlo intrepido, vossa discrição impenetravel, vossa vigilia infatigavel pela honra e vida dos vossos amigos, e, ainda, os fructos tão fecundos d'estas virtudes, apresentarão á posteridade um espectáculo, que lhe tornará, sobre caro, sagrado o culto da amizade.

F. P. Santa Clara.

NOTICIA DAS ANTIGUIDADES D'ELVAS.

Continuado do numero 3.

Havia 'naquelle tempo muita falta de clerigos; por isso officiam os tabeliães a missa de canto-chão, nos domingos e dias sanctos de guarda. Impetraram indulgencias, de que obtiveram bulla, passada em Avinhão no anno de 1348, e d'este modo se augmentou mais a devoção, e cresceram as rendas, a ponto de proverem a hermda de ricos ornamentos, peças de prata, orgão, thuribulo e naveta. E porque esta confraria se tornou assás rendosa, temeram os tabeliães que lh'a impetrassem a título de beneficio, e tiveram um breve de exempção e confirmação de graças, concedido pelo papa Clemente VIII no anno de 1596. Com estes privilegios se conservaram os tabeliães exemptos da jurisdicção do bispo, que não podia tomar-lhes contas; mas com grave damno da confraria; porque, entibiando-se o zelo, vieram a perder-se muitos bens, e no anno de 1709 estava extincta a confraria, conservando-se ainda algumas rendas, que eram da gerencia da camara: a impulsos do fallecido João de Sousa Callado, que foi escrivão da mesma camara, se obteve do governo civil licença para restaurar a dicta confraria, o que effectivamente se fez, formando-se novo compromisso, e elegendo-se meza para administração d'esses poucos bens, que ainda tem: não continuou, porém, a meza em tal gerencia, porque passou para a direcção do asylo d'esta cidade, aonde actualmenté está.

Continúa.

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 4.

XXI.

Define-se a situação.

Como depois da vinda da agoa não convi-

nha ficar mudo, porque seria dar occasião a que o inimigo o atacasse de novo no mesmo campo, o nosso Ricardo tentou desviar a attenção de Carlos do assumpto do passado dialogo, começando a fallar em outra coisa.

— Então?.. gostaste de vir para Coimbra? — lhe perguntou elle.

— Já fiz mais furor 'nisso, e agora confesso-te, que, se não fosse por honra da firma, desistia de me formar — replicou o caloiro, concluindo a sua ablução e enxugando as mãos á toalha.

— Porque? — retrocou Ricardo, que via 'naquelle mau humor do seu amigo alguma coisa, que lhe dizia respeito.

— Porque me parece, que aqui vem aprender-se pouco em quanto a sciencia, e muito em quanto a immoralidade; ganha-se pouco dos muitos conhecimentos, que se aqui deviam aprender, e perde-se muito dos poucos sentimentos nobres, que para aqui se trazem.

— Tu estás condemnando Coimbra sem nem ao menos a ter visto.

— Olha, Ricardo! O pouco, que tenho visto e ouvido em meia hora que aqui estou, tem-me feito desgostar muito! parece-me que aqui se aprende a ser ingrato e a esquecer pessoas cuja lembrança não se devia jámais riscar do nosso coração!

— Estás romantico! Isso é algum trecho da tua ultima producção? — disse Ricardo, gracejando; ou antes, fingindo gracejar; porque as expressões, que pretendiam ser chistosas, em vez de sal, tinham pimenta, vinagre e malagueta!..

— !sto não é romanticismo, Ricardo! isto é ainda um resto de sentimentos, que tenho podido conservar puros no meio da corrupção; isto é ainda uma expansão nobre do meu coração de vinte e dois annos, que se revolta contra tudo o que é ignobil e mentiroso!..

— Mas!.. deixemo-nos disto... has de ter vontade de ceiar... queres chá ou preferes ceiar de garfo?

— Nem uma coisa nem outra, obrigado! mas não tenho vontade!.. confesso que estou realmente penalizado, e maldigo a hora em que tentei vir para Coimbra!..

— Porque?.. — perguntou, machinalmente Ricardo. A desgraça do pobre veterano estava decretada!! Se se calava, o seu caloiro perguntava-lhe pela causa das arranhaduras da cara, se abria a bocca todas as palavras pareciam convergir para o mesmo ponto que elle desejava evitar!..

— Porque?.. ainda o perguntas?.. porque?.. Porque pensava vir lançar-me nos braços d'um amigo digno da minha estima, e venho encontrar um homem abjecto, e demais a mais hypocrita!..

— Hypocrita!?..

— Sim!.. hypocrita... repito-o!.. Que tu dissipes a tua mezada com uma mulher abjecta, vá!.. mas que escondas refalseadamente a tua abjecção ao teu amigo de infancia, que o recebas com sorriso hypocrita nos labios, para depois ires repartir doces risos com essa mulher despresivel, isso é infame!..

Carlos fora sublime!.. Ricardo estava confundido!.. mas o espirito humano é composto por fôrma tal, que, quando não tem desculpa a dar a uma arguição d'esta ordem, só para não vir curvar-se constricto e dizer *peccavi*, ergue-se sobranceiro e arrogante despedindo uma metralha insulsa das mais insolentes banalidades.

— Então que tens tu com a minha vida?.. que te importa se gasto bem ou mal o que tenho?.. Vieste para Coimbra para ser meu tutor?.. pois não!.. o caloiro querendo dominar o veterano! amanhã dás-me um grau! não é assim? Ora sempre estás muito pelludo, meu pobre amigo!..

— Aqui não ha caloiros nem veteranos!.. Nós fomos educados junctos, laços fraternaes nos uniram na infancia!.. Não tenho direito a zellar os teus interesses!.. não posso nem o quero fazer! mas tomar conta do teu modo de vida ignobil e degradante, tenho direito a isso!.. tenho direito! porque m'o dá essa amizade, que nos ligou na infancia!.. porque m'o dá a consideração que voto a teu pae, pobre homem, que não quer acreditar as loucuras que de ti lhe têm contado!.. e sobre tudo dão-me direito a tomar-te contas do teu proceder as lagrimas d'esse anjo angustiado, que eu estimo como uma irmã adorada... essas lagrimas que ella derrama sobre a tua ingratição, e que tu retribues com a delicadeza de nem ao menos perguntar por ella!.. É muito, Ricardo! não esperava isso de ti!.. esqueceres aquella pobre menina! atraíçal-a aleivosamente! trocal-a... e por quem, meu Deus!! por uma prostituta, que te arranha a cara numa bella occasião de mau humor!.. ella, toda carinho, toda meiguice!.. Olha, Ricardo, se metteres a mão na consciencia, has de ver que obras muito mal!.. como amigo que sou t'o digo!..

Ricardo estava mettido pelo chão abaixo!..

Tinha ouvido a tremenda rabecada do seu caloiro sem tugar nem mugir! mas o diabo do orgulhoso, que sempre ha de fazer das suas, fel-o replicar, quando o seu amigo se calou:

— Obrigado, Carlos! eu é que esperava encontrar em ti um amigo para me consolar nas horas de immensa atribuição, e encontro um juiz severo, que me condemna antes de me ouvir! Quem te disse que eu vivo escandalosamente ou que faço loucuras?.. quem te asseverou que eu tenho sido ingrato para com ella? quem ousa assim devassar os foros da minha consciencia?.. A chave do meu coração pertence-me!.. não dou o direito a ninguém de lhe querer penetrar os segredos!.. comprehendes?..

— Comprehendo, sim!.. comprehendo que sou aqui de mais, e que não posso nem devo viver comtigo numa casa onde existe uma mulher que te pertence!..

Adeus, Ricardo! de hoje em diante é como se nunca nos conhecessemos!.. tu córias de vergonha quando a minha presença te viesse recordar os tempos da tua infancia, e eu morreria de pejo se um dia te viesse encontrar nos braços de uma prostituta!

— Homem!.. tu levas logo as cousas ás do cabo! quem te diz que saías, que não vivas comigo?.. Essa mulher, a que tu alludes, não vive de portas a dentro comigo!.. posso-t'o affiançar...

— Então deffinamos a posição!.. Tu amas ou não amas Adelaide?.. és ou não és digno do seu amor?..

— Amo-a!.. sou digno do seu amor! — replicou Ricardo com vehemencia. Eram os sentimentos nobres que acabavam de ganhar uma batalha campal contra a abjecção do espirito!.. Carlota fôra derrotada!..

— Então dá-me um abraço, e que o penhor de paz seja a expulsão d'essa mulher perdida!.. promettes?..

— Juro-o!..

Neste momento um fracasso diabolico fez rebentar a fechadura da porta do quarto!.. Era Carlota, que, não podendo levar até ao fim a perserverança de vir escutar pelo buraco da chave, e, ouvindo o resto do dialogo tão pouco lisongeiro para ella, vinha em pessoa advogar a sua causa!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 6

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 - MAIO - 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 210 rs.
Com estampilha 720 "

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Theodolinda A. Christina
L. da Veiga.

Antes, e muito antes, que a revelação descesse do céu, já a existência de Deus, e o conhecimento dos seus divinos attributos, era um axioma para a razão humana, abandonada aos seus proprios recursos.

D. THEODOLINDA, *Elem. d'Inst. Moral*, cap. 1.

Existe Deus? Perguntal-o é um insulto á razão. A idéa da Divindade deixaria um só momento de acompanhar a humanidade em todos os tempos e em todas as epochas e phases da sua devolução successiva? Perguntal-o é não considerar a historia como a luz da verdade, ou o espelho em que se reflectem os passos do homem na senda não interrompida do seu desenvolvimento inevitavel. O homem, dotado de penetrabilidade, termo inceptivo da faculdade da prophacia; de razão, pela qual dá o verdadeiro logar aos entes, que, com elle, constituem a criação; do sentimento, com o qual aprecia tudo, guardando as convenientes distancias, que a intelligencia prescreve em harmonia com as idéas de ordem e aperfeiçoamento; de consciencia, pela qual avalia todas as evoluções psychologicas e estheticas, adquirindo sufficiente conhecimento do *eu* por um processo mysterioso, graduando o merito ou demerito de suas acções, que, instinctivo, racionalmente affere pelas idéas innatas de harmonia, ordem e unidade resultante da natureza, e do instincto de dignidade propria, que o colloca no apogeu da synthese universal, porçando-o a revellar a sua incontestavel preeminencia e superioridade sobre todos os seres creados; o homem, dizemos, dotado de todos estes elementos de origem externa, in-

terna, sensitiva, moral, racional, superior e primitivamente organica, é o ponto de transição, ainda que incomprehensivel á sua intelligencia limitada, do infinito para o finito, do Creador para as creaturas.

Deus é o rei dos céus; o homem é o soberano da terra. Vivendo sobre o firme pedestal da sua independencia, o homem recebeu das mãos do Creador o pacto da possibilidade continua de existir, pagou-lhe Elle d'uma só vez e voluntariamente o tributo de sua existencia; emancipou-o de uma vida, que não começava em sua propria actividade, e vendendo-o em sua eterna previsão de todo disposto para viver no mundo, ahí o depoz na subjecção á simples condição de existir, segundo o seu organismo e o dos seres que o cercam! Esta liberalidade só se explica pela generosidade e bondade infinitas.

Pelo seu lado o homem deve a Deus reconhecimento e gratidão; mas ainda 'neste insignificante tributo, que Elle lhe impoz, foi tão generoso, que lhe imprimiu no intimo da natureza o instincto á sua adoração. Quem affirmará, depois de assim haver pensado, depois de ter analysado o homem pelo prisma, que a razão modula no pensamento, que deslisa pela linha do infinito até se esvaír de impotencia propria, depois de haver attingido os pontos de contacto, cuja transversalidade a intelligencia segue, em quanto o *eu* se não confunde e abysma nas idéas innumeradas, que concorrem a todos os pontos da esphera da penetrabilidade humana, que elle, esquecendo a si, desconheça o Creador? Ninguem por certo.

Ninguem por certo! Infelizmente inda ha homens, que, admittindo que podemos ver o futuro, por onde não devolveu a actividade do

eu, identificando-se com elle, negam que sintamos o preterito, que por todas as razões é nosso, e tão nosso, que se acha indelevelmente gravado no nosso ser.

Mas esta impugnação será proveniente de convicção, ou não? Ou mesmo nós veremos Deus, como creador do existente finito, em todos os objectos, que nos impressionam?

A demonstração affirmativa d'estas duas proposições, dá um golpe fatal no atheismo.

Atheismo é a negação da existencia de Deus: divide-se em práctico, theorico, e sentimental.

O atheismo práctico consiste 'num procedimento immoral, practicando todos os vicios e crimes a sangue frio, como se não houvera um ser supremo, que ha de julgar e punir o homem ou premial-o, segundo a qualidade das suas acções. Este existe; mas a sua existencia não importa a não existencia da Divindade, nem o sentimento correlativo. Deus não depende da incoherencia e excentricidade dos homens; nem estes dous absurdos podem extinguir ou extirpar da natureza humana o sentimento do ser eterno. Assim o atheo práctico, não podendo desembaraçar-se da luz inextinguível da verdade, que o acompanha mesmo no meio da sua maldade, e lhe aclará o feio aspecto dos seus crimes, fazendo-lhe presentir as consequencias tristes d'um castigo inevitavel, trava com a sua consciencia um duello de morte. Vence ella; e elle exilado na região do remorso faz, para se desconvencer d'um Deus, os ultimos esforços; mas a crença, que não depende da mentira, avigora-se; o remorso torna-se mais pungente; a vida mais pesada e quasi vegetativa; a existencia precaria e enfadonha; o sentir embota-se; a alma degrada-se; a dignidade e tudo perece sob a influencia do triumpho imperial da natureza sobre os productos da imaginação escandecida e desconcertada. É este o funebre desenlace do drama fatal, que o homem extraviado da idea da Divindade, que o eu gerado no ponto da convergencia das faculdades desharmonizadas em sua actividade e desviadas da sua natural direcção, espontaneamente representa no seio da sociedade, que pretende corromper, ou ao contacto da sociedade corrompida, que lhe transfende no intimo d'alma o veneno, que já transsuda de suas arterias.

Menos desgraçado, mas mais perigoso é o atheo theorico. O seu exemplo não assombra o sentimento de piedade das almas bem formadas; mas os seus argumentos subtis e argutos, dictados por um tacto especial de so-

phistica requintada, calam muitas vezes até á séde dos sentimentos religiosos, e d'ahi os eliminam, substituindo-os pelas apparencias do indifferentismo, que não tarda a desilludir-se, porque os instinctos da natureza, que a razão apoia, não podem permanecer muito tempo inertes. A experiencia mostra, que elles, soffrendo pressão, surgem, depois d'accumular o vigor concentrado, com feição de invencíveis, e a observação confirma esta verdade nas victimas do remorso, que a consciencia, o nosso melhor e peor dom, sacrifica nas horas da verdade eterna.

O atheo theorico é o homem vaidoso, formado na combinação absurda das idéas; os seus argumentos são o producto d'uma seducção extranha, colorida das galas d'uma imaginação fertil; os seus discursos são a contextura de principios, que só principiaram na investigação do seu plano d'attaque; os seus ares de convicção são relances de hypocrisia, que partem de fóra do coração, mas que por um processo inexplicavel se afeiçoam agradavelmente no imaginoso intento de proclamar a mentira contra a verdade-tipo; a sua eloquencia é só eloquencia, é o nada, que na negação da existencia propria intimida e neutralisa por momentos a expansibilidade do sentimento, que se acanha, mas que é immorredouro; o fim do seu discurso, a transfusão da convicção do atheismo no fundo d'alma encontra um obice insuperavel no eterno principio da consciencia, cujo estimulo, e consecutiva actividade e energia vem do alto.

O atheo theorico só vê a verdade no inverso das suas demonstrações; a sua faculdade volitiva é a vaidade, e a sua mania é fazer manifesto ao mundo da louca intensão de interpellar o ser supremo. Declara-Lhe guerra pela mais nobre faculdade, que Elle lhe concedeu, porque se não deu ainda ao trabalho de examinar, quanto o pacto da criação lhe é vantajoso, e tem sempre fugido ao seguimento do instincto, que lhe revella haver nos céus um tribunal, que decide omniscientemente da imputação do homem em relação ás clausulas do pacto primitivo. Mas não fica aqui o castigo do atheo theorico; se se excede naquillo que já é excesso, se leva as suas pretensões a privar intellectualmente o céu d'um Deus, como a terra d'um Creador e Conservador, os espinhos d'um arrependimento amargo tecem-lhe a corça do martyr do inferno; e o anel da confissão forçada perante a sua consciencia inexoravel, extingue-lhe, no extremo do soffrer,

a vida da esperança, atropiando-o com a visão horrenda do perdimento eterno, porque o repelle o céu e a terra.

O atheo sentimental, ou de convicção, esse não existe, como já temos visto.

Existiria, se o homem pudesse desfazer-se, e de novo elementar-se, dando-se outra natureza e destino. Absurdo inadmissível em vista da unidade da sua natureza, da consciência, observação e experiencia.

Como o atheismo sentimental é o verdadeiro atheismo, por ser este o systema dos que não crêem na existencia de Deus, muito logicamente pôde dizer-se — não ha atheos — Como o homem é hoje o que foi na primavera da criação, é verdade que, antes, e muito antes que a revellação descesse do céu, já a existencia de Deus, e o conhecimento de seus attributos era um axioma para a razão abandonada aos seus proprios recursos.

O sentimento da religião e de Deus é um elemento essencial da natureza humana. Extinguir-se-ha com o desaparecimento da humanidade do quadro methaphysico do pensamento universal da criação? Nunca.

J. M. Cabral e Castro.

Conclusão do 1.º art. do n.º 3.

O trabalho é o exercicio da nossa actividade sobre os objectos, que pela sua natureza devem ser apropriados, como elementos conservadores da nossa existencia. Trabalhar e existir condignamente, ou em harmonia com o nosso destino, são idéas correlativas.

Talvez que o homem não fosse creado para trabalhar; mas é certo, que elle recebera do auctor da sua existencia uma organização propria para isso. Antes da sua decadencia, pouco sabemos da sua sorte; só a tradição diz, que fôra tão feliz, que nada racionalmente podera desejar; mas desejou, e este desejo, posto em execução pelas forças disponiveis, que então gosava, perdeu-o, submettendo-o á dura necessidade de trabalhar para viver. Quer esta necessidade tivesse sido prevista pelo auctor das cousas na organização e destino do homem, quer ella seja uma pura consequencia do facto da queda, ou sua exterminação do paraizo, que lhe faltou, como a lisongeira visão d'um sonho agradável, ella procede, e com tanta universalidade d'acção e de imperio, que os mais abastados e bemquistos da fortuna se acham 'nella comprehendidos, inda que com

bastante pezar. Entretanto o trabalho não enfada, ao contrario o ocio tira o apreço e encanto natural da vida. É para admirar que a felicidade dos tempos innocentes, só experimentada e gozada pelos nossos primeiros paes, se convertesse no infortunio, depois da sua decadencia, e ainda mais que esta se prolongue pelo infinito, dictando as leis á humanidade, como se o genio do mal tivesse sobre ella a influencia d'uma entidade perseguidora. No mesmo mysterio occulta-se a razão de sermos tanto mais felizes, quanto mais trabalhamos. Certamente, porque o trabalho é a expiação d'um crime enorme, para a expurgação do qual são insufficientes as forças humanas, sendo precisa a regeneração por um Deus amigo e compassivo, que vestira a forma humana para se identificar connosco, e ensinar-nos a soffrer e a vencer. Será isto.

Adão trabalhou, porque se regenerou por culpa propria, e nós, seus filhos e herdeiros universaes, menos da prerogativa dos momentos de dita incomprehensivel, que acompanhara o tempo, bem pouco, da sua innocencia, trabalhamos, porque o contrario importaria-nos incomportaveis necessidades, cujo abandono conduz indefectivamente a uma morte forçada.

O trabalho é physico e moral, e tanto um como outro devem ser intellectuaes.

É physico, quando versa sobre objectos d'essa ordem, e moral no caso contrario.

Não sendo acompanhado de intelligencia, o trabalho, quando não seja inutil, como frequentemente tem logar, é ao menos despido de consequencias ajustadas, faltando aos productos da nossa actividade o caracter de proveitosos e concernentes ao nosso destino.

O grande principio do trabalho está em aproveitar muito a humanidade pelo emprego de poucas forças, ou em adquirir muito facilmente e em pouco tempo. Mas nós dissemos, que o homem é feliz trabalhando, e por este principio parece contradizer-se aquella proposição; no entanto não ha contradicção, porque a especie humana não jaz estacionaria; desenvolve-se, e aperfeiçoa-se; e estas phases reclamam o augmento successivo do trabalho, ao passo que proporcionando o goso, e tornando mais pronunciada a independencia terrena, preparam um existir mais suave, e occasionam, pelo estimulo natural do bem estar, a elevação do pensamento ao ser supremo, enchendo-nos de esperanças, e de fé, que firma a vida, e com ella escora o progresso das gerações futuras.

O trabalho produz a riqueza, esta a representação social, e a representação social origina a nobreza e colloca o homem no estado de poder manifestar ao mundo e fazer-lhe sentir todas as suas virtudes moraes e sociaes, de o fazer olhar como um homem honesto e cidadão officioso.

O trabalho, compellindo o homem a leadear as leis naturaes e moraes, que não pôde deixar de acompanhar em todas as suas operações verdadeiramente taes, habitua a virtude e ostentação voluntaria, e sem vaidade, da sua dignidade.

Habituar o joven ao trabalho é formal-o physica e moralmente. Physicamente, porque desinvolve as suas forças, robustece a sua organização, e põe-se em estado de se oppôr utilmente á natureza, quando ella lhe for adversa. Moralmente, porque collocado em contacto com o mundo e a sociedade, reconhece as qualidades e direcção d'um e d'outro, e a impossibilidade de se oppôr honestamente ao que é, restringindo-se com esta convicção ao cumprimento dos seus deveres e quando muito criticando ou arguindo os que se excentram.

A educação é o trabalho bem dirigido.

J. M. Cabral e Castro.

CARTA ANONYMA.

Le mystère n'a été fait pour toi?

Tal como desfeitas correm

Como se esvaem e morrem

Nuvens do fumo no ceu,

Passa a *Noite* e a luz da *Lua*

E a gloria d'ouvir — *sou tua!* —

Que deprime o canto teu.

Um mysterio profanaste

No segredo, que violaste

'Nessa orgulhosa canção:

Profanaste, anjo cahido,

Momentos — que arrependido,

Sente e cala o coração.

'Nessas gótas da existencia,

Bebendo da roza a essencia

E desfolhando-a — gozaste?

Foste um verme venenoso;

Matando-a, fôras piedoso,

Se a virtude lhe roubaste!

RESPOSTA

À MINHA BELLA INCOGNICA INIMIGA...

ECH. E NARE.

Eu mysterios se os profano,

Não são nunca de mulher:

Vivi sempre 'neste engano...

Morrerei, se Deus quizer.

Essa tal *noite d'amores*,

Esses tão *languidos ais*,

Esse tal *leito de flores*...

Foi um sonho e nada mais.

Foi um sonho, e sonho aereo

Como os sonhos sempre são;

Nem podia ser mysterio

Dos mysterios... da paixão.

Se pensei 'num doce instante,

Que ao luar, candida flor

D'um perfume inebriante

Perfumava o meu amor...

Se pensei que um vão desejo

Com que á luz desabrochei,

Me expirava em fim 'num beijo...

Foi um sonho, que eu sonhei.

Foi um sonho! E se eu morresse

Quando á luz do mundo vim;

Se eu uns olhos só tivesse,

Que me dêssem luz a mim;

Não dormia e já velava

Como em tempo já vellei,

No bom tempo que eu gozava

O que ainda nem sonhei!

Não faz mal que o pensamento

De quem Deus fadou tão mal,

Fuja em sonho um momento

D'esta vida desleal!

Que o que a sorte desditosa

Soprou como sombra vã,

Colha em sombras uma roza

Nos seus sonhos da manhã!

Que te custa que dissesse

— Fui feliz — um infeliz?!

Que fiz eu que te offendesse,

Que mal foi o que eu te fiz?!

Quando a mão d'um innocente
Quer a estrella que a seduz,
Ninguem ha tão inclemente,
Que no céu lhe apague a luz!

Ah! mulher! custa isso pouco!..
Se não faz mal a ninguem,
Deixa lá que um pobre louco
Sonhe... sonhos que não tem!

João de Deus.

FRAGMENTO.

(IMPROVISO A . . .)

E amava-a!.. e este amor era um mysterio,
Que nem a propria mente o compr'hendia,
Submisso, como estava, ao seu imperio!..

Amava-a com delirio!.. e cada dia
Esse fogo d'amor — sagrado, interno
Mais e mais dentro d'alma se accendia;

E o alento divinal d'um Deus eterno
Na vida, que em minha alma inoculava,
De seu poder mostrava o dom superno.

E da ventura o sol, que se eclipsava,
De novo refulgiu puro e radiante
No céu d'esta existencia, que murchava,

Mas foi brilho fugaz!.. d'um só instante
Que no sombrio occaso d'uma ausencia
Se esconde do meu sol a luz brilhante!..

E agora, que do peito exhalo a essencia
D'este saudoso amor 'num som funereo
Revellou-lhe tambem sua existencia,
Que em segredo viveu, que foi mysterio.

30 — 3 — 5 . . . A M. da Cunha Bellem.

SETE E NOVE.

Quem é que não sabe que o inferno da Divina Comedia tem nove circulos, e o purgatorio nove degráus, e o paraizo nove esferas?

O que se não sabe é, que este ponto de contacto entre regiões tão distantes, e tão distinctas, é além de sobremodo inverosimil, um... lapso esthetico no Byron da idade media. (*Paulo majora canemus.*)

Um lapso e um desperdicio. Dante, nasceu mais para nosso ministro da fazenda, do que

para viajar pelo outro mundo. Dois d'esses circulos, dois d'esses degráus, duas d'essas esferas, dispensavam-se como o convento de Mafra.

A questão parece-me que não é de geographia.

Sete são os peccados mortaes, e isto é forte: mas ponhamos de parte — salvo o logar — um argumento que só concluiria alguma cousa no inferno.

Se provarmos que nas quatro partes do mundo, é sete o numero de mais superstições, e que por consequencia, mais fala á imaginação das gentes, concluiremos — *a contrario sensu* — que não deviam nem ser nove os circulos do inferno, nem ser nove os degráus do purgatorio, nem ser nove as esferas do paraizo.

Ora, mas digam-me: houve ainda numero lunatico, embrunado magico, supersticioso, poetico, maravilhoso, como os sete?

Nunca! Provam-no os sete, e sete artigos da nossa fé.

Provam-no os sete milagres do mundo.

Provam-no os sete sellos do Apocalypse.

Provam-no os sete sabios da Grecia.

Prova-o, da torre de S. Julião á praça de Elvas, e do Minho ao Guadiana, essa cantiga:

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois;
Quem me dera uns olhos negros
Como são d'aquelles dois.

Prova-o essa outra, linda como a cabeça d'uma criança, simples como a vida dos campos, melancholica como as planicies do céu:

Sete-estrello vai em pino,
E o cajado vai virando;
As ovelhinhas de Deus,
A volta que vão levando.

Sete-estrello! Mas, eu não vejo sete-estrello nenhum.

— São seis: responde o telescopio.

— E a outra?

— Foi-se.

— E como?

— Ignora-se.

— Mas se se ignora, como se foi?... Lembra-me o Bergier e os encyclopedistas: os guardas estavam a dormir quando os discipulos foram tirar o Mestre? Como o sabeis então!...

Nada. A coisa não se explica senão pela mania do 7.

Et permanet in aeternum,

diz Salomão, e elle que o disse é, porque o sabe. O sete-estrello não foram nunca sete-estrello. Mas a verdade tem os encantos da mulher aos quinze annos: ama-se por si mesma; e não se mente por se mentir. O systema da *triplicação* estava reservado ao *decimono* da era do Senhor. Tres, são tres, e seis são seis, desde o principio do mundo. Porque foi pois que a fraca humanidade accrescentou um por sua conta e risco, em prejuizo das verdades eternas?

A coisa explica-se.

—O que é que restava aos que não tinham a luz da revellação?

—A luz do céu.

—A que os convidavam as necessidades da terra, e as maravilhas do *firmamento*?...

—Ao estudo dos astros.

Coeli enarrant gloriam Dei.

A razão e a historia fazem o homem, primeiro, astrónomo do que gastrónomo. A cartilha do nosso mestre Ignacio, e o methodo repentino (*Fiat lux!*) são mais modernos do que as taboas da astronomia indiana. Primeiro se estudou astronomia e mathematica, do que se apprendeu o A, B, C.

—Ora por onde havia de começar esta sciencia?

—Pelo que ficava mais á mão.

—E das peripecias da lua, qual é a mais facil de observar?

—O mez synodico.

—Que fez o homem?

—Notou que em vinte e nove dias a lua dava o seu gyro.

—Que mais?

—E que fazia quatro caras.

—Que mais?

—E vinte e nove carêtas.

—Depois?

—O gyro chamou-se *mez*.

—E a cara?

—*Semana*.

—E a careta?

—*Dia*.

—Bem. E depois?

—Dividiu o mez por quatro.

—E cada parte?

—De oito dias.

—De oito?

—Quatro vezes oito, trinta e dois: era demais.

—E então?

—Seis.

—Mas quatro veze seis, vinte e quatro: era de menos.

—Sete.

—E ficou sete?

—Sete.

Data d'aqui a popularidade dos sete—o methodo analytico—e o *in medio consistit virtus*.

Ora: a semana é antiquissima, e um numero extrahido do céu, naturalmente maravilhoso. O que era d'esperar pois?

O que realmente aconteceu. Não houve magia, não houve culto, não houve physiologia, não houve medicina, não houve psychologia, não houve astrologia, não houve nada, nada, nada absolutamente, aonde os sete não entrassem como por sua casa.

Começou a mudar-se de genio de sete em sete annos; a cuspir-se sete vezes em jejum; a passar-se pela onda sete vezes; a fazer crise a doença aos sete dias, aos quatorze e aos vinte e um, o que ainda hoje faz: e *post tot, tantisque labores*, accrescente-se a isto nada menos do que o diluvio universal!

Expliquemo-nos.

Depois d'uma catastrophe, que revirou regiões, climas e estações—que atirou com o oceano abaixo do seu leito—com a linha equinocial aos pólos—com os continentes ao mar e o mar aos continentes, e milhões e milhões d'almas ao inferno;—peço attenção: todo o perielio, toda a paraselene, toda a aurora boreal, todo o Iris, todo o trovão, todo o corisco, todo o phenomeno meteorologico, todo o episodio astronomico, havia de necessariamente appresentar ao olho desconfiado dos sobrevividos um aspecto, mais do que lugubre, horrifico e sobrenatural.

Imaginemo-nos no mais alto raminho do Himalaja: nós; sobre uma rocha; á direita um leopardo; á esquerda um tigre; um filho aos hombros; a esposa ao collo. E pelo meio da esposa, e do leopardo, e do tigre, e de tudo, enrolada, enroscada, encarcacolada, uma serpente enorme—de cascavel. Depois, ao norte, mar; ao sul, mar; ao nascente, mar; ao poente, mar. No horisonte, *rari nantes*, e aos pés, a meia vara, a uma quarta, e um palmo, crescendo sempre (N. B. aqui o systema metrico, e a decima milionesima parte d'um circulo maximo, corresponderia a bayonetas pretorianas), crescendo sempre, e a chegar-se sempre, e a aproximar-se sempre, e a roçar-se já quasi, o abysmo...

Horror!!!

Veja-se como os infelizes, que restaram de essa especie de bachanal dos elementos, transmittiriam á posteridade em mil agoiros, mil prognosticos, mil combinações cyclicas, mais ou menos phantasticas, mas horrorosas todas, o *symbolo* da mimica lunar; os sete; os indiffectíveis sete!

Isto posto, resta-nos voltar ao principio do mundo. Diz o Senhor:

Qui occiderit Cain septulum punietur.

Septulum? E por que é que o Senhor diz—*será punido sete vezes, sete vezes; e não diz—nove vezes, nove vezes?*

De tudo isto, concluo:

Em Dante, haviam duas pessoas distinctas, e uma só verdadeira.

Nove é o quadrado de tres; e tres, raiz quadrada de nove, o dogma fundamental da religião trinitaria.

Dante foi theologo; não foi poeta; e quem quizer conhecer um poeta; é mandal-o ao inferno, e vêr se o elle divide em 9 circulos.

Ha uma receita mais simples, dizem que é: pôr-lhe diante—7 e 9—

João de Deus.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 3.

XXII.

Rompimento.

Relatar o que alli houve, fóra reproduzir scenas, que, para aquelles, que por infelicidade sua têm sido authores d'outras eguaes, nada teriam de interessante nem de agradaveis; e os que não desempenharam ainda os seus papeis em taes lances, esses não os saberiam comprehender (1).

O que é certo é que Ricardo estava 'nesse momento dominado pelo principio do bem, e foi surdo ás lagrimas de Carlota, que eram como punhos!.. Esta emmalou, soluçando, a sua trouxinha, e saíu d'aquella casa,—onde por tanto tempo tinha gozado d'um dominio absoluto—com um nó na garganta e o cora-

(1) Apezar de termos a felicidade de não ser jámais protagonistas d'essas comedias fataes, tivemos occasião de estudar e copiar estas scenas d'après nature.

ção comprimido pela dôr, que era sincera!.. Só lá 'num cantinho do sobredito coração aninhava um sentimento de infinito odio para Carlos, que sorria ufano da impotente raiva d'aquelle verme, que elle tinha esmagado!..

Depois de arranjar a sua caixa, voltou ao quarto do seu amigo, e com a voz entrecortada de soluços, disse-lhe apenas:

—Adeus, Ricardo! queira Deus que a minha saída d'esta casa possa concorrer, tanto como eu desejo, para a sua felicidade; mas, ao menos, não seja ingrato para comigo, que lh'o não mereço!.....

Ricardo não sabia de si! estava de tal modo fascinado, galvanizado pelo seu amigo, que não soube o que responder á pobre rapariga, a quem elle todavia não podia odiar!.. Em outra qualquer occasião as lagrimas d'ella telohiam feito quebrar os mais inabalaveis protestos e perdoar-lhe... ou antes, pedir-lhe perdão!... mas Carlos... Carlos com as suas palavras de infernal dominação, estava pintado na sua mente! Um silencio, bestificado pela apathia de todas as feições, foi a resposta que deu ao adeus sincero de Carlota. Esta, vendo a immobilidade do seu amante, ainda aventurou mais quatro palavras:

—Eu desejava antes de saír fallar-lhe em particular, mas nem este senhor deixa, nem talvez mesmo o senhor quizesse! paciencia!.. Accredite, que lhe tinha muita amizade para me não custar esta separação assim tão repentina, sem lhe eu ter dado motivo algum!—E depois, pegando na mão de Ricardo, exclamou—Perdôc-me!.. queira perdoar-me alguns dissabores, que lhe dêsse em todo o tempo que estive comsigo!.. que eu, pela minha parte, não lhe desejo senão mil venturas!..

Aqui, a voz comprimiu-se-lhe na garganta, e as lagrimas soffocaram-a!.. Levou aos labios a mão de Ricardo... essa mão escaldava!.. beijou-a... e ella era immovel!.. Este estado de coisas não podia durar! Carlos, até ali mudo espectador d'esta scena, exclamou:

Vamos!.. acabem com isto!.. bem vêem que esta separação é util!.. é mesmo necessaria para ambos; Ricardo não a pôde ter na sua companhia, sem se comprometter muito; e a menina, se o estima, não deve querer o seu mal; por outro lado a menina pôde achar outro amante, que lhe faça mais interesses do que Ricardo, que absolutamente lh'os não pôde fazer!.. Olhem que é tarde, e esta menina tem que saír!..

—Obrigado pelo interesse que toma em mim—replicou Carlota com toda a concentração do seu odio—obrigada!!!—abraçou Ricardo, deu-lhe um bôjo na face... 'naquella face, que pouco antes tinha esmurrado, e safu, ou para melhor dizer, fugiu pela porta fóra, qual nova Agar, expulsa de casa d'um novo Abrahão, levando, em vez de bilha de agua e da medida de trigo, um par de botinhas de elasticos compradas na vespora!..

Se a bestificação se matrializasse, Ricardo seria a sua imagem! Carlos estava sensibilizado, e, se não tivesse presentes os desgostos e as lagrimas de Adelaide, talvez se tivesse condoído de Carlota; mas a sua alma estava muito cheia d'essas ingratas recordações para poder dar commiseração a uma mulher venal!..

Carlota soffria!.. e soffria muito!!!. Que sentimento porém era esse?.. Seria amor ou amisade? Seria esse despeito rancoroso, que segue uma afeição mal recompensada? Não sei!.. O que é certo é que Carlota, ao arranjar a sua trouxa, não tinha feito senão soluçar: quando agarrou nas suas botinhas novas, que ainda nem sequer tinha calçado, partiu-se-lhe o coração ao lembrar-se de quem lh'as dera, e do prazer com que tinham sido compradas... então quasi que chegava a ter odio ás pobres botinhas!!!. Depois, a despedida fóra sentimental! Carlota havia reassumido todas as suas forças no momento solemne de sair, para não dar victoria completa ao seu inimigo, regosijando-o com as suas lagrimas; porém, logo que chegou á loja, onde sua mãe estava preparando a cêa para os dois amigos, arremeçou-se para cima d'uma cadeira, a chorar que punha dó: de balde a boa da velha a tentou consolar!.. nada conseguiu! Carlota chorava a bom chorar!..

Ora, se eu tivesse os conhecimentos necessarios de organographia e organophysia do coração da mulher em geral, e de Carlota em especial, iria tentar descobrir qual era a fibra d'aquelle musculo, que se achava lesada; mas eu, que sou um completo ignorantão a tal respeito, de certo não poderei abí metter o meu bedelho: todavia o que sempre digo é que me revolta os nervos vêr certa gente considerar o moral d'estas pobres mulheres apenas como um barometro de dinheiro, cujo sentimento sobe ou desce em virtude da pressão, que a athmosphera pecunial do seu amante exerce sobre a columna liquida da sua sensibilidade e interesse. Que estas mulheres, em geral, têm o primeiro motor no dinheiro, de

accôrdo!.. mas que este sentimento lhe absorva todo e qualquer outro, sincero e desinteressado, é muito querer rebaixar o coração d'estas desventuradas. A prova temol-a em Carlota! Não era o interesse o que mais a prendia a Ricardo; ella mesma nos seus momentos de humor lh'o tinha lançado em rosto. Rapariga, e bonita, acharia logo muito melhores partidos; não era portanto o interesse que a podia fazer assim chorar a separação do seu amigo!.. Ella porém soffria, e o seu soffrimento não podia ser mentiroso; primeiro: porque, a sê-o, só o interesse a podia mover ao fingimento—e esse está provado que não era; segundo: porque, 'nessa occasião, toda a mulher desejaria poder affectar indifferença,... despreso mesmo para o homem, que cruelmente a abandonára sem motivo, ainda que não fôsse senão para fazer triumphar o seu amor proprio offendido; e por conseguinte não iria fingir um sentimento, que, na realidade, a não animava. D'isto se conclue, que Carlota sentia pena de se separar de Ricardo.

É que, mesmo no meio do materialismo, o mais abjecto, um vislumbre de amor vem co-roar a união do homem com a mulher! é que as relações reciprocas d'um viver, unidos por tres annos, gera uma faisca de amizade, que se não quebra assim impunemente, sem que o coração se resinta!..

Em quanto nós divagamos pela nossa excursão de philosophia hystiologica do sentir feminino, os nossos dois amigos cearam tristes e silenciosos, faziam os seus preparativos de noite, deitavam-se e dormiam... ou, para melhor dizer, dormia Carlos esse somno de viajante fatigado, quando encontra uma boa cama; em quanto que Ricardo velava em preza ás torturas d'um coração que soffre!..

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

EXPEDIENTE.

Fecha este numero o 1.º trimestre do 2.º volume da ESTREIA LITTERARIA. Agradecendo summamente aos Senhores Assignantes a protecção, que têm prestado ao nosso jornal, vamos, em razão da proximidade das ferias, interromper a sua publicação até outubro, em que reaparecerá novamente.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 7

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { B. Albuquerque e Amaral



Vol. II

Correspondencia de administração — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 — NOVEMBRO — I

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

ESTRÊA LITTERARIA

Foi-se o anno lectivo de 1858—1859, e com elle a segunda redacção, senão brilhante, porque eram noviços os redactores e pouco experimentados em escrever para o público, ao menos esmerada quanto houve em suas forças: a mais não eram elles obrigados, porque quem se estrêa, aprende e habilita-se, e não ensina nem impõe.

Falleceu-nos um redactor, quicá o mais illustre de todos, o mais imponente e acreditado na litteratura; mas o nosso jornal declina muito do recreativo para o instructivo, e os actuaes redactores promettem, que a maior parte de seus artigos serão extrahidos antes para o util, que agradável.

Com o termo da redacção do sr. Bellem vimos quasi feneceer a ESTRÊA LITTERARIA, que elle depois tanto coadjuvou, com o trabalho e o exemplo; vimol-a mesmo de todo morta ao lado do prelo, quando o sr. Sancta Clara, condoído d'um instituto, que o desleixo academico abandonava em sua infancia, nos propoz animal-o, dando-lhe vida e circulação: assim o fizemos, mas minguadas forças não levantaram a prumo o gigante, a despeito de esforços continuados um anno lectivo: esteve ella enferma o anno todo.

Agora um ultimo esforço para a deixarmos em legado, que outro melhor não o excoGITámos em Coimbra; agora de novo nos

erigimos em seus protectores, e confiámos, auxiliados pela nobre e essencial progressiva academia, que a ESTRÊA LITTERARIA será um dia jornal lido nos ensaios da mocidade, cuja nobre tarefa é preparar o porvir da sociedade.

Assim nos esperanças. OS RR.

O COMMERCIO E SUA LEGISLAÇÃO

O commercio tem sido e ha de ser um fiel companheiro da sociedade em todas as suas epochas de grandeza e decadencia, quer phisica, quer moral, quer politica. Aonde presidir o espirito de justiça na organização social, e a liberdade em todas as suas direcções fór garantida, e a moralidade acatada; ahí encontraremos o commercio no estado florescente. Pelo contrário, aonde o instincto de centralização chamar a si todas as forças individuaes, e se considerar como arbitro supremo, perante o qual os direitos mais sagrados se devem curvar; aonde, finalmente, a liberdade é trocada pela escravidão, o commercio desaparece, como não querendo sobreviver á morte dos elementos, d'onde lhe provinha todo o seu esplendor.

Esta simples observação nos bastava para avaliarmos a excellencia do commercio, attendendo á estreita alliança, que o prende á civilização.

Da sua parte o commercio compensa com usura o valimento, que se lhe presta, reflectindo e augmentando o vigor ao poder que o sustenta.

Na verdade, quem resolverá o grandioso problema de construir em interesses oppostos e particulares o interesse geral, fazendo obrar a sociedade com um único e uniforme destino?

Que principio mais poderoso, umas vezes como causa, outras, como pretexto, tem contribuido para a construcção dos tres pontos d'apoio, sóbre que se estribaram as sociedades de outr'ora, e as de hoje principalmente: a liberdade, egualdade e fraternidade? Ao commercio compete esta gloria.

A sociedade subsiste unida pelos laços de amizade, sympathia, gratidão, e, em geral, pelos vinculos formados por os deveres humanitarios.

Porém, serão sómente estes os generosos sentimentos que têm concorrido, ou podem concorrer para a união dos individuos, das nações e da humanidade? Por certo que não. Se recorreremos á historia, veremos, que um dos meios de que se serviram os povos mais civilizados, para estender o horizonte dos conhecimentos e da religião, aos que jaziam no estado selvagem, foi entabulando com elles relações commerciaes; foi o incentivo da riqueza que os levou a contrahirem relações com os estrangeiros, que appellidavam barbaros.

Mesmo nos tempos de hoje, as sociedades não se mantêm somente com aquellas expansões d'alma; a sua applicação é circumscripta a mui limitada esphera; seria mesmo fazer mau uso, segundo diz Thiers, d'estes nobres motores o exigir d'elles o impulso a todos os actos sociaes.

Em vista d'isto, quem negará a preferencia da industria commercial á industria agricola e fabril?

Entendemos portanto, que o commercio merece peculiar protecção das nossas leis. Mas infelizmente é a industria, que, pela sua propria natureza, se torna mais difficil de dirigir, e a que mais alterações tem soffrido pelas contínuas mudanças, que o estado social tem supportado.

A área do commercio não se circumscreve ao pequeno recinto d'uma nação, é por sua natureza cosmopolita; a diversidade de climas não lhe altera a natureza, antes lhe augmenta a robustez. Mas, para este sublime resultado, é absolutamente indispensavel a concordia e harmonia entre os diversos povos, que apesar de todas as tendencias e esforços, que, desde os primeiros tempos, se tem lançado mão, ainda não veio a estação propria para tão rica co-

lheita: o tempo é o tribunal para que appellamos.

Não é de estranhar, portanto, o atrazo em que a sociedade se acha, em relação ás leis, que têm de governar uma tão productiva industria.

Mas que se não attenda á reforma, que as leis particulares d'um dado paiz reclamam, é na verdade ter em pouca monta tão caros interesses. O nosso paiz não está exempto d'esta consideravel falta. Porventura temos nós Código de Commercio? Merecerá o nome de Código um montão confuso de disposições, ou antes de enigmas indecifráveis? Entendemos que não.

Exanimem-se com circumspecção todos os artigos do nosso appellidado Código do Commercio, e notar-se-hão em quasi todos elles difficuldades insuperaveis.

Um Código requer ordem; se esta em tudo é necessaria, aqui mais, que em parte alguma. Os seus artigos devem ser de tal fórma dispostos e redigidos, que nos possam guiar ao centro, d'onde dimana a sua luz; só assim o espirito do legislador, que é a alma e vida das suas leis, se poderá attingir; só assim se poderão remover os embaraços que quasi sempre acompanham a interpretação das leis. Só assim, finalmente, se suppreem os casos omissos, que hão de acompanhar sempre todos os Codigos, como fructo das mãos dos homens.

Em vez da ordem, que no nosso Código do commercio se devia encontrar, achamol-a convertida em total desordem. As suas disposições em vez de se unirem pelos pontos de similitude ou conformidade, em quanto ao seu objecto, para que assim comprehendessemos a ideia fundamental que a elles assistiu; ao contrário, apparecem dispersos, distribuidos como á sorte em diferentes livros, titulos e secções. E sendo um principio de hermeneutica, que devemos combinar a epigraphe do titulo ou secção com os artigos, que lhe são subordinados, achamo-nos em uma collisão, de que é custoso, senão impossivel em muitos casos, o decidirmo-nos.

Porém, não é só a desharmonia d'uns artigos para com outros, que torna sobremaneira defeituoso o nosso Código, mas é tambem a falta de congruencia no mesmo artigo; sendo por isso impossivel aos mais versados no direito commercial o conhecerem o que o legislador estabeleceu.

A todos estes defeitos excede um outro, isto é, as contínuas contradicções que apparecem,

quanto mais se pretende descortinar o sentido da lei.

Podemos portanto dizer que temos um Código do Commercio?

Esta lacuna tem sido até certo ponto supprida pelo nosso eximio mestre, o sr. Diogo Forjaz; que, nos seus commentarios aos pontos mais intrincados do nosso Código, tractou de colligir por sua ordem todos os artigos, que estavam confusamente dispersas, e de combinar, quanto foi possível, as encontradas ideias, que cada um d'elles parecia exprimir. Contudo, ainda que este trabalho favorece muito o estudo da nossa complicada legislação commercial, falta-lhe a authenticidade, que só pôde provir do legislador.

Parece-nos que em breve nos podemos congratular pela proxima reforma d'este importante ramo de direito. O sr. Ministro da Justiça, que tem dado um tão grande impulso á nossa jurisprudencia, não olvidou o quanto necessario era o levantar do chaos o nosso direito commercial: nomeou uma commissão com o fim de emitir o seu voto em tão espinhoso assumpto.

Creemos, portanto, 'nesta proxima reforma, assim como na dos outros ramos de jurisprudencia, porque todos são filhos do mesmo principio, tendem ao mesmo fim, e prendem com laços tão intimos, que o legislador não pôde dissolver-os.

B. d'Albuquerque e Amaral.

APOLOGIA DO HOMEM

INTRODUÇÃO

De todos os seres existentes o mais nobre é o homem: synthese do universo e corôa da criação, o seu destino, senão se identifica, perde-se no infinito.

A racionalidade, intelligencia e liberdade elevam este ser ao nível do elo d'essa cadeia ideal, que prende o infinito ao finito, o Creador ás creaturas, Deus ao mundo.

Graduada como é a criação, o homem é a toda ella superior, porque a domina com a razão, subjuga-a pela intelligencia, e apropria-a, em conformidade com a sua natureza, pela liberdade.

Concentrado sobre si mesmo, o reflexo luminoso da sua intelligencia progride incessantemente; devassa o universo, abrange-o num pro-

ducto immenso comprehensivo; projecta a luz nos reconditos d'um organismo o mais intrincado, e d'um só esforço, com a philosophia na mão, depara no centro da vida social, seguro da sua sorte e do porvir da humanidade.

Livre, percorre os espaços immensos da natureza; supera as difficuldades da vida; neutralisa os effeitos energicos d'algunha lei natural, que actue na esphera de seu estado li-songeiro; converte em utilidade propria o destino cego da natureza, como se lhe fôra concedido brincar com a necessidade basica do organismo primordial.

Ente racional, unico assim conhecido depois de Deus, não se satisfaz com nuas impressões dos variados objectos, que o cercam; mas evolue-as; ordena-as por um machinismo especial; conclue-as por um processo metaphysico, e, fixando bem elaborado o producto de todas estas operações, estabelece pontos determinados e certos, que esparge aqui e alli no caminho da vida, como para serem outras tantas balizas de direcção physica, moral e social.

Ponto de transição do Creador para as creaturas, resumo de todos os elementos creados, reflexo da potencia sem fim e imagem do increado, rei da natureza e soberano absoluto, mas harmonico de toda ella, o homem é amavel ao homem; sensivel á sociedade; decoroso ao mundo; digno aos olhos de Deus, e magestoso, grande e soberano no tribunal infallivel da sua consciencia, quando illustrado.

A consciencia!... é a voz da verdade; Deus, falando de dentro do coração do homem, é a luz da vida, o panal das nossas acções e o principio da dignidade moral: é a consciencia o vinculo social, que praza Deus á mais perfeita de suas creaturas, communicando-lhe, em certo modo e livre de pantheismo, a sombra benéfica de sua essencia absoluta. E o homem é o mesmo em toda a parte; grego ou romano, civilisado ou selvagem é ente racional, intelligente e livre.

A primeira propriedade, que o homem manifestou depois de creado, foi a sociabilidade.

As faculdades intellectuaes vão sómente até ao infinito, sem n'elle entrarem, porque ah tudo se confunde, e a intelligencia, sumindo-se e perdendo-se em imagens vagas, vê-se circumscripta á esphera da admiração, e reconhece, ao primeiro golpe de seu insulso emprehendedor, a limitação última de seu nobre

destino. Não affirmo que seja absolutamente impenetravel a Divindade; que ella seja um simples mysterio ante a razão e a alma humana, não; mas convengo-me sem grande difficuldade, que o homem, além de relações fugitivas e mal determinadas em seu termo inceptivo, poucas verdadeiras entidades de razão forma; poucas pôde colher 'nesse immenso espaço, apenas transposto pelos raios da fé, e consolidado na consciencia pelo aspecto geral do universo, que o maravilha. Limitada e fraca é a vista da creatura para ferir, descortinar e graduar o esplendor do Eterno: vê-o ella em tudo que a cêrca; mas esta impressão insinua-se-lhe successiva e placidamente na alma.

Se o homem podesse ser ligado á luz da intelligencia e do raciocinio aos attributos da eternidade; se, em logar da *imagem* da sagrada escriptura, o proprio objecto cahisse no dominio da syllogistica, a anthropologia conteria um só principio, e este uma só regra — *imitae — porque sois a imagem.*

Mas tudo que a observação e experiencia suggere, indica que a intelligencia humana preenche principalmente o seu destino na contemplação d'objectos da vida antes do tumulo, ficando a outra para ser apreciada por outras faculdades. Às portas da eternidade perde o homem o seu nome, e com elle a sua fragilidade; ahí decide-se o seu *porque* d'existir; e para continuar a existir, se é que a eternidade é existencia, a intelligencia e todas as suas outras faculdades de valor relativo, transformam-se em, em uma entidade constituida por certos elementos de felicidade, que a intelligencia do homem social não pôde comprehender, nem affirmar o seu quilate com justeza e evidencia.

Assim a intelligencia é uma faculdade plena e energica; mas só 'neste valle de lagrimas, como se explicam as lettras sagradas: lá em cima manda outro soberano; é outra a lei; executa-se d'outro modo o poder. Depois do tumulo reina o infallivel; e, se ha estímulo, move-o o fado.

A sociabilidade não é faculdade intellectual, não é tambem affectiva: ella não tem poder comprehensivo, nem encerra elemento livre; é ao contrário um estímulo de força inevitavel; opéra constantemente, e produz a sociedade geral, universal e a particular. Tem este poder o effeito das faculdades, mas não encerra o elemento *liberdade*. Todo o homem é social por necessidade absoluta.

Producto da sociabilidade é a sociedade; é aquella o fundamento sem o qual esta não poderia existir, e, muito menos, conservar-se.

A vida social é o vasto quadro, onde se divisa e manifesta a natureza humana tal qual existe; é a origem de dados experimentaes, que confirmam certos principios, innatos ao homem, e de que por isso mesmo não pôde duvidar. Da amplidão do espaço, que as relações de homem para homem enchem completamente na natureza d'essas mesmas relações, no fim a que se visam, no caracter harmonico com que se apresentam, e nos sempre mesmos effeitos que surtem, surge a cada momento a ideia do bem, inseparavel de todos as operações prudentes e de todos os esforços naturaes e razoaveis. Faz mais: domina ella a ideia do bem, o mundo moral, e é o padrão, pelo qual os homens sudos e respeitaveis pela sciencia e costumes afferem as acções, que julgam convenientes ou anormaes, segundo se conformam ou não com a bondade, ou com o destino racional da humanidade.

Porque fóra da sociedade não ha vida, e sem esta o bem é inatingivel, é evidente que a ideia do bem é necessariamente successiva da ideia de sociedade, e por consequencia que bem extra-social não existe.

Bem, é o complemento do destino humano, *último: proximo*, é o complemento dos fins parciaes, que constituem o destino humano.

Sendo a ideia do bem necessariamente successiva da de sociedade, segue-se que sendo o homem naturalmente social, é elle necessariamente inclinado ao bem.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.^{mo} SR.

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

(Continuado do n.º 6)

O systema philosophico, que o illustre auctor do Projecto adoptou para base das multiplicas disposições, que 'neste se encerram, prelevam a quantos systemas até hoje têm apparecido.

Que alicerce mais solido e duravel que o constituído pela philosophia do direito?

Que melhor garantia pôde offerecer o legislador?

Que meio de filiar d'um unico principio as variadas ramificações do direito, senão d'esta sorte?

Os legisladores, que nos têm governado, esqueceram, ou não souberam fazer uso d'esta verdade; curavam sómente de ordenar o que os seus caprichos, os seus fins proprios, e as differentes circumstancias lhes dictaram; não se elevaram áquella altura, d'onde desassombradamente podessem interrogar a sã razão juridica. Consideraram os povos, a cujos destinos presidiam, como meros objectos, de que arbitrariamente podiam dispôr. Olvidaram que acima do legislador está a lei natural, que lhes não é permittido alterar.

Hoje, porém, que a liberdade (um dos preciosos fructos da nossa epocha) vae raiando nas ultimas camadas sociaes; o legislador para se conservar e ser obedecido precisa sellar os seus actos com o cunho da justiça.

O illustre auctor do Projecto, seguindo, quanto é compativel com o progresso actual, os principios enunciados e demonstrados pela philosophia, mostrou practicamente que a lei é expressão social do direito. Alguem considera este modo de proceder como defeito; mas nós consideramol-o como virtude.

Nas collecções de leis, que a este Projecto têm precedido, adopta-se o systema de distribuição em pessoas, cousas e actos juridicos — em harmonia com os tres elementos constitutivos do direito. Um systema de legislação não se pôde basear 'nestes tres elementos; o que se pretende obter não é conhecimento do resultado final do direito, mas sim uma logica distribuição dos principios originaes do direito. Porventura podemos conhecer os direitos em relação ás pessoas ou cousas, sem que tenhamos ideia dos actos que deram origem a esse direito?

Estes inconvenientes são de sufficiente ponderação para merecerem o cuidado do legislador.

O nosso Projecto suppre este defeito, que é de grandes consequencias para o conhecimento das leis.

Os quatro pontos de triangulação, do que se serviu para o levantamento de carta juridica, foram:

- 1.º A natureza do ente juridico — *capacidade*;
- 2.º Seus meios de vida — *acquisição*;
- 3.º Fruição d'esses meios — *propriedade*;
- 4.º Conservação — *violação, defeza dos direitos*.

A lacuna está remediada.

Antes de legislar sobre o direito que ás pessoas pertence, deve-se determinar em que condições o homem pôde ter a faculdade geral de ter direitos; isto é, a sua *capacidade*. Depois, antes de se tractar dos direitos realisaveis, pede a ordem geneologica das ideias, que se examinem a origem de seus direitos, isto é, os meios pelos queres se podem alcançar direitos, o que constitue a *acquisição*. Em seguida é que tem devido cabimento a realisação do direito, o que faz objecto da *propriedade*. E por ultimo, as leis que dizem respeito á conservação d'estes direitos realisados, o que pertence á *violação e defeza dos direitos*.

A bondade d'este systema, consiste (como diz o illustre Auctor), em que para ser entendido basta pronuncial-o, e para enuncial-o bastam quatro palavras.

(Continuado) B. d'Albuquerque e Amaral.

ADEUS A CASSURRÃES!!

As gentis filhas do Ex.^{mo} Sr. Lucas d'Almeida
Beltrão Seabra

Qual nasce entre espinhos altiva uma rosa,
Qual brota a violeta entre a grama vilã,
Qual vae entre seixos a lymphá ruidosa,
Qual surge das trevas risonha a manhã;

Assim eu te hei visto, formosa encantada,
Sorrindo feitiços—ó terra gentil,
Oasis ameno da vida alquebrada,
Que encerras venturãs, encantos aos mil:

Assim eu te hei visto, dizendo prazeres
Nas ricas estancias da tua soidão,
Aquem te procura mil gósos trazeres,
Ó patria d'archanjos de mago condão.

E eu parto!... e eu deixo, gentis innocentes,
As vossas caricias d'infindo prazer,
Que vinham, em risos dos labios pendentes,
Singela ventura a minh'alma off'recer!...

Adeus! vou deixar-vos! Ordena o fado!
Mimosas florinhas, adeus! vou partir!
Não mais hei de ver 'neste asylo encantado
As fadas, os anjos—brincando—sorrir!...

Adeus para sempre!... Cumpriu-se o destino!
Eu parto e a saudade no peito me vae!
Minh'alma se expande nas notas de um hymno,
No hymno saudoso que d'alma me sae.

Adeus, meigos anjos, que amei c'o delirio
Que póde em minh'alma a innocencia inspirar,
Gentis como as rosas, mais puras que o lyrio,
Mais bellas que os astros nos ceus a brilhar!...

Mimosas florinhas no viço da infancia,
Rizonhas singelas ainda em botão,
Jasmins pudibundos de suave fragancia,
Adeus!... vou deixar-vos na vossa soidão!...

Que praza ao futuro, que a dicta presente,
Qual hoje é serena, não turve o soffrer,
Que em doce balouço de vaga indolente
A sorte vos leve na vida a viver!

Adeus!... E premittam rigores do fado
Que eu torne a rever-vos, florinhas gentis!
E então, se o meu nome por vós fór lembrado,
Se um riso me deres, serei bem feliz!...

Mas hoje a partida se cêrca de agruras
Ao ter este asylo d'encantos deixar,
Que aqui escondidas só moram venturas
Que a mente não póde jámais olvidar.

Adeus! lindas selvas d'eterna verdura
Altivas montanhas, que roçam nos ceus,
Campinas e bosques de verde espessura,
Vos deixo a saudade que encerra este adeus!

Adeus! ó recinto de eterna magia,
Que fadas e anjos guardado aquí tens!
Minh'alma te deixa leal sympathia,
E eu parto p'ra sempre! oh! adeus! Cassurrães.
19 de Outubro A. M. da Cunha Bellem.

AMOR E DÚVIDA

A Julia

Serena passa a noite, minha Julia:
Mansa a brisa susurra pelos ramos,
Quasi despídos já da verde coma,
De que os ornou viçosa primavera.
Da cupula dos ceus no azul profundo
Milhões d'estrellas radiantes fulgem
Com luz, que mais augmenta a falta d'essa
Do sol pallida irmã, saudosa lua.

Nem uma nuvem só á vista encobre
Os celestes diamantes — magas letras,
Com que Deus escreveu no espaço infundo
A sua incontestavel devindade.
Repousa o mar; tranquilla a sua face
Quer imitar a abobada sublime,
Reflectindo as estrellas, que a cravejam.
Levemente arqueadas vêm as vagas,
Com indolente arfar nas orlas humidas
Da praia espreguiçar-se; e em seus folguedos
Os brancos seixos murmurando beijam
Seu brando marulhar queixas sentidas
E requebros d'amor semelha, imita.
Dir-se-hia ser a voz receiosa, meiga,
De dois amantes a fallar baixinho
De seus affectos, da ventura sua.
Respira paz a natureza inteira,
Tudo falla d'amor ás almas ternas,
Tudo os sensiveis corações commove.

Julia, ninguem nos vê... — esses, que passam,
Occupados estão, mulheres, homens,
Com suas ambições, com seus amores;
Deixa-os, meu anjo, revolver projectos,
Dependentes do acaso, que o bafejo
Da desgraça amanhã porá por terra...
Deixa-os! De nosso amor gosemos, Julia!
Une os teus a meus labios sequiosos,
Mata a sêde de beijos, que os devora...
Une-os bem... une-os mais... assim, querida!
Em osculos sentidos confundâmos
Nossas almas, meu anjo, a vida nossa.
Põe tua linda mão sôbre o meu peito...
Não sentes, diz, meu coração bater-me
Desegual, apressado, ardente e fortê?
É que este immenso amor, que te consagro,
Lhe activa as pulsações, lh'as precipita...
Um beijo mais! um outro beijo, oh bella!
Deixa-me respirar teu puro alento,
Que nas veias me cõa intenso fogo!
Olha p'ra mim, oh Julia — nos meus olhos
Crava teus lindos olhos d'esmeralda...
Deixa-me ler em seu cambiante verde,
Deixa-me ler no veu, que agora os cobre,
Mysterios d'esse amor, que me juraste.
Os olhos nunca mentem; jámais guardam
Segredos da paixão, que o peito encerra,
Que muitas vezes não revella a boca.
Olha mais, Julia... assim! Cinge-me o collo
Com teus formosos braços... Tua fronte
Recosta-a em meu peito... bem! — parecês
Meiga virgem contando arcanos d'alma
À mãe, co'a face occulta em seu regaço.

Julia, meu anjo, com que ardor eu te amo!

Que inefavel poder, que teus olhares
 Possuem sôbre mim! Minha alma inteira
 Pensamentos, vontade, intelligencia,
 Tudo, tudo te dei! Ficou-me em troca
 Este infinito amor, que por ti sinto!
 E tu amas-me, Julia? Oh, diz-m'o! diz-m'o!
 Repete-me essas magicas palavras,
 Que ás vezes pronuncias— que me fazem
 Enloquecer d'amor, morrer de gosto.
 Diz que me tens amor... diz-m'o, meu anjo!
 Em breve vou partir... Sacia esta alma
 D'esperança e ventura! Quero ouvir-te
 Murmurar muito baixo, entre dois beijos,
 =Amo-te! = e quero que gravada fique
 Essa phrase tão doce no meu peito.
 Vou deixar-te, querida! 'Nesta ausencia,
 Que vae principiar em poucos dias,
 Muitas vezes a negra, a cruel dúvida
 Virá pungir-me o seio... e então, oh Julia,
 Tuas promessas recordar preciso,
 Para que á dor minh'alma não succumba...

Al... 27 de Setembro de 1859

Eugenio de Barros.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 6)

XXIII

Explicações

As pessoas estranhas aos usos academicos accitarão sem réplica os acontecimentos relacionados no capitulo antecedente; porém aquelles que tiverem vivido a vida de estudante ou que de perto a conhecerem... esses já eu prevejo que me saltam á mão a bradar-me que sou um chapado impostor, que lhes dou gato por lebre, tendo-lhes promettido scenas contemporaneas da vida academica, e saindo-me com um romance ou quasi-romance, creado nos aloques da minha imaginação!...

«Pois onde é que se viu um caloiro chegar a Coimbra e dar logo ordem ao seu veterano?...» me bradarão todos!

«Nos nossos tempos o caloiro chegava, sentava á mesa, limpava as botas, e ia com um freio e um selim beber agua á fonte!...» exclamarão os bachareis formados antes da dillosa Thomarada, epocha em que se proclamou

a liberdade do caloiro, que ao depois a mala posta desinvolveu!...

«Mentis pela gorja, senhor chronista d'agua morna!» vociferarão os que tiverem cursado a universidade 'nestes ultimos annos. «Nós fizemos pacto de união com os caloiros, mas, dando-lhes carta de alforria, não nos proclamamos seus escravos!... se os fizemos eguaes a nós, não os considerámos nossos superiores!...»

É preciso dar explicações a esta gente, que não deixa o pobre escriptor pôr pé em ramo verde, e que, se acaso esse discrepa uma linha da monotona sensaboria da naturalidade e costumada rotina, saltam-lhe logo á perna, como os malsins em lhe cheirando a contrabando!...

'Neste mister de chronista não ha privilegios de invenção, cá 'nestes nossos felizes tempos!... Ah! bom Fernão Mendes Pinto, que embatucou contemporaneos e vindouros, com as mais peregrinas carambolas, que alindaram nas suas peregrinações!... É que 'nesse tempo tudo se engoliu!... mas agora não é assim!... Cada espirito profundamente pensador tem uma mesa de um café, um charuto, e o folhetim de um jornal, para fazer, com o auxilio do bem afiado scalpelo da sua intelligencia, uma dissecação crítica, dando exercicio á sua bolsa de necropsias judiciosas dos escriptos alheios!... E assim em lhe caindo nas unhas um pobre escripto como este meu, cil-o logo, que de ferro em punho, disposto a fazer a anatomia a mais minuciosa, accende immediatamente o charuto, especie de tubo de vapor da sua vaporosa intellectualidade; lançando depois pela boeca, de envolta com os tenebrosos rolos de fumo da *nicotiana tabacum* os mais tenebrosos juizos sôbre o escriptor, o escripto, o papel, o typo, a tinta!..... em fim nada fica por julgar 'naquelle sancto-officio da cachimonia, onde, em carceres privados e incommunicavel, geme de ha muito entre torturas o infeliz senso commum!...

Mas a que viria aqui esta digressão? Parece que, como as sereias, pretendo illudir com o meu canto aos meus amaveis leitores, e ir assim sacudindo das costas a tremenda accusação que me pésa!

Não, senhores! Eu lá vou!... É que todo o discurso tem exordio, e eu queria-os predispor para escutarem attentos até ao fim esta parte oratoria, onde prometto demonstrar-vos até á evidencia a veracidade inalteravel dos factos, que acabei de vos narrar, e que por sairem

um pouco fóra dos eixos do commum vos iam desafiando a atrabilis...

Pósto estes principios, convidar-vos-hei a supordes, que o vosso conhecido Carlos tinha mais dois annos que o seu amigo Ricardo; e até aqui não ha nada de inverosimil, porque era para isso bastante que este houvesse nascido dois annos depois! Convidar-vos-hei ainda a admittirdes, que o tal Carlos tinha a intelligencia mais desinvolvida do que o seu companheiro de infancia, de modo que já em seus brinquedos era elle sempre quem dava os planos, reservando para si o principal papel: assim, se Ricardo com a sua barretina de cartão era soldado, Carlos de chapéu de dois bicos era o general!... se este era bispo e dizia missa, aquelle servia de reverente acolyto; se parodiava um collegio era Carlos sempre o mestre-escola; e finalmente, se ambos a cavallo nas bengalas dos papás fingiam ir a passeio, Ricardo era sempre o criado de libré.

Esta distincão... este dominio da intelligencia sóbre a materia (porque Ricardo tinha mais força physica) presistiu ainda no collegio, onde Ricardo alcançou em breve ser decurião, e por consequencia tinha o direito de dar palmatoadas no seu visinho, direito de que, em abono de verdade seja dito, elle nunca abusou!...

Mas dir-me-hão agora os leitores, hybridos caturras em materia de explicação, sanguessugas implacaveis na seringaço ao pobre escriptor: «Todas essas superioridades do tempo de infancia caíam por terra em face de um grau de bacharel, que ousaria afrontar o dominio intellectual de trinta caloiros, embora cada um tivesse um talento de Alexandre Herculano e o bacharel fôsse tapado como muitos que nós conhecemos!...»

E do numero dos quaes talvez sejas tu, amavel lei...! porquanto eu não sei até que mãos irá parar esta minha pobre chronica, e hoje em dia ha bachareis em todas as classes, em todas as condições, de todas as capacidades, e volumes, de infinitas côres, de immensas e variadas fórmãs e feitios... finalmente o mundo é quasi hoje todo um bacharel!

Mas vamos ao que importa!... Continuarei ainda com a serie indefinida dos meus postulados!... Tendo ficado no segundo passarei ao terceiro, se não receiam massar a paciencia dos meus leitores.

Assim pois ficarei hoje por aqui prometendo que no numero seguinte

(Continuar-se-ha) A. M. da Cunha Bellem.

CHARADAS

Por mim começa a sciencia,
Tenho este nome na Grecia; }
Existo nos mais paizes; } 2
Mas soffrendo peripecia.

Eu da antiga Lusitania }
Tive o grande poderio: }
Dei nome a uma provincia, } 2
De meu pae o tem um rio.

Não sou vivente;
Mas sei fallar,
Se mão perita
Me endereçar.

Eu sou herva, que appareço }
Lá sóbre as bordas do mar. }
Em logar de minha mana } 2
Meu pae me foi entregar.

Sou cirurgico instrumento
Para allivio d'um tormento.

M. J. P.

AGRADECIMENTO

Recebemos AS OBSERVAÇÕES AO PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ pelos illustres professores d'esta Universidade, os sr.º Ferrer e Paes.

Aqui agradecemos a nossos illustres professores tão preciosa offerta.

Reuniram-se os dois elementos indispensaveis para a confecção d'um Codigo: o resultado ha de ser honroso para seus auctores, de gloria para a Universidade, e sobremaneira vantajoso para a nação portugueza.

OS RR.

EXPEDIENTE

Rogámos áquelles Senhores, que suppomos assignarão o nosso jornal, no caso de o não quererem acceitar, tenham a bondade de o recambiar á redacção.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 8



Vol. II

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro
 } B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotoello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1859 — NOVEMBRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 } Com estampilha 270 .

A CONSCIENCIA

A consciencia sou eu mesmo, em quanto exercito um acto de consciencia; e sem mim, sem esse acto de consciencia, ella não está em ninguem, não é nada.

Eu estou na minha consciencia, e a consciencia no seu acto, como o acto está na consciencia, e a consciencia no sujeito d'ella; e esta trindade fundamental constitue o eu.

D. J. DE MAGALHÃES.

(Factos do espirito humano.)

O homem, tendo de subjugar pela intelligencia a materia, desde que existe é impressionado, impressões estas, que por um trabalho psychologico e physiologico, converte em percepções, que, sendo successivamente transformadas, reduz a ideias absolutas, unico *desideratum* que póde cabalmente saciar a intelligencia humana. É, d'est'arte, que o espirito procede, para se prender ao infinito, ligando-o com o finito; proceder este tão philosophico, mas, que por mal comprehendido, tanto mal tem produzido á sociedade, fazendo cáhir esta, umas vezes no pantheismo material, outras no pantheismo sobrenatural.

Assim se prende o espirito humano; assim se ligam suas ideias, e se marcha do conhecido para o desconhecido. Neste processo investigador da verdade a consciencia representa o principal papel.

Que importa conhecer as verdades contingentes e absolutas, se o homem não se conhecendo, e distinguindo d'estes objectos de suas cogitações, era ao mesmo tempo, se assim podemos exprimir-nos, a verdade contingente e absoluta, isto é, não era cousa alguma por si, apenas um fiel espelho de seres externos?

A verdade é para o homem a adquirir, e não vice-versa. E como saber a verdade, se se desconhecia a primeira e principal das verdades, que é saber que existe, e que é um sêr distincto do que se conhece?

É a consciencia que dá ao homem um testemunho irrefragavel da sua existencia, e da sua dignidade; é ella, que o separa e eleva acima de todos os outros sêres da criação, em que o homem exerce pleno dominio; é ella, finalmente, um baluarte inquistavel, pelos sophismas do scepticismo e do pantheismo.

A dignidade do homem não provém da sua intelligencia e liberdade, mas antes da consciencia d'estas duas faculdades constitutivas de toda a natureza humana. A unica differença do animal ou d'uma máchina consistiria sómente, não tendo o homem consciencia, em o animal ou máchina obrarem em virtude d'um poder e luz, que de si mesmo provinham, segundo as leis necessarias, impostas pela natureza.

Aos olhos do homem, esta não seria cousa alguma, porque se não conhecia, não saberia o logar que occupava.

A consciencia é o marco de divisão entre o racional e o irracional.

Não pára aqui a esphera da consciencia; o seu dominio estende-se tambem aos actos moraes do homem. Não podia deixar de ser, consistindo a consciencia nas nossas faculdades, em quanto se examinam e os seus productos.

A razão apresenta o bem; e a vontade, livre por si mesma, e mais livre pela luz da razão, póde seguir ou rejeitar os dictames d'esta. A razão, porém, não póde ser indifferente a um proceder iniquo da parte da vontade, nem ao justo cumprimento das suas determinações; d'aqui provém os remorsos, que constituem o modelo das penalidades, e o socego d'espírito, que excede a todas as recompensas e premios; a sociedade póde conceber—que ideia e sentimento sublime não desperta um tribunal em que o auctor, o réu, as testemunhas, o juiz e o jury, é o mesmo individuo; aonde a coacção, o suborno e o erro cessou para dar lugar á verdade, e só á verdade; onde finalmente, pondo-se de parte as distincções humanas, a justiça é a unica divindade, a quem se presta um solenne culto!! Cessa a justiça humana para dar lugar á justiça divina.

B. d'Albuquerque e Amaral.

APOLOGIA DO HOMEM

II

D'aqui provém, que a theoria da sociabilidade é um argumento importante para os que descreem, aliás infundadamente, da originalidade natural, e organica da sociedade.

Vários systemas foram inventados para explicarem a origem da sociedade; porém, elles pela sua absurdidade ou illegitima deducção, mal podem contentar os espiritos, que se não satisfazem com theorias infundadas.

Alguns philosophos recorreram a certo estado primitivo, em que supposeram o homem antes de entrar no conhecimento e applicação das relações sociaes, para indicar o modo como passou a este estado, que têm concebido, segundo os dados da sua imaginação exalterada, talvez pela difficuldade de devassar as trevas da mais remota antiguidade. Mas em resultado

de arduos e penosos trabalhos, não encontraram mais que hypotheses infundadas e absurdas em parte.

Em verdade, os fructos d'uma tal investigação não podiam ser outros, porque sendo totalmente privados de leis historicas os tempos da mais affastada antiguidade, era mister adivinhar o preterito para obter bom exito aos designios.

Os mais celebres philosophos que tentaram fazer um homem a seu bel-prazer, foram—Thomas Hobbes, Rousseau, e Bentham, que o olharam um sêr isolado, o que equival a despill-o do elemento *sociabilidade*, que o attribua essencialmente.

As theorias d'estes escriptores, aliás ennobrecidos pelo talento e fama, limitam-se a considerar a sociedade um accidente natural-voluntario, que por isso mesmo devia deixar de existir; e se existe, é porque a utilidade, que os homens em todos os tempos rastejaram com avidéz, a engendrou.

Thomaz Hobbes em seu livro «o CIDADÃO» fundou sôbre os effeitos d'uma convenção primeira o poder d'um só. O fim da sua theoria era o despotismo.

Se as doutrinas de Thomaz Hobbes são bem deduzidas, e é illegitimo o governo despotico; a sua theoria é absurda.

O governo despotico, que desconhece a egualdade, fraternidade e liberdade, trilogia essencial á existencia humana no gôso de si mesmo, é um mero producto de imaginação, e quando sustentado pela razão um aborto da intelligencia. Falle bem alto a experiencia dos seculos, a historia das nações e o unanime sentir da humanidade.

Rousseau fundou sôbre o contracto social a soberania absoluta de todos. O fim da sua theoria era a liberdade.

Se é verdadeira a sua theoria, cada homem é um soberano sem subditos, um sêr orgulhoso sem vida.

Os homens são eguaes, egualmente portanto soberanos, se a soberania existe; mas o exercicio d'ella só a alguém ou alguns poderá ser confiado pelo consentimento de todos.

Bentham via o estado de guerra individual no estado natural, e admittia o dominio da força como o verdadeiro e legitimo resultado da associação humana. A seus olhos a força de todos, resumida e regularizada na potencia d'um só, valia mais que o combate perpetuo dos individuos, a anarchia do estado privativo. A sociedade, mesmo sob o jugo do despotismo,

era pois, 'neste sentido, uma conquista util sôbre o estado da natureza.

Como os demais, errou Bentham, quando admittiu o bem a seu modo, como o destino do homem, e lhe deu uma natureza ferina e bellicosa, que se oppunha constantemente á sua consecução.

A sociedade não dependeu de convenções.

O homem é como os demais productos da criação, um sêr harmonico, que nem as doutrinas de Bentham, nem o pensar dos philosophos poderá jámais alterar.

Os inconvenientes das theorias excentricas mostram quanto andaria melhor a philosophia, se, em vez de divagar por sendas inverosimeis, seguisse o homem nas suas diferentes phases, indicando pela analyse da sua natureza a sua condicção social, e erguendo em principio incontestavel o axioma — o estado natural do homem é o estado social.

É portanto necessario seguir um methodo melhor, que os estudos modernos tem consagrado e firmado em dados experimentaes, examinando o homem em si mesmo, e demonstrando que em sua natureza geral entra o elemento-sociabilidade.

Feito isto, como a todo o poder corresponde necessariamente seu producto correlativo, deparar-se-ha emfim na sociedade.

Depois só restará conhecer o tempo, que mediou entre esse poder, no estado inactivo, e o seu exercicio, no qual se vê a vida social, na vastidão de todas as suas relações.

A demonstração de que é o homem um sêr necessariamente social, não exige collocar-o na sociedade civil, mas basta descobrir 'nelle alguma tendencia inexistivel á sua convivencia, ainda a mais simples.

Esta convivencia ha de emanar forçosamente d'um principio, cuja producção externa, não é mais nem menos que uma lei natural, inherente á essencia humana.

Denomina-se sociabilidade o principio activo que excita o homem, successiva e constantemente, á união de si com os outros homens, isto é, á convivencia.

Denomina-se sociedade o resultado da operação d'aquelle poder.

É pois sociedade a união natural de duas ou mais pessoas.

O homem tem uma natureza geral, e outra especial; aquella constituida por elementos communs e dominantes, esta por elementos singulares.

Como a natureza geral segue a força dos

seus elementos, o que não póde deixar de ser, é ella dominante.

Sendo communs os elementos dominantes, os homens são eguaes.

Assim a humanidade e todos os individuos que a compoem, têm um fim identico

D'este modo, sociedade é a união de duas ou mais pessoas, que tendem a conseguir, pelo emprego dos meios conducentes, o mesmo fim; o complemento do seu destino, o bem.

Se o homem está organizado de fórma que as suas accões tendam ao bem, é elle social desde creado. Sendo social, o bem é forçosamente o seu destino.

A humanidade é social, em consequencia da agencia da criação.

Deus é o auctor do bem, e, deixando esses mysterios de sua superior essencia, nada da sua criação o homem apercebe que hom não seja. O homem, a quem Elle mais prerogativas concedeu, dando-lhe até para as comprehender e fruir a luz da intelligencia e as determinações da vontade, ficaria exceptuado da regra-geral da bondade infinita? É uma contradicção palpavel tal pensar. Um sêr infinitamente bom não saberia limitar a sua bondade para a constituição d'um ente, a quem honrou e elevou, chamando-lhe sua *imagem*.

Prendeu a ideia do bem ao pensamento creador.

Mas a ideia do bem alem de ser necessariamente successiva da de sociedade, ou vice-versa, o que pouco importa, não podia entrar no quadro moral do homem, sem Deus ter em vista ao mesmo tempo dar-lhe natureza social, porque é nas relações de convivencia que a bondade representa seu principal papel.

Nas relações de homem para homem está em grande parte o meio consecutivo do destino humano.

Nas relações do homem para as cousas existem os auxilios materiaes da natureza, esses sós, e improficuos sem a applicação da actividade.

As cousas materiaes, propriedade do homem, são inapplicaveis sem o auxilio social, e todavia o estudo da natureza d'ellas indica-as destinadas ao dominio razoavel da intelligencia e actividade.

Sob este ponto de vista, ou o homem é social por natureza, ou Deus errou, dispondo os elementos da criação, sem ordem alguma; mas a inerrancia é um attributo innegavel do supremo sêr. Que a humanidade pelos esforços proprios, se desinvolvesse e melhorasse; Deus

o quiz; que ella, pela reflexão de si mesma, progrida, é indubitavel; que ella aspira a um estado de perfeição sufficiente, é manifesto; que esse estado não pôde exceder em bondade o anterior á decadencia primeira é evidente.

Entretanto nada d'isto teria logar, se, adulteradas a bondade, sabedoria e providencia infinitas, a inclinação da natureza do homem o arrastasse ao bordo dos abysmos, onde nem daria passo seguro, nem adiantaria caminho.

Deus é infinitamente justo:

Não pôde ser naturalmente mal intencionado o homem.

Deus é infinitamente bom:

A natureza humana propende, sem ser forçada, para o bem.

A especie humana, entrelaçada a philosophia com as relações do creador, com Deus, simultaneamente, appellida-se — boa e social.

O homem é um sér social, porque creou-o Deus, e todas as suas obras são boas na phrase da escriptura sancta.

O homem é social, porque é homem.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

Pedimos venia ao *Instituto*, para transcrever das suas columnas a seguinte poesia lyrica do nosso amigo e condiscipulo Francisco de Paula Santa Clara:

ODE

FIRMA MEDIOCRIA

Fatum si liceat mihi

Et res arbitrio fingere, providus

Leni carbasa temporem

Aurá, ne Boreae flamine adhuc tremant

Antemnae, et scopulis rates

Pendens vix pelagi numina opem roget.

Minois fugiens cito

Regnum, cum genito Cecropius senex

Artis miro opere advolant.

Certat dum volucres vincere, trans polum

Pennae et remigio vehi,

Delapsusque fretoque eripuit puer

Nomen: soli et aquis iter

Librando medium constitit arce dux,*

Discrimen monitus viae.

Ipsis sic pluvio vapulat Africo

Turris nubibus altior;

In vulnusque magistro placet, humidos

Cum grex mane in agros ruit,

Cervix maxima. Sunt cuique ideo modi:

Neglectis, celer it dies,

Poenas quo populos poeniteat pati.

Anno 1859

F. P. Santa-Clara.

À ***

Meu doce lyrio!

Doce delirio,

Doce martyrio

Do meu amor!

Quem te ama como

A haste o gomo,

E o labio o pomo

E o olho a flór?

Se o chão se atreve

Roçar de leve

Na pura neve

Do teu setim,

Que som me vibra

Não sei que fibra

Que me equilibra

No ar a mim?

E que voz santa

É que me incanta

E enche de tanta

Consolação,

Quando uma falla

Terna se exhala

D'onde se embala

Teu coração?

Quando te vejo

D'um simples beijo

Córar de pejo

Mudar de cor

Que susto é esse

Que me parece

Te impallidece

Lyrio d'amor?

* Praebat enim, teste Ovidio, de arte amandi, (lib. 2.º, v. 31-32).

Me pennis sectare datis, ego previus ibo:
Sit tua cura sequi; me duce tutus eris.

E se imagino
Que me reclino,
Sonho divino,
Juncto de ti
E o ceu aberto,
Vejo de perto
Porque desperto
Logo que o vi?

Não fujas... rosa!
Não fujas, gosa
Manhã mimosa,
Manhã d'amor!
De folha em folha
A flor se esfolha,
Bem cedo! — e olha:
És como a flor...

João de Deus.

RETRACTAÇÃO

A ***

Mulher, perdôa, se indignado um dia
Soltei palavras, que desminto agora!
Se irado e louco te vibrei sem pejo
O acerbo ultraje...

Perdôa! — Estava desvirado e cego!
Sem que o rubor me colorisse as faces,
Pude zombar em miseraveis versos
De teus encantos.

Os nomes pude mais infames dar-te,
Sem que a palavra me abrazasse os labios;
Pude — nem sei como o contar, de nojo! —
Chamar-te feia.

Perdôa! — As notas ultrajantes, loucas,
Que, 'nessas horas de delirio insano,
Tirei da lyra, que afinára o odio,
Renego-as hoje.

O amor, a raiva, a adoração, o insulto,
Em peito amante sempre junctos moram;
A flôr mais linda dos jardins da terra
O áspe occulta.

O amargo fel, que o teu desprêso, ó anjo,
Veio no triste coração lançar-me,
Causou a injúria virulenta e feia,
O vil sarcasmo.

Louco de zelos, por te vêr sorrindo
Aos homens todos, porque todos te amam,
Cuspi-te insultos — a desculpa minha
É amar-te muito.

Amei-te muito, e ainda te amo, ainda?
Do amor são filhas essas vis palavras...
Com taes blasphemias suffocar buscava
O affecto ardente.

Quiz humilhar-te para amar-te menos!
Disse-te feia para crer que o eras!
Quiz odiar-te — mas, baldando esforços,
O amor crescia.

Crescia! — Embalde procurava sempre
Fugir do encanto, que me abate e accurva!
Embalde! — o fogo de teus bellos olhos
Me, entrava n'alma.

E hoje, cobarde, de joelhos, anjo,
Venho pedir-te que tudo isso esqueças!
Venho pedir-te um só olhar, que seja,
Penhor do insulto.

Um só! Embora de furor lampeje!
Embora a raiva te illumine os olhos!
Que eu antes quero furiosa vêr-te
Do que indifferente.

Coimbra — 1859

Eugenio de Barros.

DOS LAÇOS DE AMISADE*

(Continuado do numero 5)

1. O pensamento prende-se com admiração ás páginas da historia patria, todavia a sinceridade, character dos historiadores Romanos, induz-me a referir a heroicidade d'outros povos. Damon e Phintias, iniciados nos mysterios da philosophia Pythagorica, estreitaram-se tão fielmente pelos laços de amisade, que, tendo Dyonisio Syracusano condemnado um á morte e lhe concedesse a solicitada espera de tempo, em que, voltando ao lar domestico, fizesse suas ultimas disposições, o outro não duvidou entregar-se ao tyranno, como responsavel pelo regresso. Sôbre cuja cerviz pendêra pouco antes o alfange, subtrahira-se ao golpe da morte; por substituição corria todo o risco, quem podêra viver em segurança: assim os cidadãos e, sôbre todos, Dyonisio esperavam com

* Traducção litteral das obras de Valerio Maximo.

interesse o desfecho incerto d'este drama novo. Instava o dia definitivo, e pela ausencia do condemnado todos qualificavam estulto um fiador tão temerario: pelo contrario, este affirmava nenhuma inquietação dominal-o sobre a fidelidade do seu amigo. Com effeito, ao expirar o momento e hora, que o tyranno fixára, ouvindo-a, apresentou-se. Admirando os sentimentos d'ambos, Dyonisio em homenagem perdoa-lhe a pena, e logo lhes roga o associassem á sua amizade, para honrar por dedicação inviolavel o terceiro logar, que tomava entre elles. Eis o poder da amizade: infundir o desprezo da morte; esquecer o encanto da vida; suavisar a crueldade; transformar o odio em amor; á pena substituir o beneficio. Por estes motivos tributámos-lhe tanta veneração, quanta nos merece o culto dos deoses immortaes, pois na religião o bem público, na amizade o particular se fundamentam; e, se uma reside nos templos augustos, a outra tem nos corações fieis o sanctuario, onde arde santa flamma.

2. Os sentimentos de Alexandre comprovam minhas asserções: senhor do campo de Dario, onde se achavam todos os parentes d'este principe, dando o braço ao seu amigo Hephéstião, dirigiu-se á tenda real para cumprimental-os. Reanimada por esta visita, a mãe do rei vencido tristemente lançada por terra levantou a cabeça; e, segundo o rito Persico adulando a Hephéstião, cuja estatura e presença inculcavam superior magestade, saudou-o, como se fôra o vencedor. Advertida da illusão buscava depois, tremula e perturbada, palavras de desculpa, quando o rei da Macedonia lhe diz: «Não importa que confundisses os nomes, pois Hephéstião tambem é Alexandre». Qual congratularemos primeiro: o que voluntariamente fez a confissão, ou a quem coube ouvir-a? Rei de grande animo, cuja esperanza ou victorias involviam o mundo inteiro, deu, em tão breves palavras, meio quinhão ao seu amigo. O presente de sublime dicto, honroso ao doador e egualmente ao que o accetivava! Com algum direito venero ainda, como particular, a recordação d'este facto, pois eu merecera a subida benevolencia da mais illustre e eloquente personagem do nosso tempo; nem receio seja inconveniencia dizer que o meu caro Pompeio valêra para mim um segundo Alexandre, visto que o seu Hephéstião se confundia com Pompeio. E seria, sem dúbida, réo de scelerado crime, se, relatando os exemplos d'uma amizade constante e generosa, calasse totalmente

esse varão, em cuja afeição, qual a do mais extremoso pae, achou vigor o estado de minha vida, quando próspero, e consolação, quando adverso; que me offereceu meios espontaneos, d'onde engrandeci minha fortuna sob cujo escudo persisti firme contra os infortunios; que, finalmente, por sua direcção e auspicio alentou e afamou meus estudos. Perdendo o melhor dos amigos, restou-me temer os invejosos, porque, certamente, minha felicidade atormentava-os; mas, sem razão, visto que minha influencia, quanta foi, aproveitou-lhes, quando quizeram experimental-a. É certo, a prosperidade, ainda á sombra da modestia, jámais pôde evitar os perversos golpes da inveja; e aonde encontraremos um refugio contra a malignidade de certos individuos, ou que invocações de misericordia valerão para movel-os, impedindo-lhes que se alegrem e batam as palmas na contemplação dos males alheios, como felicidade propria? Nossa perda torna-os ricos; nossa desgraça opulentos; nossa morte immortaes. Não sabendo o que sejam infortunios, quando deixarão de insultar a calamidade do proximo? Dil-o-ha a inconstancia da sorte humana, vingança inflexivel da insolencia. F. P. Santa-Clara.

(Conclúe)

TOPSY

A Escrava

Corria o anno de 1850, quando Topsy, a mulher livre no foro da sua consciencia, mas escrava pelas disposições d'uma lei, que a avareza americana promulgára por conta propria nos tribunaes do despotismo mais odioso, que inda flagella a humanidade, vinha por sua vez, no exterior resignada, a esse mercado da especie humana, theatro vasto, onde a ambição desmedida e brutal desconsideração pelos homens de côr arrasta os traficantes negreiros a cevarem-se nas riquezas, que uma geração malvista lhes depara para eterno opprobrio da civilisação e da charidade.

Installaram as revoluções o sentimento da propria dignidade e a observação de que eram inuteis, politicos e economicos todos os institutos, que apertassem a natureza do homem, alem do que era indispensavel para constituir sua esphera da individualidade social; mas estes dados do tempo só na Europa foram apreciados, como se só para esta parte do antigo continente corresse o desengano da experien-

cia, que nos traz o devolver dos seculos. Lá nos paizes, de que nos alongaram os mares, não chegou nem a luz directa nem a reflectida da philosophia, garante da independencia humana.

Nem admira; que o fogo das paixões, por energico e coruscante, confunde a acção branda, mas constantemente proficua d'esses raios, que emanam tranquilllos e suavemente luminosos d'uma immensidade de centros civilisadores, que a Europa se arrogara como privilegio.

Mas aquellas paixões são criminosas, quando do intimo da alma brada 'ao homem agente, mesmo 'neste estado do seu existir, a voz implacável da consciencia, intimando-lhe a egualdade e a charidade, seu resultado necessario.

Parece que oriunda do mundo antigo, a philosophia moderna, restauradora do homem e advogada constitucional das individualidades e das nações, se indigna de alar-se sobre os mares, transpôr a linha equatorial e visitar o continente de Colombo, levando-lhe os beneficios que na Asia e Europa já prodigalisava ao homem nos tempos anti-diluvianos! Receiar-se ha ella de mau acolhimento? Ou de não encontrar alli, no paiz das impressões sublimes, senão o frio materialismo dos encantos d'uma vegetação constante, ou o requintado espiritualismo dos que, desprendidos, depois de cançados, da monotonia do clima, se elevam ás regiões sidereas, manusiando com alavancas de chumbo os seus principios, inamoviveis a elementos materiaes, ou consumindo o vigor intelligente de suas faculdades nos productos estereis da imaginação escandecida? Quem sabe? Os espiritos americanos não são benemeritos da natureza, porque creara-os a civilização do occidente, dando-lhes uma sociedade gloriosa; e elles, ingratos e irreconhecidos, aproveitaram os seus beneficios para matar as gerações do clima torrido, condemnando-as a um desprezo ignobil, quando só deviam alistar-se escravos na missão restauradora, que, nos tempos que já foram, lhes deu o porvir, independente da actualidade.

Quem, d'ora avante, incitará as nações do occidente, constituídas pelas suas relações, de contacto e amizade em poder invencivel, convertidas em colosso gigante, a arrastar trabalhos insanos; em fundir pela magia da civilização uma horda 'numa nação, uma tribu 'num municipio regular, uma floresta 'numa cidade, um lago inacessivel e marginado de espessas brenhas em um braço de mar, vehi-

culo de commercio e felicidade? Mas o poder constituído sobre bases racionais, e amparado nos braços vigorosos da verdadeira sciencia é essencialmente progressivo; não cruza os braços; nem se desanima, degradando-se, a ponto de não ousar calar pelo ferro, a convicção e práctica da verdade, que a diplomacia vê ultrajada a despeito de tudo.

Se o velho e novo mundo assim continuam, se a paternidade politica d'aquelle se reconhece neutralizada e absorvida na arrogancia d'este, um rompimento é inevitavel.

Só é problematica a epocha d'esse acontecimento, que a historia e a politica hão de apontar nas páginas da humanidade.

Venha elle, que a verdade basta de sacrificios, e o seu character absoluto fal-a não corar de péjo, inda que sua aurora raie pela primeira vez d'entre a funerea confusão d'uma cruenta batalha, e a sua essencia suave e affavel no recinto da paz, veja agora pungente e dolorosa como o punhal do remorso. E é este o destino da verdade: ama-nos se a seguimos; incomoda-nos se a pretendemos evitar. Que ella não é o consectario das leis, dil-o Topsy, que, victima dos actos de Carolina, experimentava sempre as tendencias do seu coração 'num duello de morte, contra as instituições sociaes d'aquelle paiz.

Cercada de seus filhinhos, cuja sorte, inda d'elles mal sentida, lançava a consternação no espirito de sua mãe, que nas algemas tinha aprendido a occultar a dor da escravidão, ou a dissimular-a, para não difficultar o nobre plano de suas constantes aspirações, Topsy representa a numerosa prole, que nasce e se desenvolve debaixo da influencia das leis da escravatura.

Como todos os meninos d'esta malfadada classe, que vegeta coarctada pela auctoridade senhoreal da Carolina do Norte, os filhos de Topsy, vivos, activos e intelligentes eram apparentemente despidos de principios de reflexo moral, e da consciencia da sua dignidade natural; que outra não tinham elles, em quanto a não conquistassem com um crime, atroz na Carolina, que mercesse por acto da republica, alem da conspiração das leis, a revolta mesmo dos animaes irracionais, e dos elementos, que a malicia humana pozera á disposição das paixões sociaes.

Harris, George, Rigdon, Ben-Fox e Elisa não eram typos elegantes, que se possam moldar no paralelo da baixa Europa, mas compunham uma familia, tão jucunda e chara a

Topsy, que esta sentiria frio o amor filial da mais extremosa sevilhana.

Era ella dotada de sentimentos nobres, tão nobres que dar-se-hia milagre em espiritos preocupados, se os conhecessem e soubessem graduar, mas o valor e dignidade d'estas qualidades, que a adornavam, era-lhe completamente desconhecida.

Alli via-se o amor filial da familia livre; e integra fraternidade do hebreu na synagoga; todos os bons costumes domesticos no que comporta a lei de escravatura, e a auctoridade paternal, sentida e respeitada em todo o seu vigor, quando ao imperio e voz da natureza não obstava a vontade estranha e cruel do impio senhor, ou quando não soffriam os interesses da mais vil propriedade, que tem visto o mundo.

Quando o senhor por uma defêrencia, que não tem exemplar no orbe da philosophia, mas que em falta de melhor é um bem, alargava a cadeia do captiveiro, dando ao escravo alguns momentos de reconhecimento e devoção filial, que nem mesmo a natureza, que alguém diz avara, lhe negára, era interessante aos olhos d'um europeu o quadro d'esta familia, que esgotava o escasso alimento da sua conservação na tangente d'um lord estúpido, que a ambição, por concessão suprema, creára no rigor de suas leis cosmogonicas sob o meridiano mais ardente. Mas esta criação é repugnante.

A natureza protege distinctamente os sexos e as condições, porque aquelles e estas são distinctos em construção, forças e sentimentos, e a natureza professa os principios da egualdade; mas o poder senhorial tudo confunde na illusoria perspectiva dos seus injustos interesses, sacrificando á personalidade propria a dos infelizes, e rejeitando o pudor e fraquesa, que o proprio Deus respeitava!

Sem maldade propria existe o escravo; vive e morre ao serviço forçado, em que gasta gradativamente as suas forças, e embute até á brutalidade a sua intelligencia, mas sem perversidade e essa requintada até á astucia e infernaes ardís, não dá o senhor, algoz impassivo de si e dos outros, e ente asqueroso e indigno de vida humana, ordem alguma de absoluta soberania, sem commetter a falta de Adão, que, para elle bastante a infernal-o e arrastar-lhe dolorosa existencia quando o degrau da paixão lhe permittir o resentimento de seu maleficio, é em relação ao Eterno uma blasfemia imperdoavel, porque é irreparavel.

Aliás, perdoará Deus o crime de subordinar automaticamente uma creatura, a quem elle mesmo déra a existencia? Ou será o senhor algum demonio expulso do céu, e vencedor 'nessas innumeradas batalhas, que a estrategia infinita fez travar nas regiões do firmamento, para dos espaços infindos despedir á terra um d'esses irrefragaveis e luminosos argumentos, que, testemunhando com acerto infallivel, legitimasse aos olhos da posteridade uma victoria decisiva das potestades do céu contra seus filhos rebeldes, um triumpho do céu contra o inferno? É. E outra cousa não pôde ser, mas venceu a razão propria na terra.

(Continúa) J. Machado Cabral e Castro.

LOGOGRIPHO

A primeira co'a segunda
 Todo o homem em si traz;
 A terceira co'a primeira
 Um jogo é de rapaz.

A segunda co'a terceira
 Tem uso no estio só;
 A quarta co'a segunda
 É neto de minha avó.

A terceira co'a quarta
 Toda a arvore em si tem;
 A primeira co'a terceira
 «Cessa já» a dizer vem:
 A quarta co'a primeira
 Mais que o globo em si contém.

O todo por agradável,
 Que a todo o homem extasia,
 Constitue perenne fonte
 De pintura e poesia. Sá.

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N.º 7

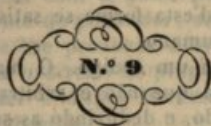
1.ª — *Alphabeta*. 2.ª — *Algalia*.

EXPEDIENTE

Rogámos áquelles Senhores, que suppomos assignarão o nosso jornal, que no caso de o não quererem acceitar, tenham a bondade de o recambiar á redacção.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 9



Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1859 — DEZEMBRO — I

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 »

A LIBERDADE

Deus é Deus sôbre o homem, e este é Deus sobre a terra.

O homem é o elô, que prende o finito ao infinito, os seres contingentes ao ser immutavel, a terra a Deus. Eis aqui o typo da ordem e da unidade, para que tendem todos os nossos esforços.

Não são, porém, todos os elementos da natureza humana o ponto d'esta união; é sómente o elemento racional, em quanto toma conhecimento das verdades absolutas do justo, do bello e de todos os principios, que constituem a natureza divino-humana. É esta a sua verdadeira natureza, que lhe imprime o caracter de *homem essencialmente livre*.

O homem é livre, porque é racional.

O homem é livre, porque é a causa motora e unica de seus actos.

A liberdade não consiste *essencialmente* em praticar o bem ou mal, e em obrar de uma ou outra fôrma.

A liberdade não tem senão um unico caminho a seguir; Deus o attesta, e a philosophia o demonstra.

O Creador é por sua natureza livre; e tudo não pôde, (porque assim o pede a sua omnisciencia e justiça) obrar d'esta ou d'aquella maneira; o justo é a sua divisa.

Como se poderá chamar livre, o que se deixa arrebatado pelas paixões desordenadas,

pelos sentimentos e motivos, que a razão ou desconhece ou reprova!! Neste caso a materia não será mais livre do que o mesmo homem? Não é ella a causa determinante dos actos humanos?

A escravidão pertence á materia, e o seu dominio ao espirito. Quando aquella domina, a liberdade cessa, o espirito abaixa-se, e os seus direitos de senhorio convertem-se em deveres de escravo! Os excessos de liberdade, ou a licença juridica ou moral, vem a ser a sua negação, a sua fraqueza, a sua morte.

Talvez alguém pense, que, querendo demonstrar a liberdade, nós a reduzimos a uma lei necessaria, e portanto a um *puro automatico*. A liberdade, tirando o seu poder de si mesma, hade ser *necessaria*; porque a *mesma força livre não pôde ser livre senão em virtude de sua propria essencia, e esta não se contradiz*.

O automatico move-se em virtude d'uma força, que mão extranha lhe imprimiu, e que não constitue a sua natureza. Pelo contrario, o homem obra por um poder, que a natureza lhe concedeu, que constitue a sua *essencia*, e que lhe imprime o caracter de homem. Neste se encontra a origem do poder, ou melhor, no homem esta o homem.

Já se vê que não negamos a liberdade, antes a elevamos á sua verdadeira posição.

O homem, encontrando na liberdade o germen de seus direitos, é natural que tenda

ao seu desenvolvimento á custa dos maiores esforços; mas infelizmente nunca attingirá o seu *desideratum*, em virtude da sua natureza humana.

Só Deus é *naturalmente* livre; porque só Deus é Deus. B. d'Albuquerque e Amaral.

O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.^{mo} SR.

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

(Continuado do n.º 7)

Depois de termos escripto o ultimo artigo ácerca do systema do Projecto do Codigo, podémos obter a Nova Apostilla pelo sr. Augusto Teixeira de Freitas, que está incumbido pelo governo brasileiro, d'uma missão analoga á do sr. Antonio Luiz de Seabra.

S. s.^o occupa-se, na primeira parte das suas observações, em analysar o systema do Projecto; mas que analyse!!

Duvidámos da boa fé do illustre Auctor. As suas Observações, formuladas em impropérios, inconvenientes em toda a discussão scientifica, principalmente em uma questão de tamanho vulto, qual a d'um Projecto de Codigo, provam evidentemente, que o seu Auctor se não pôde elevar áquella posição, d'onde com serenidade e á luz dos verdadeiros principios da sciencia moderna, se procede ao exame das altas questões.

Não podémos resistir ao desejo ardente, ou antes á imperiosa obrigação de expendermos a verdade tal qual a razão a concebe.

Bem sabemos que a nossa condição não permite em nos arvorarmos em arbitros de uma tão alta questão, e de tão elevados defensores; porém, não somos nós quem fallamos, é a verdade.

O illustre Apostillador pretende combater o systema do Projecto, por se haver 'nelle seguido, como base, o principio subjectivo do direito.

Quem não vê, 'neste simples enunciado, quão injusta ha de ser uma tal arguição? Porém, examinemos as razões em que se funda:

Primeiramente censura o sr. Seabra por haver inserido 'num Projecto de Codigo Civil, disposições relativas aos direitos absolutos; direitos estes que se acham regulados pela Carta Constitucional e pelo Codigo Penal; e portanto deslocados do seu legitimo logar.

Bem mostra o illustre Apostillador o rapido exame, que fez á Apostilla do sr. Seabra, a paginas 32.

Em tudo, quanto é contingente, é indispensavel o procurar-lhe um apoio, aonde se possa firmar sem receio. Só d'esta forma se satisfaz e obedece o espirito humano.

O mesmo succede em um codigo. O legislador sómente mostrará que não é arbitrario em seus poderes, ligando, e deduzindo as suas leis d'um principio, ou verdade, que lhe esteja superior, e como tal reconhecido pela razão humana. Só assim merecerá o legislador confiança de seus subditos.

Diz o illustre contendor, que estes direitos absolutos estão reconhecidos pela Carta Constitucional; e portanto desnecessario é o occupar-se d'elles o Codigo Civil. Mais um motivo para d'elles se fazer menção na legislação civil. A Carta Constitucional é a lei fundamental; é a lei, com que as demais leis se tem de conformar; logo toda a legislação, que não fór fundamental, deve-se apoiar, e como que entroncar com as suas disposições. Eis o que fez o sábio Auctor do Projecto. Que tem de reprehensivel este proceder? Não está elle garantido pela Carta Constitucional?

É assim que argúe, quem não tem que arguir.

O illustre Apostillador, continuando com as suas recriminações, não admite, porque não quer, o principio subjectivo dos direitos, como base para sua classificação. Quaes são, porém, os argumentos em que se funda? Parece-me que ninguem os poderá deduzir da sua Apostilla. Apenas diz, que a verdadeira classificação se deve fundar nas relações apreciaveis das cousas, a que corresponde o methodo natural. Diz mais, a paginas 54, que o methodo natural, baseado em caracteres fundamentaes, como o que se observa na Historia Natural, se deve applicar aos *entes* da sciencia do direito.

Aqui nos parece estar o escolho, de que se não pôde livrar o illustre Apostillador. O methodo das sciencias naturaes, como o sábio Contendor expõe, não se pôde nem deve applicar á sciencia da legislação. Talvez levado por o que mais nos impressiona, pretendeu classificar as doutrinas do Projecto, segundo a classificação das sciencias naturaes. Nem d'outra sorte se pôde explicar a preferencia que dá aos direitos reaes e pessoas por a base da classificação, assim como a proposição que estabelece a paginas 79: «Aquillo que *exteriormente* se conhece, aquillo que se sente, que

está no bom senso de todos os homens, é o que 'nesta apreciação de similhanças e divergencias, deve apoiar nossos juizos». D'aqui provém a confusão de posse derivada do contracto com a posse proveniente do facto sómente do possuidor; assim como a admiração, que lhe produziu o art. 2339, aonde se diz, que o direito de propriedade é a faculdade de gozar e dispôr livremente de qualquer coisa ou *direito*.

A argumentação do illustre Apostillador basea-se no principio que preside ás classificações das sciencias naturaes, isto é, nós devemos estudar e classificar o que existe, pelos seus caracteres mais sensiveis, e não remontarmos ao principio que lhe deu origem.

Nós entendemos, com o sr. Seabra, que o fim do legislador é regular a maneira como o homem ha de adquirir direitos; em que circumstancias os pôde adquirir; o uso d'esses direitos adquiridos, e as reparações exigiveis pelas lesões commettidas. O tractar do direito em si, sem primeiramente examinar os meios por que se adquire esse direito, é absurdo.

Os direitos reaes e pessoas em que o illustre Apostillador parece fundamentar o seu systema, ou são um elemento secundario, que o Projecto comprehende na segunda parte, como resultado dos meios por que os direitos se obtém; ou um resultado de aquisição do direito, que o Projecto comprehende na terceira parte.

Os direitos pessoas são uma consequencia dos meios por que elles se conseguem; consequencia esta, que se acha inherente á natureza dos mesmos actos, e sôbre que o legislador nada tem a dispôr.

O que a razão demonstra, a prática o confirma. Por ventura, não versam quasi todas as questões de jurisprudencia sôbre a existencia, validade, interpretação do titulo, ou facto, que serve de prova dos direitos? Sôbre a capacidade ou incapacidade para adquirir esses direitos? A questão do *jus in re* ou *jus ad rem* é apenas um accessorio, que anda unido pela sua natureza ao acto, que lhe deu origem; determinado o qual, decidido está o direito respectivo. Em que se basea pois a argumentação do illustre Apostillador? Apresenta, a paginas 31, a excellencia do seu systema, aonde diz: «Está classificação perfeita (de direitos reaes e pessoas) em que se tem feito entrar todas as obrigações dos contractos, applica-se exactamente a todas as obrigações, *quaesquer que sejam suas causas productoras*».

É por essa razão, por comprehender direitos analogos nos seus efeitos, mas differentes nas suas causas, que o systema não tem fundamento, como deixámos demonstrado.

Muito pôde a voz da consciencia.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

TOPSY

A Escrava

(Continuado do numero 8)

II

Tudo que é humano se contradiz. A razão propria, que se ala nas azas da imaginação, baqueia mais facil, que quando rasteja os misteres ordinarios e materiaes da vida: lá, envolvida em si mesma, perde o norte do seu destino; aqui, pairando sôbre o finito sensivel, encontra uma ou outra vez o luzeiro, que lhe aclarêa a distancia em que se acha da verdade, que, superior inda assim, diffunde seus raios na só exterioridade de sua esphera.

Por isso não admira, que o homem, cren-do-se vencedor contra a natureza, veja depois com remorso, como se ostenta ovante a lei da natureza. Assim deve ser. Os homens são eguaes. Ainda que o milagre seja incomprehensivel emquanto á sua essencia, a comprehensibilidade da sua origem e fim eleva á classe dos impossiveis a theoria da desigualdade, symbolisada na arrogada superioridade d'uns sôbre os outros; na deificação d'uma creatura humana, quiçã a mais pequena, mais vil, para crudelisar a mais forte, a moral e sentimentalmente superior.

Egal em si mesmo, Deus tudo em sua especie creou equal; e, sobordinação, caracter geral de seu systema cosmogonico, só a estabeleceu d'uma, a mais graduada, para a outra especie differente, em cuja harmonia, não obstante, ella se movesse na roda dos tempos, e se conservasse pela seguida absorpção do que, obedecendo a si mesmo, se vac creando, durando, morrendo e reproduzindo.

Mas nada mais de extemporaneidades. O que deve ser, melhor se verá, quando, narrados os factos e analysados ao escarpello da razão, nos tivermos disposto para aceitar sem repugnancia as nunca immoderadas verrinas contra os mercadores d'homens, mais crueis que os anthropophagos; porque devorando demorada e tormentosamente a carne das suas victimas nos

trabalhos forçados e desproporcionaes, com que as sobrecarregam, extinguem-lhes o fogo do entendimento e luz da razão, difficultando-lhes o conhecimento de si mesmas, como meio de obterem a submissão mechanica. A astucia vem ainda em prol do proprietarlô do homem, e chega a installar-lhe os meios de o fazer subservir physicamente, tirando com a escravatura a consciencia ao escravo. E o que mais é, esfomeam-o, embrutecem-o e até o privam de adorar, pelo desenvolvimento espontaneo da sensibilidade, o Deus que o creára!

Que poder divino ou humano haverá no universo, ou mesmo se pôde imaginar, que desenlace dos braços, uns dos outros, os membros de uma familia, que, unidos, tractados e conhecidos por seus mutuos trabalhos e distrações, vivem 'numa especie de identidade, que quasi constitue uma só vida?! Que poder haverá para o homem separar legitimamente o que a natureza amplectára 'num nexo real, substancial e necessario? Todavia o despotismo, desentranhado da gravidade d'uma ambição criminosa, tudo tem legitimado, legalizado e praticado. E todos os titulos acham justas as theorias do interesse economico, e defendem-as escriptores auctorisados, como se os dominasse a convicção da myopia intellectual dos outros, que por hypothese assentam na fragilidade e escacez do genio alheio. Digam quanto sentirem, se é que assim sentem, os theoristas e defensores das economias e balanças politicas; que os demais, despreoccupados da ideia de utilidade de taes fontes de bens humanos, trilham outro caminho, librando seus principios em outras balanças, que podem ser offercidas á humanidade como modello, porque de tudo é modello a natureza, mesmo do que não é natural.

Desfia-se a nossa historia no facto mais importante da familia — *George* — chefe, se fôsse em outro paiz que não a Carolina, d'uma pequena sociedade livre e independente, feliz e patriótica, ao que parece. Habitava a cabana da noite proximo da plantação de *W.*, onde aprendia a sorte; *Topsy* fôra para alli gastar os ultimos dias da sua existencia, já inutil a *W.*, porque tinha ella consumido 'num trabalho excessivo as forças e a saude, unicas qualidades que apreciava a sr.^a *W.* em suas escravas, e *W.* em todos os seus domesticos. Não era edosa a escrava, nem o vigor da sua construcção assás vantajosa lhe permittia a decrepitude nos cincoenta annos, mas envelhecera-a as inquietações constantes, em que vi-

vera, ora temendo pelo castigo de seus filhos, ora receiando da segurança de *George*, ora tremendo de não cumprir á risca as ordens da sr.^a *W.*, caprichosa e dengue, tanto que o bom senso a encararia com seus olhos implacaveis um sêr tacanho nos sentimentos, pequenino, diminuitivissimo, vermesinho, mas incommodo em sua convivencia soberana. Era uma furiosinha sem balão, que o não havia então na Carolina, mas que no pouco roçagar da saía catita, fazia arripiar e tremer de susto uma legião de escravas fieis, que tacaava (maldita!) á pata ingleza.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

ROUBO DAS SABINAS

Surgiu Romano colossal imperio,
Cujá grandeza foi maior, que a fama;
Scipiões surgiram, Cincinatos, Manlios,
Régulos, Tullios, mil heroes, que á sombra
De seus sepulcros repousados dormem.
Roma attingira culminante gloria;
Sepultou-se essa gloria, e existe Roma:
Porém nos fastos, que inda são Romanos,
Narram antigas tradições, que fôra
Romulo o fundador d'essa cidade,
Que a seus decretos submettêra o mundo;
Aos limites da terra, ultimas plagas,
Conhecidas então, seu forte vóo
Projectaram sem medo aguias Romanas.
E d'onde a origem de heroismo tanto?
Inspiração de amor, de amor o impulso
Géra portentos; sem amor seria
Do nada solidão a natureza.
Aos Romanos amor jógos inspira,
E Romanos nos jógos arrebatam
As mulheres Sabinas; doce empreza,
As que roubadas são, e aos roubadores.
É este o facto, que ordenaram Numes;
E raça de homens, que nasceu Romana,
Deu á Romanas gerações principio.
Amor, que sôbre o mundo organizado
Poder incalculavel patenteias,
Que germinas, que nasce generoso
Nas almas dignas da influencia tua;
Amor, de cujo seio inexaurível
São de chammás torrente abrazadora,
Tu, que aos seres organicos repartes
Porções de seiva ardente, e vida, e fogo,
Se és inda o Nume, povoador das terras,
Do mundo sub-lunar, eia, responde,
Onde existe esse altivo Capitolio,
Onde a rocha Tarpêa, onde os Romanos,

Que nasceram com Roma, e a Roma deram
 Gloria, que os homens contestar não ouzam?
 Respondam frias pedras dos sepulcros,
 Que nas vias Latinas se mostravam;
 Responda o pó sublime, venerando
 De augustos craneos, de ossos calcinados,
 Que alvejaram na terra dos triumphos;
 Responda a espada, que oxidára o tempo,
 Que vidas devorou, que nos infernos
 Arrojava de Roma os inimigos:
 Dizei-o vós, inanimados restos
 Adherentes dos Cesares no solo;
 Fallai, oh ruínas, cidadãos do nada,
 Manifestando aos seculos futuros,
 Que fóra alli de Romulo a cidade,
 Que alli o roubo perpetrado fóra
 Das mulheres Sabinas..., e esta ideia,
 Esta lembrança tanta dôr excite,
 Que lagrimas arranque em sacrificio
 Aos manes dos heroes, ao simulacro
 Da terra, que hoje os seculos escondem.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

O EMIGRADO

Ao meu amigo J. C. Pereira d'Eça

Adieu, chère terre natal,
 Je vais dans un monde lointain;
 Quand viendra mon heure fatal,
 Je regretterai, mais en vain,
 De ne pas mourir sur ton sein.

Adeus, valles e prados virentes,
 Adeus, lindo e mimoso torrão;
 Adeus, cara familia e parentes,
 Doces laços do meu coração.

Vou p'ra longe da patria querida,
 Vou ás furias do mar resistir;
 Vou d'um lenho fiar minha vida,
 Que uma vaga bem póde engulir.

Vou de prantos amargos regar
 Negro pão que terei de comer;
 Vou a terra d'estranhos arar,
 Vou do tropico os fogos soffrer.

Vou... quem sabe?! nas quentes areias
 D'um deserto, bem novo expirar!
 Vou... quem sabe?! co' o sangue das veias
 D'um selvagem ás mãos saciar!...

Esta ideia medonha me atterra,
 Sinto-a acerba no peito a gemer;
 D'essa morte, distante da terra,
 D'esta patria que eu ví ao nascer.

Mas tu deusa dos sonhos ridentes,
 Meiga esperança dos anjos querida,
 Só tu guias meus passos trementes,
 Nas incertas veredas da vida!

Eia avante! sigamos a sorte,
 Essa sina talhada nos ceus;
 Eia avante! p'ra a vida, ou p'ra a morte!...
 Os destinos pertencem a Deus!...

Adeus, valles e prados virentes,
 Adeus, lindo e mimoso torrão;
 Adeus, cara familia e parentes,
 Doces laços do meu coração.

Coimbra — 1859

Severino d'Azevedo.

DÊ!

Beijo na face
 Pede-se e da-se:
 Dá?
 Que custa um beijo?
 Não tenha pejo,
 Vá!...

Um beijo é culpa
 Que se desculpa;
 Dá?
 A borboleta
 Beija a violeta,
 Vá!...

Um beijo é graça
 Que a mais não passa;
 Dá?
 Teme que a tente?
 É innocente!
 Vá!...

Não tenha medo!
 Guardo segredo,
 Vê?

Dê-me um beijinho:
 Dê de mansinho!
 Dê!

João de Deus.

EM O ALBUM D'UMA SENHORA DESCONHECIDA

Out'ora na Grecia, donzella, elevavam
Os homens altares a incognito Deus;
Prestavam-lhe culto e—quem era—ignoravam
Que nunca ao mysterio rasgaram os veus.

Tambem eu que nunca te hei visto, donzella,
Que nunca em meus dias talvez te verei,
Em teu branco livro uma offerta singella
—Meu nome sem gloria escrevendo— deixei.

Coimbra, 29 de Outubro de 1859

Eugenio de Barros.

DAS MORTES EXTRAORDINARIAS *

Define-se o destino do homem pelo primeiro e ultimo dias da vida, pois influem os auspícios, sob que qualquer vem ao mundo e d'elle se aparta; assim só reputámos feliz o homem, a quem coube nascimento afortunado e morte pacifica. O curso do tempo intermedio, segundo a mão da fortuna reger o leme, segue navegação, que, ora a bonança, ora o perigo dirige; e, ou sua duração se prolongue na medida de avidos desejos, ou termine sem merecimento, é sempre menor, que a esperanza; todavia se quizeres fazer da existencia sabio emprego, ainda, quando curta, poderás eternal-a, dilatando os annos pela multiplicidade das acções. Que importa alegrar-te uma existencia ingloria, se estudas antes em viver do que viver com honra? Mas, para não me afastar mais do assumpto, mencionarei aquelles, que foram ceifados por morte extraordinaria.

Romanos

1.º Tullo Hostilio, tocado pelo raio, ardeu e todo o seu palacio: lei da sorte, singular nos seus effectos! Este principe, sustentaculo de Roma, é consumido no seio da cidade, sem que seus concidadãos podessem tributar-lhe as ultimas honras: o fogo celeste obrigou-o a ter seus penates e palacio por pyra e sepulchro.

2.º O animo inclina-se com difficuldade a crer que a alegria, como o raio, tenha occasionado a morte; é certo, porém, teve equal poder. Ao espalhar-se a noticia da derrota, que o exercito Romano padecera nas visinhan-

ças do lago Trasimeno, uma mãe, que se tinha dirigido ás portas de Roma, encontrando ahí seu filho incolume, expirou-lhe nos braços: outra, que, pelo falso aviso da morte de seu filho, submersa na afflicção, se encerrára em casa, vendo-o de repente entrar salvo, perdeu a vida. Eis os insolitos golpes da fortuna: resistindo á dor, estas matronas succumbem á alegria.

3.º Eram mulheres, e assim minha surpresa é menor. Collega de T. Graccho, M. Juvencio Thalna, consul pela segunda vez, celebrando sacrificio em Corsega, que acabava de render ao poder de Roma, recebeu uma mensagem, que lhe noticiava terem sido decretadas pelo senado as acções de graças aos Deoses, para honral-o: lia o decreto com attenção avida, quando, turvando-se-lhe a vista, cahiu sem vida ao pé do altar. Que causa, a não ser o excesso d'alegria, diremos ter-lhe provocado a morte? Eis a quem seria depois commettida a destruição de Numancia e Carthago!

4.º Maior animo, mas um fim mais tragico recommenda o general Q. Catulo, que o senado associára a Mario, triumphante dos Cimros; pois, intermediando algum tempo, condemnado pelo proprio Mario á morte, effeito das discordias civis, encerrou-se num quarto caiado de fresco e que evaporava pela acção de fogo intenso, e ahí morreu asphyxiado: necessidade tão horrorosa eclipsou a gloria Marianna.

5.º Nestes dias de lucto o consular C. Cornelio Merula, flamine de Jupiter, para que o vencedor insolente não escarnecesse do sacerdocio, evitou a sentença de morte ignominiosa, abrindo suas veias no sanctuario da Divindade; e o sangue do proprio ministro humedeceu o altar mais venerando.

6.º Com resolução e coragem igualmente terminou seus dias Herenio Siciliano, que, já amigo, já aruspice entretêra relações com C. Graccho; pois, como fôsse conduzido ao carcere pelo motivo referido, quebrando a cabeça nas umbreiras da porta, cahiu no limiar da ignominia e exbalou o ultimo suspiro. A distancia d'um passo entregara-o ao supplicio público e cutêlo do algóz.

7.º Precipitada foi ainda a morte de C. Licinio Macero, antigo pretor e pae de Calvo. Accusado de concussão, subiu ao Meniano, para esperar a sentença: então, como visse a Cicero, que, depondo a pretexta, convidava os juizes a reunir, mandou dizer-lhe que morrerá réo, mas não condemnado, e d'est'arte seus bens não poderiam ser vendidos em haste

* Traducção litteral das obras de Valerio Maximo.

pública; logo, apertando a garganta com um lenço, que casualmente tinha na mão, a respiração comprimida provocou-lhe a morte em troca do castigo legal: avisado do successo, Cicero não pronouciou a sentença. Assim um orador afamado*, a custo da insolita morte de seu pae, subtrahiu-se á indigencia e opprobrio, que desmereceria seu nome.

8.º Esta morte foi corajosa, eis outras que provocam o riso: Cornelio Galba, antigo preitor, e T. Haterio, cavalleiro romano, fruindo os prazeres de Venus, perderam a vida. Mas que proposito nos induzirá a rediculisar individuos, que foram provavelmente victimas da fragilidade da natureza e não de suas paixões? O fim da vida provém de causas diversas e occultas; e, ás vezes, attribuímos sem fundamento a sua causa a circumstancias, que antes coincidiram, do que determinaram o instante da morte.

Estrangeiros

1.º Merecem ainda ser referidas algumas mortes de estrangeiros, e, sobre outras, com especialidade a de Coma, que dizem fôra irmão de Cleão, famoso capitão de ladrões. Depois da recuperação de Enna, de que os escravos fugitivos se tinham assenhoreado, Coma foi conduzido por gente armada á presença do consul Rupilio; e, como fosse interrogado acerca das forças e designios dos rebeldes, pedindo espera de tempo para reassumir animo, cobriu a cabeça, e, apoiando-a nos joelhos, comprimio de tal sorte a respiração, que, entre os proprios guardas e ante a auctoridade superior, achou no descanso eterno a segurança, por que anhelava. Atormentem-se os desgraçados, cuja morte antes lhes utilisa, que a vida; oppressos e inquietos, excogitando o meio de terminar a existencia, afiem o ferro; preparem venenos: enlacem a corda fatal; escolham com vista horrorisada as alturas, se é que, para romper o fraco laço, que une a alma ao corpo, são demandados singular apparato e artificio exquisito: Coma não recorre a estes meios: encerrando a respiração no peito, deixa de existir. Assim não se requer afan para a conservação d'um bem, cuja posse fragil pôde escapar-nos, completamente perturbada por leve sópro.

2.º A morte do poeta Eschytes, é verdade, não fôra voluntaria; mas a singularidade do successo convida a referil-a. Sabido além das

fortificações da cidade, onde residia na Sicilia, sentou-se ao sol 'num logar abrigado; uma aguia voava por cima, levando uma tartaruga; e, illudida pelo luzimento da cabeça (pois faltava-lhe o cabelo), crendo-a marmore, deixou cahir perpendicularmente a presa para quebral-a e alimentar-se da carne; sob este golpe morreu o primeiro auctor da má tragedia.

3.º A morte de Homero attribue-se igualmente a uma causa singular: a fama faz crer que morrera de pezar 'numa ilha, por não ter podido resolver um enigma que os pescadores lhe proposeram.

4.º Mas Euripides pereceu por um modo mais cruel: voltando para a hospedaria, depois de ter ceado no palacio do rei Archelau na Macedonia, foi accommettido e dilacerado pelos cães: crueldade da fortuna, não merecida por um engenho tão sublime.

(Continúa)

F. P. Santa-Clara.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 7)

XXIII

Continuam as Explicações.

Pede-se ainda, como cousa possivel, que os leitores admittam que o pae de Carlos era intimo amigo do de Ricardo, mas não d'estas intimas amizades dos rapazes de vinte annos, que se quebram por qualquer cousa! Não senhores! era uma amizade sincera e cordeal, provada por muitos obsequios e por muitos reconhecimentos reciprocos.

Ainda se pede que o leitor admitta que o pae de Carlos, tendo vivido pobre e apouquado, nunca fôra pedir dinheiro emprestado ao seu amigo, mesmo porque este não tinha para lh'o emprestar; mas que depois, dando-lhe a fortuna o movimento dos alcatruzes, isto é, subindo o sr. Cunha e Mello muitissimo e descendo bastante o sr. Manuel Pereira de Aboim, aquelle lhe abrija o seu coração e a sua bolsa, e lhe dissera que, visto ter seu filho em Coimbra e já no terceiro anno, era uma pena não levar a carreira ao fim, como estava para lhe acontecer por falta de meios; e que por isso elle se encarregava de lhe dar uma mezadita pequena, mas que assim mesmo servia; porque não tinha seu pae mais do que

* C. L. Calvo.

junctar-lhe alguns productos das suas economias, para sustentar o rapaz decentemente em Coimbra. Assim o negociante Cunha e Mello dava nove mil e seiscentos réis ao filho do decaído procurador, que a esta quantia juntava apenas meia moeda por mez.

Manuel Pereira de Aboim, que estivera para fazer regressar seu filho aos lares patrios por não poder abonar a despeza das meçadas, recebeu tal offerta com os olhos humedecidos de lagrimas de reconhecimento; e Cunha e Mello, que era delicado nos seus offercimentos, respondeu-lhe, que não tinha nada que lhe agradecer, visto que elle ia tambem interessado na proposta que lhe fizera, porquanto, tencionando mandar seu filho para Coimbra no anno seguinte, desejava lá ter um bom veterano para o guiar nos seus primeiros passos universitarios.

Juncte-se a isto que o filho do negociante namorava a filha do procurador, e que, com licença de seu pae, a tinha já pedido. Este projectado casamento, a que Cunha e Mello annua só por ser amigo do seu amigo, e querer fazer a vontade a seu filho, em attenção ás bellas qualidades que na mana de Ricardo suppiam o logar de dote, dava direito ao rehabilitado negociante a olhar pelo andamento da fortuna da familia do procurador.

Ora Carlos sabia tudo isto perfeitamente, e por conseguinte muito delicado fôra, quando, ao censurar o seu amigo, pelo modo escandaloso por que dissipava o dinheiro de seu pae, lhe não lançou em rosto, que delapidava tambem e principalmente a fortuna d'elle.

O rapaz preferiria calar-se se podesse suspeitar que com aquella reprehensão humilhava o seu amigo, e deixaria ir as cousas como iam; mas Adelaide era amiga intima de sua futura, elle obedecia cegamente a esta, e esta fazia o que sua amiga lhe pedia; demais a irmã de Ricardo estava tambem escandalisada com seu irmão, não só por este não escrever a Adelaide, mas tambem por lhe não escrever a ella, e por isso o pobre Carlos fôra aguilhoado pela sua namorada e por Adelaide para reprehender... para corrigir o mal comportado estudante de Coimbra, que esquecia assim irmã e amante, de modo que elle por obediencia vinha resolvido a desempenhar a sua missão de mentor o mais acaloradamente que podesse!

Chegado que foi a Coimbra, e conhecendo a causa da ingratição de Ricardo para a sua amante, que elle estimava como irmã, e para

sua irmã que elle adorava como amante, tentou destruir logo o mal pela raiz, e fez o destempero que se viu!...

Accresceu ainda ás terriveis instrucções recebidas das duas virgens respeitadas outras não menos terminantes de Manuel de Aboim, que, tendo-lhe já chegado aos ouvidos uns certos zuns-zuns, relativos ao mau modo de vida que seu filho estava levando em Coimbra, chamou Carlos á parte e disse-lhe que vigiasse pelo comportamento de seu filho, pois que a elle, como filho de seu protector, mais do que a ninguem cumpria tal mister.

Ora aqui tem agora os criticadores de agua doce!... não estão ainda satisfeitos?... Digam-me se pondo todas estas circumstancias do lado d'uma balança e o grau de bacharel do outro, para que lado penderá o fiel?...

À vista de tão grande superioridade não havia bachareis possiveis, e só se podia lançar em rosto ao terrivel plenipotenciario não ter apresentado as suas credenciaes, e não ter usado de mais diplomacia no desempenho da sua missão.....

Assim pois em santa paz e doce união, ao menos aparente, se fôram passando os dias dos dois amigos sem se fallar mais de Carlota. Esta vinha todos os dias ao anoitecer passar por de baixo das janellas de sua antiga casa, e todos os dias tinha o desgosto de não ver Ricardo, que, saindo com o seu caloiro, recolhia sempre alta noite. Depois entrou algumas vezes nesta casa com o pretexto de lhe trazer alguma cousa, que por engano levára na sua trôxa, num dia era uma toalha d'elle, no outro dia era uma escova... mas Ricardo, tanto era o medo do seu amigo e tão pouca a consciencia de propria força, que nunca se atreveu a falar-lhe!!!

Oito dias se tinham passado!—

Carlota estava sensivelmente mais magra.

(Continúa)

A. M. da Cunha Bellem.

Explicação do logogrifho do numero antecedente — *Panorama*.

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE

Pag. 60, col. 1.ª, lin. 34, onde se lê — temporem, deve lêr-se — temperem.

Pag. 61, col. 2.ª, lin. 20, onde se lê — insulto, deve lêr-se — indulto.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 10

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1859 — DEZEMBRO — 15

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

QUAL O FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR?

INTRODUCCÃO

I

A ordem e harmonia do mundo moral e physico é a esphera da acção dos seres creados. Tendem estes por sua propria natureza ao exercicio de suas forças, e poderes, que, sendo convenientemente regularizados, produzem o espectáculo deslumbrante do justo e do bello.

Porém acima d'estes poderes existe a lei, d'onde dimanam, lei esta, que a razão conhece ser superior a si mesma e a todos os seres da criação.

Da exacta observancia d'estas regras, pela natureza dictadas, resulta a ordem universal.

A cada sêr é dado o cumprir certo fim, debaixo de certos e determinados preceitos, mantendo-se na justa esphera da acção, que lhes foi préviamente marcada.

Estes principios são evidentes, e, por sua propria natureza, os unicos que merecem a attenção do philosopho.

Nós, no estudo da natureza, não temos de occupar-nos senão de forças, poderes, facultades e leis. São estes a unica razão do ser d'aquellas, assim como o infinito o é do finito e contingente.

Que póderá, portanto, satisfazer o coração

e razão humana, se não fôr a lei, origem de todos os poderes?

Aonde se encontrará um principio determinante para os actos humanos, sem offender a sua dignidade, soberania e independencia, senão nas leis moraes, que participam da natureza do ser dos seres? Só assim a razão humana obedece com convicção e consciencia.

Só assim o homem se eleva do mundo sensivel ás elevadas regiões do infinito, em que, desprendido da rasteira condição de sêr material, contempla, attento e desassombrado, a origem e fim unico do seu sêr.

É difficil ao homem o attingir este fim, em virtude da sua duplicada natureza; porém não se póde em boa logica concluir, que todos os actos humanos não devem tender, quanto ser possa, a este resultado sublime. Em summa, a materia deve obedecer ao espirito, e esta ás leis, que pela natureza lhe foram impostas: leis que fazem objecto das sciencias moraes.

São, portanto, sciencias moraes as que versam sôbre as leis, que a natureza impoz ao homem, como origem e fim de todos os seus actos.

11

A razão distingue e classifica estes principios obrigatorios para as acções humanas, em preceitos moraes e juridicos. O homem, sêr harmonico por natureza, deve-o ser tam-

bem em seus actos, regulando-os e coordenando-os, de fórma que provenha a harmonia, em suas faculdades e productos. Para se conseguir este resultado, importa usar de cada uma das faculdades na esphera, que por sua natureza lhe é marcada, não exorbitando d'estas raias; d'outra sorte a confusão e desarmonia seriam consequencias inevitaveis.

A unidade do sêr humano pede e exige a necessidade na variedade dos seus actos, para o que é necessario que estes vão ter em linha recta ao ser, d'onde provieram.

Toda a interferencia directa de qualquer das faculdades no dominio das outras é uma usurpação, uma verdadeira lesão, uma revolta do sêr contra si mesmo.

Porém, no estado infantil da intelligencia humana, pede a razão, que não se conceda uma completa independencia e liberdade áquella ou áquellas faculdades, que não adquiriram ainda o poder de se dirigirem por si.

Esta tutella é reconhecida e garantida pela mesma razão; é a lei da natureza que assim o determina.

Depois, porém, de cada uma das faculdades tomar o desinvolvimento desejado, então devem-lhes ser concedidos os direitos de maioridade; d'outra sorte a tutella se convertia em escravidão. Em as faculdades attingindo este estado de emancipação, não ha razão alguma, por que possa exigir o auxilio, que anteriormente lhe era prestado; têm em si os meios para subsistir, e basta só applical-os. Seria mesmo uma offensa dos direitos de soberania o querer servir-se das outras faculdades, quando chegou a circumstancias de poder obrar por sua propria força. A faculdade protectora no primeiro caso deixa de estar obrigada no segundo; o motivo cessou, e portanto os seus efeitos; sómente o pôde fazer quando as suas circumstancias particulares o permittam.

A sociedade é o homem no maior desinvolvimento de suas faculdades, instinctos e sentimentos. A sua natureza, portanto, não pôde ser differente do individual.

O que deixamos dito em quanto ao exercicio das faculdades humanas, observa-se da mesma fórma no corpo social; tem este po-

deres juridicos e moraes, como cada uma das faculdades para com as outras.

É sempre um unico principio que dirige a sociedade em sua marcha, e que por sua propria natureza se applica de diversas maneiras, segundo as circumstancias sociaes.

Ora este principio moral determinando os deveres do homem para consigo mesmo, e os deveres para com os seus semelhantes, estabelece quaes d'estes deveres fazem objecto do direito, e os que pertencem á moral. Porém, qual o principio que os distingue? No seu resultado final, no seu ponto de união a distincção cessa; porém nos poderes que d'essas leis dimanam, a razão distingue não só a differença d'estas, mas d'aquelles.

Com effeito os homens sendo eguaes em natureza e poderes, têm o direito ao seu desinvolvimento e os proveitos, que d'aqui lhes resultam; não podem portanto haver direitos superiores aos de certa classe de individuos; todos tendo em si forças sufficientes para o proseguimento do seu fim, não ha razão porque se não respeite a propriedade individual.

Porém acontecem circumstancias, em que nem todo o cidadão possui os elementos sufficientes para o cumprimento do seu destino; neste caso os direitos de propriedade devem ser um pouco afrouxados em attenção aos direitos individuaes, e a que a propriedade é um meio para o cumprimento dos deveres; e o socorrer em certas circumstancias a humanidade é tão imperioso, tão manifesto, que não ha poder juridico, que lhe possa obstar.

A distincção do direito e da moral é muito complicada em virtude da diversidade e força das leis moraes, segundo as circumstancias que acompanham os factos.

Comtudo podemos dizer que a lei juridica determina o poder que o homem tem de dispôr da sua pessoa e bens, em relação a terceiros, e os serviços, que lhes é obrigado a prestar, quando visivelmente apparecem d'um lado meios superabundantes, e do outro imperiosas necessidades.

A ordem social pede que estes deveres não fiquem ao arbitrio de cada cidadão, mas que sejam em ultima instancia executados por in-

tervenção da força, e pela applicação d'uma pena.

III

Factos e leis são o objecto das sciencias moraes; e sua analyse profunda o problema que têm a resolver.

Aonde, portanto, procurar a origem, a fonte d'onde provém o direito de punir? Será nos factos ou nas leis? No ser contingente e finito, ou no ser immutavel e infinito? O homem dever-se-ha sujeitar ao mesmo homem, ás suas vantagens, interesses, ou a um principio superior a si mesmo, a um principio divino? A resposta é facil a nosso ver. Não ha poder algum que obrigue o homem a dirigir-se de certa forma, senão o poder divino, ou as suas leis que o representam.

O homem não pôde curvar-se a seus semelhantes, e muito menos aos seres de inferior condição, mas sómente a Deus; só este manda e permite, e os demais obedecem.

Perguntar, portanto, a origem d'onde dimana o direito de punir, é perguntar se ha alguma lei que mude tal poder.

O direito de punir não está, ou não deve estar sujeito aos caprichos dos governantes; pelo contrário, desde os primeiros tempos se tem reconhecido este direito; e portanto não foi invenção filha de mera vontade d'este ou d'aquelle governo, d'este ou d'aquelle povo; mas sim um facto de todos os tempos e logares. Deve haver, portanto, algum principio immutavel que presida a esta variedade de circumstancias sociaes, que as domine com sua força, e dirija com seu poder: este principio é a justiça absoluta de Kant.

FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

Theoria de Kant

L'idée seule d'un constitution civile parmi les hommes implique déjà le concept d'une justice pénale, appartenant à la puissance suprême.

KANT. Remarques explicatives, pag. 218.

A theoria de Kant, apesar do avultado numero de adversarios de suas doutrinas, pare-

ce-nos ser a unica que satisfactoriamente resolve o problema do fundamento do direito de punir. Kant rejeita, e com razão, as conveniencias, interesses, vantagens, e outras tantas palavras vãs, para fundamentar a penalidade; admite sómente a lei moral, ou antes a lei juridica, por base do seu systema. Com effeito poder-se-ha dizer ao criminoso: sujeito-te a esta pena, porque assim convém á sociedade, os seus interesses a reclamam? Não haveria 'nesta sentença uma degradação á natureza humana?

Porém, se em lugar de se recorrer a este vil paralogismo, a sociedade disser: condemnno-te porque a justiça assim o manda, a lei que a todos é superior, a lei divina, pede e exige que soffram esta pena; entendemos que se se lançar mão d'este raciocinio, o réo, submisso e contrito, sujeitar-se-ha á pena infligida. É da natureza das cousas, é a lei da humanidade, é a lei de todos os seres, ainda dos mais inferiores, o ser orgulhoso; sómente se abaixa, quando a superioridade impéra.

O homem de sentimentos e dignidade, o verdadeiro homem só ajoelha perante Deus; se assim não obra, é porque a hipocrisia, a ignorancia e a pusillanimidade, substitue os sentimentos de honra e independencia. O homem é independente e livre; só ao ser supremo obedece. Kant assim o entende, e a sua theoria 'nestes principios se baseia.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

O Discurso, que a baixo publicámos foi-nos remettido pelo nosso amigo Santa-Clara para lhe dar-mos cabida nas columnas d'este jornal, o que fazemos com satisfação. Foi recitado pelo sr. França Bettencourt perante o Instituto de Coimbra, reunido em sessão pública, no dia 24 do corrente, cumprindo assim o que dispõe o artigo 51, § 1.º do Reg. — Eis:

Agradeço ao Instituto a honra da minha admissão para socio; e protesto empenhar minhas fracas forças para satisfazer o compromisso que esta sociedade impõe.

Sr. Presidente, a honra de ser membro do Instituto exige de mim grandes sacrificios, e um d'elles é ter de levantar a voz diante de pessoas tão illustradas, como as que aqui se acham; porém sendo a missão do Instituto

promover o incremento das artes e das sciencias, seu sacerdocio é tão nobre e importante, que vale bem a pena de todo o sacrificio que por elle se faça.

As artes e as sciencias (aquellas, porque principalmente utilisam e deleitam; estas, por que engrandecem o dominio da alma) ambas são as unicas condições que mais concorrem para a nossa felicidade.

Na verdade as artes, quer investiguem no mundo exterior o que se pôde converter em utilidade, quer imprimam na materia força intelligente com o fim de representar ou realisar o ideal, são de natureza taes, que seus productos não só attestam a victoria do homem, alcançada contra a fatalidade com que o mundo exterior nos ameaça destruir; mas preparam toda a sorte de commodidades e gozos razoaveis, que podemos alcançar 'neste estado de miserias.

E se as artes procuram o nosso bem estar nas suas relações para com o mundo da materia, as sciencias nol-o asseguram em relação para com uma ordem de cousas superior, onde têm seu complemento todas as grandes aspirações.

Por quanto, desejando o homem o socêgo de sua consciencia e as doçuras e vantagens, que lhe fornece a sociedade, é então que a sciencia lhe offerece os principios ethicos e psychicos, com que é dada a paz á consciencia; são destruidos os antagonismos sociaes e é restabelecida a ordem e harmonia entre o individuo e a familia, a familia e a nação, a nação e a humanidade.

Rodeados de innumeraveis e mysteriosos phenomenos, com que a natureza continuamente nos provoca a curiosidade cognosctiva temos o insaciavel desejo de perscrutar todas as cousas; e a sciencia pelo methodo physico nos descobre maravilhosos segredos.

A alma, tendo de sua natureza uma força de dilatação intellectual, acha-se encerrada e opprimida em limites demasiado estreitos, como é o corpo humano; e a sciencia pelas fórmulas mathematicas lhe satisfaz esta tendencia, porque resumindo o tempo, e abrindo aos olhos da intelligencia um espaço indefinido lhe dá a representação do universo.

O homem sente emfim no *eu* e no *não eu* uma força viva, sempre intelligente, sempre poderosissima, a qual derrama luz na consciencia a belleza no mundo physico e moral, opéra em toda a parte, convidando-nos por sua gloria exterior a gozos sem fim; e a sciencia

theologica, pelos principios, de que dispõe, lhe indica os meios de satisfazer o fim celestial.

Taes são algumas das nobres aspirações, cuja satisfação está na sciencia, que, abrindo para nós o mundo das realidades, e dando-nos a intuição pura da verdade, produz em nós esse entusiasmo scientifico, que obrigou Kepler a curvar-se respeitoso em face do infinito.

Senhores, eis ahí a missão das artes e das sciencias, cujo incremento o Instituto promove; se essa missão é grande e nobre; se é honrosa e merece vossos cuidados, ainda á custa de sacrificios, dizei-o vós, porque eu, julgando-me feliz com a realidade d'esta honra, só me resta acabar por onde comecei, repetindo o meu reconhecimento pelas memorandas palavras do Epico Romano:

Dum memor ipse mei, dum spiritus hos reget artus,
Sempre honos nomenque tuum laudesque manebunt.

Antonio João de França Bettencourt.

LYRIO DO VALLE

'Num valle assim flor mimosa

Quem já mais no mundo achou?

Lindo lyrio côr de rosa,

Que abre só quando en lá vou!

Que sympathica florinha!

Se visseis como sósinha

A pobre vive e feliz!

Vive sósinha e contente

Passando vida innocente,

Ou máguas nenhumas sente,

Ou, se as sente, não m'as diz.

Segunda-feira, ao sol posto,

Que me ha de á ideia vir?

Il-a vêr; e tive o gosto

De a encontrar a dormir.

Tinha as petalas unidas

E 'numa fenda escondidas,

Que alli mesmo a rocha tem:

—Dormes? digo: das-me um beijo?

Dormes? dormes?—Quando a vejo

Abrindo... abrindo... e com pejo

Suspirar «tu... mais, ninguem!»

João de Deus.

Tendo sido mimoseados com a poesia, que abaixo publicámos, cumpre-nos consignar aqui nosso sincero agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. A. P. Zagallo. As columnas da *Estrea* devem parte de seu brilho á preciosa penna de Sua Ex.^a, que cuidadoso, a despeito de sua idade avançada e trabalhos clinicos, jámais esqueceu auxiliar-nos e alentar nosso proposito.

A DÚVIDA

Para do homem	De Tito assumes
Fazer-se ideia,	O nome ás vezes,
Qualquer estudo	Quando a virtude
Futil se creia.	Acólhas, prézes.
Seu organismo	Ora Epicuro,
Tão complicado,	Ora Platão,
Mysterio envolve	Prendem, seduzem
Não decifrado.	Tua razão.
Do ser moral	Ora nas graças
Cogitaremos,	De Cytheréa
Quando seu órgão	Lanças tua alma
Mal conhecemos?	De fogo cheia.
Por modos mil	Ora te elevam
Extravagantes,	Iras de Marte,
Decentes, graves,	Que vão de louros
Ou petulantes;	Engrinaldar-te.
Por longa serie	Do vicio infame
De anomalias,	Nos lodações,
De contrasensos,	Oh! quantas vezes
De phantasias;	De rójo caes!
Se manifesta	Se me afadigo
O sêr moral,	Por conhecer-te,
Propenso sempre	Por fim desisto
A julgar mal.	De comprehender-te.
Não te comprehendo,	És um abysmo
Homem variavel,	Vasto e profundo;
Ora piedoso,	Oh! quem te sonde,
Ora implacavel.	Não ha no mundo!
Livre te chamas,	Nada consegue
Bruto, ou Catão,	Minha fraqueza;
Ou és sectario	Nisto é culpada.
Da escravidão.	A natureza.
Quando a vingança	Tu, que és materia,
Teus passos guia,	E intelligencia,
De Nero arrogas	Enche os destinos
A tyrannia.	Da Providencia.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

A INFANCIA

Da vida aurora, da pureza idade,
Quadra de graças, de candura acervo,
Risonha infancia, estação sympathica,
Eu te saúdo!

Teus lindos sonhos, teu scismar insonte,
São sempre puros, como é pura a mente
Que d'este mundo não conhece os males,
Nem os practica.

Cuidado todo, que te prende essa alma,
É do teu corpo redobrar as forças,
Sugando a vida nos maternos peitos
Fontes de nectar.

Tu mil caricias, com singelo riso,
Ternas meiguices, com teu rosto alegre,
Fazes á mãe, que, com seu leite e beijos,
Te vae nutrindo.

Qual mariposa, tu, se a luz divisas,
Logo a pupilla de teus lindos olhos
Volvendô a ella, mui attenta admiras
Os seus fulgores.

Depois, c'os braços acenando, anheias
Á luz chegar, e, com as mãos mimosas,
Esse attractivo, que te enleva tanto,
Cerrar presumes.

Mysterio occulto 'nesse olhar se encerra!
Talvez que seja porque ao céu as luzes
A chamma elevam e tua alma candida
Ao céu aspira?

Talvez que seja...! porque tu, infancia,
Na terra habitas, mas ao céu pertences:
Ditosos anjos os que em ti a vida
Terrestre acabam!

Oh! quem me déra, encantadora idade,
A ti voltar, e de innocencia a posse
Gozar, sómente por ligeiro espaço,
E morrer logo!...

Elvas

M. J. Pires.

FRAGMENTO

..... E a meiga virgem
Com mimo angelical a mão lhe estende.
O mancebo tomou-a, e duas lagrimas,
Que, do peito arrancadas, breve instante
Nos olhos lhe bailaram, lentamente
Foram 'nella cahir amargas, tristes.
Depois... como se os labios se abrassem
Ao passar das palavras, que dizia,
Responde em voz sumida á moça absorta:

«Não posso amar-te! Regelado, inerte,
Meu seio, outr'ora tão ardente está.
Não posso amar-te! O coração não pulsa,
Não tem d'amor um sentimento já.

Não posso amar-te!—Ao despontar da vida,
Sentindo o mundo para mim sorrir,
Traição maldita me cravou no peito
O agudo espinho d'um atroz pungir.

Amei, donzella!—e a mulher, que amava,
Jurou-me—falsa—que era minha só...
Jurou... mentiu-me! que d'amor as creanças
A uma e uma me desfez sem dó.

E eu fui nos braços das mais vís mulheres
Pesado somno para a dôr buscar;
Tentei ás trevas do profundo olvido
A imagem sua para sempre dar.

Deu-me a impudencia enganadora taça,
Onde eu corri com avidéz beber...
Bebi... bebi... e trasbordou-me o seio
Co'o phyltro amargo de venal prazer...

Mas vejo-a sempre! Que a memoria nossa
É dom, que Deus em seu furor mandou;
Talvez creada nas celestes varzeas,
No mais impuro tremedal rolou...

Passou-se o tempo—e da paixão calcada
O intenso fogo se extinguiu por fim;
Porém, morrendo, calcinou-me o seio,
Que o amor não pôde germinar em mim.

Inda por outras encontrei dispersos
Vagos reflexos do primeiro amor;
Mas ténues, frouxos, similhando restos
Mal apagados de um antigo ardor.

Porém, amar como n'outr'ora amára,
De certo, virgem, nunca mais verás...
Primeiro á vida voltaria o morto,
Florira a planta, que sem viço jaz!

E é agora, oh anjo, que offertar-me vinhas
Teu casto amor: a tua ardente fé!
É tarde! É tarde! — As illusões murcharam,
Nem uma esp'rança conservei de pé!

É tarde! É tarde! — Já não posso amar-te!
Não posso as tuas affeições pagar!
Não posso á tua entrelaçar minh'alma,
Não tenho em troca um coração p'ra dar!

Oh! vai-te! vai-te! que teu peito amante
Merece um peito com equal paixão...
O meu é morto! — As decepções gelaram-n'o!
Não posso amar-te, linda virgem, não!...

Eugenio de Barros.

DA FELICIDADE*

Adduzimos superabundantes exemplos da instabilidade da fortuna; de seu favor constante escasseiam as provas: d'aqui depreheende-se que pródiga, por inclinação, na distribuição dos males, sua mão, raras vezes, sabe doar venturas. Encarregando-se, porém, de esquecer sua malignidade em prol d'um válido, accumulou bens, sôbre bens magníficos, duradouros.

1.º Assim vejâmos por que serie de beneficios, não interrompida desde o primeiro até ao ultimo dias da vida, se elevára Q. Metello ao apogeu da prosperidade. Quiz a fortuna dar-lhe nascimento na primeira cidade do mundo; sortear-lhe paes de origem nobilissima; ás eximias qualidades de seu espirito associar forças corporaes, que o fortalecessem nos trabalhos e fadigas; unir-lhe uma esposa, cujo nome nobilitaram a virtude e fecundidade; liberalisou-lhe a honra do consulado, o poder de general, e a pretexto de triumpho mais luzido; permittiu-lhe ver, na mesma conjunctura, tres filhos consulares, e ajuda elevados um á gloria de censor e do triumpho, o quarto á pretoria; dar em casamento suas tres filhas e cerrar sôbre seu seio uma feliz descendencia. Tantos nascimentos, berços e togas viris; tantos fachos nupciaes; tantas dignidades e commandos, e finalmente o verdadeiro motivo e talisman de congratulação! Entretanto nenhuma morte, nenhum gemido e causa de tristeza. Elevae o pensamento á morada dos deuzes, e não vos será facil achar ahí equal felicidade, pois os melhores poetas

* Tradução litteral das obras de Valerio Maximo.

assignam-lhes no peito o amargo das penas e da afflicção. A esta feliz vida correspondeu o fim, porque Metello, já de extrema velhice, docemente morre sob os osculos e entre os braços de seus dilectos parentes; seus filhos e genros, levando pelo interior de Roma o feretro sobre seus proprios hombros, deram-lhe descanso eterno na pyra.

2.º Eis uma felicidade illustre; referirei outra, mais obscura, mas preferida pelo voto d'um Deus. Quando Gyges, que occupava altivo o throno da Lydia, imperio rico e poderoso, foi consultar Apollo Pythio para saber se existia sobre a terra algum mortal mais feliz; o Deus, respondendo-lhe do escuro fundo do santuario, designou-lhe Aglao de Psóphis. Nenhum Arcade o excedia em pobreza; e, não obstante sua avançada idade, já mais ultrapassára as raias do seu pequeno campo, vivendo contente entre as produções e prazeres d'este estreito dominio! Apollo, neste sabio e sagaz oraculo, fez a pintura fiel d'uma vida bem-aventurada; e porisso accrescentou a Gyges, que ostentava insolente o brilho de sua fortuna «Estimo antes um tugurio, pois aqui a segurança traduz seu riso, do que o palacio, onde tumultuam os cuidados e os remorsos; prefiro escassas glebas, cultivadas sem perigo, ás fertéis campinas da Lydia, cuja posse concentra as inquietações; uma ou duas juntas de bois, e de facil guarda, aos exercitós, armas e cavallaria, cujas despezas e sustento devastam os paizes do seu theatro; a simples provisão de cousas necessárias á vida, e exemptas da inveja, aos thesouros, incessantemente expostos ao insidioso ardid da cubiça.» Assim Gyges, quando esperava que o Deus partilhasse sua vã opinião, soube em que logar residia a felicidade solida e pura.

(Conclúe) F. P. Santa-Clara.

NOTICIA SÓBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do numero 5)

VII

Principios dos successos de Gil Fernandes, o Bom, ou Gil Navalha

Depois da morte de D. Pedro I subiu ao throno seu filho D. Fernando, o Remisso; e no seu reinado entraram as guerras em Portugal. Era então Elvas governada por Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, e neto de Gil

Laurenço. Este Gil Fernandes, saindo a seu avô nas condições e ardileza, fez muitos e bons feitos. Sendo ainda moço e sem tactica alguma militar, reuniu, entre parentes e amigos, settenta homens de armas, e quarenta de pé; e, penetrando em Castella, apprehendeu grande porção de Castelhanos e gados, que, valorosa e ardeiramente introduziu em Portugal. A tradição affirma que a razão por que Gil Fernandes fizera esta tão arriscada entrada em Castella, foi porque os Castelhanos tinham levado do termo d'Elvas quantidade de gados, de que succedeu não poderem, porisso, os lavradores cultivar as terras.

Logo que Gil Fernandes chegou com a sua tão grande presa, mandou chamar os layradores a quem os Castelhanos haviam roubado o gado; e lh'o deu em duplo.

Condemnando alguns a sua liberalidade, defendeu-se, dizendo: «Eu não sou capitão para me aproveitar das presas que faço; mas sim para indemnisar e defender o meu povo; se a presa não é bastante, em Castella ha ainda gados, e em mim brio para os ir buscar.» Por esta e outras famosas acções adquiriu o epitheto de *Bom*.

Sobre estes primeiros successos vejam-se as chronicas d'el-rei D. João I, aonde tractam d'este valoroso capitão, que, por estar já escripto, por brevidade omitimos, deixando de referir n'este capitulo outras façanhas, por querer seguir a ordem chronologica.

(Continúa) M. J. Pires

PORTUGAL E A CASA DE BRAGANÇA

Sob este titulo acaba de publicar-se em Paris um livro da maior utilidade para todos os portuguezes, devido ao zelo e intelligencia do nosso patricio o Sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

É o 1.º volume das — *Contemporaneos Portuguezes, Hespanhoes e Brasileiros*.

Esta valiosa obra escripta, com a mestria d'um classico, no idioma francez, que tende cada vez mais e que virá talvez um dia a realisar o bello sonho de muitos philosophos, a *linguagem universal*, va percorrer os dois mundas, e collocar-nos na altura, d'onde infundadas noticias e informações superfluas e erroneas nos tinham deposto; e do que infelizmente resultou a desconsideração de Portugal perante a Europa.

Tal é o serviço que o Sr. Teixeira de Vasconcellos presta ao seu paiz com a publicação do — *Portugal e a Casa de Bragança*.

Neste livro, á maior veracidade historica, que revella boa cópia de conhecimentos archiologicos da parte do seu auctor, allia-se naturalmente um estylo facil, meliúo e aprazivel que nos attráe irresistivelmente e faz com que aquelle que começa a lér a sua primeira página, vá por diante e a custo o deixe. A este respeito a *Opinion Nationale*, jornal de Paris, assim se expressa: «A sociedade Iberica acaba de publicar o *Portugal e a Casa de Bragança*... escripto em francez pelo Sr. Teixeira de Vasconcellos, membro do Congresso estatístico de Paris, em 1855. É uma obra importante a todos os respeito, e de tanta utilidade para o estadista, como indispensavel aos capitalistas, aos banqueiros, aos industriaes e aos negociantes. Os litteratos encontrarão alli um bom numero de páginas, que directamente lhes interessam. O auctor já em 1844 era notado, pela *Revue des Deux Mondes*, como um dos mais notaveis publicistas de Portugal.»

Ao que acrescenta o *Sidcle*: «Com o titulo de *Portugal e a Casa de Bragança*, um escriptor estrangeiro, que maneja a lingua franceza como os discipulos de Mr. Cousin, acaba de publicar um volume muito interessante. O sr. Teixeira de Vasconcellos pede modestamente no seu prefacio a indulgencia dos leitores, mas não tem precisão d'ella: o lisongeiro acolhimento feito pelos jornaes europeus já lh'o tem demonstrado.»

Ha poucos dias escrevia o *Jornal do Commercio*: «Das melhores auctoridades e das melhores fontes colligi o auctor tudo o que respeitava á historia nas suas differentes expressões, mostrando-se superiormente entendido e instruido da indole e caracter das nossas antigas instituições, e não menos versado em muitas particularidades verdadeiramente locais.»

Quando a imprensa nacional e estrangeira engrinalda o — *Portugal e a Casa de Bragança*, com seus justos e bem merecidos encomios, não nos pareceu fóra de proposito recommendal-o aos leitores da *Estreia*, a esta geração nova em edade, talentos e rica de aspirações grandiosas, que cresce e avulta cada vez mais á sombra da veneranda universidade de D. Diniz, onde vem colher, com o cuidado proprio de homens livres destinados ao serviço da patria, os thesouros que irá depois com mão larga, generosa e salutar, espargir na sociedade, lançando todos e cada um, como o ho-

mem do Evangelho, a sua pedra no monumental edificio da civilisação.

Para ella é este livro do mais palpitante interesse. Desgraçadamente, custa a dizel-o, mas é verdade — sabemos muito mais dos paizes estrangeiros do que do nosso. Esta falta é consideravel: o *Portugal e a Casa de Bragança* vem em boa parte suppril-a. É lel-o e medital-o.

Por ultimo transcrevemos as bellas expressões do illustre escriptor sobre o futuro de Portugal. — «L'avenir du Portugal ne dépendra que de lui-même. En dehors de la voie que lui est assignée par sa position géographique et par ses ressources, il ne trouvera que le malheur, la décadence, et l'impossibilité de se mettre à la hauteur des premières nations par le développement de la civilisation, et au niveau des puissances de son rang par sa force réelle et spéciale. Une fois parvenu à ce degré de renouvellement, d'autres horizons plus vastes lui seront ouverts, et Dieu sait jusqu'à quel point pourront s'élever sa prospérité et son influence raisonnable dans les conseils de l'Europe.»

São estas tambem as nossas ideias.

Novembro — 1859

M.

CHARADAS

Sou arbusto prestadio	}	2
E até medicinal;		
O limpar é meu effeito		
Sem produzir algum mal.	}	2
Seja boa ou seja má,		
Sé 'nam perigo s'estiver		
Nella busca salvação		
Quem ás costas muito quer.		

Região da zona torrida

Por seus rios conhecida;

A côr negra é a dos indigenas,

Lei de Mafoma a seguida.

É de páu, — 2

Agua é; — 2

Tambem canta

O *libera me*.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 11

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral

Vol. II

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Covello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — JANEIRO — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

Theoria de Kant

(Continuado do numero 10)

Primeiramente a justiça de Kant é appellada pelos seus adversarios de justiça absoluta. Vejâmos o que significam estas palavras.

São de opinião os escriptores adversos á sua theoria, que Kant entende pela palavra justiça, os principios ou leis moraes em si, no ideal da razão, sem attender ás conveniencias, vantagens e fins sociaes; e porisso appellidam estes principios de absolutos, isto é, principios que não se ligam ás circumstancias particulares da sociedade, principios abstractos.

Com sinceridade e sem animo offensivo aos grandes escriptores, que assim pensam, dizemos que é falsa tal interpretação.

Kant escreveu um livro de philosophia de direito, e porisso não tinha logar o occupar-se das suppostas *modificações* aos principios em si verdadeiros. Apesar d'isto admite¹ o direito estricto e o direito largo, ou de equidade, e o direito de necessidade; porque, diz elle: — *La necessité n'a pas de loi. Ha outros logares*² em que desmente os seus adversarios.

O que Kant quiz foi fundamentar o direito de punir, na lei juridica, e não nas circumstancias em que ella se applica, que se podem considerar como causa occasional para a applicação das mesmas leis, mas nunca como ori-

gem de direitos. As leis juridicas são diversas, ainda que na sua origem se unam e confundam na mesma natureza, e porisso applicam-se segundo o estado da sociedade o pedir. Mas não se queira d'aqui deduzir, que o estado particular é a origem do direito; a fonte é a lei, em todos os casos que se appresentem. Eis o que Kant entende e expõe.

Portanto, se pela palavra justiça *absoluta* se quer entender a justiça desligada das circumstancias, applicavel a todas e quaesquer; dizemos, tal interpretação é destituida de fundamento.

Kant, vivendo n'uma epocha, em que o sensualismo inglez tinha tantos proselytos, fez um serviço irremuneravel, elevando a philosophia até á Divindade; para d'aqui descer com segurança até ao homem. Não se contentou com as simples impressões dos sentidos, deu um vôo mais alto, aonde se pode firmar, para d'ahi combater os desvarios da sua epocha.

Que ponto de apoio mais solido, que o mesmo Deus, ou as suas leis, que o representam?

Porém, é um mal, sem ser *pena*, que acompanha quasi sempre os grandes genios, que dão um passo mais largo, que a sociedade em que vivem, o serem despresados, e de resuscitarem sómente, depois que a sociedade, reflectindo mais de pensamento, conhecer o mal, que fizeram, e o bem, que despresaram. Esta ultima sorte esperam as doutrinas de Kant emquanto ao fundamento do direito de punir.

Quasi todos os escriptores refutam sua theoria; e nós, apesar de faltos de recursos, não deixaremos de pugnar pela verdade, de que intimamente estamos convencidos.

¹ Appendice á introduccão da doutrina do direito: pag. 49 e 51.

² Idem, pag. 203. Si pourtant, etc.

Diz-se que a theoria de Kant vai restaurar o tremendo tribunal da inquisição, e confundir a justiça divina com a humana.

Uns censuram a Kant por dar ao direito uma esphera muito larga, entre os quaes podemos citar Belime e o sr. Ferrer; outros, porém, dizem o contrário, que a esphera juridica vem resumir-se na esphera da moral!

O que d'esta contradicção se conclúe, é que a theoria de Kant, sendo o meio termo 'nestas duas opiniões exclusivas, é a unica verdadeira.

Diz Kant que os projectos e vicios mais criminosos não estão na esphera do direito, emquanto elles se não manifestam por actos nocivos á sociedade; e que os homens só podem limitar sua liberdade, emquanto se attenta contra a sua. Como poderemos acceitar a opinião dos que affirmam, que pela theoria de Kant se podem condemnar os actos internos, que ainda não se revestiram da exterioridade, quando expressamente diz o contrário?

A nosso vêr, a confusão provém da interpretação, que se pretende dar ás seguintes palavras que este escriptor escreve a paginas 188.

«Sa peine ne peut jamais être durété simplement comme un moyen d'arriver à un bien, soit au profit du criminel lui-même, soit au profit de la société civile, on ne doit jamais la lui appliquer que parce qu'il si est rendu coupable.» Concluem d'este bello pensamento, que, se é permittido punir-se porque o individuo se tornou culpado, ou commetteu um mal: da mesma sorte é culpado e commette um mal o que não cumpre os deveres puramente moraes, e portanto merecedor d'uma pena. Em primeiro lugar confunde-se a origem ou fundamento do direito de punir com a razão da pena; Kant falla do motivo do direito de punir sómente. De mais o motivo, por que a sociedade pune, não deve ser a offensa feita á lei moral, ou antes lei juridica?

O argumento adduzido péca por confundir-se o mal juridico, o que Kant distingue perfeitamente, como já notámos.

Entendemos que se deve punir porque se commetteu o mal, offendendo-se a lei juridica; não se pune (como Kant admitte), todo o acto malevolo, mas sómente os actos externos violadores da ordem juridica. Quem applicar uma pena, porque assim convém, ou interessa á sociedade, converte o homem em meio para os fins dos outros, e viola a soberania humana. Em summa, o homem só póde obrar, e ser obrigado por um principio ou lei a si superior, tudo o mais não é sufficiente

para determinar os actos humanos; portanto, o motivo por que se castiga o criminoso não póde ser outro, além da offensa a esse principio ou lei.

Admira-nos que, sendo a theoria de Kant tão explicita a este respeito, tenha tantos adversarios.

Kant não diz que o delicto seja toda a violação de ordem moral, mas sim da ordem juridica.

Se alguma censura merece Kant é em ser exterior em excesso. Diz-se mais, que por esta theoria se mostra, que a violação da justiça é um mal, mas não que haja porisso direito de punir.

Se o mal, como acabámos de mostrar, é um mal juridico, as penas, para irem em harmonia com o delicto, devem ser tambem juridicas; isto é, devem ser taes que desfaçam completamente, ou o mais que fór possivel, o mal causado.

'Neste argumento equipara-se o mal moral interno ao mal juridico externo; o que, como dissemos, Kant distingue, e os interpretes confundem.

Finalmente, argumenta-se que a theoria d'este escriptor é falsa, porque chegou a consequencias absurdas.

Respondemos, que por as consequencias serem falsas, não se deve concluir que o sejam os principios; quanto mais que é questão se se devem ou não admittir algumas das consequencias que elle deduz.

Se nos tivéssemos de decidir pela auctoridade, estamos em dúvida, qual opinião seguiriamos; como, porém, a questão é de direito e não de facto, porisso damos mais peso aos argumentos, que ás auctoridades, não deixando de reconhecer que a par dos defeitos das theorias contrárias, ha algumas verdades que devemos aproveitar.

(Conclúe) B. d'Albuquerque e Amaral.

DIFFERENTES THEORIAS SOBRE O FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR

«Toutes les théories du droit de punir, tel qu'il est exercé par la société, peuvent se ranger sous deux chefs; celles qui remontent á une principe moral, celles qui ont pour base unique un fait, un intérêt matériel; ou d'autres termes, les unes remontent au juste, les autres s'arrêtent á l'utile; les unes sont filles

du spiritualisme, les autres du matérialisme. Rossi, *Traité du Droit pénal.*»

Attenta esta classificação, qual das duas theorias, qual dos dois principios deveremos adoptar? O materialismo ou espiritalismo?

Ao espirito compete mandar, e á materia obedecer. Só assim teremos a harmonia humana e universal.

Na classe das theorias do primeiro genero, costumam os escriptores collocar a da defesa directa e indirecta. Nós, porém, não somos d'este parecer, porisso que uma cousa é a indagação da origem do direito de punir, e outra é a pessoa ou pessoas d'onde dimana o mesmo direito.

Estabelecido o principio de que o direito de punir existe, a questão de saber a quem elle pertence é puramente do direito publico, e não do direito penal. Demais as theorias da defesa directa e indirecta são ociosas, sem applicação alguma, apenas apropriadas para entreter os espiritos d'outras épochas, mas que hoje devem ceder o campo ás altas questões de philosophia, cujo objecto é real e verdadeiro.

Hoje ninguem contesta que o direito de punir é legitimo, e que a ninguem mais pôde pertencer senão ao Estado, e que sómente em casos excepcionaes se pôde recorrer ao direito de defesa individual. Para que, portanto, indagar se este direito de punir é o mesmo que o de defesa; se aquelle em virtude do estado social, unico estado humano, é differente d'este?

A sociedade distingue estes dois direitos; e como não temos de recuar para esse estado de barbarismo d'outras épochas, antes a união social tende a tornar-se mais vigorosa, é inutil e prejudicial o gastar tempo com theorias vãs.

O sensualismo, ou a utilidade como principio e fim de nossos actos, foi vivamente defendida por Aristoteles e Epicuro, na antiguidade; e por Thomaz Hobbes e Bentham na idade moderna; está hoje, porém, completamente derrotada pelo espiritalismo. Apesar d'isto ainda apparecem vestigios da antiga escravidão, que só a acção do tempo poderá extinguir. Muito podem os costumes inveterados!

Pretendem ainda alguns que a utilidade bem entendida pôde considerar-se não só como o fundamento do direito de punir, mas até de todos os nossos actos!!!

Este modo de pensar é mais terrivel para a humanidade, do que a theoria de Bentham e Hobbes. Para estes sim, para estes os raios do vaticano. Só assim poderão mudar de sua marcha impolitica e irreligiosa.

Hobbes e seus correligionarios sujeitavam todas as nossas acções ao cumprimento de nossos desejos, e de nossa vontade, ainda a mais desregrada; porém aquelles com a ajustada capa da religião e da lei fazem converter, não o homem, como estes, mas sim as leis moraes e a religião para sua utilidade!

A differença que existe, é que estes são desprovidos da habilidade sufficiente para poderem calcular até que ponto devem satisfazer seus appetites e necessidades; e aquelles mais experimentados em artimanhas pensam, antes de emprehender.

O homem é um sêr finito, que desaparece perante Deus, ou as suas leis, que o representam. Como, portanto, fazer servir o infinito, a Deus, para o cumprimento de nossos fins finitos?!

Se os philosophos apregoam em voz alta, que o homem não se pôde servir dos seus semelhantes, como condições para seus fins; porque assim se destroe a dignidade humana: por que motivo, com que fundamento servirem-se de Deus para alcançarem vantagens e utilidades?! Fallecem-nos expressões para desenharmos bem ao vivo esta theoria de hypocritas e fementidos; porisso deixemos fallar o philosopho dos philosophos.

«Le concept du devoir, dans toute sa pureté, n'est pas seulement, sans comparaison aucune, plus simple, plus claire, plus saisissable et plus naturel pour chacun dans l'usage pratique que tout le motif tiré du bonheur; mais au jugement même de la raison la plus vulgaire, s'il se présente à elle dégagé de tout mobile intéressé, si même il lutte devant la volonté de l'homme contre quelque mobile de ce genre, il est beaucoup plus puissant, plus insinuant, et promet plus de succès». — KANT — Des rapports de la théorie et de la pratique.

B. d'Albuquerque e Amaral.

QUAL A DIFFERENÇA ENTRE O DIREITO CIVIL E PENAL?

A unidade das leis moraes é o fundamento e o criterio da moralidade ou immoralidade, e da justiça ou injustiça das differentes leis humanas; a unidade do Creator o prova e evidencia.

As differentes applicações do mesmo principio juridico, segundo as relações e circumstancias sociaes, e a limitação da nossa intelligencia, que não pôde proseguir em racion-

nios mui complicados; exigem a separação e distincções do mesmo principio segundo a diversidade de sua applicação.

Attendendo a isto, divide-se o direito em público, administrativo, civil e commercial, Pertencerá o direito penal a alguma d'estas classificações? O direito penal tem uma natureza propria e distincta de todos estes direitos; é a egide sob que todos se soccorrem; mas que porisso não deixa de ser differente de cada um d'elles, como o tutor, apesar de sua união com o tutelado, formando uma só pessoa, conserva um character proprio e privativo.

Não o fazemos, por consequencia, pertencer nem ao direito público, nem particular; porém, em caso extremo, não seguiríamos o sr. A. Teixeira de Freitas, que faz pertencer o direito penal ao direito civil!

A harmonia das leis juridicas é o fim de todo o direito; porém, sendo o homem um ser livre e tambem um ser voluntario, nem sempre obedece ás leis, a que como ser racional tem de se sujeitar; e sendo justa a reparação d'esta harmonia e o seu restabelecimento, é tambem justa a lei que obriga os seus subditos ao cumprimento exacto de suas disposições e em último recurso, impondo castigos, sem os quaes a ordem moral se não podia restabelecer; dizemos ordem moral, porque, se a ordem social não fór um extracto fiel e exacto d'aquelle principio regulador, a ordem cessa e a desharmonia apparece, se não aos olhos do vulgo ignorante, ao menos ao philosopho.

Portanto, o direito civil e criminal tendem ambos a coagir os individuos á observancia de seus decretos; differindo comtudo nos processos e em resultado proximo que têm a conseguir.

Aquelle emprega a sua coacção a fim de restituir o que faz objecto dos direitos d'outrem, e que injustamente possuía; emquanto que este corrobora, vivifica estes preceitos, e os das mais leis pela applicação d'um mal; aquelle attende antes á satisfação material, e este á satisfação moral; aquelle, finalmente, diz respeito sómente ao individuo lesado, e este abrange tambem a sociedade, que indirectamente foi offendida pelo crime commettido.

São estes os pontos de separação entre o direito penal e o direito civil, assim como com os outros ramos do direito.

Apezar d'estes pontos de separação, não é possível, o distinguir completamente estas duas especies de direito; em virtude da sua natureza complexa.

Estamos convencidos de que será impossi-

vel, apezar do aperfeiçoamento da sciencia do direito, o distinguir totalmente os seus differentes ramos; porisso que o homem não pôde separar o que a natureza uniu; o mais que se pôde obter, é ampliar o horizonte visual, até se confundir com o racional, ultimo desideratum das investigações humanas.

B. d'Albuquerque e Amaral.

APOLOGIA DO HOMEM

II

(Continuado do n.º 8)

Porque é social o homem só porque é homem, e sendo por outro lado moralmente bom o ente, que é social, o homem é inclinado ao bem pelo simples condão da sua natureza. Os attributos divinos alliados em relação á criação; o aspecto do universo, que se inclina respeitosa e com toda a sua magestade, deante do homem; as páginas da historia, em que se acham indelevelmente gravadas as acções generosas da virtude, da honra e da abnegação, quando esta é um empecilho ao trilho da elevada senda indigitada á humanidade, são documentos vivos e testemunhos irrefragaveis da tendencia moral do homem para o bem.

A verdade, porém, não se divisa immediatamente do modo sobredito, é mistér que analysemos o homem em si mesmo, e principalmente nas faculdades, que compõem o seu espirito; pois que é pelo conhecimento distincto de seus elementos immateriaes, que mais facilmente nos compenetrámos de sua natural propensão para a bondade em geral, e especialmente para a bondade moral ou a virtude.

Em conformidade com este plano, que nós propomos, dividiremos as faculdades da alma em tres cathogorias, comprehendendo a primeira a sensibilidade, com todas as suas modificações; a segunda a intellectualidade, procedendo no conhecimento da natureza physica e moral, por todos os modos possiveis; e a terceira a actividade em todas as suas fórmulas de produção e effectos. Com este methodo tentaremos a tendencia de cada uma das faculdades, em si ou absolutamente, e alfim demonstraremos como é que ellas constituem entre si um certo principio, resultado harmonico das tendencias, o qual exprime evidentemente, que o homem é um ser dotado d'uma natureza flexivel, docil, essencialmente progressiva e boa.

(Continúa)

J. Machado Cabral.

A ROSA

(TRADUÇÃO DO FRANCÊS DE CASIMIR DELAVIGNE)

Da aurora aos primeiros raios

Uma rosa o seio abria;
 Nas tenras folhas fulgia
 Pranto que a manhã chorou;
 Quando a vi do orvalho ao péso
 Tristemente estar pendida,
 Um momento a alma illudida
 Que ella sentia julgou.

— «Porque choras, rosa tímida,
 Que desgosto vem curvar-te?
 És amada em toda a parte,
 Nos jardins não tens rivaes...
 Que desgraça então te afflige?
 Aos prazeres consagrada,
 Se da hastea és separada
 Das bellas p'ra o seio vaes.

És buscada com delicia
 Como entre as flores mais bella...» —
 E agitando o calix d'ella
 Os seus prantos saccudi...
 Ai! minha mão temeraria
 Ao tocar-lhe a rosa esfolha,
 E na terra, folha a folha,
 A pobre desfeita vi!

—Comnosco o mesmo succede—
 O que deseja, indiscreto,
 Consolar pezar secreto,
 Vae o mal tornar maior;
 Em vez de dar o conforto,
 Que um pungido peito exige,
 A sua piedade afflige,
 Mais augmenta a occulta dor.

Coimbra, 2 de Dezembro de 1839

Eugenio de Barros.

A pedido do nosso amigo e condiscipulo M.
 J. Vieira transcrevemos do *Funchalense* a se-
 guinte poesia:

O CONVENTO DE S. FRANCISCO

Deserta Igreja, onde outr'ora os cantos
 A Deus se ergueram e orações singelas;
 Deserta Igreja, que é dos teus encantos,
 Ricos altares e douradas telas?

D'homens piedosos que do chão te ergueram,
 E 'nessas campas olvidados jazem,
 Recinto augusto profanar quizeram
 Os que de Christo sancto nome trazem.

E trazem nomes dos que ahí repousam,
 Nomes queridos d'esta pobre terra;
 E assim profanam, insultar té ousam
 O templo e os manes que este solo encerra!

Mas ah! de Deus a maldição cahiu,
 Da ira o calix trasbordava já;
 D'indignos monges o viver impio
 Por mão de fogo fulminado está!

Porque ambiciosos, na fraterna lucta,
 Aos lusos trazem de Cain a herança;
 De Christo as crenças já o sangue enlucta,
 Que á voz do monge despertou vingança!

Vingança!... e em Lysia encarniçada fila
 D'atros combates o fanal soltou;
 Nas mãos do despota o poder vacilla,
 E um povo livre os ferros seus quebrou!

É finda a lucta; mas valentes quantos,
 Romper não viram da victoria o véu?!
 É finda a lucta; mas envolta em prantos
 A liberdade sôbre nós desceu!...

Quantos de monge a missão
 Trocaram pela impiedade,
 Ateando com maldade
 O facho d'atroz paixão!
 Jerusalem caducára,
 O seu rei apedrejára,
 Porisso Deus a lançára,
 Das guerras no turbilhão.

E o fogo desmoronou
 D'Israel, fastigioso,
 O aureo templo famoso,
 Que dos seculos zombou.
 E no piedoso destino,
 No oriente, o peregrino
 Do excelso templo divino
 Nem sequer um marco achou!

Em paga d'impio clamor
 Que ergueram monges outr'ora,
 Eil-os dispersos agora,
 Quantos da fome no horror...
 Linda ha pouco, — mutilada
 Hoje a Igreja profanada,
 Vêde-a, sem galas, tornada
 Ludibrio do vencedor!

Como o judaico sacrario,
Melhor fóra te arrazassem,
Que nem vestigio deixassem
De teu misero fadario; —
Que é dôr vêr escarnecidas,
Estas cinzas esquecidas,
Estas paredes despidas
Pela mão de vil sycario!
Vandalos, a liberdade
S'ennobrece co'a piedade,
E respeita a magestade
Que respira o sanctuario!!

Não mais do sino da deserta Igreja
Os dobres espalhára amena brisa,
Que na palmeira elevada rumoreja,
Mal a lua nas aguas se deslisa.

Não mais do incenso os rolos perfumados
Se ergueram á voz d'austero ermita;
Nem a fé com mysterios venerados
Aqui á oração crentes excita.

Mas embora não brilhem rubros lumes,
Nem do orgão s'escutem harmonias,
Nem da myrrha s'aspirem os perfumes,
Nem reboem sagradas melodias; —

Mesquinho trovador sóbr' estas lousas,
Na profunda mudez da solidão,
D'inculta Lyra vem trazer-te as rosas,
E quanto pôde um crente, — uma oração!

J. F. de Oliveira.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 10)

VIII

Como el-rei D. Fernando esteve em Elvas, e se fizeram pazes e celebraram as vodas entre el-rei D. João de Castella e infanta D. Brites.

El-rei D. Fernando I veio a Elvas com grande exercito contra D. João I de Castella; a rainha D. Leonor, acompanhando-o, em breves dias deu á luz um filho, que logo morreu.

Acampado el-rei juncto ao rio Caya para offerecer batalha, succederam as cousas de modo, que não se hostilizando, e avistando-se os dous reis, vieram a concertos, assignando-se a paz com a condição de D. João I espousar a infanta D. Brites ou Beatriz.

Em 14 de Maio de 1383 se celebraram estas nupcias. Foram armadas no valle das hortas muitas tendas para alojamento das pessoas reaes e mais individuos, que haviam de assistir.

Sairam no dia, acima mencionado a rainha D. Leonor com a infanta sua filha (el-rei D. Fernando retirou-se doente para Estremoz). A infanta ia adiante, e el-rei D. João, que vinha buscar a rainha, encontrando-se primeiro com a infanta, a saudou com grande cortezia; e, chegando á porta da cêrca velha, que vae para o convento de S. Domingos, depois de uma profunda reverencia, tomou as rédeas da mulla, em que vinha a rainha, e caminharam para o valle das hortas. Acompanhavam a el-rei os grandes de Castella, que ficaram admirados da formosura, ornato e galhardia da rainha D. Leonor, que era, segundo se diz, a mais formosa senhora d'aquelle tempo. Estando na tenda real, publicou o cardeal d'Aragão a dispensação de Roma, e recebeu depois a el-rei D. João I de Castella, e a infanta D. Brites, ou Beatriz, em matrimonio, segundo as ceremonias do Ritual Romano.

Acabada esta acção, seguiu-se o esplendido e real banquete, em que D. Nuno Alvares Pereira mostrou aos Castelhanos, que não era homem de quem se zombasse; pois que, não lhe cedendo o logar que lhe era devido, metteu um pé por baixo da meza, em que os grandes de Castella comiam, e deu com a mesa em terra quasi na presença dos reis, deixando a todos admirados uma tão resoluta acção, sendo preciso para o conter dar-lhe muito repetidas satisfações.

Acabado o banquete, se recolheram os dous esposos para Badajoz, e a rainha D. Leonor para Elvas.

No fim de tres dias se reuniram nas mesmas tendas; houve outro banquete, findo o qual, se despediram, e foram para os seus respectivos reinos.

(Continúa)

M. J. Pires.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 9)

XXIV

Feliz acaso.

Diziamos nós, ao concluir o capitulo antecedente, que oito dias se tinham passado de

soffrimentos e monotonia para Carlota: não fóra porém assim para Ricardo!... muitas coisas notaveis o haviam distraído n'esse tempo; pelo que nós, deixando Carlota entregue aos dissabores da solidão, voltaremos atraz para seguir passo a passo a vida dos dois amigos.

Fóra no dia 26 de Julho que o caloiro Carlos da Cunha e Mello chegou a Coimbra: no dia 27 safu logo, mandou fazer batina, e protegido pelo seu amigo, ousou affrontar o botequim do Trony, cousa prohibida muito tempo aos caloiros até depois das ferias do natal do anno de novatos. Ricardo tinha quasi insensivelmente esquecido D. Constança. Estes amores, mais nascidos da admiração que da estima, são fogos fatuos de existencia ephemera, ou antes, são sentimentos intermittentes que a ausencia apaga, e que qualquer coisa faz reviver para de novo se apagarem!...

Talvez tambem o leitor houvesse já esquecido D. Constança, que deixámos acabando de escrever a sua resposta á carta de Ricardo!... Poupar-lhe-hei a leitura d'essa resposta, porque uma carta de namoro escripta por uma mulher é a coisa no mundo mais insipida que eu conheço, quando lida a sangue frio!... Recebemos uma d'essas epistolas e achámol-a divina! — tudo é sal! tudo são ditos agudos e conceituosos! tudo respira sentimento!... Mettemol-a na nossa gaveta particular, e alguns mezes depois, quando o barco das affeições já tem mudado de rumo, n'uma bella noite em que o *spleen* se tem apoderado de nós, vamos revolver as cartas velhas, que lemos com a attenção que dariamos ás noticias locaes d'um periodico do anno anterior, e então, no fim de cada phrase de alambicado sentimentalismo quasi que soltámos uma gargalhada do mais ingenuo e folgazão escarneo! até os erros orthographicos, encobertos até alli pelo sublime do pensamento, saltam de cada palavra como fantasmas que espantam toda a passada illusão!... os bocadinhos mais bonitos parecem nos semsaboria!... no limado da expressão estamos a notar o contrafeito do sentimento que a dictou!... n'uma palavra! é um chorriho de pieguices ou de impertinencias parvas e ridiculas cada carta de namoro, vista pela distancia de dois mezes depois de passadas as illusões d'essa crise, que tem o nome de — paixão — no presente, e que no preterito se chrisma em — toleima!...

Por isso e para credito de D. Constança não vos farei lér aqui a sua resposta!... basta que o nosso amigo a lêsse com todo o enthusiasmo

febril d'um amante feliz; e que a mettesse na sua carteira onde jazeu intacta por muito tempo!

No primeiro dia que Ricardo safu não viu D. Constança nem mesmo de tal se lembrou: depois passou uma vez por debaixo das janelas, deu com os olhos n'ella... perturbou-se, cumprimentou-a e subiram-lhe á cabeça todas as imagens que se haviam retirado em debandada para um cantinho do coração, quando outros quadros occupavam o campo da visão interna do seu espirito!...

— Quem é aquella senhora tão galante que tu cumprimentaste agora? — perguntou Carlos.

— É D. Constança filha de Duarte, e uma das meninas mais interessantes de Coimbra.

— Conhecesl-a?...

— Não! apenas a cumprimento depois que num baile dancei com ella — respondeu Ricardo, córando de modo que, se o seu amigo estivesse prevenido, teria logo descoberto alli algum mysterio.

— Ora espera!... esse Duarte não é irmão de um lente, Francisco d'Oliveira Duarte?...

— Tal e qual! chama-se José d'Oliveira Duarte.

— É o mesmo!... tenho uma carta de recommendação para elle.

— Para qual? para o doutor?

— Não! para o outro! Hei de vir entregar-lha ámanhã: acompanhas-me?...

— Acompanho! — respondeu Ricardo com visível emoção.

Só então se lembrára que o receber uma resposta de D. Constança era uma honra muito grande para que se não visse obrigado a agradecer-lha; e passou-lhe pela mente que talvez tivesse ensejo provavel para lhe entregar elle mesmo a sua segunda missiva amatoria; pois apezar de não ser nada provavel que D. Constança apparecesse á visita do seu caloiro, com tudo uma especie de palpito lhe fazia prevér que algum incidente lhe daria occasião opportuna de lhe fallar... Em todo o caso aproximava-se d'ella, ia ter entrada em sua casa... n'aquella occasião estimava-o.

Este coração de Ricardo seria construido de um modo differente de todos os outros?... Não sei!... mas parece-me que não! O que elle sentiu por D. Constança não era amor! era paixão, era capricho, era admiração!... impressionava-se quando a via e nada mais! Por Carlota experimentava uma paixão-desejo, que só lhe produzia commoção quando a sentia!

Amor, amor puro e verdadeiro era sómente o de Adelaide; mas esse, extenuado pela ausencia e pelo parisitismo dos outros dois sentimentos hybridos do coração, achava-se muitas vezes quasi embotado, quasi confundido com a amizade fraternal, nascida na infancia, robustecida entre os brinquedos e convertida em amor na juventude!... Era assim que lhe apparecia a imagem de Adelaide quando o grito dos sentidos externos o arrastava para Carlota ou quando D. Constança lhe magnetisava o espirito com a sua presença fascinadora!...

Ricardo foi pois para casa e alambicou o estylo com toda a correcção de phrase mais limada, para responder á resposta de D. Constança. Comparou-a a um anjo, a uma fada, a uma sylphide, a uma huri..... emfim se D. Constança tivesse muito interesse em entender bem a sua carta, teria de estar a folhear o dictionario toda a noite—tal era a collecção de palavras cavernosos, bombasticos e inintelligiveis de que vinha recheada! Dobrou a —fiel mensageira dos seus devaneios amatorios — como diria algum quasi-poeta de *phenix renascida* e metteu-a na algibeira de modo que com facilidade a podesse tirar para a dirigir ao seu destino, caso algum momento favoravel para isso se lhe offercesse.

No dia seguinte levou toda a manhã a fazer-se bonito, quero dizer — a cortar o cabello, talhar a barba e mil outras minuciosidades pelas quaes o amor proprio pretende agradar. Acabado o jantar, disse-lhe Carlos — são horas de ir-mos.

— Pois vamos!

— Espera! que eu vou pôr o chapéu.

— E eu a capa.

— Queres um charuto?

— Dá cá.

'Naquelle dia era o terceiro que Ricardo fumava de borla; e este então era de pataco!...

Accesos os charutos safram os nossos alfacinhas buscar o demandado porto onde luzia o astro da salvação talvez para algum quasi sceptico do ultimo tom; mas, porventura, tambem de perdição para algum dos dois lisboetas.

Chegados que foram á casa do sr. José d'Oliveira Duarte, foram introduzidos na saleta. Vozes femininas se escutaram na sala: Ricardo ardia em desejos de penetrar n'aquelle sanctuario, e, aqui para nós em segredo, o seu amigo não ambicionava menos tal ventura. A

sorte foi-lhe propicia! José d'Oliveira, vindo receber os dois amigos, disse-lhes depois dos cumprimentos de estylo.

— Não sei a quem tenho o gôsto de fallar.

— Eu creio que tenho a honra de me dirigir ao ex.^{mo} sr. José d'Oliveira Duarte, — disse Carlos.

— Sou eu mesmo.

— Sou portador de uma carta do sr. Conselheiro Moniz para v. ex.^a, e com prazer desimpegno agora esta missão!... Este senhor é o meu veterano e bom amigo, que teve a condescendencia de me acompanhar.

José d'Oliveira, recebendo a carta e ouvindo pronunciar o nome do signatario, mostrou logo pelo sorriso mais amavel que mettia o recommendado no coração.

— Então, meus senhores, têm a bondade de entrar para a sala!

— Nós não queremos incomodar!... muito agradecidos a v. ex.^a...

— Nada!... Não de me dar o gôsto de se demorarem um bocadinho!

— V. ex.^a ordena e nós obedecemos.

Duarte abriu a porta que separava a sala da saleta. O paraíso estava patente aos olhos ávidos e anhellantes d'esses dois entes que no purgatorio da antecamara, haviam esperado a purificação das culpas.

— Minhas senhoras!... Tenho a honra de as cumprimentar — disse Carlos quasi a meia voz ao aproximar-se da dona da casa e de sua filha, que estavam tomando a visita a outras senhoras.

Ricardo fez equal cumprimento ao qual responderam quatro acenos das quatro cabeças femininas.

(Continuar-se-ha) A. M. da Cunha Bellem.

CHARADA

Vivo 'num ermo, isolado. — 1

Em continua escuridão: — 2

Sou inimigo de bulhas,

Dou a paz, quietação.

EXPLICAÇÃO DAS DO NUMERO ANTECEDENTE

1.^a — *Senegambia*. 2.^a — *Vigario*.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 12

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral



Vol. II

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — JANEIRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

A humanidade ainda não attingiu, nem attingirá, em virtude de sua natureza, esse estado de perfeição, em que, desprendendo-se de tudo quanto é mundano, sómente execute o que a sua razão, illustrada pela philosophia lhe dictar. Triste é a condição humana! Com quanto maior afan o homem se arremessa á estrada do progresso, com tanta maior vehemencia surgem os embaraços, apparecem as difficuldades, que elle nunca cogitou. A resignação é o unico subsidio, a que nos podêmos soccorrer. A sciencia do direito não podia ficar exempta d'este condão, de que a natureza dotou o homem em todos os seus esforços e investigações.

Á medida que as nações avançam, e as leis as acompanham ou iniciam, assim se vão apresentando novos embaraços, que augmentam o poderio d'aquellas, e diminuem a força d'estas. Se a humanidade fôsse dotada de tal energia e intelligencia, que pudesse fazer uma judiciosa applicação d'esses primitivos principios, d'essas verdades primas, que lhe outorgam a sua soberania; por certo que a sociedade não ficaria por tempo algum estacionária, o progresso a acompanharia em todos os seus actos. Mas, infelizmente, esta transicção é extremamente difficil, para que o laço moral de suas relações as acompanhe. Vae em tres seculos, que quasi todas as nossas relações civis são da mesma maneira governadas! Teremos nós per-

manecido em alguma lethargia, de que agora apenas dêmos signaes de querermos acordar? Não terá havido progresso algum, que a nossa legislação deva acompanhar? Assim o mostrámos em desabono nosso.

Empreguemos, portanto, todas as forças em uma empresa tão sublime e tão *util*; concorrámos todos para a restauração de nossa liberdade civil; arredemos de nós essa ignominia, que nos desconceitua aos olhos das nações civilisadas; acabemos por uma vez para sempre com essa escravidão Philippina, que ainda hoje não cessou de nos opprimir; por último, vamos todos ao sacrosanto altar da liberdade, com o coração illibado dos antigos preconceitos e opiniões politicas, pedirmos a nossa regeneração.

É assim que devem proceder todos os portuguezes, que, ardentemente, desejem emancipar-se d'esse labéu, que tanto nos deshonra. Mas para que fallar 'nestes arrôjos, proprios só de homens livres e independentes, se a nossa antiga liberdade e independencia se converteram em escravidão, que, por muito prolongada, deixou vestigios, que as forças normaes não podem corrigir?!

Para que fallar em nossas liberdades, se a imprensa periodica, que devia tomar a iniciativa 'nesta crusada, é a primeira a emudecer, preferindo questões e assumptos de pouca monta, á discussão do nosso Projecto do Codigo Civil?!

Para que taes esforços, se uma opposição acintosa excluiu da representação nacional o primeiro juriconsulto portuguez, o auctor do Projecto das nossas garantias civis?!

Que vexame e responsabilidade não carga esses eleitores, que não tiveram energia para repellar a acção despotica substituindo-a pela acção da lei, da justiça, e do decóro nacional?

A questão não é politica, é sim de vida ou de morte para a nação portugueza; porque quem vive em escravidão, sujeito a uma legislação tyranica e absurda, não gósa da vida moral, de todas a mais preciosa. O escravo verga debaixo do enorme pêsso das algemas; mas nós vergámos debaixo do peso do das Ordenações Filippinas, que nos subjuga a liberdade, nos embrutece a consciencia, e nos priva da razão.

E ainda ha quem contemple este bello panorama, já com indifferentismo, já com paixão!

Ainda ha quem se entregue ao penoso trabalho de decorar *ipsis verbis* as poeticas e elegantes Ordenações!

Ainda ha quem prefira um *quidam* ao sr. Antonio Luiz de Seabra, para a sublime missão de deputado! Talvez que para isto se pedisse o auxilio de alguns d'esses antigos senhores feudaes, a quem lhes custa ver postergados os seus fóros e garantias Filippinas a tróco da insignificante egualdade, em que se baseia o nosso Projecto do Código; sem ao menos conhecerem que esses titulos pomposos, essas pedras bordadas, esses armazens de pergaminhos desapareceram ha muito no crisol do senso comum.

Não é, portanto, a vós, meros phantasmas da natureza, que nós nos dirigimos: é sim a um circulo, que por ventura tenha de reelegger um novo representante, e que queira usufruir os direitos da soberania, já em seu favor, já em pró de todos os portuguezes.

Quem ha que ponha em dúvida o interesse nacional, na eleição do sr. Antonio Luiz de Seabra?

Quem ha que ignore que a eleição do illustre auctor do Projecto era uma gloria para o circulo que o elegia, para a nação a quem

representava, e mais uma garantia que nós tínhamos de breve reforma legislativa?

Quem ha que queira viver mais um instante sob a prepotencia Filippina?

Se assim proseguirmos, o Projecto do Código não passará de projecto, e nós tambem ficaremos em projecto, porque o *veto* ser-nos-ha imposto pelo bom senso de todas as nações.

Acabem odios e rancores antigos; terminem todas as diferenças politicas; sigámos a mesma bandeira; tenhamos o mesmo pensamento, a mesma vontade de nos emanciparmos d'essa escravidão moral, que ha tanto tempo nos opprime.

Sirva-nos ao menos este pequeno brado, de expansão aos nossos sentimentos de respeito e consideração ao illustre auctor do Projecto do Código Civil Portuguez.

B. d'Albuquerque e Amaral.

FRATERNIDADE

O que os esforços intimos do coração humano encerrado no perimetro breve dos habitos, usos e costumes crucis, que a barbaria engendrou ao fogo das paixões desregradas, e incubou e acalentou no aspecto do fulgor das lanças, e no silvo feroz e horripilante das veloces frechas, que levavam o terror e depois a morte ao homem e ao seio das familias imbelles, não operaram, cumprindo a missão da paz e da harmonia, que á racionalidade, intelligencia e sentimento fóra dado estabelecer em base solida, e firmar com secular robustez entre os homens; o que, dizemos nós, as exaltações espontaneas da bondade distincta, que eleva o homem ao apogeu da criação, copiando e resumindo 'nelle, no centro do universo, a imagem visivel do amor eterno, que suavisa e adoça a vida contingente de todo o ser animado, não produziram de prompto, infiltrando-se brandamente na infinita variação das relações moraes, produzindo a revolução, esse impulso natural do homem, essa reacção que elle, depois de tormentosamente reduzido pelo despotismo á extremidade do infortunio, não pôde, inda que queira, evitar.

As facções, que cavam o abysmo da separação entre os homens, que constituem o despotismo e a escravidão, que dilatam a ambição do magnate despotico sóbre as ruinas do ple-

bleu, que endurecem as cadeias da submissão, convertendo-as nos grilhões odiosos da servidão, que levantam e adornam magníficos palácios com o suor e azafama dos laboriosos e pacíficos cidadãos, oprimidos de uma tributagem injusta e destruidora, e que abrem no paiz em que avigoram sua torrente devastadora, o catafalco em que os incolas, um a um vão, mau grado seu, sepultar as últimas restas d'uma felicidade, que já apenas bruxeleava, cahem aos golpes certos do progresso e humanidade do seu preconizado e soberbo pedestal, donde atiravam ao seio da sociedade o facho da guerra e da morte, para serem substituídos pelo alimento revolucionário, que, cada vez que vacilla em volta do eixo da justiça, marca uma nova phase de progresso e aperfeiçoamento. Assim se somem nos abysmos da historia, por nunca mais alvorearem nos horizontes da vida moral e politica, os odios, as vinganças, as revindictas ferozes, as guerras particulares, os homens-cousas, os homens-leões, e todos esses miseros que a ambição desorientára do destino racional; ao passo que, por outro lado, desponta meiga, risonha e sympathica a fraternidade, esta filha predilecta da revolução, essa esposa congenita do coração do homem, que promete estreitar e unificar num só amplexo toda a humanidade.

Para a fraternidade, irmã carinhosa da liberdade e egualdade, que o sangue da França cingiu e sagrou no altar da revolução meio despedaçado ainda dos impulsos tão impios como robustos das facções sanguisedentas, e a Allemanha hasteou no meio de entusiasticas aclamações, cujos echos retiniram de S. Maria ao Kara, das Hebrides até ao Caucaso, não ha differença do rei ao subdito, do nobre ao burguez, do opulento ao miseravel, do sabio ao ignorante, do feliz ao infeliz, do virtuoso ao desgraçado, e muito menos condescende com essas indiscretas considerações sociaes, inda debeis resquícios da inqualificavel proceridade, que em si, nos tempos que já lá vão e não voltam, senão á reminiscencia para o coração os execrar, absorvia quasi até á totalidade a felicidade das massas, de que o seculo, que se fechou sôbre tantas miserias, torpesas, associações, desigualdades e depopulações, nos deixou apenas quasi delidos debuxos, cujos lineamentos, hoje, tempo de luz, epocha de felicidade, edade precursora de grandes venturas sociaes e moraes, que alvejam aos homens de Estado na orbita dos seus deveres, e aos particulares nos progressos da dignidade, em frente

d'um estudo regular, mal se divisam, quasi se dissolvem, obliteram e desaparecem!

O que é o elemento factor de tão sensível e salutar transformação? Quem fez do antigo mundo um mundo novo? Quem resuscitou no centro da familia e da nação o suave balsamo, com que o Nazareno conduziu a humanidade a uma convalescença infallivel? Quem quebrou essa rede de ferro, que pressava e trazia a humanidade ignominiosamente algemada ao poste da indignidade? Quem, em Portugal, abateu o infame pelourinho, em Hespanha o duro eucleo, em França o odioso fredum, em Inglaterra o cruel knout, e na Russia abrandou, até tocar os extremos da clemencia, esses castigos horrorosos, dos quaes só o aspecto, muitas vezes, deixava no coração do curioso imprudente o tremor, que o estorcía e arrastava a uma morte prematura? Foi a fraternidade, esta orfã abandonada nos tempos antigos, e que hoje nos abriga das facções sangrentas á sombra de sua prestigiosa influencia, e nos escuda com sua egide especial, toda amor e bondade.

J. M. Cabral e Castro.

RAIO DE SOL — RAIOS DE AMOR

(TRADUÇÃO LIVRE DO FRANCEZ, DE V. HUGO)

Ao meu condiscipulo e amigo J. B. de F. Leal.

Oh! nunca as faces da mulher perdida,

Que da honra deixou a senda nobre

Co'o insulto verbereis!

O peso, a que ella viu a alma rendida,

Os dias, que luctou co'a fome a pobre,

Por ventura o sabeis?

Quando o gelido sópro da desgraça

De a virtude guardar lhe nega a esp'rança,

Quem é que inda não viu

Uma d'essas mulheres, que se abraça

Muito tempo com ella—e que alfim cansa

Porque a fome o exigiu?!

Tal vemos sôbre um ramo arredondar-se

Uma gôta de chuva rutilante,

Em que o ceu se revê;

Co'a arvore a agitámos; segurar-se

Tenta em vão. Era perola brilhante...

Cahiú—só lodo é!...

É toda nossa a culpa; e o abastado,
 Cujo ouro seductor a corrompèra,
 Também a culpa tem!

E esse mundo, que ri do desgraçado,
 Que zomba das miserias, que elle gera,
 É culpado tambem!

Mas dentro em si conserva o lodo ainda
 A gôta de agua pura, que libara;
 Para que ella do pó

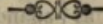
Coimbra, 13 de Dezembro de 1859

Consiga desligar-se, e outra vez linda
 Ostente essa pureza, que deixára,
 E crystal seja só;

Para que do vil lodo exempta, solta,
 De perola retome esse, que teve,
 Primitivo esplendor;
 Basta—e é assim que á vida tudo volta—
 Ou um raio de sol, que a si a eleve,
 Ou um raio de amor.

Eugenio de Barros.

BLEGIA



ARGUMENTUM

Apud Algarbios piscandi studio breviter descripto, Joachim Joannis Marreiros Netto, fratrem, undis obrutum, deflentis, acerbum dolorem auctor significat; et, omnia interitui obnoxia canendo, ad spem hortatur.

Est moris Lusam occiduamque colentibus oram

Captare, Oceanoque abripere humidum onus;

Piscandi studio tempusque aetasque tenetur,

Coeruleumque mira fallitur arte pecus:

Lucè recens orta, huc seniores otia ducunt,

Ludere longe audax et cupit ire puer;

Nec desunt, quos (omnem equidem victum his mare praebet)

Ingratum adsiduos detinet officium.

Hic infaustum anser ludentes praemonet omen

Littoreus, rauco terque cave ore sonat;

Hic vidi juvenes, quorum nunc pandere iniquos

Peligno casus carmine, musa, studes.

Alter in Elysium evolat; ullos effugit alter

Flendi nosse modos, et fame ferre cibum;

Jamque tacet, moestas jam rumpit pectore voces

«Amisi, amisi (flectibus ecce genas

Irrigat, et facie citus undique concidit imber);

Artus discernptum non laniavit aper;

Errantem non saeva tensus arundine fixit

Arcus, quo Nabathes Sarmatave ipse valent;

Non turbas interque acies jacet, ense peremptus
 Dilectoque procul fratre, proculque domo:
 Ast piscandi inter studium incauto Oceani undam
 Miscet turbo, marique incubat inde chaos;
 Vidi ipse ante ora, elisā nam nube micabat
 Fulmen, in astra vehi cymbam et in ima rapi,
 Ejicitur vector subito, alma o mihi luce
 Carior, et fluctus vix dirimit diu agens;
 Tum crebro reboare poli, tum decidere ignes;
 Obstupui, et visum lumina deficiunt.
 Me miserum! cui sic morientis sumere non est
 Spiritum, et haerendo membra tenere sinu;
 Intus lugentem curae, angit me dolor intus,
 Heu! desideriumque effigiesque memor.
 Ille satis vixit, qui cum fratre occidit uno,
 Felices sequeris mors miserosque fugis!
 Surgente aurora, dubius quo ducere gressus,
 Ad littus residet, carmen ubi ore gemit;
 Interdum exesa flentem sub rupe videres
 Fictas quam voces dein resonare docet:
 Sic Phaethontiadum olim fertur turba sororum
 Eridani in ripis id lacrymasse simul.
 Vanis, frigida cum noctem efficit umbra quietam,
 Audit imaginibus, voce sequive juvat.
 Ut crudum vulnus manus odit opemque medentis,
 Deinceps formidat, nunc patitur, modo amat:
 Sic refugit solatia, mox desiderat ultro,
 Ac dolor admotis inde quiescit edax.
 Qui tibi, amice, alitur dolor atque accrescit in horas,
 Arceto quaeso; nunc lacrymae estque satis.
 Hoc vero esse viri credo perferre labores,
 Forti teque decet pectore dura pati.
 Non sic alternos furit aequor volvere fluctus,
 Ut fortuna hominis munera spemque rotat.
 Parcis jus necis ac vitae; cras ibimus una,
 Pallida quo fratris perpetuo umbra manet.

A SOLIDÃO

Todo homem procura a felicidade; porém cada homem, segundo seu modo de ver, a faz consistir em objectos, cuja natureza não é homogenea. Uns entendem, que ella consiste na fruição das honras, dos grandes empregos do mundo social; outros na aquisição, no gozo das riquezas; e mil outros em mil diversas cousas: uma grande parte dos homens a faz consistir na tranquillidade do espirito. Esta derradeira these é a que mais se conforma com minhas ideias.

Como pôde ser feliz o homem, envolvido no tumulto das gentes com diversa organização, e cuja educação e propensões variam em cada momento, bem que elle por suas riquezas viva na maior opulencia possível? Como será feliz, sendo continuamente contrariado pelas suas paixões em desharmonia com as paixões dos outros homens? Nunca o será o que especula com os mares, confiando-lhes sua fortuna; nunca o guerreiro, que, forte na sua espada, ousa debellar seus inimigos para fazer emfim no campo da batalha; nunca o magistrado, que profere uma sentença injusta, restando-lhe finalmente o remorso; nunca um corpo politico, que, valente em suas convicções, muitas vezes posterga a lei, ou por erro ou de proposito, dando origem a resultados, que serão sempre insanáveis. Este pensamento podia ser exemplificado de muitas maneiras; trabalho ocioso quando a verdade é de simples intuição, e por si mesma se revela a todas as intelligencias.

O homem amigo da solidão, possuindo os sufficientes meios de subsistencia, e com seu espirito tranquillo, pôde dizer-se um ente verdadeiramente feliz. Ruja embora a tempestade, ou physica ou social, seu animo não se altera; gritem embora as turbas populares, pertendendo fazer convellir os eixos do mundo, em que vivem; imperturbavel, pesando em sua firme consciencia as possiveis eventualidades, o homem, senhor de sua situação, não estremece, e resta sempre tranquillo. Longe do bulicio das cidades, evitando os convicios, e as opiniões disparatadas, que vão em toda a parte, onde ha cerebros desarrazoados, o homem vive num feliz quietismo, que nada perturba; se abunda em grandes meios, que a fortuna costuma prodigalisar a seus escolhidos, não se deixe fascinar por elles; baste-lhe o necessario para viver, preferindo a essas riquezas o retiro, a vida do campo, aonde não abordam os clamores desordenados das populosas cidades,

e aonde tarde chegam as vozes assustadoras, de que está o mundo transtornado.

Nos passeios campestres, entregue ás suas cogitações, que servem de distraill-o, não fórma planos desorganizadores; ora contempla a vida vegetal, os seus diversos phenomenos; ora observa o curso dos ribeiros, que vão irrigar extensas campinas; ora examina o estado meteorologico da atmosphaera, se está proxima alguma tempestade, que venha entorpecer a existencia das plantas, de que derivam as subsistencias para os seres organizados. A solidão, assim comprehendida, deve fazer as delicias de todos os seus amantes. Recolhido o homem em seu retiro domestico, encontra juncto a si mil objectos que o entretenham; as lições da historia lhe patentearão as revoluções do mundo, que a raça humana foi sempre, o que hoje é; os livros da sciencia o instruirão de tudo, que convém saber para regular suas acções, e a marcha de seus deveres para com Deus, e para com os homens. A amena litteratura lhe suavizará as amarguras da vida, se algumas podem perturbar-o neste genero de existencia tão feliz. A musica, a pintura, ou outra qualquer arte de sua predilecção pôde acarretar-lhe momentos deliciosos. Talvez se diga que tudo isto é imaginario; que a realidade é outra; não o entendo assim; todo homem tem deveres a cumprir; pertence á sociedade; a sua posição, qualquer que seja, o constitue na rigorosa obrigação de preencher officios, que deve exigir essa mesma sociedade. Satisfaçam-se esses deveres, que podem dizer-se sagrados, e depois esse homem seja o homem da solidão, que tantos bens encerra, considerada como eu a comprehendo.

Que se utiliza em seguir os movimentos tumultuosos, que em cada passo se nos antolham? Essas exageradas ambições, sedentas de poder, e de ouro, irritam as paixões dos homens para perdel-os; cavam-lhes o abysmo, que deve devoral-os; preparam-lhes a vida do crime, salvas honrosas excepções; e quem fór serio e grave, quem amar o justo e honesto, que deverá fazer? Retirar-se para não ser engolido no sorvedouro, cujas abertas fauces têm de tragar a geração presente.

Epilogando as considerações expendidas, terminarei dizendo, que o homem da liberdade, e que bem pense, deverá amar a solidão, sem deixar de cumprir o que sua consciencia lhe inspirar; deverá abandonar as turbas, cujas tumultuosas inquietações podem acarretar, não o progresso, mas a dissolução da sociedade. (Z.)

TOPSY

A Escrava

(Continuado do n.º 9)

III

A cabana da noite, assim chamada por ser construída á luz da lua, que no bosque pouco filtrava, ou, o que é mais provavel, por ser erigida 'num logar, que a ramagem das arvores espessas e gigantes entreteinha sempre meio escuro, e em plena sombra, foi obra quasi momentanea dos filhos de Topsy, que, apenas souberam da manumissão de sua mãe, tractaram de lhe proporcionar pela habitação os primeiros cuidados do homem livre. Improvisada no ardor do affecto filial, a cabana nada a adornava a não ser a simplicidade campestre, alli simbolisada na pobreza nua, e mostrando em despeito das regras d'arte e gosto apurado, o imperio da necessidade e do instincto que procede implacavel e indefesso; e se generalisa por de cima de todos os enfeites, fórmas e ceremonias, de que o civilismo costuma vestir os palacios dos grandes, e cujo fim é transmittir á posteridade indiscreta a noticia, por historica então mais respeitosa, de que habitára alli o sangue assoberbado no esto das batalhas, ou nobrecido na empreza de feitos gloriosos, que das páginas da história das nações transluz credito, honra e independencia para a humanidade.

Não ha contraste possivel entre o tugurio do pobre e o palacio do rei; mas ha-o, e esse bem frisante, entre o pobre e o rei.

É o rei o soberano, o pobre o vassallo, cá na ordem do mundo, bem se entende; mas o rei e o vassallo são ambos homens, ambos eguaes, homens livres, e estas qualidades, que os constituem o que são, não se mudam, nem se alteram, nem se aniquilam: nem são sujeitos a agentes reformadores proprios, nem extranhos. É nisto que o rei e vassallo se amalgamam pela entrada de suas essencias humanas no mesmo vaso; se sujeitam ás mesmas contingencias do tempo; dependem das distancias igualmente severas, que os alongam de Deus, e no mundo se communicam, apoiam e fulcimentam reciprocamente, como se do soberano fóra esteio o vassallo, e do vassallo sustentaculo o soberano. Assim é.

Na escravidão, 'naquelle miseravel coarctamento da liberdade humana, em que nem bem póde o homem, então deshumado pela lei,

construir commodamente uma habitação, que o abrigue das injúrias do tempo e mudança de estações, o poder que executa a lei, não é apoio do nobre, que se executa; nem o precioso escudo, que em toda a parte deve tutelar a natureza do homem, e em todas as circumstancias ser a egide segura, em que não possa abrir brecha a mais fina tempera do despotismo; mas é um elemento anarchico, creado no pensamento da desigualdade, nutrido no da ambição, e, para eterno desdouro dos homens, barbaramente executado no de uma avareza desmedida. E quando não basta a unidade moral do mal!

Se em sua origem o mal da escravidão fósse unico, se não o defendessem heroicamente milhares de interesses, que têm empenhado e degradado com este empenho as pessoas, subervindo-as á materia, se algumas fortunas de ricos thesouros, que o sangue de irmãos, convertido em elemento selvatico, engrossára collossalmente, preparando, miseravel contradicção das instituições humanas! pelas suas mãos o jugo de ferro, contra o peso e pungimento do qual nem queixas nem leves e innocentes indicios de mortificação tão despiedada são permittidos, se finalmente o hábito do commando, enraizado profundamente nas almas já embotadas, e corações de bronze dos senhores dos escravos, não tivesse banido das consciencias de taes homens a ideia de egualdade e fraternidade, e feito olvidar-lhes os dictames e conselhos, que outr'ora as theorias da justiça infinita lhes fallavam á cabeça e ao coração, se, dizemos nós, estas e outras muitas cousas não concorressem poderosamente em prol de uma instituição, que nem a natureza, nem os tempos, nem os logares podem por fórma e lado algum justificar, era crível que um esforço do seculo das luzes, como o chamam, contra esse repugnante legado das eras nefastas, curasse essa gangrena do corpo social, perseguindo-lhe o veneno em todas as suas veias; mas contra a luz do progresso e desinvolvimento dos que, tendo a mira no seu destino particular e no social, procedem na elevada esphera de sua natureza racional, luctam as trevas do egoismo e da avareza, vicios personificados no seio de riquezas devastadoras para a humanidade, porém, mau grado das victimas, reproductoras por si, e susceptiveis de gigantescas proporções.

É assim que, em quanto cada gota de sangue do escravo influe-novo vigor no principio fecundativo da casa do senhor, cada homem

escravo é violentamente despojado em favor do tyrannete d'aquella robustez, que para si era um capital, com que o dota a natureza, que á humanidade concedeu um fundo de forças para o conhecimento e applicação das quaes aos mistéres variados da vida, são indispensaveis os planos da intelligencia, que costumam preceder e guiar a actividade humana, acompanhando-a em todas as suas operações.

Topsy o que tivera d'aquelle capital, generoso dom do Deus do homem, consumira-o enquanto pelo consumo elle vertia utilidade para o seu senhor; agora até do senhor repudiada, desajudada da natureza, que impassivel a vira arrastando a vida amargurosa do captivo, sem força, sem agilidade, sem protecção physica, que moral tinha ella muita na affeição dos seus filhos, Topsy vivia na cabana, exposta ao tempo, e a todos os azares da fortuna, porque nem a fórma de construcção da sua pobre habitação, nem os cuidados de sua familia eram sufficientes para a defender de todos os maus incidentes.

Imagine-se uma choupana em terra alagadiça, no meio d'um bosque espesso, de arvores altas e muito frondosas, offerecendo ao observador uma noite continua, só differente da tenebrosa pela luz diffusa d'alguns raios luminosos em diminutissimo fasciculo, que se coava a custo através dos ramos enlaçados, construida em fórma triangular, terminada por tres espeques de pau, que faziam de cunhaes, meados de ramos e arbustos emmolhados e sobrepostos, sustentados por troncos d'arvores tenras collocados horisontalmente d'um e d'outro lado, e pregados a modo de engrenadura; por cima e através abobadavam este pequeno edificio um vigamento celebre, só alli conhecido e empregado, por cima do qual se estendiam croças de junco enlaçado a curvas ordens, que deixavam umas ás outras uma camada de felpe, que as cobria em toda a extensão, augmentando assim a impermeação da chuva; a porta pequena, aberta num dos lados do triangulo não dava entrada ao tempo, se por toda a armação d'aquella obra tosca não podesse entrar livremente: assim era ella em principio, mas depois as folhas das arvores, que o vento sacode, e que param onde se encostam, os ramos estalados pelo raio, e arrojados do vento para longe dos troncos, e os arbustos queimados do sol, separados da terra, e misturados com cisco empastado no barro apanhado, que o calor torrava, tudo isto se agglomerava em redor da habitação de Topsy, a qual tinha

o aspecto d'um montão de vejetaes, que a natureza degradára.

Assim era por de fóra a cabana da noite.
(Continúa) J. Machado Cabral e Castro.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 11)

IX

De como vieram a Elvas os eremitães da serra d'Ossa

No fim do reinado de D. Fernando I chegaram a Elvas João Lopes, e Lourenço Matheus eremitães da serra d'Ossa, pessoas de grande virtude: buscaram para sua residencia um sitio ermo e aspero, na distancia de Elvas quasi uma legua, aonde havia uma fonte, que dava principio a um ribeiro, que, pelas muitas curvas que faz, lhe chamam *rio torto*. Alli fixaram a sua residencia, sustentando-se dos fructos que a terra a seus tempos produzia; e, para se proverem do mais, se occupavam em obras manuaes á maneira do Apostolo. Eram por suas virtudes mui conhecidos e venerados.

Continuando a viver neste sitio, na singeleza e innocencia de seus costumes, pelos favorecer e accommodar melhor, Lourenço Annes Reguengo e sua mulher Margarida Domingues lhes fizeram doação de umas terras, que possuiam juncto ao *rio torto*, que partiam com as em que os eremitães tinham a sua residencia.

A este exemplo, lhes fez Domingos Amado doação de outra terra, que lindava com a que Lourenço Annes lhes tinha dado.

Os dois religiosos, pela parte que lhes pareceu mais util, romperam os montes, e, porque tinham nascentes de agua, plantaram um pomar, e fabricaram uma igreja, na conformidade da disposição, que Domingos Amado lhes pôz na doação que lhes fizera. Aqui viveram enquanto as guerras, que depois se seguiram, os não obrigaram a segurar suas pessoas.

(Continúa) M. J. Pires.

Explicação da charada do numero antecedente
— *Socego*.

ANALYSE

DO ACCORDÃO DO CONSELHO DE DECANOS

de 26 de Janeiro de 1860.

Periere mores, jus, decus, pietas, fides.
Seneca, Agam v. 112.

A justiça é a luz que nos esclarecerá no caminho que temos a seguir, e no resultado a que pretendemos chegar.

E' unicamente o sentimento da justiça, o que nos leva a defender o sr. José Cardoso Vieira de Castro; todos os mais sentimentos desaparecem na presença d'este.

Não pretendemos offender a susceptibilidade do Conselho de Decanos; as nossas armas não são as da injuria e calumnia; são simplesmente as da razão, com as quaes pugnamos até alcançarmos o nosso triumpho.

O citado Accordão appresenta os seguintes fundamentos para a exclusão do sr. Vieira de Castro:

1.º O facto da reincidencia; 2.º o trajar um vestido indecente e exquisito; 3.º o ter desafogado a sua ira contra o Guarda-Mór em palavras e expressões grosseiras e torpes.

São estas as unicas razões allegadas pelo Accordão.

Analisemos cada uma, começando pela primeira.

O primeiro delicto a que se referiu o Accordão, foi o ter o sr. Vieira de Castro censurado o procedimento da faculdade de direito, por ter reprovado um dos candidatos mais dignos, o sr. Augusto Barjona.

O segundo dilicto consistiu apenas em haver dirigido algumas expressões mais d'agastamento, que injuriosas, ao Guarda-Mór da Universidade; quando este lhe voltou as costas em vez de responder, como devia, a uma pergunta, que com toda a urbanidade lhe tinha enderecado o sr. Vieira de Castro.

Não havendo por tanto analogia alguma entre estes dois factos criminosos, não se pode dizer que houve reincidencia.

Em direito penal, em que as leis devem ser interpretadas restrictivamente, só se admite a reincidencia, quando o crime committido é por sua natureza igual ao primeiro; mas ninguem dirá que a censura irrogada á faculdade de direito, quando esta procedia á votação, tem alguma analogia com um simples dilicto, provocado pela grosseria do Guarda-Mór.

Se o primeiro dilicto foi castigado com a pena de dois annos de exclusão; o segundo, para haver proporcionalidade, merecia ser pu-

nido com uma simples reprehensão, ou alguns dias de detenção, quando muito.

Custa-nos amargamente o termos de relatar factos, que bom era ficassem eternamente esquecidos; porem a justiça da nossa causa está acima de todas as considerações, que, como particular, é do nosso dever guardar para com os Lentes da faculdade de Direito, a quem geralmente devemos muitos favores.

O sr. José Cardoso Vieira de Castro, joven essencialmente independente e justo, não teve a prudencia necessaria, quando levantou a sua voz eloquente e enérgica a favor do sr. Augusto Barjona, que acabava de ser reprovado pela faculdade de direito; não foi prudente, mas foi justo; quiz antes supportar o martyrio que ver a justiça ultrajada. Actos de abnegação d'esta ordem merecem antes o perdão, que o castigo.

A advertencia do illustre mancebo surtiu um effeito vantajoso; fez mudar d'opinião a faculdade, approvando o mesmo que, ha pouco, havia sido reprovado; fez entrar no magisterio um lente dignissimo; que se assim não fora ficava excluido.

Não se pense que a faculdade foi coacta n'esta nova votação; foi considerada como livre e por isso approved o seu voto.

Quem dirá, á vista d'este proceder, que o sr. Vieira de Castro é um *discolo e turbulento*? O sr. Vieira de Castro é um moço inexperiente; os seus sentimentos de independencia e abnegação não forão ainda profanados com as pestíferas conveniencias sociaes: o justo é a sua divisa.

O arbitrio não se coaduna com os eternos principios d'harmonia social, que em virtude de sua propria natureza exigem uma regra certa e uniforme em todos os actos humanos. Porem quando a injustiça é acobertada com as formulas da lei, que por sua elasticidade se prestão tanto para o bem, como para o mal; n'este caso prescinda-se de formalidades, e vamos á essencia de cousas, que merecem mais consideração, que o simples envolucro que as encobre.

A justiça é o alvo d'um coração bemfazejo, d'uma alma nobre e independente, a qual attende mais ao real que aos sacrificios que impõe a detestavel sociedade d'hoje, a que se chama seculo das luzes; mas não da justiça.

Em quanto se modelarem os actos do homem pelas miseraveis considerações do in-

teresse, conveniências e vantagens sociais e particulares; os nobres sentimentos de independência e justiça hão de ser stygmatisados com o ferrete de ignominia.

Hoje despresão-se esses arrojos d'uma alma nobre, que arremeçando-se por entre os interesses e paixões humanas, se vai postar ao pé do altar de justiça; hoje estas generosas emoções são vilipendiadas, calcadas aos pés; aniquiladas até; se o coração humano não tivesse limites de pressão, transpostos os quaes, despedaçá as arcadas que o opprimem, assignalando com os estilhaços o character da injustiça.

Continuemos.—A segunda accusação que se faz ao sr. Vieira de Castro, é o trajar um vestido indecente e exquesito. Quem mais decente se apresentava na Universidade? Ninguém. O ponto sobre que versa a accusação consiste apenas em o sr. Vieira de Castro trazer um calção, que não é mais, que uma meia prolongada—; vestuario este que no tempo do vice-reitor, sr. José Ernesto de Carvalho e Rego, hoje membro do Conselho de Decanos, era permitido tanto aos estudantes, como os lentes.

Em quanto ao terceiro fundamento em que se basea o Accórdão, temos somente a dizer que o sr. Vieira de Castro timbra de estar n'uma posição bastante elevada, para descer á baixeza de injuriar o Guarda-Mór, que insolentemente lhe voltou as costas, em vez de responder como devia; o que provocou de parte do sr. Vieira de Castro algumas expressões d'agastamento.

Attentas estas circumstancias, entendemos que a pena foi injusta; e que nunca podia ultrapassar alguns dias de detenção.

Comparemos agora o facto, tal qual elle é, com o regulamento citado pelo Accórdão.

O Regulamento de 25 de Novembro de 1839, em que se basea a decisão do Conselho de Decanos, diz o seguinte:

Art. 3.º Na applicação das penas de exclusão perpetua da Universidade haverá respeito as seguintes regras:

§ 2.º Os estudantes que dentro das escholâs perturbam o exercicio d'ellas com desordens graves, arruidos, e tumultos escandalosos; os que dentro ou fora das escholâs praticarem actos de *qualificada* insubordinação, desobediencia ou resistencia; os que faltarem ao respeito devido ao Reitor e aos Mestres proferindo injurias ou violencias contra elles; os que forem convencidos de haverem provocado outros alumnos aos mesmos actos; finalmente, os que praticarem quaesquer outros actos de igual natureza; em qualquer d'estes cazos serão punidos com a exclusão da Universidade por um ou dois annos segundo a gravidade das circumstancias.

Se houver *reincidencia* os estudantes serão excluidos perpetuamente da Universidade.»

Fundado n'este Regulamento o Conselho de Decanos houve por bem em 1857 riscar da Universidade por dois annos o sr. Vieira de Castro. Já dissemos o quanto nos pareceu necessario para a moralisação d'este acto; por isso passemol-o agora em silencio; esperando em outros rasgarem completamente o negro veio, que o encobre.

A ultima parte do § 2.º « Se houver *reincidencia*, serão excluidos perpetuamente da Universidade ». Poder-se-ha dizer que houve *reincidencia*? Haverá alguém que admitta analogia alguma entre a censura dirigida á faculdade de Direito, no exercicio de suas funções, e uma simples expressão de agastamento dirigida para o lado, e provocada pela insolencia do Guarda-Mór?

Isto para nós é evidente; se errarmos não é por não haver-mos empregado os meios mais apropriados, a fim de nos esclarecermos. O erro merece perdão.

O citado § 2.º n.º 2.º menciona tambem aquelles, que dentro ou fóra das escholâs praticarem actos de *qualificada* insubordinação desobediencia e resistencia. Estamos convencidos que em nenhum d'estes casos se comprehende o tal desacato ao Guarda-Mór; 1.º porque houve da parte deste provocação, como é seu costume para com o geral dos Estudantes; 2.º porque o sr. Vieira de Castro não se dirigiu directamente ao Guarda-Mór; por isso que este entendeu que devia voltar as costas, em vez de responder como devia.

E' um absurdo o suppor-se que a lei comprehende na mesma classe delictos tão distante em gradação; absurdo este que está resalvado pela expressão — *qualificada*.—

Se o sr. Vieira de Castro merecia ser punido com a exclusão perpetua; devia ter muitos companheiros; são muitos os que nós conhecemos haverem dirigido expressões muito mais fortes ao Guarda-Mór; cuja insolencia provoca o estudante mais submisso; não usa de meios brandos nas suas advertencias, recorre immediatamente ao mando e cumprese; é um empregado que nunca teve educação; e quer ser considerado pelos estudantes! Auctoridades d'esta natureza merecem ser eliminadas da face da terra.

Entendemos por tanto que o citado Regulamento não podia ter applicação ao sr. Vieira de Castro 1.º pelas circumstancias que attenuam o desacato ao Guarda-Mór 2.º pela expressão *qualificada* que se não refere ao caso em questão; aliás tudo era *qualificado*; 3.º para não haver contradicção, na lei classificando e punindo igualmente crimes d'uma natureza tão diversa; 4.º porque temos um outro artigo do Regulamento, que é applicavel ao caso presente; é o art. 14 § 15. N'este paragraho determina-se o seguinte « Cumpre ao Guarda-Mór intimar os estudantes para se

absterem de expressões indecentes e indignas de pessoas bem educadas ou para não fazerem extorsões de dinheiro contra os alumnos, que de novo frequentarem os estudos em Coimbra, e para não entrarem nos Geraes ou qualquer acto ou reunião academica, sem vestidos talar limpo e decente, dando parte ao Reitor dos que não tiverem accedido á intimação. »

A' vista deste artigo regulamentar, somos d'opinião que o Guarda-Mór devia intimidar o sr. Vieira de Castro, para se abster d'essas expressões injuriosas e indecentes; e depois não accedendo dar parte ao Reitor. O Guarda-Mór não procedeo como devia; por isso que a provocação da sua parte collocou-o na mesma posição d'um simples particular, talvez peor ainda; porque ninguem haverá tão mal educado como o Guarda-Mór d'esta Universidade.

Logo que uma auctoridade exorbita, perde o caracter d'auctoridade, por isso que saiu dos limites em que actua o seu poder; passa á simples condição de particular, ficando assim despida de todo o caracter publico.

A lei e a auctoridade estão intimamente unidas; faltando aquella, esta termina incontinente.

São estas as nossas idéas; são tambem as de todo o homem, que prezar a sua liberdade, mais que tudo.

Não queremos licença, mas queremos e desejamos liberdade que tenha por fundamento a justiça, e só a justiça que para nós é tudo.

Se não fosse este motivo não sei como nos sair da melindrosa collisão em que nos achámos collocados: d'um lado os deveres de gratidão, para com a Universidade, nos obrigavam a tomar a sua defesa; do outro o dever de humanidade, que nos assiste, de tomarmos a parte d'aquelle, a quem a sorte fez sair no infortunio.

Nestas circumstancias a luz brilhante da justiça nos veio determinar o caminho, que tínhamos seguir. Se errarmos, a verdade será d'aqui avante uma chimera, e o septi-

cismo a unica philosophia, que em nós encontrará acolhimento.

Parece-nos porém que não teremos de renegar as nossas crencas; porque não somos só nós, que assim pensámos; são todos, quantos conhecem o facto e sabem a lei.

Ha porém alguns rebéldes ás idéas do seculo, que querendo defender o Accordão, mais o accusão; tal é o poder de consciencia, que os obriga a falar a verdade, ainda que a sua vontade a isso se recusa.

A estes, que pertendem fundamentar o Accordão em alguns escriptos do Sr. Vieira de Castro, não temos senão uma simples resposta, e é que estudem o direito, se quiserem fallar na sua applicação. Se o Sr. Vieira de Castro ultrapassou os limites da liberdade de imprensa; porque não foi o Sr. Vieira de Castro chamado aos tribunaes, e castigado com alguma das penas Universitarias? Como punir factos, que por si só não estão sujeitos á penalidade com um castigo de morte academica? Não comprehendemos que de quantidades negativas se faça uma affirmativa. Deixemos estes retrogradós pensar como quizerem, e sigamos os principios do justo, que devem ser a nossa bandeira no labutar continuo da intelligencia humana.

São estas as idéas, que nos dicta a nossa consciencia, e sente o nosso coração; são estes os unicos motivos, que nos obrigarão a defender o Sr. Vieira de Castro que conhecemos desde o dia da sentença fatal.

Nós não queremos offender a susceptibilidade do Conselho de Decanos, o nosso unico fim é defender a justiça, acompanhando o brado que a imprensa tem levantado e levantará a favor do nosso talentoso o condiscipulo o Sr. José Cardozo Vieira de Castro — condiscipulo dizemos nós porque um sentimento d'esperança nos diz que o justiceiro Monarcha hade attender os nossos votos.

B. d'Albuquerque e Amaral, Estudante do 5.º anno Juridico.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 13



Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { B. Albuquerque e Amaral

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — FEVEREIRO — I

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

Ao meu amigo e ex-condiscipulo J. Cardoso Vieira de Castro

Inda que sei, que pouco ou nada val
Natureza sem arte e sem doutrina,
Que póde, com amor, parecer mal?

BERNARDES.

A amizade, dom do céu, encantando a vida do homem e duplicando-lhe o coração, é um dos mais bellos e uteis sentimentos, que caracterizam o ente livre e intelligente.

Num só e íntimo pensar reúne as almas, que por madura sympathia enlaça, distribuindo-lhes, como presente commum, já o aroma das flores, já a aspereza dos espinhos, que ladeiam a estrada do mundo.

Companheira fiel nos dias da adversidade derrama balsamo precioso de consolação para fortificar o animo abatido, que instinctivamente o acolhe e gosta, como a ave implume o alimento, que a mãe cuidosa lhe apresenta; o infante o peito, que o nutre, e os animaes o ar, que lhes dá vida. — Com a virtude e palavras de prudente conselho reanima a coragem, que se eleva á altura da aguia, adejando sobre a cabeceira aos silvos de paixões ignobeis, elementos destruidores da ordem. — É o enlevo das almas puras e afortunadas. — É a providencia na desventura!

Joven ex-condiscipulo, cuja candura e inexperiencia, escutando a impetuosidade do coração e os brilhantes vôos da intelligencia, dispensavam ainda de empregar a precaução do fio de Ariadne no labyrintho da vida, murchou o risonho florir de tua existencia; sumiram-se tuas illusões, pobres flores, que o veneno conspurcara na seiva! Surge hoje o fructo amargo; surgem tristes realidades, que te enlutam a primavera da vida, tão rica de nobres aspirações, quanto incapaz de dissimulação e embuste! Alumno das sciencias, expulso do templo dedicado á sabedoria, teus solemnes votos foram annullados, e penas perpetuas vão enervar teu espirito, fortalecido de dons da providencia, e deprimir teu talento, enriquecido de regulada cultura!

Na hora da despedida, como amigos e collegas nas lides litterarias, te estreitá-

mos nos braços; o rosto, fiel retrato da alma, te indicára que não eramos alheios ao justo sentimento, e as lagrimas, que então se confundiram com as tuas, foram provocadas pela sensibilidade desinteressada de animos bem formados. — Desappareceste, e logo a dôr estendeu seu escuro manto sôbre os corações; que, procurando beneficiar-te, careciam de meios, á maneira dos miseraveis indigentes, que na pobreza sabem entreter desejos.

Seja, porém, a justa queixa o echo da nossa dôr, já que todos os entes receberam do céu voz para significar suas penas: o bronze retumba sob o martello, que o fere, e o ramo, que se quebra, espalha um som enternecido.

Sumido o pensamento na tristeza, longe iria o soffrimento; nosso supplicio, qual o de Prometheo, corroeria eternamente o coração, se a esperança, egide e consolador sustentaculo d'uma justa vontade, não reflectisse já os brilhantes raios da justiça e clemencia, que constituem o talisman e ornamento dos reis da terra.

A Mão Poderosa se estendeu para nós proteger: a virtude reclinase sôbre o throno e endeusa o Rei, cujo esplendor doura a nação.

Alumno das sciencias, se o naufrago afflicto pinta a terra nas nuvens, e o encarcerado, durante as trevas da noite, imagina que verá surgir a liberdade com o astro do dia, tu mais feliz ajoelha ante o Monarcha Portuguez, e experimentarás o que póde sôbre a terra a auctoridade unida com a virtude; oxalá que, juncto ao throno, a régia mão te eleve, como outr'ora a rainha de Carthago elevára o varão pio; oxalá que a régia beneficencia, concedido o perdão, te reenvie ao nosso gremio amigo e litterario, como outr'ora o generoso rei da Macedonia perdoára os excessos do rebelde Poro, restituindo-o aos seus pequenos estados.

E perante Vós, ó Deus, desapparecem as faltas do arrependido, como os flocos de neve se desfazem tocados pelos raios do sol! E diante dos milagres da Vossa graça que inclinâmos com humildade nossas fronte, reconhecendo que sem Vós nada somos e nada podemos. *In Deo vivimus, movemur et sumus.*

Coimbra, 30 de Janeiro de 1860

F. P. Santa Clara.

Uma pena de morte academica riscou da Universidade um dos maiores cultores das lettras, o nosso condiscipulo José Cardoso Vieira de Castro.

O templo da sciencia ficou para sempre fechado a um dos seus grandes admiradores.

Como condiscipulos sentimos a perda d'um condiscipulo; como amantes do saber sentimos que entre este e o sr. José Cardoso Vieira de Castro, se fizesse uma separação completa, por toda a vida.

Vêr cortada a carreira a um talentoso estudante, a quem na primavera de sua vida se ostentava um futuro tão esplendido, é para compungir a um estranho; quanto mais a nós, que o tinhamos por companheiro fiel nas lides academicas!

Uma dôr profunda nos enlutou o peito, que só encontrará allivio, quando nos fôr restituído o nosso condiscipulo.

Appellâmos em último recurso para o nosso virtuoso Monarcha, em cujos braços se lançou o sr. Vieira de Castro, com uma petição assignada pela academia, e grande parte de nossos mestres.

Confiâmos em que no alto throno hão de ser ouvidos os nossos rogos.

O EQUILIBRIO E HARMONIA SOCIAL

A justiça, centro de todos os direitos e de todas as vontades, podemos e devemos considerá-la como um pharol brilhante, que nos governa e dirige com mão segura por entre o remoinhar contínuo de interesses oppostos, paixões ignobeis, e sentimentos contraditórios.

Porém, a experiencia nos atesta que nem sempre as leis são justas, e seus executores fiéis observadores de seus preceitos. Nestas circumstancias o unico subsidio, a que nos socorrer, é ao sagrado e inviolavel tribunal da justiça, o unico que poderá decidir, livre de preconceitos, alheio a paixões, guiando-se sómente pela luz brilhante, que da natureza suprema é irradiada.

Sempre, a fim de haver todo o rigor de direito, devia ser pelas leis facultado este ultimo appello; porque em tudo e por tudo deve haver justiça, aliás a harmonia, que deve presidir a todos os nossos actos, será cambiada pela desordem social, que inevitavelmente se segue e seguirá; só se a natureza íntima das cousas, e das leis, que as regem, fôr invertida por mandado supremo. Logo que a injustiça seja commettida, a escravidão apparece, como indicio certo e necessario do augmento da esphera do aggressor em detrimento do offendido, a quem a justiça coadjuva, e os homens despresam. Este estado de predominio do senhor, e submissão do escravo, é a morte fatal da sociedade, e mais cedo ou mais tarde a destruição completa dos mesmos senhores feudaes.

A experiencia de todos os tempos, aonde se estampa e une o que a philosophia descobre e separa, mostra-nos, assim nós attentos colhamos os seus fructos, que a acção e reacção precisa ser contrabalançada; d'outra sorte a sociedade correrá breve a restabelecer a harmonia, usando dos meios mais apropriados, segundo as circumstancias particulares e geraes, a fim de derribar o predominio que um elemento assimilou a si, e que o principio organisador pede seja restituído ao que injustamente foi privado ou por a acção poderosa, ou reacção despotica.

O equilibrio é o magestoso problema social, é o typo de perfeição humana; ainda que nunca attingivel, porém sempre obrigatorio para todos, sejam quaes forem suas posições sociaes ou particulares; porque acima do que vemos está a justiça, como ponto transitorio para um outro estado, por certo, mais perfeito que este.

Tudo o que tender á realisacão d'este principio, collocando na sua posição cada uma das individualidades, que a natureza acolhe com o mesmo carinho, sem distincção de pessoas; tudo, dizemos nós, é justo, procedendo-se com regularidade, porque a posição do homem não se coaduna com a baixa condição de escravos; para quem a morte é a vida, e a vida a morte.

Esta harmonia moral, mais harmónica que a natureza physica, vae hoje nas azas da philosophia moderna, verdadeira philosophia, a ser mais considerada em si e em suas consequencias, que a humanidade, a quem o raciocinio em seus principios e deducções prendem com maior vigor que os ferros das masmorras, e a fouce do algoz, pretende conhecer para o regulamento racional de todos os seus actos.

Esta tão decantada harmonia, em que se têm concentrado todas as attentões dos escriptores modernos, tão elogiada por Kant, Krause, Ahrens, e todos os escriptores da nova eschola, não passa de um simples sonho, cujas aspirações são tão elevadas, que a rachitica mas orgulhosa civilisacão moderna não comporta.

O mal merece serios cuidados de todo o homem, qualquer que seja a sua posição social; porque todas as relações, ainda as mais distantes, se prendem e engrenam, de fórma que a menor quebra d'uma d'ellas é sufficiente por si a arrastar a destruição das outras.

O homem é a sociedade, e esta é o homem.

Tirem-se d'este principio as deducções que elle comporta, e a sociedade irá caminho recto á perfeição.

A solidariedade é o caracterisco da natureza individual e social.

O tigre tomando o gosto no sangue da victima augmenta progressivamente o seu furor, que só terminará depois de completo o sacrificio.

Este é o caminho da arbitrariedade e do despotismo, que só encontra limites depois da aniquilação dos elementos soffredores.

Logo que a desordem apparece, convem empregar todos meios, que possam reter o curso devastador da tyrannia; aliás tomará alento, recuperará forças, que só uma reacção poderosa será capaz de conter, transformando-se em ultimo recurso em licença desenfreada.

A historia, desengano dos incredulos, mostra-nos em todas as suas páginas o que a philosophia descobre em suas indagações. Ainda hoje se veneram os nomes de Junio Bruto e Collatino, como os primeiros heroes da nação

romana; foram elles os que desbravaram o terreno para a liberdade de Roma, que até ahi estava cercado com as peias do despotismo.

A escravidão poderá dominar a espiritos cobardes; mas nunca a um genio patriótico e liberal, que mais se excita, quanto mais se opprime.

É livre quem o quizer ser. A independencia manifesta-se com maior vigor, quando se vê cercada pela guilhotina, algoz e ferros da escravidão.

A materia nunca prevalecerá sobre o espirito.

A mão da Providencia, que continuamente vóla pelas suas creaturas, depara de quando em quando um d'esses salvadores da liberdade, que por ella muitas vezes se sacrificam.

O martyrio sempre mereceu o culto de todos os povos e de todas as religiões. O martyr, que só por um motivo de abnegação, de amor de liberdade, de respeito ás leis, se sacrifica em detrimento proprio, não morre para o mundo nem para Deus; os seus serviços a sociedade os reconhecerá agradecida.

Haja o equilibrio e harmonia e appareça quem ao principio atalhe o mais pequeno desvio; o problema social está resolvido.

B. d'Albuquerque e Amaral.

As linguas cultas são as chaves das sciencias; tal é a nossa interior estrutura, que para o conhecimento das cousas é necessario que preceda a sciencia dos signaes, com que mutuamente se possam comunicar as intelligencias; é este, além de muitos outros, um dos dons, com que a providencia nós fez superiores ao resto dos animaes. Entendidas as linguas, adquire-se uma grande parte da sciencia das cousas; conhecidos os signaes, se nos fazem ao mesmo tempo familiares os objectos, que elles nos representam: assim, sabendo o que os outros pensaram, adquirimos uma grande parte da importante sciencia de saber pensar.

Á proporção d'esta utilidade se reputa preciosa a lingua Latina.

Conhecer a descarnada estrutura ou seccamente a ordem grammatical d'este magestoso idioma; passar depois a uma applicação mais solida, util e agradável; isto é, penetrar seus mysterios, e escrever não só com pureza, mas com elegancia, roubando, pelo assim dizer, o tom e o genio Latino; ultimamente servir-se d'um tão perfeito e tão bem disposto instru-

mento para alcançar todos as noções e adquirir toda a sciencia, a que póde conduzir o conhecimento d'uma tal lingua, eis-aqui, segundo julgo, os tres distinctos estados, por onde necessariamente passa quem chega a ser um bom latino: elles, porém, se differencam e se distinguem por sua mesma natureza. Se o primeiro, como uma descarnada grammatica, é meramente a applicação propria da puericia; o outro, como pura latinidade, é o mais justo ornato de bem educada mocidade; o terceiro adquire para alguns homens raros o principal crédito de bons philólogos.

Hoje infelizmente cuida-se, quando muito, do primeiro d'estes estados, que, não se ligando ao segundo, pouco póde aproveitar.

Não se julgue porém que desejára vêr renascido o systema antigo, em que nossos mestres reputavam aquella primeira arte, que elles tornavam muito mais arida, como um justo e proporcionado emprêgo não só dos desperdiçados mancebos, mas dos illudidos adultos.

Havia entre nós quem abusasse de tal modo da propria existencia, que consumisse uma vida dilatada em comprehender miseraveis bagatelas. Se estas verdades não fóssem já vulgares, á força de repetidas, eu me devêra adiantar a comparar toda a vastidão das sciencias humanas, a que os homens devem aspirar, com uma pueril e infadonha grammatica latina, a que nós eramos constrangidos reputar uma das grandes faculdades!

Todavia quizeramos que, aperfeiçoado e simplificado o methodo, se exigisse, com subido rigor, na mocidade o ornato do conhecimento da lingua latina, que nos bons dias de nossa gloria passava entre os nossos por cousa bem vulgar. Que homem recebia então os incensos de erudito, que não fosse adornado com o conhecimento da lingua dos Ciceros e dos Livios? Se alguém duvidar leia os Estações, Teives, Gouveias, Osorios e infinitos outros.

Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, entre cuja canora turba se eleva o grande Camões e os poetas da Arcadia, alliviavam o espirito fatigado, brincando com as musas latinas, e fazendo-as fallar bem a nossa lingua: esta tinha então menos um proverbio e um synonymo, que adoptou a barbaridade dos tempos seguintes. — O ser latino não era o mesmo que ser enigmatico.

E quem se atreverá a negar que as mesmas musas romanas acordaram do seu longo lethargo para influirem muitos portuguezes? De Gouveia, Cayado, Teive e muitos outros sejam

defensores os seus bons versos. Não eram superstitiosos cultores dos esqueletos das musas latinas, pois alli ha a profunda sciencia da lingua, em que fallavam; alli ha o pensar de poeta romano; alli ha aquelle ar de poesia, que é um dos segredos, que as musas reservam para repartirem, como dom precioso, a bem raros dos seus cultores.

Concordâmos que o homem sabio nos nossos dias deve conhecer todas as linguas, e escrever sómente na materna; mas julgâmos que o

seguir 'nesta parte o gôsto antigo em gráu sublime de perfeição, se é preocupação, é uma preocupação bem gloriosa, talvez necessaria e sempre respeitavel.

O sr. Antonio Lopes dos Santos Valente, estudante do 2.º anno juridico, revela actualmente subido gôsto e estudo da litteratura latina. O joven cultor da bella poesia, folheando os classicos do seculo de Augusto, enriquece o espirito e a litteratura.

F. P. Santa-Clara.

— — — — —

(1 2 3)

Ad Antonium Lopes a Sanctis Valente

Cedite, Romani scriptores, cedite, Graii¹;

Sic statuere diu

Dì superi atque aeterna trium decreta sororum;

Omnibus atra dies.

Quid laudum vati Sulmo tribuit, Venusinus

Quasque tenet fidicen?

Fronde comas vinctum, hunc Cytheraea libidinis igne

Extulit, hunc Bromius.

Qui Pana et segetes, Teucrorum qui canis arma,

Te latuere doli:

Gentibus invisus, tutis errabis in umbris

Elysii nemoris!

Nunc, Valente, ignotumque effers carmine, musas

Quod memorare piget;

Quoque aenigmata nectere te decet Ausionisque

Verba ligare modis?

Sibilat indoctus, vatem renuatque Latinae

Fila movere lyrae.

Temne exoro, et, quod celsum ad Pindum te agit, iter

Vade, juvante Deo;

Laetum hederis ver pingit agros, nec astra quiescunt

Fixa micare polo.

Conimbricae, tertio calendas Februarias, anno 1860

F. P. Sancta Clara.

¹ Verso de Sext. Propercio.

DHALIA SECCA

Depois d'um dia d'ausencia
Da minha linda adorada
Hontem me foste offertada,
Oh dhalia de rubra côr;
D'entre as irmãs, que tiveste,
Para mim colheu-te a bella,
E, ao entregar-te, disse ella:
— É prova do meu amor! —

Inda hontem, flôr, estavas
Cheia de viço e frescura...
Hoje a tua formosura
Da que foi é sombra só.
Inda hontem na elegancia
Excedias as mais flôres...
Hoje murcha, já sem côres,
Pobre dhalia, causas dó!

Para ti findou a vida,
Vaes morrer triste florinha!
Tua morte que adivinha
De funesto para mim?
Talvez me diga que o affecto,
Que ella diz que por mim sente,
Como tu, vae brevemente
Tocar da existencia o fim...

Ai! se a tua sorte prende
Do seu amor com a sorte,
Quizera roubar-te á morte
Para o seu amor viver...
Quizera co' o proprio sangue
As murchas folhas regar-te;
Quizera á vida tornar-te,
E nunca ver-te morrer!

Al... Agosto de 1859

Eugenio de Barros.

A INDEPENDENCIA

Nada ha mais apreciavel nos tempos libe-
raes, que a independencia. É ella uma virtu-
de, que eleva e nobilita o homem em todas
as suas situações, desde a infimidade até ao
vertice da hierarchia social. Mas a independen-
cia, de que falámos, não é a soberba, esse
orgulho immoderado, que separa os homens,
e semeia a desconfiança na sociedade e no seio
das familias, é, ao contrário, o sentimento no-
bre, que nivela tudo perante a consciencia
propria e o typo humano.

Ser independente é depender unicamente da
lei justa; e, quando esta falte, da razão illus-
trada e experiente, e especialmente dos senti-
mentos moraes, que mesmo no rigor da lei
vem, como por encanto, adoçar a sorte dos
que o fado votou á vingança da justiça.

Ser independente é levantar o collo deante
de quem prosterga os direitos naturaes e po-
sitivos; submeter á justa censura quem se
desvia do caminho da virtude social, para sa-
tisfazer vinganças mesquinhas; e intrepido af-
frontar, se tanto convier, o turbilhão procel-
loso dos que, dominados de paixões violentas
e destruidoras, ameaçam, quando não macu-
lam indelevelmente, a honra do cidadão, o
melhor bem, quo o homem consciencioso apre-
cia e estima sôbre a terra.

Ser independente é não contemporisar com
a lisonja; não condescender com as paixões
infames; submeter o comportamento proprio
á lei e á regra da razão; sacrificar os intere-
ses presentes e futuros á honra e dignidade
pessoal; vêr os homens pelo prisma da frater-
nidade e egualdade; collocar-os todos no mes-
mo plano; estimar-os todos do mesmo modo;
censural-os sem excepção alguma; e para res-
tituir o justo ao seu throno violado atravessar
impavido a turba desmoralisada, levando 'numa
mão a lei, que pede vingança, e na outra o
facho da revolução, que a vinga.

A independencia, fundamentada na justiça,
lei suprema da humanidade, é o dom precioso
com que a natureza suprema quiz enriquecer
o rei da criação.

A liberdade, que se guia exclusivamente pela
razão, é synonymo de independencia; quando,
porém, ella excede os seus limites naturaes,
convertendo-se em lisonja e estúpida condescen-
dencia, é dependencia; se esta condescendencia
sobe de ponto, exercendo-se com a mesma fa-
cilidade em materias socialmente prejudiciaes,
toma o nome de despotismo cruento.

Assim: a dependencia é a negação da di-
gnidade pessoal; a independencia é a mani-
festação da humanidade perfeita.

Quem depende da lei, depende de si mes-
mo;

Quem depende de si mesmo, é independente;
Independencia, pois, é a dependencia da lei.

E a lei é o regra do direito.

Quem depende do direito, e só d'elle, é
justo.

Quem despreza o direito, é injusto, indigno,
estúpido, e desmerece a benevolencia dos ho-
mens de bem. J. Machado Cabral e Castro.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 12)

X

Continuação dos successos de Gil Fernandes,
o Bom, alcaide mór de Elvas!

Terminada a linha da primeira dynastia Portugueza, a espada de D. Nuno Alvares Pereira e a facundia do jurisconsulto João das Regras fazem com que, reunidas as côrtes em Coimbra, fôsse eleito rei D. João I, filho bastardo de el-rei D. Pedro I, contra as pertenções da rainha D. Leonor, que ainda fez acclamar sua filha D. Brites ou Beatriz, casada com D. João I de Castella.

D'aqui nasceram as desintelligencias entre estes dois monarchas do mesmo nome, e ambos primeiros.

Começaram os castelhanos a invadir Portugal, tomando-nos algumas terras; muitos fidalgos portuguezes, sectarios do partido da rainha, negaram a patria.

Elvas, ponto importante, se oppoz sempre ao inimigo pela parte que mais poderoso a ameaçava.

Era neste tempo Gil Fernandes alcaide mór do castello; já referimos quaes fóram as suas primeiras façanhas, diremos agora o que a tradição nos legou, que elle fizera na defeza de Elvas.

Vespera de S. João Baptista, de noute, se emboscaram os castelhanos para dar assalto aos cavalleiros, que de Elvas costumavam sahir festejar o mesmo Sancto. Gil Fernandes, que não só era valeroso, mas entendido, sahio com cautella, e mandou fechar as portas da villa. Encontrando-se com os castelhanos, que eram muitos e bem armados, os accommetteu com tanto valor, que lhes ganhou o guião, que vulgarmente chamam pendão ou bandeira. Correndo com elle para a villa, estando, como dissemos, as portas fechadas, pela parte mais accessivel impelliu o guião, que foi recolhido pelos que estavam juncto ao parapeito do muro, e tornou para os seus, que, peleijando, ficaram contra os castelhanos. Gil Fernandes

carregou sobre elles com tal valor, que, ferindo-os desapiadadamente, os pôz em fuga, gritando os castelhanos: — *Guarda da espada de Gil, que corta como navalha. D'este dicto se derivou o nome do sitio que ainda hoje chamâmos — Gil navalha: e do successo do pendão a horta d'este nome.*

Noutra occasião souberam os de Badajoz que Gil Fernandes, com alguns cavalleiros, estava para a banda de Estremoz, ajuntaram um bom numero de cavallos, e, embuscados juncto ao caminho, o esperavam de volta. Gil Fernandes trazia sempre sentinellas para o avisarem do perigo; avisado da força superior do inimigo, reuniu um conselho, em que se resolveu, que para fugir ao perigo, convinha retirar.

— *O retirar é uma mascara de fugir*, respondeu Gil Fernandes, e mettendo esporas ao cavallo, arremette gritando: — *Segui-me parentes e amigos.* Tal tropel fizeram todos, que levantando-se uma nuvem de poeira, e impellindo-a o vento sobre os inimigos, os perturbou de modo que não viam os nossos. Gil Fernandes se valeu do successo, e gritava aos seus: — *Matai esses castelhanos que estão cegos.*

Muitos morreram naquelle encontro; outros escaparam pela fuga, ficando os nossos senhores do campo: desde então chamou-se aquelle sitio — *A carreira dos cegos.*

Quando alcunhavam a Gil Fernandes de temerario, respondia: — *Nos casos repentinos a resolução é o que mais importa; porque quem vence avanta-se ao que duvida.*

Fez outras muitas proezas de valor, como se pôde vêr nas chronicas de el-rei D. João I.

(Continúa)

M. J. Pires.

O LIBERTADOR DOS ESCRAVOS
DA AMERICA DO SUL

Os Estados Unidos foram ultimamente o theatro onde se passou um drama terrivel, que a historia registrou com letras de sangue, em as suas páginas de bronze! Tão lamentavel acontecimento como o que alli se deu, e que vamos em seguida narrar, offerece vasto assumpto a profundas cogitações; assumpto na verdade digno da attenção de todos os homens, para quem o amor da humanidade é um sentimento real e não uma palavra vã.

Victor Hugo, o illustre poeta da culta França, do seu retiro de Hauteville House escrevia para

1 Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano:
Gil Fernandes é d'Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.

a *Presse* entre outras as seguintes linhas nar-
rando o facto:

«Ha escravos nos Estados do sul (America),
o que indigna, como o mais monstruoso dos
contrasensos, a consciencia logica e pura dos
Estados do norte. Estes escravos, estes negros,
quiz libental-os um homem branco, um ho-
mem livre, John Brown.

Na verdade, se a insurreição é um dever
sagrado, é contra a escravidão. John Brown
quiz começar a obra de salvação pela liber-
dade dos escravos da Virginia. Puritano reli-
gioso, austero apologista do evangelho, enviou
áquelles homens, áquelles irmãos, o grito de
alforria. Os escravos, enfraquecidos pelo cap-
tiveiro, não responderam a esse brado. A
escravidão produz a surdez da alma.

John Brown abandonado combateu; — com
um punhado de homens heroicos luctou até
final; foi crivado de ballas, e seus dois filhos,
sanctos martyres, caíram mortos a seu lado,
sendo elle apanhado.»

A isto seguiu-se o julgamento, Brown foi
sentenciado á morte, e marcada a sua execu-
ção para o dia 2 de Dezembro de 1859: espe-
rava-se, todavia, que fôsse espaçada até 16;
apoz esta demora, restabelecida a serenidade
de espirito e passado o momento do calor,
contava-se com justo fundamento, senão com
o perdão do condemnado, ao menos com a re-
vogação da pena capital. Tal não permittiu a
Providencia Divina! O libertador dos escravos
pereceu no dia 2 de Dezembro de 1859!!

V. Hugo! Washington matou Spartacus!

A Europa viu com pasmo a bandeira da
União manchada com uma nodoa indelevel e
stigmatizou unanime tão monstruoso proceder;
— porque um grito solto lá em nome de Deus
que nos deu a liberdade — *Christus nos libe-
ravit*, foi abafado e os homens tiveram horror
de o ouvir; porque essa nobre terra d'Ame-
rica, em um momento de inexplicavel loucura,
alçou aos pés, um principio sagrado e invio-
favel, um dos mais sublimes direitos naturaes
— a liberdade individual; porque, finalmente,
esse martyr, esse apostolo venerando, foi tido
entre os seus como se fôra um traidor á pa-
tria; o cadafalso, spectro e mensageiro da
morte, ergueu-se na praça pública, ameaçador
e pavoroso, e viu-se balouçar nos ares, sus-
penso numa forca, o corpo inerte d'um homem
livre exposto ao escarneo das multidões.

Cae a penna da mão
..... aneia a mente
Bate horror sôbre horror no pensamento.

Esta linguagem não deve causar estranheza.

A imprensa é um tribunal severo, onde se
julgam os homens e as nações, em toda a al-
tura dos principios, e longe do contacto pes-
tifero de paixões mesquinhas e abjectas. É de
este elevado throno que o escriptor público
contempla a marcha progressiva da humani-
dade, que se revolve em eterno redemoinho,
consignando nas páginas volantes do jornalismo
(e em monumentos immoredouros) ora as ver-
dades descobertas e os progressos realizados,
ora os erros e os crimes, que são o lado es-
curo d'este painel magnifico, que se reflete na
historia — esse grande espelho dos seculos!

Assim pois ao já longo catalogo dos immor-
taes propugnadores da liberdade, veio juntar-se
mais um nome illustre e glorioso: é o de John
Brown, existencia preciosa e magnanima que
em seus vãos arrojados teve de cair lá de cima,
ferida sem dó como se em tempos estivessemos
de monstruosa barbarie.

U. M.

CHARADA

Se fallando }
A voz escutas, } 2
Não disputas }
O que seja. }

Resolveu-o }
Grande home, } 1
Cujo nome }
Causa inveja. }

Pobre d'elle, }
Que só pôde } 2
D'este modo }
Nos fallar. }

Ai d'aquelle
Que não souber
No seu viver
De mim usar.

EXPEDIENTE

Com este número começa o 3.º trimestre
do volume 2.º d'este jornal; rogamos aos
Srs. Assignantes das provincias, que por
ventura estejam em debito de suas assigna-
turas, tenham a bondade de mandar satis-
fazel-as.

ESTRÊA LITTERARIA

301

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 14

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
H. Albuquerque e Amaral

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — FEVEREIRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 . .

Redactores da *Estrêa Litteraria*

Tenho nas mãos vossa última folha.

Que vêm a dizer nestas páginas uma tarja de lucto? — Saudade? — Então ha 'nella pelo menos gosto e amargura, delicia e pungimento como na do grande poeta que é vosso; vosso, sim, pois nas vossas letras renasce: e, *pelo menos*, digo, que eu de mim só tenho colhido favos d'este infortunio, que foi quasi ventura.

Amigos, duas vezes collegas, e duas vezes irmãos, não sei agradecer-vos, confesso ingenuamente. Á alteza dos vossos sacrificios pôde subir a minha alma que os comprehende, mas não chega a palavra, pobre para definil-os.

Dizeis vós que eu sou infeliz, e só eu não dou por tal. Se ha espinhos 'nesta desventura, nem os vejo com tantas flôres, que por sobre elles derramaes. Se a Universidade me cortou o meu futuro, a mim peza-me o não ter outro para lhe offerecer em holocausto, remindo o novo soffrimento, abraçando-vos de novo, escutando-vos, admirando-vos. No agasalho dos vossos confortos não sei por onde se arrastam os meus inimigos, que nem siquer os enxergo.

As máguas que trazem remedios d'estes valem mais que a alegria dos estupidos e dos máus.

Amigos, não sei, repito, compensar-vos os balsamos que me entornaes no coração.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1860

Vieira de Castro.

Dispâmos o lucto e vistâmos-nos de gala.

Em breve será restituído ao nosso gremio o sr. José Cardoso Vieira de Castro.

A esperanza consoladora não podia nem pôde enganar-nos.

As nossas aspirações, dirigidas pelo facho brilhante da justiça, não são illusorias.

O illustre Monarcha, em cujo coração imperam os generosos sentimentos do Restaurador de nossas liberdades, não desattendeu o sr. José Cardoso Vieira de Castro; — deu-lhe esperanças, com que todos nos animâmos.

A graça do nobre Monarcha não é só para o sr. Vieira de Castro: é para toda a Academia; é para as Escolas, que se associaram aos nossos rogos; é para a maioria da imprensa periodica, que despresando a politica, não desamparou a innocencia; é para os sabios advogados e litteratos de Lisboa, e principalmente nós, que fervorosamente esperâmos vêr raiar o dia da nossa gloria academica.

OS RR.

O PODER MODERADOR

Si Dieu lui-même, comme l'enseigne une saine philosophie, s'est réservé le droit de suspendre les lois de la nature, est'il étonnant que l'intelligence humaine, ordonnatrice de la société, suspende, elle aussi, les réglemens que elle a portés?

Taparelli d'Azeglio. *Essai théorique de droit naturel.*

Acima de todos os poderes sociaes está o poder moderador, que perdôa ou commuta a pena. É este o refugio da innocencia opprimida pelo despotismo do juiz e pela atrocidade das leis.

A natureza humana será sempre insondavel em seus mysterios profundos; nunca será concedido a um exame claro e evidente o eu incomprehensivel em suas determinações.

Estudando o homem em todos os seus elementos que o elevam acima de si mesmo, e o abaixam até ao ponto, aonde termina, se é possível ter limites a paixão desenfreada, conhece-se que a Providencia em seus mysterios symbolisou o amor e benevolencia, com que attende pelos seus.

Se o pequeno recinto da justiça, desattendida — a consciencia, estivesse patente ás prescruções humanas; qual o refugio, e o conforto do opprimido, a quem a justiça favorece, mas as vis paixões condemnam?

Tenhámos ao menos este pequeno asylo, mas grande nas aspirações, aonde nos possamos acobertar d'essas furias infernaes, que aos homens dominam.

Sejamos livres no foro da consciencia, já que o foro externo, mais puro em suas manifestações e mais recto em seus juizos, não comporta tal poder.

Comtudo, se este mysterio é um bem, é um mal a outros respeitois.

As relações prendem-se de tão diversas fórmas, segundo as diversas circumstancias, que os principios obrigatorios para o homem, ainda que em si, em sua essencia, sejam absolutos, na sua união com outrós, tornam-se relativos e modificaveis. A ordem da natureza regula-se d'esta fórma.

Se a consciencia em sua mysteriosa condição serve de abrigo á innocencia ultrajada, é tambem a origem de difficuldades inextricaveis na applicação da justiça.

Como applicar uma pena em proporção com

o delicto, se a sua causa determinante é desconhecida?

Como avaliar os limites do desinvolvimento intellectual e moral, a extensão de vontade, e a força de intencionalidade do criminoso, se todos estes phenomenos são incognitos para todos?

Entendemos, portanto, que a pena é injusta em sua applicação.

Se fôsse este o unico mal, que tivéssemos de sentir, melhor seria soffrel-o, do que pretender remedial-o.

Outros se addicionam, porém, cujo effeito é mais pernicioso.

O mal que está inherente, como o bem, á natureza das cousas, não pôde supportar comparação com aquelle que a perversidade humana é capaz de forjar.

O abuso da authoridade, que ultraja a santidade das leis, principalmente as penaes, cujo rigor é um tanto arbitrario, é o requinte de tyrannia; é o despotismo traicoeiro, que offende a fidelidade promettida; é o cúmulo da perversidade, que, para satisfazer seus odios e vinganças, empunhou com as mãos profanas a espada da justiça.

A authoridade tem uma esphera de acção, que a lei na impossibilidade de definir, lhe outorgou, confiando no seu juizo imparcial, em administrar a justiça.

Quando, porém, esta supposição falha, ha necessidade de recorrer a um poder superior, que pela sua mais elevada posição, que lhe permite avaliar os factos com imparcialidade, poderá decidir-se com justiça.

Todos os embaraços que este novo recurso possa ter estão de sobejo compensados pela defesa da justiça, que se pretende conseguir em este novo appello.

Acima do despotismo da lei, da arbitrariedade do juiz, e da perversidade do algoz, está a beneficencia paternal, que o poder moderador symbolisa.

Se ha outra politica, que não seja a justiça, ainda assim exige, como condição de garantia social, a influencia do poder moderador.

A reacção poderosa, que uma pena injusta produziu, deve ser mitigada em seu ardor, para que o equilibrio das forças sociaes não seja perdido em favor do predomínio d'um dos poderes, que pede vingança da atrocidade commettida.

A concordia é necessaria em tudo, quer premiando, quer castigando.

A unidade exige, como representante da ver-

dade, que a tão diversos modos de pensar e julgar dos direitos sociaes, haja um centro e um poder, que a tudo dirija com certa uniformidade de principios, e uniformise seus juizos, quando não sejam fundamentados no eterno e simples principio da justiça.

B. d'Albuquerque e Amaral.

O TEMPLO DA VERDADE

O Templo da Verdade está edificado no cimo d'uma elevada montanha, não tão empinada que seja innaccessivel, como essa de que nos falla o sublime Tacito no começo do seu livro da *Germania*, mas sim de bem custoso e difficil accesso. São várias as avenidas d'aquelle affamado sanctuario; e todas—qual mais escabrosa, qual mais aspera—se encontram em muitas e diversas partes, compondo assim um verdadeiro labyrintho. E porque todos buscam o mysterioso templo, todos se embrenham 'nestes caminhos, fiados na sua boa ou má estrellia: desanimam uns de tão ardua empreza, cansados de lidar em vão, por atinar com o mais direito e seguro; outros, ambiciosos de renome e gloria, consomem os annos e a vida em tão affanoso quanto louvavel empenho, sem avistarem sequer o limiar de seu portico; outros, finalmente, com se perderem muitas vezes, porém mais robustos d'animo e mais favorecidos da fortuna, conseguem por sua firmeza e dedicação o que aquellos não lograram alcançar.

E o mais notavel é, que ao passo que lá dentro irradia uma luz brilhantissima, cá fóra, pelo contrario, existe sempre uma nevoa muito cerrada!

U. M.

A M. do C. e C. M. V.

Così trapassa al trapassar d'un giorno
Della vita mortalle il fiore e 'l verde
Né, perché faccia indietro april ritorno
Se rinfiora mai, né se rinverde.

TASSO

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz, que 'nesta vida me guiava;
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz, que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu, se os não sonharam,
Quiz mostrar-me que o bem bem-pouco dura:

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz de seus olhos—que era velos
E enfeitigar-se a alma em graça tanta!—
Lia na sua boca a Biblia santa
Escrepta em letra cõr de seus cabellos;

Tinha o céu da minh'alma as sette côres,
Valia-me este exilio um paraizo,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

Deus era inda meu pae! e emquanto pude
Li o seu nome d'Elle emquanto existe;
No campõ em flôr, na praia árida e triste,
No céu, no mar, na terra... e na virtude!

—Virtude!—que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assume
'Numa lagrima nos cae!

Abre a flôr á luz que a enleva
Seu calix cheio d'amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flôr!...

Que é d'esses cabellos d'ouro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesouro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma,
Que é d'esse collo d'espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flôr da grinalda
D'esses dourados cabellos,
D'esses olhos, quero vel-os,
Esmeralda!

Que é d'essa alma que me déste.
D'um sorriso, um só que fôsse,
D'esse teu calix tão dóce,
Flôr celeste!

Tua cabeça, que é d'ella,
A tua cabeça d'ouro,
Minha pomba! meu thesouro!
Minha estrella!

De dia a estrella d'alva impallidece
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia! a flôr parece
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de cristal—onde hei bebido
Os nectares do céu... se um céu houvesse?

Ah lagrima das lagrimas que choro!
Quem tão—menina e moça—desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'ouro?...

Some-te, véla de baixel quebrado!
Some-te, vóa, apaga-te, meteoro,
E é só mais 'neste exilio um desgraçado!

E as desgraças podiã prevel-as
Quem a terra sustenta no ar;
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar!

Deus podiã prever a desgraça;
Deus podiã prever e não quiz!
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!...

A vida é o dia d'hoje;
A vida é ai que mal sóa;
A vida é sombra que foge;
A vida é nuvem que vóa!
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento!
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flôr na corrente;
A vida é sopro suave;
A vida é estrella cadente;
Voa mais leve que a ave!
Nuvem que o vento nos ares
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou;
A vida—penna cahida
Da aza d'ave ferida
De valle em valle impellida—
A vida o vento a levou!...

Como em sonhos o anjo que me affaga
Leva na trança os lyrios que lhe puz;
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou, sim, como a folha, que desprende
D'uma flôr delicada o vento sul;
E estrella que se estende
'Nessa abobada azul.

Levou, sim; como os olhos d'um amante
Levam comsigo a luz d'um doce olhar;
E o vento do levante
Leva a espuma do mar!

Levou, sim, como o filho quando expira
Leva o beijo dos labios maternas;
E ao labio que suspira
O vento leva os ais!

Levou, sim; como leva a mãe seu filho
E as azas leva a pomba que voou;
E o sol leva o seu brilho
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor, tu és meu pai!
E ao filho desditoso
Não ouves tu um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lyrio dás aos montes,
E tiras-m'a... Senhor!

Ah! quando 'numa vista o mundo abranjo,
—Estendo os braços, e apalpando o mundo,
O céu, a terra e o mar vejo a meus pés—
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Solletro á froixa luz d'um moribundo
Em tudo só «talvez!...»

—Talvez— é hoje a Biblia, o livro aberto,
Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando
Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;
E onde— como a palmeira do deserto—
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu sêr!

Meu sêr levou na aza da aguia negra
Que—levando-a— só não levou comsigo

D'est'alma aquelle amôr:

E quando a luz do dia o mundo alegra,
Cryssallida nocturna, a sós comigo,
Abraço a minha dôr!

Dôr inutil!... Se a flôr, que ao céu envia
Seus balsamos, se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtils,
Inda has de ouvir a voz que ouviste um dia,
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso,
Dante a sua Beatriz!

João de Deus.

CÓRO

Traduzido do drama francez de Chenier-Olîpe
em Colone. — Acto 4.º Scena 4.ª

Tú, ó rei dos manes funebres,
Ó vós, das trevas rainha,
E tu, ó guarda temido,
Negras irmãs, feliz morte,
Asylo do miseravel,
E somno de eterno olvido:

Abri os reinos do lucto,
E recolhei entre as sombras
Quem soffre á sorte o rigor;
Pelas borrascas batido
Oxalá que Edipo ás margens
Aborde ao menos sem dor.

Porque vivemos ainda?
Venturoso, o que uma aurora
Viu nascer, e vê morrer!
Ou no throno, ou na choupana,
Abrir os olhos á luz
É começar a soffrer.

Nenhum dia excita iuveja:
Da vida ao pêso curvado,
O homem no bérço chora;
Na mocidade elle geme;
De sua velhice os prantos
A sepultura devora.

Dr. Zagallo

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 13)

XI

Da ascendencia e descendencia de Gil Fernandes, o Bom, ou Gil Navalha

Os fundamentos, que temos para afirmar que Gil Fernandes descende de Fernão Martins Curutelo, são: 1.º a successão da alcaydaria; posto que, desde o tempo de Ruy Fernandes, não consta que 'nella entrassem Lourenço Pires, Gil Lourenço, e Fernão Gil, pae, avô e visavô de Gil Fernandes; 2.º os nomes patronimicos; pois se Fernão Martins Curutelo teve Gil Fernandes, somente dois não usaram do Fernandes, ou por nome ou por sobrenome. São as conjecturas mais provaveis, que 'neste particular pôde haver. Na linhagem de Vasco Pires, d'onde elle tambem descende, havia signaes de cota de armas; porque Gil Annes era neto do prior, filho de Brites Gil, e, posto que era prior, e como tal clerigo, era fidalgo, filho de Lourenço Pires, que foi bom cavalleiro: o pae e o filho foram grandes servidores dos reis nas guerras. Lourenço Pires está sepultado na igreja do Salvador, e na igreja de Sancta Maria os dictos, prior e Fernão Gil, seu filho, e Gil Fernandes seu neto. Grande lastima é que se não saiba o lugar da sepultura de Gil Fernandes; parece que 'nisto o quiz Deus assimillar a outros grandes homens.

Conserva a tradiçãõ, que teve Gil Fernandes tres filhas: são as femeas, de ordinario, a confusão e exterminio das familias, porque levam os morgados a outras descendencias.

Parece que a primeira casou com algum fidalgo do appellido de Siqueira; porque consta que a Gil Fernandes succedeu na alcaydaria mór de Elvas Vasco Gil de Siqueira, e a este Ruy Gil de Siqueira: estes nomes patronimicos nos asseguram esta opiniãõ.

A segunda filha chamava-se D. Izabel Fernandes, casou com João Rodrigues Peçanha, de quem procedem os Peçanhas; e enviuvando casou segunda vez com Mem Rodrigues de Vasconcellos, de quem teve Luiz Mendes de Vasconcellos. Este casou com Izabel de Azevedo, filha de Lopo Vaz de Azevedo, primeiro almirante do reino; d'estes appellidos procedem os Azevedos e Vasconcellos d'esta cidade.

A terceira filha casou com Gil Fernandes de Monterroyo, dizem que d'este matrimonio procedem os Pegados.

XIII

Dos progressos de João Lopes e Lourenço Matheus, ermitães da serra d'Ossa

Os dois religiosos, que no capitulo IX dissemos que residiam em *rio torto*, e por causa das guerras tiveram de segurar suas pessoas, recolhendo-se á villa, aonde compraram umas casas, juncto á porta nova, terminada a guerra, e dando o nome a rua, em que habitaram, voltaram para a antiga habitação que denominaram da *Provença*, que quer dizer habitação de pobres, porque n'ella albergavam os desvalidos, que mendigavam pelo campo.

Levantaram n'aquelle sitio uma ermida, a que chamaram casa de oração, aonde em horas determinadas de dia e de noite se ajuntavam.

Alcançaram do bispo de Evora que nos domingos e dias sanctificados lhes fôsem dizer missa, e administrar sacramentos. Nestes pios exercicios gastavam o tempo, sem competencia de officios, nem governos, e sem lettras; mas com muito espirito, buscando o céu. A estes se junctaram outros companheiros que se ordenaram presbyteros, e crescendo em numero, formaram convento, clausura, e respectiva igreja.

Como fôse o sitio desviado quasi uma legua da villa; e porisso trabalhoso por causa dos que a ella vinham evangelisar, e provêr-se de sustento para todos, pertenderam aproximar-se mais do povo.

Obltiveram concessão da Camara para se servirem da ermida de S. Sebastião, juncto da qual havia uma fonte, terra para horta, e maior commodidade, mas com a condição, que ensinariam latim de graça aos jovens moradores da villa, e mudando de habitação tornaria a ermida, etc. a pertencer á mesma Camara. Entrando na posse d'esta concessão em 27 de Junho de 1594, continuaram aqui os religiosos (que já então a sua vida tinha forma de religião) as suas obrigações com singular exemplo, porém, com grandes incommodos pela estreiteza dos edificios.

Sucedeu n'aquelle tempo haver uma grande peste geral, que fez grandes damnos nos moradores d'Elvas, e durando muitos mezes, causou espantosos terrores, de modo que a gente que poude se ausentou, outra se entregou ao rigor do mal, elegendo para casa de saude o mosteiro velho de S. Francisco pelas conveniencias que n'elle havia. Acudiam os religiosos a administrar os sacramentos e assistir aos

enfermos; e alguns morreram victimas d'este flagello.

Trinta e dois annos assistiram os religiosos no sitio da ermida de S. Sebastião; mas vivendo, como dissemos, mal accomodados, elegeram outro ainda mais proximo da villa, que tambem a Camara lhes concêdeu em remuneração do que tinham obrado, e esta doação foi confirmada por el-rei, em uma Provisão passada em 29 de Maio de 1619.

Deram principio ao convento, e tanto que a obra se acabou, passaram a habital-o em 7 de Maio de 1625, e n'elle viveram até 1658, em que principiou o ataque das linhas d'esta cidade. Para defensão da Praça determinou-se demolir este convento, que derribaram usando de minas de polvora, de tal sorte, que apenas ficaram d'elle uns pequenos vestigios.

Demolido o convento, recolheram-se os religiosos á villa, e habitaram umas casas particulares numa rua, juncto á cisterna, que vae da de S. Francisco para a porta da *esquina*, á mão direita no canto da rua de João de Quintal. D'aqui passaram para outras, juncto á igreja da Magdalena, em que viveram, até que passaram para o novo convento, que ainda hoje vemos, e que el-rei lhes mandou edificar, proximo da porta da esquina.

Tiveram quatro fundações: A primeira em 1418, a segunda em 1593, a terceira em 1603, a quarta e última em 1660.

(Continúa)

M. J. Pires.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA

DO ANNO DE 1859

A meu pae

Foi-se para sempre o anno de 1859, e aqui me tendes, leitor, na vossa respeitavel presença para lhe tecer uma *Revista Litteraria*. — Uma *Revista*?... — Uma *Revista*, sim sr.: e quem ha que não tenba estes trabalhos? Ninguem: o general passa revista ás suas tropas; o soldado aos seus armamentos e petrechos; o capitalista aos seus fundos; o misero industrial ás suas poucas economias. Ainda mais — o dramaturgo, collige os diversos acontecimentos politicos, espreme-os, e com o seu suco, transformado em papel e tinta, diverte o público por muitas noites successivas com uma «*Revista do anno*»; e, finalmente, o litterato de botequim, typo excêntrico da nossa epocha,

confecciona tambem a sua «Revista Dramatica» que é a analyse *transcendente* d'uma litteratura conhecida ou mesmo desconhecida por elle.

Desconhecida! exclama o leitor espantado com este milagre da civilisação!

Sim, desconhecida; o ponto não é conhecido-a; — que monta isso? o caso é ter estylo!

Ora pois, meu estimavel leitor, tenha v. s.^a a bondade de me acompanhar 'neste meu minucioso exame critico e de assestar a sua luneta para *ver melhor!*

V. s.^a usa luneta, decerto, não é assim? Sendo uma pessoa tão illustrada, tão illuminada, tão radiante, seria palpitante incoherencia não apreciar devidamente este maravilhoso resultado do progresso; esta mola real de toda a civilisação possivel 'neste mundo sub-lunar, esta arena, emfim, que allúe e rende á sua portentosa omnipotencia o mais inexpugnavel de todos os baluartes de que ha noticia, desde os mais remotos e cavalheirosos tempos até aos nossos prosaicos dias — a saber:

O terno coração de casta deusa!

Que vinha eu dizendo?... já nem sei o que era... Ah! fallava em revistas, e disse que ia fazer uma; é bem ardua tarefa, na verdade, bem árido mistér; mas não disse Virgilio:

Labor improbus omnia vincit?

— Disse.

— Ah!... então póde ser.

— Talvez...

... Lá interrompi de novo o andamento regular d'esta Revista! Valha-me Deus com este maldicto costume das minhas divagações. Penitencie-me, e pelo amor do Padre, do Filho e do Espirito Sancto absolva-me o leitor, que eu entro desde já na materia.

1

Tem de começar este nosso profundo trabalho pela *Revista Contemporanea* optimo jornal vaçado nos moldes da *Revue des Deux Mondes*: os nossos primeiros escriptores empenharam-se em satisfazer a esta urgente necessidade — porque era effectivamente uma necessidade — ter-mos uma folha d'esta ordem — e a despeito de todos os obstaculos que offerecia uma tal empreza, conseguiram realisa-la. Honra lhes seja pois.

'Nesta mímosa folha o estylo vernaculo, ele-

gante e fluente corre parelhas com a finura de observação e com uma notavel rectidão de juizo.

É este jornal um vasto e opiparo banquete intellectual, onde a historia, a poesia e o romance, a sciencia e a litteratura tomam igual parte e concorrem admiravelmente para abri-lhantarem este magnifico ornamento das letras patrias.

Á critica, porém, não cumpre tão sómente louvar o que é digno de louvores, cumpre igualmente censurar o que merece censura — aliás não é critica.

Assim pois, alguns artigos menos escolhidos têm apparecido 'nesta folha; em o n.º 3, por exemplo, lê-se o seguinte periodo do sr. Ernesto Biester:

«Houve tempo em que nenhum homem, fôsse qual fôsse o seu talento, aptidão ou superioridade, podia sequer pensar em commetter a ousadia de chegar aos primeiros logares da republica.» Ora, ninguem se lembra d'esse tempo, nem a historia antiga nem a moderna fallam 'nelle. Deixal-o! estamos nos tempos dos descobrimentos uteis, e — quem sabe? — póde ser que o sr. Biester, por algum novo processo de investigações archeologicas, ignorado até aqui por todos os historiadores fizesse alguma descoberta importante. Se assim foi, desde já lhe damos nossos cordeaes parabens.

Egalmente appareceu ali — Um Mez em Cintra — pelo sr. Brederode. O titulo promettia alguma cousa, mas o romance ou o quer que é, não lhe corresponde, por fórma alguma. É uma cousa sem graça e desenxabida, estylo frouxo e d'uma monotonia excessiva.

As *Chronicas* tambem são destituidas d'aquelle chiste e fina ironia, indispensaveis em escriptos d'este genero; mas em compensação temos os primorosos escriptos dos srs. Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva e Andrade Ferreira; e deixando todas as *chronicas* e *mezes* possiveis na pinturesca Cintra, sempre lucrámos com a apparição d'este jornal.

Bem vinda, pois, foi a *Revista Contemporanea*.

Appareceu depois um bom livro — *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal* — pelo sr. Lopes de Mendonça, em que o chistoso e engraçado folhetinista da *Revolução* prova sobejamente os seus conhecimentos historicos, combinando perfeitamente aquelle seu estylo opulento de colorido que todos lhe conhecemos, com a rigorosa precisão da narração historica.

É um livro digno de consultar-se.

Depois veio o 2.º volume d'um livro a todos os respeitos meritorio, e que já foi devida e competentemente apreciado por uma das nossas mais bem apparadas penas.— É o *Diccionario Bibliografico Portuguez* pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.

Já avistamos o 2.º volume do *Cancioneiro* do nosso melifluo poeta João de Lemos.

É de notar, primeiro que tudo, que quem lèr este livro, se não extremar a parte puramente litteraria da politica, não poderá bem ajuizar do seu merito ou demerito.

Se o forem julgar pelas suas crenças politicas, a uns parecerá o melhor de todos os livros que tem saído, ha annos, a esta parte dos prelos portuguezes; a outros, pelo contrario, além de mau, fastidioso.

Nós, porém, pondo de parte e respeitando ao mesmo tempo as crenças do auctor, sem todavia as termos, vamos apreciar, quanto em nossas forças cabe, o livro — *Religião e Patria*.

Parece-nos fóra de dúvida que se o cantor da *Lua de Londres* não tem a grandeza das imagens, que elevam e arrebatam, possui incontestavelmente aquella brandura e cadencia que seduz, prendendo os sentidos e a alma, e que torna a sua suave metrificacão uma como toada musical que tão bem sôa ao ouvido. Quanto a nós é este o segredo do seu genio e o condão da sua lyra.

Ouçamol-o por um pouco no seu *cantico*:

Amo a Deus porque na selva
Das folhas o sussurrar,
E as esmeraldas da relva,
E as ondas do bravo mar,
O canto das avesinhas,
A branda luz do luar,
Da montanha as ovelhinhas,
Das fontes o murmurar,
E do ceu as lentejoulas,
E da campina as papoulas
Tudo, tudo o ensina a amar.

Amo a Deus porque Elle é fonte
Das galas que o mundo tem,
Cria os penedos do monte,
Cria-lhe as flores tambem;
Amo a Deus, porque a ventura
Só de Deus á terra vem,
Porque as horas da amargura
Se acabam no infindo bem;
Amo a Deus porque minha alma
Quer ceifar a eterna palma
Da eterna Jerusalem.

O sr. João de Lemos é sem dúvida o nosso primeiro poeta lyrico.

(Continúa) U. M.

CHARADAS

Muito triste e desejosa,
Sem esp'rança de mãe ser,
Tanto tanto a Deus pediu,
Que por fim o veio a ser.

Faço muita habilidade,
Quem me vê pasmado fica,
Alguem diz diabo tenho
Quando não se explica.

Erva sou mui conhecida,
E vegeto sem cuidado;
Nem preciso me semêem,
De mim mui gosta o gado.

Coimbra.

Sou em latim duas vezes,
E grosseiro no francez,
'Stando só, eu nada expresso
No idioma portuguez.

Eu sou um rio da Europa,
E tambem parte subtil
Da terra; giro nos ares,
Vou pousar em partes mil.

Já é muito clara!
Que importa que seja?
Agora mais clara,
Ministro da igreja.

Elvas.

Explicação da charada do numero antecedente
— *Economia*.

SATISFAÇÃO

Recebemos alguns mimosos escriptos dos nossos amigos Santos Valente e Cunha Bellem, e com pezar deixámos de lhes dar publicidade 'neste numero do nosso jornal, pois só nos chegaram á mão depois de estar no prelo. Já lhes significámos o nosso agradecimento.

EXPEDIENTE

Rogámos aos Srs. Assignantes das provincias, e particularmente do norte, que porventura estejam em debito das suas assignaturas, tenham a bondade de mandal-as satisfazer no escriptorio da redacção.

ESTRELA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 15

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — MARÇO — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 »

Qual o subsidio a que nos devemos socorrer nos casos omissos na legislação?

A imperfeição caracteriza tudo quanto é produzido pelo homem.

A infallibilidade somente existe na esphera das verdades metaphysicas, que por sua natureza infinita não podem ser alteradas, nem modificadas por circumstancias algumas, quer individuaes, quer sociaes.

O infinito é immotavel, e o finito contingente, e porisso sujeito a diversas transformações, que os factos, em suas evoluções successivas, lhes imprimem.

A lei positiva é o resultado d'estes dois factores, dos quaes o predominio é diferente, segundo o estado social é mais ou menos civilisado.

Nas circumstancias actuaes a metaphysica absorveu o campo dos factos, que, pela ordem natural, devem sujeitar-se ao que determinar a sciencia do direito em suas theorias fundamentaes.

A sciencia é tudo: os factos são apenas os objectos em que actua.

A unidade caracteriza a sciencia, que, tendo de ser applicada a varias phases sociaes, deduz d'esse principio unitario todos os preceitos, que em sua essencia se comprehendem, a fim de que o homem faça o uso conveniente de cada uma das verdades a essas diversas circumstancias sociaes.

A sciencia philosophica do direito abrangge em si todos os principios, todas as verdades, que na vida positiva da sociedade hão de ser applicadas, segundo o estado, em que esta se apresente, exigir um de preferencia ao outro, sem que em nenhum caso haja de soffrer modificação o principio incontestavel, de que os direitos absolutos não permitem compensações de qualquer natureza que sejam. A soberania humana dá ao homem o caracter de homem.

Se a philosophia do direito deve dirigir o legislador na confecção das leis; o interprete não tem nem póde ter outra guia mais segura, facil e natural, do que o seguir esses preceitos que sua consciencia juridica lhe apresenta, e que a sciencia desinvolve em suas consequencias.

Hoje, principalmente, que nós nos vamos desprendendo das garras do direito romano, para nos lançarmos nos braços, que, com toda a liberdade, a sã philosophia nos estende, hoje, dizemos nós, seria um anachronismo o sacrificar esta generosa offerta ao costume antiquado de rejeitarmos a nossa razão que a sciencia illustra, para a escravisar ao que outros em tempos menos afortunados poderam pensar.

A uniformidade necessaria em toda a legislação, não póde subsistir sem ser contrariada, logo que o principio, que ao legislador presidiu, não seja applicado pelo interprete, ou executor da lei. Sem esta unifor-

midade poderá haver um acervo de leis injustas, contradictorias e deseguaes, mas nunca uma legislação coherente em principios e igual na applicação.

Qual é a balança mais recta, em que o direito seja avaliado, senão a razão philosophica, as verdades metaphisycas, em somma, a justiça divina, na presença da qual a soberania humana, quanto mais se humilha, tanto mais se eleva?!

A philosophia do direito é portanto o soccôro mais poderoso de que nos podemos servir na applicação da lei, e principalmente nos casos omissos.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

O FUTURO E A EDUCAÇÃO

Estamos 'numa epocha de transicção, desordenada e dolorosa, em que todas as ideias da intelligencia, todos os matises do sentimento se debatem e guerreiam no campo da politica: é um verdadeiro oceano, revolto e ameaçador, o estado da sociedade de hoje; forma-se na intelligencia e coração de cada homem, propaga-se na ordem e negocios publicos, e eleva-se até ás altas regiões das discussões scientificas. E todavia é sublime e esperançosa esta lucta gigantesca; sublime, porque é insondavel o mysterio do coração humano em suas aspirações; esperançosa, porque o energico viver de hoje nos mostra exuberantemente, que, apesar de toda a corrupção, que nos transmittiram os seculos passados, e da que modernamente se gerou no desabar do edificio social, estamos muito longe ainda de tocar o cúmulo d'abjecção e vileza, que a historia nos aponta em outras epochas e 'noutros povos; estado esse, em que toda a lucta, embora sinceramente energica, dos bons principios é fraca e impotente, e em que a sociedade, debatendo-se 'numa prolongada agonia, termina pela sua completa destruição.

Podemos pois com fundamento alimentar a esperanza de ver renascer dos destroços podres e carunchosos da sociedade velha vigorosos renovos: que não nos illuda porém uma confiança cega e illimitada; não cruzemos os braços fatigados descansando ao abrigo d'essa esperanza lisongeira. A velha sociedade actual não nos pode fornecer molde, em que se vaze a sociedade futura; esta tem de receber esphera

mais ampla e perfeita de desenvolvimento, e de actividade em todas as direcções das necessidades do homem: mas, deverá correr sem guia, e entregue ás impressões do momento a reorganisação da nova sociedade? é certo que não; e os philosophos ha mais de meio seculoahi têm proposto mil systemas, que, ensaiados hoje, tendo apenas um dia de duração ephemera, desapparecem atropellados pela evolução continua das ideias, e legando somente um nome para ser inscripto na historia das revoluções sociaes da Europa: a causa estará talvez nos seus proprios defeitos; mas o que é certo é que de toda esta lucta de desenganos o povo apenas colheu a descrença.

Apontaram-lhe, como causa primeira de suas miserias, os governos e os reis por um lado, e pelo outro fizeram-lhe ver, involta em todas as galas d'uma bemaventurança feliz, a liberdade, que elles não conheciam, e para que não estavam preparados; em seu desespero governos e reis baquearam por terra, e a liberdade, essa ... as gallas, de que vinha adornada, desappareceram tambem; mas ao menos nu e desenfeitado restava o esqueleto d'essa liberdade, que ainda assim era bello, e o povo amou-o: em breve porém deviam convertel-o em anarchia e desordem os traficantes dos sentimentos humanos, que acobertando-se com o seu magico nome empolgavam o poder.

Não é tudo. O povo professava uma religião, que de ha longos seculos seus maiores lhe haviam transmittido de geração em geração: encadeavam-se 'nella todas as recordações e saudades do seu passado, os folguedos da sua infancia no adro do presbyterio, como o amor sanctificado pelo sacerdote nos degraus do altar; toda a vida do povo nas suas phases mais variadas de dor ou de prazer, se unia ao Criador 'naquellas fórmulas sensiveis e perfumadas, unicas que lhe fallavam ao coração; porque a razão lhe não supprime a vida íntima do sentimento: d'esta religião, que o acompanhava do berço á sepultura sentiu elle que se mofava, zombando da sua credulidade vã; e do desmoronar constante das velhas crenças e instituições, não escaparão tão pouco, como cousa futil e ridicula, os seus folgares rudes e campestres, cuja singelleza não valem os salões dourados, só ricos de seducção e prazer: o povo descreu, e vendo que todas as suas crenças eram olhadas como fórmulas grosseiras, em que os seus inimigos haviam agrilhoado a sua independencia e liberdade, atirando-as ao acervo das empoeiradas antigualhas, foram ban-

quetear-se tambem no espolio jacente dos negocios politicos.

Assim com a queda das velhas instituições perdiam-se tambem as crenças populares, e essa tal, ou qual moralidade pública, que lhes andavam unidas, e lhes serviam de base; era condição inevitavel: mas hoje, quando se tracta de edificar de novo, a nova organização da sociedade será ephemera rachitica, se lhe faltarem alicerces, em que se firme: por ahí ha escolas e academias, em que a intelligencia se desinvolve e fortalece; mas ainda d'essa diminuta parte da sociedade, que as frequenta, para uns o estudo é arduo e coberto de tedio, para outros não merece a pena remontar ás leis da nossa natureza: e a outra parte da sociedade, amarrada ao suor do seu rosto para sustentar a vida? essa jazerá escrava, não já de suas crenças e preconceitos, mas de suas paixões desenfreadas.

Mal vae á nova sociedade, se os que se acham á testa d'ella, não cuidarem a serio da sua educação; porque a educação é o unico movel, em que assentem firmemente a moralidade, os bons sentimentos, e todas as ideias grandiosas.

Continúa

A. C.

A CAMARA DOS PARES

Ao meu amigo Balthasar Mousinho

«Les États-Généraux avaiant trois ordres, ils ne constituient qu'une chambre et un pouvoir. A l'époque où l'état de la propriété, de la richesse, des moeurs féodales auraient permis l'établissement d'une pairie, l'esprit nationale y a toujours résisté.»

ARMAND-MARRAST.

Quando o gladio sanguinolento da revolução franceza fez ondular pavôr por toda a Europa, uma nova aurora festival e louçã raiou nos horisontes indecisos do futuro. Soou então por toda a parte um alarido infernal. Fracos em meio de suas grandesas, tremeram os despotas ouvindo aquella vozeria do povo amotinado, que se derramava em ondas encapelladas, e turvas pelas praças publicas, decoradas com seus bustos talhados em bronze; ao passo que, gelladas pelo medo, as guardas numerosas, que acerecavam — noite e dia — seus palacios cõstellados de esplendores e magnificencias, pareciam chumbadas ás lages symmetricas de seus

porticos faustosos! Mas era já mui tarde quando uns e outros adquiriam a consciencia da sua congenita fraqueza. Idolos vãos da majestade humana, ironicos emblemas da realeza, partiram-os o primeiro bafêjo da liberdade! — É que o despertar d'um somno de seculos foi sempre atterrador. Acordavam então os povos d'esse somno profundo e desmesuradamente longo para cunharem com o mais solemne e incontrastado testemunho a verdade, que havia muitos seculos apregoára o sublime Tacito — *Parent dum potentiorum metuunt; ubi audacia et vires suppetent, servitium dominantis exitio ulciscuntur.*

A estes notaveis acontecimentos que a historia registrou com letras de sangue em suas páginas de bronze, succederam, passados alguns annos, outros não menos notaveis em Portugal. Esta nossa boa terra tão querida e amada por nossos paes, e tão reverenciada por todo o mundo em outras eras mais felizes que as de hoje, mostrou quanto se achava bem compenetrada das salutareis doutrinas da liberdade, desmoronando a velha monarchia, e levantando sôbre suas ruinas o Systema Representativo.

Esta fórmula de governo, sendo, como todos os homens graves e sisudos confessam e proclamam a todos os ventos, a mais idonea e adequada para esses tempos em que infelizmente ainda não podem viçar as bellas theorias da democracia (do que ainda ha bem pouco foi o supplicio de John Brown nos Estados Unidos um bem frisante exemplo), tem todavia o defeito de firmar como indispensavel uma instituição (perfeito privilegio) não já inutil, senão prejudicial, qual é a Camara dos Pares, verdadeiro tropeço de todo o progresso moral e material.

Que representa essa Camara?

1.º Seria creada para representar os interesses da nobresa? — Não, de certo; o systema representativo, cortando pela raiz todos os privilegios da classe aristocratica, sanccionou o principio da egualdade politica de todos os cidadãos; e hoje os interesses d'essa classe são eguaes aos d'outra qualquer. «Reduzida a titulos vãos, diz o sr. A. Herculano, a precencias nos actos publicos, ás distincções das librés ou brazões, sem prerogativa alguma positiva e material, a nobresa como nossos avós a entendiam, pertence quasi exclusivamente á historia.» Seria, portanto, absurdo crear uma camara para representar interesses puramente imaginários.

2.º Seria para manter o equilibrio de poderes?—Cremos que se tal fôsse a sua missão só teria a intervir, como já se observou, no caso de abuso de poderes; e a experiencia mostra a contrario.

3.º Seria, porventura, para representar os interesses geraes da nação? Assim pensa o sr. Silvestre Pinheiro, pretendendo que a Camara dos Deputados represente os interesses especiaes. Salvo porém todo o respeito a tão insigne publicista, julgâmos que a somma dos interesses especiaes dá em resultado os interesses geraes, e, portanto, assim estes como aquelles se acham representados na Camara dos Deputados.

Não é razão ficarmos por dizer o meio com que se hão de evitar os inconvenientes que alguns apontam da supressão da 2.ª camara. Assim pois, para obviar a toda a precipitação que possa porventura haver na justa apreciação e votação de qualquer proposta deverá compor-se um bom regulamento, o qual marcará, em conformidade com os principios da razão, e aproveitando as regras que a experiencia tem mostrando serem as melhores, no caso em questão, os tramites por que terá de passar necessariamente todo projecto de lei.

Por todas estas razões opinâmos pela abolição do pariato que repugna em nosso entender, com o espirito da epocha actual.

Já Napoleão Bonaparte, uma das mais bem organisadas cabeças d'este seculo, dizia — *que o pariato estava em desacôrdo com o modo de pensar da idade em que vivemos.* — Tem-n'o dito e repetido milhares de vezes a opinião pública pelas cem bocas do jornalismo, que avassala e senhoreia o mundo. Tem-n'o dito e repetido milhares de vezes a voz conscienciosa das multidões, — e o testemunho das massas, sóbre sêr mui auctorizado, é irrefragavel, o que deu origem, como é de todos sabido, ao celebre aphorismo — *Vox Populi, vox Dei.* — E não é raro hoje mesmo ouvir-se este grito nos arraiaes da liberdade, a nossos ouvidos, de longe em longe, o trazem os ventos que sopram nestas regiões.

É que aquelle sublime pensamento do heroe de Jena tornou-se a expressão concisa e verdadeira do sentir das nações, e é hoje inquestionavelmente um dos principaes axiomas da politica.

Por aqui nos cerrâmos.

M.

ODE

Ad Franciscum a Paula Sancta-Clara

Ausoniam manibus chelyn ausus tangere rursus

Sacrilegis sum. Ignoscite, Musae!

Vatum ignoscite Manes, laudes unde latinae

Ac decus olim ingentia linguae:

Tu quoque parce, Deo nuper qui ductus adisti

Musarum venerabile fanum,

Cuique nitet florens jam docta in fronte corona.

Quid tu stercus forte repertum

Vis ad inauratas, ubi tecum regnat Apollo,

Abjectum sustollere sedes?

Multa leguntur ad ardua calthae et lilia templa,

Littore crescit inutilis alga

Nulli grata; sit ergo haec spreta in littore sola;

Non illis adcedere fas est.

Demens! sum causa ipse mali; dum carmina quondam,

Phoebi o Musarumque sacerdos,

Haec tua ad unguem miratus perfecta, valerent

Ut latios aequare poetas,

Illis quam obstupuit mens, non potui ipse tacere,

Qui studia haec fere spreta videbam:

Ausus tunc primum Musas excire latinas,

Digna darent quae verba volentes;

Teque nec erubui, laudes tetigisse tuasque!

Infremit indignatus Apollo,

Itque per ora meum ridendum nomen inepti.

Cur plectri discordibus, atque

Non meritis filis sumpsi te, Paula, canendum?

Ne sensi quidem abesse Camoenas!

Parce, precor, jam parce! indigno ne injice dona,

Neu gemmas ad stercora mitte;

Ast alii, si mavis, supra sidera laeto

Tollantur tibi carmine, digni.

Mi saltem tua laus, nomenque in mente repostum,

Dum vita fruar, usque manebunt.

Conimbricæ pridie Nonas Februarias anno 1860

Antonius Lopes a Sanctis Valente.

SONETO

A terra tem central fôgo latente,
Segundo opiniões assaz plausiveis,
Cujos effeitos muita vez terriveis
Soffrem os mares, soffre o continente.

Nós aqui 'nesta parte do occidente
Somos do solo ao frio tão sensiveis,
Que se nos tornam bem appeteciveis
Esses fogos centraes de um clima ardente.

Do calor, quando seja moderado,
Benefica deriva com certeza
A vida em todo o sêr organizado;

Contra o rigor do frio ha ma defeza;
Quando em tórno de nós tudo é gelado, —
Como que expira a acção da natureza.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO

Com este titulo acaba de ser publicada uma obra, tão curiosa como importante, pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões. Neste interessante escripto acharão os protectores dos banhos de Luso provas irrefragaveis da boa administração, que lhes tem presidido; os necessitados poderão conhecer, á vista dos factos representados, qual o lenitivo para seus males; e a sciencia encontrará todos os dados de que necessita para sua conveniente applicação.

O sr. dr. Augusto Simões, tanto 'nesta, como na outra obra, que no logar competente publicamos, dá a conhecer a grande consideração que lhe merecem os factos estatísticos, principalmente os que mais ligação têm com a vida do homem. Oxalá este exemplo seja imitado, e a sciencia d'este mundo lhe agradecerá!

A vida e desinvolvimento moral do homem

são cercados por milhares de embaraços, que continuamente se oppõem a suas nobres aspirações; como que não querendo os frageis elementos da natureza, ceder em posição à legítima preeminencia, que na ordem natural occupa o rei da terra.

A sciencia, que é a verdade personificada, não podia, ainda em seu amor proprio, soffrer um insulto tão indecoroso para si, quanto desdenhador da potencia divina...

A sciencia veio a triumphar, e nem podia ser d'outra maneira: o erro cede á verdade, a tyrannia cede á razão. A mesma natureza, que em sua força gigantesca parecia subjugar a fraqueza humana, cedeu de suas arrogantes pretensões.

A verdade, que na essencia infinita se resume, é a mesma que ao homem governa, e que na materia impera, em fórma de lei.

Se o triumpho humano ainda não está completo; a causa d'esta inversão é a ignorancia e indolencia do mesmo homem.

Tudo está sujeito a leis; a difficuldade é conhecê-las, quando a apropriação é certa.

Mas qual o meio mais proficuo de obter este conhecimento, que tanto aproveita? Sem dúvida, os dados estadisticos resolvem o problema satisfactoriamente, quando, accompanhados da luz da sciencia, que illumina os factos, os quaes, conhecendo que nada são e nada valem para si, reflectem em luz mais clara os raios transmittidos.

Entre nós a estatistica não passa d'uma sciencia de nome; alguns factos, colligidos aqui e ali sem ordem nem methodo, constituem esses mappas informes, com que se pretende illudir a credulidade pública.

Sem um numero avultado de factos, bem examinados e documentados, não pôde haver esperança de augmentar os thesouros da sciencia e o melhoramento da vida humana.

Sirva-nos de exemplo o sr. dr. Augusto Simões, que com toda a lucidez das ideias e com todo o escrupulo de consciencia, relata e prova tudo quanto é relativo ás circumstancias financeiras e hygienicas dos banhos de Luso, aos melhoramentos materiaes d'este estabelecimento, aos seus resultados pathologicos; em summa, refere-nos todos os factos relativos ao seu antigo e actual estado, com tal precisão e clareza, que convencem ainda os mais incredulos das grandes vantagens que a enfermidade pôde auferir d'estes banhos.

O estado valetudinario de todos os individuos, e particularmente d'aquelles a quem a

miseria não consente que se possam utilizar de todos os medicamentos, que o artificio do homem tem produzido, encontra nestes estabelecimentos o remedio que a propria natureza gratuitamente lhe concede.

À esclarecida e energica administração que tem presidido aos banhos de Luso, são devidos os irremuneraveis beneficios, que d'elles colhem os enfermos.

Sirva de norma este estabelecimento áquelles, que, podendo achar-se em identicas circumstancias, são, pelo contrario, victimas do abandono. Se não ha genio de invenção, haja ao menos espirito de imitação.

B. d'Albuquerque e Amaral.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 11)

XXV

Cavaco

O borborinho das quatro vezes fallando conjuntamente em animada conversa cessou de repente e como por encanto, e assim esteve alguns minutos, até que de novo se atou o quebrado fio do cavaco. Versava este sobre o ultimo baile de capello e sobre o proximo futuro, que devia de ter lugar no dia 31: o enjejo era favoravel para Ricardo metter a sua colherada, quanto mais que o seu caloiro, prêso pelas impertinentes perguntas de Duarte, não lhe podia fazer sombra.

Em quanto Carlos, altamente apoquentado, respondia — como se chamava, que idade tinha, d'onde era, quem eram seus paes... e mil outras impertinencias relativas á sua personalidade e outras mil, relativas á respeitavel pessoa do sr. conselheiro Moniz, ácerca do qual Duarte indagava se ainda padecia gotta, se estava muito velho, se já tinha casado a filha, se estava muito gordo... e outras minuciosidades que taes. Em quanto — dizemos — Carlos respondia a esta metralhada continua de perguntas ociosas, que só provavam o muito que Duarte prezava a carta do conselheiro, Ricardo tinha-se ido insinuando no cavaco das senhoras, que corria animado.

— Então porque não vae a minha amiguinha ao baile do dr. Silva? — perguntava Constança á mais nova das suas visitas.

— Ora! a mamã não gosta de ir ao baile e não quer que eu vá só com o papá.

— E a minha amiguinha gosta do baile?

— Muito!.. Prefiro-o mesmo ao theatro!..

— E tem razão, minha senhora! O baile é a divinisação da vida sempre involta em mesquinhas materialidades! — disse Ricardo, lançando um olhar penetrante para D. Constança.

— V. s.^a gosta muito do baile? — perguntou ingenuamente a amiga da filha de José de Oliveira Duarte.

— Immenso!.. sou louco pelo baile!.. por uma noite de tal diversão daria a vida, e parece-me que ainda não compensava o muito que alli vou gosar!

— Ah! ah! ah! V. s.^a dava a vida pelo baile! e depois de morto é que havia de gosar! é boa!..

— Perdão! minha senhora! se dava a vida para entrar 'num salão de baile, é por que tinha a certeza de que, entrando alli, resoaria pelo poder magnetizador de tantas divindades; ou, para melhor dizer, o meu coração, alquebrado e morto pelo soffrer, só revive, quando, entre as damas, recebe o halito sagrado da existencia, que se exhalla do arfar de um seio feminino!..

— É muito lisonjeiro para as senhoras!

— Não, minha senhora! A minha bôcca exprime os verdadeiros sentimentos do meu peito! Eu acho a mulher um ser tão superior e divino que creio firmemente que só d'ella nos provém a vida do coração, por emanação celestial!

— Isso é lisonja!

— Os anjos não se lisonjeiam!.. adoram-se!

— Então v. s.^a adora todas as senhoras? — perguntou ironicamente D. Constança.

— E que dúvida, minha senhora?! Todas as senhoras merecem a minha adoração... mas nós sempre temos um anjo predilecto... o anjo da nossa guarda, que sobre todos adoramos, e que não podemos mesmo confundir com os outros no culto que lhe prestamos dentro da alma!

— Por conseguinte para o baile ser completamente bom, é preciso que esse anjo lá esteja!

— E que dificuldade ha 'nisso? Já 'numa bella soirée que o divisei... estava encantador!.. trajava de azul e branco... é a côr mais predilecta dos céus: desde que o vi, prosternei-me na sua presença e tributei-lhe adoração, culto, amor! e este sentimento tão novo e tão ditoso para o meu peito, jámais d'aqui se riscará!

— Então é um amor eterno? — perguntou a amiga de D. Constança.

— Como o que se deve aos verdadeiros anjos! — replicou Ricardo.

— Como os senhores costumam sempre tributar! — volveu a filha de Duarte.

— É injusta? minha senhora! confunde mesmo talvez um sentimento verdadeiro e arreigado com um d'esses passatempos, em que os affectos se refugiam para o mais abscondito do peito, e em que a lisonja só impéra!

— É por que tenho ouvido dizer o mesmo a todos os homens!..

— Conforme a divindade a quem prestamos o nosso culto! Nem todos os amores podem ser eternos porque nem todas as senhoras são verdadeiros anjos!

— Isso é bem pouco lisonjeiro para algumas! — disse a amiga de D. Constança.

— As pessoas presentes são sempre exceptuadas! — retrucou esta com ironia.

— Diga antes, minha senhora, que a verdade deve ser dita sempre, embora mesmo offenda a modestia de quem a escuta.

— Mas eu tenho visto que todas as senhoras têm ou têm tido quem lhes dê essas fal-lazes adorações, e por conseguinte ou todas são anjos, ou os senhores mentem sempre.

— Ou ha quem não saiba dar o devido valor a quem o merece e só a quem o merece!.. Esta hypothese é a mais provavel!

Em quanto o derriço assim progredia jogado por tabella, Carlos dava-se a perros por não poder mandar para o diabo o sr. Duarte mais as suas impertinentes seringações.

A mãe de Carlota e a sua amiga essas entretinham acaloradamente uma questão sobre a carestia do assucar e a baratesa das batatas; por conseguinte Ricardo e as duas donzellas faziam um trio muito differente sem que ninguem desse attenção ao que elles diziam: ninguem — não digo bem; por quanto Carlos não tirava os olhos de cima do seu veterano cuja felicidade elle invejava cubicosamente; encommendando *in mente* ao diabo todas as recordações e respeitos que o nome do conselheiro Meniz despertavam a Duarte.

A noite ia desdobrando os seus escuros mantos pela abobada celeste; as duas damas, visitas da mãe de Constança, iam dispôr-se a sair, quando Duarte largou a sua victima.

— Então já! minhas senhoras? — disse elle — nada! Não de hoje dar-nos o gosto de cá tomarem chá... Eu mesmo terei a honra de ás ir depois acompanhar.

As damas deram novecentas e noventa e nove desculpas; mas o pedido de Duarte foi tão bem secundado por sua mulher e sua filha, que as suas visitas, como lhes tinha faltado uma desculpa para as mil, se viram na grata coacção de accederem aos desejos dos donos da casa... e ficaram.

— E v. s.^a tambem nos ha de dar o gosto da sua companhia, assim como o seu amigo, — disse Duarte, voltando-se successivamente para Carlos e para Ricardo.

— Muito obrigado a v. ex.^a... mas...

— Nada! não admitto desculpas! Lembro-me muito bem do meu velho amigo Moniz!.. quero saber se elle ainda está muito impertinente ao jogo; se vae aos ares quando lhe cortam algum rei...

Carlos, ao vêr aquella patriarchal massada em perspectiva, quasi que perdeu a vontade de ficar; outro tanto não succedeu a Ricardo que sabia que ia passar uma noite divertida; coisa bem rara em Coimbra!..

— Então está dicto!.. ficam?..

— Infinitamente agradecido a v. ex.^a, mas os meus exames!.. Tenho muito que estudar para poder fazer exame de latim, francez, geometria e logica nestes tres dias que faltam.

— Qual historia!.. Eu sou muito amigo do sr. Moniz para desamparar um afilhado por quem elle se interessa! Deixe-se de contos!.. não lhe dêem cuidado os exames!.. V. s.^a é um rapaz de talento!.. o meu amigo Moniz assim m'o affirma!.. Sabe d'aquillo como um homem!.. não precisa estudar mais!..

— V. ex.^a ordena e nós obedecemos, — replicou Carlos, pondo a columna vertebral em ligeira flexão.

— Mas constringidos não!.. Se têm alguma coisa de interesse a fazer digam-o sem cerimonia.

— Eu por mim não tanho nada!.. agora o meu amigo...

— Que poderá haver de maior interesse do que gosar de tão agradável companhia? — disse o interpellado amigo.

Duarte accitou aquella delicadesa com uma curvatura da cabeça sobre o pescoço e um riso de amabilidade estudada.

(Continua)

A. M. da Cunha Bellem.

CHARADAS

Se a primeira salva a vida, }
Tambem serve p'ra tirar: } 2

E mostra sempre a segunda }
Que a soubeste conservar. } 2

O todo era a primeira,

Que livrava de morrer;

Devendo ser a segunda,

P'ra a segunda poder ter.

Valladas Mascarenhas.

Explicação das charadas do numero antecedente — 1.^a Saramago. — 2.^a Bispo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos as seguintes obras, que pelo seu auctor nos foram offerecidas; o que nós muito agradecemos:

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO apontamentos sobre a historia, melhoramentos e administração d'estes banhos: — com duas estampas do edificio. — Por Antonio Augusto da Costa Simões: — preço 480 réis.

TOPOGRAPHIA MEDICA das Cinco Villas e Arega, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maças de D. Maria, em 1848, com o respectivo mappa topographico e carta geologica. — Por Antonio Augusto da Costa Simões: — preço 600 réis.

Theoria do castigo (principios fundamentaes), offerecida aos juristas da Universidade de Coimbra de 1859—1860, por Joaquim Machado Cabral e Castro

A *Theoria do castigo* é um pequeno livro, em que o author pretende vingar uma opinião, que já purgou o peccado do seu alar audacioso numa das aulas do quinto anno. Não pretende reanimar as cinzas do velho Kant, que local-as seria sacrilegio: suas vistas são menos ambiciosas; tactea a consciencia pública, á qual sómente está dado o poder da victoria sobre os debates da sciencia.

Compraes este livro; e vós ficareis vingados.

Preços: — assignantes 300 réis, não assignantes 400 réis.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 16

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — MARÇO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

A PENNA DE MORTE

O fanatismo, a auctoridade e a ignorancia são os tres elementos creadores da hedionda pena de morte.

Dizem os seus apologistas:—A pena de morte tem sido empregada em todos os tempos e em todas as nações, mesmo 'naquellas, a cujos destinos presidia um governo inspirado pela luz divina.

A pena de morte é *necessaria* para intimidar os criminosos em seus instinctos e tendencias sanguinarias.

A pena de morte é a unica pena proporcional ao crime atroz da privação da vida humana.

Logo a pena de morte é justa e conveniente.

Antes do exame d'estes argumentos, digamos o que nos parece em relação á penalidade.

A sciencia de direito penal tem sido mal comprehendida pelos criminalistas, emquanto consideram como fim *immediato* da pena a moralisação do culpado, e a intimidação racional. Estes principios são falsos em si e em sua applicação; provindo d'aqui essa variedade de systemas oppostos contradictorios e absurdos.

Porventura, poderemos nós considerar como pena a instrucção e moralisação, que se infunde no animo pervertido do criminoso? Certamente que não.

E sendo assim, como dizer que o fim da pena é moralisar? A instrucção e moralisação devem acompanhar e dirigir o homem desde o berço até ao tumulo; devem ser a salva-guarda do crime, e portanto o antidoto da *pena*.

Porque a moralisação deve ser applicada ao criminoso, o qual pelos seus actos mostrou a necessidade de que o poder público o levantasse da abjecção em que havia cahido, seguir-se-ha que este auxilio tão suave seja uma *pena*?

A sciencia esterilisa 'neste labyrintho de ideias.

Se a pena não tem por fim *directo* moralisar, qual o seu fim e sua natureza?

Que variedade de definições; que pensamentos tão diferentes; que contradicções se apresentam no mesmo escriptor!!

Estará a sciencia juridico-penal, sujeita a continuas e variadas transformações segundo a cabeça de cada criminalista? Não haverá principios absolutos, certos e evidentes a todos, ou será o direito o producto da imaginação humana?

Quem não ha de descrever d'uma sciencia tão voluvel?

Digamos o que entendemos.

Já dissemos o que era o crime, quando analysámos o fundamento do direito de punir, hoje fallaremos da pena.

A razão, a intelligencia ou entendimento e a vontade são os tres pontos de triangu-

lação, com que havemos de medir a gravidade do crime e o rigor da pena.

A vontade augmenta ou diminue de força, e porisso é mais ou menos voluntaria, segundo a natureza humana está mais proxima ou mais afastada de sua dignidade racional.

A liberdade, ou a vontade no seu maior auge, diminue de poder, ao passo que augmenta a perversão moral e a energia das paixões.

A balança da vontade equilibra-se muitas vezes, e pende totalmente para a peor parte.

É nestas circumstancias que apparecem os heroes da liberdade, que pela sua defeza triumpham de todos os embaraços, que entorpecem o seu desinvolvimento. Porém, o que devemos concluir é que estes merecem maior louvor, e os que sossobraram, opprimidos pelo poder tyrannico, merecem dó e compaixão.

A perversão do criminoso, o hábito arreigado do vicio, a pouca ou nenhuma consideração pela virtude; em summa, a sua desmoralisação deverá servir de circumstancia attenuante ou aggravante?

Á vista do que deixámos dito, podemos decidirmos-nos pela affirmativa.

A sua natureza, seja qual for a causa, propende para o crime; modifica a energia da vontade; porque tem mais resistencia a vencer, e porisso a penalidade deve ser suavizada para com o criminoso, que nestas circumstancias se achar.

Como portanto aggravar a pena áquelle que pelos seus crimes revela maior perversidade, menos força de vontade?

Como punir no homem os factos de que elle não é causa? — Tal é a consequencia absurda dos que pretendem augmentar o rigor da pena, quando na natureza do crime se traduz uma maior corrupção moral.

Desconhece-se o principio trivialissimo de que quem não tem culpa não deve ser punido.

Para aquelles, a quem o vicio é a virtude, e que por seus crimes têm posto em alarme a sociedade, haja correcção conve-

niente, que possa destruir essas suas tendencias sanguinarias e ferozes; separem-se dos seus concidadãos, e em último recurso, se quizerem, applique-se-lhes algum castigo, que destrua essa propensão, que os obrigue a reflectir em seu estado de abjecção, a que o vicio os conduziu.

Porém, não podêmos admittir que a este castigo se chame *pena*: esta somente pôde actuar na vontade do criminoso, emquanto podia e devia triumphar do crime e executar a virtude.

Como definiremos o pena?

Pena é o soffrimento racional applicado ao criminoso, tanto quanto abusou do poder de sua vontade, a fim de o obrigar a abster-se do crime e a obrar com justiça.

No direito penal não pôde portanto comprehender-se nem a moralisação, porque este não é pena, nem o *castigo* de que fallâmos; porque a sua acção não actua sobre a vontade do criminoso, sem a qual não pôde haver crime.

É, portanto, injusta, absurda, despotica e cruel a applicação da terrivel pena de sangue.

Com effeito, se a *pena*, (note-se bem) como acabámos de definir, para ser proporcional, tem de diminuir em sua intensidade tanto, quanto afrouxar a energia da vontade; e, sendo tambem certo que o poder d'esta se abate com a corrupção moral do criminoso, corrupção que offusca o brilho da intelligencia, oblitera o exercicio da razão, perverte as faculdades moraes e inclina o homem para o crime; o que dá em resultado unico — o abatimento da vontade; entendemos que é injusto e absurdo o querer-se aggravar em vez de diminuir a *penalidade* quando o delinquente se encontrar nesta condição tão miseravel, que antes excita a compaixão *para quem conhecer a natureza humana*, do que o castigo, *considerado como pena*.

Quaes os criminosos, a quem os apologistas da pena de morte pretendem applicar-a? São aquelles que acabámos de descrever; são aquelles, que tendo prostituido a sua natureza, menos vontade revelam em seus actos; são aquelles emfim, que a me-

dicina moral suicida com o veneno, em vez de regenerar com um remedio salutar!

Para esses grandes scelerados, que não temem as leis, que perturbam com suas continuas atrocidades a ordem social; para esses a pena de morte!

- Haverá maior tyrannia?!

Se sois logicos levae á guilhotina o demente e furioso, que, sem respeito ás leis, offende a justiça, incendeia os edificios de seus concidadãos, e assassina a sangue frio innocente desprevenido!!

Se este não é punido, por lhe faltar o exercicio de suas faculdades intellectuaes; aquelle merece ser considerado pela des-harmonia e depravação de suas faculdades moraes.

A pscologia e a logica favorecem o nosso pensar.

(Continúa)

B. d'Albuquerque e Amaral.

SOBERANIA

Hoje, que as sciencias se têm desinvolvido e immenso aperfeiçoado, ninguem faz questão sobre a liberdade humana. Em outro tempo, quando a voz do erro suspendia o assentimento do homem ás tendencias da sua natureza moral, era só a consciencia individual, que triumphava de todos os embaraços oppostos ao progredir espontaneo da humanidade, mas então a consciencia social ou existia ephemera e sem acção, ou era apenas uma idealidade methamorphoseada na práctica, sortindo os effeitos da tyrannia.

O mais provavel, attendendo á historia dos individuos e das nações, é que não existia verdadeira sociedade, nem, por consequencia, consciencia social. As paixões dos homens afortunados, cujo fito estava em manter um caracter vaidoso em despeito dos seus irmãos, ou afrouxavam os laços sagrados da fraternidade, ou os despresavam como ineptos para o fim de manterem certa independencia escravizadora.

A egualdade da natureza humana era desconhecida e desconsiderada. A fortuna dava a posição e o privilegio.

Mas um estado forçado não póde ser permanente. A humanidade mais cedo ou mais

tarde devia de quebrar as cadeias, que a algemavam. Assim foi. A liberdade individual começou a ser reconhecida e apreciada pela consciencia particular; os individuos elevaram-se todos ao mesmo nivel e esta egualdade de posição determinou-os e resolveu-os a considerarem-se como irmãos, filhos do mesmo pae, e ligados aos mesmos destinos.

A reflexão levou-os gradualmente da liberdade á egualdade, d'esta á fraternidade, e da fraternidade emanou a verdadeira consciencia social.

A liberdade individual que domina no individuo-homem, amoldou-se á vida social, unica em que o conseguimento d'um destino racional é possivel.

Todos, para constituirem esta entidade de reconhecido alcance, concorreram e concorrem com egual porção de sua actividade particular, e esta aprecia-a e dirige-a a consciencia social illustrada.

A somma dos productos das consciencias particulares, illustradas, fórma pois e constitue a base do governo das sociedades.

É o que é soberania.

Quer ella se considere emanando através das phases historicas da humanidade, quer descobrindo-se e simplificando-se pela analyse da natureza moral, a soberania é sempre a consciencia social illustrada, ou, quando não, a sua expressão.

J. Machado Cabral e Castro.

PENA

Depois de tantas definições que se têm dado de pena, nenhuma satisfêz ainda o espirito sempre exigente do philosopho: é que ha uma grande difficuldade em definir o sofrimento de cada um e a sua extensão. Esta difficuldade provém da desigualdade da natureza sentimental ou esthetica entre os homens.

Todavia, a quantas se deram já, accrescentaremos mais uma.

— Pena é a reversão forçada do lesante ao estado anterior á lesão. —

Notâmos que o termo — estado — designa o complexo das relações moraes do lesante interrompidas pelo delicto practicado.

Esta definição é simples, breve, clara e reciproca.

J. M. Cabral e Castro.

Na successão legitima os avós devem succeder em primeiro lugar que os irmãos do defuncto, ou estes primeiro que aquelles?

Hoje, que a mais bem fundada esperança anima a todos os portuguezes de ver em breve substituidas as antiquadas Ordenações por um Codigo bem elaborado e ao par com os progressos, que a sciencia juridica tem feito desde 1603 para cá, é um dever para todos os que se entregam ao estudo do direito, examinar o Projecto do Codigo Civil Portuguez; notar as alterações que elle faz nas velhas leis, que nos regem; e lembrar as disposições que nelle se deveriam conter, dando d'est'arte cada um o seu contingente, para que o Codigo futuro fôsse o mais perfeito possível, a fim de tirarmos a nossa legislagão do vergonhoso atrazo em que se acha.

Uma das partes em que o Projecto altera as Ordenações, é nas successões *ab intestato*, especialmente na successão dos ascendentes em que dá á questão acima posta, uma solução differente da Ordenação, conforme com os principios philosophicos do direito, e em harmonia com as prescripções dos Codigos modernos.

Quando morre alguém sem ter designado em testamento oral ou escripto as pessoas, para quem quer que passem os seus bens; as leis, solícitas em evitar os inconvenientes de os deixar ao desamparo, e fundando-se no amor, que é natural o defuncto tivesse áquelles com quem se achava ligado pelos laços do sangue, chama os parentes á successão do intestado.

Mas, como pôde acontecer que elles estejam em diverso grau de parentesco com o defuncto, tornava-se necessario determinar os que primeiro lhe devem succeder com preferencia a todos os outros, e bem assim marcar a parte da successão, que cada um deve levantar. É sobre estes pontos que versam todas as leis ácerca das successões legitimas.

Os primeiros parentes que as leis de todos os paizes concordam em chamar á successão de qualquer pessoa, são os seus descendentes, porque o amor de pae a filho está gravado pela natureza no coração do homem, e em todos os tempos os filhos têm sido considerados como com-proprietarios do que é do pae, e portanto adquirindo por morte d'este, um poder pleno sobre o que até ahi só gosavam em parte.

Não havendo, porém, filhos ou netos, quaes

parentes devem ser chamados á successão? Neste ponto já não se dá nas legislações a mesma harmonia, que notamos com a successão d'aquelles, e deixando para outra parte o exame de suas variadas disposições, só diremos por emquanto que umas chamam os paes, avós e mais ascendentes com os irmãos e sobrinhos, filhos dos defunctos; outras os paes junctamente com os irmãos, e em falta d'estes os avós, e outras chamam em primeiro lugar os paes, depois os irmãos, e em seguida os avós. As Ordenações, em quanto houverem ascendentes, não permitem que succedam os collateraes, e por conseguinte excluem os irmãos pelos avós... e isto mesmo haverá lugar no avô e avó e mais ascendentes, porque onde houver ascendentes não herdará o irmão. Ord. liv. 4, tit. 91, § 1. Esta disposição, unica no seu genero, porquanto não a encontrámos em nenhum dos Codigos modernos de que temos conhecimento, parece-nos estar em opposição com os principios philosophicos das successões legitimas, assim como o está com as leis escriptas das nações estrangeiras.

Rejeitam-se as successões legitimas pelo amor que se tem aos parentes, e ninguem dirá que o amor que se tem a um avô é superior ao que sentimos por um irmão: d'aquelle nos separam a differença da idade, a vizinhança do tumulo, o pouco, senão nenhum conhecimento: d'este nos aproximam a ligação desde os tenros annos, as recordações da infancia, a convivencia, e mil outras circumstancias.

Além de que as successões legitimas têm por fim a conservação dos bens nas familias, que, como diz o sr. Rocha, tão importantes pela sua natureza, como pela sua influencia na ordem civil, têm um motivo de preferencia; e que entenderemos por familia? tomal-a-hemos no sentido do Direito Romano, comprehendendo todas as pessoas ligadas por vinculo do parentesco proveniente d'um tronco *commum*, ainda que vivam separadas, ou no seu sentido natural e stricto, designando a reunião de pessoas, que habitam conjunctamente e em economia *commum*, e debaixo da direcção d'um chefe, e debaixo de cujo ponto de vista ellas são conjuges, paes e filhos? Parece-nos, que, em quanto houverem pessoas da familia, tomada neste último sentido, os bens d'um membro seu, não devem passar para os da familia em geral, tomada na primeira accepção. Não é isto o que se verifica com a disposição da Ordenação, porisso que por morte do avô, não lhe succedem só os irmãos excluidos, mas tam-

bem os tios, filhos do avó, e irmãos de seu pae, recebendo elles assim unicamente a parte que tocaria a este, que representam.

Nem nos digam que seria injusto chamar o neto á successão do avó, e negar a este, contra as regras da reciprocidade, o direito de succeder áquelle. Este argumento não colhe. O neto que vae á successão do avó, não vae por direito proprio, mas sim representando seu pae: pelo que rigorosamente não temos aqui um neto a succeder ao avó, mas um filho a succeder ao pae. E se algumas vezes o neto succede por direito proprio, como acontece no caso de ser o unico descendente, também não tendo elle irmãos, a sua successão se devolve ao avó.

A maior parte dos Codigos, longe de chamarem o avó primeiro que os irmãos, vão mais adiante: chamam os irmãos junctamente com os paes: porém, com a successão d'estes não vemos o mesmo inconveniente de fazer sahir os bens da familia, porisso que, sendo os filhos os herdeiros necessarios do pae, os bens que do irmão defuncto passaram para o pae, por morte d'este, se lhes devolvem por inteiro, sem que elles sofram mais do que uma demora mais ou menos grande, no seu recebimento.

Vejamos agora as disposições do Direito Romano, e dos Codigos modernos a este respeito.

(Continúa)

ODE (a)

Ad Albertum Telles ab Ultra-Machado

Hic furens olim juvenis peremptam
Virginem jussu genitoris improbi,
Immemor regni, populique, rupe
Flebat in alta.

Hic die solus prope jam cadente,
Pectore ex imo gemitus in auras
Moestus edebat, lacrimaeque fusae
Ora rigabant.

Nonne sub noctis venientis umbras
Nunc quoque est visus tibi fronde circa
Ex odorata, teretique saxo
Surgeré quaestus?

(a) No Penedo da Saudade.

Nonne adhuc fletu lapides madere
Tempore in verno? folia, arboresque,
Aethera, et saxa, et resonare tristi
Cuncta querela?

O locus terque et quater hic beatus!
Hinc vides latosque patere campos,
Hinc et albentes procul esse villas,
Et sata laeta;

Hinc arenosis piger amnis undis,
Quae jubar lunae referunt serenum,
Cernitur: cultos medius per agros,
Quos beat ipse,

Lentus incedit, segregatque flavus
Urbis excelsae monumenta sacra:
Inde ranarum sonus usque nostras
Pervenit aures.

Huc veni, Telles, tacitae per umbras
Noctis, ut coelum nitida astra pingent,
Aemula et solis speciosa luce
Deteget arva.

Huc vocant Musae, studioque parvum
Nos decet tempus possuisse grato:
Palladem juxta latet hic in umbra
Palladis ales.

Hic opes natura oculis aperta
Praebet immensas: Deus undique adflat:
Jam veni; reddit philomela carmen
Valle remota.

A. L. dos Santos Valente.

SONHOZ VÃOS

Se os sonhos em que te vejo,
Em que eu te fallo durassem,
Talvez que illusões tão vivas
Sem outros bens me bastassem.

A. F. DE CASTILHO
(Am. e Mel. pag. 35).

Era noite, e o ceu formoso
Todo crivado d'estrellas,
Fazia lembrar as noutes
Da primavera tão bellas.

Folgavam auras subltis
Entre as balsas rumorosas;
E as avesinhas da margem
Soltavam canções maviosas.

Eu estava então 'num sitio...
E que sitio! Ai que logar!
De um lado negras montanhas,
Do outro o rio a suspirar.

Erguia-se, d'alli mui proximo,
Abandonado mosteiro,
Logo ao pé outro avulta
No cima de verde outeiro.

O sino de seu relógio
De quando em quando se ouvia;
E ao longe o echo saudoso
Acordava... e adormecia!

Branca vela vae no rio,
E o barqueiro cantando
Trovas lindas, lindos cantos,
Que lhe ia o vento levando.

Era noute e o ceu formoso
Todo crivado d'estrellas
Fazia lembrar as noutes
Da primavera tão bellas.

II

Mostra a lua meio disco
Por detraz d'aquelles montes;
Fulgem, brilham magestosos
Os argenteos horisontes!

No fuste d'uma columna
Que se achava alli partida,
Sentei-me, deixei correr
A mente em sonhos perdida...

Oh! que fará ella agora
A minha Lilia adorada?
Dorme o somno da innocencia?
Está na janella assentada?

Lê acaso pensativa
Alguns pobres versos meus?
Ou contempla nas estrellas
O brilho dos olhos seus?

Unindo rara belleza
Á mais amavel virtude,

Quem podesse vê-la assim
Em tão formosa attitude!

Meu nome julguei agora
Vêr-lhe os labios murmurar,
Pender a linda cabeça
Longo suspiro soltar...

Que bellos sonhos que eram
Estes sonhos que eu fazia,
Mais lindos certo os não ha...
Pena é serem phantasia!...

Coimbra, Fevereiro de 1860

U. M.

A ACTRIZ

EMILIA DAS NEVES E SOUSA

Bem vinda sejas, portugueza artista!
Louvor do genio, que enlevar-nos vem!
Tão nobre acção, qual a que fazes hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem.

Ha pouco ainda d'esta sala o tecto
De nossos *bravos* co' a explosão tremeu;
Extranho artista 'neste templo da arte
Eternos louros para si colheu.

Era estrangeiro, mas que importa? — o genio
Pertence ao mundo, não tem patria já;
Sempre o talento, d'onde quer que venha,
Em toda a parte nacional será.

Hoje vens tu, em Portugal nascida,
Teu genio, todo portuguez, mostrar;
Desejo immenso de entre nós te vermos,
É hoje, Emilia, que tu vens saciar.

Applausos démos aos que extranhos eram...
Não te devemos coroar a ti?
A ti, que, sendo seu rival no genio,
Só *charidade* conduziu aqui?!

Oh! sim! Havemos de coroar-te, Emilia!
Louros e palmas ceifarás a mil;
Tão alto solio has de aqui ter, que nunca
Seja abalado pela inveja vil.

Bem vinda, pois, a portugueza artista!
Louvor ao genio, que enlevar-nos vem!
Acção tão nobre, qual a vemos hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem.

Eugenio de Barros.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 14)

XIII

Como foi tomado Badajoz pelos nossos, e dos privilegios que se concederam a quem habitasse o sitio da Corujeira

Duravam ainda as guerras entre Portugal e Castella, e em Badajoz vivia homiziado, com mulher e filhos, um homem nobre, por nome Gonçalo Annes, natural de Elvas, conhecido de Martim Affonso de Mello. fronteiro d'esta nossa provincia. Este o mandou chamar a Evora, e com elle tractou em segredo sôbre a tomada de Badajoz, que foi da maneira seguinte:

Informado Martim de que em Badajoz havia falta de trigo, fez com que os nossos, a titulo de negocio, fôsem pouco a pouco vender-lh'o, e d'este modo se facilitou a tomada da Praça; porque, quando pareceu opportuno, aberta a porta para entrar o trigo, em seguida entraram os nossos armados, e se fizeram senhores da cidade, e se conseguiu por este modo o que por força levaria muito tempo, e causaria grande estrago na nossa gente.

Convocando el-rei D. João I côrtes em Lisboa no anno de 1412, a ellas foram os procuradores de Elvas e advogando os interesses do reino fizeram tres uteis propostas:

1.ª Que se concedesse privilegios a quem fôsse habitar o bairro alto, no sitio do Castello e Corujeira, em Elvas, que estava deserto por falta de gente, que nas guerras tinha perecido, resultando porisso grave damno nos prédios, o que d'este modo podia remediar-se;

2.ª Que se renovasse o antigo privilegio de que os filhos dos homens da governança servissem o primeiro mez, do anno em que casassem, de almotaceis;

3.ª Que não entrasse em officio público quem não tivesse cavallo, que lhe servisse para poder peleijar contra o inimigo. O que tudo foi inteiramente aprovado e concedido por el-rei, segundo consta de um escripto, feito em 13 de Maio de 1412, que está na Camara.

(Continúa)

M. J. Pires.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA

DO ANNO DE 1859

A meu pae

(Continuado do n.º 14)

II

— Como?..

— O que?

— Outra vez a *Revista*?!

— Sim, sr.;..

— Pois que?!.. temos repetição...

— Não sr.;.. eu lhe digo...

— Então que é isto?

— Perdão, leitor! Que impaciencia a sua!.. Valha-me Deus!

É a segunda parte d'esta obra. Pois não vê que um trabalho d'esta ordem não se pôde levar ao cabo d'um só rasgo, d'um só lance, d'uma só vez? — Que é mesmo realmente impossivel, méramente impossivel, completamente impossivel, absolutamente impossivel fazel-o? — Pois não sabe o que é um trabalho critico, philosophico, transcendente e analytico; analytico, transcendente, philosophico e critico?

— Mas...

— Ora, deixemo-nos de palestras, e tornemo-nos depressa ao nosso assumpto.

Começaremos pela *Analyse dos Lusíadas de Luiz de Camões, dividida por seus cantos, de Jeronymo Soares Barbosa*. É um livro, a todos os respeitoos, da maior utilidade para os estudiosos, mas que, apezar de util e prestantante, tem defeitos como todas as cousas humanas: pécca por alguma rigidez da parte do seu author para com o immortal cantor da malfadada Ignez; nem nos acoinhem de ousado e atrevido por avançar-mos esta proposição, pois bem certos e convictos do que dizemos estamos nós e a boas authoridades arimados. O

Aliquando bonus dormitat Homerus.

é já velho rifão e poucos haverá, em nosso entender tão verdadeiros; porisso quem lêr este livro deve precavêr-se contra muitas coisas que o author julgou serem boas e leaes verdades e que hoje se conhece não passarem de méros vicios da eschola a que pertencem Soares Barbosa, que era a de Candido Lusi-

tano (a). Passemos agora ao *Portugal e a Casa de Bragança*.

Já nesta folha demos noticia d'este excellente livro, que foi saudado unanimemente desde o Sena até ao Neva, e que bem merecem estes applausos. Enviamos o leitor para o n.º 10 da *Estréa Litteraria* onde mais detidamente apreciámos esta boa e prestante obra. O sr. Teixeira de Vasconcellos escreveu depois — *O Sampaio da Revolução de Setembro*, biographia d'este bem conhecido jornalista portuguez. Encontra-se na primeira parte d'este livro uma mui curiosa noticia historica ácerca do nosso jornalismo. Porém, dizem alguns, que a par d'estas outras boas qualidades do seu livrinho, a amizade, e a sympathia o desvairaram um pouco na publicação d'esta biographia e que olvidou o dictado:

Amicus Plato, sed magis amica veritas.

E acrescentam, como prova do que affirmam, que no anno proximo passado se deram alguns factos que fizeram vacillar profundamente as crenças que haviam 'nessa tão alardeada independencia que fazia do sr. A. R. Sampaio um mytho para os menos conhecedores das cousas humanas.

Nós porém, estimavel leitor, que não andámos prescrutando a vida alheia para a pôr ao soalheiro, deixamos fallar quem falla e não curamos de saber se é verdade ou mentira ou o que se diz, porque a nossa pena nem é thuribulo de lisonjas, nem tão pouco instrumento de ruins paixões.

Mais alguns livros, bons e máus, viram a luz da publicidade; não os mencionámos por que não cabe nos curtos limites d'uma folha como esta, nem o permitem as nossas occupações, a analyse, posto que rápida de todas as obras que se publicaram no longo espaço de um anno, a qual não podia deixar de ser mais ou menos longa e que, quando muito, acharia logar competente 'num folhetim do Times!

Agora o theatro: — o theatro é a fraternidade e a egualdade. Em seu vasto recinto apinham-se hombro a hombro e lado a lado o rei e o peão, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o estadista e a jornalista que alli correm em chusma condensada e ávida de applaudir freneticamente, e em estrepitoso côro

(a) Veja-se o folhetim do *Jornal do Commercio de Lisboa*, n.º 1174, escripto pelo sr. Mendes Leal, d'onde extraímos estas observações.

de retumbantes palmas, o que açouta os seus vicios e o que pune os seus proprios crimes; — tal é a magnitude da sua licção!

Porém, a este respeito, militam as mesmas razões que acima expozemos, obstando cruelmente a que lancemos os olhos para as sympathicas regiões do palco onde as scenas mais sublimes e triviaes da vida se reproduzem com maior ou menor exactidão, conforme o gráu de talento e finura de observação d'alguns espiritos amestrados em pintar mais ou menos fielmente o que encontram na sua passagem por este valle que é de lagrimas, como se tem asseverado desde tempos immemoriaes e que eu me encarrego de communicar aos posteros sem esperanza de agradecimento.

E com isto rematámos estas linhas insignificantes, porque são traçadas por uma penna que se *estréa*.

11 de Fevereiro de 1860

U. M.

CHARADAS

Quando Grecia era pagã }
Meus cultos tambem havia, } 1
Um rebanho de clientes }
Minha protecção cobria. }

Tanto em Roma como na Grecia }
E outros povos antigos } 3
Servia de proporção }
Dos delictos c'os castigos. }

É o todo nome d'homem,
Conhecido e não vulgar;
Em Coimbra me parece
Penas um se pôde achar.

AVISO

Não sendo possivel á redacção d'este jornal continuar a publical-o por mais um trimestre, pois que a proximidade das ferias e a ausencia dos redactores o não permitem, resolveu concluir somente o trimestre começado, dando a lume os numeros que faltam, até ao fim do anno lectivo.

E em Outubro de 1860 continuará este jornal sob a direcção d'um habil academico.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 17

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
{ E. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de admistracção e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — ABRIL — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

A PENA DE MORTE

(Continuado do n.º 16)

O homem instruido e moralisado não commette crimes; á sua natureza a isso se oppõe.

Sendo assim, o dever principal, ou talvez unico da sociedade, é por certo a illustração dos seus consocios; é a applicação de todos os meios, que possam infundir no ânimo do homem o amor da verdade e desejo de a seguir. Não queremos que a sociedade de hoje se componha de *santos*, mas queremos e temos direito a reclamar que ella se componha de *homens*. — Se, apezar d'esta elevação da natureza humana, ainda apparecerem crimes, o homem, como homem, não pôde punil-os.

O desinvolvimento humano tem limites, que não é dado transpôr, e nos quaes todos nós devemos parar, se quizermos ser justos perante a nossa consciencia, e attendidos ante Deus.

As estatisticas bem consultadas provam que a criminalidade, como a sciencia a entende, diminue aonde o espirito humano se desinvolve; e que augmenta aonde a ignorancia, acobertada algumas vezes com o fanatismo, faz mais progressos.

Estamos certos que a penalidade virá um dia a pertencer sómente á tradiçção, deixando o campo que havia usurpado á instrucção.

Se é possível regenerar o homem, e obviar ao crime, sem quebra da dignidade humana, qual o fundamento, qual o motivo que legitima a applicação de qualquer pena, ainda a mais inferior em gradação? Elevar o homem

á mais alta posição, fazel-o conhecedor das leis, que o governam, e que o prendem ao Creador, em summa instruil-o, é o fim unico da sociedade, e que pôde legitimar as suas medidas, e justificar o seu poder. — Hoje nas prisões, um pouco aperfeiçoadas, a penalidade é quasi desconhecida; não podêmos chamar pena a esse sacrificio, a que o condemnado é sujeito; é o unico meio de aperfeiçoar a sua natureza, que pelo crime estava corrompida.

Talvez que esta nossa opinião não possa na actualidade ter applicação; mas parece-nos ser o fim a que nos devemos dirigir, esperançosos de o obter á custa d'alguns esforços.

Mas se não podermos conseguir em todo um projecto tão momentoso: ao menos façamos alguma cousa: attendamos aos crimes mais graves, e corrijamos as penas, que com tanto rigor hoje são applicadas. — Se não é possível estabelecer casas de correcção para todos os crimes, ao menos fundem-se para aquelles, que são mais prejudiciaes á sociedade.

Neste caso está a pena de morte, que devia, ha muito, ou melhor desde o principio da sociedade, ser abolida.

A culpa é da sociedade, é dos governos que a dirijem, em não attenderem mais á moralisação dos povos, e á fundação d'esses estabelecimentos, que ao menos não degradem a natureza humana.

As circumstancias sociaes podem modificar mais ou menos os direitos hypotheticos, em opposição mesmo aos dictames da sciencia, que não approva taes modificações, mas que têm de se fazer pela força dos tempos; porém o que sociedade alguma poderá reconhecer é a

legitimidade de offensa dos direitos absolutos, como o de vida, que é o mais absoluto, porque as circumstancias assim o exigem.

Os homens não podem mais que a lei — *fiat justitia pereat ne pereat mundus*. Que importa o acabamento da sociedade, se a justiça divina é respeitada?

Se, como temos demonstrado, a penalidade não é reconhecida pela sciencia, deve ser substituída pela illustração (substituição esta que hoje não pôde ter applicação geral); segue-se logicamente que a pena de morte é injusta, e porisso inapplicavel em qualquer estado da sociedade.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

Tomámos parte nas ideias, que um nosso amigo expende com tanta lucidez no artigo que se segue.

Instituição nenhuma, por mais justa e demonstrada que seja em theoria, pôde vigorar aonde a illustração nacional fôr apenas o monopolio do rico; fôr o patrimonio d'alguns, a quem a natureza por acaso concede um privilegio tão odioso: — o privilegio do saber!

A sociedade é antagonista do egoismo; sociedade é a egualdade, é o desinteresse, é o amor divino, que a todos une e prende com os mesmos laços.

O saber é um direito do homem, e porisso uma obrigação social; é o fim mais eminente, mais nobre, mais duravel, que é dado ao homem proseguir; eleva-nos acima de nós mesmos, separa o nosso *eu* do que não é nosso, por ser de todos os seres, para nos conduzir em seus vôos magestosos ás regiões infindas da verdadeira felicidade *ao infinito*.

É certo que a palavra *egualdade* não transpõe os livros (alguns) de philosophia, ou o pensar d'algum progressista; tudo isto é verdade, ainda hoje, apezar de termos, como linha de separação entre o despotismo e a liberdade, uma carta constitucional, em que se estabelece o verdadeiro e salutar principio, de que a lei é igual para todos. Não creio em taes palavras, ou antes confio na sinceridade de quem as proferiu, porque tenho fé 'num heroe liberal e coração generoso; mas não creio na sua execução em todo o alcance que abrangem.

A natureza caminha, aonde a sciencia, a arte e o officio, fazem suas conquistas e excursão; assim o homem pobre de recursos entregue a

suas forças diminutas, quando não opprimido pela prepotencia senhorial, vive em continua prostração, 'num martyrio inhumano, que os proprios seres de baixa gradação não toleram!

B. d'Albuquerque e Amaral.

O SABER

A instrucção é o principal e mais preciso ornamento do rei da criação. — O homem sabio! Eis o elemento que se anheia para exercer as mais importantes funções da republica.

O homem sabio é procurado para servir nas aras sagradas, para se sentar nas cadeiras da alta magistratura, para empunhar a espada em defeza da patria.

Segundo os principios modernamente estabelecidos, segundo as tendencias da sociedade, hoje a instrucção é o mais robusto elemento da civilização, assim como esta é o principal motor da vida dos povos em todos os seus fins.

Homem alimentado com o leite da boa philosophia, faz consistir a felicidade das nações 'num bom principio civilizador, tendo por prática as verdades immutaveis da liberdade, justiça e egualdade, principios estes que vão lançando grossas raizes nos membros da sociedade presente, principios que se acham gravados com letras indeleveis nas sagradas páginas do codigo eterno da humanidade. Porém a civilização não pôde attingir o seu verdadeiro grau de perfeição, sem se dar uma vida cheia de seiva á instrucção.

O principio instructivo é um principio racional, justo e sancto; porém, não podêmos deixar de dizer que a estrada por onde marchâmos não conduz a elle. Não se pôde chegar a um grau de perfeita instrucção, sem que se arranque do terrivel lethargo a instrucção primária, ou a instrucção do povo: é necessario dar força a todas as camadas sociaes; porque os seus direitos são os mesmos.

A instrucção primária é um objecto de grande alcance, precisa ser depurada das escorias que a inquinam. É impossivel instruir, moralisar e civilizar a sociedade, sem que se dê melhor organização e direcção a estas escolhas.

A historia de todos os tempos, a contemporanea, mesmo, nos attesta esta verdade. Os verdadeiros sabios que se têm occupado d'este importante objecto, são concordes em asseverar que a moral, a justiça e virtude têm por base a instrucção, e que os crimes, tyrannias e toda

a sorte de immoralidades trazem a sua origem das massas, que carecem do elemento instructivo.

Pretender dar uma marcha vaporosa aos primeiros elementos de instrução, é firmar corrijas, pilastras, capiteis e elegantes portados em alicerces de informes tijolos. Deixámos a mais robustos talentos o cuidado de tractar esta questão na verdadeira altura dos principios: porém, o desejo que nutrimos de ver lapidar as últimas camadas sociaes, nos fôrça a expôr algumas bases para o melhoramento da instrução primária. Muitas devem ellas ser, mas nós as reduzimos a tres principaes: — a assidua frequencia dos alumnos ás escholae; — a confecção de um compendio normal, — e o augmento do ordenado aos professores.

A assidua frequencia dos alumnos ás escholae é essencialissima para o progresso da instrução da infancia. Actualmente nas aldeias, a frequencia dos meninos ás escholae, é irregularissima. Os alumnos só podem frequentar regularmente sendo mandados por seus paes: estes só podem cumprir o sagrado direito paternal, impellidos por uma de duas forças, a primeira interna, o conhecimento da riqueza moral de seus filhos, dos importantes serviços que elles podem prestar ás familias, á nação, e em geral á sociedade, já alistado-se na milicia do altar, já vestindo a toga, já manejando a espada em favor do direito, já dirigindo a busola através de grandes mares. Porém, como a maior parte dos paes de familias não podem ser alimentados com estes salutareos principios, só podem cumprir, obrigados pela segunda força externa — a auctoridade administrativa. Temos visto muitos paes de familias, apresentarem um riso de descrença, quando lhes apontam a obrigação de mandar instruir seus filhos!

Porisso, enquanto os paes não forem obrigados por uma lei a mandar seus filhos regularmente ás escholae, o progresso não passará d'uma chimera.

A confecção d'um compendio normal, instructivo e religioso, mandado adoptar em todas as escholae, muito convinha ao desenvolvimento da instrução primaria. Os alumnos apresentam-se diante de seus mestres, um com a cartilha do mestre Ignacio, outro com o Lunario Perpetuo, outro com uma novella; em summa, tantos são os alumnos, quantos são os livros diferentes que entram nas escholae! Por mais que os professores se esforcem, os paes de familias não compram livros a seus filhos, e exigem que elles aprendam (permit-

ta-se-me a expressão) pelos antigos alfarrabios, que possuem de seus maiores!

Já se vê portanto que o professor não pôde cumprir cabalmente 'num curso de 40, 50 ou 60 alumnos, dando a cada um lição por seu livro diverso; pelo contrario, mais aproveitavam, se todos estudassem pelo mesmo compendio, porque, divididos em classes, o professor mais se demorava em cada uma, ensinando-lhes melhor a lição, fazendo ao mesmo tempo as necessarias correções: faria este methodo levantar entre os meninos uma justa emulação, que muito concorreria para o seu aproveitamento. Porém, enquanto continuar este methodo, o professor não pôde (porque não tem tempo) a cada um dos seus discipulos explicar convenientemente as suas lições. Porisso, enquanto o conselho geral de instrução pública não fizer adoptar nas escholae de ensino primario, um livro moral e instructivo, que sirva de compendio, ao menos, aos alumnos da 1.^a classe, a instrução primária, ha de permanecer na actual lethargia!

O augmento do ordenado dos professores é um poderoso meio para o progresso da instrução primária. O professor deve empregar todo o tempo no cumprimento de seus deveres, mas para o fazer precisa receber um salario, que seja sufficiente para a sua subsistencia; e será a quantia de 90\$000 réis bastante para a decente sustentação do professor? Ninguém se attreverá a affirmar-o.

Enquanto o ordenado dos professores fôr tão diminuto, elles não cumprirão cabalmente sua sancta missão; porque, chegando-lhes o actual ordenado somente para satisfazer parte de suas necessidades, têm de trabalhar para haverem o resto para a sua sustentação; e o tempo que elles gastam a mendigar esses meios, faltam com elle ao cumprimento de seus deveres: porém, não esperem outra cousa enquanto se não melhorar a sorte dos professores.

Enquanto o ordenado não for mais vantajoso não se espere progresso na instrução primaria, e a maior parte das escholae hão de ser nos balcões, sôbre os carros nas ruas publicas, nos solheiros, etc.

Enquanto o ordenado for tão tenue, não concorrem aos concursos de taes cadeiras homens habilitados. Augmente-se o ordenado aos professores, teremos o magisterio composto de homens dotados das competentes habilitações: só assim poderemos obter um magisterio illustrado e que cumpra religiosamente a sua sancta missão.

As razões que deixámos expendidas devem ser ponderosas, para aquelles, que por sua posição têm o dever de tomar a iniciativa 'nesta empreza tão nobre, tão util, e tão justa.

J. J. Pereira Abranches.

TRIBUTO AO MERITO

O reconhecimento e a ingratidão tomam ás vezes uma extensão tão lata, que a consciencia individual é demasiado estreita para em si conter tão nobres e tão significativos sentimentos, que em sua expansão voluntaria se manifestam. O unico meio de saciar tão elevadas aspirações, é fazer d'ellas participante a todos os que conhecem e apreciam a dignidade humana em suas generosas demonstrações. Não podêmos porisso calar o nome do nosso sympathico condiscipulo o sr. Manuel José Vieira, pela maneira habil, franca e conveniente com que defendeu o conselho da Academia Dramatica, das pequenas faltas que lhe eram imputadas.

Não somos panegyristas por devoção; somos, sim, amantes do genio, quando de mãos dadas com a justiça pugna com denodo pela defeza dos que, pelas circumstancias particulares, não mereciam uma accusação tão insinificante, e de resultados tão prejudiciaes para a boa reputação, a que todos temos direito.

A Academia deve formar um corpo unico e vigoroso, pugnando sempre pela defeza dos bons principios, e principalmente dos seus direitos; e só em casos excepcionaes, quando um dos seus membros se torna indigno de occupar posição tão honrosa, deverá ser excluido, e stygmatisado com o sello de infamia. Mas, porventura, estaria 'nestas circumstancias o conselho da Academia Dramatica? mereceria o nome de *delapidador* e *incapaz* de administrar o theatro Academico?

Creemos que não; e em nosso abono temos a decisão do tribunal, que o julgou; e mais que tudo a convicção profunda que brilhava em todos os gestos e palavras eloquentes do illustre defensor do conselho.

Nós desejavamos mais fraternidade na Academia; e não queriamos que por faltas bem desculpaveis se fizesse uma accusação tal, que inhabilitaria, se fôsse avante, os conselheiros da Academia Dramatica, de pretenderem requerer emprego público, ainda da classe mais inferior; porque, quem é inepto e delapidador, é incapaz de tudo, que possa ter alguns resultados sociaes.

A justiça da causa e habilidade da defeza realçaram o nome do sr. Manuel José Vieira, chegando a derramar a convicção no ânimo d'aquelles, que mais adversos se mostravam ao conselho da Academia Dramatica. A consciencia sómente nos impõe o dever sagrado de dar este testemunho público de reconhecimento e gratidão.

B. d'Albuquerque e Amaral.

SONETOS

De um lado um povo, montes de outro lado,
No meio um valle, que um ribeiro corta;
D'este nas margens bello se compórta,
Fresco, virente, esperançoso prado.

Bem quasi centro ao valle ergue isolado
Seu collo um Teixo, que tristeza importa;
A terra é perto, onde parece morta
A natureza, e o lucto eternisado.

Oh! d'esse prado falta-me a frescura,
Falta-me a vida, a lisongeira esp'rança,
Que elle demonstra rico em formosura:

Mas esse Teixo inspira-me a lembrança,
De que não dista o solo da amargura,
Onde repouso o desgraçado alcança.

Dr. Zagallo.

'Nesta lida continua da existencia,
Não tenho inspirações, quaes tive outr'ora;
Tristeza permanente me devora,
Não sou feliz, nem mesmo na apparencia.

Quando contemplo minha decadencia,
A alma estremece, e o coração me chora;
Negro pendão aos olhos meus se arvora
Da miseria, que é morte, ou d'ella a essencia.

Meu naufragio ordenou sorte inflexivel;
Infausta prole, seres malfadados
Terão talvez o mesmo fim terrivel:

Nasci talvez em dias reprovados;
Vivo uma vida obscura, aborrecivel,
Morte hei de ter, que cabe a condemnados.

Dr. Zagallo

UMA PÁGINA SOLTA

* Este (passatempo) de touros, tão usado na Hespanha, que sem elles não ha festa de gosto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações: e nem os barbaros, que folgam de ter em suas casas tigres e leões, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o admittem. E na verdade é um passatempo de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jôgo da pella faz o corpo agil, a lucta endurece os membros, a justa, que para briga tem pouco risco, e para festa demasiado, contudo o ser exercicio militar a defende. Só nos touros nenhuma cousa boa ha: se são bravos, poucos se correm que não façam voar corpos ao céu, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe chamem bons touros, como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christãos: é um renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros antigos. Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o perderam muitas pessoas gravissimas, que por vezes o deram. Mas obrigamos o zêlo do bem commum.. *

I

Estas conceituosas expressões d'um elegante poeta (1), que, trocando pela humilde estameinha de frade as nobres armaduras de Cavalleiro de Malta, que bem tinham servido a patria na India, se foi á solidão do claustro, para enriquecer a lingua portugueza com seus primorosos escriptos, — estas expressões, digo, foram de sóbra para os mais apegados ás velhas costumeiras, se ideias taes como estas de sobejo proveito, e muito para se não deslembra-rem, perdessem em assaz se repetirem e levarem aos ouvidos do povo, a quem são destinadas, as páginas em que escrevemos.

Observando o estado actual do nosso paiz, o aspecto que elle nos apresenta não é de certo desanimador.

Portugal, posto que muito atrazado, vae caminho da civilização; é este um facto que a experiencia quotidiana confirma; a instrução vae cada dia tomando maior vulto; as artes medram e florecem protegidas por um grande rei e artista; a locomotiva, subjugando a potencia da natureza, faz sentir já em algumas, ainda mal, poucas das nossas povoações, o seu

silvo agudo como o da serpente; e o barco de vapor, lançando fumo e fogo, como os dragões antigos, tolda a athmosphera nublada do Archipelago dos Açores, e vae demandar as remotas paragens da Africa, e as terras de Sancta Cruz.

Cabe porém notar, que em meio d'este movimento civilizador, que significa progresso, pois que a estabilidade é a sua negação intrinseca, permaneçam os circos.

Teve Roma os seus combates de gladiadores; a idade media os seus famigerados torneios, que duraram ainda por algum tempo na Europa, e dos quaes as obras de Walter Scott e Alexandre Dumas nos mandaram tão bellas descripções; Hespanha e Portugal, essas corridas de touros, adornadas as mais das vezes por uma côrte esplendida e romanesca. Afóra estas que existem ainda, apenas destituidas do pomposo aparato d'aquelles tempos — diversas tão somente na fórma, na essencia as mesmas, — tudo aquillo, Deus louvado, passou para os vastos dominios da historia.

(Continúa)

U. M.

Não é sem indignação profunda que os nossos leitores verão os effeitos d'uma lei barbara, e tão atroamente applicada ao infeliz Ortega. — Estamos certos que soffrerão igual ou maior commoção, que nós experimentámos, ao lér-mos os ultimos momentos d'este heroe, que com a serenidade no rosto e os olhos em Deus espera tranquillo o momento feliz, em que sua alma, desprendendo-se da tyrannia humana, voára ao creador.

Só um coração petrificado, e uma alma viciada poderá admittir o sacrificio d'um homem totalmente regenerado, e em circumstancias bem adequadas para ser um cidadão util aos seus e á sua patria!

Esta natural repugnancia de que um coração bem formado se apodera para com estes supplicios, não será por si sufficiente razão para o seu acabamento?!

Se o senso commum repelle uma pena tão atroz, como admittit-a?

O que é victima de seus erros merece antes o perdão que o castigo. Tempo virá, em que a sciencia da penalidade será totalmente abolida, como o foram em parte as leis de Dracon.

Moralise-se o homem, mas não se puna; porque a pena é aviltante, é cruel, e contra a egualdade da natureza humana.

B. d'Albuquerque

(1) Manuel de Faria e Sousa colloca o sapiente escriptor da *Vida do Arcebispo* no número dos poetas, que fazem companhia a Camões pelo nome de Luiz.

ULTIMOS MOMENTOS DE ORTEGA

No dia 12, ás 5 da manhã, começou o conselho de guerra. Fiscal, o major da praça, coronel Rodrigues; defensor, tenente Felix Wetz; vogaes, tres capitães do provincial de Segovia, e tres de Tortosa. Durou tres horas a discussão. Ao meio dia passou o processo para as mãos do capitão general. Este, ouvido o auditor, o devolveu ás 5 da tarde. Ás 7 entrou Ortega para o oratorio.

Dizem que elle havia concebido esperanza de ser perdoado, pois a imperatriz dos francezes se havia interessado por elle: mas quando lhe leram a sentença, se bem que recebesse uma forte impressão, não se abateu.

D'alli por diante começou a sua vida de heroe. Durou pouco; mas ha de fazer-se sempre bem lembrada.

Pediu que lhe concedessem fazer testamento, e ás 11 da noite tinha concluido a minuta.

Um sargento lhe passou revista, o que elle estranhou e sentiu, dizendo: «Só isto me faltava para humilhar-me. Iria eu commetter o attentado que temem? Não: eu quero morrer como christão.» Ás 11 e meia, tira do seio uma medalha da SS. Virgem, e recommenda a seu primo, D. Ramon, que a entregue a sua consternada mãe.

Entra depois seu confessor, D. Bento Senoz. Elle pede com muita delicadeza ao commandante das guardas que as mande retirar para elle se confessar mais desaffrontado.

Hora e meia durou a confissão. Depois disse elle: acho-me tão consolado, que, se porventura chegasse agora o meu perdão, talvez me não alegrasse.

Annuncia ao confessor que tem somno, e dorme assentado na cadeira hora e meia, um somno profundo e tranquillo. Acorda ás 2 e meia; pergunta a hora do supplicio: e como lh'a não dizem: «Respondei, para que tanto mysterio?»

Annunciam-lhe que uma senhora lhe mandára uma medalha do Senhor de Polar, pede que lh'a entreguem, e beija-a com fervor.

Torna a adormecer. Ás 5 da manhã acordam-no para que se disponha a tomar a communhão antes da missa. Levanta-se da cadeira onde estava, e fica orando de joelhos uma hora.

As 6 horas annuncia-lhe o sacerdote que lhe vae dar a communhão, ouve a noticia com alegria. Ao recebê-la, de commovido, derrama lagrimas. São as primeiras que se lhe obser-

vam. São lagrimas de christão. E ouve missa e fica orando, e dizendo que louvava a Deus porque se dignára entrar em seu corpo para o fortalecer.

Toma depois chocolate, em companhia do seu sacerdote, com quem se entretém em conversa amena e alegre.

As 7 escreve com mão firme tres cartas á sua familia, entrega-as a seu primo, a quem faz algumas recommendações domesticas, e pede de novo o seu confessor, cuja companhia appetite extremadamente. As 9 fica só, e está orando.

As 9 e meia entra a vê-o um homem de Segovia, que sae chorando de o vêr tão sereno. Fica com elle o capellão do provincial de Segovia, e, quando este vae, ouve-se que Ortega ora á Virgem Senhora das Dores.

As 10 entra a vê-o D. Mariano Garcia, sabio e virtuoso missionario, e sae meia hora depois admirado da disposição christã em que o encontra.

As 10 e meia querem-lhe dar biscoutos e vinho, declara que não quer biscoutos; responde que não gosta de vinho, e antes quereria uma sópa com um ovo desfeito. Pergunta de novo pela hora do seu fuzilamento, e, respondendo-se-lhe que era ás 3 da tarde, diz: é bastante tarde.

As 11 toma a sópa com bastante appetite, conversa com o medico D. Angel Luis, a quem diz que se acha, como se nada passára por elle.

Ao meio dia está de novo com o capellão do provincial de Segovia. Pede um crucifixo, e ao recebê-lo abraça-o com transporte e diz: «Deus e Senhor meu, nada me será o morrer, se morro em tua religião e salvo minha alma. De que se serviriam as glorias d'este mundo, e minhas passadas grandezas, se eu perdesse minha alma.»

Meia hora depois entram tres sacerdotes: e elle, que estava apertando ao peito e beijando o crucifixo, disse-lhes ao vê-los: «Senhores, estou tranquillo: sinto tanta consolação em minha alma, que olho a morte como o maior beneficio; tanto que o morrer já não é para mim sacrificio. Prefiro esta morte a qualquer outra que Deus me houvera reservado: quasi a desejo. Para nós outros os militares, que geralmente vivemos distrahidos, não ha morte, que seja mais proveitosa, do que esta, para nossa alma.»

Á 1 hora fica só; lê em um livro espirital, toma um caldo, e pede que lhe não dêem

mais nada, salvo, quando muito, outro caldo antes de sair.

Às 2 da tarde com o maior sangue frio se informa do lugar onde será a execução, e das ruas do trânsito. Às 2 e tres quartos annunciam-lhe que é chegada a hora de partir, e responde: quando determinarem. Segue com passo firme.

O povo cobria as avenidas. Adiante ia o pendão de N. S. das Dores, e logo a irmandade. Atraz um crucifixo. Seguia-se o piquete e no meio o padecente que levava os braços soltos, e na mão o crucifixo que tivera na prisão.

Vestia sobrecasaca azul de feitiço militar, kapis da mesma côr, calça e collete preto, luvas côr de palha, botas de polimento. O traje e andar faziam sobresair a gravidade e elevação do homem.

A côr do rosto não estava alterada. Beijava de vez em quando o crucifixo com devoção, mas sem affectação. Repetia com clareza as palavras do padre, e a voz era sonora e agradável.

Ouvindo o tambor, que tocava a marcha funebre, disse, pondo os olhos no crucifixo: «A Vós, Senhor, também vos atormentaram com estes destemperados sons; e Vós ereis innocente; justo é também que eu soffra, sendo tão peccador.» Entrando no quadrado, vendo o immenso gentio ainda disse: «Tambem Vós, Senhor, permittistes que a plebe contemplasse vosso supplicio.»

Pôz-se de joelhos debaixo da bandeira para ouvir a sentença. Depois levantou-se, e foi conduzido ao lugar designado. Alli perguntou: «Como me ponho?» Responderam-lhe: — De frente. — Assim fez.

Vendaram-lhe os olhos e elle ajoelhou ante as bôças das espingardas.

No mesmo momento voou a fatal explosão.

A alma voava á presença de Deus para ser julgada, decerto com mais clemencia do que a que o homem achou no mundo.

(Nação).

Abaixo publicamos uma carta typo, em que a educação, a grammatica e a philosophia do direito se debatem no campo da verdade, para alcançarem a gloria do seu digno auctor, e o desprezo dos redactores da Estrêa.

Ella ahí vae sem alteração d'uma virgula.

Srs. Redactores da Estrêa Litteraria

Recebi neste ultimo correio mais um numero da sua estrêa, e com ella um bilhetinho que se acha *consebido* nos seguintes termos — Avizo — A redacção da Estrêa roga novamente a v. que tenha a bondade de mandar pagar os dois trimestres de que está em debito, a cujo pagamento v. se comprometteu pelo facto de não recambiar o jornal, como se declarou. A honradez de v. dispensar-nos-ha de publicar o seu nome neste jornal no caso de não satisfazer.

Ora meus Senhores o meio que escolherão para o embolso da importancia da sua estrêa, e que tão improprio é de q.^m traja as vestes *Accademicas*, que mais que outros devem saher as disposições do cap. 5.^o no tit. 4.^o do liv. 2.^o do Cod. Penal não colheu o resultado que imaginarão: *Tãbbem* devo dizer-lhes que o *direito todo positivo*, devendo ser a expressão do justo em qualquer hypothese que o olhemos desconhece o seu pertendido contracto, quando mesmo os S.^{rs} Redactores tivessem feito alguma declaração que dizem, mas da qual muito me é licito duvidar o não recambiar eu a sua estrêa como facto negativo podia muito bem *recellar-lhes o meu desprezo*, porque eu nenhuma obrigação contrahi para atural-os e desconheço a lei, que a isso me obrigue.»

A lei que o obriga a satisfazer é tão sagrada como todas as outras; além de ser um preceito de decencia e cavalheirismo. Provavelmente o illustre Doutor não encontra lei que regulasse esta hypothese; e concluiu por isso que podia acceitar o jornal, sem que fôsse obrigado a pagar. A sciencia de Gonjoim poderá ser essa, mas não a sciencia do direito, de que nos pretende dar prelecções. Diz o *sabio Advogado* que o facto de não recambiar a Estrêa, como facto negativo, podia muito bem revelar o seu desprezo. Ora diga-me: O facto de acceitar a Estrêa, é positivo ou negativo? Segundo a theoria do direito todo positivo poderá ser negativo; mas, segundo a nossa theoria, que não é de negações — o facto é positivo, e como tal, prova evidente de que não recusou a Estrêa (senão no momento em que se lhe exigiu o seu importe), e porisso se obrigou a seu pagamento; *porque eu* não contrahi obrigação, nem moral nem juridica, de o aturar de graça.

Esta é a doutrina de todo o direito positivo; que por certo se não conforma com a que se busca no direito todo positivo. — Deus nos dê

paciencia e forças para arrostarmos com aggressões tão fortes, que fazem tremular por um pouco os profundos alicerces da sciencia do direito.

Não publicámos o resto da carta, porque é uma consequencia logica dos bellós e philosophicos principios da sciencia juridica e moral, que tão engenhosamente se exaram no começo de sua epistola.

Falta-nos ainda publicar o nome do illustre de Gonjuim, que tanto nos despreza, e que nós tanto venerámos. Este sr. chama-se — Germano Lopes Pereira de Gouveia, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, e que tão ingrato se mostra para com sua cara mãe, que pretende hoje lançar por terra, formando sobre suas ruinas uma nova sciencia, uma nova Universidade, cujo programma será o seguinte: — As pretensões de todo o homem dé consequença, assim coma taõbem de todos os outros, são: — 1.º derivar do principio o direito *todo* positivo, — as consequencias logicas que 'nelles se enseram; — 2.º considerar o direito como a expressão do justo em qualquer hypothese, que o consehamos; ficando, portanto, prejudicada e sem valor algum a sciencia da politica.

Tal é o novo horisonte, que o illustre Doutor *conbeu*, como capaz de satisfazer as suas vastas, sublimes, e generosas pretensões.

OS RR.

CHARADA

A primeira, que se présa
De ter grande estimação,
Alto arbusto originario
É da China e do Japão,
Que até em 'steril terreno
Tem facil vegetação. — 1

E a segunda p'ra entrar
No phylologico imperio
Pouco lhe falta; se o fósse,
Tinha poder deleterio;
Seria planta rutacea...
Para explicar o mysterio. — 2

E pois que já nos metemos
Pelo reino vegetal,
Digo ainda que o conceito
É de planta, que faz mal.

O todo por toda a parte
Tem subida accitação,
E alguns até asseguram
Que dá boa inspiração.

A planta veio d'America,
E sem 'sp'rar tão boa sina,
Nicot a levou de cá
P'ra a regente Catharina.

A quem adivinhar esta
Dou-lhe o todo p'ra uma festa.

A. L. dos Santos Valente.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Acaba de ser tirado a lume do prélo da Universidade um opusculo, intitulado *Ensaio Poetico-Latinos*, do sr. Francisco de Paula Santa Clara.

O titulo do livro não corosponde ao que indica, pois, na opinião d'um varão eminente, *não é um ensaio de quem aprende, mas uma arte exemplificada de quem ensina*. A modestia sempre é digna de louvor.

Não lhe tecemos encomios; a sua competencia e merecimento dispensam-nos de dizer o que poderia ser attribuido ás relações de amizade e de condiscipulo.

OS RR.

Ensaio Poetico-Latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, estudante do 5.º anno da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra.

Vendem-se em Coimbra na loja do sr. Moré rua da Calçada; e na do sr. Domingos Sebastião Sanches, rua de S. João.

Preço — para os srs. assignantes 400 réis, e não assignantes 500 réis.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Volume I

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões,
A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. M. Seabra de Albuquerque,
Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, J. A. Sanches da Gama,
João de Deus, J. Simões Ferreira, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 1 — NOVEMBRO 15 — 1860

INTRODUÇÃO

As nações são como os homens, nascem, desinvolve-se e desaparecem; a diferença é que n'uns os annos, n'outras os seculos marcam os passos que têm avançado na vereda por onde baixam ao voraginoso abysmo do nada.

Felizes pois as que, avultando com o proprio espolio o cabedal herdado, virem para seu lado pender o fiel da balança, em que os vindouros hão de imparcialmente aferir seu merito para as votar ao olvido ou á immortalidade!

Mas qual o testemunho authentico, o padrão inauferivel por onde avaliar factos, sobre que a noite dos tempos desdobrou o esquecimento? Com o seculo que os viu nascer passam os grandes pensamentos, os grandes feitos e os grandes homens; o tempo, que tudo consome, apaga-lhes os nomes, emmurchece-lhes os louros, cerceia-lhes os obeliscos, pulverisa-lhes as estatuas. É aqui onde acaba a acção do bronze que tem principio a da imprensa: triumpho Guttemberg onde Phydias se rende; e, *ceci tuera cela*, prophetizou pela bocca de Claudio Frolo o poeta do seculo XIX.

O forasteiro que hoje pise o heroico solo da Grecia em vão perguntará:

Onde Thebas a de cem portas? Corintho a decantada? a destemida Sparta?

De ha muito jazem sob a mortalha de suas ruínas; e no volver dos seculos passaram qual o meteoro, cujo luminoso traço não sobrevive á sua queda.

E comtudo a Grecia sob essa morte aparente escondia, como a chrysalida, um novo germen de vida nos cantos de seus poetas, nos discursos de seus oradores, nas páginas

de seus philosophos e historiadores, e após que a imprensa lhe insufflou seu espirito vivificante, a Grecia renasceu para a immortalidade.

O guerreiro, o navegante, o legislador trabalham para o seu seculo, o escriptor para o mundo: porisso alem de todas as glorias assenta a gloria das letras. No reinado de Augusto, cerraram-se as portas de Jano; mas ergueu sua voz o cysne de Mantua, o epicurista de Tibur, o exilado do Ponto, e os antigos chamaram a este seculo o *seculo de ouro*. O de Luiz XIV mais brilha pelas letras que o eternisaram, que pelas campanhas que o tornaram famoso: e sem mendigar exemplos a peregrina historia, se o nome portuguez, em que peze a invejosos, ainda hoje é grande, foi porque Camões morrendo n'um hospital deixou a nossa gloria em legado á posteridade.

Mas para a imprensa completar a sua missão civilisadora era mister o *jornal*. Este é o crisol, onde se apura fio a fio o thesouro que as gerações por vir hão de herdar das gerações que passam. O *jornal* põe no presente a mira, no futuro põe o *livro* a aspiração: um é o testamento do sabio, o outro o archivo do povo; mas para que o fructo prodigalise seus mimos é necessario que anteriormente a flor tenha vecejado.

N'este seculo o número de jornaes tem copiosa e como que milagrosamente augmentado: a instrucção tornou-se um dever, mais ainda uma necessidade, porque não é só pelo pão do corpo que o homem vive; e simplesmente o jornal póde alhanar as escabrosidades de um estudo nem a todos compativel.

Ainda não é tudo. Como o prisma que offerece diversas faces, por onde tambem de

diverso modo refrange a luz, o *jornal* multiplica seus beneficios segundo os differentes aspectos sob que for encarado.

Uma das suas mais elevadas missões, e porventura a unica que tem em vista a *Estreia*, é omnipotentear a noveis escriptores a arena, aonde nos certames litterarios a emulação lhes encaminhe os primeiros passos, e ao grangear-lhes os primeiros laureis, lhes abra a porta para mais duradouros triumphos.

São estes os nossos votos.

A nova direcção da *Estreia Litteraria* não desconhece a responsabilidade, que sôbre si tomou; confiada porém na valiosa cooperação de seus antigos collaboradores, espera que não a deixarão desmerecer do conceito, que estes tão justamente lhe souberam grangear.

Augusto Sarmento

Estado social

I

On ne touche point aux lois de la nature, sans déranger des prévoyances, sans anéantir des bienfaits. AIMÉ MARTIN

Só á conta do character misantropo e natural esquivaça de Rousseau ao trato dos homens, pôde ir o conceito que elle fez a respeito do estado social.

No decorrer das suas obras, e mórmente no seu *Discurso ácerca da origem e fundamento da desigualdade entre os homens*, se depara com pensamentos taes, que por contradizerem o instincto e natural tendencia do homem á união com os outros seres da sua especie, revelam porventura o odio em que lhe ardia o peito contra a humanidade.

A historia julga-o assim. E temos que outra não podéra ser a causa: que se elle estudasse, não em si porque as não tinha, mas nos outros homens, as tendencias da associação, se attentasse bem em sua necessidade, nunca houvera dicto: — que o homem não era por natureza destinado á sociedade, nem — que o estado social lhe era sôbre modo pernicioso. Se descesse até ao ponto mais secreto do coração humano, se o tivesse surprehendido em seus affectos íntimos, em suas mais fortes inclinações: se consultasse o homem em suas mais urgentes necessidades phisicas e intellectuaes: teria visto além, que essas inclinações e tendencias multiplices não podiam realizar-se sem a associação, aqui reconheceria que sem ella, nunca o homem á mingua de meios alcançaria seu fim.

Não seja razão da sociabilidade, o facto de ser tão antiga, quanto a humanidade, a associação entre homens: sendo que nenhum tem existido, nem existirá sôlto inteiramente de laços sociaes. Não temos tambem mister de conhecer que a causa é natural pela constancia e universalidade do effeito, podemos apreciar-a em si, nos mais puros e ricos sentimentos do coração, na amizade, no amor, na generosidade, na benevolencia, na caridade, e tantos outros.

Que é a amizade senão um affecto particularissimo que liga entre si algumas pessoas? E quem ha ahí que não sinta no peito o desejo ardente de encontrar uma alma que se identifique com a sua? de contrahir esse connubio espirital? de gozar n'este mundo de infortunios esse bem supremo?

Não será ainda uma prova de que o homem é naturalmente sociavel esse attractivo que aproxima os sexos, e que n'elle é um sentimento? Esse impulso do coração que nos leva ao amor de todos os homens, á compaixão para com aquelles que soffrem?

A sociabilidade é um instincto, é uma tendencia que nos conduz irresistivelmente á união com os nossos semelhantes.

A associação é uma necessidade urgentissima, sem a qual não lograria o homem nenhum de seus fins.

Encareça a anatomia comparada a superioridade do homem sôbre os outros animaes, exalte a complicação de seus orgãos, celebre a magestade de sua attitude elegante e nobre, que a par d'estas superioridades fôrça é confessar algumas desvantagens que tornam indispensavel ao homem o concurso dos outros homens.

E tantas são ellas na verdade, e de tal ordem, que acerto será julgar-se que de assentado quiz a natureza fazel-o pobre para que a necessidade lograsse sempre o que o instincto não alcançasse uma vez.

Na infancia ha mister de cuidados, na juventude direcção, na virilidade auxilio, na velhice consolações e affagos; em qualquer epocha que se considere o homem, nunca isolado pôde pôr-se a salvo dos males que lhe fazem cortejo na sua passagem do berço ao tumulo.

E todavia é eminentemente superior aos animaes! Montaigne mentiu quando disse: que algumas vezes havia maior differença de um a outro homem, do que d'este a certos irracionaes. Não é uma differença apenas de grau, mas de natureza, a que os separa. E essa differença, a verdadeira superioridade do homem sôbre todos os seres que povoam o espaço, é

a razão; é essa centelha da luz divina, que aos pés do homem depõe a soberania do mundo, que reproduz o Creador na creatura, que no dizer arrojado de Latena, faz do homem um deus sem infinito.

Mas que seria a razão sem o ensino, sem o commercio com os demais homens?

Se não temos que a intelligencia seja uma tábua rasa, em que haja mister de esculpir-se, uma a uma, todas as ideias, como d'ella assegurou Locke; se não cremos como unica fonte de todo o saber humano a tradição e a auctoridade, é certo porém que sem o commercio dos espiritos não seria a intelligencia mais productora do que sem cultura é o campo ainda que fertilissimo: desinvolve-se a semente, nasce a planta, enflorrece e fructifica, nos seios da terra: germina a ideia, cresce e reproduz-se no seio da intelligencia da humanidade.

O homem domina o tempo e o espaço, aranca á natureza pelo poder do genio segredos que ella tentára encobrir, vence-a em tudo e quasi lhe impõe suas leis; mas por tanto necessitou de concurso e auxilio dos outros homens. Isolado, despido inteiramente d'essa vida de relações, nunca lograria sequer explicar o mais simples dos phenomenos, não atinaria mesmo formar uma linguagem.

As artes e as sciencias são um vasto e magnifico edificio construido por milhares de operarios em milhares de seculos, são um grandioso e abundante patrimonio da humanidade, enriquecido pela geração, que vae passando, são o resultado da lei do progresso, da expressão última da sociabilidade.

O estado social é pois a realisação de um instincto, e ainda uma necessidade para o homem.

Aristides de Bastos

A terra

I

ISOLAMENTO

Avassallado pela ignorancia devêra o espirito humano jazer longo tempo em trevas, antes que o desejo de saber sempre em luta com ellas, e nem sempre vencedor, chegasse a formar essa luz de sciencia, que a par e passo nos vae patentando arcanos, desvelando mysterios, internando-se mais e mais pelo entenebrecido territorio.

E de facto: prescrutador incansavel, o homem não tem cessado de interrogar todos os

objectos, para conhecer d'elles as causas dos phenomenos que a todo instante nos surpreendem; ou ao menos leis, que lhe facilitem a explicação d'esses phenomenos. Porém a despeito dos seculos, que n'essa indagação tem gasto, nem sempre alcançou resposta, nem sempre, quando a houve, foi cabal:

*Croire tout découvert c'est un erreur profonde
C'est prendre l'horizon pour les bornes du monde.*

Todavia possuímos já hoje uma grande somma de verdades, que nossos avós tiveram a gloria de conquistar através de innumerables empenhos, e que muitas vezes pagaram com a propria vida. Tal foi a dedicação d'alguns que os tornou martyres da sciencia. Ella porém não é descaroavel; com extremos de mãe vivifica, torna immorredoiro o nome de quem lhe tributa affectos de filho — cinge-lhe a cabeça de immareciveis louros, mostra-o com ufania a todos e aponta-o como modelo aos que pretendem transpor o liminar do templo, onde as aras são livros e as preces lucubrações.

O isolamento da terra é uma d'essas verdades, que, ignorada muito tempo, descoberta não foi bem recebida; tão certo é que o trabalho sem dilação não vale a extirpar erros e conseguir que a verdadeira doutrina cale no animo de todos.

Julgou-se por largo espaço que a terra, com uma profundidade finita, estava fixa sobre bases inabalaveis, assente sobre o dorso de animaes fabulosos; sem pensar que qualquer que fôsse o ponto de apoio sobre que ella descansasse, esse ponto havia de assentar sobre outro, que igualmente precisaria d'uma base de sustentação, e assim por diante; de modo que suppor a terra fixa importava o mesmo que suppor uma serie infinita de pontos fixos a servirem de apoio uns aos outros; ou então a existencia d'uma massa isolada e suspensa no espaço: — a última, que sem ser sustentada servisse de apoio a todas as outras.

Reconhecido o absurdo da primeira hypothese, e não podendo conceber a segunda, porque n'esse caso mais lhe valêra admittir logo o isolamento da terra, vieram os antigos a acreditar na profundidade infinita do nosso planeta.

E mais facil lhes era em verdade crer na espessura illimitada, que na suspensão; já porque, vendo todos os corpos, que não eram sustentados cahirem para a terra, entenderam que esta nas mesmas circumstancias tambem cahiria, já porque os livros sanctos, em seu dizer mais poetico e figurado, que scientifico os induziam a êrro: *Terra quae firmiter fun-*

data est super bases suas, ut maneat seculum seculi.

As provas do isolamento tornaram-se porém tão patentes, que impossivel fôra a qualquer deixar de render-se á sua evidencia.

As viagens de occidente a oriente começadas pelo nosso Fernando de Magalhães, e depois continuadas n'outros paizes por diferentes observadores, vieram demonstrar que n'aquelle sentido a terra é suspensa, porque d'outra maneira não teria sido possível dar volta ao globo.

Não poude ainda conseguir-se egual resultado da navegação de norte a sul, porque o gelo dos polos impede a passagem; mas outras provas temos, que demonstram á saciedade o isolamento da terra.

Examinando attentamente as estrellas que povoam a abobada celeste nota-se que muitas d'ellas começam a tornar-se visiveis do lado do oriente para depois irem desapparecer no occidente, quer a observação seja feita para as partes do norte, quer para as do sul.

Se o individuo se mover para o norte irá descobrindo d'esse lado estrellas, que não via na primeira posição; e tambem apparentemente animadas do movimento de oriente a occidente; em quanto no sul se lhe vão occultando outras, que eram visiveis do primeiro logar.

Movendo-se o observador em sentido contrario, isto é, do norte para o meio dia, contrarios se tornarão tambem os phenomenos: algumas estrellas do lado do norte irão desapparecendo ao mesmo passo, que no sul crescerá o número das visiveis. Ora dando-se sempre todos estes phenomenos: em qualquer local que o homem escolha, deve d'elles rigorosamente concluir-se o isolamento da terra; porque a estar ella fixa, o corpo que a suspendesse havia de estorvar-nos de ver no sentido em que se achasse, a apparição e desappareção regular das estrellas.

Nos eclipses da lua temos ainda argumento com que reforçar a conclusão.

A sombra que a terra em todas as posições projecta sobre a lua é sensivelmente circular: logo não ha corpo algum que sustente no espaço a terra, porque, a havel-o, esse corpo estaria ligado com ella, e a sua sombra havia de ser tambem projectada sobre a lua.

Podêmos por tanto, servindo-nos simplesmente de argumentos que estão ao alcance de todos, haver por inteira e cabalmente demonstrado o isolamento e suspensão do nosso planeta.

M. da Costa Alemão

Influencia da mulher na civilisação

L'homme s'agite, la femme le mène.
ARSENE HOUSSAYE

Se volvermos as páginas da historia da humanidade daremos com um facto constante, universal, de todos os tempos e de todos os logares, e ao qual comtudo se tem negado a attenção a que tem jus pela sua importancia, e pelo muito que d'elle se póde concluir para o futuro.

Se na história não procurarmos só uma data ou um facto descarnado, mas tentarmos n'ella descobrir alguma cousa mais, um principio harmonico e as leis que governam esses factos, ainda nas suas menores evoluções, veremos que a historia da civilisação da mulher, do seu desinvolvimento e da sua moralidade, anda sempre ligado aos factos do desinvolvimento da civilisação e da moralidade dos povos: veremos que aonde a sua condição se amesquinha, onde desce em dignidade, onde a mulher em vez do triplo e sagrado character de amante, espôsa e mãe passa a ser escrava sem liberdade nem vontade, só destinada a saciar as paixões brutaes d'um senhor devasso, ahi tambem veremos descer o nivel da civilisação e moralidade: á doçura dos costumes succeder a fereza e a brutalidade; e em vez do amor, essa flor do sentimento pura e recatada, só apparecerem a paixão instinctiva e brutal, necessidade puramente phisica do animal que obedece á lei da reproducção, á devassidão e á polygamia!

Mas que differença, que quadro tão opposto nos não apresenta a familia, quando em civilisação mais avançada, e sob o influxo de principios mais christãos, a mulher se nos apresenta já *espôsa idolatrada* ou *mãe carinhosa em meio de seus filhos*, movel e centro de tantos e tão nobres affectos que todos para ella convergem porque a todos deu origem, a todos fez desabrochar no peito com seu anhelito inspirado e creador! Aqui a mulher é já mais respeitada; cresceu aqui mais em dignidade, e o seu espirito livre de toda a oppressão soube voar alto até á contemplação de Deus — de todo o bem e de toda a verdade; aqui a sua alma, achando já ambiente mais tepido e suave poude expandir-se, e na ancía de infinitas aspirações elevar-se ao bello, á poesia — unica e verdadeira poesia — a da virtude! Mas não admiraes como, por uma reacção natural, e porisso mesmo harmonica e justa, as virtudes e dignidade da mulher vêm a reflectir-se na face do homem; como tambem

subiu o nivel da sua moralidade; como tambem a sua alma se expande mais e mais se enebria de affectos e aspirações! Não vêdes já a intelligencia a prevalecer sôbre a materia, o sentimento sôbre a paixão? Não pasmaes de como o homem, ainda ha pouco brutal e rude, já agora sabe apreciar os prazeres da alma, as elevações do espirito, e vivendo n'ellas vive d'um viver mais puro que tende sempre a approximal-o de Deus pela virtude e pelo amor?

E tudo isto quem o fez? que mão de fada tocou o homem que assim o soube elevar?

Meu Deus! uma mulher e um sorriso: um ente fraco e um raio de poesia: uma escrava a quem deram um pouco de liberdade, e um sentimento de affecto que ella lançou no coração do homem!

Uma mulher com effeito, um ente debil, que de continuo mais parece implorar-nos protecção e arrimo, do que aspirar a dominar-nos, mas que apesar d'isso exerce um tal poder sôbre o homem, o forte por excellencia, que não só o faz passar da barbaria á civilisação, mas ainda é só ella que o póde levar aonde o chamam os seus destinos providenciaes!

Eis aqui o que é a mulher, e eis aqui qual é a influencia que ella exerce na humanidade.

E quereis saber a causa de tudo isto?

É que o homem forte na sua intelligencia e na sua vontade, é fraco pelo coração, porque sente a necessidade d'um contraste, de uma fraqueza, d'um sentimento mais doce que possa abrandar o orgulho d'aquella intelligencia, a energia d'aquella vontade, no meio da qual se sente como triste e isolado: e a mulher por sua doçura, por sua timidez possui em mais elevado grau o principio de todos esses sentimentos de ternura de que tanto necessita o homem.

E por outro lado precisa tambem d'esse ente fraco, por que tenha plena consciencia de sua força, que pelo contraste lh'a faça sentir, a quem proteja, a quem ame, e a quem por seu turno depois se submeta, para tambem uma vez na vida ter a quem obedeça, elle o que manda e a quem tudo obedece na terra: e é ainda a mulher esse ente fraco, desvalido, mas apaixonado e nobre que elle tem de encontrar sôbre o seu caminho para amimar, proteger, amar, e por fim obedecer-lhe e deixar-se guiar por ella.

É que o homem necessita d'essa existencia debil e desvalida, porisso mesmo que lhe póde dar arrimo, e necessita-o tanto que sem ella, como diz um poeta, o «mundo ser-lhe-ia um

ermo melancolico, os deleites apenas o prelude do tedio.»

E é mesmo por esse caracter de dependencia que a mulher se recommenda á deferencia e gasalhado do homem.

A sua fraqueza e desvalimento a recommendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas, a nobreza de seus sentimentos: a todos a consciencia da sua superioridade moral e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa; dependencia de filhos, de amantes, de irmãos e de esposos; dependencia moral apenas, mas porisso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez — taes quaes somos é a mulher que assim nos faz, que nem um só ha que não tenha, uma vez ao menos, encontrado a mulher no caminho da sua existencia, e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sôbre o coração, isto é, sôbre o sentimento que elle se estende, e muito principalmente sôbre as nossas mais ardentes paixões. Por qualquer face que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão de que, mesmo insensivel e involuntariamente, lança mão para nos dominar, guiar já no bem já no mal, para nos ennobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão que nos insuffla n'alma os principios em que a sua anda imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, n'esta assimilação moral, a alma da mulher quasi nada perde da sua individualidade, sendo que é quasi sempre a do homem, que a homogeneia com a d'ella.

A paixão da amante, a amizade da irmã, a solidariedade da espôsa, o amor da mãe são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de protecção para a fraqueza d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres. Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da espôsa todas as virtudes ou todos os vicios com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o mysterioso guia e mestre da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que o que formos, no bem ou no mal, a ella o deveremos. Lei sublime esta de tanta harmonia, aonde se revela a mão da providencia, que, creando o homem forte, não quiz deixar a mulher inerme, e soube dar á sua fraqueza armas com

que dominar a nossa quasi omnipotencia!
Quero-a formulada assim:

«O homem e a mulher, nascidos um para o outro, têm de caminhar junctos, e guiando-se mutuamente, na estrada da civilisação: se o homem abandonar a sua companheira e a deixar atraz de si entregue sem soccorro ás asperezas do caminho, virá tambem abandonado a força, que só vem do amor; e em breve se ha de extraviar da senda d'um progresso verdadeiro.

«A dependencia moral do homem em relação á mulher é um penhor providencial da sua protecção para a fraqueza d'ella».

(Continúa)

Anthero do Quental

As duas flores

(V. Hugo)

A...

Tu vòas, borboleta! E que eu não possa

Voar, amor!

Diversa como é n'isto a sorte nossa!

— Dizia a flor.

No valle, ambas irmãs, nascidas fomos!

És como eu sou!

E amâmo-nos! e flores ambas somos!

Mas eu... não vòo!

A ti, leva-te o ar! prende-me a terra,

A mim! e eu...

Como hei de perfumar-te em valle e serra!

E lá no céu!

Mais longe inda tu vaes! e, por mais flores

Girar, talvez!

Em quanto a minha sombra, meus amores!

Gira a meus pés!...

Foges, voltas depois, mas vaes-te embora!

Sabendo, assim,

Que em lagrimas me assoma sempre a aurora!

Pobre de mim!

Acabem-se estas maguas! meu thesouro!

E meu amor!

Cria raiz! — ou dá-me as azas d'ouro!

Celeste flor!

João de Deus

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

I

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE

É a terra de Portugal essencialmente distincta. Feracissima de varões assignalados, seus filhos em todas as épochas a têm ennobrecido. Não ha página da historia que não lhe narre um feito, nem povo no mundo que lhe não deva lição. Nos tempos antigos, sob a denominação de Lusitania, na idade média em que se constituiu nação, e na moderna que ora vae correndo tem sempre immortalisado singularmente o seu nome. Tem dado generaes ás armas, sabios ás lettras, santos á Igreja, descobridores aos mares, e com tudo isto poderoso impulso á marcha progressiva da civilisação.

Um Plutarcho ou Cornelio, que de tantos homens illustres traçasse as biographias, um Curcio que escrevesse as vidas dos seus Alexandres achariam deseguaes as pennas para as acções dos seus heroes. Em Roma um Livio basta para completar a sua historia; em Portugal não chega um Barros para esboçar um seculo. E se o vencedor de Issus e de Arbela chorava a barbaria da sua idade, na patria de Camões os seus monarchas dormem á sombra de louros

Sem á dita d'Achilles ter inveja.

Diogo de Paiva de Andrade, Francisco de Andrade e frei Thomé de Jesus foram irmãos pelo sangue e pelas lettras. Estas illustraram a nobreza que no berço aquelle lhes imprimiu. Abriu-lhes entrada o nascimento no paço dos reis, e a intelligencia nos annaes da historia e nos fastos da litteratura. Por aquella sobre sahe o primeiro no concilio de Trento, o segundo na côrte do monarcha e o terceiro na derrota de Alcacer e no captiveiro de Berberia; por esta dão renome a Diogo de Paiva os seus sermões, a Francisco de Andrada as suas chronicas e poema, a frei Thomé o affectuosissimo livro *Trabalhos de Jesus*, escripto durante o captiveiro e, segundo as suas palavras, cm lúgubre masmorra a furto, e sem mais luz que a que lhe entrava por gretas da porta ou por agulheiros e buracos da parede.

D'esta esclarecida trindade selectaremos o nosso conterraneo para encetarmos com seu nome tão abonado esta serie de curtos apontamentos com que intentámos sómente avivar a memoria de alguns filhos de Coimbra que mais se distinguiram.

Dois Diogos de Paiva existiram, tio e sobrinho, ambos estimados pelas suas boas letras, sendo o segundo-filho do chronista Francisco de Andrade. O primeiro, de quem tratámos, nasceu em Coimbra a 26 de Julho de 1528

Paiva, cui haec sedes lumina prima dedit

e morreu em Lisboa no 1.º de Dezembro de 1575 com a idade de 47 annos, vida muito curta, mas que lhe foi espaço largo para patenter a seu merecimento.

Teve o foro de moço fidalgo e era de familia nobilissima, remontando a sua ascendencia aos condes de Andrada na Galiza; e os seus retratos, que andam á frente de alguns exemplares dos seus sermões e na biographia de Pedro José de Figueiredo, assim como no primeiro volume do *Panorama*, são acompanhados do brasão da sua casa de que sempre usou, que representa em campo de ouro uma banda sanguinha entre as boccas de duas cabeças de serpes de verde picadas de prata, e de cada lado uma caldeira axadrezada de prata e vermelho, com duas serpes no encaixe das azas, verdes e armadas de vermelho. Tinha por timbre uma cabeça de serpe de ouro, armada de vermelho (1).

Alliando a distincção do sangue com a gloria do ingenho, dedicou-se com cedo aos estudos e recebeu o grau de doutor em theologia na nossa Universidade com assombro de toda ella no dizer dos seus biographos, tornando-se eminente pelos seus conhecimentos da Escripura e dos santos padres, e profundidade nas linguas hebraica, grega e latina. Do primeiro d'estes idiomas apresenta provas nos seus sermões de peregrina mestria, por onde transluz por ventura algum desvanecimento; escreveu no último a maior parte das suas obras.

Com apenas trinta e tres annos escassos foi mandado por D. Sebastião como theologo seu ao concilio de Trento. N'esta congregação de principes da Igreja não desmentiu a sua reputação nem faltou á confiança real; e tanto

(1) As armas descriptas e que se vêem em todos os retratos de Diogo de Paiva, são dos *Andrades*, e foram dadas por D. João III a Fernão Alvares de Andrade, seu escrivão da fazenda, e depois thesoureiro mór, primeiro que houve no reino, pae de Diogo de Paiva; e tambem se acham na sepultura do mesmo Fernão Alvares na igreja da Anunciada de Lisboa. Vemos escrever e tambem escrevemos indifferentemente Andrade ou Andrada, mas estas armas fazem differença das do appellido *Andrada*, que são em campo verde banda vermelha cotizada de ouro, sahindo das boccas de duas serpes de ouro armadas de vermelho. Timbre duas serpes de ouro voltadas em fugida: é chefe d'esta familia Nuno Freire de Andrada, conde de Camarido.

pela palavra como pela penna defendeu e sustentou com cerrada dialectica as verdades catholicas contra as proposições da heresia, de que dão abonado testemunho entre as suas obras as que escreveu contra o theologo lutherano Kemnitz. Em sua casa se reuniam os vogaes do concilio para previamente discutirem e avaliarem as questões que depois se approvavam em sessão; e os trabalhos de que o encarregaram foram cumpridos com assiduo zelo e acceitação de todos.

Voltando ao reino dedicou-se ao ministerio do pulpito, em que se tornou famoso; e os seus sermões, publicados posthumos, e onde a pureza da lingua corre a par com a da doutrina, podem servir inda hoje de modelo. Seu sobrinho, frei Manoel da Conceição, diz d'elle «que levantou o prégar ao estylo mais alto e subido de seu tempo e de muitos atraz:» e o Sr. A. Herculano affiança que «o seu estylo é chão e corrente. Nos discursos pronunciados perante a côrte dirigia-os de modo que sempre reprehendia os vicios e injustiças dos poderosos. A adulação não manchava os seus labios, antes parece que se comprazia em afear os crimes dos grandes, e então o estylo do orador se avigorava e subia acima do tom humilde da homilia, que elle com tanto sisó sabia conservar nos discursos dirigidos sómente ao povo.»

Esta é tambem a opinião do douto Cenaculo e do Sr. I. F. da Silva que no seu excellento *Diccionario Bibliographico* diz que nos seus discursos «a oração é seguida: os periodos correm bem derivados; e debaixo de ideias claras propõe a verdade.»

Enumerando os varões que no concilio de Trento deram grande honra á nossa patria, frei Luiz de Sousa nol-o cita com um juizo distincto. «Outro foi, diz elle, o doutor Diogo de Paiva de Andrada, que indo por theologo d'el-rei D. Sebastião se fez amar e respeitar de todos os padres do concilio por suas grandes letras, aviso e prudencia, de que fazem illustre testemunho os escriptos que deixou em lingua latina e vulgar.»

Estas opiniões imparciaes dos vindouros são o melhor fiador do merecimento do nosso patricio; e como «mais vale a pessoa que os pannos» as suas qualidades pessoas sobrellevam a vantagem accidental da sua nobreza, pois que só aquellas o fizeram conhecido e commemorado na nossa historia litteraria e diplomatica. É condição dos homens superiores levantarem com as suas obras o mais firme e seguro monumento da sua fama.

A ESPADA DE ALEXANDRE

Faz agora cêrca de dois mil duzentos e deseseis annos que n'um mesmo dia succederam duas grandes catastrophes: ardeu um famoso templo e nasceu um famoso conquistador.

Alexandre Magno era filho de Filippe de Macedonia. Está dicto tudo, de boa arvore bom fructo. Atrevido, corajoso, valente, alma grande, quem lh'o não chamar deve-o á consciencia; e á historia, que é a consciencia dos seculos. Disse-lhe catastrophe o nascimento: salve-me o poeta, cujo a ideia é:

• Em suas iras de flagello aos povos
• Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

De suas grandes façanhas rezam muitos livros. Não curo agora d'ellas, mas d'uma quasi bagatella, que todavia mereceu passar em proverbio quando é mister resolução prompta para romper embaraços: cortar o *nó-gordio*.

Caçados os Phrygios de dissensões continuas pôr-lhes termo anceavam. Consultaram o Oraculo, que lhes deu em resposta que deviam eleger um rei.

— E quem o será?

«O primeiro que ao templo de Jupiter vier n'um carro.»

Coincidia isto com um facto que se estava dando n'outra parte. Um lavrador amanhava em boa paz as suas terras, sem se lembrar de Cincinnato que mais tarde viria, quando uma aguia, baixando do throno excelso do Tonante veiu poisar sôbre o temão do seu carro. O bom do homem tomou o successo em maravilha, e qualquer de nós faria o mesmo. Foi-se ter com as adivinhas.

— Isso quer dizer, respondeu uma mais moça e, diz-que, donzella, que tu deves fazer a Jupiter sacrificios como rei.

Sem mais detença, trepa ao carro, e ao templo se dirigia em tal proposito quando foi encontrado pelos que buscavam um rei. Foi eleito em continente.

Seu filho e successor, Midas, consagrou a Jupiter o carro de seu pae, e fel-o guardar no templo da capital do seu reino, que do nome d'elle se ficára chamando Gordium, sita na margem direita do rio Sangaro, na Asia-menor, hoje Sacaria.

N'esse carro havia um nó a prender a canga ao temão, tão intrincado e escuro, que não era dar-se-lhe com ponta por onde se desatasse. Ou pela cidade, ou pelo rei dono do carro, era conhecido pelo nome de *nó-gordio*, e promettia o Oraculo o imperio do Oriente a quem quer que o desatasse.

Dispondo-se para a conquista da Asia, acertou de passar alli Alexandre no tempo d'este Midas, e quiz ver o mysterioso nó. Tentou desdal-o, não foi para elle. Cançou a vista, maguou os dedos e ficou como d'antes.

— Não importa, disse elle puchando da espada, como se desfaça...

E d'uma cutilada desmanchou-o.

E assim cumpriu ou illudiu o Oraculo, conclue o seu historiador Quinto Curcio.

Como fôsse, aquelle lance de espada valeu-lhe uma grande victoria, e teve grande influencia nos seus destinos. D'ahi ávante os seus soldados viram n'elle mais do que um heroe, viram o enviado dos deuses, e com elle não havia empresa a que se não arriscassem por gigantesca e temeraria que fôsse. Aquella espada que os guiava estava fadada a ser um dia sceptro d'um grande imperio, e onde ella fulgisse não podia falhar victoria. Effectivamente Alexandre Magno chegou a dominar todo o oriente da Asia até ao Indo, e Deus sabe onde iria se prematura morte o não tolhesse.

O *nó-gordio* são mil pequenezas que na vida nos estorvam. Na fé em Deus e inteireza de nossa consciencia temos todos nós a espada de Alexandre. J. Simões Ferreira

MOSAICO

Os abusos. Os abusos são como os dentes: não se arrancam sem dor.

Marquez de Maricá

O homem. O homem é escravo da morte, hospede do logar, caminhante que passa.

Heitor Pinto

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitunas n.º 19.

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. M. Seabra de Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, Bernardino Pinheiro, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. da Costa Alemão, etc.



Volume I



N.º 2 — NOVEMBRO 30 — 1860

AVE REX!

S. M. F. el-rei o senhor D. Pedro V entrou em Coimbra a 27 e sahiu a 29 do corrente mez de novembro. N'estes dois dias respirou de novo os ares da côrte e da grandeza a côrte e berço dos reis da primeira dynastia; repetiram-se jubilosas as aclamações da cidade que — primeira — acclamou e alçou sôbre seus escudos o heroico Mestre de Aviz. O alcaçar das lettras hospedou o rei philosopho e illustrado; a povoação eminentemente liberal saudou o primeiro magistrado da nação.

O senhor D. Pedro V viaja tranquillo pelas cidades do seu reino em quanto que nos outros estados vacillam as coroas ou se esmigalham no choço das revoluções.

No livro da humanidade a espada está hoje lavrando o introito de uma nova phase. Alaga-se o progresso em sangue, a civilização cimenta-se em cadaveres. Quebra-se a alliança entre povos e reis; e parece cada geração raça rediviva de Cadmo que mutuamente se devora. Em Portugal o rei, superior aos debates dos partidos, identifica-se com o povo — une-se o rei liberal com o povo livre.

É exemplo e lição que não devêra passar debalde. Os thronos são sinceramente respeitados quando os que os occupam reconhecem e cumprem a sua elevada e melindrosa tarefa; quando os reis entendem e definem d'este modo a civilização: «a civilização existe para mim no estado em que a sociedade e o poder contendem entre si para se substituirem e se excluirem mutuamente no cuidado dos interesses da communidade.»

Mal vae ao paiz cujos chefes menosprezam

os seus deveres; lavra a desconfiança e trava-se a lucta. Olhemos a Italia: seus proprios filhos rasgam-lhe e dilaceram-lhe os seios; a revolta accendeu as fornalhas dos seus vulcões, e o incendio ateou-se temeroso. Debate-se a pobre peninsula n'uma úlcera viva, caldeando nas forjas de um outro Vesuvio — a revolução — as fórmas inda indistinctas de um novo imperio.

Em tórno d'este circo de batalhas as outras nações — o despotismo do oriente, do occidente a liberdade — assistem, cautelosas e prudentes, afiando em silencio o gume das suas espadas. A agitação é profunda e sensível: os monarchas amiudam as conferencias, e o leão popular move-se e ruge surdamente. Estão porventura suspensas novas lides entre o verbo e a força, a luz e as trevas, a liberdade e a tyrannia.

Portugal por uma antithese completa, fidelissimo sempre á sua realleza, allia a liberdade com as suas gloriosas tradições e respeita no rei actual o primeiro cidadão da sua republica e o descendente d'uma serie nobilissima de monarchas. Cerraram-se de ha muito as portas de Jano, e espera-se que a paz e a indústria, enlaçadas ambas, reanimem o paiz sob o reinado de um novo Numa.

A viagem do senhor D. Pedro V ao sul e norte do reino foi um triumpho, pacifico e solemne, da excellencia das instituições liberaes com que foi alimentado e que o crearam rei. No seu trânsito foram cordeaes as felicitações, e as cidades onde se demorou o hospedaram com régia magnificencia. A mesma imprensa livre, mais livre que a dos mais illustrados paizes, o saudou unanime.

A espontaneidade é a cortezia dos povos.

A. A. da Fonseca Pinto

Quadros biblicos

I

A CREAÇÃO

E disse o Senhor: «*Faça-se*»
E fez-se. GENES. cap. 1

No principio dos principios Deus era só.

Em si mesmo existia e por si mesmo o ser unico de todos os seres.

E Deus pensou crear um mundo, e n'esse mundo quem o conhecesse, servisse e adorasse: creaturas intelligentes que merecessem seu amor, e gozal-o ao cabo.

«*Faça-se*» disse Elle: e do cahos sahio a ordem, das trevas a luz, de Deus o homem: do nada tudo.

Seis dias levou a obra do Senhor: seis mysterios que amesquinham a razão do homem, sempre tão vaidoso no seu nada. Quem poder medir a eternidade terá sabido a medida d'esses dias. O tempo não estava ainda creado, porque o tempo é a duração do homem, e o homem foi a última das feitura do Senhor. Causa dó que tão alto queira ascender o último atomo da grandeza.

Homem, homem, bem maior do que tu mesmo é o teu orgulho, e maior do que o teu orgulho é a tua cegueira.

Porque tu levas o atrevimento a tentar os arcanos do infinito, e quando te vanglorias de havel-os devassado, o dedo do Senhor derriba-te a audacia, e nescio, mais nescio do que estavas, ficas sempre.

Não vês que és imperceptivel ponto n'um espaço immenso: que assim como os olhos do teu corpo, por mais alto que subam, quebram sempre em incurtados termos: assim os teus olhos do espirito têm de parar sempre nos limites talhados pela mão do Eterno.

Ha seculos em que andas empenhado n'uma lucta impossivel, e porque não vences, desatinas.

Mas não desistes. É porque a cegueira é mais cerrada.

No último dia creou Deus o homem.

«*Faça-se*» dissera o Senhor quando creára a luz no primeiro dia: «*faça-se*» firmamento no meio das aguas, que as superiores das inferiores divida, disse no dia segundo. No terceiro: «*ajuntem-se*» n'um logar só as aguas todas inferiores, e appareça terra enxuta. «*Façam-se*» luzeiros no firmamento do ceu, que dividam dia e noite, que marquem os tempos, os dias, os annos: foram palavras e obras do dia quarto. «*Produzam*» as aguas, os ares e a terra seres viventes, que cresçam

e se multipliquem nas aguas, nos ares e sobre a terra: isto disse nos dias quinto e sexto.

E mais accrescentou no dia sexto: «*Façamos*» o homem á nossa imagem e semilhança. De todas as creaturas, o homem só foi digno da propria pessoa do Omnipotente: «*faça-se*»; «*façamos*».

E creára o Senhor Deus na terra um paraíso, um pomar rico e delicioso, um logar ameno e encantador, onde manifestára todas as galas de seu immenso poder. Os ardores do sol da Palestina quebravam ahi em copas de emaranhada verdura: n'um chão de viçoso musgo cahiam sasonados fructos, o ananaz dos tropicos a par do dourado pomo do meio dia. No centro erguia-se a arvore da vida e a arvore da sciencia do bem e do mal. Serpeavam-lhe em volta as frescas aguas de quatro rios.

E ao meio do paraíso levou o Senhor Deus o homem, todo esse encanto e grandeza lhe mostrou, fez que todos os seres animados ante elle viessem, que elle a cada um pozesse nome, como que para lhes assignar posse, e disse:

«Eis que á tua guarda confio tudo o que vês. De todas as arvores que aqui estão comerás os fructos: excepto da sciencia do bem e do mal. N'esses nem toques. Respeita-os em respeito a mim. Formosos são por fóra: dentro fecham a morte. É só o que te exijo, e livre te deixo: sê feliz.»

Mas feliz não podia o homem ser. No centro de tanto bem, rodeado de tanta belleza, de tanta abundancia, de tantas alegrias, o seu viver era triste, era desconsolado. Por toda essa extensão do poder do Senhor, entre tantas creaturas, tão variadas, tão magnificas, não via uma que lhe fôsse semelhante, que lhe sentisse a vida. De graça era rico, de bens da terra muito rico, mas não lhe bastava nada porque era só.

E o Senhor Deus mandou-lhe um somno suave e profundo.

E eis que dormindo lhe parecia a elle que o coração lhe ia faltando, que d'esse lado não era completo, que uma parte de si mesmo não era em si. Uma dor aguda o penetrou um instante, quebrou-lhe forças, seguiu-se ineffavel gôzo e desconhecido.

E acordou.

Diante d'elle estava uma creatura nova, um mimo de Deus. Sorria-lhe, estendia-lhe a mão, mostrava-lhe o ceu. Seus olhos eram lindos como os raios do sol por entre a folhagem do paraíso; seu sorrir gracioso como o amanhecer da aurora do seio das aguas; sua postura e graças não tinha elle com que as comparar.

«Mulher» exclamou n'um extasis de arrebatamento.

E n'essa palavra resumiu tudo o que de melhor pudera conceber a essencia de todas as ideias grandes que lhe dera o Senhor.

Ergueu-se, caminhou a ella, estreitou-a a si, entregou-lhe inteira a sua vida. E disse:

«De mim sahiste, mulher; sente a falta o meu coração. Tu és carne da minha carne, ossó de meus ossos. Agora sinto a minha existencia completa. Pelo que em todo o correr das gerações venturas o homem por ti deixará pae, mãe, familia, tudo. E tão unidos seremos nós, que de dois façamos um só: em duas vidas uma só vida, em duas vontades uma só vontade, em duas carnes uma só carne».

E o Senhor Deus baixou á terra, e disse:

«Crescei e multiplicai-vos. Enchei a terra, sujeitae-a, estendei dominio sôbre os peixes do mar, as aves do ceu, todos os viventes que se movem sôbre a terra. Porque todo este mundo é vosso, para vós o creei. Estes animaes são para vosso serviço, estas aves para vosso regalo, estas arvores para vosso gôzo, estas flores para vosso enlevo. Disponde de tudo, que tudo vos dou. Só guardae o meu preceito. A felicidade está ao alcance de vossa mão. Tendes a minha graça, tendes a vida, tendes amor: gozae de vós mesmos».

E o Senhor abençoou-os.

E o homem sentiu repassar-se da felicidade, e nascer d'ella o mais nobre e mais puro dos sentimentos: a gratidão. Seus joelhos vergaram á terra, sua alma levantou-se ao Eterno.

«Bemdito seja o teu nome, Senhor Deus do ceu e da terra:

«Porque tu és grande em tuas obras, generoso em tuas acções, incomprehensivel em teus projectos!

«Com a omnipotencia de tua palavra firmaste o ceu e a terra: e tudo o que existe é obra d'uma palavra tua.

«Disseste ao nada: *«faça-se»* e o nada obedeceu-te, e de si fez sahir a luz, e o sol, e a terra, e a vida, e a mim mesmo.

«Do pó da terra me tiraste, deste-me a tua imagem e similhaça, dá-me a tua graça e o teu amor: para que, Senhor?

— «Para seres feliz»: responde a tua bondade infinita:

«Confunde-se o meu espirito: *hossanna* te diz o meu coração, que minha bocca é muda diante de tua magestade. Por todos os seculos dos seculos: *hossanna!*»

J. Simões Ferreira

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do n.º 1)

Se a razão e o sentimento íntimo nos não mostrassem claramente a verdade d'esta lei de harmonia, bastaria percorrer as páginas da historia da humanidade, para em cada uma d'ellas toparmos com uma demonstração e um exemplo.

Quem não conhece essas mulheres heroicas da antiga Lacedemonia, sempre primeiras em mandarem seus filhos á guerra, e que antes queriam vê-os voltar mortos sôbre seus escudos, do que vivos, mas salvos á custa da propria honra e da gloria das armas patrias? Só essas sabiam dominar seus maridos porque na bella expressão da espôsa de Leonidas — só ellas sabiam fazer homens. Então as mulheres não eram escravas sem honra nem dignidade, mas cidadans e livres; porisso tambem os homens eram heroes e martyres das liberdades patrias, debaixo do influxo benefico d'estas bellicosas divindades.

A que deveu a antiga Roma, a Roma das eras recommendaveis da republica, o esplendor de suas armas e de sua civilisação senão á severa e rigida virtude que as suas mulheres sabiam tão fundamente gravar na alma de seus filhos, fazendo de cada homem um cidadão, e de cada cidadão um heroe? Ah! tambem eram ellas respeitadas, e tanto que o insulto feito a uma taes tempestades levantou que sob si submergiu uma dynastia inteira, derrocou uma monarchia, edificio de seculos, e fez mudar de face toda uma organisação social!

Apparece depois no mundo o Christianismo, ideia sublime que affeição á sua imagem essas almas rudes mas poeticas do norte, e sôbre ellas espalha o balsamo de principios mais sanctos, de aspirações mais elevadas. E são ainda as mulheres que n'este drama augusto de renovamento moral são chamadas a representarem o papel de medianeiras entre o ceu e a terra. É por ellas que o influxo benefico dos principios christãos calou fundo n'essas imaginações virgens e depois nas almas d'essas hordas selvagens que irrompiam impetuosamente sôbre o velho mundo romano. É Clotilde, a bella e modesta Clotilde, quem converte Clovis ás verdades do Evangelho, e com a conversão do rei educa tambem um povo inteiro. É ainda a poetica Bertha, que, seduzida pelas acções mais ainda que pelas palavras d'um sancto monge, traz á luz do Christianismo um rei e um povo bar-

baros e derrama os principios da verdadeira civilisação sôbre os rochedos alpestres da Gran-Bretanha. Mas que digo? essa mesma religião não nasceu ella embalada nos braços d'uma mulher, de Maria a virgem, essa irman dos anjos, mãe e amiga dos que choram? não foram ainda os seus primeiros apóstolos, os que com mais fervor escutaram a palavra do divino mestre, algumas pobres mulheres de Nazareth? não foram ainda as mulheres que mais concorreram a implantar-a na terra? consultae a historia e mais ainda as tradições de todos os povos christãos, e dizei-me, depois de considerar por um pouco essa pleiada illustre de nobres e sanctas martyres, que mais queriam a morte affrontosa do que o renegarem a sua fé, dizei-me depois se porventura foi curto ou de pouco alcance o papel que as mulheres têm representado n'este grande drama, drama divino, da implantação na terra d'essa grande ideia, a maior que no mundo tem apparecido — o Christianismo?! A mulher! Eis ahi a obra prima da creação, o ente que sôbre todos tem na mão os destinos da humanidade, porque foi a ella que Deus escolheu para depositária, apóstolo e defensor da sua ideia! Tem na face estampado o cunho do Senhor, e é só por ella que se hão de cumprir na terra os grandes designios da Providencia!

E a idade média? Qual ha ahi imaginação de mancebo que não tenha mil vezes sonhado com esta era mysteriosa de aventuras e de cavallaria?

Terra sancta, torneios, festins esplendidos aos sons plangentes da harpa dos menestres, castellos perdidos nas nuvens pelo cume das montanhas, bardos e trovadores, quem não scisma tudo isto, e em que coração não se vêm casar tudo isto com a imagem mysteriosa e incerta da mulher?

Surgi, cavalleiros da Palestina, sepultos sob o péso das alvacentas ossadas dos infieis, e contae-nos a quantos d'entre vós não foi mais a vossa dama do que o vosso Deus, ou antes se não foi Deus por intermedio da dama dos vossos pensares que assim vos obrigou a correr resolutos a remir o tumulo do Senhor, oppondo um peito leal ás lançadas dos filhos de Mahomet!

Duguesclin e tu intrepido Bayard, ensinae-nos qual foi a divindade que assim lançou em vossos nobres corações a semente de tantos feitos de heroismo e lealdade!

João I, João I, último mas o mais nobre de todos os cavalleiros da peninsula, Mem-Rodrighes, e tu Ala invencível dos Namorados,

surgi vós todos do tumulo de longo esquecimento, a contar-nos quantas e quantas vezes não era o vosso grito de guerra o nome mil vezes repetido, o nome mysterioso d'aquella por quem ieis a defender o vosso Deus e a vossa patria, e quantas vezes ao revolver-vos moribundos no pó dos campos da batalha não eram ainda para *Ella* que se dirigiam vossos ultimos votos, não era ainda *Ella* que no derradeiro arranco da agonia collocaveis a par de Deus!

Camões, Tasso, Petrarcha, quem vos fez lançar para o mundo em meio de lagrimas sem conto torrentes de eterna harmonia?

Filippa de Lencastre, mãe d'uma geração de heroes, Natercia, Laura, Beatriz, Branca, Joanna d'Albert, Clotilde, vós todas que soubestes inspirar nobres acções e nobres cantos, Filippa de Vilhena que com tua mão maternal armas cavalleiros teus proprios filhos em defesa da patria, deixae que a todas vós vá insculpir o nome eterno nos florões da corôa da vossa propria gloria. Sorride se alguem ousar isentar-se da fôrça creadora da vossa virtude, deixae que os homens mofem do vosso benefico poder, e por unica vingança mostrae-lhes o bem que inspiraste, e que só por vós se praticou!

A mulher, sempre a mulher ahi aonde ha a narrar um feito illustre, uma acção gloriosa, aonde ha um nobre sentimento a fazer passar ás gerações do futuro!

(Continúa)

Anthero do Quental

A PROVIDENCIA

I

Era na hora saudosa em que as nuvens do occaso, ainda incendidas pelos affagos do sol, enviam seu derradeiro adeus á terra n'um fugitivo lampejo, que se esmorece entre as phantasticas sombras do crepusculo; era n'essa hora em que as selvas gemem doloridas maguas, as fontes exhalam harmoniosas queixas, e em que ao aerio thalamo convida a philomela o errante espôso; era finalmente n'essa hora em que o ceu e a terra ao resfolegar das vespertinas auras se fundem n'um primeiro beijo d'amor.

Quem ha ahi que então, ao menos uma vez na vida, não tenha sentido remontar sua alma ao mundo dos espiritos, anhelando uma vida melhor, que n'esses raros instantes se antolha através do sendal de azuladas nuvens, aonde

resplandecem como mundos de luz os olhos dos que nos são caros?

Quem se não tem deixado arrastar após essa mystica harmonia que como o canto das se-reias nos embriaga os sentidos, enleia a vontade e mau grado nosso nos atrahê para elevar-nos acima de nós mesmos?

É então que o homem verdadeiramente as-soma ao último grau da escala da criação, porque até allí as necessidades da vida physica, que como o escravo á gleba o adstringiam á terra, o egualavam ao minimo dos vermes que sôbre o pó rastejam; é então quando nos vôos do pensamento se eleva tão alto que olvida todos os males da terra e com sofredão aspira o perfume das delicias do ceu, que as do mundo apenas preludiam n'um pallidô reflexo!

E alguém comtudo existe para quem essas luxuriantes galas da natureza são como aguda ironia, como pungente sarcasmo que exacerba incomportavel dor, como o côro de bacchanal infrene entoado á beira do leito do moribundo.

Não era assim que então soffrias, Cesarina?

Chorámos lagrimas de sangue sem sentir-mos estalar as fibras do coração, se n'um peito amigo virmos tambem cravar-se o dardo que nós rasga as entranhas; mas chorar quando tudo sorri, alimentarmos n'alma o desespero quando a dos outros trasborda de alegria, é duplicar nossa tortura, é prestar á nossa dor tantos golpes como de cabeças á hydra de Lerna, é o soffrer de Laocoonte, de Prometheu, de Tantalo.

Porque será nossa alma até na dor egoista?...

Ha lagrimas que borbulham á superficie dos olhos como os aljofres do rocio na corolla das flores; ha as que são o desfôgo d'uma alma que se atrophia no mephitico ambiente da realidade, como a planta se definha na sombra; essas, mal as embebe um raio d'amor ou um raio do sol, vivificam quanto regaram: mas as que como as lavas de um vulcão são as cinzas do coração d'onde rebentam, essas não ha, que eu saiba, podêr no mundo que as possa estancar. Christo, e era mais que um fragil mortal, pedia em Gethsemani ao Eterno que de seus labios afastasse o calix da amargura.

Eram d'estas as tuas lagrimas, Cesarina!

Mas quem é Cesarina?...

Se pelo perfume se conhece a flor, pelo coração avalia-se a mulher. E pelo coração era ella no tegurio do pobre o anjo da caridade, no leito do infermo o archanjo da fé

e da consolação, para todos a imagem da benevolencia; nas salas possuia ainda um outro titulo, menos solido na balança de Deus, mais deslumbrante aos olhos do mundo, o de filha e universal herdeira do barão da Penha.

Paciente leitor, acorda, que vamos principi-

Recem-casada de pouco mais de um anno, Cesarina vira escapar-se-lhe entre suas caricias o amor de seu marido; a paixão do jôgo, que apenas pudera conter durante os primeiros mezes do seu casamento, de novo se apossára de sua alma, e com tanta vehemencia que o obrigava a postergar deveres sagrados, a que o ligavam cadeias de rosas, que lhe pesavam como grilhões de ferro.

Dias inteiros passava ausente de casa, sentado a essa mesa fatal, aonde a fortuna, o credito e a honra se arriscam n'um volver de cartas, n'um lance da fortuna, n'uma extravagancia do azar. E Cesarina, que durante estas prolongadas ausencias se finára de angústias, que no seu insulamento esgotára até ás fezes o calix do infortunio, recebia-o na sua volta sem um grito de exprobração, sem um gesto de enfado, sem um unico indicio que denunciase uma reprehensão ao seu viver desregrado. A sós é que ella dava largas ao pranto, que lhe manava em jorros do coração, aonde a dor que suffocava o tinha feito affluir.

E fôra por este homem que Cesarina abandonára sua familia, levando por dote a maldição paterna!

Mas Deus que dá a cada tempestade um iris, a cada angustia um allivio, deu a Cesarina uma filha. A maternidade que é para a mulher um novo laço com que captiva a amizade do espôso, foi unicamente para Cesarina uma fonte perenne de consolações no seu abandôno; porque do coração de seu marido espôsa e filha tinham sido proscriptas pelo mesmo ostracismo.

No momento em que começámos a nossa historia, Cesarina myrrhava-se n'uma d'estas costumadas ausencias: tres vezes o sol havia assomado ás portas do oriente, tres vezes se havia mergulhado no leito do oceano, e nem sequer um instante o sol da felicidade surgira para ella n'um sorrir de seu espôso. Sentada juncto ao pequeno berço de sua filha alli procurava lenitivo á sua dor. Apesar de embaciado pelas lagrimas o seu olhar tinha aquella expressão indizível de angelica doçura, que só no olhar de mãe brilha.

Ha no amor de mãe tanta dedicação, tanta abnegação de si mesmo, que estes dois sen-

timentos por si sós bastariam para tornar de cada mãe uma martyr, de cada martyr uma sancta. A ingratição é uma planta damninha que abafa no coração o germen de todas as nobres affeições; só o amor maternal como a alga sôbre estereis rochedos cresce vigoroso no meio d'ella, chegando ás vezes a suffocal-a: é que Deus ungiu com alguma cousa de divino o coração de uma mãe.

Pobre Cesarina, filha sem pae, espôsa sem marido, um berço era para ti o unico laço que te prendia ao mundo!

De repente a porta do quarto se abriu e um vulto de homem appareceu no limiar: Cesarina, ligeira como a gazella, correu-lhe ao encontro, e seus dois braços, dignos da estatua de Pygmalião, se apertaram sôbre seu collo.

Com um gesto de desdem o capitão Tavares procurou desenleiar-se d'esta prisão que o estreitava; e Cesarina, passado aquelle impeto do coração que não pudera conter, voltou ao seu antigo logar, escondendo o rosto incendiado de pejo, porque onde não existe o orgulho não existe um coração nobre.

Depois reinaram alguns momentos de silencio, d'esse silencio que aterra porque é sempre o annúncio das grandes tempestades do coração.

Augusto Sarmiento



Mons cadens defluit...
Job, xiv, 18.

Agro é o caminho da vida; e as raras flores que n'elle se topam mostram sempre — ellas mesmas — aspereza de espinhos. Não ha viço que não murche, luz que não se apague, felicidade que não passe. Visões e saudades são condição nossa, eterna, unica e exclusiva, polos da nossa rotação, mel e fel do nosso calice.

Alampada de Vesta, a imaginação no seu acceso cogitar é facho que nunca empallidece, tonel das Danaides que nunca se enche, Prometheu abutre de si mesmo.

Eleva-se o homiem como a aguia no seu vôo; e, mediando entre duas eternidades, balouçado entre dois infinitos, como a aguia entre o ceu e a terra, vive apenas do preterito e do futuro. As illusões de um e os sonhos de outro são o seu repasto, a aspiração constante da sua natureza. Debaxo dos pés não sente que o presente lhe resvala desapercibido!

Um dia porém derretem-se-lhe as azas, extingue-se-lhe o facho, e o vaso de argilla quebrou-se. A morte passára por elle!

Mas nem sempre o sôpro que eliminou uma vida apaga de todo a sua memoria. Cae um cadaver, mas a sepultura que o recebe inda irradia luz quando o espirito que o animou foi verdadeiro *sal da terra e luz do mundo*.

O pulpito portuguez está orphão e deserto; o sello de chumbo da morte cerrou a bocca de ouro que o povoava. Perderam as letras um cultor distincto, Portugal um filho illustre, a Igreja um ministro virtuoso. O Sr. beneficiado FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO, nascido em Obidos a 12 de Março de 1794, falleceu na mesma villa a 10 do corrente.

«O último representante d'aquelle glorioso nome de MALHÃO, disse hontem um jornal, que tanta celebridade teve entre nós succumbiu finalmente ao mal que o devorava; e cahiu — o homem forte! e expirou — o homem sancto!»

O eminente orador viveu vida modesta e obscura; é seu o retrato que apresenta n'um dos seus discursos do homem *retirado das scenas do mundo*, carregadas mais as côres porque o sacerdote não possuia a opulencia do fidalgo. Não lhe galardoaram o merito com distincções sociaes; mas, pobre e recatada, a planta trahia-se com o perfume, e o seu nome enchia o reino todo. Depois de Deus só é grande a virtude, dizia elle, e por isso deve ser dos maiores, porque foi homem de bem, a quem Deus conduziu em toda a sua vida por caminhos rectos. *Justum deduxit Dominus per vias rectas*.

Nas suas orações transparecem dois amores, o da religião e o da patria; e a ambos ligou tão estreitamente que d'um ao outro não lhes podêmos marcar as raias. N'estes dois dulcissimos affectos foi que moldeou toda inteira a sua alma, alma christianissima e poetica, que não esqueceu nunca em seus enlevamentos as glorias da sua terra. Sacerdote de duas religiões, o incenso que lhes queimou nas aras foi sempre puro; «seus labios eram um favo que distillava gottas de mel. *Favos distillans labia ejus.*» Soldado de duas milicias, defendeu sempre vigorosamente as suas signas; «a sua palavra eloquente era um facho inflammado. *Verbum ipsius quasi fecula ardebat.*»

Descanse em paz o ministro da paz e do amor, que a sua memoria, pura e immaculada, florecerá immortal na terra que lhe foi berço e tumulo, e na lingua que illustrou com a palavra e com os escriptos.

A. A. da Fonseca Pinto

LEMBRA-TE DE MIM!

A borboleta, mais que o ar voluvel,
Diz flor mimosa, orgulho do jardim:
«Foi meu calix teu leito d'uma noite;
«Mel e perfumes tenho ainda... volta...
«Ai! lembra-te de mim!»

Á vaga, que da praia se retira,
Diz a concha: «Porque foges assim?
«Ainda humedecida de teus beijos,
«Porque mereço já teu abandono?
«Ai! lembra-te de mim!...»

Á folha desbotada pelo outomno,
Que o tufão desprende e arrasta alfim,
Diz o tronco de galas despojado:
«Quando volver a primavera, ingrata,
«Ai! lembra-te de mim!...»

Á lua que se esconde no occidente
Diz a saudosa noite: «P'ra que vim
«No mysterio involver nossos amores?
«Comtigo perco a luz que me alumia
«Ai! lembra-te de mim!...»

Eu como a flor, a concha, o tronco e a noite,
Proxima a ausencia de que ignoro o fim,
Sinto minh'alma repassar a magua,
Quando em vão proferir meus labios tentam:
«Ai! lembra-te de mim!...»

Augusto Sarmiento

FABULA

(PEDRO)

Um dia os deuses cada qual uma arvore
Á sua guarda consagraram: Jupiter
Quiz o carvalho; a murta Venus; Hercules
Quiz esse o alamo; e o loureiro Apollo.

Vendo-as Minerva todas infructiferas,
«Que é isto? brada: Jupiter responde-lhe:
— Aliás dir-se-ia, filha, que as achavamos
Mas pelo fructo. «Que me importa? digam-no;
É pelo fructo que a oliveira escólho.

Minerva, exclama o pae d'homens e deuses;
És quem dos deuses sabes mais sem d'vida;
No que não lusa... mal fundada gloria!

Honra sem proveito
Faz mal ao peito.

João de Deus

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

ARMAS DOS APPELLIDOS DE DEZ E DIAS

I

Alguns nobiliarchistas têm confundido estes dois appellidos, talvez pela má traducção que têm feito do Nobiliario Hespanhol, outros cingindo-se ás descripções que acham impressas, têm cahido no mesmo erro (a): erro este, que tem feito com que alguns nobres tragam em seus sinetes armas que lhes não pertencem, como vamos mostrar pela historia do appellido de Dez, e origem das suas armas.

No tempo de D. Affonso XI, de Hespanha, seu filho o infante D. Pedro andava muito empenhado na guerra contra os mouros de Granada, e partiu da cidade de Ubeda a tomar o castello de Tiscar: estava alli concentrada toda a grande força dos mouros, torcendo-se quasi impossivel tomal-o.

Entre os muitos cavalleiros que acompanhavam o infante, foi escolhido um por nome Pedro Fidalgo, escudeiro do Mestre de Calatrava: de mediana estatura era elle no corpo, mas no valor sem segundo; sobe de noite ao alto d'uma penha, a que chamavam penha negra, que estava velada por dez mouros, que não podendo resistir á coragem do nobre cavalleiro deixaram de existir.

Tomada a penha, certo estava o castello: de valor se enchem as tropas do infante e no seguinte dia entrou a villa, e a tomou á força de armas, o que succedeu no anno de 1319.

Mahomad Andon, que senhor estava do castello de Tiscar, não podendo por mais tempo segural-o, entrega-o ao infante, com o salvo-conducto de quatro mil e quinhentas pessoas que n'elle havia, que o infante mandou conduzir a Baeça.

Em memoria d'esta façanha os descendentes de Pedro Fidalgo, tomaram o appellido de *Dez*, e o infante lhe deu por armas *em campo azul um luzeiro de ouro de dez raios*.

O campo azul figura o firmamento; o luzeiro as estrellas que brilhavam no espaço, porque a acção foi de noite: o ouro corresponde á luz, constancia e nobreza: os dez

(a) Villas-Boas na sua *Nobil. Port.* pag. 278 diz: *Fidalgos e Dias* têm por armas *em campo azul um luzeiro de ouro de dez pontas ou raios*, e o Sr. Monteverde na sua *Descr. das armas das fam. de Port.* pag. 24 diz; *Dias*, veja-se *Fidalgos*: um traduziu, outro copiou mal.

raios, os dez mouros que morreram ao fio da espada do nobre cavalleiro (a).

Esta é a origem e armas do appellido de *Diez* em hespanhol, e *Dez* em portuguez, que tem andado até hoje como *Dias*, usando, os d'este appellido, d'aquellas armas como ha pouco vimos em um brasão d'armas que tiveram a bondade de nos confiar, para a continuação dos nossos trabalhos heraldicos.

A. M. Seabra d'Albuquerque

BIBLIOGRAPHIA

Novo Dicionario inglez e portuguez com a pronúncia figurada por José Valerio Capella, professor do lyceu nacional de Braga.

Apressâmo-nos com vivo prazer a noticiar o apparecimento d'esta importantissima obra, reclamada de ha muito por todos os que se dedicam ao estudo da lingua ingleza; estudo que entre nós de dia para dia se vae progressivamente generalisando.

E, se apesar dos beneficios que d'ahi proviriam ás sciencias, litteratura, artes e industria, não tem no nosso paiz chegado esta lingua ao supremo grau de popularidade, cremos ser a principal causa a excessiva difficuldade de sua pronúncia, aonde as mais constantes regras se perdem n'um labyrintho de excepções, successivamente modificadas por novas excepções por tal fórma que o inglez, embora o mais erudito, se vê necessitado de amiudadas vezes recorrer ao seu *indispensavel Walker*.

Entre nós não existia dicionario algum de pronúncia, tendo o que se dedicava ao estudo do inglez de se auxiliar dos dictionarios de linguas extranhas, que ainda assim por si só não bastavam, sendo mister muitas vezes munir-se tambem d'um outro que apresentasse a significação dos termos inglezes em linguagem.

O Sr. José Valerio Capella, reunindo n'um só volume a significação e pronúncia dos vocabulos inglezes, fez duas grandes economias, uma pecuniaria, outra, talvez a maior, a do tempo.

Por isso cremos que o Sr. Capella fez um grande serviço ás lettras e á nação; e oxalá que s. s.^a venha a tirar do seu trabalho o fructo de que se tornou merecedor.

(a) Chron. de D. Affonso XI, cap. 17: Ibaro, Nob. de los Reys d'Esp. tom. 3, pag. 186.

D'esta obra acha-se publicada a primeira folha, e está no prelo a segunda. Quem a de-sejar assignar deve dirigir-se ao auctor, o Sr. José Valerio Capella, Braga. Preço por cada folha 40 reis, por toda a obra 1200.

MOSAICO

Pennas antigas. Calamidade deriva de *calamus* que quer dizer cana e penna; porque as pennas antigamente faziam-se de certas canas delgadas. Por signal que diz Plinio que as melhores do mundo eram as da nossa Lusitania.

Padre Antonio Vieira

Divida bem paga. Na vida são os Mecenas que douram com os mundanos clarões que lhes sobejam os louros altivos dos Virgílios. Na morte são os Virgílios que illuminam e perpetuam com os reflexos da sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas.

Latino Coelho

Amor maternal. Mulher que ama seu filho pôde dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. É na terra a suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão sancto, este reflexo da ternura de Maria Santissima, é o vínculo que prende as delicias dos anjos com as raras alegrias da terra.

C. Castello Branco

Ciumes. Disse bem, quem disse, que os ciumes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma cousa.

D. Francisco Manoel

O odio. Morra o odio no mesmo dia em que nasceu.

Pythagoras

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras n.º 19.

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II



Volume I

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões,
A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, Alberto Telles, Amelia Janny (D.),
A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho,
Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus,
J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 3 — DEZEMBRO 15 — 1860

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a produção

Evocar as gerações latentes no verbo da criação, antecedendo a sua entrada nos domínios da vida da capitalisação de meios, que lhes custeiem as despesas, é a regra aurea da Economia Politica.

Se o homem tem mais poder para multiplicar-se do que para multiplicar esses meios; se a sua faculdade productiva é inferior á sua faculdade prolifica, ao astro maligno da fome cabe rarear as fileiras dos vivos, assentando o seu nivel entre o número de boccas e a quantidade de substancias alimenticias. Sendo assim, o regimen das castas seria o social; o obreiro adheriria ao empresario pelo pacto da fome, e a humanidade, careada até á medula dos ossos, dissolver-se-hia, chagada da lepra da miseria.

São consoantes os factos em repudiarem este systema do pessimismo: o patriciado do capital sôbre o trabalho repugna á Philosophia. A sociedade tem um poder productivo vinculado ao poder prolífico; e aquelle poder productivo cresce na razão composta do número dos trabalhadores. Cada operario é um multiplicador dos agentes da riqueza, cada geração adiciona orgãos supplementares ás faculdades humanas. Ha portanto correlação do progresso material com as phases da nossa raça; cresce, por via de regra, o capital com mais rapidez do que as gerações.

A capacidade reproductiva d'algumas plantas nutrientes, e nomeadamente de alguns animaes e peixes que servem de alimento ao

homem, sôbre-excede tanto a nossa, como a progressão geometrica a arithmetica. Com esta faculdade potencial umas poucas de especies vegetaes e animaes poderiam no decurso de cem annos pejar a terra e o oceano para fornecerem alimento a vinte e quatro individuos, que é o maximo de prole, de que um par conjugal é capaz no espaço d'um seculo. Eis alguns exemplos d'aquella potencia virtual:

A perca põe 69:000 ovos de cada postura; o lucio 160:000; a carpa 340:000; a sôlha seis milhões; o bacalhau onze milhões.

Um pé de milho dá 2:700 grãos; um girasol 4:000; uma papoula 32:000. Um meimandro em quatro annos povoaria todo o nosso planeta.

Deixando porém estes calculos, cimentados na potencia virtual da especie humana e na das especies vegetaes e animaes, vejamos se os fastos do mundo civilisado não se insurgem contra o pessimismo, e se a miseria poderá ser o fructo da laboriosa incubação dos tempos.

O crescimento da riqueza, quando nasce da multiplicação dos homens, é subordinado á lei da vida laboriosa; pois a terra devora os que não trabalham para ella, e opulenta-se com o trabalho dos que sustentou. Accumular, umas sôbre outras, gerações inactivas, é addir quantidades negativas a uma quantidade positiva. É que o ocio é maldicto e esteril como o deserto, e que os factores da riqueza são unicamente—trabalho e economia.

É um facto notorio que a medida de grãos que nos paizes cerealiferos da Europa, durante o seculo XVI, rendia 100 em farinha, rende hoje 190. Volte-se á moenda do seculo XVI, esposem-se os seus processos, e quasi

metade da actual povoação europeia será repudiada do banquete social.

Apesar das resistencias d'uma Flora pobre e de influencias thermometricas com o duplo effeito de suspenderem os trabalhos ruraes e commerciaes no coração do inverno, e de o solo produzir apenas $\frac{1}{2}$ das colheitas ordinarias nos climas mais propicios, a povoação sueca era em 1850 de 3,500:000 habitantes, isto é, de um terço mais do que a cifra do recenseamento de 1840. Com este incremento da povoação apparecem conjugados os progressos da agricultura; a exportação do trigo, que em 1849 chegou a 500:000 toneladas, era em principios d'este seculo substituida por uma importação de 300:000. O impulso que a agricultura recebeu da multiplicação dos homens fez sobrepujar os productos ás necessidades do consumo.

Com o allivio de encargos pesados e deseguaes, quaes eram a siza da venda dos bens de raiz, a siza das correntes, a siza do cabeção, os dizimos, e outros varios, nasceu no continente portuguez não só o alimento vegetal, mas nos quatorze annos decorridos de 1836 a 1850 os cereaes e as leguminosas cresceram 32 $\frac{1}{2}$ mais do que os habitantes. Com eguaes reformas os cereaes, que d'antes escaceavam na Hespanha, subiram entre 1807 e 1850 cêrca de quinze milhões de fangas. O mesmo phenomeno se nota por todo o mundo civilisado.

No seculo passado fornecia Inglaterra trigo a boa parte da Europa. Hoje pelo seu deficit de cereaes é quem marca o preço regulador nos mercados do continente. Todavia as terras inglezas, que ha oitenta annos produziam trigo, produzem-no hoje pelo mesmo preço em virtude da economia feita nos gastos da producção.

O preço médio do alimento vegetal não subiu na Europa nos ultimos dois seculos, sem embargo da povoação ter consideravelmente engrossado. Passy estudando em França as alternativas do preço do trigo no período que mediou entre 1797 e 1847 foi levado pela logica dos factos á mesma rigorosa conclusão.

O consumo de alimentos augmentou não só com o número dos consumidores, mas tambem com o quinhão nutricao de cada individuo. Confrontando o preço actual das subsistencias com o dos tempos que foram, mostrou Moreau de Jonnes, que do anno de 1700 ao de 1840 augmentara 70 $\frac{1}{2}$ a povoação franceza: mas n'este periodo duplicaram as colheitas, e o quinhão em grãos que compete

a cada francez cresceu de 472 a 541 litros. Pode adicionar-se a este quinhão, conforme diz Passy, mais 240 litros em batatas e legumes. A introducção d'um sem número de plantas exoticas mais fructiferas do que as indigenas contribue para este accrescimo no orçamento alimentario da sociedade.

Pouco importa que hoje o consumidor gaste menos pão do que em epochas atrazadas. É que os legumes, as fructas, as carnes (a), as plantas hortenses comparecem na sua mesa.

O melhoramento no passadio, na habitação, no aceio, no vestuario, nas maneiras, prova que as classes assalariadas podem hoje abranger uma variedade de objectos de necessidade secundária, creados pelas artes e pelas máquinas a preços tenuissimos.

Taes são os dados colhidos pela Estadistica. A abundancia de meios e o andamento da povoação influem-se reciprocamente com exactidão geometrica. As gerações e as culturas giram pelo mesmo systema, pela mesma lei, de accôrdo em tudo com os annaes da agromonia. Primeiro a caça ou a pesca, depois a creação dos gados, depois a cultura pastoral, depois a triennial, depois a alterna, e depois da alterna outras, porque a humanidade não pára.

Vê-se que cada surgente nova de gerações gera uma partilha mais ampla de commodos distribuida por cada familia. Este resultado deve-se á efficacia d'esta geração addicional, a este novo coefferiente que vem elevar a potencia do trabalho, e fomentar uma distribuição de riquezas mais equitativa.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

A IBERIA

Estamos em pleno seculo XIX, seculo de illustração e de luzes, onde se não conhece mais podêr que o da razão. A ideia domina, a força é escrava, o pensamento é rei; mas apesar de tudo isto a força não foi banida dos calculos humanos, porque por ella se realisa a ideia. Desconhece-se o direito da força como anachronismo do passado, e cedendo á torrente de innovações da moderna civilisação proclama-se o direito do capricho sancionado pela força; como se a mudança dos nomes possa influir na natureza das cousas. Em 1779 elabora-se o codigo que reco-

(a) Fortescue, que em tempo da reforma percorrêra a França, dizia, fallando dos colonos — que bebiam agua, nutriam-se de fructas, e amassavam pão negro de centeio, sem ao menos saberem o que era carne.

nhece os direitos dos homens, e um seculo não tem decorrido ainda, e já se desconhecem os direitos das nações. Contradição miseravel em que a actual sociedade se revolve escarnecendo com alvar cynismo dos sacrificios de gerações de heroes.

O grande propheta do seculo presente acaba de decretar pelos seus prelos a morte politica de mais uma nação. Com a actual civilização não são compatíveis homens de pequeno vulto nem de mediana estatura; para este seculo de cousas grandiosas deveriam somente nascer Nemrods e Adamastores: tudo que não sejam colossos é contrabando, e qualquer dia veremos reviver as sanguinarias leis da Grecia antiga que permittiam, ou antes ordenavam o infanticidio, quando o recém-nascida era monstruoso; para em consequencia d'ellas serem justicados todos os homens que tiverem commettido o ominoso delicto de não chegarem a 198 centímetros de altura! Isto para os homens; porque para as nações já se vae decretando, e o progresso não pára nas nações em massa; estende-se até ao individuo.

Em 1861 Portugal será Hespanha, a península será Iberia.

Esta é a logica dos factos. Portugal é uma nação pequena, e estas não estão em moda. Tres mil e tantas leguas quadradas de territorio não podem ter existencia politica, e o Cesar do seculo XIX vae reduzi-las a provincia hespanhola. Que importa que proteste Portugal em prol de seus direitos? A força ha de responder que estamos no seculo das ideias; que ao pensamento preside uma inevitavel fatalidade para que se realice, embora seja necessario intervir a força para a realisação da ideia, e d'esta sorte vae Portugal ser votado ao ostracismo; assim se garantem os direitos das nações!

O movimento appareceu no seculo presente: e, embora de moderna data, bastante tem fructificado. O desaparecimento da Polonia da carta politica da Europa foi a prophacia dos destinos da Hungria. A Saboia annexou-se á França: a Italia unifica-se; e este sol brilhante da fusão das nações erguido sobre o oriente ha de vir ter o seu occaso na extrema occidental da península, e á voz do verbo poderoso que impõe ás nações a sua vontade vão resurgir, novo Lazaro, a Lusitania, Betica e Tarraconense para em dia de noivado receberem o chrisma da Iberia.

Porque não podem existir as pequenas nações? Teme-se porventura que ellas embarcem o progresso da civilização europeia, por não poderem par e passo acompanhar o seu

movimento? Seculo de philanthropia em que se impõe á força o beneficio! E Portugal poderá ver impassivel jogarem-se assim os seus destinos, esquecido das jornadas de Aljubarrota, de 1640 e de Montes-Claros? esquecido de que existindo sete seculos independente apenas gemeu sessenta annos em mal soffrido captiveiro para d'elle resurgir com gloria das quinas e vergonha do leão de Castella? esquecido de que foi a sua polvora a primeira que chamuscou as azas das aguias da França que até ahi em vôo altivo pairavam livres por todo o ceu europeu? ou herdámos nós por desventura o sangue d'alguns degenerados portuguezes que trahindo honra e brio se venderam ao ouro do estrangeiro?

Ha um facto que não deve passar desapercibido. Dos elementos com que a idade média fecundou o solo europeu surgiram na península diversas pequenas monarchias, das quaes a última foi Portugal, e todas, excepto esta, no fim do seculo XVI estavam reunidas em uma só. Em tempo das nossas maiores glorias, no reinado d'el-rei D. Manuel, na península ficaram existindo duas monarchias, Portugal e Hespanha, e duas têm existido sempre até hoje. Em 1580 Portugal sem rei e sem soldados teve de aceitar o jugo que Filippe II lhe impoz, jazeu sessenta annos assim e as duas nacionalidades não se confundiram: e porque? Nunca foram melhores as proporções: e no emtanto 1580 foi somente o prologo de 1640. Uma reflexão madura e conscienciosa, applicada á analyse da indole das duas nações e da historia dos vexames que Portugal soffreu em sessenta annos de usurpação, ha de como incontestavel corollario deduzir que Portugal e Hespanha não são elementos homogeneos para formar uma nacionalidade. O leão da fabula não é uma invenção, é uma allegoria.

Que beneficio recebemos de Hespanha em quanto a ella estivemos sujeitos? Insultos, desaires, vexações, e taes e tantas que determinaram um povo exausto a tentar um esforço de heroes para sacudir o jugo tyrannico, sem o amedrontar o furor d'um poderoso monarcha. Os ultimos recursos tentam-se nos extremos.

Portugal não era um paiz irmão, era um estado de conquista: queriam despovoal-o de portuguezes para o encherem de hespanhoes: não se procurou fraternisar, mas aniquilar: e uma politica melhor dirigida teria feito a unidade dos dois reinos, se não lhe obstasse tambem a antipathia e rivalidade dos povos.

Qual das duas nações havia de ceder aos cos-

tumes e ideias da outra? Qual das duas ha de hoje ceder, augmentadas como estão as barreiras que as separam, e recentes ainda as recordações do captiveiro?

Tenha muito embora a Hespanha homens eminentes, grandes melhoramentos materiaes e moraes, o povo é sempre o maior vulto das nações: e o seu não é o povo portuguez. As leis que dominam as massas devem ser sempre vexatorias para esses que estão collocados em um estado de adiantamento superior ao d'aquelles para quem foram originariamente feitas. Quem nasceu em liberdade não póde amar o captiveiro. Quem me diz que o maior entusiasta do Iberismo, decahido do septimo ceu quando se vir a braços com a realidade da sua Iberia, não ha de querer de novo chamar á sua terra Portugal? Então tenta um esforço e vae directamente cahir nas mãos dos aguasis da justiça que o passam pelas armas. Esperança seductora para os que do seu codigo vêem abolida a pena de morte pelos crimes politicos!

Portugal unido á Hespanha fica uma nação respeitavel. Pensamento gigante, ideal sonhado que attrahe os patriotas de novo genero fazendo-os deliciar com a contemplação da sua futura grandeza! Quem fica sendo nação grande? Portugal?! Que importancia immensa não tem hoje Irlanda e Escocia unidas á Inglaterra, a Hungria unida á Austria, a Saboia unida á França! Grandes estados são hoje cada uma provincia de Hespanha porque já foram nações independentes! Isto quer dizer que a última moeda que entra n'um cofre recebe o valor de todos os valores que lá dentro havia mais o seu. Que resta hoje de todas essas nações que se fundiram n'outras maiores? Quando muito um nome n'algum canto da carta politica da Europa e nada mais. Temos exemplos em casa. Que importancia tem hoje o Algarve? Foi n'outras eras um reino e hoje é uma provincia de Portugal. Como reino deveu ter suas glorias particulares, sua historia e sua nacionalidade; mas o momento em que para nós começou a ter importancia foi aquelle em que a espada do Mestre de S. Thiago lhe escreveu sôbre os muros de Silves «Aqui jaz o reino do Algarve». Ufanos ficaram por certo os mouros com perder a nacionalidade porque iam pertencer a nação maior. Dôem Portugal á Hespanha e verão como esta se enriquece de dois patrimonios sem se lembrar da procedencia da última herança. Se podér, ha de riscar de tudo em que se achar escripto o nome de Portugal, mesmo do coração do último por-

tuguez, a quem mandarão colonizar algum paiz deserto, para ficar sendo depois este territorio uma colonia de Hespanha.

Este o futuro mais certo de Portugal a realisar-se a prophécia de Napoleão III. A ideia das annexações vinga e tambem séremos annexados se nos esquecermos de que somos portuguezes.

Uma disfarçada propaganda tem por vezes procurado insinuar-se nos animos, e zelosos patriotas têm apparecido, missionando pela imprensa o Iberismo. Elevado é seu intento, nobre o empenho; a sua boa estrella os guie, que mais tarde o juizo da historia lhes consagrará os nomes no pantheon dos homens grandes.

Tardia foi a reacção; mas emfim appareceu com a publicação da *Fundação da Monarchia Portuqueza* pelo Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos e d'um *Brado aos Portuquezes*: possam as duas obras lidas por todos e bem meditadas insinuarem-se no coração dos que ainda têm amor da patria.

A. C. da Silvea Mattos

O FUTURO DA MULHER

Os espinheiros estavam em flor: o rouxinol entoava suas canções melodiosas por entre as balsas floridas: as flores, despertadas pelas lagrimas da aurora, desabrochavam suas pétalas mimosas para em seu seio receberem o primeiro beijo do sol: emfim era uma manhan de primavera.

Volney, sentado ao cahir da tarde entre as ruinas de Palmira com a face encostada á mão, voltou o seu pensamento para o passado, para as nações em ruinas: eu, respirando o ar puro da manhan, cercado das galas e pompas da natureza, pensei no futuro da mulher!

E o que é a mulher? Qual a missão que Deus lhe destinou na obra da criação?

O que é a mulher?... A mulher é a parte poetica, a parte espirital, a alma, permittase-nos a expressão, d'esse todo composto de homem e mulher: e isto quem nol-o ensina? A propria philosophia, tão arida e triste, quando nos diz que o homem só se completa pela mulher, como a mulher pelo homem.

A mulher, lemos já em alguma parte, é a imagem esculpida no craneo de todas as raças: é o genesis da religião universal! É esse ente, fraco como a hastea da açucena, a quem V. Hugo diz:

«L'éternité, l'espace; et les cieux et les mondes,
Pour un baiser de toi!»

É esse ente, diz o Sr. A. F. de Castilho no seu livro, A FELICIDADE PELA AGRICULTURA, por quem e para quem vivemos... por um sorriso seu daria o mais usurario metade dos seus thesouros, e dal-os-hia todos pelo seu primeiro beijo.

E o que ha de ser a mulher?

Corramos um veu sôbre o seu passado e presente! não queremos que nos suba o rubor ás faces. E dissemos presente porque ainda hoje a Inglaterra e a França, que se dizem occupar os mais altos degraus na escala da civilisação, uma *vende-as!* a outra obriga-as pela lei a obedecer ao capricho do homem: e entre nós raro é que não seja sacrificada pelos paes em holocausto ao *bezerro de ouro!* venda menos escandalosa, mas venda!

Mulher, sorri-te! a tua missão é a mais nobre, a mais augusta da sociedade!

Quando fazemos desfilar ante o pensamento as torturas, as humilhações, o rebaixamento moral e intellectual por que tens passado e estás passando, não podêmos deixar de exultar! Porque o martyrio é a conquista do ceu!

A tua missão, mulher, é sublime! Nas tuas mãos, frageis como o tenro caule do lirio, repousa o destino da humanidade.

A sociedade é o homem multiplicado por si mesmo, e tu, regenerando-o, has de regenerar a sociedade. E o homem só pôde ser regenerado por ti.

Um phenomeno immensamente notavel, e que deverá ser profundamente meditado, é que o homem tão facil em se esquecer, jamais esquece as ideias que sua mãe lhe inoculára com os beijos do berço! Os proprios erros, que geralmente se bebem com o leite, ainda quando depois a razão e a intelligencia nos gritam «erro!» nós, reconhecendo-os como taes, respeitamol-os comtudo: e porque?... porque nossa mãe nos dizia serem verdades. Hoje que não temos já uma prece para levar aos pés do Eterno, que não cremos em cousa alguma, que desprezâmos tudo, jámais esquecemos a primeira oração, que de joelhos em cima do berço e com as mãosinhas erguidas elevâmos ao PAE DO CEU, ensinada pelos labios carinhosos de nossa mãe!

Ninguem contesta a poderosa influencia que a primeira educação exerce sôbre toda a vida do homem. O homem é um campo fertilissimo: se as primeiras sementes que lhe lançarem forem boas, poderão ás vezes degenerar, mas em geral a colheita ha de ser boa; se forem más, a colheita será sempre má. Gravadas como lhe ficam as primeiras noções de Deus, do mundo é do homem, se forem

verdadeiras, practicará o bem; se erroneas, practicará o mal.

E essa educação quem lh'a poderá dar? só a mãe: só o cinzel eloquente dos conselhos maternos lhe grava no coração essas ideias.

E estará a mulher habilitada para ser mãe? Infelizmente para ella e para nós, não está! Se o estivera não se traduziria ainda a sociedade por egoismo, ambição e corrupção!

Bebendo com o leite as ideias tres vezes sanctas de liberdade, egualdade e fraternidade, os homens ver-se-hiam todos irmãos, e como irmãos se amariam: e hoje o que se vê? o forte torturando o fraco; o rico atirando á cara do pobre a lama que levantam as rodas dos seus caleches; os reis, desconhecendo que foram feitos para os povos e não os povos para elles, tornando-se o azorrague de seus vassallos: e isto porque? por falta de educação, mas educação de todos egualmente.

E quando a teremos?

Quando a teremos?... Deus o sabe: eu não o sei!

Estamos em 1860! e a mulher não divisa ainda na profundidade das trevas do seu futuro um raio de luz, que lhe annuncie a aurora brilhante d'esse dia de felicidade!

Quando tu, mulher! comprehendere a tua nobre missão, quando estiveres habilitada para a cumprires, levanta ufana a candida fronte, que tens trazido curvada para a terra; levanta-a, e diz: Gloria a Deus! não ha destino que se compare ao de mãe!

FUGISTE!

Alçaste o vôo a Deus, pomba innocente!
Do ceu, da patria tua já saudosa;
Fugiste como a onda buliçosa
Foge á praia que afaga docemente!

Fugiste como á tarde no occidente
Foge dos ceus a nuvem côr de rosa,
Como o ramo na margem deleitosa
Foge aos beijos da limpida corrente!

Ah! fugiste depressa como o canto
Que o cysne moribundo aos ventos solta,
Foge e leva consigo todo o encanto!

Foste onda que passou... e mais não volta...
E lirio que pendeu... e murcha emtanto...
E vela que se foi no mar revôlta...

Alberto Telles

VI-TE

Vi-te gozando carinhos
De falso amor,
Pisando aos pés a virtude,
Sorrindo á dor.

E que pena m'inspiraste,
Que compaixão,
Ao ver-te tão orgulhoso
Na perdição...

Vi-te em fofa carruagem
Pobres calcar!
Da victima o grito ouvindo,
Além passar!

E ao ver-te tão cruel,
Tão insultante,
Lembrou-me teu peito outr'ora
Tão terno e amante!

Vi-te esgotar nas orgias
Toda a riqueza,
Do throno descer ao estrado
D'agra pobreza!

Desvalido e desgraçado
Inda te amei!
Recordei-me de teus vicios,
Não té odiei!

Vi-te esmolando o sustento
De porta em porta,
O corpo curvado e magro
Á alma já morta;

E lamentei d'este mundo
O leve pó...
Amigos em quanto rico,
Se pobre — só!

E vi-te do desespero
N'hora fatal
Bater á porta benefica
Do hospital!

Da borboleta das salas
Que é do tropheu?
Ao naufrago da desgraça
Só resta o ceu!

Ouvi-te na hora extrema
Ao confessor
Pronunciar o meu nome
Com sancto ardor;

Com elle morrer nos labios,
E arrependido
Do puro amor que te dera
Haver trahido!

Nos lances tristes da vida
Acompanhei-te:
Vi-te morrer como um anjo
E perdoei-te!...

Março ... de 1860

Amelia Janny

A uma Senhora hespanhola

(Que o auctor encontrou n'um salão de Lisboa)

Tinha uns olhos negros, vivos,
Negros côr de noite escura,
Co'a magica formosura
D'estrellada e sem luar.
Como eram lindos! — se tristes
Suave melancholia,
— Se alegres douda alegria
Sabiam n'alma infiltrar!
Pois o braço torneado!
E aquella mão tão mimosa!
E a côr do leite e da rosa
Da tez virginal e pura!
Ai! a filha de Castella!
Era da festa a rainha,
Que nem só uma alli vinha
Tão fascinante como ella!
Granada, a visão dos mouros,
Co'os mil rendados d'Alhambra,
Sevilha, a vetusta, a bella,
As canções, a dança, os touros,
De Hespanha toda a poesia
Á mente nos vinha ao vel-a.
E ao vel-a o sizo fugia;
Causava paixão, loucura,
Que era tanta a formosura
Que um José seduziria.

Digam embora esses bravos,
Que renderam Tetuão
Que seus tropeus laureados
Ainda serão hasteados
No de Lysia nobre chão!
Tal visita não me aterra.
A natura excede a arte:
Cidadella é cada outeiro,
Cada arbusto um baluarte
E cada luso um guerreiro!
Nem póde temer taes bravos
Quem se chamar portuguez:
Dos mesmos são que vencemos
Em Elvas, em Montes-Claros,
Na Batalha e em Val-de-Vez!

Mas o que eu receio e temo,
 E talvez tambem desejo,
 É a nvem gentil e bella
 D'essas filhas de Castella,
 Que em Lisboa agora vejo.
 Com taes olhos tão formosos
 Oh! não ha quem lhes resista!
 — Se a razão de nós fugiu —
 Já creio feita a conquista.
 Eu por mim... eis-me rendido,
 Que os taes olhos negros, vivos
 Me tornaram *iberista*.

Lisboa, Agosto de 1860

Bernardino Pinheiro

CONIMBRICENSES ILLUSTRÉS

(Esbocos biographicos)

II

FRANCISCO DE S DE MIRANDA

Entre os nomes que mais avultam no cyclo dourado da nossa lingua e poesia deparámos com o do doutor Francisco de S de Miranda.

Este portuguez venerando, prototypo da moral e da virtude, cujo poeta foi, nasceu em Coimbra a 27 de Outubro de 1495; dia ainda memoravel pela elevao de D. Manuel ao throno. Filho de paes nobres por feitos de seus antepassados, não só se não deixou entrar das ideias de suberba e vaidade, que pudera crear-lhe o nascimento, senão que a este sempre antepoz a pureza de seus sentimentos como elle mesmo declara n'uma de suas eglogas:

«Por demais tudo a porfia,
 C'um peito tam livre e são,
 Que tomou tam certa guia;
 D'aqui nasce a presuno,
 Cuidam que da fidalguia.»

Por satisfazer  vontade paterna doutorou-se Só de Miranda em leis na Universidade patria; leu em várias cadeiras, sendo tão abalisado no magisterio, como fra habil estudante; chamando-o porém sua natural inclinao para outras regiões, como foi morto seu pae, deixou a Universidade para continuar estudos de Philosophia a que estava dedicado.

Depois percorreu as principaes cidades de Hespanha e da Italia; e recolhendo-se a Portugal quando já reinava D. João III deteve-se por algum tempo na crte, onde, *com as qualidades de sua pessoa, sem outra alguma*

ajuda das que costumam levantar ainda os indignos se fez tamanho logar, que foi sem controversia, sendo o maior um dos mais estimados cortezos do seu tempo.

Por esta occasião compoz elle a sua egloga d'Aleixo; e como certa passagem d'ella fôsse mal vista por um grande da crte em desfavor de quem se interpretava, moveu-lhe esta tal perseguio que o poeta maguado resolveu retirar-se, como quem se havia convencido durante o tempo que viveu entre os aulicos de que:

«Homem d'um só parecer,
 D'um só rosto, uma só f,
 D'antes quebrar que torcer,
 tudo pode ser
 Mas de crte homem não .»

Porisso a despeito do muito favor, que achava assim no rei como no principe D. João, foi viver para uma quinta que tinha no arcebispado de Braga, com o nome de Tapada, perto da qual lhe havia sido concedida uma commenda de Christo, a que chamavam as duas egrejas.

N'esse pacifico retiro produziram seus estudos mui abundantes fructos: alli escreveu a maior parte de suas poesias sem excluir a crta a D. João III, que  hoje tida pela sua melhor composio, não obstante serem tambem muito boas as outras epistolas; pois que de todas diz Garrett, que são «o maior titulo de gloria» do grave escriptor. Grandes encomios lhes tece tambem o insigne Antonio Ribeiro dos Sanctos:

«Pedes tu porventura  castas musas
 Em didaetico stylo puro e bello
 Poetica moral? na clara Lysia,
 Inda muito melhor que em Grecia e Roma,
 Monumentos te off'recem consagrados
 As instruces do homem: l as cartas
 Do grave e douto S.»

Effectivamente S de Miranda philosophava e moralisava em verso:

«Olho somente  virtude
 Ledo ou triste o mesmo rosto.»

E não havia ficar em palavras seu singelo dizer; pois que até casando-se, em vez de belleza, attendeu *somente  virtude*, porque a senhora a quem se ligou era muito feia e entrada em annos; o que deu origem  seguinte anecdota.

Quando S de Miranda pediu a futura espôsa a seus irmãos não quizeram estes de-

ferir á pretensão sem primeiro lhe mostrarem a noiva; e n'esse acto parece que estava ella encostada a um bordão, pois que o bom Sá lhe disse: «dae-me, senhora, com esse bordão porque vim tão tarde».

Comtudo teve aquella senhora ainda dois filhos do illustre poeta, e de tal modo era por elle amada que a sua morte o desgostou inteiramente de todas as suas inclinações, a ponto de nada mais escrever senão um soneto a tão sentida perda. Refere-se até que não tornou a sahir de casa senão para assistir aos officios divinos, nem cortou a barba, nem as unhas, nem respondeu a carta que lhe escrevesse quem quer que fôsse até morrer; acontecimento que teve logar em 1558.

Lêmos no volume 5.º do Panorama uma biographia de Sá de Miranda, em que se attribue este casamento *ao desprêso* que o nosso vate *quiz mostrar pelas cousas mundanas*, como se o casamento embora com uma mulher idosa e feia podesse ter similhante significação, como se não fôsse casando que elle mostrava o maior apêgo ás cousas terrestres. Maior objecção se offerece porém áquelle assêrto, já nos extremos a que se entregou pela perda da consorte, já nas palavras do proprio Sá de Miranda, quando escrevia:

«Mas onde não ha mulheres
Vida nem gôsto não ha.»

Foi Sá de Miranda grande conhecedor das linguas grega, latina, italiana e hespanhola.

Em grego lia e annotava Homero.

Em italiano estudou de tal sorte os poetas que «introduziu na poesia portugueza os metros italianos, e os modos, versos, e combinações de rhymas de Dante e Petrarca».

Da leitura dos poetas hespanhoes, ajudada do costume da epocha, lhe veiu porventura o pessimo gôsto de tanto escrever em hespanhol: procedimento em verdade digno de censura pelas consequencias que teve para a litteratura patria, defraudando-a de tantas boas composições do proprio Sá, como de seus imitadores, que talvez não houvessem escripto em lingua extranha, se elle lhes não tivesse dado tão pernicioso exemplo.

Muitos escriptores têm tractado de tão illustre patricio nosso com grande louvor: para terminar faremos apenas uma citação por onde possa avaliar-se o juizo que d'elle formam os contemporaneos. É Garrett quem falla: «Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens do seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, phi-

losophou com as musas, e poetisou com a philosophia».

Suas obras foram publicadas posthumas; a relação das edições que d'ellas se tem dado pôde ver-se na citada biographia do vol. 5.º do Panorama.

M. da Costa Alemão

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

ARMAS DOS APPELLIDOS DE DEZ E DIAS

II

O appellido de *Dias* não havia mister de se acobertar com as armas dos descendentes de Pedro Fidalgo: tinha as suas, que bem honrosas são entre nós pelo appellido d'esses grandes homens que tão célebres se tornaram em honra da patria que lhes deu o ser: são ellas — *em campo vermelho um braço armado, pegando em um elmo de azul que tem como timbre aguia de ouro voante*.

As armas que acabámos de descrever encontrámo-las sôbre uma lápida sepulchral na antiga igreja de S. Christovam, e a sua descripção em um manuscripto genealogico que vimos na bibliotheca da Universidade. Não seguem ellas as regras heraldicas que manda se não assente *côr sôbre côr*; todavia vae copiado tal qual está descripto. Sôbre o marmore este brazão não tem timbre: só por unico ornamento encontrámos sahindo do elmo os *panquifes*.

Este appellido de *Dias* é-nos caro pelos varões que o ennobreceram. Camões nos seus Lusíadas levantou-lhe um padrão de immortall gloria, quando descreveu a terrivel prophécia d'esse fero Adamastor:

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobriu summa vingança;

e tomou-a, que esse illustre portuguez que primeiro descobriu e dobrou

... aquelle occulto e grande cabo
A quem chamaes vós outros Tormentorio

Bartholomeu Dias lá ficou submergido no immenso pelago das suas ondas para não mais voltar á patria.

Assim acabou aquelle que nos descobrimos foi sempre o primeiro, e que tanto honrou a patria e o appellido de *Dias*.

A. M. Seabra d'Albuquerque

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, A. Sampaio, A. Telles, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 4 — DEZEMBRO 31 — 1860

Quadros biblicos

II

O DILUVIO

E por quarenta dias e quarenta noites cahiu a chuva sobre a terra.

GENES. cap. VII, v. 12

E os seculos vieram, e á omnipotencia de um Deus creador oppozeram a sua omnipotencia de destruição!

Concluida a sua obra, Deus contemplára um instante a realidade de seus decretos eternos, e sentira um regozijo immenso e indefinivel; estava boa.

E no dia septimo descansou.

Do abysmo surdiu então o genio do mal, de inveja o fez rugir belleza tanta, e o como destruil-a pensou logo.

Entrou no mundo, olhou em volta, e tartareo sorriso lhe assomou aos labios: tinha avistado o homem...

«Basta! disse consigo, alli está quem realise o meu plano. Serás tu, ente incomprehen-sivel, que a obra tão perfeita trará ruina e perdição, e tarde ou nunca o has de saber!

«Porque eu cegarei os teus olhos, farei surdos teus ouvidos, endurecerei teu coração, e caminhando sobre um vulcão julgarás passear em arrelvado tapete:

«E o vulcão ha de rebentar-te debaixo dos pés, arrojarte ha ás nuvens para depois te precipitar nos abysmos!

«Far-te-hei um throno das tuas paixões onde vá sentar-se o teu orgulho; e quando, desvanecido e suberbo, te ousares proclamar rei do mundo, um sôpro meu derribará esse

throno phantastico, e achar-te-has então em lodaçal submerso. Não te hão de valer rogos nem blasphemias, e uma eternidade de maldição punirá teus crimes!»

Disse: ergue o vôo e ao homem se dirige presto. Com a aza de fogo o tocou invisivel, e no abysmo sumiu-se.

E o agouro infernal cumpriu-se inteiro!

A vaidade, a inveja, o ciume, o assassinio e a volupia correram a terra em horrendo tropel, levaram de rôjo consigo religião, vir-tude e moralidade, e sobre as ruinas planta-ram a impiedade e o desregramento: a cor-ruptão tocou os extremos!

Os seculos haviam passado, e á omnipoten-cia de um Deus creador oppozeram a sua omnipotencia de destruição!

E o Senhor baixou a ver a sua obra; e sentiu-se pungido de dor intrinseca; um veu de tristeza e magua lhe anuviou a magestosa frente; e exclamou:

«Onde a obra de meus desvelos, a imagem de mim mesmo sobre a terra...?»

E não conheceu a feitura de suas mãos, e arrependeu-se do que fizera.

E mais disse:

«Dissiparei esta raça maldicta que me tor-nou ingratição pelas mercês que lhe fiz! Far-lhe-hei pesado o meu braço, e temel-o-hão já que respeito-o não quizeram. Do coração ris-caram a minha lei; de sobre a terra os ris-carei tambem!

«E tão felizes que podiam ser...! Tanto lhes dei, tão pouco lhes pedi... E esse pouco ainda era para elles um gôzo, uma felicidade: o seu amor!

Quanto é duro fazer justiça um coração de Pae! Como eu antes quizera recebê-os todos



em meu seio, dar-lhes recompensa eterna por virtude passageira! Não o comprehendem elles!

«Mas já não é tempo. A taça das iniquidades trasborda, a justiça requer desaggravo. Fal-a-hei pois soffrer, que me custe embora!»

E a sentença de exterminio ficou irrevogavelmente lavrada.

A virtude porém não cabia o castigo do crime, e na terra ainda havia virtude. Havia um varão justo e perfeito, que guiára seus passos pelas veredas do Senhor, e diante d'elle achára graça. Era Noé.

E determinou Deus reserval-o para renovar d'uma geração purificada, para perpetuar na terra o seu nome e a sua lei, até vir um dia um reparador igual á injúria, um reparador infinito, que de novo a humanidade chamasse ao perdão e á graça, de novo lhe restituísse a bemaventurança da eternidade.

E o Senhor Deus disse a Noé:

«Eis que a carne corrompeu seus caminhos, toda a terra está cheia de iniquidade, e seu fim está chegado diante de mim.

«E contigo firmo alliança de paz. Uma arca de madeira te será salvação do estrago universal a ti, a tua mulher, a teus filhos e ás mulheres de teus filhos. Desde já começa a fabrical-a, porque logo que prompta seja, eu farei cahir as aguas do diluvio sôbre esta geração proterva, e de tudo que existe nada sobreviverá fóra da arca.»

E o varão justo tremeu da ira do Senhor, doeu-lhe d'alma a perda de seus irmãos. Fez ouvir a sua voz clamando penitencia e arrependimento, e elles sorriram da sua boa fé, e escarneceram as suas ameaças.

Os homens já então eram homens!

E o tempo voava, e o dia tremendo das vinganças do Senhor aproximava-se. A arca salvadora estava quasi concluida, e os homens eram mais e mais desvairados. Tripudeavam loucos ao som de blasphemias, ao lume da concupiscencia inflamavam odios.

E a voz do Senhor fez-se ouvir de Noé, e disse:

«Entra na arca tu, tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos. Faze tambem entrar alguns de todos os animaes que respiram nos ares, na terra e no mar. Porque a hora da minha justiça vae soar.»

E fez Noé como lhe mandára o Senhor.

Deus então ordenou a seus anjos que rompessem as grandes fontes do abysmo, que sôbre a terra fizessem cahir rios de agua que a cobrissem até ao mais alto dos montes.

E assim se fez. Por quarenta dias e quarenta noites a chuva cahiu, cahiu a jorros sem parar um instante só.

O mar então começou a debater-se, bravo e fero, nos vastos limites que lhe dera o Eterno. Um rumor soturno ergueu medonho, semelhante a um furacão que vae estalar, até que, espumando de raiva, quebrou os diques que o continham, e eil-o que se precipita em furia sôbre o mundo condemnado!

Um brado immenso, brado ingente de afflicção íntima e inexplicavel, brado que resumia em si a expressão simultanea de todas as dores, de tudo o que ha de mais pungente na humanidade, se ergueu a um tempo da terra ao ceu! Milhões de vozes se uniram espontaneas, e em confundido accento imploraram misericordia!

E a chuva despenhava-se em torrentes das cataractas abertas do ceu: e o mar caminhava, caminhava bramindo, e, semelhante ao leão esfaimado do deserto, a tudo tragava!

E o homem, esse ente forte no seu orgulho, esse ente que dias antes blasphemára o poder do Senhor, e se lançára desacordado no estontear das paixões, era agora mais vil que o vil insecto que calcára a seus pés.

Já para elle não havia sentimentos de filho, de espôso ou de pae. Naquella hora suprema de angústia quanto é grande immudecêra n'elle, e só um egoismo mesquinho e feroz lhe revelava existencia. Aqui se via um matar o pae alquebrado que lhe era estôrvo, além outro o filho innocente. Fugir, viver, era de todos o pensar unico, exclusivo.

E iam, vinham, encontravam-se, repeliam-se, e não se conheciam, e não se poupavam.

Cabellos soltos, os olhares turvados, em desalinho o trajo, com os filhos ao seio corriam as mães, com gemidos e queixas atroavam os ares, e de pura fadiga cahiam extenuadas, e nem para ellas compaixão havia!

E a chuva a cahir, e o mar a crescer, e a morte a tragar, e o inferno a sorrir!...

Scena pavorosa e triste!

Quinze covados subiu a agua acima do mais alto dos montes, e tudo quanto respirava sôbre a terra ficou para sempre extinto.

Estava desaggravada a justiça de Deus.

O fogo das paixões abrazára o mundo: era mister um diluvio d'agua para o apagar.

Bemdicto seja o nome do Senhor!

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do n.º 2)

JOANNA D'ARC

A idade média ia acabar.

Mas antes que o bulcão impetuoso das hostes mahometanas, ruindo sobre o velho imperio do Oriente, dispersasse pela Europa, como bando de aguias expulsas do seu ninho, esses monjes depositarios da sciencia do mundo velho, esses sabios possuidores da arte antiga, que tinha de vivificar, casando-se, fundindo-se n'ella, a arte nova; antes que o vento da conquista, soprando sobre aquelle foco aonde se concentrára tudo que o mundo romano e grego pensou e sentiu, espalhasse ao longe pelas terras todas as faiscas do fogo sagrado que lá ardia; antes que a civilisação antiga fecundasse a nova civilisação, era mister que se escolhesse um lar amigo a esse fogo expulso do seu lar; era mister que a Providencia abrisse um templo á sciencia do oriente quando esta batesse ás portas do occidente.

Esse templo aberto pela Providencia foi a Italia, a Italia a principio e depois a França: a França mais do que a Italia, que acolheu essa reliquia no seio, que se consubstanciou com ella, que a amou, que lhe deu vida nova, e d'essa fusão sublime do passado e do presente fez nascer a verdade, a sciencia da liberdade, a mãe das sociedades do futuro. A arvore fecunda da sciencia do passado, em chão ruim não pudera dar bons fructos. A Italia amou a civilisação grega e romana, mas não creu n'ella. Esse perfume da antiguidade classica embriagou-lhe os sentidos, mas cortou-lhe os vãos á intelligencia. O passado alli não pode, pela alliança mystica com o presente, conceber a ideia do futuro. Era mister transportar a arvore que definhava em terreno esteril para chão mais fecundo e mais fertil.

Esse chão foi o solo abençoado da França.

E comtudo a França gemia curvando-se sob o peso das armaduras dos invasores de além-mar. As tendas da conquista esterilizavam aquelles campos bemquistos da civilisação e promettiam matar-lhes o viço para sempre, se a mão de Deus lhes não acudisse. Só um milagre podia salvar a França.

Foi por isso que Deus fallou pela bocca inspirada da mulher: foi porisso que appareceu Joanna d'Arc.

Pela sua bocca fallaram todos os soffrimentos da nação que gemia no captiveiro; todas

as esperanças dos que, com olhos d'alma, viam raiar no horizonte da patria a aurora da redempção; todas as aspirações, todas as crenças dos que o terror e a cobardia não vendêra ainda ao inimigo; pela sua bocca fallou o futuro da França e do mundo. O gladio vingador tornou-se em suas mãos a espada flammejante do archanjo do extermínio. O bretão orgulhoso, recuando de trincheira em trincheira, diante d'esta mulher heroica teve de saltar o estreito, e só se julgou seguro quando occulto entre os gelos e neveiros da sua Inglaterra. A França estava salva. O templo da civilisação estava agora livre e puro: a arte e a sciencia podiam agora emigrar do oriente, e atravessando a Italia polluida pela devassidão e pelo crime, buscar abrigo certo no seio da nação heroica. Uma mulher fôra a escolhida do Senhor para aplanar as vias da sua Providencia.

A França estava salva.

Joanna d'Arc ajoelhou constricta na terra que libertára, e sentiu que a morte vinha perto: a sua missão havia acabado.

Que lhe restava a ella agora com effeito? O que espera na terra tudo quanto é grande e sublime; a morte de Christo, o sacrificio, morte de affronta e de ignominia e depois o amor e o culto da posteridade.

Aldean visionaria a principio; mais tarde mendiga sublime d'uma espada e d'uma hoste que levasse á victoria; depois alma de Graccho encarnada nas fórmulas d'uma virgem; mais que mulher por fim, martyr d'uma ideia grande; sahira a passos lentos das suas montanhas, triste da serena melancholia das resoluções inabalaveis, para atravessar a França como nuvem revólta de entusiasmo e patriotismo, e cahir depois sobre uma fogueira, expiando alli o crime sublime da virtude.

O povo entorpecido pela conquista não pode conceber como a alma d'uma donzella, que o ardor d'uma crença consumia, pudesse salvar uma nação: o rei que ella levantára do pó para assentar sobre um throno, não tinha fôrça para interpor o seu sceptro entre a mulher e a fogueira.

Pobre d'ella! Involta já pelas chammas que a iam tragar, elevava os olhos ao ceu, beijando com fervor a imagem do Crucificado que os phariseus lhe apresentavam por escarneo; mas sob a tunica rara palpitavam e tremiam-lhe os seios castos de virgem!

O espirito, depurado pela tortura, fugiu em busca de novos mundos; e sobre as cinzas que ficaram vieram depois os homens elevar-lhe um altar de gratidão e saudade. O sacri-

ficio vinculou mais uma vez na terra o culto da dedicação e da virtude. Mas o involucro d'aquella alma tão nobre e tão pura, nobre e puro tambem como ella, mais fraco só; mas aquelle corpo de virgem não poude deixar de tremer quando as mãos impuras do algoz o amarraram ao poste da ignominia, quando se viu amaldiçoado por aquelles mesmos por quem dava a vida, quando as chammas, lambendo-lhe o seio e o rosto lhe pousaram lá o primeiro e último beijo, o beijo da morte!

Mas que importa tudo isto? estava salva a França, e salva por uma mulher. Podiam agora cumprir-se n'ella os grandes designios da Providencia: podiam agora brotar-lhe e arregaçarem-se-lhe no seio todas as grandes ideias que tinham de lustrar depois o mundo n'um grande baptismo de verdade e de luz.

E que pêso tem na balança dos destinos do mundo uma gotta de sangue mais vertido em prol dos homens? N'esse grande tributo de sangue pago pela verdade ao erro, pela luz ás trevas não é a mulher quem menos lagrimas nem menos sangue tem dispendido. Esse que corria ainda quente confirmava mais uma vez esta verdade.

Agora a França, livre, contava mais uma martyr: agora tinha a mulher ainda uma vez mais o direito de exigir da humanidade preito e vassallagem. Joanna d'Arc, morrendo pela França, morreu tambem pela liberdade do mundo!

(Continúa)

Anthero do Quental

Monumento a Sá de Miranda

Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, Pacheco, Pedro Alvares Cabral, João Pinto Ribeiro, Sebastião José de Carvalho e Mello, e tantos outros que bem mereceram da patria não têm uma estatua, um busto, um retrato, uma memoria qualquer em logar algum público de Portugal.

o PHOSPHORO, n.º 3.

É debaixo d'esta epigraphe, que deve fazer corar de vergonha todos os que se prezam do nome portuguez, que escrevemos hoje estas duas linhas: disse uma amarga verdade o articulista do *Phosphoro*: «Nós no continente do reino, em Portugal, na Europa nada conseguimos fazer, e deixámos perder o que temos.» Ha muito que tivemos o pensamento de elevar um pequeno monumento, tanto quanto as nossas forças permitissem ao filho da nossa Coimbra, Sá de Miranda: ha muito

que este nosso pensamento tem corrido de bocca em bocca sem que tenha encontrado desapprovação.

Se a opulenta Lisboa, se Portugal todo está pagando o tributo de gratidão ao grande poeta cuja *naturalidade é algum tanto duvidosa*, porque não ha de Coimbra e em geral todos os seus filhos, ainda mesmo os que residem em remotas plagas, pagar o não menos devido tributo ao patriarcha da poesia Francisco de Sá de Miranda?

O nosso pensamento não é recorreremos a todo o Portugal, não, pedimos só este tributo ao districto de Coimbra e em geral a todos os que ainda se prezam do nome de conimbricenses, com a coadjuvação de todos tere-mos pago esta dívida a um dos grandes homens do reinado de D. João III, e dos primeiros lentes da nossa universidade.

Não somos da opinião de que Lisboa seja a terra dos monumentos, e que todo Portugal esteja dando o seu pequeno obolo para elles, e alguns achâmos inteiramente deslocados do seu verdadeiro logar. D. Pedro, duque da Terceira, conde das Antas, tinham mais cabimento no Porto; foi n'esta cidade «a invicta» o theatro das suas maiores glorias, é alli que collocados deviam ser os seus monumentos.

Não nos reste a magua de não ser do dominio do público este nosso pensamento; possa elle encontrar echo em todos os corações verdadeiramente conimbricenses.

A. M. Seabra d'Albuquerque

A PROVIDENCIA

II

O leitor que só cuida em orientar-se no emmaranhado labyrintho de peripecias, que por entre corcovos e torcicollos, em quanto for estheticamente possivel, o hão de desviar do final desenlace, pode desde já dar por lido este capitulo, quem sabe?... talvez todo o romance, se porventura não houver adquirido com o fructo do amargurado suor do rosto o direito de se adormecer no meio das minhas constantes tergiversações; pelo que respeita ao leitor gratuito, essa asquerosa pustula, essa praga, esse cancro da litteratura contemporanea, como decerto não sentirá remorsos de haver mal empregado o seu dinheiro, não se lhe devem nem satisfações, nem amigaveis conselhos.

Sinto-o, mas não posso emendar-me. Desde

que o obstinado lidar com o equivalente de um rebelde e ás proporções naturaes me reduziu as avantajadas excrescencias calosas da paciencia fiquei tendo horror de morte a tudo quanto se diz ordem, nexo ou ligação; e o meu espirito, livre dos signaes cabalísticos de Francoeur, corre de vento em popa no mar dos extravagantes caprichos do meu espirito, que n'esta perigosa derrota ainda não sabe quando avistará terra.

Ainda algumas observações, desculpas, se assim quizerem, n'esta especie de galanteio, com que faço ao público as honras do meu romance.

Disse romance: não era tal a minha ideia, escrevendo as primeiras linhas d'esta pobre narrativa, mas como de tal acabo de a ver alcunhada na chronica de um jornal litterario, á falta de nome que melhor lhe convenha, acceitei a chrisma, declinando comtudo a sua responsabilidade no lisongeiro chronista.

Alguem me demonstrou o inconveniente de não querer descrever os retratos dos meus futuros heroes n'este seculo, em que o daguer-ferotypo e a photographia se incumbem de fazer passar á posteridade o chato frontispicio de qualquer *João Fernandes* «que por nome não perca». Ha na verdade razões poderosissimas que a isso obstam. Escrever um retrato deve ser pouco mais ou menos o mesmo que pintar uma palavra. Muito pode a penna quando manejada por Homero grava na *Iliada* o viver glorioso dos ultimos semi-deuses; muito pode o pincel quando na tela dá vida á imagem seductora de uma *Fornarina*: fóra porém da esphera a que está circumscripto o seu podêr, a penna e o pincel são menos que impotentes... tornam-se nullos.

Tenho visto retratos feitos por grandes escriptores e preciso de depositar um voto de confiança no seu bom gôsto para saber se o quadro que me reproduzem é cópia d'uma extraordinaria belleza, ou d'uma mediana vulgaridade. Poder-me-hão descrever uns rasgados olhos negros: mas n'essas phrases sem sentido fico perplexo, conjecturando inutilmente todos os cambiantes, toda a differença que yae dos olhos da desinvolta andalusa, que irradiam chispas de fogo e voluptuosidade, á phosphorecencia dos mortifcos bugalhos d'uma filha de Guiné.

E já que estamos em maré de confidencias, porque o não direi eu?... Cesarina não era bella: conheci-a em toda a verdura da juventude, d'essa primavera da vida que tudo embelleza, que tudo anima, que tudo perfuma,

e só a quem por largo tempo a tractára, é que não seria indifferente. Como a tímida violeta ella passava, offuscada pelo brilho das mais flores, sem que uma lagrima da aurora, um beijo do zephiro ou um raio do sol a festejassem! E comtudo no traçado d'aquella fronte espaçosa ressumbrava uma vasta intelligencia; n'aquelle olhar sempre limpido e sereno transluziam visos de angelica bondade, e aquelles labios, mudos para o sarcasmo, eloquentes no confôrto, naturalmente despediam torrentes de singela poesia.

Tinha então pouco mais de onze annos, e na minha phantasiosa imaginação de creança adivinhára aquella grande alma, tão rica de extremosos sentimentos e nobres aspirações, quasi sempre a partilha dos entes predestinados para a desgraça. Data talvez das poeticas reminiscencias d'esta epocha a força magnetica que me attrahe para toda a mulher que não é uma belleza, mas em cujo coração eu vou encontrar a doçura de um anjo casada com a resignação de martyr.

Um typo de formosura enleva-me os olhos, mas não me falla á alma; passada aquella especie de embriaguez que se sente ao olhar pela primeira vez para uma obra prima, discuto-o como artista, mas não me fascina como homem. É que eu julgo que uma mulher extremamente formosa não foi criada senão para ser vista. Percorrei com os olhos um salão resplendente de mil bellezas, e quando elles depararem com uma mulher que recostada desdenhosamente olha ou parece olhar da altura a que a elevaram a admiração dos homens e o seu orgulho para o almiscarado tropel de seus satellites sempre com um sorriso que á força de muito estudado nada exprime, com um olhar indifferente cujo brilho não parte da alma, respondendo glacialmente aos semsaborões madrigaes que em tórno lhe murmuram, tendes encontrado a rainha da festa, o idolo d'essa noite...

Esta é a mulher que no meio do delirio de uma valsa vos pedirá que a toda a pressa a conduzaes ao *toilette* porque uma trança de seus cabellos, apesar de todos os *cosmétiques* descobertos, teve o atrevimento de se elevar um pouco mais, tirando todo o effeito a uma rosa artificial que n'ella prendia; mostra durante mezes e annos uma dedicação, um amor fogoso a esta mulher, e se um dia por um capricho lhe pedis que não olhe para um outro, ella vos expulsará do seu real agrado.

O que eu disse a respeito d'estas mulheres pôde tambem applicar-se áquellas que, não tendo os seus dotes phisicos, imaginam que

os têm: n'esta hypothese, como em algumas mais, ser e crer ser é identico.

Tenho visto mulheres que fariam inveja ás Vénus dos estatuarios gregos; e n'essa mesma harmonia de rectas e curvas encontro um não sei que de estátua que gela, a impressão que me causa é o enfado da monotonia, porque tudo n'ellas é compassado e frio, cheio de regras como a tragedia antiga. E succede que a natureza quasi sempre é no espirito de uma parcimonia exaggerada com tudo quanto no physico é demasiadamente prodiga; se estivessemos em tempos de milagres podiamos ainda esperar como Pygmalião que essa estátua se animasse... mas hoje...

Sabeis com que fôrça se abraça o naufrago á última tábua de salvação que vê boiar sobre o oceano? é a mesma com que se abraça ao amor a mulher que em seu íntimo cogitar diz a sós consigo mesma: se este foge, onde me apparecerá um outro? Porisso eu dou de conselho a todo o leitor que quizer ser amado verdadeiramente que escólha uma mulher antes feia do que bella, e mais velha do que nova; e assim d'alguma fôrma já este capítulo terá um merecimento.

No seguinte contaremos a historia do amor de Cesarina e do capitão Tavares.

Augusto Sarmiento

O CAÇADOR E A LEITEIRA

(IMITAÇÃO DE BÉRANGER)

Ao meu amigo Bernardino Pinheiro

A cotovia, da floresta á beira,
Do dia canta o matutino alvor;
Ao bosque segue o caçador, leiteira,
Segue-o—que, terno, fallará de amor.
Para enfeitares o formoso seio
As flores vamos da estação colhêr.
—Que venha perto minha mãe, receio,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Tua mãe, leiteira, e sua cabra ainda
Estão por traz d'aquelle outeiro além;
Eu vou cantar-te uma canção bem linda,
Que das senhoras do palacio vem.
Moça, que um dia conseguir sabel-a,
Fará nos homens a paixão nascer.
—Eu sei ainda uma canção mais bella,
Não quero o tempo, caçador, perder.

O caso debes escutar famoso
Do espectro horrivel de um feroz barão,

Que á sepultura conduziu, cioso,
A trega espôsa pela propria mão.
Tão negra historia, quando a noite é feia,
Faz os que a ouvem de pavor tremer.
—Tambem sei uma de phantasmas cheia,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Quero ensinar-te uma oração de encanto
Para dos lobos o furor sustar,
Que te ha de sempre do fatal quebranto
Das feiteiceiras infernaes livrar.
Teme que alguma, n'un momento aziago,
Feitiços queira contra ti fazer...
—Comigo sempre este rosario trago,
Não quero o tempo, caçador, perder.

Pois bem! repara n'esta cruz fulgente,
Que tem no meio oriental rubi;
Moça, que a traga sobre o peito assente,
Todas as vistas chamará p'ra si.
Toma-a!—bem cara me custasse embora...
O premio sabes que eu espero haver.
—Oh! quanto é bella! Eu vos escuto agora,
Não temo o tempo, caçador, perder.

Colmbra, 1860

Eugenio de Barros

O MAR

Não vi ainda do oceano as vagas
Levantarem seu collo em meio do abysmo;
Revoltos mundos de ondulante massa
Sem orbita, sem rumo, em curso vário
Rolar por sobre as turgidas campinas,
E sobre ellas cahir após instantes
Atufados no pelago: enraivado
Troar alli o vento, e ao rijo açoute
Encurvarem-se as aguas, e correrem
Ao longe em fundas rugas açodadas;
Cahir sobre ellas o pesado manto
Da escuridão horrivel da procella,
Prenhe de raios, de outras aguas prenhe,
Que as cerca, que as opprime, e sob as trevas
As revolve, ergue ao ar, e ao fundo as lança.
Nem lucta desigual travar com as aguas
Vi quebrado navio, e ao dorso d'ellas
Remontar-se em furioso e activo gyro
Á vontade das ondas e dos ventos.
Não fui á praia por manhan serena,
Á tarde, á noute, em bonançosa quadra;
Não vi a lua namorar-se n'agua,
Tranquillo espelho do oceano immenso,
Que dorme o calmo somno aos beijos tepidos
Da maritima brisa: nem o murmurio
Das mansas vagas lhe senti na praia,
Que deve em gozos arronbar a alma.

Que mundo é esse? E qual a mão que o ha feito?
 Em ti, profundo abysmo, immensa mole
 De atroadoras aguas, em ti penso!
 Penso em ti, sem te ver, sem te haver visto,
 Sem de perto sentir-te, ouvir-te o estrondo
 Da voz tua, que assombra o homem tímido.
 Mas quem de ti me falla? e aos meus ouvidos
 Quem me aproxima o teu rugido insano?
 Porque eu ouço-te, ó mar! Eu vejo as ondas
 Crescer em serras moveiças, negras
 De turva espuma; quaes fórmas insolitas
 De sanhudos gigantes uns aos outros
 Na voragem sumindo em rija lucta,
 Eu ouço lá do fundo de tuas aguas
 Sahir medonho estrepito, eu te vejo,
 E vendo-te eu te admiro, eu tremo e assusto-me!
 Voz e braço do Eterno! Ao mundo extrema!
 Um teu rugido espanta, uma onda absorvê!...
 Não mais a furia tua, ó forte oceano,
 Quero que me apavore a mente incauta!

A. L. dos Sanctos Valente

ALGUMAS LINHAS

A proposito d'uma poesia

Quando se tem fallado tanto de poetas e poesias, quando a arte anda ali discutida em todos os livros e jornaes, talvez pareça inconveniente aventar algumas palavras a respeito d'uma obra d'estas. Mas não é. «Não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento» disse já alguém: e bom foi dizel-o homem de tanto saber! se os crentes estão sempre firmes no seu posto, e lá esperam morrer sem mentir á sua consciencia, ao menos que se fortaleçam e animem os fracos, que não têm ainda a fé tão robusta para arrostarem com o insulto da ironia.

Hoje quando o contágio do interesse tem minado todas as classes, e chegado a desorientar até os proprios artistas, que por extrema tibieza d'alma hão transigido com o gosto da moda, ou com o que tem mais valor no mercado, hoje em que o interesse é o verbo da epocha, presista muitas vezes o homem da arte de se conservar como isolado da sociedade para fugir aos ruinosos principios que ella procura incutir-lhe.

A arte por sua natureza nobre e desinteressada como um vôo d'alma, ideal e contemplativa como o pôr do sol, esperançosa como o abrir da manhan, não pode casar-se com a frieza calculada da indústria, nem sujeitar-se ao bater compassado das manufactu-

ras. N'esta athmosphera eivada de vis interesses define o nome como a flor a quem tiraram o calor e a luz.

Deixae-a livre n'aquelles seus anhelos, sempre aspiradores do infinito, estadiar-se pela immensidade do pensamento, e vel-a-heis esplendida e magestosa arrebatavos por um sentimento intimo de grandeza, revelador do genio do homem.

Sympathica em Raphael, melancholica em Bellini, religiosa em Miguel Angelo, estrondosa e confusa em Meyerbeer, arrojada em Byron, triste em Lamartine; a arte é e será sempre o espirito de Deus vivo revelado á consciencia pela conversa íntima do pensamento.

Diz Victor Hugo que «toda a ideia tem uma fórma que lhe é propria, sua fórma por excellencia, completa, rigorosa, essencial, preferida por si a outra qualquer, que junctamente com ella nasce do cerebro do homem de genio.»

Verdade bem certa, e que nunca o artista devia tirar diante dos olhos. Uma ideia pode sim exprimir-se d'este ou d'aquelle modo; mas a sua fórma natural e verdadeira, aquella que melhor a retrata ninguem pode duvidar de que não seja uma só.

Poderia Miguel Angelo porventura a não ser na igreja de S. Pedro manifestar a sua grande concepção religiosa? Poderia Camões a não ser nos Lusíadas descobrir bem o fundo da sua alma? Raphael quantas poesias e romances deveria escrever para desenhar uma só das suas virgens?

Assentemos n'isto. Quando alguém descobre uma ideia, de involta com ella logo lhe vem a fórma por que a deve exprimir.

Que importa que a escreva na tela, no marmore ou no papel? que importa que tome o pincel, o escopro ou a penna? Raphael pinta uma virgem, Michelet escreve um livro «*La femme*»; e ambos são grandes artistas, admirados e queridos.

Uma vez achada a fórma da ideia, seria a maior de todas as impiedades torcel-a só para comprazer com o espirito da moda. O artista tem tambem a sua patria nobre e augusta a defender dos homens sem crenças, que profanos idores a esmo decidem do bom e do mau. A elle cabe, a elle só, fortificar a sua fé, fortalecer o seu pensar, engrandecer-se pela intimidade da meditação, e comprehender bem o fundo da ideia revelada.

Eis porque a existencia d'uma eschola é um absurdo; e o nosso poeta não tem eschola. Nem a harmonia do sentimento, combinada

com o rigor da fôrma, tem esta poesia íntima e apaixonada dos dezanove annos, que lhe faz chorar o coração, para depois se derramar em versos, tão melódiosos como a toada da musica a perder-se lá no fundo d'uma alameda. E nós admirámos esses versos tão naturaes, tão singelos, tão castos, sem perguntarmos quantas lagrimas valeram ao poeta, que deixou ahi parte da sua alma a perfumal-os e ungil-os com aquelle aspirar contínuo, que nos faz voar o pensamento por sobre as pequeninas cousas do mundo e perder-se depois na immensidade, e o espirito chorar lagrimas de não sei que saudade como se quizesse abraçar o seu Deus!

Nunca vistes debruçado no leito da dor o homem nobre, que pelas agonias vae contando as horas que lhe restam ainda d'esta vida tão cheia de lagrimas?

Nunca contemplastes esta resignação melancholica, que se pinta no rosto do inferno, quando elle sente já o frio torrão pesar-lhe sobre o corpo amortecido?

Lede esta poesia, que bem merece o nome.

O inferno

Foge do ceu em braza, ardente, irado,
O sol; e breve assoma
A meiga e doce lua d'entre a coma
Do bosque na montanha desmaiado!

Cahe a lagrima da vista; e já o riso
O labio seu anima!
Cahe a folha da planta; e logo em cima
Rebenta o pomo aveludado e liso!

Sombria avulta a rocha; mas a espuma
A encobre, a converte
Em vello alvo de neve; e o somno inerte
Transforma-se na vida que perfuma!

O filho foge á mãe; e logo Aquelle
Que os filhos dá e rouba,
Manda outro que a triste ao ceu arrouba,
Bem como á loura abelha o louro mel!

Vae-se a luz, vem a noite; e da bonança
A tempestade foge!
Amanhan seguirá o dia d'hoje!
A desdita a celeste e doce esperança!

Á nuvem negra o ceu; e aos bravos ventos
Sôpro suave e manso...
Tudo passa! tem fim! e tem descanso!
Só eu não vejo o fim aos meus tormentos!

ALBERTO TELLES

Não respiraes ahi esta tristeza íntima e consoladora, que nos enebria o coração, como se

a alma forcejasse por desprender o seu vôo a uma nova patria?

Não tereis agora uma palavra sequer de consolação para dar de esmola ao pobre inferno, que resignado na angústia só tem voz para pedir ao seu creador fim aos seus tormentos?

Não sentis uma lagrima de piedade humedecer-vos as faces pelo pobre que vê perto de si o dia do passamento?

Oh! o poeta não foge aterrado diante do moribundo que lhe estende os braços para lhe dar o último abraço de despedida, um abraço de irmão, que vae procurar outros ceus, outros mundos!

Elle, que vive sempre com Deus, fugir!... não! abraça-o, e com a sua alma vôa á nova mansão.

Poesia como esta sente-se e admira-se, mas não se discute.

Alberto Sampaio

CHARADA

Estou no homem, na mulher, } 2
Na igreja estou ás vezes:

Se a ella vaes, não vaes bem, } 2
Podes soffrer teus revezes:

O final d'esta charada } 1
Ves n'um campo de parada.

Resulta d'um instrumento,
Que empregado faz mal,
Chocando sempre a primeira,
Que é o mais natural.

Valladas Mascarenhas

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitonas n.º 19.

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento



Volume I

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 5 — JANEIRO 15 — 1861

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a producção

(Continuado do n.º 3)

A faculdade prolifica do homem, dissemos nós, é inferior á sua faculdade productiva. Effectivamente os alimentos tendem a crescer com maior celeridade do que a população. As materias fabris e nutricias, longe de minguar ou altear de preço, propendem a baratear e a multiplicar-se com a multiplicação dos homens. Esta é a regra.

Malthus e Ricardo tomaram ao contrário a regra, a tendência mais constante como excepção. E o que nós chamâmos excepção, opinaram elles que era a regra.

«É fóra de dúvida, diz Malthus, que a povoação não contrariada por obstaculo algum, dobra todos os vinte e cinco annos, crescendo de periodo em periodo n'uma progressão geometrica.» Raciocinando Say sôbre a fôrça prolifica do homem, *abstrahindo dos tropeços artificiaes*, conclue que, n'esta hypothese, *triplicaria um povo dentro de vinte e seis annos; Petty crê na possibilidade d'elle duplicar dentro de dez.*

Assentando-se assim o problema sôbre a base do poder *virtual* da povoação, ha de tambem estabelecer-se sôbre a do poder *virtual* da producção. Os obices ao crescimento dos homens e dos alimentos, que se não derivarem das leis naturaes, hão de considerar-se eliminados. Deve-se figurar não só o desinvolvimento *potencial* dos homens, mas tambem das especies nutrientes em toda a sua plenitude.

Ora, diz Malthus, o crescimento das subsis-

tencias nunca poderá ir alem da progressão arithmetica. A maioria dos economistas subscreeveu a esta proposição. Mas como a validam e documentam? Por todos fallará Rossi:

«A terra, diz elle, esgota-se e envelhece sem remedio, privada do auxilio do capital: a especie humana não envelhece nunca: aos individuos fatigados, impotentes, ou que a morte fere, succedem os moços e os robustos.»

As gerações ao contrário é que podem apagar-se da superficie do globo, faltando-lhes o capital, a materia reparadora, o alimento. A terra privada d'elle pode esgotar-se temporariamente; mas nem envelhece, nem morre como o homem. Dos dois elementos da questão, o primeiro, a população, não é o mais apressado (a). Rossi reconhece contradictoriamente a verdade d'este assêrto, quando diz — que não fazendo cabedal dos obstaculos, a terra se apinharia de homens com o lapso d'alguns annos, *bem como o solo se coalharia de trigo, e de peixe o oceano, se nada contrariasse a fôrça reproductiva de cada grão e de cada peixe.*

Basta attentar na infinidade milagrosa das ovas dos peixes para que nos convençamos de que Rossi não exaggera. O barbo põe 600 a 700:000 ovos de cada postura; as mugens treze milhões. Dois arenques, diz Baudrillart, pejariam em dez annos o oceano, ainda que elle inundasse todo o orbe terraqueo.

Em quanto Malthus augura mal do rapido incremento da povoação por mui superior ao das subsistencias; queixa-se Sismondi da estupenda exabundancia dos productos e mercadorias. Por quem nos havemos de decidir n'esta contradicção dos classicos da sciencia?

(a) Sr. Oliveira Marreca.



«Pela verdade, e a natureza das cousas que nos está mostrando regiões inteiras despovoadas, e com a sua potencia productiva ainda virgem; em quanto alguns paizes nos apresentam o espectáculo d'uma população em grande parte indigente com apparencias de exuberante e recalçada, mas na verdade miseravel por defeitos das instituições, e não por culpa da natureza (a).»

Sendo certo que as povoações que crescem facilitam, pelo facto do seu crescimento, o mecanismo da produção, e que as que se condensam desinvolem, pelo facto d'essa condensação, esse mecanismo, d'ahi podêmos *a priori* inferir a possibilidade d'uma epocha em que a renda social augmentasse com mais rapidez do que os seus usufructuarios. Esta conjectura ganha proporções de these se attendermos a que as máchinas, dando-lhes materia prima sufficiente, podem bastecer muitos *globos habitados* como o nosso. A sua potencia toca no infinito.

Com as theorias da população e da renda agricola de Malthus e de Ricardo iriam as cousas ao envez do que temos descripto. *Subsistencias e gerações* seriam elementos disjunctivos, incasaveis, dispares. Estas em seu impetuoso fluxo acercar-se-hiam do meridiano das subsistencias, tendendo a ultrapassal-o; aquellas, pelo gradativo empobrecimento dos solos, repulsariam as gerações procreadas da nutrição substancial para a dieta religiosa, e por último do berço para o esquite. A humanidade seria colhida em botão da arvore da vida, ou gemeria fatalmente agrilhoada ao ceppo da miseria.

Segundo esta eschola, as gerações recrescem abastardando-se a raça, minguando e peiorando o alimento, não se protrahindo a vida até á maturidade; recrescem pela exaggeração da parcimonia, sem o toque e a seiva das gerações espontaneas, sem que a rotação das colheitas seja adequada ás gerações accrescidas; recrescem em summa rareadas sempre pelas explosões da fome, e sempre reparando as vagas que o tumulo deixára no quadro dos vivos. É Phenix renascendo das proprias cinzas, é o perenne revolver da roda d'Ixion.

É certo que na India, China e Japão, entre os arabes beduinos, e em outras tribus errantes o facto preponderante é multiplicarem-se as massas pela fecundidade da miseria, e pela nimia parcimonia. É certo ainda que entre as familias caucasianas, primogenitas da civilisa-

ção, cujo incremento se filia na sufficiencia dos commodos, surgem minorias parasitas, eivadas da penuria cujo número engrossa pela deficiencia dos viveres. A Flandres, a Galliza, a Irlanda vegetam por inopia de meios, e n'ellas sem embargo as multidões pullulam. No mesmo giro e pela mesma lei gravitou o mundo feudal e a prisca civilização romana. Mas este escassear de substancias alimentárias na proporção do número dos habitantes é um facto anomalo que ha de ser desfeito pela mó dos seculos, e pela pressão omnimoda e absorvente das nações policiadas.

Uma pequena adição de alimentos que em paizes menos abstemios bastára apenas para o seu estacionamento, nos povos jejuadores é fermento sufficiente para se recrutarem novas legiões. Filhas e mães da indigencia, estas multidões supranumerarias são quintadas em flor pela fouce inexoravel da morte, pois as urgencias reduzidas, os salarios mesquinhos, e as frugalidades cenobiticas não se adunam com essas redundancias. Ora é com o accesso dos impuberes a semi-trabalhadores, e a trabalhadores completos que se restaura a matriz das emprezas, a milicia escolhida, o elemento viril da humanidade (a).

É a infiltração no commum dos espiritos do sentimento reflexivo, que modera os ardores da sezão concupiscente, é a collaboração do poder mechanico, alliado e creatura do homem que o exime do duplo jugo da necessidade e da fadiga, é a sciencia e independencia das nações perfeiçoistas, ancoradas no porto da liberdade, que as mantêm em condições tão outras das que cercam as povoações retardatarias da Asia.

Cotejando as rotações das colheitas, do trabalho muscular, e da potencia mechanica com a productividade prolifica da nossa especie, marcam-se n'esta periodos de intermittencia invencivel e limitações de duração, desconhecidas ao laboratorio terra, ás faculdades do homem, e á corporação indefessa dos agentes inanimados.

Mas não virá um momento no escoar dos seculos em que o globo, regurgitando de homens não possa abrigar sob a sua copa gigante as gerações sôbrecedentes? Não advirá uma epocha em que a morte, suprema autocrata do mundo, tenha de acolher ao seu

(a) N'uma serie de artigos, cuja introdução publicámos já no n.º 15 dos *Preludios Litterarios* no corrente anno, estudaremos mais de espaço as leis do crescimento anormal da povoação. Aqui estudámos individualmente o seu crescimento normal, reconhecendo que no mundo sublunar nem tudo é harmonia.

pallio os desherdados da fortuna, e em que o complexo dos flagellos de Deus, baixando das nuvens, envolva as nações em sua immensa mortalha?

Um relancear de olhos sôbre o mappa do mundo mostra-nos os homens faltando ás terras, e não as terras faltando aos homens; e nos poucos tractos agricultados a arte de aproveitar o collaborador-terra, a agricultura intensiva reduzida a um ponto na extensão do globo. É a refutação da hypothese com os dados do tempo presente. Para o futuro, duvidámos que o cálculo das probabilidades indique risco maior de se realizar a conjectura que a do encontro d'um cometa com a terra, que affirma Arago haver duzentos e oitenta e um milhões a apostar contra um, que se não encontrará (a).

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

○ vampiro

A noite fez-se para ser temida. Assim o dizem os velhos e com razão; pois que na verdade bem povoada é ella de sustos e terrores.

É de noite, que o pio agoureiro da coruja annuncia por sôbre o telhado do moribundo seu proximo passamento.

É á noite que as bruxas, depois de se fricionarem com um liquido especial, pronunciando o classico: *voa por cima de toda a folha*, transpõem instantaneamente distancias enormes para fazerem suas travessuras.

É pelo silencio da noite que os lubis-homens, *espojando-se* no solo, tomam a fôrma da última alimaria que alli tiver feito operação identica, e vão *cumprir seu misero fado* metamorphoseados em cães, jumentos ou quejandos.

É ainda pelas horas mortas da noite que acontecem mil e tantas desgraças, sendo a maior de todas o sahirem os vampiros de suas campas... e para que, meu Deus?! para chuparem gotta a gotta o sangue dos infelizes a quem desejam por companheiros lá na outra vida.

Que Deus nos preserve de taes sympathias: não haveria resistir-lhes.

Todas estas e muitas outras historias, a qual mais absurda, prendem com phenomenos naturalissimos, porém inteiramente adulterados pela ignorancia e pela tendencia para o maravilhoso.

(a) Sr. Oliveira Marreca.

O vampiro, chamado pelos hespanhoes *perro-volador*, é uma especie de morcego de grandes dimensões, cujo corpo tem geralmente o comprimento de um pé e as azas estendidas quatro até seis.

O nariz comprido e aguçado, as orelhas nuas e ponteagudas dão á cabeça d'este animal muita similhaça com a da raposa: porém o que o torna ao mesmo tempo célebre e odioso é o detestavel hábito de chupar o sangue dos homens, ou d'outros animaes que encontre adormecidos.

É mui curioso o modo porque costuma haver-se em taes circumstancias.

Conhecendo instinctivamente que o individuo em quem pretende cevar-se está a dormir, desce-lhe aos pés, agita o ar com as azas mui suavemente de maneira que provoca na sua víctima um somno cada vez mais profundo e agradável.

Introduz então a aguda lingua n'uma veia, em sítio onde corra o sangue abundantemente, preferindo por via de regra as proximidades do artelho, e suga até que o pêso do liquido lhe difficulte o vôo.

A ferida, que d'este modo practica, não excede em diametro a cabeça d'um alfinete, não é por isso dolorosa; e como o *habil sangrador* continúa agitando o ar docemente, corre o individuo atacado grave risco de morrer exangue, antes de ter podido acordar: tal entorpecimento communica aos sentidos aquelle embalar traiçoeiro. M. da Costa Alemão

○ GATO PRETO

(Uma historia de soldados)

Sahia um dia do Sardão commandando uma diligencia para o Porto; eram pouco mais das tres horas da madrugada.

Viram já marchar uma fôrça militar de qualquer ponto, quando a luz do dia é ainda indecisa e duvidosa, quando a abobada do ceu é recamada de estrellas pallidas e amarellecidas, já quando a terra jaz mergulhada no descanso do somno, que nem ainda as aves têm começado os seus hymnos, parece que receiosas de que o dia se afugente de assustado e não quebre as trevas da noite?... Se ainda o não viram têm perdido.

É realmente uma cousa imponente e que mesmo tem seu quê de phantastico o ver moverem-se com a mesma regularidade uns poucos de homens, mudos, vagarosos, reluzindo-lhes á escassa luz da madrugada os ferros, de

que vão armados, e quebrando apenas a mudez que os cerca o som soturno e abafado de uma só passada, ou o tinir argentino de uma espada ou uma bayoneta.

Assim marchavam os meus soldados e eu os seguia na rectaguarda.

Teríamos andado dois kilometros de estrada na direcção do Porto, quando ouvi na frente da escolta uma voz, em que se denotava o espanto, exclamar:

«Oh rapazes, olhem, olhem... é o *Gato Preto!*»

A este brado de admiração seguiram-se outros dez eguaes, e eu como sobresaltado piquei de esporas ao meu cavallo, avancei para a frente e dando a voz de *alto* á força tentei descobrir o que assim tinha causado o pasmo de todos.

Vi então um vulto negro no meio da estrada. Era já quasi dia claro e eu de entre um montão desalinhado de farrapos e de sob uma cabelleira longa, hirsuta e desgrenhada, divisei uns olhos vivos e brilhantes, com um fulgor extraordinario, mas fitos, extremamente abertos e como immoveis.

Ao ver aquelle olhar, ao ver aquellas faces amarelladas e sêccas, ao ver aquelles braços descarnados e aquellas mãos myrrhadas e estendidas para mim, confesso que estaquei tambem e senti como um arripio de horror percorrer-me o corpo.

— Meu alferes, disse-me então o cabo Elvas que seguia ao meu lado, não é nada; é o *Gato Preto...* Coitada! é uma doida lá do regimento. Se v. s.^a dá licença que lhe dêmos um bocado de pão...

«Dêem, sim, dêem, tornei eu, tractando de me appear para socorrer tambem a pobre louca, em quanto todos os soldados mettiem apressadamente a mão ao burnal para repartirem com ella as suas parcas provisões.

Aproximei-me pois e vi que, sentada ainda na estrada, tinha encruzado os braços no peito e conservava o mesmo olhar esgazeado e torvo. Era ainda uma rapariga; teria quando muito vinte e oito annos. Mostrava ter sido bella, apesar do descarnado das feições e das rugas prematuras traçadas no rosto pelo dedo do soffrimento e da fome.

Ella recebeu as esmolas, que todos lhe dêmos mergulhada na mesma insensibilidade, e, quando nos preparavamos a partir, ergueu-se de repente e com um grito de desesperação e uma energia incrível, bradou:

«Minha filha... que é da minha filhinha... ella é minha, quero a minha filha, não m'a podem roubar.

Depois arrepellou-se e d'aquelles olhos que tanta impressão me tinham causado, saltaram duas lagrimas, que foram rolando pelo cavado das faces.

Nós todos ficámos mudos ao contemplar aquelle horroroso quadro de loucura até que a pobre, soltando uma gargalhada, d'aquellas que attestam a irremediavel perda do espirito, continuou com tom piedoso:

«Coitados!... vão, vão, vão lá para essas terras dos pretos... mas, não sabem?... a minha filhinha já lá não está, não... Se eu hontem bem a vi a sorrir-me do ceu... aquelle anjinho...

E ao dizer isto, sorrindo por entre as lagrimas, que teimavam a adejar-lhe nos olhos, sumiu-se por um pinhal, que nos ficava á direita, com as mãos erguidas e os olhos fitos no ceu.

Ficámos todos como petrificados; os soldados mostravam um franzir de sobrancelhas e um morder de bigodes, aonde se lia a piedade juncta ao mesmo tempo com o horror e o respeito, e eu mais impressionado do que todos, mal tive força para dizer:

«Então rapazes, que é isso?... vá, *hombro armas e ordinario-march*. É uma pobre desgraçada, coitada!...

— E bem desgraçada, meu alferes, exclamou um soldado, o 41 de granadeiros, que seguia na rectaguarda e que mais na voz e physionomia mostrava estampada a commiserção e a dor.

Era elle um rapaz na força da vida, de feições insinuantes e sympathicas, de talhe elegante e esbelto e de um trajar e modos, que accusavam o *bom soldado*.

Eu, tomando outra vez o meu antigo lugar, voltei-me para elle e perguntei-lhe:

«Então, 41, conheces esta pobre mulher?»

— Se conheço, meu alferes... Era lá do regimento. Pertencia ao 69, que foi para Ultramar.

«E sabes como ella endoideceu?»

— Se sei... mal sorteado fui eu que assisti a toda a desgraçada vida da pobre Maria Joaquina!

«Então se isso não é muito longo, conta-m'o lá.

— Meu alferes, v. s.^a manda... tornou elle, mas como custando-lhe o ter de avivar tristes recordações.

Passou a mão pela testa fazendo descahir a barretina para traz e accendendo um cigarro começou nos seguintes termos:

— Quando foi da Maria da Fonte e que o nosso regimento foi para Lisboa, havia na

minha companhia um rapaz lá da minha terra e que tinha assentado praça comigo. Era o 69. Vão aqui praças que bem o conheceram; lembras-te 23?...

— Oh! se lembro... tornou este; aquillo é que era um bom marujo... mal empregado!

— Pois, meu alferes, quando o regimento se encaminhava para a capital, o rapaz ficou doente em uma aldeiasita alli para o pé de Leiria; não me pode agora vir á ideia o nome da tal terra; mas isso não tem nada cá para o caso. Era em casa de um lavrador, que pelos modos avesava bom dinheiro e grandes terras. O 69 tinha adoecido, e o nosso coronel, como elle era bom soldado ás direitas deu-lhe licença para alli ficar até se sentir em estado de reunir ao corpo, porque o pobre do rapaz nem a cavallo se podia ter. Não sei que diabo de maleitas foram aquellas que lhe deram; eu sempre julguei que davam conta d'elle e que era um de menos para a companhia.

— N'essé entrementes chegámos a Lisboa e não tornámos a ter noticias do 69. Passei depois a granadeiros da rainha e quando foi da acção de Torres-Vedras achei-me tambem n'essa funcção. Como por alli as balas eram como terra e o rei manda marchar, apanhei então uma ameixa na perna esquerda, um pouco acima do joelho, que me ia deixando côxo para toda a vida.

— Levavam-me para o hospital de sangue quando vimos uma rapariga a chorar sôbre um pobre diabo que estava estartallado no meio do chão. As balas ferviam e assobiavam alli como cobra, mas a pobre da pequena nem as via nem as ouvia; não fazia senão gritar toda debulhada em lagrimas.

— Coitada! era uma *petiza* bem boa... Teria por ahí os seus dezeseis annos e era linda como os amores.

— Levantei-me a custo na maca, os que me levavam pararam e quizemos todos ver em que aquillo dava. Mas ella deixal-o... qual historia!... nem á bayoneta calada...

— Eu o que julguei foi que o homem ferido fôsse pae da pequena, ainda que leve o diabo os paes que levam filhas d'aquellas para o fogo.

— Sabe Deus com que dores, fui-me arrastando tambem para juncto d'aquelle grupo e vi que era um guerrilha ferido no peito e com uma arranhadura na cabeça, que lhe chegava até quasi á sobrançella direita. Os meus companheiros agarraram a pequena quasi á força para a levarem d'alli e quem hei de eu então descobrir?... O 69, o mesmissimo 69 da primeira, meu alferes!...

— Gritei logo aos meus camaradas — alto ahí!... a *petiza* pertence ao 69 do meu antigo regimento, e assim nem vocês lhe hão de fazer mal a ella, nem o hão de a elle deixar alli ao desamparo... talvez que esteja ainda vivo...

— Qual historia... aquillo levou-o o diabo... tornaram-me os outros já em acção de se pôrem a andar, porque na verdade por alli cheirava muito a esturro.

— Pois bem, gritei-lhes eu de cá, vossês têm medo?!... vão-se, vão-se e deixem-me aqui morrer mais esta praça, que é tão soldado como nós todos...

— Elles pesaram lá na ideia o meu dicto, e para encurtar razões levaram-me a mim, ao 69, que não dava amostra de vida, e á pequena, coitadinha!... que parecia um anginho, toda desmaiada, com os cabellos cahidos por as costas abaixo e com menos vida ainda do que qualquer de nós.

— Aparecemos depois tres no hospital de sangue, e graças ao nosso *mór* que aquillo é que era um homem, eu aqui estou, o 69 sabe Deus aonde pára, e a *petiza*... antes Deus a tivesse então levado para o ceu!... ella, que sem levar ferida era a mais doente, porque a modos que a sua doença era lá do coração, ella curou-se tambem, e é essa desgraçada que v. s.^a acabou de ver, meu alferes... Ai! o que nós somos... quem havia de dizer que a Maria Joaquina é hoje o *Gato Preto*!...

Continúa

A. F. de Loureiro

PSALMO

(CXXXII de David)

Do amor é sancto o laço!
O forte ao fraco ajude;
Ao irmão mais fraco escude
Do irmão mais forte o braço!

E a graça do Senhor virá sôbre elles:
Virá, bem como um oleo perfumado
Que, na frente de Aarão cahido, escorre,
Lhe inunda a barba toda, e vem descendo
Té que a fimbria da tunica lhe beija;

Virá, bem como o orvalho sôbre o monte
Sacrosancto d'Hermon, e sôbre o cimo,
O cimo de Sion, que Deus amára:

Porque sôbre as junctas fronteas
Dos irmãos, que estreita o amor,
Mais que o orvalho sôbre os montes,
Desce a graça do Senhor.

Anthero do Quental

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

III

D. SANCHO II

Enfileirámos hoje n'esta galeria um vulto notavel. D. Sancho II foi um conimbricense illustre pelo nascimento e pela posição, maior ainda pelo infortunio. A sorte deu-lhe uma coroa que a desgraça cravejou de espinhos. Cidadão sem patria, rei sem throno, marido sem mulher, não seremos increpados de adulação por lhe esboçarmos o panegyrico.

Ama-se a realeza, quando os reis a exercem como um sacerdocio; respeita-se, convertida em Gêthsemani. Ella equivale á magistratura, ao magisterio, a qualquer encargo social honrado pela inteireza do funcionario. São odiosos os abusos, e porisso os despotas; mas tambem são pueris os sustos dos primeiros republicanos de Roma, enxergando a tyrannia n'uma sombra, disfarçada em um nome.

O genio do mal não incarnou n'uma classe, mas inficionou o mundo. Degeneram as mais nobres sementes; a innocencia purissima mancha tambem as azas; a poesia, o ideal do bello, a «virgem dos anjos emula», pécca, corrompe-se por vezes, e se nos ostenta em Virgilio adúladora, servil em Lucano.

O desditoso monarcha nasceu em Coimbra pelos ultimos mezes de 1209, e estreou o throno antes de chegar á puerbidade. Foi nobre e valente soldado, e nos variados recontros que teve com a mourisma nunca o desamparou a estrella de Ourique. Victima dos erros politicos de seu pae foi menos feliz nas luctas domesticas, e arcando com a curia romana que favorecia a desleal ambição de seu irmão e o resentimento do clero, sentiu escapar-se-lhe o sceptro por entre os horrores da guerra civil.

Privado do govêrno e preferindo o destêrro a viver obscuro na patria, retirou-se para Toledo, onde falleceu em janeiro de 1248.

Casou com D. Mecia Lopes de Haro, e as circumstancias romanescas d'este consorcio parece terem igualmente concorrido para a sua desgraça. Pousando a lança perdera-se pelo amor, e os louros se lhe enredaram nas teias subteis do artificio feminil. Pelo menos a enleços e feiticeria attribuíam então o affecto que concebêra pela gentil viuva que a historia accusa de ambiciosa e dura de coração. Não falta mesmo quem a supponha connivente com os conjurados e abusando da paixão que

despertára no real mancebo. Depois do célebre raptó de Portocarreiro o rei não se tornou a junctar com sua esposa, e os curtos dias do exilio se lhe deslisaram na solidade ermos de toda a affeição.

«Bastava que el-rei D. Sancho II fôsse infeliz para não ter amigos nem defensores... acompanhada a infelicidade da circumstancia de lhe provir de uma auctoridade respeitavel, poderosa e sagrada, cujas resoluções eram tidas como ordens emanadas de Deus.» A estas palavras do cardeal S. Luiz acrescentaremos as sentencias do Sr. A. Herculano: «A desgraça é expiação, e a expiação sanctifica o desgraçado. Não seremos nós que iremos assentar-nos sôbre a lousa de um principe que morreu na terra estrangeira, trahido, abandonado... para resumirmos n'um julgamento final quaesquer illações desvantajosas...»

D. Sancho II, derribado do solio pelos raios do Vaticano, é um forte exemplo do prestigio papal na idade média. A theocracia campeava desassombrada e superior a todos os poderes, podia dizer-se que jogava com as coroas. A Roma catholica não ia longe da Roma pagan; era vasto tambem o seu dominio, mais profunda e radical a sua influencia. A cruz substituiu as aguias e, alargando os braços, abrangêra maior imperio. Era o emblema do verbo, mais poderoso do que a força. Não avassallava pelas armas, não submettia pelo terror, mas estendia-se e enraizava-se pela doutrina. Esta vencia as intelligencias e sujeitava as vontades. Da grandeza proveio o abuso; e se a voz de um eremita levantára poderosas cruzadas, não admira que uma bulla pontificia depozesse um rei.

Do respeito supersticioso pelos actos de Roma se resentem as velhas chronicas n'este ponto, bastas todas ellas de erros e calúrnias, e até de vilipendios contra o illustre proscripto.

Correu porém o tempo, e a posteridade vai fazendo justiça. A sciencia sempre vale mais do que os seus ministros; e a historia desaggrava D. Sancho desacreditado pelos historiadores. Esta com o seu criterio é que avalia imparcial as realezas e as tiaras, e sem curar de affeições dá o seu a cujo é, pondo de parte adulações, palacianas ou tribunicias, tão perigosas umas como outras.

Contradição e má fé caracterisam a narração dos escriptores antigos. Entre muitos Duarte Nunes de Leão, omitindo na chronica d'este rei factos importantes da sua administração que o honram e abonam, tracta minucioso das causas da sua queda. Desfa-

voravel para o monarcha, accusa-o de «natural remissão e frouxidão, mais para viver mettido em um mosteiro que para governar seu estado... descuidado dos negocios de seu reino, e de todo inhabil para o cargo d'elles». Todavia confessa claramente que o conde de Bolonha impetrára do papa a bulla da deposição «temendo a resistencia que podia achar» porque «como a lealdade dos portuguezes para seu rei é tão natural... sabia o conde que ainda que de seu irmão estivesse todo o reino descontente... não soffreriam bem ver-lhe tirada a administração e o imperio e ficar como homem privado...» E prosegue citando os diversos rasgos de lealdade que então tiveram logar.

Fr. Bernardo de Brito diz-nos que «quando começou a reinar era de vinte e seis annos gastados mais em cura de suas enfermidades que nos exercicios de seus antepassados...»; porém mais adiante declara *ingenuamente* que «teve alguns recontros com os mouros... rebatidos com muito damno» e que «não perderam nos treze annos que reinou cousa alguma de seu estado». E é de notar que o bom do cisterciense, talvez adrede, falseou a idade do rei que apenas poderia contar treze annos quando começou a reinar.

Outro, depois das costumadas accusações, affiança que «visitára todo o seu reino, informando-se com exactidão do modo de administrar a justiça, abolindo muitos abusos... que Chaves e suas dependencias foram entregues aos portuguezes... que tomára Jerumenna e Serpa... por meio dos cruzados uma das Baleares... e Estombar, Alvor e outros castellos, acabando por se assenhorear de Silves, tantas vezes tomada e retomada».

Por isto mesmo se vê (empregamos a phrase de J. A. de Figueiredo Ribeiro) que o seu «merecimento e boas qualidades de rei não poude inteiramente apagar a cabala de muitos dos seus vassallos, por mais que o fez martyr das ideias do seu tempo».

O consciencioso historiador frei Antonio Brandão foi o primeiro que, ainda a medo, se aventurou a defender D. Sancho das injustas arguições que pesavam sobre elle. Hoje a *Memoria* do cardeal S. Luiz e a *Historia de Portugal* do Sr. A. Herculano, e mesmo as *Memorias das Rainhas* do Sr. Fignière na parte relativa a D. Mecia, alumiam esta questão, elucidando-a com justa e desapaixonada critica.

«Vivemos n'uma epocha em que a inteira verdade dos factos e a liberdade de pensamento é emfim respeitada». A intolerancia

das opiniões expirou, porque é a opinião a rainha do seculo; e esta segura-se e fortalece-se com a docilidade e com a discussão franca dos principios. Foi ella que, em homenagem á desgraça, cingiu a fronte do nosso infeliz principe com a coroa do martyrio e puniu com as provas na mão os seus hypotheticas inimigos.

A. A. da Fonseca Pinto

Uma noite de theatro

Progressista por convicção, indifferente á lucta das facções que ahí quotidianamente se hostilizam, mais por causa d'um nome do que por uma ideia, para mim, o progresso não consiste exclusivamente n'um projecto de *melhoramentos materiales*, escapado á força de reclamações d'essa boceta de Pandora, em linguagem vulgar pasta de ministro; é que nem sempre as grandes ideias se incarnam nas grandes palavras, a prova é que na França a canção de *Béranger* exerce maior pressão sobre as massas de que a ode de *Victor Hugo*. Cousas do mundo... li com maior enthusiasmo um cartaz de theatro do que o artigo de fundo do jornal ministerial que tanto se extasia ante a *acção fomentadora* de seus amos, porque na tendencia das classes operarias para se educarem, instruirem e moralisarem auguro para o progresso mais solida *garantia*. Respeite-se o gallicismo, a sua inviolabilidade é *garantida* pela Carta Constitucional.

A moralidade é a pedra angular sobre que deve assentar toda a futura civilisação, assim como a associação a unica vereda que nos possa encaminhar á terra promettida, a nós geração incredula, Moysés da nova lei, que, avistando-a, talvez a não chegaremos a habitar.

Fechar ao povo as tabernas e espeluncas, e por meio de uma diversão, mais economica para a bolsa, menos ruinosa para a saude, chegar a instrui-lo e moralisal-o, é sem dúvida um grande pensamento; mas como pol-o em execução?

Consulte-se a historia e veja-se a perseguição que alguns dos nossos antigos monarchas fizeram ás *casas de taboagem*: abra-se o codigo phillippino, e ahí se acharão com barbara prodigalidade applicadas penas aos que prosigam em tão ruinoso modo de vida. Desgacadamente todos nós sabemos a sedução do pomo vedado, e talvez mesmo por este motivo tem passado de geração em geração, através dos seculos, mais frenetico, mais desinfrado esse brutal divertimento. Hoje a administração pública, Argos vigilante para todos os *mexericos electoraes*, tem muitissima razão em dormir o pouco tempo que tem de seu sobre estas e outras que taes *ninharias*; e ainda que assim não fôsse, os seus esforços seriam pela maior parte malogrados, porque o cauterio que não ataca a raiz não destrõe o canero.

É necessario pois que o povo o faça para o povo e pelo povo, e que o exemplo d'uns seja o motor da morigeração dos outros.

Coimbra é uma das terras que mais salutaes effeitos tem experimentado com este systema: as noites, d'antes passadas na crapula das orgias, são hoje dedicadas aos innocentes jogos philarmonicos e theatraes, e com esta nova vida a ordem, a economia e a moralidade se vão introduzindo na casa do artista, que se rehabilita.

« Eram estas, pouco mais ou menos, as considerações que nos borbulhavam á mente ao tomarmos assento na plateia do theatro da Graça na noite de 9 do corrente.

« A escolha das peças era má; ou, se ateimam muito, direi que era pessima!...

A primeira, intitulada *Martyrios e rosas*, o que tem de melhor é o nome, e na estação presente tem o valor da raridade. O auctor quiz compor uma comedia sem acção e sem linguagem, e coaseguiu o seu intento: com menos razão se têm dado por ahí alguns hábitos de Christo, porque ao menos o auctor fez... o que nem todos poderiam fazer. Antonio, velho soldado da guerra peninsular, morreria na extrema indignencia, como tantos, se sua filha com o trabalho da costura não lhe fôsse proporcionando o pão quotidiano. Uma ave de rapina porém pairava sobre o tecto d'esta pobre familia, e ambicionara-lhe seu unico thesouro, a virtude de Maria. Um rico brasileiro, incredulo como o *Fausto* de Goethe, libertino como o *D. Juan* de Byron, com damnado intento lhe aconselhava a expatriação para o Brazil; mas a Providencia sempre alerta n'esta pequena composição, vem metter de permeio o velho veterano entre sua filha e o Sr. Fonseca. Na mão luziam-lhe os canos de duas pistolas, «*eu devia mata-los*» diz elle para o negociador de escravatura branca, mas preferiu cair com um *faniquato*, como qualquer menina que tem um ataque de nervos, quando o *papá* lhe recusa um vestido da moda: verdadeiramente acho que aquella immobibilidade que conserva durante três scenas não é mais que um burguezissimo somno, porque quando acorda diz mui distinctamente «*ai! que horrivel sonho*»; ora que eu saiba não se sonha n'um desmaio. Mas o senhor Fonseca, teimoso e cabeçudo como um inglez, de quem já herdára o *spleen*, de novo mettê hombros á sua malograda empresa: d'esta vez o ouro que como premio da futura corrupção estendia a Maria foi cahir nas mãos de seu irmão Miguel, que o manda distribuir pelos pobres da freguezia. Como se vê é uma pequena variante da scena que já deixei apontada que igualmente acaba pela sahida do infeliz seductor, que vê libertar-se do jugo da miseria a desgraçada familia, a quem queria victimar, em virtude do emprêgo alcançado por Miguel.

O pensamento d'esta comedia em si não era mau, porém pobre para ser moldado n'uma acção dramatica, onde o espectador prevê d'antemão todos os lances até ao desenlace.

A execução correu fria e monotona como a composição, e a falta de um ensaiador competente notava-se sobre tudo n'alguns jogos de scena feitos de um modo excentrico e n'alguns gestos que se conformavam tanto com a palavra como se fossem inimigos capitães.

Seguíram-se os *Tres mentecaptos*. Tão repetida tem sido entre nós esta comedia que fallar n'ella aborrece: tão limitado será o nosso repertorio que não possamos deixar de assistir durante seis annos á representação de uma comedia, cujo merecimento de mais a mais é tão duvidoso?!

O *Marido singular* tem bastante chiste n'algumas scenas, e a maior parte d'ellas versam sobre engraçados *qui-pro-quos*: pertence á eschola de Scribe por todas as bellezas e defeitos, de que o maior sem dúvida é tornar-se repugnante pela sua immoralidade.

Os *Zuavos* é de um disparatado a proposito, sem novidade, sem verosimilhança, sem merecimento de qualidade alguma. O thema é o mesmo de todas essas farças que foram as delicias de nossos avós, que por ahí hoje correm impressas em papel pardo, dispu-

tando a celebridade á *Formosa Mangalona*, *João de Calais* e quejandos. Concebe-se que se escrevesse aquillo n'um momento em que Lisboa enlouquecêra pelos Zuavos; representada então deveria agradar e talvez mesmo chegar a fazer furor, tem-se visto tanta cousa!... mas o que ninguém concebe é que houvesse um actor com tal condescendencia que dêsse letra franca a um editor para publicar um peccado litterario de que a consciencia tanto o deveria arguir. Em geral agradou o desempenho d'esta comedia, e ahí em algumas partes se revelou muita vocação, que aproveitada bastante poderia dar.

Já se vê pois que temos razão em censurar a escolha d'este espectáculo, principalmente n'um theatro que deve ser uma eschola de moralidade e de instrução, e que parece ter sido criado antes para levar á scena comedias essencialmente portuguezas, como, entre outras, as de Feijó e Cascaes, e não traducções ou imitações contrafeitas, moldadas ordinariamente sobre costumes mui diferentes dos nossos, que a maior parte das vezes ternarão perplexos os artistas ao represental-as.

Não posso acabar sem rogar á direcção ou aos senhores que se encarregam da venda dos bilhetes, que acabem essa guerra de morte que fizeram a uma das mais indestructiveis leis da physica. D'esta vez confessámos que a sciencia ficou derrotada, o contendo foi maior que o continente, mas eu vi-me ameaçado de me tornar mais chato que uma folha de papelão. Isto quer dizer em portuguez corrente e lidimo que um theatro não é uma salmoeira, e que acabados os bilhetes em relação sempre com a capacidade do theatro, ninguém mais deve entrar.

Augusto Sarmento

MOSAICO

A obra prima de Homero. Homero fez Virgilio, dizem alguns, se assim é, foi a sua melhor obra.

Voltaire

Alvitre aos mestres. Não sei que benção particular deixou Deus ligada á instrução feita com doçura e amor: é um combate irresistivel ainda nos corações mais obstinados e cegos dos seus appetites.

Fr. Caetano Brandão

O amor e o casamento. O amor agrada mais que o casamento pela mesma razão que os romances são mais interessantes que as historias.

Chamfort

Explicação da charada do n.º 4: — *Pal-matoada*.

Erratas do n.º 4. Na pag. 31, col. 2, lin. 50, onde se lê — idores, leia-se — ridores; *ibidem*, em vez de dor, leia-se — do.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 6 — JANEIRO 31 — 1861



Versa est in luctum cithara mea,
et organum meum in vocem fletuum.
Job, xxx, 31

Dois gemidos são os polos sôbre que gira toda a nossa existencia, um que apregoa a vida, outro que annuncia a morte. Nascendo já o homem tem a presciencia dos infortunios que o acompanharão no seu temporario exilio; porisso o abrir e o cerrar de seus labios é sempre um grito de dor, porisso o prazer e o sofrimento são por elle revelados por uma unica expressão; uma lagrima que mareje em seus olhos é a linguagem mais natural, mais íntima e expansiva na alegria ou na adversidade.

Contar com a vida é construir sôbre o ar. Agora o sol da esperanza doura com seus luminosos raios as grimpas do encantado edificio, logo ao menor sôpro da desgraça panno a panno o vemos desmoronar, falto de base; porque a vida é a frecha que voa, a folha que tomba, a nuvem que passa; e o dia de amanhã, escoado d'entre o incerto, d'entre o occulto, d'entre o mysterioso, pode ser previsto mas não atalhado pela sciencia dos homens: ai de nós! se em vez da copa da vida nos tem de offertar o calix da agonía, se em vez da coroa do heroe circumdar nossa frente com a aureola do martyr, se em vez do leito do gôzo nos ha de recostar sôbre o potro da tortura.

A vida é muitas vezes como o som perdido no espaço que morre sem despertar o echo fronteiro, como a flor outomniça que, surprehendida pelo gear do inverno, inclina a lan-

guida corolla onde começava a conglobar-se o fructo. O homem que sôbre a terra vê cumprida a sua missão pode como Cesar, envolvendo o rosto nas dobras da toga, convertida em sudario, resignado offerecer o peito aos golpes da morte; mas o que, conscio do que poderia ser, no meio da sua carreira sente exhausta a seiva da vida, não ha de com saudade abandonar este mundo, onde o tempo que lhe foge o priva de um futuro glorioso? Não era este o pensamento que André Chenier traduzia n'essa memoravel expressão proferida já sôbre os degraus do patibulo?

Cinco d'estas malaventuradas existencias acabam de ser roubadas ao seio da universidade, onde sugavam o leite da sabedoria, cinco mancebos, mortos na flor de seus annos, no limiar das suas esperanças!...

Um d'elles, destinado a herdar o genio que tem sido o patrimonio espiritual da sua familia, saudado pelos seus mestres com auspiciosos horoscopos, inlucto a nossa terra que como terna mãe o estimava, aneiciando por dar-lhe um logar distincto entre o número de seus mais benemeritos filhos. Já que não nos é dado testemunhar seus triumphos, depositemos ao menos sôbre sua campa, como prova do que sentimos, uma saudade.

Nas fileiras academicas cinco neophitos da sciencia acabam de succumbir, Antonio Marques Henriques Passos, Arnaldo Mendes Northon, Francisco do Canto Vasconcellos da Camara Falcão, Alexandre Alberto de Sousa Pinto e Roberto Augusto Mesquita Henriques; com tristes presagios começou este anno, que entre os demais avulta já como funeraria lapide entre os jardins da vida.

Augusto Sarmento

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a produção

(Continuado do n.º 5)

O empobrecimento succedaneo dos solos não passa dos dominios ideaes da hypothese. Os climas mais insalubres, o torrão mais inerte, e até as raças mais infezadas, quando sujeitas á lei redemptora do trabalho, entram na via dos melhoramentos economicos, e a acção climatologica corrige-se, a lethargia do solo vence-se, a tenacidade vital roborá-se. É enxugando paues, encanando rios, alinhando caes e encaldeirando lagôas; é desbastando brenhas, arroteando charneças, supprimindo pousios e alternando culturas; é traçando estradas, abrindo feiras, cruzando raças e explorando minas; é desinçando os continentes de feras, despindo a hispidez ás plantas, purificando e oxigenando os ares, colonizando os tractos deshabitados — que o homem abençoa a natureza e converte a terra em nobiliario, insculpindo-lhe nas páginas seus braço e seus titulos.

Por um estatuto eterno que decreta a penalidade da sua indolencia, só pelo trabalho infunde o homem na terra a uberdade, só por elle substitue á natureza primigenia essa natureza adventicia, que o investe da opa de rei da criação, que é.

A Rhoetia, a Cimbria, a Suevia, a Norica, a Pannonia, a Finingia foram regiões alagadiças, ouricadas de florestas, cujas emanções impetavam os ares saturados de gazes ammoniacaes e carbonicos. Veio o homem e arcou com a natureza, respondendo á acção d'esta pela reacção da indústria. Expungiu-se a atmospherá, derrotaram-se as selvas, aclimataram-se os productos exóticos, desentranharam-se minas de agua, tornaram-se povoados os ermos; e o Tyrol, a Prussia, a Saxonia, a Styria, a Hungria, a Finlandia, evocados por um genio ainda mais maravilhoso que o dos contos arabes, vieram occupar o seu posto nas fileiras da civilisação.

Entra o homem no mundo com a bagagem de Bias, mas sem o seu desinteresse, trabalho de desejos indefinidos, e de necessidades sem conto. Armado de sua intelligencia, cria órgãos artificiaes, e como a Pompeu bastava pulsar com o pé o chão para rebentar um exercito, basta-lhe querer e obrar, e uma população invisivel, legiões e legiões rebentam e o coadjuvam nos combates da vida laboriosa. Parecia votado á nueza e desamparo,

e a Providencia destinára-lhe o sceptro da criação.

Não começa o homem pelo torrão mais ferace senão pelo mais facil de se laborar; não pelo que é cercado de melhores condições de productividade, senão pelo que cerca a sua habitação, não por plantios commettidos em larga escala, senão por ensaios tímidos e acanhados. Querer o contrário é desconhecer o homem, é querer ajustar a uma criança o cothurno de Hercules.

De feito, só nos ultimos seculos tem o homem comprehendido esses trabalhos cyclopeos, que repugnam com as civilisações retardatarias. O hollandez, usurpando o seu chão ás ondas sobranceiras do mar do norte, o suiso fertilizando o Valais, o toscano terraplenando a lagôa de Chiana, o maltez toucando os penedos da sua ilha de terra laboravel, revelam recursos incompativeis com a escacez que rodeia o berço das nações.

Collige-se do exposto que as povoações entradas no perimetro da vida, segundo a lei natural, acompanhadas como são de forças productoras, nunca pejam os quadros da sociedade, se a lima surda do ocio lhes não cerceia os dias. Contando para subsistirem com a terra e capital já existentes, apresentam como titulo a um logar no convivio social o tributo de poder com que contribuem para augmento do fundo da associação. Refiro-me á povoação válida. A inválida por idade ou enfermidade avalia-se pela regra do dever moral, que está acima da theoria economica.

A povoação esparsa não dispõe do manancial de recursos de que dispõe a povoação condensada. O poder é attributo peculiar a esta última. Intercalae entre dois centros de povoação separados por vastos desertos novos centros. Será como se continuasseis linhas de communicação interrompidas, trabalhos de estradas que ficaram desatados, sendo defesas por estes hiatos aos sitios remotos, aos povoados longinquos as vantagens da associação. Convem dizer em resumo quaes as vantagens da associação: é a multiplicidade das trocas, é a prosperidade do commercio, é a possibilidade da divisão do trabalho com as suas maravilhas.

De feito as estradas e a navegação foram inuteis, se não urgisse junctar o que está distante. O vapor que reduzindo as distancias torna o homem cosmopolita, a electricidade que apropinqua os antipodas, como se vivessem paredes-meias cómosco, a navegação, ponte levadiça lançada sôbre os abysmos dos mares, que relaciona os continentes, fundam

verdadeiras povoações, associando aquellas que pela distancia do oceano ou das terras eram umas para as outras como que apagadas na superficie do globo.

Quando os recenseamentos nos certificarem d'um sobreexcellente de nascimentos em relação aos obitos, podemos concluir que lhe responde um augmento proporcional na producção. Do crescimento de povoação infere-se logicamente um adequado crescimento de riqueza. D'um progresso de riqueza porém, verificado pela estadística, não se pode com o mesmo rigor arguir um crescimento proporcional de habitantes. É que se intercala aqui o ponto de dúvida e controversia sobre o modo como essa riqueza adicional é distribuida.

Depara-se-nos em Inglaterra o exemplo de um grande fundo accrescido a que não corresponde um número proporcional de familias novas, por esse accrescimento de capital não ser conquinhoado por numerosas classes. É assim que o clero anglicano desfructa um rendimento de 236,439:125 francos, ao passo que todo o clero catholico auferes somente 224,975:000 (a). É assim que a propriedade de raiz em Inglaterra está infeudada em cêrca de seiscentas familias, que seiscentos e doze pares percebem do Estado 96,598:000 francos; que o duque de Cleveland lega a seu filho, *que desherda*, dois milhões de renda; que o duque de Bedford testa a fortuna de cento e oitenta milhões; que o duque de Northumbeland tem a renda annual de 3,600:000 francos; que a do duque de Devonshire é de 2,880:000, e a do duque de Rutland de 2,520:000.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

O GATO PRETO

(Uma historia de soldados)

(Concluido do n.º 5)

«Mas a rapariga como endoideceu?... quem era ella?... como veio aqui parar?... interrompi eu, realmente interessado com a historia.

— Eu lh'o conto, meu alferes. Nós curámos-nos, eu e o 69 com os remedios que nos deram os cirurgiões, e a Maria Joaquina com as melhoras que via ir tendo o 69. Fizemos depois no mesmo corpo toda a campanha, que não sei se para bem se para mal acabou como v. s.ª sabe; a pequena acompanhou-nos sem-

(a) Cantu.

pre e toda ella era sacrificios e trabalhos para o rapaz.

— Passámos ambos para o nosso antigo 9 de infantaria, a que ainda pertengo, e a pequena sempre commosco.

— O 69 passou depois em anspeçada para a 5.ª, sahiu depois cabo para a 1.ª, e teria ainda subido mais se não fôssem cousas...

— Eu lh'o digo, meu alferes. O rapaz quando ficou doente lá ao pé de Leiria, a modos que encontrou em casa do patrão quasi um verdadeiro pae. Curára-se já, mas foi-se deixando ficar, porque aquella rapariga, que era filha do lavrador, tinha-lhe feito andar a cabeça á roda; parece que ella tambem se agradou d'elle, e o rapaz não teve forças de voltar para o regimento. Passava então por alli uma guerrilha de marcha para Torres-Vedras; era tudo gente da nossa terra; o 69 enthusiasmo-se ao ouvir outra vez o diabo dos tambores, e, como não podesse viver sem cá o municio, taes cantigas e lamurias lhe fez, que a pequena para lá deixou o pae e os irmãos e seguiu o amante.

— Mau é que ellas tenham amizade a um homem, que ninguem as segura.

— O caso é este, meu alferes; ella soffreu tudo por o 69, mas... parece que era castigo de Deus!... quanto mais fazia, menos merecia; é sempre assim...

— Teve depois uma filhita, que era mesmo o retrato da mãe, benza-a Deus... O 69 morria por a cachopita: mas parece que quanto mais amor tinha á filha, menos ia tendo á mãe.

— A Maria Joaquina bem conhecia aquillo e chorava, chorava que era mesmo uma dor d'alma... Começavam já a lembrar-lhe o pae e a terra que tinha deixado; mas prendia-a agora ao regimento a filha.

— O 69 principiava tambem a enfadar-se das lamurias d'ella, e para se distrahir recorria á maldicta *pinga*. Por mais que eu lhe pré-gava: «Antonio, tu és cabo de esquadra, vê o que fazes, homem... Olha, a Maria Joaquina é tua amiga, e tu debes-lhe muitas obrigações; *arrecebe-a*, vem qualquer dia ahi a tua baixa, tu apresentas-te ao pae, e, quem sabe?... talvez vossês venham ainda a ser afortunados...

— Ora, meu alferes, era malhar em ferro frio! O homem ia-se até fazendo *pulha* e tantas bebedeiras por fim tomou, que no cabo armou para lá uma desordem, respondeu a conselho e sahiram-lhe trinta dias de calabouço e baixa de posto. A Maria Joaquina matava-se a chorar, mas ainda era peor; elle até lhe batia por fim!...

— Ao final de contas, meu alferes, havia defronte do quartel uma venda de vinho e a taberneira era a mulher de um da 8.^a: mulher?!... qual mulher... aquillo era o diabo não era mulher!... Teve artes de fazer com que o 69 pedisse passagem para Ultramar ás escondidas de todos, e até de mim.

— Em um bello dia, quando lhe deram guia para reunir a Lisboa e embarcar, fugiu com a mulher do tal da 8.^a levando a pobre da pequenita, a quem não tinha perdido o amor. e que já contava os seus oito annos.

— A Maria Joaquina, quando deu por tal, esteve a morrer; nós os da companhia demos um tanto por praça para tractarmos d'ella, porque todos eramos seus amigos, mas não houve fôrças humanas que a segurassem; fugiu-nos; sei que foi por ahí ás esmolas até Lisboa e taes voltas lá deu que veio por fim a saber que o 69, mais a filha e a tal mulher tinham embarcado para Moçambique.

— Tomou tal desgosto com aquillo que se lhe virou o juizo, e passado tempo appareceu-nos lá em Lamego aquella doida a fallar sempre na filha que tinha ido para a terra dos pretos. Nós viemos no conhecimento de quem ella era, e o nosso commandante até lhe mandava dar todos os dias uma marmitta do rancho por ter dó d'ella.

— Agora quando o destacamento sahio lá da terra ella acompanhou-nos, mas sei que se perdeu aqui de nós e naturalmente tem por ahí vivido por os pinhas.

— Pobre *Gato Preto!*...

«E porque lhe chamam vossês *Gato Preto?* perguntei eu então:

— Isso, meu alferes, foi nome que lhe puzeram lá na companhia, porque quando lá appareceu aquella doida, que ninguem conhecia, e que nem por Sancto Antonio queria sahir do quartel, o nosso sargento mandou que a levassem á fôrça.

— Então é que foi o bom e o bonito; asanhou-se e bufava como um gato; até arranhou por lá uns poucos: parecia que tinha o diabo no corpo. Como ella tinha aquelles olhos e aquelle cabello muito pretos e vinha tostada pelo sol e pelo vento, principiaram por lá a chamar-lhe o *Gato Preto*, e assim lhe ficou este nome.

Coitada!... e seguimos a nossa marcha.

Dois mezes depois estava eu ainda em Coimbra. Um dia, á entrada do hospital, encontrei dois soldados conduzindo uma maca, aonde se descobria um vulto coberto com um capote de soldado; na rectaguarda seguia o 41 de granadeiros.

Parecia triste e angustiado.

«Então, 41, perguntei-lhe eu, vae ahí algum dos teus camaradas? tu vaes tão triste... que tens, homem?...

— Lembra-se do *Gato Preto*, meu alferes? D'esta feita parece-me que Deus teve dó da pobre mulher. Hontem fomos encontral-a, sem dar accôrdo de si, lá em baixo á porta do quartel. Coitada... parecia já morta; fria e gelada mesmo como um defuncto. Isto foi ao toque de recolher; chovia se Deus a dava... ao entrar no quartel demos com aquelle vulto lá dentro ao pé do corredor, mesmo como quem vae para as nossas casernas; estava toda molhadinha e não dizia nem *chuz* nem *buz*. Eu peguei n'ella ás costas, fui-lhe buscar a minha enxerga e a minha manta, deitei-a, puz-lhe o meu capote aos pés e passei toda a sanctissima noite ao pé d'ella lá em um quartito que o nosso sargento me emprestou. Não se moveu mais, nem disse uma palavra, só de vez em quando mechia os beiços assim como quem está a fazer uma oração. Nós aqui a levámos; Deus tenha dó d'ella!

A. F. de Loureiro

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Omnia praecepta divina referuntur ad charitatem. S. AGOSTINHO

Corria a última quadra do tempo sancto e já se aproximava de seu fim: era sexta feira de Paixão.

Lindo estava o dia a contrastar com aquelle de que era anniversario — o da morte do Homem-Deus.

Muitas senhoras adornavam janellas e varandas pelas ruas em que ia passar a procissão do Senhor-Morto; porém entre os diversos grupos de encantadoras cabeças femininas tive occasião de notar um, que de preferencia observei. Era composto de tres lindas jovens, que eu de ha muito havia symbolisado nas tres virtudes theologaes; tão robusta era a crença de uma, animada a esperança de outra e perfeita a caridade da última.

N'aquelle momento fui encontral-as a discutir com a maior seriedade qual das tres virtudes era mais valiosa. Esta coincidência surprehendeu-me, posto que já por mais vezes tivesse notado a singeleza, a innocencia e naturalidade de suas conversações.

Manifestei vivo desejo de assistir á discussão d'aquellas interessantes doutoras da egreja; e confesso que a sua presença robustecia a minha fé: o brilho d'aquelles olhos produzia-me por si só tanto effeito, como as palavras,

que meigamente se desprendiam de labios, ao parecer, divinos.

Tiveram a bondade de me expor toda a argumentação, mas quizeram que eu fôsse presidente e juiz.

A minha posição era ao mesmo tempo muito para invejar, e nada para desejar.

Como fazer justiça em tal caso?

Decidir-me-hia a descontentar duas das mais formosas argumentadoras?

Recusei desculpando-me com o difficil desimpêno de tão melindroso encargo; foram porém inexoráveis. Instaram, isto é, obrigaram-me a prometter que faria justiça; porque a taes mandatos, baptisados pela civilidade com o nome de pedidos, não sei eu se ha mortal que saiba ou possa resistir; eu não.

Estabeleceu-se portanto a questão do modo seguinte:

— Eu supôno, disse uma, que a fé, a primeira das tres virtudes, é tambem a maior d'ellas. Sem fé ninguém pode entrar no ceu.

— Mas sem esperança tambem não, acrescentou a segunda.

— Pois sem caridade é absolutamente impossivel, observou a terceira.

— É verdade, redarguiu a mais velha, que era a primeira das gentis interlocutoras, mas sem fé não só nos é interdicto o ceu, mas tambem a terra nos não offerece encantos.

— Quem apreciará a vida como um favor de Deus, se a descrença lhe baniu a alegria do rosto, e como sôpro da morte lhe fez emurhecer e fanarem-se as mais caras de suas aspirações?

— Que será a vida para o atheu senão um lidar infructifero, um mar procelloso em cujas praias o espera o aniquilamento, o nada? Só a fé nos deixa entrever ao cabo da viagem as pacíficas praias em que se goza a bemaventurança.

— Que será a vida para o sceptico senão um ermo de affeições, onde a amizade é mentira, o amor illusão?

— Para o sceptico não ha mais que o desconforto d'uma incerteza cruel.

— Que desconsoladora seria a existencia, se nos faltasse o alento, que só a fé pode ministrar?

— A mana tem razão, tornou a segunda, mas repare, que está a confundir as duas virtudes.

— É a esperança que nos anima n'este mundo e nos dirige a um fim sempre melhor. É por ella que o naufrago lucta com as ondas encapeladas, sem soçobrar. É por ella que a terna mãe experimenta as mais duras

privações para satisfazer ás necessidades do filho caro. É por ella, que se supportam os mais arduos trabalhos; porque a ella se deve a coragem e o alento de que a mana falla.

— Que seria dos infelizes, de todos os que soffrem a não lhes valer a esperança? Irremediavelmente succumbiriam. E de mais ninguém tem esperança que não tenha fé, em quanto que á fé nem sempre vem ligar-se a esperança.

— Muito bem, disse a mais nova das tres irmans, visto que chegou a minha vez dir-lhes-hei que a caridade é a unica das tres virtudes que pode conter as outras; ha n'ella ao mesmo tempo a fortaleza da fé e a coragem da esperança. Mais ainda; a elevação e nobreza de sentimento que se traduz em generosidade e abnegação de si proprio só a caridade as possui. Logo é ella a maior e a mais sublime das virtudes; logo é ella a virtude por excellencia. Não são d'esta opinião?

— Somos, somos, disseram as duas, muito satisfeitas de verem que eu dava o meu assentimento, pois que longe de querer cada uma que a sua opinião prevalecesse, só desejavam todas convir no que fosse justo e razoavel. Eram verdadeiramente tres anjos de innocencia e bondade, como hoje é difficil encontrar.

Despedi-me, fazendo votos para que Deus as preserve da corrupção que bem fundo lava já na sociedade.

M. da Costa Alemão

HA UM MEZ...

Ha um mez tambem a lua,
Despontando no horizonte,
Mostrava a limpida fronte
Em todo o fulgurar seu;
Tambem sorria orgulhosa
Ao mirar-se docemente
Sôbre o espelho da corrente,
Mas não era n'este ceu!...

Tambem as auras da noite,
Apenas era sol posto,
Vinham roçar-me no rosto,
Largando furtivo beijo;
Tambem ledas balouçavam
Verde, lustrôsa ramagem,
Mas não era aqui na margem
D'este rio que ora vejo.

Tambem nitidas boninas
Alcatifavam o prado,

E no calix perfumado
Se adormecia o jasmim;
Tambem perolas d'orvalho
Sôbre ella chovia a aurora,
Mas não no campo que agora
Se desenrola ante mim.

Teu brilho, lua, era o mesmo,
Transparente e luminoso;
Mas meu sorriso ditoso
Já não é como era então,
Porque passada a ventura,
Que gozei em curtos dias,
Da noite nas harmonias
Só leio — recordação!

Que, ha um mez, a mansa aragem,
Que tão meiga me afagava,
Nos labios sempre encontrava
O sorrir da flicidade;
Hoje a brisa que cicia,
Que murmura a meus ouvidos,
Em longos, tristes gemidos,
Só vem dizer-me — saudade:

Que eu prézo mais que a cidade
Da pura aldeia os folguedos,
Seus bosques, seus arvoredos,
Que tanto sabem dizer;
Que entre festins innocentes
Não se respira o cynismo,
Que nos arroja ao abysmo
Nas torrentes do descreer!...

Sim, eu te amo, almo retiro
De candura e singeleza,
Bemdicta da natureza,
Modesta, mimosa aldeia:
Tão formosa quando, involta
Em manto de nevoeiro
Reclinada sôbre o outeiro
Por noites de lua cheia!

.....
.....
E um mez ha decorrido! em vez dos cantos,
Da musica festiva as harmonias
Do piano as vibrações que fazem rapidas
O coração bater,
Eu leio em cada estrella um nome qu'rido
Dos que então conheci, que amei e estimo,
E o pranto que derramo vem dizer-me:
Gozaste... has de soffrer!

Venturoso pharol que te apagaste,
Da já viçosa flor myrrhada folha,
No pó do que lá vae vaes confundir-te
Nas rugas d'outra idade!

No mundo tudo passa, morre tudo;
Mas em quanto de vida um debil sôpro
O meu seio agitar, eu hei de sempre
Mandar-te uma saudade!...

Agosto ... de 1860

Amelia Janny

AS ANDORINHAS

(IMITAÇÃO DE BÉRANGER)

Do fero mouro nas ardentes plagas,
Captivo, em ferros um guerreiro diz:
Eu tórno a ver-vos, avesinhas vagas,
Que á fria quadra para aqui fugis.
Ai! andorinhas, que não pode a esp'rança
Nem mesmò n'estas regiões deixar,
Chegaes decerto da longinqua França...
Do meu paiz não me podeis fallar?

Tres annos ha que uma lembrança peço
Me deis do valle que, nascendo, vi,
Em que esses dias, que jamais esqueço,
Cheio de crença no porvir, vivi.
Juncto do arroio que fugaz caminha
Por entre margens de verdura ao mar,
Vistes a nossa paternal casinha;
Do fresco valle não podeis fallar?

Talvez alguma d'entre vós creada
No tecto fôsse que me viu nascer,
Onde ouviria, pela dor vergada,
Do filho a ausencia minha mãe gemer.
Talvez que julgue, moribunda agora,
Ouvir-me em casa de meus paes entrar;
O ouvido applica... e novamente chora!...
De tanto amor não me podeis fallar?

Está casada minha irman querida?
Vistes no dia, em que entregou sua mão,
De meus amigos multidão reunida
Cantar-lhe em honra festival canção?
E os camaradas, que comigo andaram,
Que eu vi nas guerras com valor lutar,
Todos á aldeia paternal voltaram?
D'esses amigos não podeis fallar?

Sôbre seus corpos o estrangeiro ousado
Talvez no solo nacional entrou...
Aos campos têm a assolação levado,
Já o hymeneu de minha irman turbou!
Sem mãe meus dias passarão bem tristes...
Sôbre mim sinto a escravidão pesar.
Aves, que á terra de meus paes fugistes,
Dos males seus não me podeis fallar?

Dezembro, 1860

Eugenio de Barros

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

IV

JOSÉ MAURICIO

Abra-se tambem aqui logar para um filho do povo e que d'elle nunca sahiu. O merecimento é do homem, não da classe; esta não confere distincção, aquelle nobilita talvez uma raça.

A gloria não selecta condições, nenhuma engeita, cabe em todas. Eleva-se ao throno ou desce ao colmo, e fica a mesma. Reis e populares podem ser grandes, d'aquella grandeza solida e verdadeira que a opinião aclama e assignala a historia. O elogio então não significa incenso á realeza ou adulação ás turbas, é mais do que isso, a glorificação do genio ou do trabalho.

Não é este o credo dos partidos, bem o sabemos; para uns não ha rei que possa ser homem; para outros peão que chegue a ser grande. A despeito porém de todos o individuo distingue-se e illustra-se pelo seu merecimento; e, imperante ou vassallo, nobre ou plebeu, ungiu-o a natureza, poz-lhe o sello dos eleitos e creou-o homem. Esta é a maxima nobreza, personificada no *vir* de Virgilio, palavra mystica, carmen do vidente que consubstanciou n'um som a sanctificação da humanidade.

O nome que escrevemos é obscuro mas distincto, ideias oppostas, aqui admiravelmente unidas. José Mauricio foi um musico que nos deixou legadas em harmonias da sua original composição provas irrefragaveis do seu talento creador. Mozart conimbricense dedicou-se á musica religiosa, e ainda hoje nos nossos templos resoam as notas cadenciosas do seu famoso *Miserere*.

Em que peze a muitos não é demais n'esta collecção. Filho de Coimbra, onde nasceu a 19 de março de 1752, ennobrece a patria com a sua memoria; e, se a reputação lhe não echoou longe, o tempo o vingará do olvido dos contemporaneos. Não são notaveis sómente os que apregoa a fama; na penumbra dos seculos estanceiam tambem varões insignes, e a par dos rios caudalosos sobresahe por vezes o regato de limpidas aguas.

A musica é a linguagem das sensações, e porisso alarga amplo o seu dominio. Abraça-se com a poesia que appellida sua irman, e faz brotar os fructos de tão formoso germen. Uma é a fôrma, outra o som que a ex-

prime; esta a estátua, aquella o fogo que lhe insuffla a vida. Liga-as estreitamente o mesmo laço que une a ideia á palavra, a alma ao corpo, a intelligencia ao homem; e que de ambas fôrma um todo, completo como qualquer d'aquelles, assim extenso e universal, mas sôbre todos profundo, energico e poderoso.

Nas vibrações potentes dos affectos ou na melodia suave dos sentimentos arranca dos corações as palmas do triumpho, subjuga e avassalla os espiritos, vence a mais esmerilhada e persuasiva oratoria. Variada e complexa, goza de influencia segura e infallivel condão, no templo ou no theatro, nas salas ou nas praças, na lyra pagan ou no psalterio hebreu, na harpa do menestrel ou no arrabil mourisco. Multiplica os sons como o Proteu da mythologia as formas, renasce e remoga-se como a phenix em todas as edades, entende-se como linguagem universal em todas as nações.

José Mauricio foi cultor eximio d'esta arte admiravel. Existem ainda pessoas que o conheceram e veneraram, discipulos seus e familia sua. Unanimes são todos em o proclamarem grande e «nosso primeiro rival do genio de Saltzburg»; roboram esta favoravel opinião as suas numerosas peças musicas.

Apesar de contemporaneo são desconhecidas as particularidades dos seus primeiros annos, obscuras muitas outras dos seguintes. Viveu pouco mais de 63 annos porisso que falleceu em 12 de setembro de 1815 na villa da Figueira da Foz onde costumava ir annualmente a banhos. Parece que foi mesmo no mar que o accommetteu um ataque de apoplexia, e transportado a casa pouco tempo sobreviveu, expirando nos braços de um seu sobrinho e nosso estimavel amigo o Sr. V. Mauricio de Carvalho. Foi sepultado na igreja da Misericordia da mesma villa que então pertencia ao convento de Sancto Antonio.

O Sr. Francisco Adolpho de Varnhagem, distincto escriptor brasileiro, muito conhecido pelas suas obras, em que sobresahe a excellente e accurada edição dos *Epicos Brasileiros* e a *Historia geral do Brasil*, apontou no volume segundo d'esta última como seu patricio o nosso José Mauricio, confundido e equivocado com outro musico brasileiro, tambem contemporaneo, o padre José Mauricio Nunes Garcia. Contra o *qui pro quo* acudiu logo a emendar o lapso o infatigavel auctor do *Diccionario Bibliographico*, o Sr. I. F. da Silva, a cujo espirito indagador deve a nossa litteratura relevantes serviços; e no

tomo segundo do *Archivo Pittoresco* publicou uma serie de curiosos artigos sobre este objecto. Alli nos diz o pouco que poude colher das escassas e minguadas informações que lhe forneceram amigos seus de Coimbra, d'onde compendiamos apenas alguns ligeiros traços.

José Mauricio, filho legítimo de Manuel Luiz d'Assumpção, guarda dos carcereiros da inquisição, e de Rosa Maria de Sancta Theresia foi baptisado na antiga freguezia de Sancta Justa. Em 1768 completou o curso de humanidades e matriculou-se no primeiro anno de theologia de que não chegou a fazer acto. Ha quem se lembre de o ter visto depois cursando a faculdade de medicina em que tambem não proseguiu.

Desinvolvendo-se-lhe muito cedo, pelo que parece, a vocação musical, já em 1789 regia o logar de mestre de capella na Sé Cathedral da Guarda; e por esses tempos fez uma viagem a Salamanca. Decorridos alguns annos, aspirou na patria a melhor collocação; mas vendo mallogrados os seus desejos recolheu-se ao convento de Sancta Cruz a «buscar na vida do claustro um refúgio contra a adversidade».

Proximo a completar o tempo do noviciado foi demovido do seu proposito pelo bispo D. Francisco de Lemos que, aproveitando tão insigne talento, o chamou para mestre da sua Sé, promovendo-o em seguida a professor da cadeira de musica na Universidade, a qual cadeira elle mesmo bispo restaurára. No exercicio do magisterio compoz, e deu á luz em 1806 o seu *Methodo de Musica*, dedicado ao principe regente, depois D. João VI e que por muitos annos serviu de compendio.

O tempo que lhe restava das obrigações da aula dedicava ao estudo da sua arte predilecta, e em sua casa no largo da Fornalhinha, onde ainda vive numerosa familia sua, se reunia com frequencia a mais escolhida companhia de curiosos e amadores de musica. Alli se executavam com gosto e destreza as mais bellas composições de Haydn, de Mozart e outros abalisados mestres, incluindo as do proprio dono da casa que ao menos, no sentir dos seus amigos, pouco ficavam devendo ás dós melhores.

No citado *Archivo*, d'onde extractámos este resumo, vem egualmente na relação das mais notaveis das suas peças de musica religiosa e canto de órgão.

José Mauricio, diz o mesmo artigo, era homem de estatura ordinaria, porém mui grosso e reforçado: rosto redondo, e notavel por sua

gravidade e compostura. A necessidade o obrigava a servir-se de oculos fixos, usando-os principalmente quando regia ou tocava. Trajou constantemente, assim no exterior como dentro de sua casa, habitos talares ecclesiasticos, posto que nunca recebeu senão as ordens menores, ignorando-se o motivo porque deixou de receber as sacras.

Foi amigo do doutor José Monteiro da Rocha e d'elle recebeu lições das sciencias auxiliares da musica, cuja cultura foi, como dissemos, o exclusivo cuidado de toda a sua vida grangeiando por meio d'ella uma solida e segura reputação, que o torna um dos filhos mais illustres de Coimbra.

A. A. da Fonseca Pinto

MOSAICO

O atheu. O atheu é como o engeitado que não conhece seu pae; é como o animal bruto, commensal no banquete da natureza, que não cuida, nem pergunta pelo seu bemfeitor.

Marquez de Maricá

Os dois requerentes. Queixava-se um requerente a outro de que um juiz sendo pobre gastava como rico; e nomeando suas ostentações, rematava com dizer: pois isto, senhor, de que sahe?—E o outro lhe respondia: do que entra. Tornava o queixoso e dizia: senhor, não fizeram assim seus passados; e o outro lhe respondia: não, senhor, mas fazemo os nossos presentes. D. Francisco Manoel

A necessidade. Não ha cousa tão difficilissima, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade. Padre Antonio Vieira

Aos falladores. Disse Seneca: muito aproveitosa á quietação fallar pouco com os outros, e muito consigo. Heitor Pinto

O passado e o futuro. O homem não tem senão o passado e o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer. V. d'Almeida Garrett

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Sampaio, A. Saraiva de Carvalho, A. Telles, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 7 — FEVEREIRO 15 — 1861

PAUPERISMO

INTRODUÇÃO

Differem as nações, além d'outras características, pelo agrupamento dos seus naturaes em cada um dos tres periodos da idade do homem, não se devendo tombar só o valor arithmetico, senão tambem, e nomeadamente, o *qualitativo* dos seus habitantes. De duas nações eguaes no número de almas será mais valiosa aquella, que mais soldados recrutar para a milicia trabalhadora, porque a debilidade em que vegeta a infancia e adormece a velhice, não pode criar valores nem accumular capitaes. Dentro do círculo dos adolescentes e adultos varia ainda o grau de efficacia laboriosa, segundo as instituições, a uberdade do solo, a raça, o clima e mil outros accidentes. Assim, a diligencia e esmero do operario inglez vence grossos salarios em menos horas de trabalho do que se exigem fóra do seu paiz, sem quebra para o assalariante, ao passo que a desidia e incuria do obreiro irlandez vence em mais horas um salario, que é copulativamente mesquinho para quem o recebe, e para quem o paga excessivo.

Estas differenças momentosas omitta-as a geographia politica, substanciando as mais repugnantes disparidades n'uma synthese absurda chamada — nação; absurda, porque a heterogeneidade de valores e edades, que compõe cada povo, testemunha ser ficticia essa unidade perfilhada pelo vocabulario da estadística geral, unidade que conviria substituir

por classificações pautadas pelas das sciencias naturaes, grupando factos identicos ou analogos, que nos orientassem ácerca das oscillações dos obitos e nascimentos.

É no quinquennio inicial da existencia, que a morte mais frequente colhe da árvore da vida os fructos da maternidade; as tabuas da mortalidade ajustam-se em attestar copiosos os obitos d'esta primeira infancia. Este veto intimado á multiplicação pela morte decresce em energia gradativamente, pois cada anno addicionado ao fundo da idade jacente é uma resistencia, cada vez maior, que reage contra a lei reductora. Devolvida esta quadra semeada de sinistrós, a descensão accelera-se providentemente até aos quatorze annos, sem o que ninguem atingiria a estação da força e da nubilidadade. No seguinte periodo, que mede nove lustros, ha uma uniformidade arithmetica, uma certa lentura na abstenção da morte para o que ella foi de severa no noviciado da existencia; mas essa uniformidade é fallaz, porque á medida que se perlustra o estadió dos annos o círculo abrevia-se, os sobre-viventes rareiam, e, por egual que seja no anno corrente a somma das unidades apagadas á que foi no anno preterito, os obitos crescem relativamente, porque a lei dizimadora ópera sobre uma quantidade de vidas, que se simplifica de continuo. Dos sessenta annos em diante a morte abate com a velocidade do primeiro periodo os decanos da povoação.

Em certos paizes, provincias e concelhos, chegam os obitos ao triplo de que chegam n'outros de equivalente número d'almas. Este excesso de mortalidade é symptoma d'um mal, que lavra nas entranhas dos povos, cujo ap-

pellido é *pauperie*: da repressão d'esta pende o incremento da vida média, e d'este incremento impende a composição de edades e grupos de povoação mais congruentes ao fim civilizador. Com o decremento dos obitos cresce a povoação válida — adolescentes e adultos, consentindo a morte, moderadora suprema das funcções genitae, que se prorogue a existencia já da idade tenra, já da idade média, já da idade propecta; aqui, dando accesso a maior número d'entre a infancia para vestir a toga viril do trabalho, alli, consentindo que o tempo cinja aos adultos a fronte com a grimalda das cãs, além, na margem extrema dos annos, alongando os dias dos anciões até á longevidade patriarcal.

A somma em abstracto dos nascimentos não nos pode esclarecer sôbre a vitalidade d'um povo, porque o seu pêso na balança das nações depende do pêso negativo que a morte lança na outra concha. Multipliquem-se os nascimentos, se a morte lhes não concede que vinguem, serão verdadeiros multiplicadores de indigencia e aviltamento. Todo o capital dispendido com estas gerações, que não chegaram a balbuciar o verbo da vida, sepulta-se debaixo da mesma pedra tumular com os devedores insolúveis d'elle, desbaratando assim o fundo alimentario das gerações posteriores (a).

Havendo pois grande número de vagas nas fieiras dos vivos, antes que estes se acerquem da maturidade, e sendo mui grave a oscillação da taxa *comparativa* dos obitos, podemos na confrontação do número dos nascimentos com o dos obitos, que o cerceia, ter um estadiometro seguro para contar os passos ao pauperismo.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

THERMOSIPHÃO DE CALDEIRA TUBULAR

Il est aux anciens thermosiphons
ce que sont les canons rayés aux
pièces des anciens modèles.

NAUDIN

Destinada a prover ao bem-estar do homem pela satisfação das necessidades successivamente crescentes que elle experimente, a indústria encaminha-se sempre a economisar capitaes, tempo e trabalho, ou, para dizermos tudo n'uma palavra, a economisar esforços, capitalisados ou não.

Cada melhoramento, que n'uma operação

(a) Sr. Oliveira Marreca.

industrial qualquer se introduza, é um grande passo no caminho do progresso da humanidade, poupando, como poupa, as forças do homem n'um ponto, para deixar dirigil-as a outros, aonde ellas ainda não haviam podido chegar, absorvidas, como estavam, na satisfação de antigas necessidades, a que, depois d'esse melhoramento, com pouco custo se satisfaz.

Esta tendencia de todo o movimento industrial, instinctiva nos povos menos cultos, e filha d'uma razão esclarecida nos mais civilizados, manifestando-se sempre, d'uma maneira ou d'outra, realisa ali todos os dias, nos agentes mechanicos que empregamos, aperfeiçoamentos novos, cujo conhecimento assim a todos importa, mais ou menos, por mais remota que, á primeira vista, pareça a relação que se dê entre o aperfeiçoamento realiado e as mais communs e conhecidas precisões da vida.

É por isso que hoje aqui registámos uma notavel e feliz modificação operada na construção do thermosiphão, apparelho mais geralmente, e com maior vantagem, empregado para o aquecimento d'estufas.

Aproveitando a mudança de densidade que na agua, como nos demais liquidos, se effectua por virtude da acção do calorico, mudança que faz com que uma camada d'agua aquecida tenda a occupar a parte superior dos vasos em que se contém, sendo substituida na sua posição por outra camada de agua mais densa — o thermosiphão, usado até agora nas estufas, reduz-se essencialmente a uma caldeira da parte superior da qual sahé um tubo, que, mais ou menos longo, segundo o espaço a que se destina, vem terminar juncto ao fundo da mesma caldeira, dando logar a que a agua quente circule, irradiando no seu trajecto o calorico que recebeu.

Mas a massa d'agua encerrada n'uma caldeira volumosa não só aquece lentamente, gastando tempo e desperdiçando calor, mas ainda exige assim mesmo um largo e intenso fóco calorifico, cuja alimentação demanda avultada quantidade de combustivel e vigilancia constante.

É a estes inconvenientes que veio obviar a modificação introduzida no apparelho de que fallámos, modificação que se deve a MM. Weeks e C.^a, de Londres.

Em vez da antiga caldeira tem o novo thermosiphão um cilindro ôco, formado de tubos verticaes de pequeno diametro, quasi unidos uns aos outros, e que communicam, em cima e em baixo, com dois outros circu-

lares, que terminam o cilindro, o qual assenta sobre outros tubos horisontaes.

Sobre estes exerce a sua principal acção um pequeno foco calorifico, que ainda vae aquecer os verticaes, por effeito da fórma ôca dada ao cilindro por elles constituido. Com o tubo circular superior communica o que deve percorrer toda a estufa, e que termina no outro circular inferior.

D'este modo, cheia d'agua a caldeira tubular, com a multiplicação das superficies, que permite a maior absorpção possível do calorico, e conservando-se separada cada columna d'agua, que, aquecida quasi instantaneamente, vae logo circular no interior da estufa, consegue-se manter n'esta uma temperatura elevada, havendo só diminuta despesa de combustivel, consideravel economia de tempo, e muito menor trabalho, podendo tambem além d'isso graduar-se a temperatura da estufa como se queira, em qualquer occasião, com a maior ou menor actividade dada á combustão no foco calorifico, actividade maior ou menor, que immediatamente faz sentir os seus effeitos, d'aumento ou diminuição de calor, na mesma estufa.

Os resultados práticos obtidos já pelo emprego do thermosiphão de caldeira tubular abonam a excellencia da sua construcção, e, entre outros exemplos que poderíamos produzir, bastará dizer que um d'estes thermosiphões de que elle, M. Houtte, em Gaud, se serve, alimenta tubos d'aquecimento, que nas suas circumvoluções tem uma extensão de cinco kilometros.

As importantes applicações que podem dar-se ás estufas, fazendo-as servir já á conservação de preciosos vegetaes, importados de outras regiões, já á criação de variedades novas, que possam produzir-se por meio de bem combinadas alterações de temperatura durante as diversas phases da vida vegetativa, dão a medida do interesse que deve merecer o apparelho que descrevemos, e que é chamado a representar o principal papel na existencia das mesmas estufas. Para o recomendar não é pois mister encarecel-o, basta mencioná-lo.

Comtudo, terminando, acrescentaremos que, como não é só em estufas propriamente ditas que elle pode servir, mas sim até no aquecimento de casas de habitação, e, n'uma palavra, de qualquer local onde, para qualquer fim, se queira uma temperatura elevada — o thermosiphão de caldeira tubular torna-se ainda mais interessante, pela multiplicidade dos usos a que pode destinar-se.

M. A. de Figueiredo

EL-REI PERDOA

Ao contrário de muitos logares estranhos e domesticos, que de tristes e tenebrosos nas eras passadas foram, pelo braço gigante do povo, transformados em casas de folgado e passatempo, o Limoeiro de Lisboa, de paços reaes, onde monarchas, donas e cavalleiros do segundo e terceiro seculos da monarchia portugueza faziam seus brilhantes saraus, foi mudado em cadeia, em habitação de soffrimentos e supplicios.

Nos principios de 1484, que é a epocha em que se passaram os acontecimentos que esta pequena historia narra, já a metamorphose se havia operado. D. João II habitava os sumptuosos paços d'Alcaçova, ou castello; e os crimes civis e politicos, imaginarios ou reaes, haviam atulhado de presos a antiga moradia de nossos reis.

Os crimes politicos eram os que principalmente lhe davam n'esse tempo uma triste celebridade. Entre D. João II e a nobreza de Portugal travára-se mais aberta e viva do que nunca a lucta do feudalismo com o absolutismo monarchico. Imitando em tudo a politica, mas em nada, ou em muito pouco a refinada e cruel hypocrisia de Luiz XI de França que tinha sido seu contemporaneo, D. João II ia passando uma terrivel e cortante razoura sobre a classe, então mais orgulhosa e muito menos prestadia que outr'ora, da fidalguia portugueza. Em Junho do anno antecedente na praça d'Evora sobre um grande e luctuoso cadafalso o rei mandára executar o assassinio juridico do duque de Bragança, á vista de todo o povo e ás onze horas da manhan, e em Agosto d'este anno, quasi ás occultas, de noite, n'uma camara de seus paços em Setubal, devia elle pessoalmente assassinar o duque de Vizeu.

Os excessos dos nobres, o despotismo e quasi completa independencia da corôa com que elles regiam os seus coutos e honras, e o jugo que faziam pesar sobre os populares obrigaram estes a rodearem o throno e odialos á elles do mais fundo do coração. As maximas monarchicas e de puro absolutismo dos imperadores e dos papas — no direito romano e canonico, então muito em voga, e já quasi a unica legislação civil e criminal das nações cultas, infiltraram-se no animo dos reis e dos ministros, e todos estes aproveitaram o odio do povo, já então mui poderoso, para destruir o poder da nobreza, que havia

tantos seculos contrabalançava e até excedia o seu.

D. João II estava n'esta lucta que era tambem do povo, mas de cuja decisão só os reis haviam por tres seculos de collier os fructos.

A nobreza travára íntimas relações com a côrte de Castella e tramavam ambas, segundo se dizia, contra a independencia de Portugal, esta independencia que tanto sangue e tantos sacrificios custára ao povo portuguez e que elle tanto amava. D. João II aos olhos do povo defendia os direitos dos populares e a nacionalidade; era pois duplicadamente bem-quisto: tão popular como fôra D. João I, e muito mais do que seu avô e seu pae.

As relações da nobreza com a côrte de Castella tinham obrigado ambas a enviarem reciprocamente emissarios de confiança. Dos emissarios castelhanos, ainda que nunca foram completamente descobertos, porque, homens de astucia e rija tempera, jámais revelaram os segredos de tal conspiração, alguns foram presos e justicados em Portugal por leis rigorosas e crueis mesmo, que, n'aquelle tempo, e sôbre tudo para aquella especie de crimes, eram, quasi sempre, a vontade energica de D. João II.

Um d'estes agentes do govêrno de Castella e dos mais importantes e perigosos estava preso no Limoeiro; era guardado com a maior consideração e vigilancia; e os desembargadores da *Casa da Justiça*, presididos pelo proprio rei, apressuravam-se a remetel-o com todos os preceitos e formalidades juridicas d'esta para melhor vida.

Era ao descahir da tarde de um formoso dia de primavera. O fidalgo castelhano prisioneiro passeava a passos largos e agitados no seu vasto aposento, situado ao lado do sul da cadeia real, alumiado por uma larga janella com uma columna ao meio, que ligava dois arcos ponteagudos e canellados, por onde, através d'uma forte grade de ferro, se via o Tejo e o negrejar ao longe da margem esquerda. A sala era assobradada, com as paredes forradas dos pannos variegadamente bordados de arrás e o tecto de castanho muito arrendado; alguns simples tamborettes e juncto á janella uma grande cadeira de braços com muitos labores tudo de madeira escura, couro e pregaria amarella, uma grande mesa de carvalho e um leito com amplos cortinados eram toda a mobilia do sombrio, mas quasi sumptuoso carcere.

O preso era de uma estatura regular, barba e cabellos pretos, a tez d'um moreno pallido

e bello, os olhos castanhos, um pouco encovados, mas vivos, o nariz aquilino e os beiços finos e sumidos. O seu traje era escuro e simples; entre o do cavalleiro e o do letrado. Mostrava ter trinta annos de idade pouco mais ou menos, e havia em toda a sua figura um certo ar de nobreza, que á primeira vista attrahia; mas considerado mais de espaço notava-se-lhe um não sei que de astucia, de suberba e até ferocidade que muito destruíra a primeira impressão.

Estava agitado e murmurava baixo algumas palavras soltas e sem sentido para quem as ouvisse. De quando em quando parava defronte d'uma pequena porta de carvalho almofadada, a unica do aposento, e escutava o passo regular da sentinella que guardava o corredor.

De repente os passos d'esta pararam, o preso ouviu um conversar baixinho e rapido, depois a porta abriu-se, deixou entrar um vulto e mostrou a figura athletica do soldado, que de novo fechou a porta sôbre si.

A personagem que entrou na sala tirou o largo manto de lan preta que a envolvia e mostrou-se qual era. Então o fidalgo castelhano, até ali parado, em silencio e ansioso ante a porta, exclamou, mostrando alegria e ternura.

«Ora! bem vinda sejaes, Carolina!»

Carolina era uma menina de dezenove annos quando muito, alta, esbelta, o rosto d'uma brancura offuscante e uns grandes olhos negros, meigos e vivos. Trajava com a maior simplicidade um longo vestido branco apertado por um cinto de seda preta. Os cintos eram uma das tres cousas em que D. João II permittira ás mulheres usar de seda; as outras duas eram os sainhos e os bordados dos vestidos; em tudo mais era prohibida, assim como outras tafularias para d'est'arte cortar pelos demasiados gastos, que na côrte e em todo o reino, se faziam em sedas e brocados, chaparias, bordados e canotillos, como diz a Chronica. Sem ser conhecida como sciencia, nem com o nome, apparatus e voga que hoje tem, a Economia Politica ensinava então a todos os governos o systema prohibitivo.

Carolina era a filha unica de João Baço, o qual occupava ao tempo d'esta historia o cargo, senão muito honroso pelo menos de grossa renda e confiança, de carcereiro da cadeia de Lisboa. Carolina fôra educada desde creança com uma sua parenta affastada, Violante Nogueira, dona de muita virtude e commendadeira do mosteiro de Santos, e recebêra

ahi, com grande aproveitamento, as mais esmeradas lições tanto de letras como de artes feminis que as boas freiras de então lhe podiam dar. A grande epocha da nossa litteratura havia de ser no seculo seguinte; comtudo já então as letras eram tidas em grande conta; muitas donas e cavalleiros as cultivavam, e uma classe sahida dos populares, a média d'aquelles tempos, unicamente por ellas recebia consideração e riquezas; era a dos letrados e sabedores, cujo poder e influencia já offuscavam a nobreza militar.

Carolina, tendo sahido, havia seis mezes, da clausura, dotada de um espirito entusiasta, mas obrigada por muito tempo a occultar no fundo do peito os affectos mais vivos, como pela indole e educação, tudo pelo lado bom, bello e generoso, amára D. João de Avilez (assim se chamava o castelhano) apenas o vira com as suas maneiras nobres e gentis, e poctisado de mais a mais pela perseguição que sôbre elle exercia o governo, e que ella julgava injusta.

As recommendações de toda a côrte, a riqueza, affabilidade e letras de Avilez captivaram o ânimo de João Baço de tal modo, que este commettêra a imprudencia de deixar sua filha passar todos os dias longas horas a sós com o preso. Folgára até o extremoso, e porisso tambem indulgente pae, de poder facultar á filha estremecida de seu coração a convivencia com pessoa, cujos conhecimentos e fallas mais que de nenhuma outra na cadeia se quadravam com a educação elevada que ella receberá.

Com o tempo e intimidade augmentára o affecto de Carolina, e na epocha d'esta historia ella amava o castelhano com toda a vivacidade de um primeiro amor, com todo o transporte e delirio mesmo de uma alma que a põesia e o ascetismo do claustro tinham desvairado. Aspirava no seu espirito romanesco por occasião opportuna em que podesse provar o seu amor, em que, arriscando ou dando a sua vida para salvar a do homem que ella amava, lhe demonstrasse incontestavelmente qual o affecto profundo que lhe consagrava da alma.

D. João d'Avilez não ponde deixar de se affeiçãoer um pouco para com tanta belleza, ingenuidade, illustração e virtude como a de Carolina; mas não a amára. Conhecêra, porém, e facilmente, o seu amor; soube que tinha grande ascendencia no espirito do pae, e pensára sempre que aquella menina, além de o entreter e recreiar no isolamento e tristeza da

prisão, lhe poderia talvez servir de muito, sendo condemnado á morte, como sempre receára, attento o character do rei e a natureza da conspiração de que muitos indiciós o accusavam. Affagára-a pois, como a sua última esperança; fizera-lhe persuadir que muito a amava; ateara-lhe quanto ponde a chamma no coração, e ainda que, talvez por um resto de nobreza d'alma,—ou por um refinamento de astucia,—sempre a respeitasse, tinha comtudo, e pode ser tambem por isto, a vida e a vontade da donzella como presas d'uma palavra sua, de um lampear mesmo de seus olhos; tanto é fragil, porque demasiadamente é sensível a indole da mulher, sôbre tudo donzella, inexperiente e apaixonada.

— É verdade que tardei um pouco, senhor cavalleiro..., (respondeu Carolina á exclamação que o castelhano soltou ao vel-a) mas é que as novas que tinha a trazer-vos mais me retardavam do que apressavam os passos.

«Boas ou ruins trazidas por vós, Carolina, sempre me são agradaveis, vinde. E dizendo isto com amabilidade e galantaria, mas tambem com certa anciedade concentrada, a tomou pela mão, conduziu-a á cadeia de espaldar, longê da porta para que a practica que ia ter não fôsse ouvida no corredor, e sentando-se n'um tamborete juncto de Carolina, disse-lhe: Contae lá... São noticias da Casa da Justiça do vosso mau rei?»

— Mau!... mau o dizeis vós senhores fidalgos de Castella, e mau o dizem tambem muitos dos senhores de Portugal; mas bom e perfeito e magnanimo o appellidam os clérigos, os letrados e populares d'este reino... eu por mim não sei... mas desde o berço me ensinaram a pedir a Deus pelos nossos reis, e ha quatro annos, desde a segunda aclamação de D. João II que nem um só dia deixei de rogar á Sancta Virgem que o illumine e guarde.

«Pois que guarde, que tem de que... murmurou elle em voz baixa, e depois continuou alto com a voz ameigada, e sua habitual sagacidade:

«Mau, o dizia eu, pelo mal que me faz a mim; no resto quero-lhe tanto, como a minha querida Carolina que não pensei tão dedicada á pessoa do seu monarcha... mas deixemos isto; dizei lá, que más novas são essas que me trazeis.

— Ai! más é muito más, disse ella, tornando-se triste, os desembargadores da Relação da Côrte deram por averiguado que vós ereis agente do governo de Castella, que tramaveis com a nobreza de Portugal contra o rei e

contra a independencia do reino, o que eu não posso de modo algum acreditar, e...

«E que?!... dizei, suffoca-vos o pranto, tão amargurada é a noticia?

— Oh! sim!... e das mais cruéis!

«Então qual?... já, quasi sem me ouvirem, fui porventura eu condemnado?

— Ainda, não, mas, dizem, que o sereis ámanhan... e... e á morte! E Carolina, occultando o rosto com as mãos, repetia entre afflictivos prantos.— á morte!... á morte!

Uma lividez mortal cobriu o rosto do fidalgo castelhano, e este, com os braços cahidos e entreaberta a bocca, ficou extatico.

Estiveram assim por um momento. Depois repentinamente Carolina levantou-se e exclamou:

— Não! não haveis de ser morto, que o não quero eu!...

O de Avilez admirado olhava para Carolina, que em pé, com os braços estendidos para elle, e o rosto animado pela vivacidade de um affecto profundo estava magestosamente bella.

— Não haveis de ser morto; que vós não sois rebelde nem traidor, nem conspiraes contra a independencia de Portugal, que vos deu hospitalidade... seria uma acção tão negra, que eu mesmo, que tanto vos amó não poderia perdoar... os desembargadores enganaram-se!... e enganaram o seu rei!

E depois, moderando-se, e pondo com ternura a mão alvissima e quasi transparente sôbre o hombro do cavalleiro, que ainda se conservava sentado, proseguiu:

— Já m'o tendes dicto muitas vezes, nas suaves horas que aqui temos passado junctos a conversar e ler, mas tornaes m'o a repetir—vós não sois conspirador? vós não conspiraes contra a independencia de Portugal? não? (e com a maior anciedade repetiu:) não conspiraes? pois não?

E o castelhano mentindo a tanta ingenuidade e affecto, disse energicamente e levantando-se:

«Não! quem conspira contra a independencia da vossa patria, Carolina, não são os fidalgos castelhanos, não é a côrte de Castella; mas sim os nobres e alguns dos ricos prelados de Portugal; nas alcáçovas de seus coutos e honras, nos paços das suas cathedraes ou nas cellas dos mosteiros, uns e outros vêem desconfiados e receiosos o poder real ir-lhes tirando um a um todos os seus privilegios e regalias, e fazem quanto podem para os defender, e querem até para os conservar vender a sua patria aos reis de Castella. Mas eu não vim a Portugal para nada d'isto:

quando o marquez de Monte-mór, condestavel d'este reino, falleceu em Castella, apaixonado, como sabe, por D. João II ter, julgando-o rebelde, mandado em Abrantés desauthorar sua estatua, degolal-a e queimal-a, encarregou-me, poucos momentos antes de morrer, de vir a Portugal procurar uma sua filha bastarda e entregar-lhe um grosso legado. Chegando a Lisboa para melhor cumprir o negocio a que vinha fui algumas vezes a casa do duque de Vizeu; el-rei suspeitou d'estas visitas, soube que eu era amigo do marquez de Monte-mór, que vinha a Lisboa a mandado seu, acreditou que eu conspirava com os fidalgos portuguezes contra a sua côrta e contra o seu reino, mandou porisso encerrar-me n'esta prisão e processar-me. Eis a verdade, com toda a singeleza do meu coração, com toda a lealdade de um cavalleiro hespanhol; e mui vil seria eu se á mulher que ha dois mezes é para mim uma enviada do ceu, e a unica que em toda a vida eu hei amado... mui vil seria se lhe mentisse... Ah! mas agora a minha sentença de morte será dada, e não ha que esperar clemencia de João II visto o seu genio, e o caminho que vão tomando as cousas publicas. Só em vós Carolina, na generosidade e justiça do vosso coração, no affecto que vos hei podido inspirar e que me dizeis profundo é que posso ter alguma esperança de ser salvo!... Se me salvardes, dar-me-heis a vida, e ao vosso rei e á vossa patria fareis um servico maior ainda, evitardes que derramem o sangue de um innocente, que pratiquem um assassinato de que infalivelmente Deus lhes havia de pedir restrictas contas no futuro.

E o castelhano disse com tão simulada convicção, com tal vehemencia e enthusiasmo este longo arazoado de mentiras, que a pobre donzella já muito inclinada pelo affecto que lhe dedicava a julgal-o innocente não teve mais sôbre isso a minima dúvida; tomou entre as suás a mão do ardiloso estrangeiro que elle tinha estendida e levantada para o ceu, fingindo réter a colera de Deus proxima a cahir sôbre a nação portugueza, e disse-lhe:

— Creio em vós, e creio do coração, porque as vossas palavras a elle me vão direitas; tudo farei para vos salvar; mas vós sois homem, mais velho do que eu, experiente e muito sabedor, tendes ingenho para tudo, pensae lá... como poderei fazer para vos abrir as portas d'esta prisão, a mais guardada do reino, a vós o mais vigiado de todos os presos?

«Sentemo-nos e vejamos, respondeu elle.

(Continúa) e o nome do autor Bernardino Pinheiro

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

II

ARMAS DOS APPELLIDOS DE SAAVEDRA

E SOUTO-MAIOR

Villas-Boas na sua Nob. Port. assignando as armas que competem ao appellido de *Souto-maior*, diz: Saavedras *usam das mesmas armas*. Respeitando, como devemos, a auctoridade de tão distincto escriptor, como foi Villas-Boas, não podêmos deixar de dizer que não foi exacto, porque as armas que descreve a pag. 333 como do appellido de Souto-maior são as que em regra cabem ao appellido de Saavedra; não sendo tambem exacto que os de Souto-maior usem das mesmas armas d'aquelles, posto que a sua descendencia lhes venha do mesmo tronco, de Garcia Mendes Soredea, como refere o conde D. Pedro no tit. 75 (a).

Seguindo o auctor da descripção do reino de Galiza, e varios nobiliarios de Hespanha, vamos apresentar a descripção dos braços d'estes appellidos, e as suas differenças.

Saavedra. *Tem por armas, em campo de prata tres faxas (b), estas divididas em cinco peças sendo a do meio de ouro, e as dos lados jaqueladas (c) de ouro e vermelho. Timbre leão de prata com as faxas das armas.*

Souto-maior. *Tem por armas em campo de prata tres faxas, estas divididas em cinco peças sendo a do meio de negro (d) e as duas dos lados jaqueladas de ouro e negro. Timbre leão de prata com as tres faxas das armas.*

Deu origem á mudança d'estes escudos a seguinte historia, que encontrámos nos já citados auctores.

(a) Men Paez de Soredea servio al-rey D. Alonso VIII hallose en la conquista de Almería: poble el valle de Soto, que era suyo, y llamole Soto-mayor, de que tomaron sus decedentes el appellido. Aponte, *nót. ao Nob. do conde D. Pedro ao tit. 75.*

(b) Faxe é uma peça que atravessa o escudo do lado direito ao esquerdo: é de primeira ordem na heraldica. Du Parois, *Cod. Herald. cap. V. Villas-Boas, Nob. Port. cap. XXVII.*

(c) Jaquelado é o escudo axadreado das côres que se mencionarem.

(d) Negro ou sinoble é a terceira côr mais honrosa no braço; representa ella nas virtudes a fé, nos elementos a terra, nos planetas Saturno, nos metaes o chumbo, nas pedras o diamante, nas arvores a oliveira: significa tristeza por ser a côr que mais longe está da claridade, e por este motivo se tomou como signal de lucto e dor; sendo obrigado o nobre que esse seu escudo tiver esta côr a defender as viúvas e orphãos, e todos aquelles para quem a fortuna lhe não sorriu. Vera, *Origem da Nobr. cap. V. Haro, Nob. tom. 1, part. 1. Eysenbach, Hist. du Blas. cap. V.*

Souto-maior servia os reis de Hespanha, como fidalgo da primeira nobreza que era, tinha a seu cargo velar pelo moço infante: um dia negro e pesado lucto cobriu os paços reaes de Hespanha, era o infante que tinha deixado de existir, victima d'um desastre perpetrado pelo seu aio.

Souto-maior muito sentiu este caso; e tão sinceras eram as suas lagrimas, que alcançou o perdão do rei, pois magoado de tamanha desventura, voltára ao seu solar de Galiza, para não mais sahir d'elle.

Souto-maior não quiz que esta triste memoria cahisse no pó do esquecimento, não, elle cobriu o seu braço de negra côr, que ainda hoje recorda aos seus descendentes qual foi o seu muito penar.

N'um tronco duas casas veremos filiadas,
Que são as de Saavedra e Souto-maior;
Um d'estes ao infante do reino, ao menor,
Matou por desastre nas regias moradas.
Porém suas culpas lhe são perdoadas
Por feito animoso e dizem que astuto,
D'aqui suas bandas se tornam em lucto,
Ficando o irmão co' as suas douradas.

São os versos de um poeta hespanhol que cantou esta desgraçada historia, e que confirmam o que levámos dicto: se falso ou verdadeiro não o sabemos; mas o que temos toda a certeza é que os nobres de Hespanha que usam d'este honroso appellido têm as armas que havemos descripto (a); e passando a Portugal (b) sem dúvida não usariam d'outras armas.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

X Ainda uma noite de theatro

No meio da vida sensabor que ultimamente se está passando em Coimbra o cartaz que annuncia uma noite de theatro é por todos festejado com um unisono *hurra!* porisso que vem quebrar a monotonia d'esse viver sempre o mesmo, sem mudança, em que os dias se succedem uns aos outros com uma regularidade implacavel, em que as horas se arrastam com a mesma morosidade, em que o dia de hoje não é mais que cópia fiel do dia de hontem, e prophecia já realisada do dia de amanha.

(a) Haro, *Nob. tom. II. lib. VI, e tom. III. cap. IV, pag. 138.*

(b) Este appellido e armas acha-se na casa dos viscondes de Villa-Nova de Cerveira, por descendem de Alvaro Fernandes de Lima, senhor de muitas terras em Galiza, que passou a Portugal no tempo d'el-rei D. Fernando, por seguir a el-rei D. Pedro o cruel, de Castella, contra el-rei D. Henrique II o bastardo, seu irmão: era casado com D. Ignez de Souto-maior, filha de Fernando Eannes de Souto-maior senhor de Salvaterra, Souto-maior e Fornellos em Galiza. Sousa, *Grand. do Reino, pag. 634.*

Quem por experiencia não conhece o viver de Coimbra ser-lhe-ha impossivel phantasia-o, imaginar sequer o sofrimento do que aqui vive *pipettilizado* sempre pelo tetrico phantasma da monotonia. Criei na mente, se poderem, um supplicio maior que o de Tântalo, maior ainda que o de Promotheu, e ainda ficarão muito aquem da realidade, terão apenas criado a cópia apagada d'um quadro, por consequencia a que faltam os principaes tons.

E por isto que quando se annuncia uma noite de theatro, como que rejuvenescem e se desannuiviam todos os rostos, e a nova corre tão repentina, mais ainda, que se fóra a da queda do ministerio, ou noticia de definitivamente se ter declarado a guerra europeia.

Foi o que succedeu n'um dos ultimos dias do mez passado quando se espalhava a nova de haver no dia 2 de Fevereiro uma récita no theatro da Graça.

Efectivamente ás 7 e meia horas da tarde, ou antes da noute de 2 do corrente dirigi-me áquelle theatro, entreto-me durante o caminho em martyrisar o espirito propondo-me decifrar forçosamente os enigmas, que comeci a enumerar-me; encher-se-ha hoje a casa? serão boas as comédias? qual d'ellas a melhor? que tal o desempenho?, e ainda outros; felizmente quando cheguei á porta de entrada ainda me occupava da sua enumeração.

Entrei, dirigi-me ao bilheteiro para que me vendesse uma senha de entrada, e já me dispunha a pagal-a, quando uma voz, que mais prosaica se não pode conceber, n'um tom pifio me replicou:

— Já não ha, acabaram-se.

Fiquei estupefacto. Um raio, que cahisse ao pé de mim, decerto me não deixaria mais assombrado! e foi talvez este o motivo porque achei aquella voz tão desagradavel. E não era para isso? Ver-me privado de tudo que d'antemão tinha phantasiado, mais attraente agora pela impossibilidade do goso!!

E tudo por não poder haver a *ninharia* d'uma senha! Mas não cedi assim á primeira. Afastei-me um pouco, e comeci a elaborar mentalmente um meio de me introduzir na sala, embora tivesse de custar-me um *crime!!!*

De repente sinto-me apertado n'um furioso abraço; logo que pude tractei de encarar o individuo que tão desastrosamente me apertava, e a final deparei com o meu amigo R. que havia já dois annos não via.

Depois de á queima roupa ter descarregado sobre mim um sem número de perguntas, a que me não dava tempo de responder, porque as amontoava de tal sorte que uma *noite de Lamego* ainda não seria sufficientemente longa para o fazer; concluiu por me dizer que havia pouco mais de duas horas que tinha chegado, e sabendo que havia récita no theatro da Graça logo lhe nascera o desejo de conhecer as modificações, pessoas ou materiaes que porventura tivesse soffrido, e com este intuito comprara uma senha; mas que prevalecendo o cansasso da jornada á curiosidade, mesmo porque em parte se achava satisfeita, se não animava a esperar que começasse o espectáculo, e assim que não comprasse eu nova senha que me fazia presente da sua.

Quasi lh'a arranquei da mão apenas tal ouvi, tanta era a sofreguidão de haver o desejado papelinho! depois de possuidor d'elle apenas me demorei com o meu amigo R. o tempo necessario para lhe perguntar onde ia ficar, porque no dia seguinte o queria procurar para fallarmos mais de espaço, e ao despedir-me dei-lhe um abraço, sem duvida mais apertado do que aquelle que ainda não havia muito tanta estranheza me causara.

Eis-me enfim no theatro!!

A plateia e galerias estavam completamente cheias, e os camarotes achavam-se, em grande parte, mimosamente ornados. Tractei de me instalar conforme pude n'um pequeno logar que teve a bondade de me ceder o Sr. J. A. do Espirito Sancto.

Os cartazes annunciavam para esta noite as seguintes comédias: — *O Tio Torquato*, 1 acto; *Uma Carta da California*, 1 acto; *De noite todos os gatos são pardos*, 1 acto; *Os Zuavos*, 1 acto.

Diremos duas palavras acerca do desempenho.

O Tio Torquato, que incontestavelmente foi a perola da noite, ainda mais, que é a melhor comédia que este anno nos tem dado n'aquelle theatro, correu muito regularmente, não só porque os papeis estavam bem distribuidos, mas porque os artistas a quem couberam se esmeraram no seu desempenho.

O Sr. Paulo no papel do protagonista teve momentos felicissimos. É uma das vezes em que o Sr. Paulo mais nos agradou, talvez pelo bom uso que fez da sua veia comica, não abusando, como d'outras vezes lhe tem succedido a ponto de chegar a cançar-nos.

O Sr. F. Martins apesar do muito contrafeito que deve de andar para se apresentar convenientemente nos papeis de dama de que se encarrega, por vezes chegou a illudir-nos, tal foi a naturalidade feminil com que pronunciou algumas phrases, e muito mais duradora seria a illusão se não fossem certos gestos sacudidos e menos estudados e muito principalmente o *pisar*, que ainda não é bastante bom.

O Sr. Matta andou bem, ainda que o seu papel não tinha grandes difficuldades a vencer.

A Carta da California, que na nossa opinião é uma comédia das vulgarmente chamadas de *cordel*, não tem merecimento algum litterario; acção forçada, enredo inconcebivel e linguagem nulla, ou quasi nulla.

O desempenho foi regular. E pena que manebos com tão boa vontade pela arte dramatica se applicuem e gastem o seu tempo em comédias de merecimento tão duvidoso; mas desgraçadamente a culpa tem-na as plateias em applaudir com preferencia taes abortos.

De noite todos os gatos são pardos é uma comédia em que as situações comicas se succedem rapidas, e por ellas disseminados alguns ditos bastante chistosos.

O desempenho foi bastante regular, distinguindo-se ainda o Sr. Paulo na parte de Sá Pato, principalmente na scena da entrada e na seguinte, em que andou com uma naturalidade inimitavel, apesar de que depois deixou cahir um pouco o seu papel da altura a que o tinha eleyado.

Não deixaremos de mencionar tambem o Sr. Emygdio, que, apesar de ser um actor nascente, não deixa contudo de se lhe revelar bastante tendencia para a arte.

O Sr. Matta é que nos parece que d'esta vez não interpretou bem o seu papel, mas somos o primeiro a confessar que não temos por base do que levámos dicto mais que a nossa opinião; assim é possivel que nos enganemos; mas seja como for, acredite o Sr. Matta que sem lisonja, e com a verdade de que somos capazes, não temos duvida em lhe affiançar que, sem offensa para os outros socios da Sociedade *Boa-União*, é aquelle de quem ella mais tem a esperar.

Os Zuavos já o nosso collega A. S. eleyou á altura em que devem de estar, como produção dramatica.

O desempenho se não foi inferior ao da primeira récita, superior não o foi decerto. J. A. V. da Cruz

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras, n.º 19.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

N.º 8 — FEVEREIRO 28 — 1861

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

PAUPERISMO

INTRODUÇÃO

II

Inquirindo agora as causas da redundancia dos nascimentos persuade-nos a logica dos factos não só que a indigencia é prolifica, mas ainda que a mortalidade multiplica os indigentes, cujo resgate se effectua pelo medrar da abundancia. É notavel phenomeno, que a peste com seu instincto homicida, em vez de coarctar, promovia a repovoação proletaria; mas os annos da pauperie ahi estão para o testemunhar.

Em Manchester e Bristol, nos bairros mais insalubres e fecundos em nascimentos, n'esses viveiros repletos de operarios, onde em 1832 a cholera mais sangrou a povoação mendiga, já em 1840, sete annos depois, sobravam ao quadro novos recrutadas. Longe de minguaem tragados pela epidemia, os indigentes propagaram-se como a posteridade de Jacob.

Na India, China e Japão engrossam as multidões pela prolificidade da miseria e pela abstinencia forçada; dez ou doze obreiros indios subsistiriam com o salario d'um manobreiro inglez, e este, immerso na atmosphera social, sob cujo imperio vive, não pode manter-se com menos dos estipendios d'uma dezena de operarios indios. Aquelles povos jejuadores vivem vida vegetativa em meio da penuria, nascem com ella, pullulam á sombra d'ella, destroncados continuamente por ella, e, como as cabeças da hydra, renascendo apesar d'ella. É a tela de Pénélope sempre desfeita e refeita.

Releva todavia extremar a frugalidade, que é filha da providencia, do mesquinho sustento, obra da penuria. Quem, desdenhando colher

informações sôbre os habitos de forrar e capitalisar caracteristicos do povo flamengo, só inventariasse a modicidade dos consumos em pão de rollão, batatas e lacticinios, em que se cifra o seu sustento diario, formaria ácerca d'elle o mais erroneo conceito. Não basta registrar os consumos individuaes para aferir a mendicidade d'um povo, porque elles podem decorrer quer da inopia, quer da economia.

No crescimento elastico das nações parcimoniosas ha, porém, certas fronteiras, que se não podem ultrapassar, sem que o astro da vida descenda ao seu occaso. A magra pitação attinge alfim o meridiano da sobriedade, attinge um ponto em que a povoação não augmenta sem que aumente a produção; e, n'este ponto, um atomo de subsistencia que falte, um revéz no mercado—repudia do convívio social essas multidões redundantes, essas boccas supranumerarias, que a morte apaga com sua esponja inevitavel.

D'aqui se deduz que a lei economica—que a povoação tende a adequar-se aos meios de existencia e subsistencia—não é abrogada pelo crescimento anomalo das sociedades. Este crescimento ou é devido ao requinte da frugalidade, ou a um sobejo de renda disponivel para subsidiar as classes necessitadas; em ambas as hypothéses ha terminos improrogaveis, e, transpostos estes, faltam casas para os recém-nados no xadrez social.

Ha pois na povoação duas povoações, uma normal outra anormal; uma que acompanha em seu progresso os progressos das subsistencias, outra que se repoeva de abstinencia ou d'um excesso de renda collectada pela caridade voluntaria ou legal; uma que não só cresce crescendo os nascimentos, mas, nomeadamente, pela redução dos obitos, que vivendo na abundancia, attinge pela abundancia um periodo vital mais largo á sombra

das uniões conjugaes; outra que cresce crescendo concumitaneamente obitos e nascimentos, passando da casa sobradada para o casebre terreno, da manança succulenta e animal para a magra dieta vegetal, como ainda hontem a população da Irlanda: aquella é a regra, esta a excepção; regra e excepção que se vigoram com factos estadísticos.

Por uma parte andam irmanadas as forças musculares e civilisadoras, conforme attesta o dynamometro de Peron; andam irmanadas as vidas e subsistencias: — a medida de grãos, que rendia cem no seculo XVI, rende hoje cento e noventa, e as *médias* dos seguros de vidas, bem como os registros civis, que sobreviveram ás antigas communas, v. g. á de Genova, depõe contestes que ha hoje uma dilacção nos annos — para a idade tenra, que chega em maior número ás edades ultteriores, — para os adolescentes e adultos, que têm ante si mais largo horizonte de dias. Por outra parte, os mappas dos expostos sobem na razão inversa dos quinhões nutricios das classes famintas; e o decremento da estatura é testificado em França pelo decreto, que encurtou o número de millímetros requeridos nos recrutandos, e, outrosim, pela difficuldade ascendente que se encontra na Russia no recrutamento da guarda imperial.

Raro é o paiz, que na devida proporção não tenha a sua Irlanda, a sua Flandres, a sua Galliza, cuja exabundancia de habitantes não flua da redução dos consumos ao estreito necessario, ou d'um sobrecellente de capitaes disponiveis para lhes custear as despesas.

Não é que regurgite de homens o globo terraqueo; mas porque ha matrizes de abundancia, que são para nós como que um livro fechado, porque ha n'este mundo velho um novo mundo de riquezas para descobrir, porque no habitado e habitavel á acção da natureza não responde em regra a reacção da indústria. Inquirir as causas e remedios d'aquellas sobejidões e reduções é o que commetteremos nos consequentes artigos.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

Quadros biblicos

III

A SAHIDA DA ARCA

Fallou então Deus a Noé, dizendo: — Sae da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos comigo. GENES. CAP. VIII, VV. 15 e 16

A terra era um vasto oceano. Amontoadas vagas, debatendo-se em furia, despedaçando-se

encontradas, erguendo-se ás nuvens em montões de espuma, soando, troando, bramindo, rugindo, haviam succedido aos plainos risinhos da Asia, ás margens virentes do Eufartes; haviam substituido o lidar bonançoso dos campos, o trovar innocente do zagal, os requebros feiticeiros da pastora.

Mas tambem haviam abafado a prevaricação e a iniquidade, extinguindo de sôbre a face da terra desde o homem, rei da criação, até ao insecto humilde que rastejava no pó!

E o Senhor Deus das misericordias espraçou a vista ao largo n'esta scena de desordem, e divisou um ponto quasi imperceptivel que ao lume d'agua boiava.

Recordou-se então de que reservára um justo do estrago universal, e apiedou-se d'elle que havia cento e cincoenta dias não vira mais a luz do sol.

E mandou a seus anjos que suspendessem de sôbre a terra a espada das vinganças, que fechassem ás fontes do abysmo e as cataractas do ceu, que não mais cahisse chuva sôbre a terra.

E assim se fez.

As aguas então começaram a balouçar-se d'um para outro lado, a escoarem-se murmurando e vagarosas, como que a custo largando a prêsa, até que no vigesimo septimo dia do septimo mez a arca de salvação poude descansar nas alturas da Armenia.

Cerca de sessenta e tres dias decorreram mais, e as aguas, abatendo continuamente sob a pressão forte do braço omnipotente do Eterno, deixaram ver a descoberto os picos mais sobranceiros das montanhas.

Percebeu Noé que o diluvio tinha cessado, porque deixou de ferir-lhe os ouvidos o estrebuxar ruidoso das vagas, e o seu coração exultou de júbilo e grato alvoroço. Seu pensamento voou ao Deus de seus paes, e lá foi depor um voto ardente de gratidão sincera.

Abriu então a janella da arca, e deixou sahir um corvo.

Mas este, de natureza carnívoro, tendo encontrado a terra apinhada de cadaveres, para a arca não tornou.

Enviou pois uma pomba após elle: mas, não achando pouso, voltou a recolher-se.

E Noé aguardou ainda mais septe dias, e a cabo d'elles fez sahir de novamente a pomba. Regressou ella pela tarde trazendo um ramo de oliveira, signal de estarem já descobertos os cimos das arvores.

E Noé demorou ainda mais septe dias, e reenviou a pomba pela terceira vez, que não voltou.

Entendeu o varão justo que as aguas haviam desinundado a terra, e abriu o tecto da arca.

Olhou então essa terra que elle deixára cheia de movimento e vida, e comprimiu-se-lhe o coração de tristura!

Cadaveres e ruínas eram o panorama pavoroso que se lhe desenrolava em frente!...

Montanhas altivas arrasadas até aos cimentos, e com os valles niveladas; arvores seculares, tão formosas que elle vira, agora jaziam apodrecidas no lodo; cidades famosas, tão florescentes de grandeza outr'ora, nem vestígios que as recordassem deixára o cataclysmo infausto; homens e feras, em montões confundidos, alastravam o solo, exhalando putridos miasmas, insupportavel fetido!

— Em que veio a dar tanto fausto e tanto orgulho!... suspirou o Justo. Como é terrível e respeitavel a justiça de Deus! —

E a scismar se ficou diante de tão lugubre espectáculo!...

A voz do Senhor veio despertal-o, soando magestosa no alto dos enevoados ceus.

Noé prostrou as faces por terra, e, em religioso acatamento, esperou as ordens do Senhor.

«Sahe da arca, tu e tua mulher, e teus filhos e as mulheres de teus filhos.

«Faz tambem sahir todos os animaes que recolheste, desde as bestas feras até aos reptis: e crescei todos e multiplicai-vos sôbre a terra.»

E Noé sahiu da arca com sua mulher, seus filhos, e as mulheres de seus filhos. Sahiram tambem todos os animaes que dentro d'ella haviam escapado ao diluvio, e espalharam-se por toda a superficie da terra.

Não olvidou Noé os beneficios do Senhor, e apressou-se em immolar sôbre o altar do reconhecimento victimas puras de animaes mundos.

E o Senhor Deus aspirou o aroma de sua vidade, e disse:

«Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa dos homens. É desde a sua adolescencia que os sentidos e os pensamentos do coração humano são inclinados ao mal: nunca mais, pois, ferirei de morte todo o vivente, como agora fiz.

«Por toda a serie dos tempos não cessará jamais de haver sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.»

E abençoou o Senhor Deus a Noé e seus filhos, dizendo:

«Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra.

«Eis que Eu entrego á vossa disposição e sujeito a vosso dominio tudo o que vive na terra para d'elle gozardes:

«Mas não derramareis o sangue do homem,

vosso semelhante: porque o homem foi feito á imagem e similhaça de Deus.

«E Eu hoje firmo uma alliança comvosco, para que nunca mais as aguas do diluvio destruaam a vida da terra.

«E o signal d'esta alliança será o meu arco, que Eu farei apparecer nas nuvens quando o ceu estiver toldado, e recordará elle para sempre a alliança de paz que fiz com a terra.»

Tomados de veneração e respeito escutavam Noé e seus filhos a voz do Senhor, acurvados silenciosos diante do altar.

E o ancião, virando-se ao poente, pasmou de ver como o ceu era negro e medonho. Em breve, porém, os temores se tornaram alegrias, e as lagrimas da gratidão lhe correram suavissimas pelas faces venerandas.

O arco-iris brilhava no horizonte resplendente de vivissimas côres!

— Olhae, meus filhos, como é grande e bondoso o nosso Deus! — exclamou. Bemdicto seja Elle em todas as gerações, porque baixou olhos misericordiosos sôbre nossa humildade.

— O seu braço poderoso ergueu-se contra os impios, e com um aceno os derribou no pó: a dor e a penitencia o compungiram, e um sorriso de seus labios abonçou a tormenta!

— Engrandecei, meus filhos, o nome do Senhor: temeí e respeitai a sua justiça.

— Que todas as gerações venturas lhe entoem hossannas: e seu nome resoe exaltado por todo o vivente!

— As nossas boas obras lhe sejam testemunhas do nosso agradecimento: e não mais se risque de nosso coração a memoria d'este dia grande nas misericordias do Senhor! —

Acabou de fallar: e o fumo do sacrificio, subindo enovelado até aos ceus, desfez o nevoeiro, e o sol raiou pela vez primeira sôbre a terra, como um sorriso de Deus!

J. Simões Ferreira

A FILHA DO PESCADOR

Ao amigo Anthero do Quental

«Caso foi mui público... contado por todos os moradores da villa e comarca, e por todos celebrado o que agora escreveremos: e que logo se divulgou pollo reyno com grande gloria de Deus...»

FR. LUIZ DE SOUSA (Vida de Arceb.)

Voga em mar banzeiro, ao capricho dos ventos, sob o mais puro ceu, uma barquinha airosa, pintada de verde com cinta branca orlada de dois fios carmezins: dentro vou eu e um amigo d'infancia dono da *Faisca*. Assim

se chamava a aventureosa barca. Era isto em vespas de eu vir para aqui.

Dizia-me Julio do Carvalho:

«Não terás saudades d'esta vida quando estiveres em Coimbra?»

— Eu sei lá, Julio! Deixemos o futuro e gozemos só do presente. Em quanto por cá andarmos assim com o nosso chapéu d'oleado e camisola vermelha não me falles tu em Coimbra.

«Pois sim... mas toma-me cautella com o leme!»

— Não tem dúvida — respondi firmando o timão, que se me ia escapando das mãos descuidadas agora. Fôra a razão do meu innocente desleixo o muito que me dava para scismar sempre que me lembrava irem-me brevemente fugir aquelle ceu, aquelle mar e aquelles rochedos que eu conhecia a palmos. A alma dos quinze annos embalada ao sôpro suave dos ventos marinhos entre o rumorejar de selvas de laranjeiras e o gemer triste da vaga, assustava-se ao partir do seio carinhoso d'outras almas, cuja era metade. Tal a aversinha que estremece ao deixar o ninho mimoso, protegido pela folhagem das copas tufadas, e de continuo baloiçadas pelas brisas do ceu! — Fôra-se de todo a jovialidade, entrando-me pela alma dentro uma melancolia a um tempo doce e pesada. Vinha-me á lembrança minha mãe... Arrependia-me então de ter embarcado, contra vontade sua, e sem o ella saber. Atropellavam-se-me no coração, conglobados em nuvens negras, os cuidados que estaria áquella hora tendo por mim! Affigurava-se-me ver-lhe o rosto ensombrado perguntando com a vista inquieta para onde me tinha eu ido. Depois chegar á janella interrogando do mesmo modo os caminhos solitarios do campo, ao cimo dos quaes apenas de longe em longe despontava uma aldean! Emfim contristar-se pela minha demora, murmurando baixinho «todos!... menos elle!»

Hoje sei a razão d'aquellas melancolias saudosas nas proximidades da minha partida para esta terra. Não podia ser outra cousa — embora se riam do parecer — senão a precsciencia das horas, que de pós o preciso estudo, precedem as que eu e alguns amigos levámos de penna em punho, á falta de melhor empêgo — eu pelo menos, mui sinceramente o digo. Na soledade d'este isolamento forçado é balsamo suavissimo o que em outra situação gerára nauseabundos tedios. Porque ha naturezas que affeiçoadas por circumstancias peculiares a sentirem maguas d'ausencia não acham distracção nos prazeres em que muitos

se refocilam e folgam, no mais abençoado esquecimento de tudo, em pleno deserto de recordações suaves das ledices da adolescencia. Os gosos n'uns levam a saudade porque a materia submergindo o espirito o absorve todo em si. N'outros o espirito nem lembra a materia! O segredo de muitas existencias, queridas umas, outras mal soffridas do mundo, está em parte n'isto, a meu ver. A bemquerença social, que acceta umas, repulsa de si as outras e chama-lhes «excentricas.»

Tudo isto veio a proposito de se me ter escapado das mãos o timão do leme... Ora vejam o que este facto, á primeira vista tão simples, continha em si de substanciosas considerações!...

Tornemos ao barco.

Serenára do ânimo o meu amigo vendo-me cuidar do leme; e amarrando a escota, puxára do bolso um rolo de tabaco americano, o qual — ôlho na faca, ôlho na vela — ia placidamente picando para o cigarro do costume. Quanto ao inglez levava os olhos pasmados nos campos que já vinha florindo abril. Maguas, se as tinha, não as dizia elle; mas a saudade da terra que deixára havia tres mezes transparecia bem da serena melancolia dos olhos azues. Ainda vos não fallei d'elle. É o mesmo; já vedes que é um moço triste e de seu natural recolhido. Teria, quando muito, dezeseite annos, e de todos os meus conhecidos o mais prompto para estas patuscadas era sempre William Cowley.

Distanceavamos já da terra legua e meia, se tanto, quando o vento começou de soprar mais forte. Primeiro largámos a escota. Os que me não entenderam fiquem inteirados d'uma vez para sempre que largar a escota é soltar a vela a fim de evitar perigos que ella, de retezada e cheia, nos podia acarretar. Continuou o vento cada vez mais rijo, e já tinhamos, não sem difficuldade, colhido o panno, quando se encrespou o mar, cuja espuma alvejava ao longe á luz tibia das estrellas.

Era noite fechada e estava o mar de carneirada.

— Mau! disse eu, o menos afoito dos tres — principalmente no mar largo — isto vae-se tornando serio! onde vamos nós ter?

Respondeu Carvalho:

«Por ora não vale assustar. Isto não é nada. Estamos perto da terra e em qualquer parte se desembarca. O peor é ser de noite...

— Pois é isso! é ser de noite! — accudi logo — e demais a mais está escuro como breu!

A falta de vista que desde o berço me per-

segue fazia infelizmente d'esta circumstancia um argumento de grande calibre.

«Que dizes a isto, Cowley? — perguntou em inglez o meu amigo.

—*Nothing at all* (a) — respondeu elle, affeito a ver as tempestades do canal de Inglaterra.

Com que innocente inveja pregava eu então os meus olhos nas luzinhas longinquoas das casas das praias e dos montes! Punha-me a phantasiar os habitantes acercados da mesa a conversarem amigavelmente sem saberem que áquellas horas andavam por cima das ondas do mar irmãos seus a tiritar com frio! Via outros, os dos montes, chegando ás choupanas entre os cantares do rapazio e o folgar das moças que recolhiam dos cerrados. (Esta consideração, por inexacta, quando havia já muito se tinha posto o sol, bem mostra o meu estado de susto e atrapalhação moral). Porém o que mais e muito me amofinava e lembrava com saudade, que participaria talvez do aneiar do delirio e da suavidade das horas de sesta, á sombra de castanheiros frondosos, era...

Ora adivinhem o que era?...

A minha cama, leitores! a minha cama! que eu enxergava com os olhos d'alma na escuridade do meu quarto, toda coberta por uma d'aquellas colxas alvissimas, que vem, pelo verão, a vender das Flores. Via-a como estrella de bonança a luzir para mim, que todo me inchava então com fumaças de nauta. Via-a, como a vejo ainda agora, e queria, atirando-me sôbre ella, repousar d'aquella canseira de remar, havia horas, contra os vagalhões do Atlantico.

Ouvimos enfim o bramir do mar contra as penedias da costa e pareceu-nos podêr saltar por alli perto. O ponto era abordar um caes singelo da proxima *Bahia do Alcaide*, onde algumas lanchas faziam a pesca do sargo, que só com mar cavado se apanha. Tomaram-nos os de dentro tambem por pescadores e admiraram-se quando lhe perguntámos se era possivel desembarcar alli. Disseram-nos que sim, e uma hora depois dos trabalhos d'aquella noite tempestuosa por bem pago me dava eu de todos, e de mais algum que ainda viesse, tal foi o prazer que em mim produziu uma narrativa singela contada por um marítimo, a cuja casa chegámos após uma perigrinação d'obra d'uma legua, por cima de rochedos e batidos do frio e da chuva que era se Deus a dava!

(Continúa)

Alberto Telles

(a) Nada absolutamente.

PARTIU!

Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!

S. P.

E partiu, como a nuvem que passou
Na montanha levando o brilho á neve;
Como a briza, que trouxe a espuma á sebe,
Que a palavra de Deus ao mar traçou!

E partiu, como a vela do baixel...
E como foge a folha ao rosmaninho,
E como voa a rôla de seu ninho,
E da aza da pombinha alvo frouxel!

E partiu, como parte ao longe a lua
A outros valles, de luz banhar as flores,
E partiu para um ceu de novas côres,
Para um ceu, em que Deus tambem fluctua!

A. A. Castello-Branco

A UM LYRIO

Soffremos a mesma dor!...

BERNARDES, JUNIOR

Ao rijo sôpro que por ti passou
Despindo a hastea da virente coma
Não peças, lyrio, a folhinha, o aroma,
Que o vento ha pouco pelo ar levou.

Não peças, não! que n'esse espaço immenso
Perde-se e morre com o perfume a flor!
Tambem meu peito, que viveu d'amor,
Geme sosinho em martyrio intenso!

Sanctos Valente

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

V

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

Nos tempos em que a ideia se involvia no symbolo, ou porque a sciencia era um mysterio vedado a profanos, ou porque a intelligencia rude não se impressionava senão com os factos materiaes, á Hespanha chamou Hesperia a mythologia, e fingiu em nosso paiz o jardim, em que os pomos das arvores eram

de ouro: e como Colchos offerencia a tentadora conquista do velocino, assim nós offerenciamos a dos pomos das Hesperides. Symbolisava esta allegoria as riquezas do solo hespanhol, ou alguma cousa mais? As frotas de Carthago e Roma vieram explorar nossas ricas veias de metaes e pedras preciosas: seduzidas pela attracção dos aureos pomos viram realizados os sonhos da sua mythologia, ou deram logar a que a mythologia sonhasse: e o sonho converteu-se depois em tradicção prophetica. Se nos levou o estrangeiro o ouro das minas, o ouro da intelligencia, esse ainda cá ficou, e d'elle bastantes pomos podêmos contar. Se lanço os olhos para a Hesperia última, e demorando-me a contemplar os bellos canteiros d'esse jardim, me acontece olhar mais detidamente para a rainha do Mondego, não posso deixar de lhe chamar abençoada arvore, d'onde tem brotado fructos de maior valor, que o ouro: e quem souber contar o número dos conimbricenses illustres não deixará por certo de convir comigo.

Artes e letras aqui têm os mais distinctos filhos. Debaixo d'um ceu tão bello, com uma atmosphaera tão pura, com uma paisagem tão linda, quem não ha de sentir a mente aquecida ao sacro fogo que eleva o espirito acima do vulgar e o torna um genio?

Pondo de parte a veneranda fileira dos vultos respeitaveis que, ennobrecendo a patria pela vastidão das suas luzes ou pelo arrôjo de seus commettimentos, ennobreceram Coimbra, occupo-me agora do último extinto elo d'essa brilhante cadeia, que, perpetuando as tradicções de fidelidade ao rei e á patria, ligou o berço da monarchia á grandiosa estátua de el-rei D. José I. Quem n'esta gigantesca fábrica de bronze vir somente uma estátua pouco ou nada vê, porque não conhece n'ella uma epocha notavel nos fastos da nossa historia, que o genio sublime de Joaquim Machado de Castro comprehendeu e escreveu em caracteres que mereceram ser perpetuados no bronze.

Um mediocre talento escreve um livro: seu estylo rude e sem amenidade nem flores pode com mais ou menos propriedade exprimir a ideia: dispensa o livro o genio; mas para em uma estátua se escrever o brilhante reinado de D. José I e ser a historia digna do heroe, era necessaria a pericia, o arrôjo, a sublimidade de Joaquim Machado de Castro.

Foi Coimbra o berço do eximio estatuario. A 19 de Junho de 1731, se a Manuel Machado Teixeira e a D. Thereza Angelica Taborda fôsse dado ler o horoscopo do recém-nascido

com que Deus abençoava o seu leito, deveriam elevar ao ceu as mãos em acção de graças.

Na virilidade do anno, na quadra em que sem ter perdido os mimos da primavera já se apresenta robusta e fecunda a natureza, realisando com dons as promessas da estação das flores, nasceu Joaquim Machado. Desde os seus primeiros annos casou o mancebo em suas lucubrações Apollo e Minerva, junctando o estudo das sciencias ao das artes. Em quanto estudava latim com os jesuitas nos geraes do pateo (hoje lyceu), ia-se iniciando nos mysterios da esculptura com seu pae, que segundo o que o filho deixou d'elle escripto fôra homem dotado de ingenho e habilidade encyclopedica.

Dê quinze para dezeseis annos de idade tendo perdido sua mãe partiu Machado para Lisboa fugindo ao desamor da madrastra que seu pae lhe dera em segundas nupcias. Ha em certo modo um destino providencial que, como o vento, impelle os homens de genio em diversos rumos, desarraigando-os do lar domestico, se este é pequeno theatro para o brilhante papel, que têm de representar no mundo. Negou Deus a Machado as doçuras da familia para podêr obedecer ao verbo poderoso da sua missão. Apenas em Lisboa entregou-se todo á sua vocação artistica, e foi discipulo de Nicolau Pinto, de José d'Almeida o primeiro escultor portuguez do seculo XVIII, e por fim de Alexandre Giusti, que por esse tempo trabalhava nas obras de Mafra. Foi com tal aprendizagem que Machado de Castro se consummou na arte com que erigiu um padrão eterno á sua gloria. Em Mafra adquiriu conhecimentos de rethorica e poetica, e apurou o bom gôsto com as noções de desenho que recebeu de Francisco Vieira Lusitano. A quem tiver conhecimento das obras litterarias devidas á penna de Joaquim Machado a variedade nos titulos bastará para fazer avaliar quanto o seu espirito era culto, quanto devia comprehender o ideal d'arte que professava, adornando-o com variados conhecimentos accessorios, de que tirava recursos que seriam a outro impossiveis.

Não é o escôpro, o cinzel, ou o buril quem pode tudo sôbre a materia prima; estes são sim o instrumento com que a ideia se manifesta; são o estylo com que a intelligencia se escreve na madeira, na pedra ou no bronze: e ideia é tudo porque as artes são sempre a última resultante das sciencias. O negro selvagem faz o Manipanso, em que apenas se pode adivinhar a imitação da figura humana;

o homem civilisado construe a Basilica de S. Pedro, o Pantheon e o Palacio de Cristal, para aquelle é a materia o fim, para este o meio. Joaquim Machado de Castro aos dotes de estatuario junctava os de poeta e musico: estava largamente iniciado na encyclopedia das bellas artes; era pois fôrça que em consequencia d'estes conhecimentos da musica e poesia, na energia magistral dos contornos, que sob o seu cinzel avultavam se reproduzisse as harmonias d'uma e as doçuras d'outra. Se modelava um heroe, as inspirações do hymno e da epopeia haviam de robustecer as inspirações do esculptor; de sob as mãos do estatuario devia surgir obra acabada, porque a união faz em tudo a fôrça.

A quem melhor de que a Machado de Castro podia confiar-se o nobre commettimento de legar á posteridade a memoria d'um reinado notavel? As exuberantes provas da sua pericia com que enriquecia as artes junctava a indispensavel qualidade de portuguez. Só Camões poude escrever os Lusíadas: nacional era o assumpto, e cada um se impressiona mais vivamente das cousas que lhe são proprias.

Portugal do tempo d'el-rei D. José I era ainda alguma cousa; os monarchas da Europa não tinham esquecido de todo o respeito com que seus avós pronunciavam o nome de el-rei D. Manuel.

Tinham corrido dois seculos e meio, em que diversos foram os fados do nosso paiz; mas como os povos levam seculos a morrer, da jornada d'Alcacer-Kibir se levantou Portugal em um só dia com o memoravel feito do primeiro de Dezembro de 1640.

Guerras internas e externas por mais de meio seculo se seguiram, mas D. João V legou socegado o reino a seu filho D. José. Este estado de cousas tinha modificado muito a indole, costumes, ideias e necessidades do paiz, ora eliminando umas, ora dando a outras feições mais pronunciadas, ora fazendo apparecer outras de novo. As sciencias que para além dos Pyreneus rompendo o nebuloso do mysterio começavam a apparecer ás raias da publicidade, não podiam deixar de se reflectir n'um círculo de grande diametro, em que se comprehendesse Portugal. Moral e politicamente começava uma nova ordem de cousas a que era necessario obedecer. Foi n'este conjuncto que el-rei D. José chamou para seu lado o homem eminente, cujo nome anda tão vinculado á historia d'essa epòcha. Estudou o marquez de Pombal as necessidades sociaes, comprehendeu-as e procurou accom-

modar-lhes as instituições. Quando o governo d'uma nação é forte, a nação é grande e poderosa.

Portugal renascia para as sociedades modernas debaixo da energica e bem dirigida administração do primeiro ministro que o soube chamar de novo á altura da sua dignidade. O reino sentia-se forte. Um secreto presentimento, que nunca illude a massa das nações, fazia adivinhar grandes cousas; elaboravam-se na mente governativa e iam sahindo a lume graves golpes d'estado de arrojado alcance para a administração e para a politica: uma expectação immensa trazia suspensos os espiritos.

Depois da epocha das nossas grandes conquistas e descobertas, em nosso paiz, não houve outra de maior vida de que no reinado d'el-rei D. José I. Sentia-se chegada uma epocha de reformas. Os recursos do paiz augmentavam, em consequencia d'uma administração economica. Concentrando-se no interior, a vida politica exaltava os espiritos pelo novo das ideias, e suspendia a imaginação, que, agitada pela febre das innovações, quasi sempre se eleva a um ideal maravilhoso. Eis o momento que poderia produzir a segunda epopeia nacional; mas em verso não podia ella ser condigna do assumpto porque está escripto — que, em cousas da sua patria, nem dentro, nem fóra d'ella, ha de achar Camões rival. Pediu-se então ao estrangeiro, porque parece ter sido sempre bemquisto o estrangeirismo n'esta terra, o pensamento d'uma epopeia que se escrevesse em bronze; mas esse, ou porque os talentos lhe falleciam ou porque se não inspirou da grandeza da ideia, offereceu o modelo d'uma estátua que destituido do pensamento de nacionalidade não poude preencher o fim. Estava reservado para Joaquim Machado de Castro ser o Homero de tão bella odyssea.

A inspiração foi sublime: ha n'ella tal unidade que parece foi d'um só jacto vasado na concepção do inventor, como d'um só jacto foi vasado o bronze no molde. A vida que lhe refervia na mente foi viver na estátua, foi-lhe modelar os contornos, foi viver no metal. Minerva sahiu da cabeça de Jupiter armada dos pés á cabeça: e a verdade d'esta engenhosa alegoria demonstrou-se mais uma vez na estátua d'el-rei D. José, sahindo completa da mente de Joaquim Machado desde o primeiro degrau do pedestal ao mais alto das plumas. Na magnificencia d'aquelle poema ha unidade e propriedade na acção e nos episodios: tudo se desinvolve com regularidade

e harmonia em tórno da ideia primitiva, como os planetas que desinrolam a regularidade das suas orbitas em tórno do seu centro; todas as partes observam uma proporção absoluta. Leva muitas vezes o arrôjo do genio a sahir fóra das proporções das differentes partes d'um todo entre si; mas n'aquella hyperbolica imitação da natureza observa-se uma critica severa e illustrada, obstando por toda a parte a desharmonias e a defeitos; que, se ainda alguns ficaram, pequenos são, e menos compromettem de que fazem avultar as perfeições do todo, e mesmo assim tão poucos não devem ser tidos á conta do estatuario, porque mau grado seu não lhe foi, como queria, permitido effectuar em sua obra algumas correções; pois lhe obstou a vontade do Soberano, cujo era o monumento.

N'esse tempo em que a nação se elevava alçavam-se monumentos aos reis; era uma dívida de gratidão que pagavam os povos: honrava-se a nação no monarcha, tanto ao avêssio d'estes tempos em que n'elle se affronta a nação. Bons tempos eram esses em que os poderes constituidos se respeitavam, e o povo dava palmas gloriosas ao seu rei, e o rei distribuia gloriosas palmas ao seu povo. Sem me fazer Jeremias da ruina das instituições antigas, não deixo ás vezes de lamentar o abuso que se faz das modernas, querendo conserval-as, e fingindo respeitá-las. Querem defender Troia e desadoram o Palladio. Perdoem-me a digressão e voltemos ao assumpto.

Muitas foram as obras com que J. M. de Castro teceu uma brilhante aureola para o seu nome; mas de todos os raios o mais luminoso foi o que lhe grangeou a estátua equestre. Quando este commettimento lhe foi confiado, já de sua pericia e ingenho tinha dado sobejos documentos, só então era admirado e louvado, por naturaes e estranhos que se deliciavam com as esculpturas do seu cinzel. De extremo a extremo de Lisboa, e mesmo fóra d'ella, as suas obras decoravam os paços reaes, praças públicas, fachadas e interiores de templos. Insigne em sua arte por tantos documentos, como alguém disse d'um eximio prégador; Machado excedeu-se a si mesmo na grande obra que os homens d'arte de todas as nações admiram em Lisboa na Praça do Commercio.

Ao contrario do que hoje succede Joaquim Machado trabalhou muito para o seu paiz e recebeu pouco; a munificencia real fez-se-lhe sentir mais pelas honras de que pelos proventos.

Não entrou no meu intento escrever a biographia do grande mestre; missões d'estas estão reservadas para os filhos d'arte: e se um esculptor moderno, referindo-se ao pintor Cyrillo Wolkmar Machado, disse que ella só podia ser escripta pelo proprio Machado; e não escreveu a respeito d'elle mais que um esboço, sentindo-se incompetente para o cabal desempenho, não podia eu conceber ideia semelhante, porque só me é dado julgar das cousas pelas impressões, em tudo estranho aos segredos da arte. Se profanei o nome do grande artista deve-o elle á sua má estrella de ter nascido em Coimbra, porque foi esta circumstancia que me levou a escrever estas linhas.

Morreu Joaquim Machado de Castro em Lisboa aos 17 de Novembro de 1822, e jaz sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres. Sôbre a sua sepultura não ha inscripção nem emblema, que mais tarde tire incertezas quando se perguntar onde está a ossada do primeiro estatuario portuguez.

Conhecem-se no mundo duas realezas uma conferida pelos homens, outra por Deus: a realeza dos reis e a do talento. Porque se não construe um pantheon para as ossadas dos homens que foram bem fadados com esta? Se no jazigo dos reis se arregimentam urnas cinerarias pelo simples facto de serem os finados prole de reis, bastantes e bem honrosas podia coligir Portugal no pantheon de seus filhos benemeritos.

Concluirei por uma observação. No pedestal da estátua equestre ha dois nomes um do auctor Joaquim Machado e outro do fundidor Bartholomeu da Costa. Como a operação de fundição foi a que em Lisboa deu mais brado, foi talvez esta a causa porque o nome do estatuario ficou mais no escuro, de que o do fundidor; mas é esta uma injustiça tão flagrante, como querer dar toda a gloria de Raphael ao photographo que por meio da sua máchina reproduzisse um dos seus melhores quadros; é querer attribuir toda a gloria de Mozart ou de Bellini ao cantor que no theatro reproduz suas harmonias. A cada um sua gloria, ambos a têm, contente-se cada um com a que lhe for propria; mas ha não sei que fado mau a perseguir os homens de talento, que um Americo Vespucio vem quasi sempre roubar a gloria a um Christovão Colombo.

A. C. da Silva Mattos

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras, n.º 19.

N.º 9 — MARÇO 15 — 1861

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com o territorio

Como o recrescer e rarear dos homens impende de muitas e diversas causas, releva que a sciencia gradue uma escala differencial da efficacia de cada agente para accelerar ou moderar o arrôjo das gerações na via lactea do progresso. Releva que ella suppute a influencia do territorio e sua nativa uberidade; da grande, pequena e mean cultura; do retalhado ou indiviso da propriedade agraria; dos multiformes ramos de commercio e indústria; — e das outras circumstancias, que mais ou menos profundamente actuam na vitalidade e crescimento dos povos.

Com nimia leveza se tem pretendido descobrir uma correlação íntima entre o número de familias, que rejuvenesce annualmente um estado, e a extensão de tractos incultos de que este pode dispor. É o espaço condição impreterível para as populações se alargarem; mas cumpre buscar fóra do precinto da esphera material a causa da dessimilhança dos seus desinvolvimentos. Basta conferir o número dos naturaes do continente portuguez, e o ambito em que se movem, com o número de habitantes, e a área da Belgica, para se evidenciar que os kilometros quadrados em nada influem nas ondas das gerações. O contraste da America hespanhola com a America de Franklin ainda mais assenta esta verdade, já agora inconcutível. Na Flandres oriental accommodam-se mais de doze mil habitantes por milha quadrada sôbre gandaras e arneiros, que só um extremo de industria conseguiu assignalar por dons de feracidade.

Quando a povoação se adianta ás subsistencias, o paiz onde se manifesta este deficit,

—evitavel ou inevitavel, não se tracta agora de averiguar se um melhor aproveitamento de terra indigena o poderia cobrir — o paiz onde se manifesta este deficit suppre-se d'elle nas provincias meridionaes da Russia banhadas pelo mar negro, na Podolia e na Ukraina, ou na Valachia e na Hungria; suppre-se nos outros paizes cerealiferos da Europa; vae mesmo aprovisionar-se á America do norte; irá mais tarde, quando o commercio volver o mundo em feira universal, irá buscar o alimento ás planuras temperadas do Brasil e Venezuela de fertilidade fabulosa; chegará aos solos intertropicaes para prover-se de leguminosas e outras plantas nutritivas, e alongará o seu curso até ir bater ás portas do globo.

Nem o territorio, por espaçoso que seja, é factor da multiplicação das familias, nem a fecundidade, que lhe é congenita. *Utilidade natural (a) e fertilidade natural* — são cousas alheias ao nossa planeta. Diz-se util, o que o homem utiliza; fertil, o que fertilizou (b). Marenta e affogada em gazes deleterios, a terra — antes de a disciplinar o trabalho — de todos os póros transsudava morte. O mar putrido e as lagôas pontinas, os karrus de Guiné e os murrações de Bengala, os steppes asiaticos e as pampas americanas copiam-lhe em escorço as nativas feições. A fecundidade economica não alcatifa o leito paludoso dos valles, nem sombreia a ossada nua das montanhas, menos que o braço humano não captive os elementos e pleiteie a subsistencia com a natureza.

Ao passo que uma legua quadrada de chão virgem de cultura refusa o tenue sustento do homem selvagem, são de sobra quatro hectares para que nade na abundancia o homem civilisado. Sustenta a França setenta e seis

(a) Dunoyer.
(b) Fontenay.



habitantes por kilometro quadrado; do mesmo solo obtem a Belgica uma producção dupla, e a Lombardia e Piemonte alimentam cento e setenta e seis vizinhos na mesma superficie. A Allemanha colhe vinte e dois hectolitros de cereaes por hectar; a Gran-Bretanha vinte e cinco hectolitros; e proporcionalmente sustenta o quintuplo dos gados que sustenta a França.— Foi o braço do homem que, exterminando a vegetação espontanea, forçou a terra a desentranhar-se em taes celleiros de fartura.

Sem o homem desaparecem as plantas, que com elle germinam e fructificam. O trigo é indigena do Egypto, a batata da America, o milho da Turquia, a oliveira da Phoecea, a vinha de Chanaan, a cerejeira da Asia-menor. «Percorra-se a larga collecção de desenhos coloridos, iniciada em tempo de Gastão d'Orleans e hoje continuada no jardim do rei (França). Ver-se-ha talvez com espanto que as melhoes flores d'aquella epocha seriam rejeitadas hoje, já não digo pelos floristas, mas por qualquer jardineiro d'aldeia... Entre as plantas hortenses ver-se-ha uma só especie de chicoria, e duas castas ruins de alface, sendo que hoje possuímos de ambas mais de cincoenta especies, todas gratas ao paladar (a)». A cultura, diz o nosso Avelar Brotero, amansa as plantas, faz-lhe perder os espinhos, hispidez e toda a sorte de pellos, amacia a aspereza de seus succos, e adoça muitas vezes o amargor e acidez dos seus fructos. Uma ameixeira, uma alcachofra hortense, ás quaes a cultura fez perder os espinhos, deixadas á mercê da natureza para logo os recobrarão.

(Concluir-se-ha)

A. Saraiva de Carvalho

O HOMEM E A TERRA

Existiu em todos os povos uma pronunciadissima tendencia a fazerem subir a sua origem á mais remota antiguidade.

Os chinas de hoje, attribuindo-se uma origem anti-diluviana, dão d'isto ainda um argumento vivo. A Grecia, o Lacio, a Iberia, as Gallias e a Bretanha tiveram os seus ab origines: tal é o amor que todos tem pelo solo, em que firmaram o primeiro passo, tal é o amor, que nos vincula ás exterioridades que nos impressionaram, quando pela primeira vez abrimos os olhos. Não ha ninguem que, longe da patria, não sinta um vago per-

fume de poesia nas recordações da terra que o viu nascer, ou que não receba com um sorriso, ou com uma lagrima, que vale muitas vezes o mesmo, uma impressão parecida com alguma d'aquellas com que nos encontramos ao sahir do berço.

Chegae-nos a um homem que, ha muitos annos, as circumstancias detenhão longe da sua terra natal: embora tenha todas as suas mais caras affeições n'aquella, em que habita, embora não deixasse alguma n'essa outra em que nasceu; haveis de ouvir-lhe muitas vezes fallar na sua terra, e protestar de não morrer sem que pela última vez a veja. Tudo tem lá um colorido mais vivo, de que em nenhuma outra parte: anda ao seu nome vinculado um thesouro de gozos de que o expatriado comprehende todo o valor.

Foi sem dúbida este sentimento quem produziu a antiga ideia de que os habitantes d'uma região eram filhos d'essa região, como tendo surgido d'ella, á maneira das plantas. A fabula de Deucalião era o symbolo ou expressão d'esta ideia.

Os homens nasciam das pedras arremessadas pela sua mão, e as pedras são as entranhas da terra em fusão, arremessadas pela violencia dos vulcões para longe da fonte do calor, e coaguladas pelo successivo arrefecimento. Por aquella ficção mythologica era o homem verdadeiro filho das entranhas da terra.

As letras genesiacas fazem o homem filho do barro, animado pelo verbo de Deus; e d'aqui tambem se deduz a nossa affeição pela terra de que somos parte, d'aqui aquella repugnancia, que em todos os povos se encontra de ver em podêr estranho o seu paiz natalicio; d'aqui aquelle odio ao barbaro ou inimigo externo, que alimentavam os indigenas de cada região para defenderem contra a sua cubiça a chamada mãe commum. Ninguem mais de que elles tinha direito aos beneficios auferiveis da sua terra.

O homem rude, na infancia da razão e das impressões, deveu naturalmente crear affeição á entidade, a quem immediatamente devia tudo, á terra. E como não devia ser assim, se era mãe tão bemfazeja? A terra, produzindo a arvore, começou por dar ao homem dois alimentos, o do corpo e do espirito, a subsistencia e o conselho.

Ergueu-se a arvore do chão copada e graciosa; na primavera cobriu-se de flores, chamou as vistas; no estio convidou ao descanso, com as attracções da sua sombra resguardou dos ardores do sol o homem, que sahio do

(a) Buffon.

covil da fera para construir a choupana, ensinada pelo exemplo da arvore; no outomno vergou os ramos ao pé dos fructos; estes, vivos no colorido, suaves no aroma, convidaram á colheita, e o homem comeu: nos fins do outomno as folhas cahiram, e foram pelo conselho poderoso da necessidade, ou pelo instincto da vida animal transformadas em vestido, cama e combustivel.

Eis satisfeitas as primeiras necessidades, eis o homem como encadeiado ao solo, eis os traços mais rudes do amor da patria na sua origem: d'aqui essa tendencia moral d'amor á terra, que se reproduz em todos os povos e em todas as edades, como resultante das tendencias individuaes.

Concedendo ainda que tenha sido um sentimento menos nobre do que a gratidão, a necessidade, quem estabeleceu um laço moral entre o homem e a terra, obrigando-o a não se afastar do logar que lhe affiançava a maior somma de bens, nem porisso a ideia de patriotismo se havia de arrear menos nos corações. Porque é que o homem por seculos não conheceu mais de que o terreno que se andava em pequeno número de jornadas; e para além eram paizes de gigantes e de antropophagos? Entrava sem dúvida nos desígnios da providencia ligar o homem á terra: o *Cr.escite et Multiplicamini* incluia um mysterioso fixa-te; porque só assim o homem podia satisfazer ao poderoso verbo.

A ideia de sociabilidade, innata no homem, desinvolveu-se, e trouxe-lhe um maior número de ligações e, em consequencia d'isto, está prêso á familia, aos amigos, ao municipio e á cidade, que apparece depois na carta do mundo organizada em corpo politico, e por este sente elle uma affeição, que é somma de todas as outras affeições.

É n'este periodo de desinvolvimento social que os horisontes se alargam, dilata-se o mundo diante das descobertas, e vão encontrar-se povos, que ignoravam tanto a nossa existencia, como nós a d'elles. Pela simples observação dos factos se conhece quanto estava comprehendida nos arbitrios da intelligencia suprema que o homem fôsse para a sua patria, e a intelligencia para o mundo.

(Continúa)

A. C. da Silva Mattos

EL-REI PERDOA

II

Tres dias depois da longa entrevista que narrámos de Carolina com D. João d'Avilez,

o rei, a rainha e toda a côrte achavam-se em Alcochete.

Haviam chegado na vespera em numerosa flotilha de faluas, galeotas e bateis mui vistosos por suas bandeiras, flamulas e toldos das côres mais vivas, e pelas fardas agaloadas e variegadas de muitos remeiros e mais tripulantes.

E a familia real e a côrte desembarcaram ao som estridente de muitas trombetas, bastardas, atambores, charamellas, sacabuxas e muitos outros instrumentos bellicosos usados n'aquelle tempo.

Os habitantes da villa haviam limpo as ruas mal calçadas e juncado-as de flores e plantas aromaticas, e aberto contentes as portas de suas casas para hospedarem tão nobre companhia.

A noute a villa illuminou, e houveram muitas folias, bailados e divertidos momos. D. João II era grande amator de festas e entremeses, em que, segundo as chronicas d'aquelle epocha, elle representava galhardamente os principaes papeis; quasi nunca de recitações ou descantes, mas sim de mascaradas com vistosas danças e combates simulados.

O dia tinha amanhecido sêcco e bello; era um domingo do mais formoso mez do anno: do mez das flores, dos amantes, das canções, das festas, era um domingo de maio.

Em Alcochete havia festa de egreja e tourada. De manhan, no templo, entre nuvens de incenso, canticos sagrados, e o povo de joelhos recolhido e reverente, o sacrificio incruento, glorificando o Creador; — de tarde, na arena, entre turbilhões de poeira, musica e gritos descompostos, a lucta ensanguentada de homens, de bois e de cavallos para divertir um povo e um rei, que se diziam christãos. E eram estes os dias de mais folguedo da antiga monarchia; e são estes, ainda para maior vergonha, os mais divertidos da nação liberal! Destruí depressa, homens do govêrno, esses circos que fazem lembrar os de Roma, onde ás feras eram lançados os christãos! Destruí, que lucra a agricultura, a honra do paiz, a moral e a humanidade.

A manhan passou-a a côrte toda na egreja, pequena, sem ornatos architectonicos, mas que para aquelle dia se tinha adornado com toda a pompa que a egreja catholica, desde os seculos barbaros, costuma empregar nas suas solemnidades, e que muito exalta a imaginação dos fieis.

Depois do jantar seguia-se a tourada. A praça para a corrida tinha-se armado no terreiro juncto da egreja.

Pelas duas horas da tarde já tudo era agitação e entusiasmo. As musicas tocavam por toda a parte, e a rapazia da villa e os moços palafreiros da côrte soltavam grandes vivas e clamores.

As tres horas sahiu o rei e toda a côrte da casa onde a familia real se tinha aposentado. Iam a pé, que eram dois passos.

A comitiva era numerosissima: caminhava na frente uma linha de guardas da camara, que tomava toda a largura da rua com suas alabardas e mui vistosas; depois alguns fidalgos; a distancia seguia-se o rei levando á direita sua mulher, a rainha D. Leonor, irman do duque de Viseu; um pouco atraz com D. Pedro da Silva, commendador-mór de Aviz, homem de idade madura, esforçado valor e muitas letras, ia o principe D. Affonso, gentil menino de nove annos, estremecido de seus paes e amado de todo o reino, e o mesmo que sete annos mais tarde tão desastrosamente devia morrer cabindo d'um cavallo ao correr na praia de Nalfange, juncto a Santarem; após estes seguiam-se muitas damas e fidalgos com seus pagens e escudeiros, e finalmente fechavam o cortejo duas dezenas de guardas dos ginetes, desmontados e commandados pelo bravo e muito fiel a el-rei Fernão Martins Mascarenhas, que depois da morte do duque de Bragança sempre com seus soldados acompanhava o real filho de Affonso V.

Havia já alguns momentos que a numerosa comitiva ia na rua principal da villa, quando repentinamente se levantou grande alarido do lado da praça. Soltando gritos lamentosos, as creanças, as mulheres e os homens fugiam para as viellas que davam na rua, e para as casas cujas portas encontravam abertas. Em um momento o espaço do caminho da praça até ao real cortejo estava deserto, e a ala dos guardas da camara que ia na frente tinha debandado.

Um enorme touro fugira do curro, e corria furioso ao longo da rua.

Quando os guardas da camara dispersando-se, deixaram ao rei, ás donas e aos fidalgos ver o terrivel animal que se aproximava bramindo e pavoroso, as damas e os nobres, tomados de receio, fugiram tambem.

D. João II é que não arredou um passo. Tomou a rainha pela mão, collocou-se ante ella, tirou dos hombros a capa, passou-a ao braço e pediu a sua espada.

D. Jorge de Menezes seu joven pagem é que a trazia, e por se demorar um momento a dar-lh'a, pois vinha um pouco atraz practi-

cando com as donzellas da côrte, o rei, quando elle lh'a entregou, arrepellou-o n'um movimento de raivoso phrenesi.

El-rei empunhou a espada, e com grande sangue frio esperou o touro. Nem um musculo do rosto se lhe tinha alterado; apenas nos olhos dois laivos de sangue tornaram temeroso o seu aspecto.

Tudo isto se passára n'um momento; mas poucos instantes levou o touro a vencer a distancia que o separava do rei; porém cego, como vinha na carreira, passou ávante sem attender n'elle.

D'este feito ficaram mui corridos os fidalgos e homens d'armas, que iam no cortejo, pois sabiam quanto o rei estimaria aquelle que practicasse tão denodada acção.

D. João II mui satisfeito de si e alegre continuou com a rainha seu caminho; todos o seguiram: entraram para os camarotes e palanques da praça, e pouco depois começou a festa.

Deixemos, leitor, a tourada; afastemo-nos até da praça para se nos não communicar—o que é mui facil—o phrenetico entusiasmo que lá vae no interior, e que uma numerosa multidão exprime com estrugidoura algazarra! Vejamos antes quem transporta aquella falua, cujas duas velas triangulares, inchadas pelo vento, a impellem rapidamente através das vagas do Tejo para a praia de Alcochete.

Juncto ao arraes, que sustem nas mãos callosas a cana tosca do leme, está um individuo vestido com uma longa garnacha preta, apertada na cintura por uma fxa da mesma côr; pelo vestuario e pelo descarnado e pallido do rosto, sulcado na testa por duas profundas rugas, se vê que tem passado os annos no estudo de uma sciencia arida, como era então a jurisprudencia, e no officio ainda mais arido da sua applicação. Aquelle velho é o licenciado Ruy da Gran, que o chronista Resende diz ser bom homem, de muito boa consciencia e bom letrado; o mesmo que foi dado por juiz no triste caso do duque de Bragança, e que, talvez porisso mesmo, é tido em grande conta por el-rei. Juncto a Ruy da Gran estão o regedor, o chanceler e mais desembargadores da *Casa da Justiça*, ou Relação da côrte, todos de trajos e rostos compostos e graves. Mais para a proa, além de alguns officiaes subalternos do tribunal, e mais empregados do Limoeiro, vê-se uma numerosa escolta de homens d'armas, e entre elles, estendido nos paneiros da falua, um individuo com as mãos algemadas e correntes de ferro aos

pés: é de uma estatura corpulenta e robusta, mas lê-se-lhe nos olhos um não sei que, a denunciavel de ânimo irresoluto, simples, porém mais do que tudo bondoso. O seu rosto onde ha até uma certa belleza e distincção, contradiz os ferros que o prendem.

O arraes lá mandou largar as duas escotas; as vélas soltas bambaleiam alguns momentos no ar, depois os tripulantes as enrolam nas duas longas espichas que as sustem; e, apesar d'esta manobra ser feita a alguma distancia da praia, a força que a embarcação trazia era tanta, que muito entrou pela areia a quilha da falua.

Uma prancha ajudou os passageiros a desembarcar. Os soldados formaram-se em alas, metteram entre ellas o preso, e encaminharam-se para a habitação real, seguidos a alguma distancia dos desembargadores e dos outros passageiros, que, mais velhos na idade e mais pesados nas maneiras, caminhavam a custo sôbre o areal.

Pelas seis horas da tarde acabou a tourada, e uma hora depois, achando-se D. João II no seu aposento particular, Ayres da Silva, camareiro-mór, lhe annunciou que o licenciado Ruy da Gran tinha chegado de Lisboa com outros desembargadores, e pedia para fallar a S. A. sôbre um negocio de grande importancia, mas cujo assumpto elle, camareiro, ignorava. Admirado da inesperada vinda do jurista o rei mandou-o chamar, e ficando só começou a passear ao longo da sala.

D. João II tinha uma bella e nobre figura de homem. Sem ser alto, era em todo o corpo bem proporcionado e airoso; dotado de grande força physica, e destro em todos os exercicios corporeos. Vestia com elegancia e ás vezes com luxo. O rosto tinha-o comprido e claro; o nariz e a bôcca pequenos e bem feitos. Mas a sua feição caracteristica eram os olhos de um tamanho regular, pretos e vivissimos; ás vezes eram serenos e graciosos e tranquillizavam e attrahiam a pessoa em quem se fixavam, outras vezes porém uns laivos de sangue tingiam-lhes o branco e scintillavam tão vivos e temerosos raios, que faziam estremecer de puro medo os mais afoutos e temerarios da côrte e do povo. D. João II possuia um espirito cultivado, e uma natural e grande perspicacia para bem apreciar os homens e as cousas; foi do seu tempo o rei mais amado e respeitado, e incontestavelmente um dos melhores politicos de Portugal, ainda que da eschola do despotismo.

N'este momento D. João II estava alegre e affavel, e os olhos sorriam até com uma certa meiguice.

Em breve o licenciado assomou á porta onde parou respeitosamente.

O rei, apenas o viu, disse-lhe com a sua voz grave, pausada e um tanto nazal:

«Entrae, Ruy; não esperava ver a vossa negra garnacha no meio dos passatempos e folguedos em que por aqui andâmos, assim estou um pouco admirado, mas apraz-me sempre a visita de um bom e leal servidor.

—E em leal creado de V. A. me tenho, Senhor; e porisso mais me custa vir com negocios graves e más novas perturbar vossos prazeres, que tão curtos são, e de que V. A. tanto necessita para de quando em quando distrahir o espirito da pesada governança d'estes reinos.

«Más novas me trazeis então, licenciado?... pois dissei, e fallae desassombradamente.

E D. João II sentou-se defronte do jurista, um pouco mais cuidadoso do que antes, mas ainda alegre. O filho d'Affonso V tinha então vinte nove annos.

Ruy da Gran ficou por um momento silencioso, estava visivelmente enleiado; não sabia por onde começar. Fez um esforço sôbre si, e sem preambulos, porque sabia que o rei amava a concisão, entrou no assumpto:

—Senhor, o fidalgo castelhano que estava preso no Limoeiro...

«João d'Avilez, sim? Já está com Deus, não é verdade? prestes andou minha justiça!

— Não, meu senhor; saiba V. A. que não.

«Não?!... pois a sentença de morte não lhe foi já dada ha tres dias?... devia ser hoje executado.

—Assim tinham dadas as competentes ordens... mas...

«Mas, que? dissei! A voz do rei ao pronunciar estas palavras tinha-se tornado vibrante e mais alterosa, e o rosto começava a enuiar-se-lhe.

Ruy da Gran ajoelhou; ao bom do juriconsulto aquella posição era mais commoda, pois a tremura que nas pernas começava a sentir ameaçava-o de não poder por muito tempo suster-se em pé.

—Senhor, nós, os juizes da *Casa da Justiça* não tivemos culpa, nem a levissima culpa.

«Mas porque não foi executada a sentença, dissei, Ruy?

—Ouça-me, V. A. O preso conluiado com o carcereiro João Baço, fingiu-se doente:

quando lhe foi lida a sentença jazia na cama e tinha um physico juncto á cabeceira. Mandou chamar o notario, e fez as suas disposições; pediu depois um padre, confessou-se e recebeu o sacramento sancto da eucharistia. Apenas sube isto, mandei a visital-o dois desembargadores; acharam o inferno na maior agonia; o physico e o carcereiro asseveraram-lhes que não durava muitas horas; — não eram homens da arte, foram illudidos. O preso fingiu-se morto, foi levado n'uma tumba para a igreja, e de lá, ajudado pelas trevas da noute... fugiu.

D. João II ao ouvir esta última palavra deu irado uma punhada tão forte na tampa de um bofete, que lhe ficava proximo, que a rachou de um ao outro extremo.

Levantou-se. Nos olhos lá tinha os dois terriveis laivos de sangue. Ayres da Silva, o camareiro-mór, que durante toda a conversação estivera em pé juncto da porta, vendo-o assim sumiu-se apressado por traz do reposteiro. Ruy da Gran continuava de joelhos sem se atrever a olhar para o rei. Este caminhando a passos agitados o aposento clamava:

«Fugiu!... pois assim se foge das cadeias reaes!... Ah! em o sabendo, Isabel de Castella rir-se-ha de mim (a)! (e ficou por um momento silencioso, depois, parando defronte do infeliz licenciado, bradou-lhe:)

«Dize, homem, não o mandaste tu procurar por toda a parte, e não carregaste já de ferros o vilão traidor e ruim do carcereiro?»

— Senhor, o castelhanu embarcou-se n'essa noute em um navio que sahiu para Cadiz, e só de manhan soubemos da fuga; mas o carcereiro enganado pelo Avilez ficou em terra, e tanta diligencia empregámos para o encontrar, que por fim o houvemos, e aqui a esta casa o trouxe para V. A. o punir, como lhe aprouver.

«Ah! ao menos esse!... e elle pagará sua traição!

(Continúa)

Bernardino Pinheiro

CANÇÃO

Suspira na montanha a meiga rôla
Quando entre prantos nasce a madrugada;
Assim quando a meus olhos vem as lagrimas,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

(a) Todos sabem das grandes rivalidades que houveram entre D. João II e Fernando e Isabel de Castella então reinantes.

Morre a brisa do ceu nos arvoredos,
Mas primeiro suspira e geme anceiada;
Assim antes que fuja o alento, a vida,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

A noite inclina a flor, e o calix triste
Suspira pela branca deusa alada;
Assim quando no ceu as sombras rolam,
Por ti suspira est'alma, ó doce amada!

Mas se eu te vejo só, virgem das noites,
Estrella, meiga estrella d'alvorada,
Já por ti est'alma tua não suspira,
Ai! não suspira... treme, ó doce amada!

QUE SENTES?

Mas que subito calix d'amores.
Tal doçura em meus labios verteu!
P. RIBEIRO

Virgem, se ao teu collo encósto a face,
Dourada pelos brilhos d'esse olhar,
Vergontea emmurchecida, que renace
Á luz que diz — viver, que diz — amar!...

«Que sentes?» Sinto abrir-se o peito ancioso
Expandir, dilatar-se!... O ceu fugir
Dos olhos, que desmaiam pelo gôso
D'esta alma, que suspira... e quer partir!

Alberto Telles

O CURA DA MINHA ALDEIA

Do cura da minha aldeia
Não venho fallar em vão,
Que é dos padres de mão cheia
Como poucos hoje são!
Eu tenho cá para mim,
Que os outros não são assim.

De manhan deixa a preguiça,
Salta da cama a gritar:
— Oh Luiza! anda p'ra a missa...
Antonio!... vem-m'ajudar...
Josefa!... ponha-se a pé...
Não te levantas, José?!...

De tarde, como exorcista,
Assume novas funcções,
Nem ha demo, que resista

Às suas conjurações!
E teimam, que até Lusbel
Respeita n'elle um Miguel!

O mestre que tanto sabe,
Que perde barbas a ler,
Se bem que muito se gabe,
Dó cura teme o saber!
E diz a quem quer ouvir,
—Que o padre não é p'ra rir!

Sabe de cór o Larraga,
Lago sem fundo em moral!
Vêm consultal-o de Braga
Sôbre o poder temporal,
E n'isto!... vota o reitor,
Qu'embrulha qualquer doutor.

Em sciencia d'uno e trino
Dá p'ra todos sota e az!...
Sustentou inda menino,
De que o papa é incapaz
D'illudir-se, ou de cinçar
No que um outro pode errar!

Por um dos bons miguelistas,
Todos o louvam por cá,
E soa, que os lazaristas
Como seu o sentem já,
Tão firme, que o povo diz:
Ninguem lhe torce o nariz!

Severo, quando se falla
De quem renega o seu Deus,
Colloca na mesma escala
Os liberaes e judeus!
D'um peralta do logar
Tambem não passa a gostar.

Segundo conta a visinha,
Mulher de boa razão,
Foi por causa da sobrinha
Dar cavaco ao tal ratão;
Porisso passa a dizer:
—Qu'elle é de trolha e colhér.

Com a mais gente e comigo
Não ha nada a desejar;
Tem-me na conta d'amigo,
E diz que m'hade ensinar
A grammatica em latim,
Toda tintim por tintim.

Severino d'Azevedo

SOLEDADE

Triste minha alma te envia
Um suspiro, um ai d'amor!
PINTO RIBEIRO

Vae, aguia, sobe, e ao espaço o vôo estende;
Fita ousada o esplendor do sol radiante!
Ondas, o vento aos astros vos levante!
Nuvem, o rumo teu no ar suspende!

Perfume que no espaço a flor desprende
Sobe em tenue vapor e segue avante,
Quanto ao ceu pode erguer seu vôo errante,
Fita o lume que ao mundo o ceu despente!

Faz-me ouvir o hymno, a voz celeste,
Que alma gemea da minha pelo espaço
Dispersa como aos balsamos o este!

Ai! porque não mandou do Eterno o braço
Que, quando á luz da vida amanheceste,
Voasse eu lá contigo em doce abraço?

Sanctos Valente

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

III

ARMAS DO APPELLIDO DE BAHAMONTE

Bahamonte. *Tem por armas em campo de azul (a) M de ouro, coroado com uma coroa ducal do mesmo metal; orla de vermelho, seté peices de prata com as cabeças voltadas para o centro do escudo, em faixa (b).*

Descendem os d'este appellido do conde D. Rodrigo de Romaes, senhor de Monterroso em Galisa, filho do conde D. Romon, e neto d'el-rei D. Fruela de Leão (c).

A Inglaterra passou o moço conde D. Rodrigo, e pela sua esclarecida nobreza não duvidou el-rei em lhe dar a mão de sua filha, a infanta Milia: orgulhoso o conde pela posse de tão precioso thesouro, pois que era d'uma belleza nada vulgar, voltou ao solar em Galisa, e d'esta união nasceram numerosas e mui illustres familias.

Nos antigos tempos o brasão era *fallante*,

(a) Azul ou *blao*, é a segunda cór mais honrosa no brasão: representa ella, nas virtudes a caridade, nos elementos o ar, nos planetas Venus, nos metaes o aço, nas pedras a safira, nas arvores o carvalho, nas flores a violeta, nos animaes o camalião; tambem significa ceu, formosura, zelo e lealdade. E obrigado o nobre que em seu escudo tiver esta cór a defender e dar toda a protecção aos que, servindo a patria, estão sem remuneração. Vera, *Orig. da Nobr.* cap. V. Villas-Boas. *Nobr.* cap. XXVI. Haro, *Nobr.* tom. 1, p. 1. Eysenbach, *Hist. du Blas.* cap. V.

(b) Haro, *Nobr.* tom. III, pag. 270.

(c) Conde D. Pedro, *Nobr.* pag. 3, n.º 9.

elle por si constituia uma página brilhante aonde se liam as virtudes e acções valerosas do nobre que o possuia (a); e n'esta viva página mostravam aos seus descendentes, qual o caminho que estavam obrigados a trilhar, como herdeiros seus,—da caridade para com os infelizes, valor nos combates, honra e fidelidade ao rei e á patria.

Luiz VII (1137–1180), entendeu que devia apparecer no brasão um objecto que lembrar fizesse o nome do nobre: este rei foi o primeiro, que em seu escudo collocou uma flor de *Liz*, para significar o seu nome de *Luiz* (b).

A este exemplo, que de tão alto vinha, os nobres começaram a collocar sôbre os campos dos seus brasões a inicial do seu nome, ou a da sua dama, pelo muito amor que lhe tributavam: e este costume nascido em França, espalhou-se por toda a Europa.

Foi, talvez, n'esta epocha que os de Bahamonte, deixando o antigo escudo de *Fajardos*, que usavam todos os descendentes de D. Rodrigo (c), tomaram um, que em todo o tempo lhe recordasse os seus nobres avoengos.

Para cobrir o campo procuraram a côr azul, como a que Deus escolheu para vestir a celeste abobada, e por significar formosura em que brilhava *Milia*, e o quanto era de caridosa para com os desvalidos, tornando mais brilhante esta virtude, por ser a occultas que a exercia, imitando d'este modo a humilde violeta que escondida entre a relva nos humidos valles apenas se deixa conhecer pela fragrança que exhala: assentaram sôbre o azulado firmamento a inicial de *Milia*, como brilhante estrella que pairar devia sôbre aquella immensidade, esta de ouro, metal, que só o verdadeiramente nobre pode trazer em seu brasão (g), coroado com uma coroa ducal, como filha do real tronco de Inglaterra.

Mas acabado assim o brasão que nunca fizesse esquecer aquelle anjo celeste, era necessario que o gentil cavalleiro estivesse sempre unido a elle, e esta união é assás expressiva na orla que volteia o escudo de *Milia*: — é o abraço de desposado, é a significação do puro e sancto amor que lhe deu a felicidade na vida: n'esta orla, escreveram com tintas que a mão devastadora do tempo não apagára, as acções de heroismo do cavalleiro Rodrigo: a côr vermelha de sobejo falla nas

(a) W. Maigne, *Le scienc. des Arm.* pag. 4.

(b) Bullet, *Dissert. Magny, La scienc. du Blas.* pag. XIII.

(c) Fajardo, Gallego, Monterroso, Bibero, Çatico, etc. todos tem o mesmo escudo d'armas. Haro, *Nob.* tom. III, pag. 271, v. 272.

(d) Bare, *Regr. sob a Arm.*

victorias que sellou com seu sangue, os peixes que assentam sôbre ella, que essas victorias assim alcançadas se travaram por sôbre as encapelladas ondas: o número sete que n'uma das mais sanguinolentas batalhas navaes, ao fio da espada do invencivel guerreiro deixaram de existir outros tantos mouros.

«*Ces armes parlantes ont, dès ce moment, une telle valeur, un tel cachet de symbolisme pour la famille, qu'elles passent aux descendants, et l'hérédité des armoiries dans les familles est ainsi constituée*» (a): e com effeito este brasão todo significativo, não tem soffrido modificações como nos mostra o já citado nobiliario, e assim existe entre nós, como se colhe de uma lapida sepulchral que encontramos na egreja da Sé Velha, ao lado esquerdo proximo á porta travessa.

Sôbre a lapida, além do brasão que tem como timbre o chapéu de dignidade ecclesiastica, está a inscripção seguinte:

«Sepultura do doutor Sebastião Vahia mestre eschola d'esta Sé: falleceu de idade de 71 annos, aos 16 d'Outubro de 1630.»

Pouco podémos colhêr no cartorio da Sé sôbre esta dignidade: existe um assento da posse de mestre eschola tomada em 16 d'Abril de 1610, e n'este assento da posse está a clausula de se *fazer licenciado ou doutor nos sagrados canones ou theologia, dentro d'um anno*, é possivel que fôsse cumprida esta clausula que lhe impunha a bulla pontificia, todavia no archivo universitario por não haver escripturação regular em epochas tão longinquoas, foram de nenhum proveito os nossos esforços.

A sua naturalidade, e familia, como sabel-a? porém se nos é dado fazer conjecturas, julgamos que Sebastião Teixeira de Vahia, é assim que se acha assignado nos livros do Cabido, é ascendente d'uma nobre familia de Villa Mean, proximo a Villa Real, hoje residente em Chaves, isto pelo que se collige do cognome — *Teixeira* — porque todos os descendentes d'esta casa se assignam — *Teixeira de Vahia*, — e não da familia Monterroso, posto que seja do mesmo tronco de Galisa, e que reside em Taboado districto do Porto, porque se assignam — *Vasconcellos Monterroso*.

Esta familia de *Teixeira de Vahia*, acha-se entroncada com os Bahamontes de Galisa, pelo que se observa das armas já descriptas, e esculpidas sôbre a sepultura d'esta dignidade da Sé de Coimbra. A. M. Seabra d'Albuquerque

(a) Visc. de Magny, *La scienc. du Blas.* p. XIII.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitéiras, n.º 19.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 660

N.º 10 — MARÇO 31 — 1861

Anunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.



SURREXIT

Sôbre as alturas do Golgotha está arvo-rada, mas solitaria, a cruz!

Ficou erguido o altar do holocausto; e a victima desceu d'elle para o tumulo.

Consumou-se o sacrificio!

E Jerusalem dorme esquecida dos terrores que lhe incutira a palavra do propheta.

Dorme, ebria do sangue do justo, e cançada das orgias nocturnas.

Dorme, que sôbre o cadaver do cordeiro immaculado cahiu a pedra do sepulchro. Dorme: e da lembrança do povo já se apagou a imagem do morto, que promettera ressuscitar.

Dorme a cidade após o delirio da vingança, mas velam por ella os guardas á porta do monumento.

Estão ermas as ruas: apenas se avistam, como phantasmas nocturnos, atravessando por ellas, os vultos sombrios d'algumas mulheres piedosas, que tomam o caminho do calvario, e vão subindo pela encosta, onde estão dispersas as ossadas dos criminosos justicados.

Essas pobres mulheres não esqueceram o que repousa entre os mortos: querem ainda pagar-lhe o último tributo d'amizade; levam consigo os aromas para de novo lhe embalsamar o corpo sem vida.

Ainda a manhan não começava a roxear o horizonte. O silencio da noite apenas era interrompido pelo ranger dos craneos despidos, que estalavam sob a planta mal segura d'aquellas mulheres fracas e timidas; mas as unicas que não tiveram medo das trevas, nem pavor na estancia dos mortos.

«Quem nos alevantará a pedra do monumento? — diziam ellas entre si. E caminhavam para o logar onde viram que fôra depositado o cadaver do Mestre.

Começavam então os primeiros raios do sol a dourar as cumiadas das montanhas; e a cruz ensanguentada brilhou com o subito clarão d'este sol do primeiro domingo.

E as mulheres chegaram á entrada do monumento, e encontraram a pedra voltada, e o sepulchro vasio.

«Onde puzeram o corpo do Mestre? — perguntaram ellas aos dois jovens, que viam no logar do sepulchro.

— Ressuscitou, não está aqui; — eis ahi a resposta que ouviram proferida pela bocca d'aquelles dois mensageiros do ceu.

Ressuscitou, podemos nós tambem dizer hoje fundados no testemunho dos evangelistas, e apontando tambem para o sepulchro vasio.

Ressuscitou para consolação dos fieis e confusão dos impios, para que se cumprissem as escripturas, — para que se visse que a morte não podia triumphar do que trouxera ao mundo uma nova vida, — para que o testemunho de sua missão divina ficasse sellado com esta prova authentica da verdade.

Ressuscitou, e os discipulos o viram, e lhe fallaram depois de ressuscitado.

Ressuscitou, e nem a synagoga ousou contestar a authenticidade do acontecimento.

Ressuscitou, e os discipulos velaram com o seu sangue a verdade da resurreição de Jesus Christo.

Os guardas, que corrompidos com dinheiro attribuiram aos discipulos o roubo do corpo sacrosancto, são desmentidos pelo martyrio dos mesmos discipulos.

Desmente-os ainda a indulgencia com que são tractados os guardas que se deixaram adormecer.

A verdade da resurreição está escripta com o sangue dos martyres. Esse sangue innocente ergueu da terra um clamor, que foi

ouvido em toda a redondeza. É elle que brada aos ímpios e incredulos: — mentis!

E mentis, sim; porque nenhum de vós era capaz de sellar com o proprio sangue a descrença, como os apóstolos sellaram a verdade da Fé.

Os apóstolos viram Jesus Christo depois de ressuscitado; com elle fallaram e comeram, e assim o attestaram diante dos tyrannos, assim o confessaram com a cabeça inclinada sob o cutello do algoz, assim o deixaram escripto com seu sangue na base do cada-falso.

Eis ahí o patibulo ensanguentado servindo de testemunha ao sepulchro vasio, como a confissão dos martyres serviu de confirmação ás verdades do evangelho.

Hoje, pois, esquecidos das discordias que nos separam, vamos todos ao templo adorar a Jesus Christo ressuscitado.

Tambem para nós ha de vir um dia de ressurreição. E com esta esperança convem que já hoje ressuscitemos d'essa morte moral, causa unica de todas as desgraças da patria.

Por amor de Jesus Christo, e por amor da patria esforcemo-nos para sahir d'este sepulchro, onde reina a corrupção do seculo.

Esta ressurreição moral deverá ser a nossa verdadeira regeneração. D'ella, e só d'ella, depende a regeneração social, que todos os portuguezes dignos d'esse nome desejam deixar em legado á geração nascente.

Rodrigues de Mattos

O HOMEM E A TERRA

(Concluido do n.º 9)

O homem é o animal de todas as latitudes, do equador aos circulos polares; todas as regiões são suas, vive debaixo de todos os climas, para que nenhum ponto da terra fique sem lhe ser tributario; e, em consequencia do providencial principio de divisão do trabalho, cada um em seu ponto procura colhêr a maior somma de productos, em troca dos quaes obtenha os dos outros, já que lhe não é impossivel havel-os.

Se todas as leis sociaes se fundam em principios absolutos, esta lei economica é mais um argumento que abona o meu proposito. Seja embora o pensamento um Ashaverus, o homem physico esse não; só o espirito é cosmopolita; que as nações tomam um typo caracteristico, proprio e sui generis, que se não

confunde, e somente o volver de muitos seculos lhe pode apagar as feições.

Pelo regicidio da infeliz Maria Stuart incorporou-se a Escocia á Gran-Bretanha: e a Escocia será hoje ingleza no corpo e na alma? succederá outro tanto á Irlanda? se o forem, perguntem á historia os annos que não custou a suffocar os ultimos arrancos d'estas duas nacionalidades. Veneza é austriaca pela força das armas, e vão já largos annos depois que o leão de S. Marcos deu o último rugido. A Polonia e Hungria gemem captivas, prostradas e vencidas, mas não convencidas; senão nós, nossos vindouros hão de ouvir dizer á Saboia que não é França, embora exausta, e enfraquecida, não póssa demonstral-o. Não se matam as nacionalidades, porque se não matam as glorias, não se matam as tradições, não se riscam da historia os nomes, as affeições não se riscam d'alma, não se desvinculam os laços moraes, não se elimina a memoria, não ha podêr que mate os factos, e estes são os monumentos das nações, a elles se affincam as nacionalidades e d'elles se alimenta o patriotismo.

Quem não reconhece n'este sentimento a origem de immarcessiveis glorias, de nobres arrojos e de heroicos feitos? Sem patriotismo nada de sociedade pois é elle a fonte de todas as virtudes civicas: nada de independencia porque a falta d'ella é a negação da existencia das nações.

Se ha paizes em que seja pronunciado este sentimento é sem dúvida o nosso um d'elles: cada um de seus filhos por mais que para longe se affaste seguindo os eventos d'uma vida agitada; percorra embora regiões longinquas, onde se extasie na contemplação das magnificencias d'arte, ou da natureza; sempre com saudade se lembra da sua humilde aldeia; e cada um na sua linguagem, rude ou sublime, segundo o seu engenho, mas sempre repassada da poesia das recordações, diz o mesmo que J. de Lemos disse com tanta inspiração na sua *Lua de Londres*, ou nas *Recordações de Coimbra*...

O Tamisa fazia ter saudades do Mondego e do Lima; as grandezas de Londres não davam ao saudoso poeta uma aldeia de Portugal; as ruinas do Collyseu, a sublime grandezza do Vaticano, a que Lamartine chamou a apothese do christianismo para d'elle inculcar uma ideia aos que nunca o viram, a patria das recordações, em que cada pedra é um monumento capaz de absorver todas as cogitações do homem mais pensador, nada d'isto foi bastante para fazer que um portu-

guez deslembrasse por um momento a sua patria; tão radicado n'alma lhe estava o amor d'ella.

J. de Lemos aqui não é um homem; é a personalisação d'uma ideia geral, d'um pensamento commum a toda uma nação. Em todos os tempos, os que mais se alongaram do seu paiz, em cata d'honra ou de riquezas, satisfeito o fim, poucos se demoravam no theatro das suas façanhas, ou de seus trabalhos: a sua aspiração suprema realisava-se voltando á metropole, onde só lhes era doce o gôso de suas palmas ou thesouros.

A patria é um sentimento, que assim como não morre n'alma dos individuos tambem não morre n'alma das nações: é uma ideia de todos os povos e de todos os tempos; senão congenita do espirito ao menos uma das suas primordiaes; creio n'ella como ponto de partida do progresso, como creram os que por ella se fizeram martyres ou heroes.

A patria foi a promissão d'Israel, e Israel como precursora das nações foi o symbolo das sociedades modernas.

A. C. da Silvea Mattos

EL-REI PERDOA

III

«Só vós, senhora minha, me podeis valer n'esta grande afflicção. Pedi a el-rei! todos sabem a magnanimidade de sua alma e o grande affecto que vós tem!... e deve ser tão doce e ledó o perdoar! a consciencia ha de ficar tão contente de si e tão contente com Deus, que perder ensejo de outorgar perdão, é desperdiçar o mais optimo dom que a Providencia deu aos que têm imperio para minorar d'elle as agruras e espinhos!

—Assim é, dona, mas vós sabeis que seu crime é feio... e el-rei, meu senhor e meu marido tem obrigação de punir os maus.

«Feio ha sido o crime; mas não foi, como já disse a V. A. por maldade, que elle o praticou. V. A. tem um filho, sabe pois quanto é grande, sabe que é immenso o amor de mãe; o de pai é igual: — e o infeliz não vê no mundo... para elle o mundo resume-se n'aquella filha. Não tem outra... desvairou d'amores por ella, que perdida, que loucamente apaixonada pelo fidalgo infame de Castella, foi por este seduzida na singeleza e innocencia de seu coração a arrastar o pae a tão fundo abysmo de desventura. Para castigo, para terrivel castigo são aos dois assás

as aperturas de coração, os remorsos pungentes que ha tres dias hão soffrido. Pedi, senhora, a vosso marido, pedi ao pae de vosso real filho o perdão d'aquella infeliz, que se perdeu pelos extremos de pae... Ha vinte annos, que as portas do mosteiro de Santos, como lousa de sepulchro, se fecharam sobre mim. Dos que habitam o mundo só me havia lembrado para rogar a Deus por elles. Julgava que nunca mais sahiria d'aquella sancta casa, que nada me iria desprender da cruz com que abraçada queria descer a terra d'onde provim; mas não o quiz assim a Providencia: laços de sangue e affectos de coração me obrigaram a fazer abrir ante mim aquellas portas do mundo que acreditava para sempre cerradas. E sahi, senhora; sahi da minha cella unicamente para vir lançar-me aos pés de V. A. para vir com lagrimas afflictivas banhar vossas reacs mãos, e supplicar-vos, que, pela prosperidade de vosso reino, pela vida de vosso filho, pelo sangue purissimo de Christo, alcanceis o perdão do infeliz pae de Carolina!... Ai! V. A. chora! perdoae-me o desgosto que vos causo; perdoae-me o atrevimento de vir aqui rojar-me a vossos pés, e maguar-vos com minhas lástimas; mas aquelles dois infelizes não têm ninguem mais no mundo; só eu lhes resto, e se não obter de V. A. o perdão do pae, não morrerá este só; ha de morrer tambem a filha, que as afflicções e os remorsos a matarão!...

Era assim, que, no dia seguinte ao da tourada, em um aposento da casa real d'Alcochete, a commendadeira Violanta, tendo conseguido licença do prelado de Lisboa para sahir por oito dias do seu mosteiro, prostrada ante a rainha, sollicitava com fervor o perdão do seu infeliz parente João Baço.

As últimas palavras disse-as tão cortadas de soluços e de prantos, com tão angustiada expressão e tão do fundo d'alma, que D. Leonor d'Alemcastro sentiu cortar-se-lhe o coração piedoso e bom; correram-lhe em fio as lagrimas que ha muito lhe assomavam aos olhos, e só com voz mal segura poude responder:

—Violanta, farei quanto poder para alcançar a vida de João Baço... mas não vol-a asseguro... sabeis que el-rei em tomando uma resolução ninguem o demove d'ella... contar-lhe-hei porém quanto me tendes dicto; e, talvez, sabendo que toda a preversidade foi do estrangeiro, e dos nossos só a illusão e desdouro, se amercie d'elles. Tende esperança; e aguardae-me ambas n'esta sala, rogando no emtanto á Sancta Virgem para que

eu possa persuadir á clemencia o espirito do rei.

Levantou-se e sahio.

A rainha tinha dicto: — aguarde-me ambas; porque Carolina tambem alli estava; mas affastada das duas, quasi escondida e pros-trada n'um canto do aposento.

A pobre donzella durante a longa conversação, de que apenas o epilogo narrámos ao leitor, não tinha podido conservar-se na postura, que o ceremonial da côrte demandava; cahira meia desfallecida sôbre um tamborete, e alli estivera, despedaçando-se-lhe a alma de dor e de anciedade, a assistir áquella scena d'onde dependia a vida de seu pae.

O que soffria alli, o que durante tres dias tinha soffrido não é facil dizel-o. Ella, que na louca exaltação de seu amor tudo arriscára para salvar a vida do d'Avilez, tinha sido por este cruelmente enganada. O castelhano tinha faltado vilmente a todas as promessas. Fugira da igreja na primeira hora da segunda vigilia nocturna, e embarcára logo. Com bem fingidos pretextos persuadira pae e filha a deixarem-no embarcar só, promettendo-lhes que antes do alvorecer mandaria um batel buscal-os a terra; e apenas a bordo fizera levantar ferro, e sahira a barra, deixando assim os dois desventurados expostos á cholera d'el-rei. Tinha d'est'arte practicado para evitar a companhia dos dois, para não cumprir a promessa de casamento feita a Carolina, para mais negro tornar seu feito, como lhe pedia a negrura da alma.

E a donzella, na praia, abraçada ao pae livido, trémulo, desvairado, mas silencioso, vira através das sombras da noute o alvamento vulto da vela que fugia. Conheceu então quanto era vil e abjecto o espirito, que julgava nobre e generoso, do homem que tinha amado. Desde esse momento o amor converteu-se-lhe em odio, pois viu que por elle perdêra o pae e trahira a patria. É que tambem o seu coração, que uma educação mystica tinha desvairado, não podia conceber senão extremos: d'um amor ardente, entusiasta, exaggerado passou a um odio profundo. Não lhe veiu porém ao pensamento, — nem para tal pensar a occasião era opportuna, — o desejo feio de se vingar. Envergonhou-se de si, e tornou-se-lhe asquerosa a lembrança do vil, que tanto amára.

E soffrêra, — soffrêra muito e muito; e esmagado sentiu o coração quando viu depois levarem prêso e em ferros seu infeliz pae.

Morreria com tantas maguas se uma luz de esperanza, — que é a mão de Deus que

nunca falta aos miseros nas maiores desventuras, — a não fôsse animar. Lembrou-se de ir a Santos, e tudo contar á commendadeira, sua segunda mãe, e que ella sabia amiga da rainha, que muitos dias ia passar longas horas entre as donas do mosteiro; unica pessoa que lhe podia valer em tão apertado e angustioso passo.

Foi; e os cuidados e desvelos de Violanta Nogueira obstaram a que se lhe partisse o fio da existencia tornado tenuissimo pela intensidade do soffrimento.

Agora estava alli com a vida quasi parada, esperando a volta da rainha.

A commendadeira de joelhos ante um painel da Virgem, suspenso da parede, era entregue completamente a fervorosa prece.

Correu assim largo tempo.

Finalmente a rainha voltou. As duas infelizes com um equal impulso de extrema anciedade foram a ella, ajoelharam, tomaram-lhe as mãos, e levantaram para D. Leonor os olhos supplicantes.

Era uma interrogação muda, mas dolorosamente expressiva. A rainha respondeu:

— Esperança, filhas! el-rei nada decidiu, mas tanto lhe roguei, que propenso ficou á misericordia. O caso vae ser julgado pelos desembargadores que ahi estão; interesse-me por vós: e eu mesma vou fallar a alguns d'elles.

Era a administração da justiça nos primeiros tempos da monarchia uma cousa simples; isenta dos longos debates, das finas subtilidades, das enfadonhas e immoraes morosidades, que depois o direito dos imperadores e dos pontífices, e os interesses dos juristas foram pouco a pouco introduzindo, desde o reinado d'Affonso III, e que, sempre augmentando-se, têm continuado até hoje.

Mas tinha então outro inconveniente igualmente grande e prejudicial aos povos, era a incerteza do foro, era a immensa variedade de legislação de foro para foro, era o arbitrio do nobre, ou do magistrado municipal ou real frequentemente substituindo-se á lei.

O caminhar da civilização tinha minorado de ha muito este último mal, mas as raizes derradeiras só lh'as arrancou o decreto de 16 de Maio dn 1832.

Na epocha da nossa historia, no reinado de D. João II, existiam ambos. Havia ainda as isenções e privilegios locais dos diversos municipios e senhorios; o infeliz infante D. Pedro, sendo regente, tinha publicado o nosso primeiro codigo de leis geraes, compilação util, mas sem methodo e incoherente,

de leis nacionaes e estrangeiras, onde a organisação e attribuições dos differentes tribunales do reino se achavam mal e apenas esboçadas; novas leis d'Affonso V e João II tinham vindo augmentar a legislação patria; subsidiarios a esta os canones, sujeitos á vária opinião dos casuistas, e o direito romano, aclarado em um ponto, baralhado em mil outros pelas interpretações, glossas e controversias dos doutores italianos e nacionaes; finalmente superior a tudo isto o poder despotico, a vontade absoluta do monarcha.

O modo de administrar a justiça, de applicar aos povos toda esta multidão de leis participava da confusão, variedade e reciproca antinomia d'ellas.

O processo era ás vezes verbal e simples, como nos reinados do conde Henrique e de seu filho Affonso; outras, porém, revestia-se de todas as formalidades, de todas as minucias, que, em parte as relações mais complexas das modernas sociedades e em parte os interesses particulares, como já dissemos, tinham ido buscar ás leis imperiaes, pontificias e wisigothicas.

Havia, como hoje, instancias superiores e inferiores. Nas causas crimes de Lisboa e seu termo appellava-se para os sôbre-juizes da Casa do Cível, e do geral do reino para os tres ouvidores da côrte. Tanto d'aquelle tribunal, como d'estes magistrados se recorria em última instancia para a *Casa da Justiça*, tambem chamada, já n'esse tempo, da Supplicação, ou Relação da côrte, a que se junctavam muitas vezes os dois desembargadores, dictos do Paço, e a que o proprio D. João II frequentemente presidia.

Crimes havia, porém, não designados por lei, mas que por suas circumstancias eram julgados em primeira e unica instancia por este tribunal supremo.

O feito de João Baço estava n'este caso; a evidencia do crime, e a vontade do rei tinham simplificado e tornado tumultuario o seu processo.

Em quanto se passava entre a rainha, Violanta e Carolina a scena anterior, os desembargadores, depois de ouvirem a missa, que todos os dias de despacho lhes rezava o sacerdote da Relação, tinham preparado tudo para o julgamento da causa.

Já estavam na sala que haviam disposto para a audiencia, quando Ruy da Gran e alguns outros de maior influencia receberam recado da rainha para lhe irem fallar.

Accedendo a seu pedido, os desembargadores prometteram fazer quanto podessem,

e combinaram entre si o modo como procederiam. A rainha não era facil resistir, pois se não exercia, como nem pessoa alguma, preponderancia decidida no espirito d'elrei, era comtudo por elle muito amada, e todos em geral a respeitavam e lhe queriam muito pela sua grande caridade e mais virtudes, de que, ainda hoje, uma obra de importancia serve de prova, o hospital que fundou na villa das Caldas, denominada por isto, da *Rainha*.

Pelas dez horas da manhan D. João II entrou na sala da audiencia. Sentou-se n'uma cadeira de espaldar collocada ao tópo d'uma comprida mesa, a cujos lados se sentaram em tamboretos razos os dois desembargadores do Paço, o regedor, o chanceler e os outros juizes da *Casa da Justiça*. Sôbre a mesa havia muitos papeis, livros, tinteiros e uma ampulheta ou relógio d'areia, como determinava a lei.

Juncto d'outras mesas, ou dispersos na sala estavam advogados, procuradores, escriptores e officiaes subalternos da justiça.

Na phisionomia de D. João via-se severidade, mas não cholera; e aquella mesma era como um veu com que o rei pretendia occultar a clemencia para que n'esta hora lhe propendia o coração.

Momentos depois o reu foi introduzido na sala. Em toda a sua corpulenta figura se denotava quebrantamento do espirito. O rosto tinha-o livido, e leves estremecimentos lhe agitavam de quando em quando o corpo.

Foi lido o libello, cujos artigos de accusação se provaram pelo depoimento claro e incontestado de varios guardas, chaveiros e outros empregados do Limoeiro de Lisboa, que serviram de testemunhas. Mas todos tambem asseveraram o optimo procedimento anterior do carcereiro.

Interrogado este tudo confessou, defendendo-se apenas do amor que dedicava á filha e com a sedução que sôbre elle tinha exercido a astucia do d'Avilez.

A tristeza estava no rosto de todos; o crime era evidente, a defesa do reu quasi nulla, e direito sôbre o caso expresso. A lei então vigente dizia:... «*se o prêso foge por malicia, ou manifesta culpa do carcereiro, deve esse carcereiro a morrer por ello, se aquel que fugiu era accusado por tal maleficio, que se provado fôsse devêra de morrer...*»

Como salv-o?— e comtudo na mente de todos os juizes, rei e desembargadores, estava a compaixão pelo reu, e os rogos fervorosos de D. Leonor d'Alemcastro.

O licenciado Ruy da Gran levantou-se e pediu licença para defender João Baço. Isto ia talvez um pouco contra a ordem do processo, mas o rei disse que fallasse.

Então o célebre jurisconsulto n'um discurso conciso, mas eloquente, pronunciado com uma voz commovida e persuasiva, fallando mais dos affectos do coração, que das leis dos codigos, provou á evidencia, que o amor paternal tinha produzido uma allucinação, uma especie de loucura no espirito d'aquelle infeliz, o que tirava ao feito toda a criminalidade, pois a razão e com ella a liberdade lhe fugira do cerebro, e assim ficára sem imputação; lançou toda a vilania e odioso da acção sobre o fementido castelhano, e concluiu dizendo, que este se regosijaria ao saber da punição dos simples que illudira.

Todos estavam commovidos; porém o acto externo do crime era evidente, e a lei severa e inexoravel, mas lei, lá estava aberta sobre a mesa.

Procedeu-se á votação. Esta foi pública e verbal; metade dos juizes desembargadores foram do parecer que morresse, metade que fosse absolvido.

Então o regedor levantando-se e inclinando-se profundamente disse para D. João II: «Senhor, agora fica o feito em V. A. que o pode castigar como quizer.

N'este momento uma porta escusa da sala abriu-se, e D. Leonor d'Alemcastro, trazendo pelas mãos a commendadeira Violanta e a bella e desolada Carolina, entrou precipitada, mas magestosamente na casa da audiencia.

Todos se levantaram e inclinaram com respeito, menos o rei que ficou immovel na cadeira.

A rainha, impellido sempre após si as duas amarguradas damas, caminhou direita a D. João, e ajoelhou juncto d'elle; as duas ajoelharam tambem.

A um primeiro e rapido tumulto, que provocou na sala a vinda inesperada da rainha, succedeu um silencio profundo.

Tinha um não sei que d'augusto e imponente o grupo d'aquellas tres mulheres ajoelhadas em torno do rei. A figura de Violanta com as suas vestes religiosas era magestosa e ao mesmo tempo humilde; realçava a belleza da rainha o variegado e rico de seus vestidos, a posição submissa em que estava, e sobre tudo a acção caridosa que exercia; Carolina tornada pela dor e pela afflicção mais bella ainda do muito que já era, expremia em toda a sua figura uma supplica, uma palavra — perdão. E acima dos vultos das tres senhoras o aspe-

cto nobre e verdadeiramente real de João II. Este, vendo ante si supplicantes e de joelhos as tres damas, sentiu um arrepio de commoção percorrer-lhe os membros, e seus olhos exprimiram uma certa suavidade e compaixão. A rainha com uma voz cortada de prantos, bradava:

— Pelo nosso filho, senhor rei, perdoae áquelle infeliz pae! perdoae! perdoae!

As outras duas não ousavam proferir palavra, mas as suas lagrimas e choro fallavam de sobra.

D. João então com uma voz commovida, disse pausada e gravemente:

«Eu certo desejava muito castigar este homem por o caso que fez ser feio, porém o desvairamento que se conhece ter causado em seu espirito o affecto sancto do amor paternal, o muito que vós me pedis, senhoras, e os votos dos juizes serem tantos a uma parte como a outra, ao rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida; eu sou em lh'a dar, e dou a isso o meu voto, desejando muito o contrario.

Eis minuciosa e conscienciosamente escripta a pequena historia, que, pelo titulo que lhe demos, tinhamos promettido ao leitor. Talvez porém elle seja tão benevolente, que tenha curiosidade de saber o que feito foi das várias personagens que n'ella apresentámos. Descortezia seria da nossa parte não gastarmos mais alguns momentos em folhear os velhos manuscriptos e já alguns impressos dos fins do seculo XV e principios do XVI para o satisfazermos. O pouco que de tal trabalho colhemos eil-o em breves palavras.

Um mez depois de D. João II ter perdoado ao carcereiro, soube que o castelhano Avilez ria em Toledo, a bom rir, de João Baço e da filha, do rei de Portugal e dos portuguezes. A côrte estava em Santarem; e n'esse dia á tarde o filho d'Affonso V, passeando na muralha sobre a porta do Sol, encontrou o antigo carcereiro. Recolheu-se com elle á Alcaçova e a sós conversaram algumas horas. No outro dia João Baço sahiu da antiga Scalabis; e semanas depois Isabel de Castella estorcia-se de raiva ao saber que D. João d'Avilez tinha sido encontrado morto n'uma das ruas mais tortuosas, estreitas e immundas da sua capital.

Um anno mais tarde João Baço era contador da Fazenda em Evora, logar honroso e de renda que occupou até á sua morte, succedida muitos annos depois, em feliz abastança.

Carolina teve por si a protecção da rainha. Um genealogista da epocha descobriu-lhe não

sei que linhagem illustre, e a sua virtude e belleza a distinguiram entre as damas da côrte, onde esteve cinco annos; até que um nobre fidalgo da provincia, o senhor de Valle Rasquim a desposou e levou para as suas terras.

A commendadeira Violanta voltou para o mosteiro de Santos o velho, que foi mudado em paços reaes, passando a comunidade para o mosteiro de Santa Maria do Paraiso, entre o de Santa Clara e da Madre de Deus, e ahi depois de muitos annos morreu com cheiros de santidade.

Ruy da Gran, finalmente, foi todos os dias crescendo em valimento. O rei D. Manuel o nomeou compilador das suas Ordenações; e em 1520, por morte do doutor Ruy Botto, subiu ao eminente cargo de chanceler mór do reino.

Bernardino Pinheiro

A ENGEITADA

SOUMET

Fugindo meu somno afflicto,
Que não tem um sonho ledo,
Para os montes vim tão cedo
Esp'rar a luz do infinito.

Acordou n'esse momento
O debil passarinho entre a ramada:
Ao ver provida mãe dar-lhe o sustento,
Senti de pranto amargo alma banhada.

Porque não tenho eu mãe?!
Porque não sou igual ao passarinho
Que nos olmos suspende o ninho?
Sou na terra sem ninguem,
Não tenho um pobre lar!...
De todos n'este mundo abandonada
Fui, ao nascer, engeitada
Juncto á egreja do logar!

Votada por meus paes a tantos males,
De seus mimos não tenho ideia van,
E os filhos venturosos d'estes valles,
Não me chamam sua irman!

Da sesta eu não partilho os seus folguedos,
Á sombra dos arvoredos
Não tem logar p'ra mim o lavrador,
E só de longe posso contemplar
Ditosa essa familia juncto ao lar
Trocando affagos d'amor!

Para a ermida hospitaleira,
Chorando, caminha em fim;

O só logar... ao menos seja assim!

Onde eu não sou estrangeira
Áquel'que se não fecha para mim.

Contemplo muita vez no logar sancto
A pedra, em que esta vida começou,
Buscando os signaes do pranto
Que minha mãe, comigo alli deixou.

E muita vez meus passos descontentes
Conduzo onde se dorme um somno fundo:
Mas são p'ra mim os campos indiff'rentes,
Que não posso achar parentes
Nem entre os mortos, nem aqui no mundo.

N'este martyrio tão feio
Eu choro ha quatorze annos engeitada!
Oh! corre, minha mãe, que inda te espero
Na pedra, em que então fui abandonada!

Não poudes muito esp'rar de maguas cheia
Chamando pela mãe finou chorosa.
Contam que uma estrangeira em certo dia
Toda de lucto appareceu na aldeia
E foi piedosa
Buscar no cemiterio triste lousa;
Mas não a poudes achar, que a relva a encobria,
E ao certo ninguem disse onde é qu'ella repousa.

A. C. da Silva Mattos

SIN?...

Porque não dás que as niveas mãos te aperte?
Sou eu querulo velho
De mão senil e inerte?

PINTO RIBEIRO

Sósinha por aqui linda pastora!
Que faz? Porque é que triste assim vagueia?
O que pensa a sua alma? o que ella ancia
É saudade ou é sêde abrasadora?

Talvez—quem sabelá?!—tão fresca e loura
Que já n'algum casal d'aquella aldeia
Tenha presa essa vista que incendeia
A face com que a sua baixa e córa?

Ande... falle... o amor não vem da gente
Não somos nós que qu'remos ou não qu'remos?
—Ainda não sabe isso? Ai!... que innocente!

Veja lá! Se não ama não seremos
Felizes ambos?... não?—Pois se consente
Teremos junctos sós... o que não temos?

Alberto Telles

BIBLIOGRAPHIA

**Fructo da obediencia, drama em tres actos
por J. J. d'Almeida Braga**

Temos diante dos olhos o drama em tres actos, intitulado—*Fructo da obediencia*, producção recente do Sr. J. J. d'Almeida Braga, e já a terceira n'este genero, que o illustre auctor faz sahir á luz da publicidade.

Conhecedores da nossa incompetencia sôbre a apreciação de taes escriptos, vimos hoje á imprensa, de motu proprio e com a mão sôbre a consciencia, fazer estampar no papel o que sente o coração. Sem pretender, portanto, arvorar-nos em rispido censor, nem, por identica razão, proceder, armados do escarpello da critica, a uma autopsia minuciosa sôbre a obra sujeita, exporemos com toda a franqueza e candura o merecimento que achámos, e o gôsto que sentimos, ao ler pela primeira vez o drama referido.

O Sr. Almeida Braga, sem ir desenterrar as empoadas cabelleiras do seculo passado, sem fazer entrar em scena esses quadros tetricos e pavorosos, produzidos por assassinos, incendios, trovoadas, raios e coriscos, como ainda ha pouco estava em uso, cingiu-se completamente aos costumes da actualidade; e n'isto, em quanto nós, foi muito feliz, seguindo a vereda da moderna eschola dramatica, em perfeita harmonia com os preceitos estabelecidos por uma das mais respeitaveis auctoridades do seculo em que vivemos. Aludimos ao immortal V. Cousin, que, com referencia ao assumpto de que nos occupámos, diz o seguinte: «La loi de l'art dramatique est de ne point mettre sur la scene des pâles fantômes du passé, mais des personnages empruntés a l'imagination... animés, passionés, parlant et agissant comme il appartient à des homes et non à des ombres. C'est la nature humaine qu'il s'agit de représenter a elle-même sous un jour magique qui ne la défigure point et qui l'agrandisse. Cette magie, c'est le génie même de l'art.»

Além d'isto o pensamento que presidiu á elaboração do drama—*Fructo da obediencia*, é altamente louvavel, porisso que d'este resumbram vastos sentimentos da mais acrisolada moralidade.

O Sr. Almeida Braga soube pintar com muita naturalidade os perniciosos effeitos resultantes, já da libertinagem e da indocilidade aos prudentes conselhos d'uma velhice encanecida pelo gêlo dos annos, já ás consequencias dolorosas e amargas, filhas, quasi sem-

pre, d'um amor cego e obstinado. Condemna o luxo descomedido, por ser isto o que muitas vezes abre a porta ao vicio e á deshonra. Finalmente o joven escriptor veio sem dúvida prestar um relevante serviço á regeneração moral da sociedade: veio, sim, coadjuvar com seu valeroso e nobre auxilio os que, noite e dia, forcejam por lançar uma campa de bronze sôbre o barathro profundo do cynismo, degradação final da especie humana, onde a mocidade incauta e desatinada muitas vezes vae, por último, despenhar-se, depois de ter rolado de precipicio em precipicio, e de ter passado por todas as phases da desinvoltura e dissolução!

Folgaremos, pois, de ver em scena este drama (segundo a nossa humilde opinião) de tão bello gôsto, d'um enredo tão bem traçado, e escripto n'um estylo fluente e correcto. E oxalá que muitas pessoas do sexo amavel, destinadas pela natureza, quaes flores mimosas, para adornarem o jardim da vida, tomem por modelo aquella docil e obediente *Amelia*; e que muitos mancebos voluveis, immorigerados e recalcitrantes aos venerandos conselhos da velhice, se conttenham no insidioso caminho, que trilhou o desventurado *Arthur*!

É, como já dissemos, o—*Fructo da obediencia*—a terceira composição theatral do Sr. Almeida Braga: foi mais uma folha verdejante atada á coroa de louros, que já lhe cinge a fronte.

E se em todas essas producções litterarias do talentoso mancebo o claro brilhante d'um genio luminoso, similhante ao de Garrett, não brilha ainda, bruxuleia já.

Continue, portanto, o joven poeta e dramaturgo bracarense com trabalhos d'esta natureza, e não duvidámos que, um dia, o simples pronunciar de seu nome seja superior a quaesquer encómios.

Acacio de C. Fontes

MOSAICO

Maxima italiana. A justiça deve distinguir porque pune; a caridade confunde o criminoso com o innocente, e diz a innumeravel familia dos affligidos: quem quer que sejaes, se vossa alma se abysmou na dor, vinde beber á fonte das consolações.

Calae-vos, ou então dizei alguma cousa que valha mais que o silencio.

Pythagoras

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

Volume I



Assigna-se na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

EM COIMBRA PREÇOS FÓRA
Tres mezes - - 300 | Seis mezes - - 600

N.º II — ABRIL 15 — 1861

Toda a correspondencia devera ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitéiras, n.º 19.

Anunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a producção

(Continuado do n.º 6)

As fortunas, que individuámos no artigo antecedente, datam do reinado de Henrique VIII, quando, supprimidos os mosteiros e extinta a auctoridade papal (1534), se distribuiram em Inglaterra por particulares os sete decimos de propriedade de raiz, que até alli eram da egreja. Foram esses galardões d'apostasia, que se trocaram com o andar dos tempos em verdadeiros principados dos oligarchas da Gran-Bretanha. *Welbeck-Abbey* do duque de Portland, *Woburn-Abbey* do duque de Bedford, *Rossie-Priory* de lord Kinnaird, *Dryburgh-Abbey* do duque de Buchan — e outras residencias senhoreaes, bem revelam nos nomes sua genealogia.

Alguns d'estes novos Crésos podem correr a posta por muitas milhas por entre dominios seus. O marquez de Breadalbane vae do seu castello ao mar, que lhe está a cem milhas, por meio de ininterrompidas fazendas, cujo senhor elle é; todo o condado de Sutherland, que as aguas do Atlantico banham por um lado e por outro as do mar do Norte, — todo o condado de Sutherland é pertença da familia ducal de Sutherland; e só em tórno do castello de Gordon possui o duque de Richmond trezentos mil acres de terreno. Uma das propriedades do duque de Cléveland é bipartida pela estrada real por espaço de vinte e duas milhas, e, afóra outros domínios immensos, têm o duque de Devonshire o de noventa e seis mil acres no só condado de Derby. O duque de Bedford conta por milheiros os predios que tem sitios em Londres; o mesmo se dá com o marquez de Westminster, cujo ré-

dito, ao que diz Aurelio Kervigan, se pode estimar em vinte e cinco mil francos por dia.

Ao pé d'esta colossal riqueza roja-se a miseria mais lastimosa. Uma raça, que, como Cain, parece maldicta, enxamea e referve em tórno dos mimosos da fortuna com o corpo myrrhado ás mãos da fome e a frente arada do halito da doença. Nuvens de crianças de nove a quinze annos infestam as ruas de Londres, vivendo de piratear ou indo passear sob as arcadas d'Adelphi a librê da prostituição. Assim industriados desde a mais tenra infancia, estes beduinos juvenis vão povoar as colonias e cadeias, onde já não cabem. As exportações de mendigos (*clearances*) não bastam a alliviar as municipalidades. As casas de trabalho (*workhouses*) são apontadas como matadouros legaes. Adolescentes d'ambos os sexos extenuados pelo trabalho de dezoito horas diarias respiram a morte nas tinturarias n'uma atmosphera malsan. As minas fazem lembrar os ergastulos; o *putter*, o *traper*, e o *driver* (a) suam ahi o suor de sangue antes de chegarem a ser homens. É a degolação dos innocentes; o sacrificio á sociedade d'hoje da sociedade que ha de ser.

Por outro lado, a accumulacção da propriedade rural tem feito rarear a povoação agricola. A grande propriedade e a grande cultura reinam promiscuamente em Inglaterra. O torrão fertilizado por cataractas de ouro, todo ahi se desata em abundancias, que é isto resultado de n'elle se fixarem grandes cabe-daes. O encanamento d'aguas, o enxugo de pantanos, as surribas, margações, e outros trabalhos d'alcance, que beneficiam as terras;

(a) Categorijs de crianças d'ambos os sexos que trabalham nas minas de carvão de pedra. O inquerito de 1841 mostrou quão triste era a condição d'estas creaturas; as medidas tomadas para a melhorar têm sido inefficazes.

os trilhos de debulhar, que tão grande economia dão na colheita dos pães, as máchinas de ceifar, os extirpadores, escarificadores, rolos e sementeiros de pá ou de cylindro, e toda a mais alfaia rustica aperfeiçoada; e até o melhor partido que se tira dos agentes animados pela mais completa divisão do trabalho — são o cortejo da cultura em ponto grande, e um privilegio dos capitaes avultados (a). Mas é justamente este poder mechanico apanagio da riqueza amontoada, que dá baixa áquella povoação agricola, que outro ganha-pão não tem senão o vigor dos seus musculos.

Accresce a isto que os pascigos tendem a generalisar-se pela vantagem dupla — de renderem mais com menor despesa; d'aqui o decrescer do número dos habitantes de Lairg, de Loth, de Kildonan, e d'outros sitios, como bem observa M. Mac Leod n'uma carta, que escreveu a mistress Beecher Stowe por occasião da visita, que esta fez a Inglaterra. Diz um publicista — *que percorreu uma propriedade de sete leguas de extensão, explorada por um só homem com vinte pegureiros a seu serviço*. O mesmo escriptor menciona outra propriedade de 30:000 acres, — *que dava pastagens aos rebanhos apascentados por sós onze pastores*. A marqueza de Stafford expulsou os seus rendeiros de 794:000 acres de boas terras, concitada pelo mesmo principio de auferir maior lucro com menor dispendio; principio que tem determinado no mesmo sentido toda a aristocracia ingleza.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do número 4)

ISABEL DE CASTELLA

Cêrca de meio seculo depois um homem, pobre, obscuro, desprezado — só rico d'uma ideia — atravessava as nações, fallando-lhes d'uma visão, e offerecendo aos reis e aos povos um mundo novo em troca d'um barco que d'inutil, lhes apodrecesse nos portos.

Os povos riam-se — apontando o visionario, com aquelle riso estúpido da turba que não intende, e os reis ouvindo no alto o ruido longinquo das gargalhadas das praças, chamavam o *louco* por um instante, e riam-se

(a) Tractaremos em artigo separado das relações da povoação com a grande e pequena propriedade, e a grande e pequena cultura.

tambem, riam como a turba... só com mais desprezo e escarneo.

Foram e serão sempre assim os reis: o povo — grande cerebro vão que só de seculo a seculo concebe uma ideia grande — tambem assim é: precisa primeiro morder a mão, que depois tem de beijar... mas estes são os verdadeiros reis...

Outras vezes, d'um só golpe decepa a mão que beijára largo tempo: é a vez dos falsos reis...

Ora este homem era um rei do futuro. Com uma mão sôbre o coração, e os olhos lançados para além do oceano, aonde, vestida com as galas e pompas do seu luxo tropical, lhe acenava de continuo a sua amante, deixava sereno ruirem em volta a si aquellas ossadas humanas, erguerem-se as tempestades d'aquelles odios: como das outras, dizia-lhe a voz do futuro que já lhe fallava n'alma, que tambem d'estas sahiria triumphador.

Era um rei aquelle, como só a intervallo de seculos os lança Deus ao mundo, semelhantes a esses cometas gigantes que por milienios medem o largo curso da sua clipse. Ao astro errante temem-no, a elle...

Estava guardado para uma alma de mulher, n'este solo abençoado da Hespanha, quebrar o longo captiveiro d'uma ideia de fogo, n'um cerebro que acabaria por consumir, se, passando a outro e outros não recebesse o último baptismo, a confirmação da verdade — a traducção nos factos.

Isabel, a mulher da Hespanha, soube comprehender a Colombo, o homem da humanidade.

O resto, o final da tragedia, ainda hoje não esqueceu á sympathia das almas que comprehendem o que é morrer por amor d'uma crença.

E depois, Colombo não devia sobreviver á execução da sua obra. Terminada esta, instrumento e operario deviam desaparecer, que já não havia em porto algum do mundo convez de navio digno de suster o grande navegador!

A America estava descoberta!...

Ha um nome, que tem de andar eternamente vinculado ao de Colombo: é o que teve o unico ser que no mundo o soube comprehender; o unico Cyreneu que, por ajudal-o, partilhou a sua missão, e sujeitou os hombros áquella cruz tão gloriosa mas tão pesada, d'uma ideia superior a um seculo.

Esse nome é o de Isabel.

Mulher, compadeceu-se d'um desconhecido, inferno d'uma crença, d'uma inspiração su-

blime: rainha, das alturas do throno, deu-lhe a mão, ajudando-o a escalar essa difficil cidadella do futuro. Com usura e generosidade lhe tem elle pago o que n'uma hora de sancto enthusiasmo concebeu e fez em seu favor: agora é Colombo que lhe alumia o vulto com um dos raios da sua gloria, lhe cinge a fronte com um louro tirado á sua: o forasteiro, outr'ora mendigo das côrtes, apresenta a rainha á posteridade!

Este é o melhor titulo d'esta mulher ao amor das gerações: mas tem outro ainda.

Quando a inquisição, essa Roma *pagan* na Roma catholica, que, á semilhança da Roma dos imperadores *lustrou* novamente a cruz com mais um baptismo de sangue, quando essa igreja de morte, aonde eram ministros, ministros da igreja do Christo, julgou que encontraria na Hespanha mais um circo para os seus espectaculos *dos christãos ás feras*; quando um rei fanatico constricto lhe offerecia novos campos que regar com o sangue generoso de seus filhos; quando julgavam a victoria certa, houve ainda uma voz na Hespanha que bradasse ao colosso «não!» houve um peito de mulher que se oppozesse ás hordas dos fanaticos, quo irrompiam na península, brandindo a cruz como se fôra instrumento de morte.

Esta voz, este peito de mulher, eram de Isabel a *catholica* (a).

Pobre mulher! luctou muito, assaltada por todos os lados, gemeu, chorou... venceram-na por fim... venceu-a o seculo! mas foi nobre aquella lucta, nobre e generosa. Aquella derrota tem o valor d'um triumpho; cobre-a de louros immortaes. Quando se tem força para luctar assim com uma epocha, em nome d'esta grande ideia moral «o amor dos homens», é-se mais do que heroe... é-se martyr.

É porisso que a memoria d'esta mulher bem merece da Hespanha e do mundo.

(Continúa)

Anthero do Quental

UMA HISTORIA DE TRES DIAS

I

Foi esse um bello tempo: tem uma linda historia: queres ouvil-a? Vem, querida amiga, sentar-te em meus joelhos: cinge com um teu braço o meu pescoço, entre as minhas põe a tua mão direita, e muito unidos, para que

(a) Sr. Herculano, *Historia do estabelecimento da inquisição em Portugal*.

ninguem mais ouça o meu segredo, escuta que é uma deliciosa historia. Que bem que nós estamos! Só assim é que podem contar-se cousas d'estas.

II

Ha tantos annos já, que apenas me lembro de quando isso foi; mas o fio da historia, com todas as suas impressões e incidentes, é que ainda me não esqueceu. O coração parece tambem ter sua memoria. Foi n'um tempo em que eu ainda era moço e tão moço, que apenas começava a olhar de perto a vida. Tinha sahido do primeiro temporal; mas já meus dias corriam como as ondas d'um lago, que, se o vento o encrespa, vae sem furia adormecer na praia: fui batido pelos aquilões; mas, flexivel planta, verguei ao passar do vento: cessou a tempestade e eu ergui-me fresco e moço ainda.

III

Doce era a bonança, abandonei-me a ella, O meu ceu não tinha nuvens, não temia que chovessem lagrimas. Luz nos ares, harmonia nas aves, flores nos prados, frescura nas aguas, tudo me dava um campo, em que a minha alma se dilatava tanto, que ora deixava de intrançar-se nas aguas para pousar nas flores, ora deixava de enlevar-se nas harmonias das aves para ir namorar as estrellas. Já me havia bafejado a amargura d'uma experiencia; mas, se me arrancou lagrimas, verti-as como tributo á infancia: affoguei com ellas esse passado pouco deleitoso para que me não lembrasse mais.

IV

Quando nos conhecemos, idolatrada amiga, eu era como a ave que se viu prisioneira e recobrou a liberdade. Experimenta as azas, e vôa... vôa até se convencer de que é livre: pipila, trina, depois gorgeia ledos cantos e canta um hymno á liberdade; e por fim cansada dos vôos e dos cantos, quando quer pousar e busca um ponto conhecido, paira sem tino, esvoaça indecisa, e chega quasi a ter saudades da prisão, quando se encontra só no meio da festejada liberdade.

V

Eu era feliz; mas não achava um echo á minha felicidade. De que vale uma harmonia se não tem onde possa reflectir-se? Era pequeno para as minhas impressões, tinha necessidade de duplicar o coração. Sabes quando me senti mais sosinho? Foi n'um dia, em que vi que a um sorriso correspondia um sorriso, que uma falla despertava a harmonia d'outra

falla, que a mesma belleza produzia duas admirações accordes. Então sonhei-te.

VI

Era um dia de rosas. Os raios do sol penetravam tibios até ao chão, através da ramagem de magnifica floresta. As arvores n'uma parte erguiam-se magestosas attestando antiguidade de seculos, n'outra pomposas e cheias de luxo e vida mostravam-se no vigor dos annos, e outras como cançadas de estar por muitas gerações em pé vergavam decrepitas para o chão que as viu nascer para dormirem uma vez folgado somno. O silencio era imponente: as vozes, como que para não quebral-o, fallavam em segredo. Havia alguma cousa alli de tão intimo que instinctivamente se olhava para o lado procurando alguém que nos comprehendesse. N'aquelles logares é que se via o que seja solidão.

VII

Minha alma estava inquieta. Com ouvido attento escutava a mudez de tanto silencio, com olhar prescrutador interrogava o sombrio da floresta; e nem um som, que me callasse no coração, nem um olhar de sympathy, que se encontrasse com o meu. O espesso da ramagem tinha encoberto o ceu: olhava para cima, e apenas a espaços podia descobrir um cantinho d'azul. Era uma prophesia, de que depois somente pude ler no mysterio. Minha alma estava inquieta; mas não da inquietação da dúvida. Aquelle azul denunciava esperanza, e ver mais terra do que ceu dizia onde essa esperanza tinha de realisar-se.

VIII

Quem me diria então que te havia de encontrar tão perto? Quando cheguei ás partes mais desaffogadas da floresta; que vi mais luz e mais ceu, minhas vistas cahiram sobre aquellas ondulações de verdura, que se alabastram na planura do monte, que se requebram pelo pender das encostas, que se incurvam nas sinuosidades dos valles e fenecem depois de mil graciosos accidentes, ora encapellando-se em fórma de alterosas vagas, ora abaixando-se quaes dormentes ondas. Quiz soltar um grito de surprehendida admiração, quiz dizer a quem estivesse ao meu lado:— olha que magnificencia! que bellos contrastes de sombra e de luz, de silencio e de vida! mas eu era só em meio de tudo isto. Quem sabe se n'essa hora não senti uma attracção occulta, que me chamava o coração para onde estavas? O mundo alargava-se diante de meus

olhos como um círculo immenso: o panorama era indiscriptivel; tinha formosuras que se contemplam e não se fallam, nem o pincel as reproduz. Conheces os logares não é assim? tens-lhe visto as bellezas: escuso de as afeiar com má pintura.

IX

Anhelar amores, eis a historia de todo aquelle dia. Disseram-me o teu nome, saudei-o e não te conhecia ainda: nunca nos tinhamos encontrado e já ouvia fallar de ti com interesse e quasi com enthusiasmo. Ás vezes a nossa alma arroja-se a tão alto que chega a descobrir um canto do futuro. Adivinhei que estavas a dous passos de mim? O certo é que não te conhecia e amava-te.

X

Em outros tempos não comprehenderia a possibilidade d'isto. Como se ama antes de conhecer o objecto do nosso amor? Foi talvez a doçura do teu nome que em minha alma despertou meus sonhos de poesia? Quando, em vãos anhelos, meu coração pulsava, sonhando divindades, phantasiando um paraíso, debuxava sempre no horisonte, uma cabeça loura, uns olhos vivos, umas faces de neve e de rosas, mas imaginava que era isto alguma recordação d'um bello nascer ou pôr do sol, porque d'aquellas côres se adorna o ceu em taes momentos. O teu nome similhava em meus ouvidos a harmonia que uma fresca aragem produz ao enlaçar-se nas ramagens, quando bafeja com os sópros com que a aurora apaga as estrellas, ou com as caricias com que o último raio do sol embala a natureza, antes de todo adornecer.

XI

Lembras-te? Quando te encontrei já tinha o coração muito cheio de teus encantos. Vi-te e logo me pareceste a porção d'alma que me faltava; mas duvidava tanto da verdade que antes quiz crer-te visão ou sonho; por me parecer impossivel que fôsses mulher. Acreditei no meu phantasiar de poeta que Deus tinha sorrido para mim e que tu eras aquelle sorrir. Olhei para o ceu; punha-se o sol: as cambiantes de luz de seus raios a desmaiar davam uma harmonia de côres, que principiando na vastidão do horisonte vinha acabar em ti. O mar como espelho reflectindo a luz traçava no occidente uma facha branca; acima refulgia outra d'ouro, mais acima purpura, depois azul e no zenith um ceu de azeviche. Olhava para ti e via as mesmas côres. Não queria mover-me para que se não eclipsasse tão bella

imagem. Fallaste, ouvi-te e de todo me esqueci de olhar para o ceu, concentrado em nova, íntima e indefinível contemplação.

XII

Escondeu-se inteiramente o sol: morreu de todo a luz, e eu via-te ainda: tal era a impressão, que me tinhas causado. A ventura, que permittiu que nos encontrassemos, fez o milagre de não nos separar tão cedo. Era de noite: nós caminhavamos junctos: a minha admiração por ti crescia: ainda nossas mãos se não tinham encontrado, e eu já estremecia só com imaginar o seu contacto. Mais te escutava o coração, de que os ouvidos, quando se me coava n'alma o harmonioso timbre da tua voz: na tibia luz da noite seguia com interesse o teu vulto: quando o espesso das arvores completava as trevas, seguia-te pela conversação, que eu animava, para não deixar de me arrobar da tua presença: tremia a qualquer accidente do terreno, receando que podesses dar um passo em falso. Que noite! Eu seguindo uma mulher que via pela primeira vez; seguindo-a com interesse, com entusiasmo, com delirio: tive medo de que tudo aquillo não fôsse um sonho. Pedi a Deus que me não acordasse.

(Continúa)

A. C. da Silva Mattos

O CALVARIO DA MINHA TERRA

É uma pequena encosta, de pouco declive, voltada ao nascente. Lá no cimo alveja uma pequena capella, juncto da qual se levanta um grande nicho, em que se memora na quadra o sacrificio cruento da cruz. Por detraz d'este, a mansão dos mortos, um cemiterio!...

Mas que temos, direis vós, leitores, que temos nós com o calvario da vossa terra? E o que tendes, pergunto eu, com tantos logares, de que tanto vos fallam? O que tendes, por exemplo, com o tão decantado *penedo da saudade*.

Se vos dissessem simplesmente — o penedo da saudade é uma grande bacia povoada de oliveiras, entre as quaes se avistam a espaços alvejantes casas, dirieis talvez: poderá ser um bonito sitio, mas achámos que não vale a pena entreter os leitores só com isto. Mas é que vos não dizem só isto; dizem-vos porém: o penedo da saudade é um logar, que prende alma e coração, um logar, em que se sente a *doçura amarga* da saudade, em que se ex-

perimenta esse sentimento, que é ao mesmo tempo *pungir e delicias*:

“... gôsto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho”

que é um *agro doce*, que se infiltra n'alma de todos aquelles que alli vão.

O poeta vae lá beber inspirações, que traduz em harmoniosos versos, que gostaes de ler, e que vos accendem n'alma o desejo de visitar tal logar para sentirdes o que o poeta sentiu, ainda que depois não saibaes, como elle, transmittir aos outros esses sentimentos.

Pois o meu calvario tambem tem alguma cousa de semelhante; o meu calvario tambem é digno de ser cantado por poetas, que alli receberiam igualmente inspirações, com que poderiam ir fazer vibrar o sentimento em corações ainda os menos sensiveis.

Ser poeta é uma ventura.

O poeta, que se deixa inspirar, quando já não pode reprimir essas inspirações, que lhe refervem n'alma, reveste-as de uma fórma harmoniosa, que ferindo com suavidade o ouvido commove o coração. Quantas vezes não arranca elle do íntimo d'alma abundantes lagrimas, que se gosta de chorar!... oh! — que muitas!... e então ama-se o poeta, que nos fez sentir com elle, que nos abriu a fonte do sentimento para o deixar correr em gôstos ineffaveis; ama-se o poeta, que nos arrebatou, que nos enlevou alma e coração, e que queríamos ver alli para o abraçarmos e lhe agradecermos o beneficio que nos fez!...

Voltemos porém ao meu calvario. Alli tambem se sente alguma cousa, que não sei bem definir: não é amargura, nem tambem gôsto alegre, é um mixto de prazer e tristeza, é suave melancholia, é um sentimento vago, que, repito, não sei definir.

Mas não é só isto. Alli suggerem-se ideias graves, como o destino do homem, que o cemiterio nos lembra, e sublimes, como o Creador, a que se referem: é o calvario!... e n'isto que pensar vae!... Um cemiterio!...

Alli, na voragem dos tumulos se têm sumido as gerações, que passaram; alli ha de pousar sôbre nós a pedra fria da campa, quando o espirito, que Deus nos soprou, se desprender do corpo, que o agrilhoava, e o deixar cadaver!... Alli nos desaparecem todos os dias as nossas mais caras affeições!... Pae, mãe, irmãos, amigos, eis alli para todos o destino último!... último?!... mentira... blasphemia!... A pedra da campa guarda alli só um pedaço de barro, mas o espirito, esse foi-se a comparecer na presença do seu creador,

e quando fôr o dia final o pó dos tumulos animar-se-ha de novo, vencendo a morte, que o tombára na campa!... Não!... o homem não fica cinza nos tumulos!... passa no mundo como por um destêrro para depois ir gôsar o extremo de felicidade, a que incessantemente aspira, se o crime lhe não pungiu a consciencia com o espinho do remorso até á hora do passamento!... A lousa pesada e fria desceu sôbre elle na sepultura, mas só para o roubar a este mundo, que do outro lá ficou aberta a entrada!... do outro, do futuro, do sem fim!... É o que nos ensina uma religião pura e sancta, é tambem o de que nos adverte o sentimento.

Debatam-se os philosophos nas suas theorias ácêrca da immortalidade da alma, cancem-se embora, que nunca a arma da intelligencia, o raciocinio, lhes ha de revelar o que vae d'além da campa. Não é para a intelligencia limitada sondar segredos taes. Mais nos diz o sentimento, que nos faz aspirar ao infinito.

Este nunca saciar-se do coração humano com os bens da terra é a revelação d'um destino, d'uma vida futura. Se não cabemos no mundo é que alguma cousa nos chama fóra do tempo e do espaço. Vejo a immortalidade, quando sinto desprender-se-me a alma do que é da terra para voar a regiões, que não conhece! Ha d'estes momentos assim, em que os interesses do mundo deixam a alma por um pouco livre nas suas aspirações ao infinito. O mesmo incredulo, o atheu, o impió devem ter d'estes momentos, se as paixões ruins lhe não embotaram de todo o sentimento.

Mas para o homem de fé pura, para aquelle, a quem a corrupção e o vício não obliteraram ainda do coração as pias crenças, aquelle sentimento aviva-se ahí pelas recordações do logar. É o calvario!... e n'elle subiu o filho de Deus ao alto da cruz, d'onde manou o sangue, que, sôbre resgatar a humanidade, fecundou a semente das sans doutrinas, d'onde se derramou a luz, que, só, venceu as trevas da ignorancia no que mais interessa ao homem, e tão densas eram ellas, que não poderam theorias de philosophos afugental-as.

Senão vede; attentae com uma rápida vista d'olhos no estado do mundo na epocha, em que Christo veio a elle. Roma, a suberba Roma (e era ella então quasi o mundo conhecido) que se pavoneava na gloria de tantas conquistas, que se enriquecia á custa dos vencidos, que gemiam opprimidos debaixo do jugo ferreo de seus dominadores, Roma, repito ainda, achava-se involvida nas densas trevas da idolatria, vivia n'uma atmosphera

de corrupção e de vício, e as doutrinas, que os philosophos de então ensinavam, longe de terem a virtude de purificar aquella atmosphera tão infecta, pelo contrario a tornavam mais carregada de negras côres.

Escravizam-se as raças, opprimem-se os pobres, degrada-se a mulher, que Deus creou por companheira ao homem para se lhe insinuar no coração com aquella delicadesa de sentimento, que a caracteriza, e ir-lhe lá acalmar a febre das grandes dores, que nos deparam as tribulações da vida, dominam por toda a parte, e em todos os ânimos a corrupção e o vício, as paixões vis e ignobeis, e no meio de tantos males não se levanta uma voz bastante forte, que apregoando a virtude, a faça fructificar.

Jesus Christo apparece, arvora-se a cruz no calvario, e do alto d'ella raiou a luz da verdade!... do alto d'ella manou o sangue, que fez germinar e fructificar a virtude!... do alto d'ella desceram á terra a liberdade, a fraternidade e a caridade!...

Dizei-me agora, leitores, dizei-me se o meu calvario com o que alli se sente e com as recordações, que suggere, não é para dar inspirações. Eu creio que sim, e certo que, se eu fôra poeta, o meu calvario seria mais conhecido.

Abel Pereira do Valle

A BAJADA

ἀνέμοιο θύελλα
HOMERO

Oh! não vejaes rolando as negras nuvens
Pelo ambito do ceu invólto em sombras
Aos uivos da tormenta!
Erguidos torreões, põe medo vel-as
Crescer ou baquear na treva esparsas,
Que mais se incobre e augmenta!

—
Oh! fugi! Sólto o vento o ar percorre
E da curva floresta açouta os cimos!
É triste a sua voz; varrendo a areia
Rápido vóa na aza da procella
De polo a polo sacudindo a nuvem.
Como a onda, que o mar á praia atira,
Bate elle o muro, que estremece e geme,
Aos troncos de ao redor pedindo apoio.
Sombrio, como o inverño, aponta ao longe;
Vem carregado, lento o vulto informe
Cheio d'estrondos, d'aguas, de lampejos...
Mas vem sereno agora... apenas brame!
É um sussurro grave e cavernoso,
Como o rugir da terra incendiada
Pouco antes do vulcão se abrir em chammas.

Mas temei-o a tempo! o ar convulso
Treme em volta e recúa; muge a terra;
A aza da ave nocturna corta o espaço,
E some-se nas sombras...: de repente
Desata o furacão a voz medonha,
Abala, açouta, alue, desfaz, derruba,
E no seio das trevas passa horrisono
Com a fôrça do infinito, e o espaço abrange!

Oh! não vejaes as sombras da floresta,
Quando o trovão rebomba na montanha
Com as mil côres ardentes!
Pára confuso o palpitar da veia,
Põe medo o ceu, a voz do sul é triste,
Como o ranger de dentes!

Tambem minha alma aos sôpros arquejantes
Do vento, que nas trevas se espanja
As nuvens arrastando,
Estremece com as scenas do passado,
Que a pungente saudade lhe recorda
As lagrimas contando.

Porque vem o infortunio d'outras eras
Junctar sua dor aos sustos do presente,
Gemer co'a tempestade?
Deixae rugir o espaço! as nuvens negras
Rolem sósinhas no ambito horroroso
Com tôrva magestade!

A. L. dos Sanctos Valente

AMAREI NA SOLIDÃO

Sim, alli, alli teu gesto
E teu riso lisongeiro
Viverão até que exhale
Meu suspiro derradeiro.

PINTO RIBEIRO

Se a paz da campa, d'esta vida o termo,
Do peito, em breve, me não tira a dôr,
Quero o retiro, a solidão do ermo,
Onde, sonhando, viverei de amor.

É lá que pôsso, levantando altiva,
Serêna fronte que o descreer pendeu,
Scismar na sorte, na ventura esquiva
Que nos teus labios um sorrir me deu.

Fugaz sorriso de que a van saudade
É fundo espinho de cruel pungir;
Ai! virgem meiga, tem de mim piedade,
Seja outro riso meu feliz porvir!

Dá-me outro riso... que no peito sinto
Exhausta a seiva que d'amor gozei;
Teus olhos volve... ledro pranto extincto
Brilhar-me pode por ditosa lei.

A flor do prado, quando aurora pura
Seus doces prantos com amor lhe deu,
Mais mimo e graça, mais gentil frescura
Ostenta á vista que a seus dons prendeu.

Assim da esp'rança flor mimosa ainda
No triste peito pode ter vigor;
Sê tu, donzella, minha aurora infinda,
Sê minha estrella de vivaz fulgor.

Mas se a desgraça tem de ser-me vida,
Sem nos teus labios encontrar paixão,
Se a esp'rança tenho de sentir perdida
Qual sêcca folha que só cobre o chão:

Quero, donzella, a solidão do ermo
Onde sonhando viverei por ti,
Que lá não sinto da saudade o termo
Lá vive a chamma que d'amor senti.

L. C. Simões Ferreira

Carta ao Sr. Alberto Telles de Ultra-Machado, em resposta á sua, sôbre o meu livro — UM POETA

Seria summamente ingrato se logo não viesse com estas poucas linhas á luz da publicidade agradecer-vos de coração as vossas delicadas expressões, que altamente me honram pelos doces elogios que encerram, infelizmente immerecidos.

Foste sobremaneira generoso para com o meu pobre livro, poeta, agradeço-vos; pois que se vós o analysasseis bem, ou antes, se quizesseis pôr-lhe em relêvo todos os seus defeitos, oh! que sem dúvida haviéis de apontar-lhe número bem maior do que apontaes na carta, que vos dignaste dirigir-me. Mas, poeta, quando as censuras, embora agudas e amargas, são d'uma pessoa, como vós, que possuis uma alma nobre e verdadeira, um coração elevado e generoso, e que só censuras para instrucção do escriptor e não com o fim do descredito e de lançar uma nodoa na sua reputação, então estas contém tantas, ou quasi tantas doçuras como os proprios elogios. E vós tambem me desculpaes, porque direi: «ninguem começa, geralmente fallando, por onde os outros acabam. Fôra injustiça o esperal-o, loucura o exigil-o».

N'outro logar da vossa carta dizeis: «apure-se o sentimento, vibre a existencia intima do author com as dolorosas provações da cruz que a todos opprime, e tenhamos fé, que nos dará um dia obra mais bem acabada e mais

perfeita». Ai! poeta!... parece-me que não! parece-me que jámais tereis o prazer ou o desgosto de terdes páginas, como as que ha pouco arremecei aos escólhos da publicidade. Só Deus sabe, poeta, o quanto me pungiu e maguou o íntimo d'alma o ter que lançar á praça pública doces recordações que deveriam viver comigo e só comigo, até que a morte um dia me viesse cerrar as palpebras. Mas!...

Outra carreira provavelmente me espera, onde em breve terei que entrar com bastante pesar meu, por ser um pouco tumultuosa e difficil, e meu genio natural muito solitario e triste ama os prazeres do silencio e a amenidade do socêgo e do descanso.

Porém, illustre mancebo, sabeis muito bem que a sociedade tem suas exigencias, que o homem se debate com as circumstancias, e que alfim é sempre vencido por ellas e que em Portugal não se pode ser litterato de profissão (excepto os Cresos) diz Castilho, e não deixa de ter razão: «Eu porém em boa e leal verdade não prégo a ninguem para que seja poeta ou litterato por vida em Portugal».

Mas continuae vós poeta, continuae a percorrer essa carreira que tão brillantemente encetaste e que tanto vos promete. Tendes já alcançado bastantes palmas que virentes vos adornam. Continuae a proseguir n'essa senda de flores e espinhos; não descorçoeis, que além vos esperam corôas, que sem dúvida haveis de alcançar. A sociedade espera muito de vós, tendes talento e conhecimentos, por isso coadjuvae-a, que ella, a infeliz, bem necessita, já desferindo aos seus ouvidos na vossa lyra magas notas de poesia, já apontando-lhe com a vossa habil e esperançosa penna para os horisontes luminosos do futuro, fazendo-lhe crer e amar o que encerram estas sublimes palavras — *progresso, liberdade, fraternidade*.

Perguntaes-me como intendo eu estas expressões que se encontram no meu livro. «Era poeta porém não descria do progresso».

Pensaes vós, porventura, que tenho para mim que todos os poetas são *retrogradados* e descrentes do progresso? Não, não creio em tal, poeta. Eu escrevi assim, porque assim podia escrever; porque factos e exemplos desgraçadamente baseavam as minhas expressões. Escrevi aquellas palavras, porque Chateaubriand descreu do progresso, porque Lamartine descreu do progresso, porque um grande genio d'esta nossa terra que a morte já nos roubou com grande e profunda mágua dos verdadeiros amantes da liberdade e da litteratura romantica, vacillou inclinando-se

a negar tambem o progresso. Ora isto com relação aos tempos modernos, porque se remontarmos a essas epochas anteriores ao christianismo havemos de ver que os poetas de então não o admittiam, nem o conheciam, me parece, nem o poderiam admittir em face da sua philosophia toda fatalista, e no fatalismo, creio eu, não ha progresso, porque este presuppõe, como pedra angular, que lhe sirva de ponto de apoio no seu caminhar incessante, a liberdade, e esta ideia está manifestamente em opposição com a de fatalismo.

Todavia, poeta, apesar d'aquelles sublimes genios que acima citei fazerem um péso enorme sobre o meu espirito, eu não posso, nem me é possivel podêr abraçar as suas ideias sobre o objecto em questão. Deploro amargamente as aberrações d'esses grandes ingenhos, d'essas estrellas fulgurantes que hão de scintillar sempre no ditoso ceu da Europa, e tomo-as como uma excepção que não sei como explicar, porque eu tambem penso como vós que muito bem dizeis: «o poeta é, por excellencia, o crente»... «que é o poeta senão o louco, o visionario, o sonhador sublime?»

Eu, joven litterato, tambem ainda na primavera da vida compartilho as vossas boas ideias, que são as do seculo; compartilho-as até com enthusiasmo; creio tambem no progresso, creio na revolução, creio na liberdade, creio e anelo por melhor futuro para a humanidade; adoro tambem o *en avant* da philosophia humanitaria, por excellencia, sonho com elle e adormeço muitas vezes meditando sobre as suas bellas páginas, todas repassadas de fé, de crenças e esperanças; e se ellas são um sonho, como dizem esses espiritos, que, cheios d'uma presumpção vaidosa, mas ignorante, se dizem *practicos*, antes sonhar sempre assim que despertar aos tristes e funebres pios d'essa ave agoureira (Eugenio Huzar) que para cá nos envia a viração da noite para eterno horror da humanidade!

São estas pois as minhas crenças dos vinte annos, por em quanto bem vivas e bem firmes, e Deus queira que um dia mais tarde o sópro ardente e abrasador do scepticismo, m'as não venha queimar e lançar por terra, o que temo immensamente porque os exemplos são tantos!...

Adeus, pois, illustre poeta. Aceitae estas linhas como testemunho do mais profundo reconhecimento e consideração pela vossa carta. — Vosso do coração

Julio Manso Preto